

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Cervídeos: Símbolos e Sociedade nos primórdios da agricultura no Vale do Tejo

Volume II

Tese de Doutoramento em Quaternário, Materiais e Culturas

Sara Liliana Magalhães Barbosa Garcês

Orientadores:

Luiz Oosterbeek

Hipólito Collado Giraldo



Vila Real, 2017

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

**Cervídeos: Símbolos e Sociedade nos primórdios da
agricultura no Vale do Tejo**

Volume II

Tese de Doutoramento em “Quaternário, Materiais e Culturas”

Candidata:

Sara Liliana Magalhães Barbosa Garcês

Orientadores:

Luiz Oosterbeek

Hipólito Collado Giraldo

Composição do júri:

Doutor Luís Herculano Melo de Carvalho, Doutor José Julio García Arranz, Doutora Ana Maria dos Santos Bettencourt, Doutora Maria Emília Pereira Simões de Abreu e Doutor Hipólito Collado Giraldo.

Vila Real, 2017

Declaro ser autora deste trabalho, original e inédito.

Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da bibliografia.

Copyright Sara Garcês

A Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) tem o direito de arquivar e publicitar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou forma digital, de o divulgar através de repositórios científicos, de admitir a sua cópia e distribuição com objectivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

Este trabalho foi financiado pelo Estado Português através da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do projecto (SFRH/BD/69625/2010).

ÍNDICE VOLUME II

ÍNDICE VOLUME II	1
ÍNDICE DE FIGURAS.....	2
ÍNDICE DE TABELAS	11
ÍNDICE DE GRÁFICOS.....	13
CAPÍTULO 6.....	15
6.1. ESTRATIGRAFIA, CONTEXTO, ESTILO E CRONOLOGIA	17
6.1.1. ARTE PALEOLÍTICA DO VALE DO TEJO	17
6.1.2. A ARTE PRÉ-ESQUEMÁTICA DO VALE DO TEJO	19
6.1.2.1. OS ZOOMORFOS	19
6.1.2.2. OS ANTROPOMORFOS SUBNATURALISTAS	55
6.1.2.3. A ANÁLISE POR SÍTIO DA ARTE PRÉ-ESQUEMÁTICA	61
6.1.3. A ARTE ESQUEMÁTICA DO VALE DO TEJO	65
6.1.3.1. OS ANTROPOMORFOS ESQUEMÁTICOS	69
6.1.3.2. OS ZOOMORFOS ESQUEMÁTICOS	89
6.1.3.3. ESTRUTURAS LINEARES ABERTAS	94
6.1.3.4. ESTRUTURAS LINEARES FECHADAS.....	104
6.1.3.5. OUTROS.....	112
6.1.3.6. ARMAS.....	114
6.1.3.7. ASTERISCO E BÁCULOS	117
6.1.3.8. ESCUTIFORMES	120
6.1.3.9. IDOLIFORMES	125
6.1.3.10. INSTRUMENTOS/OBJECTOS	128
6.1.3.11. PODOMORFOS	128
6.1.3.12. SOLIFORMES.....	132
6.1.3.13. OCULADOS.....	137
6.1.3.14. COVINHAS	143
6.1.3.15. REDE	144
6.1.3.16. TAÇA.....	145
6.1.3.17. MANCHAS DE PICOTADO.....	145
6.1.3.18. INDETERMINADOS	147
6.1.4. INSCRIÇÕES (ROMANAS E MODERNAS).....	147
6.1.5. ELEMENTOS DE SIMBOLOGIA CRISTÃ	149
6.1.6. SOBREPOSIÇÕES	150
6.2. CONSIDERAÇÕES	151
CAPÍTULO 7.....	153
7.1. CERVÍDEOS: SÍMBOLOS E SOCIEDADE	155
7.2. CERVÍDEOS E NATUEZA: DO HABITAT À ETOLOGIA	156
7.3. A FIGURA DO CERVÍDEO NA ARTE RUPESTRE PORTUGUESA	159
7.4. A FIGURA DO CERVÍDEO NA ARTE RUPESTRE DO TEJO.....	200
7.4.1. DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL	201
7.4.1.1. CACHÃO DO SÃO SIMÃO	203
7.4.1.2. ALAGADOURO	204
7.4.1.3. CACHÃO DO ALGARVE.....	205
7.4.1.4. FRATEL.....	207
7.4.1.5. CHÃO DA VELHA	208
7.4.1.6. GARDETE	209

7.4.1.7.	VALE DO OCREZA.....	210
7.4.2.	ANÁLISE DOS PAINÉIS.....	211
7.4.2.1.	ESPÉCIE E SEXO	211
7.4.2.2.	ORIENTAÇÃO	215
7.4.2.3.	PREENCHIMENTO INTERNO	218
7.4.2.4.	EVOLUÇÃO ESTILÍSTICA DAS HASTES	225
7.4.3.	CONTEXTOS FIGURATIVOS DOS CERVÍDEOS DO CARVT.	230
7.4.3.1.	CENAS DE CAÇA (?). O REAL E O SIMBÓLICO.	230
7.4.3.2.	O FACTOR GREGRÁRIO	232
7.4.3.3.	O ISOLAMENTO	235
7.4.3.4.	A ADIÇÃO DE OUTROS ELEMENTOS	237
7.4.3.5.	REPRESENTAÇÃO DE MOVIMENTO.....	238
7.4.3.6.	A METAMORFOSE DAS HASTES	239
7.4.3.7.	ACASALAMENTO	240
7.4.3.8.	O ESBOÇO E O REAL.....	241
7.4.3.9.	O CONFRONTO.....	242
7.5.	CONTEXTOS ARQUEOLÓGICOS COM CERVÍDEOS	242
CONSIDERAÇÕES FINAIS		249
BIBLIOGRAFIA.....		257

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Foto do cavalo do Ocreza.	18
Figura 2: Decalque do cavalo do Ocreza. © G. Nash & Sara Garcês, Instituto Terra e Memória.	19
Figura 3: Esquema representativo dos cinco critérios característicos de zoomorfos (segundo E. Guy, 2003) com uma cronologia pré-esquemática adaptado a uma figura do vale do Tejo (rocha 60 do Cachão do Algarve).....	22
Figura 4: Alguns zoomorfos de corpo circular que H. Collado (2006) considera de cronologia Epipaleolítica.....	23
Figura 5: Comparação entre a figura F155:11 e a figura CAL25:1.	26
Figura 6: Representação dos animais pré-esquemáticos da rocha 155 de Fratel. A escala gráfica representada é de 50cm.	27
Figura 7: Rocha 155 do Fratel: A) sobreposições do painel F155B; B) sobreposições do painel F155F M493.	27
Figura 8: Semelhança morfológica entre o cervídeo da rocha 59 do Cachão do Algarve com o cervídeo CAL54:12, o bóvido F103 M402:1 a cabra F200 M646:31, o que parece ser um cavalo F24 M1529:4 e a figura incompleta da rocha F17(1) M374:3.	29
Figura 9: Semelhança morfológica entre o cervídeo da rocha 60 do Cachão do Algarve com a figura 62 da rocha 155 de Fratel, com a fêmea de cervídeo da rocha F45(3) M1355:1, o bóvido da rocha F49(1)C:2 e o que também parece ser uma fêmea de cervídeo da rocha AL64:20.	30
Figura 10: (A) Sobreposições da rocha CAL59 M656; (B) sobreposições de parte da rocha CAL54 M162.	30
Figura 11: Semelhança morfológica entre alguns cervídeos da rocha 49 de Fratel e a cabra da F211B M1340:1, a cabra da rocha F51 M76:1, o cervídeo da rocha F52(1) M1365:2 e o zoomorfo da rocha F49 M78:3.	32

Figura 12: Semelhança morfológica entre o cervídeo da rocha SS208(1):1 e as figuras do Ocreza OCR13:2 e OCR13:7.	33
Figura 13: Semelhança morfológica entre o cervídeo da rocha CAL66 M660:12, CAL119C M1575C:7 e OCR13:1.	33
Figura 14: Representação de armas espetadas em animais pré-esquemáticos: A) CAL56:1&21; B) F45(3) M1355:1&2; C) F49:12&19 e D) SS92:6&12.	35
Figura 15: Representação das sobreposições da rocha 56 do Cachão do Algarve (adaptado de Gomes, 2010).	35
Figura 16: Representação das sobreposições da rocha 61 do Cachão do Algarve.	36
Figura 17: Representação das figuras de animais CHVJ7, CHVJ3:1, CAL4 M521:1,2, SS158:2, CHVJ6:3, F29(1):7, CHVM3B:4, CHVM3C:1, CHVM3C:2, CHVM3C:3, CHVM3E:1, CHVM3E:2, CHVM3E:3, CHVM3E:4, AL6 M1041:1, AL36(2):1, F39 M96:1 e F111 M5:1.	37
Figura 18: Sobreposição entre o cervídeo da rocha CHVJ6 e figura esquemática.	38
Figura 19: Representação das figuras SS81 M858:5, F71 M65:1, F127:3, F211A M1343:2, SS44 M875:53, LB37:9, LB37:7, SS92 M909:6, SS56C M765:4, F94:6, CAL69A:10, AL43 M118:3, AL45 M1119:1 e F49:17, OCR/PRC10 e CHVJ11:1.	39
Figura 20: Representação das figuras F140:1, F102 M13:1, F155:80, AL6B:1, AL38 M1007:1, CAL56A M166:4, CAL57 M644:3, CAL56:2, CAL99 M159:7, SS43 M721:8, CAL6B M725:8, CAL23 M157:5, SS56C M765:1 SS119A M953:8, G22D M1605:1, G24:5, OCR16:1 e 2, OCR13:8, CHVM3A:5, CHVM3B:2, CHVM3B:3, CHVM6:4 e CHVM6:21.	40
Figura 21: Representação das sobreposições da rocha CAL99 M159.	40
Figura 22: Representação das sobreposições da rocha SS43 M721.	41
Figura 23: Representação das sobreposições da rocha CAL6B M725.	41
Figura 24: Representação das sobreposições da rocha SS119A M953.	41
Figura 25: Representação das sobreposições da rocha F140 (adaptado de Gomes, 2010).	42
Figura 26: Representação das figuras F29(1):5, F92 M39-22:1, F45(1):2;3, F29(1):9, F96(1) M1575:1, F37 M101:5, F36 M102:1, F174:1, F175 M1532:14, F94:9, SS233 M975:5, F94:7, F140:4, SS199-200-201-202:46, SS193:3, SS199-200-201-202:41, SS194-195 M1217:2, CAL67A M240:2, CAL3:1, LB37:2, FIC39 M1461:8, CAL57 M644:4, CHVJ10:4, CHVJ10:6 e CHVM3A:4.	43
Figura 27: Representação das sobreposições da rocha F45(1) (adaptado de Gomes, 2010).	43
Figura 28: Representação das sobreposições da rocha CAL67A.	44
Figura 29: Comparação entre algumas figuras do vale do Côa (à esquerda) (adaptado de Baptista & Gomes, 1997; Baptista, 2009) com algumas figuras do vale do Tejo pré-esquemáticas (à direita).	45
Figura 30: Comparação entre as cabras da rocha 36 da Canada do Inferno (adaptado de Baptista & Gomes, 1997) com a figura 1 da rocha 140 do Fratel.	46
Figura 31: Comparação entre os dois cervídeos da Cueva Palomera (Ojo Guareña, Burgos) e o cervídeo da rocha 59 do Cachão do Algarve. A) (Ortega Martínez & Martín Merino, 2013; Corchón et al. 1996); C) Cervídeo da rocha 59 do Cachão do Algarve.	47
Figura 32: Decalque das pinturas do abrigo de Fraga D'Aia (Jorge et al., 1988 ^a).	48
Figura 33: Comparação estilística entre figuras: A) cervídeo virado ao contrário da rocha 155 do Fratel; B) cervídeo de Fraga D'Aia (adaptado de Jorge et al. (1988 ^a); C) detalhe do segundo conjunto de figuras de Fraga D'Aia com pormenor de figuras antropomórfica naturalistas e zoomorfo (adaptado de Jorge et al. (1988 ^a); D) figura antropomórfica do abrigo 3 da Faia (Côa) (Baptista, 1999; Luís, 2008); E) figuras de bovídeos do abrigo 1 da Faia (Côa) (Baptista, 1999).	49

Figura 34: Paineis 8 do Abrigo del Castillo no Parque Nacional de Monfragüe, em Cáceres. Sobreposição clara de antropomorfos tipicamente esquemáticos e cervídeo subnaturalista. Foto: Hipólito Collado Giraldo; Decalque: Collado & García, 2015.	50
Figura 35: Comparação morfológica entre o cervídeo do painel 8 do Abrigo del Castillo com cervídeo virado ao contrário da rocha 60 do Cachão do Algarve (vale do Tejo).....	51
Figura 36: Comparação morfológica entre figuras levantinas das Sierras Gienenses (abrigo de la Tabla de Pochico) (Collado, 2006) e figuras zoomórficas do vale do Tejo.	52
Figura 37: Estilo V na bacia do Douro. Quadro comparativo (Bueno Ramirez, Balbín Behrmann & Alcolea González, 2009).	54
Figura 38: Decalque das figuras de antropomorfos epipaleolíticas documentadas na estação LII “Cieno” (Collado, 2006).	58
Figura 39: A) Vaso cardial do Neolítico Antigo da Cova de l’Or (Beniarrés, Alicante) com figura antropomórfica; B) Figura 33 da rocha 63 do Cachão do Algarve; C) figuras do abrigo V de Pla de Petracos (Castell de Castells); D) Figura 1 da rocha 8 de Chão da Velha Jusante; E) possíveis antropomorfos orantes dos seixos pintados do Neolítico Antigo da Cueva de Chaves (Huesca) (Utrilla & Baldellou, 2001-2002).....	59
Figura 40: A) Rocha SS43B M721 com representação de sobreposições entre figuras. B) Destaque para os motivos ondulados em associação com animal pré-esquemático.	60
Figura 41: Associação de antropomorfo subnaturalista com zoomorfo pré-esquemático (SS158:1;14).....	63
Figura 42: Conjunto de antropomorfos acéfalos com pernas em V invertido do vale do Tejo.	71
Figura 43: Conjunto de antropomorfos esquemáticos de braços retos do vale do Tejo.....	71
Figura 44: Exemplos de paralelos com antropomorfos esquemáticos com braços em ângulo.	72
Figura 45: A) Antropomorfo da rocha 11B de Fratel. B) Pormenor da rocha 11 do vale da Casa no rio Douro (Baptista, 2009).	73
Figura 46: Exemplos de antropomorfos esquemáticos com braços curvados do vale do Tejo.	73
Figura 47: Exemplos de antropomorfos esquemáticos com braços curvados acéfalos do vale do Tejo, muito típicos da arte esquemática peninsular.	74
Figura 48: Exemplos de antropomorfos esquemáticos com membros perpendiculares do vale do Tejo.....	75
Figura 49: Exemplos de antropomorfos esquemáticos com membros em ângulo de 90° do vale do Tejo.....	75
Figura 50: A) Antropomorfos da rocha 165 de Fratel. B) Figuras da rocha 17 da Penascosa (Luís, 2008).	76
Figura 51: A) Antropomorfos em forma de I do vale do Tejo. B) Figuras em forma de único painel do abrigo 2 “Senories”, sector oeste de Arroyo del Cubo (Jaraicejo, Monfragüe) (Collado Giraldo e García Arranz, 2005:219).....	76
Figura 52: Exemplos de antropomorfos esquemáticos tipo-orantes do vale do Tejo.	77
Figura 53: A) Fotografia do esteio de cabeceira da Arquinha da Moura (© Sara Garcês, 2015); B) Decalque do mesmo esteio (Cunha, 1995); C) Decalque das pinturas da Orca dos Juncais (Cunha, 1995).	78
Figura 54: Exemplos de antropomorfos esquemáticos de corpo cheio do vale do Tejo.	78
Figura 55: A) Exemplos de antropomorfos esquemáticos de corpo cheio do vale do Tejo. B) painel 2 do abrigo “Las Cazuelas”, Navacalera, Serrejón, Monfragüe (Collado Giraldo e García Arranz, 2005:117).....	79
Figura 56: Exemplos de antropomorfos tipo-ramiforme do vale do Tejo.....	80
Figura 57: Exemplos de antropomorfos tipo ancoriformes do vale do Tejo. Primeira linha: com cabeça; Segunda linha: acéfalos.	80

Figura 58: A) Rocha 31 de Lomba da Barca B) painel 2 do abrigo V “El Paso” em Salto del Corzo, Sierra de Mohedas (Monfragüe) (Collado Giraldo e García Arranz, 2005:173)..	81
Figura 59: Comparação entre um dos painéis da Cueva del Sol (Tarifa, Cádiz, Andaluzia) com figuras do antropomórficas do Tejo.	82
Figura 60: Exemplos de antropomorfos exemplares únicos do vale do Tejo.	83
Figura 61: Foto de pormenor (em cima) e alteração digital da imagem com DStretch (em baixo) de painel do abrigo de la Peña del Águila (Sierra de Magacela). © Sara Garcês, 2015.	84
Figura 62: Decalque da rocha 3 do Cachão do Algarve (em cima) e pormenor das figuras da mesma rocha (em baixo).	85
Figura 63: Conjunto de antropomorfos incompletos do vale do Tejo.....	85
Figura 64: Conjunto de antropomorfos com detalhes do vale do Tejo.	86
Figura 65: A) Painel A do abrigo de Fonte Santa (Freixo de Espada-à-Cinta) (Figueiredo & Baptista, 2013:306); B) Detalhe da rocha 9 de Malhada de Gagos (Guadiana) (Baptista & Santos, 2013); C) Pormenor da rocha 6 de Moinhola (Guadiana) (Baptista & Santos, 2013); D) Pormenor do abrigo do Colmeal (Lapa do Poio da Ladeira I) em Figueira de Castelo Rodrigo (Figueiredo & Baptista, 2010); E) Painel 2 da unidade gráfica A da Cueva del Castillo de Monfragüe (Collado, Arranz, Gómez, 2015); F) Painel 4 da unidade gráfica B da Cueva del Castillo de Monfragüe (Collado, Arranz, Gómez, 2015); G) Lapa dos Gaivões – decalque do painel 3 (Martins, 2014); H) Figuras humanas de traço fino da Cueva del Castillo de Monfragüe (Collado & Arranz, 2005); I) Painel D da rocha 8 de Mocissos (Baptista & Santos, 2013); J) Painel E da rocha 8 de Mocissos (Baptista & Santos, 2013); L) Antropomorfo esquemático do Vale do Videiro (Baptista, 1999); M) Painel 2 da Lapa dos Coelho – ramiforme (Martins, 2014).	88
Figura 66: Exemplos de representações dos quadrúpedes e aves esquemáticas da arte rupestre do Tejo.....	90
Figura 67: Comparação entre figuras esquemáticas do Tejo com figuras da Lapa dos Gaivões; A) figura 6 da rocha F46M1526 o Tejo; B) pormenor do painel 4 da Lapa dos Gaivões (Martins, 2014).	91
Figura 68: Comparação morfológica entre zoomorfos esquemáticos do Tejo com zoomorfos de abrigos de arte esquemática pintada da Extremadura Espanhola. A) AL64:26; (B) figura do abrigo Cancho de la Burra, Cañamero, Cáceres (© Hipólito Collado); C) AL 36B M1134:3; D) foto original e foto filtrada no DStretch de figura de animal do abrigo Peña del Águila, Cáceres; E) F155:57; F) foto original e foto filtrada no DStretch de figura de animal do abrigo Peña del Águila, Cáceres.	92
Figura 69: A-B) detalhe de serpentiforme no abrigo de la Águila, em Badajoz (© Sara Garcês, 2015); C) serpentiforme da rocha 50 do Cachão do Algarve (CAL50B M568); D) serpentiforme da rocha 9 de Chão da Velha (CHVM491).	92
Figura 70: Conjunto de pectiniformes. A) Abrigo do Pectisol (Sierra de Santa Catalina) (Collado Giraldo & García Arranz, 2015); B) Pectiniforme do abrigo del Águila (Badajoz) (© Sara Garcês, 2015); C) Abrigo de la Golondrina (Sierra de las Corchuelas) (Collado Giraldo & García Arranz, 2015); D) Pectiniforme da rocha 112(2) do Fratel (Gomes, 2010); E) Pectiniforme da rocha 12 do Ficalho; F) Pectiniforme da rocha F72(4) M1530.	93
Figura 71: Diferentes tipos de linhas/barras do vale do Tejo. A) Linha com extremo curvado; B) Linha quebrada; C) Linhas duplas; D) Linhas Triplas; E) Linhas Paralelas; F) Linha Simples; G) Linhas Curvas.	96
Figura 72: Diferentes tipos de feixes do vale do Tejo. A) Feixes convergentes; B) Feixes Curvados; C) Feixes Emaranhados; D) Feixes paralelos.	98

- Figura 73: Diferentes tipos de linhas onduladas do vale do Tejo. A) Linhas Onduladas Complexas; B) Linhas Onduladas Duplas; C) Linhas Onduladas Simples; D) Linhas Onduladas Triplas; E) Linhas Onduladas Quadraplas. 98
- Figura 74: A) e B) detalhes do friso de Las Barras na ribeira Barbaón (Serradilla); exemplos de linhas ou barras gravadas do Tejo: C) F24M16:2 e D) F173 M420. 100
- Figura 75: Diferentes tipos de figuras dentro da subcategoria Outros das Estruturas Lineares Fechadas do vale do Tejo. A) Ferradura; B) Bucrânio; C) figura em U; D) Meandriforme; E) em duplo U; F) figura tipo Hastes. 101
- Figura 76: A) traços em zig-zags no abrigo de El Mirador (Serradilla); B) motivo em zig-zags do São Simão; C) motivo em ângulo do Abrigo del Castillo de Monfragüe; D) motivos em ângulo e duplo-ângulo do Fratel (F9C:2 e F72(4) M1530:4/5 respectivamente); E) bucrânio do Fratel (F1(4)A M333:1; F) pormenor da rocha 5 do santuário exterior do Escoural (Gomes, Gomes & Santos, 1994); G) Figura circular da Cueva Bermeja na Sierra de la Parrilla, Monfragüe; H) meandriforme do Fratel (F42 M87:1). 102
- Figura 77: Diferentes tipos de espirais das *Estructuras Lineares Fechadas* do vale do Tejo. A) Espiral de 1 anel; B) Espiral de 2 anéis; C) Espiral de 2 anéis com ponto central; D) Espiral com 2 anéis com apêndice; E) Espiral com 3 anéis; F) Espiral com 3 anéis com apêndice; G) Espiral com 4 anéis; H) Espiral com 4 anéis com apêndice; I) Espiral com 5 anéis; J) Espiral com 6 anéis; K) Espiral com 6 anéis com ponto central. 103
- Figura 78: Exemplares de tipos de círculos presentes no vale do Tejo. A) Círculo Adossado; B) Círculo com um apêndice; C) Círculo com mais de 1 apêndice; D) Círculo Composto; E) Círculo Raiado; F) Círculo Simples; G) Círculo com um ponto central; H) Círculo com um ponto central e apêndice; I) Círculo com traço interno; J) Círculo com traço interno e externo; K) Círculo Preenchido; L) Círculo preenchido com apêndice. 106
- Figura 79: Diferentes tipos de círculos concêntricos das *Estructuras Lineares Fechadas* do vale do Tejo. A) Círculo concêntrico com 2 anéis; B) Círculo concêntrico com 2 anéis e apêndice; C) Círculo concêntrico com 3 anéis; D) Círculo concêntrico com 2 anéis mais apêndice mais ponto central; E) Círculo concêntrico com 3 anéis; F) Círculo concêntrico com 5 anéis; G) Círculo concêntrico de 2 anéis com ponto central; H) Círculo concêntrico de 4 anéis. 107
- Figura 80: Diferentes tipos de *halteriformes* e *geométricos*. A) Halteriforme duplo; B) Halteriforme simples; C) Geométrico irregular; D) Quadrado; E) Geométrico retangular; F) Geométrico triangular; G) Bitriangular. 108
- Figura 81: Diferentes tipos de combinações circulares registados em Molino Manzán, Guadiana (Collado Giraldo, 2006). 109
- Figura 82: Alguns exemplos de bitriangulares do Tejo. A) AL64:10; B) CHVJ12:5; C) F29(1):2; D) G18M508:7; E) SS208:14; F) F113(3)A M1530:24. 110
- Figura 83: A) Abrigo de La Calderita 1 com detalhe filtrado por DStretch; B) pormenor dos motivos bitriangulares (a vermelho) do decalque do abrigo 1 de La Calderita 1 (García Arranz, *et al.*, 2014). 111
- Figura 84: Diferentes tipos de figuras da tipologia Outros: A) Armas; B) Asterisco; C) Báculo; D) Escutiforme; E) Idoliforme; F) Instrumento(?); G) Podomorfo; H) Soliforme; I) Oculado; J) Covinha; K) Rede; L) Taça. 113
- Figura 85: Exemplos de estelas com figuras antropomórficas com espadas à cintura: A) Estela de Magacela (em exposição no Museu Nacional de Arqueologia de Madrid); B) Zarza Montanchez; C) Benquerencia; D) Cabeza de Buey 2; E) Capella 2; F) Capilla 4; G) Capilla 8; I) Chillón; J) Cogolludo; K) El Viso 2; L) El Viso 3; M) El Viso 4; N) Ervidel 2; O) Bienvenida 1; P) Montemayor; Q) Orellana; R) Valdetorres 1; S) Monte Blanco

Olivenza; T) Torres Alocaz; U) Setefilla; V) Zarza Capilla 1 (figuras adaptadas de Díaz-Guardamino Uribe, 2010).	115
Figura 86: Exemplos de possíveis armas na arte rupestre do vale do Tejo: A) CAL56: 1; 21 (Gomes, 2010); B) SS92 M909: 6; 12; C) CAL72:10; 13; D) F1(1):1;2; E) F45(3) M1355:1;2; F) SS68 M872:1;8; G) F72(4) M1530:1; H) G22D M1605:3; I) SE XXVI:3; J) F49:19 (adaptado de Gomes, 2010).	116
Figura 87: Anzóis: 1 e 2: Cueva de La Canaleja I (Romangordo, Cáceres); 3: Lapa de Mouração (Porto de Mós, Leiria); 4 y 5: Cueva de la Murcielagina (Priego de Córdoba) (B. Gavilán, 1987 <i>apud</i> González Cordero & Cerrillo Cuenca, 2015).....	118
Figura 88: Tipo de anzóis europeus e reinterpretação como anzol de um conjunto de figuras gravadas nas rochas do Tejo a partir das publicações de M.V. Gomes (2010) (González Cordero & Cerrillo Cuenca, 2015).	118
Figura 89: Representação da rocha 68 de São Simão.	119
Figura 90: Menires 10 e 18 do recinto de Vale Maria do Meio com representações de báculos (Calado, 2004, vol2:fig21).	120
Figura 91: Possíveis escutiformes do vale do Tejo.	122
Figura 92: A) estela do Baraçal (Sabugal); B) estela de Figueira (Vila do Bispo) (Cardoso, 2007).	123
Figura 93: “Estelas del Suroeste” com objectos adicionais fora do SW (adaptado de Díaz-Guardamino Uribe, 2010). Destacam-se as representações de escutiformes com chanfradura em V.	123
Figura 94: “Estelas del Suroeste” com objectos adicionais (adaptado de Díaz-Guardamino Uribe, 2010). Destacam-se as representações de escutiformes com chanfradura em V.	124
Figura 95: Esteliformes da estação de Fresnedo (Asturias) (adaptado de Díaz-Guardamino Uribe, 2010).	125
Figura 96: Pedra das Ferraduras (Fentáns, San Xurxo de Sacos, Cotobade, Pontevedra). Decalque adaptado de B. Aparico Casado & A. de la Peña Santos, 2011.	126
Figura 97: Possíveis idoliformes do vale do Tejo.	127
Figura 98: Possível representação de um instrumento do vale do Tejo.	128
Figura 99: A) Rocha 1 de Alagoas; B) Rocha 2 de Alagoas (Tondela, Viseu) (Gomes & Monteiro, 1974-1977); C) Podomorfos de Gondufo (Vide) (Ribeiro, Joaquineto, Pereira, 2010); D) Painel 6 da Fraga da Pegada (Santa Combinha, Macedo de Cavaleiros); E) e F) rocha 1 e 2 de Sesmarias (Oleiros) (Caninas, <i>et al.</i> , 2008).	130
Figura 100: Exemplos de alguns podomorfos em rochas do vale do Tejo: A) AL64 (Gomes, 2010); B) CAL61 M312; C) CAL69B M696; D) F22; E) F24 M1529; F) FIC 54; G) G11 M498.	131
Figura 101: Exemplos de representações de soliformes. Em cima, figuras isoladas: A) F39 M91; B) F46 M1526; C) F55 M63; no meio, figuras em pares; D) F8; E) CHVJ4; F) F78 M44; em baixo, associados a antropomorfos com paralelo com figura da rocha SS158. G) FIC 12(1) M1554; H) F126A M372; I) SS158.....	133
Figura 102: Representação do Cromeleque 17 de Portela de Mogos (Évora) (adaptado de Calado, 2004, Vol. II:35) e detalhe da representação de antropomorfo a sustentar um soliforme (adaptado de Gomes, 2001; 2010). De notar a incrível semelhança com a rocha FIC 12(1) M1554.	134
Figura 103: Exemplos de abrigos com figuras de soliformes. A) Abrigo de Pala Pinta (Alijó, Portugal), © Sara Garcês – filtrada com DStretch©. B) Abrigo do Colmeal (ou Caverna dos Riscos) Figueira de Castelo Rodrigo (Cabrita, 2004); C) Abrigo del Sol (Serradilla) (Collado Giraldo & García Arranz, 2005:44); D) Abrigo IV “El Veranito” (Salto del	

Corzo, Sierra de Mohedas, Parque Nacional de Monfragüe) (Collado Giraldo & García Arranz, 2005:165).	135
Figura 104: Representações de pesos de tear com gravuras de soliformes do povoado de Vila Nova de São Pedro (Azambuja) (adaptado de Arnaud, 2013).	136
Figura 105: A) Representações de figuras oculadas do vale do Tejo; B) Representação de oculados no Guadiana português (rocha I, painel F, motivo 9 da Moinhola); C) Representação de oculados no Guadiana português (rocha 73, motivo 15, Moinhola).	139
Figura 106: Pormenor do motivo 8 do Painel A da Serra dos Passos 3 (Figueiredo, 2014:230).	140
Figura 107: Manifestações oculadas rupestres: <u>Típicos</u> - 1: Abrigo del Ídolo; 2: Abrigo de los Ídolos; 3: Canalizo el Rayo; 4: Cueva de las Enredaderas; 5: Collado del Guijarral; 6: Cueva de la Diosa Madre; 7: Abrigo del Santo Espiritu; 8: Peña Escrita de Tàrbena. <u>Simplificados</u> - 1: Abric V del Barranc de Famorca; 2: Salem; 3: Cova del Barranc de Migdia; 4: Abrigo Grande de Cantos de la Visera; 5: Cueva de las Enredaderas; 6: Abrigo de las Covachicas. Antroporfizados – 1: Peña de l’Ermita del Vicari; 2: Barranc dels Garrofers; 3: Abrigo Grande de Cantos de la Visera; 4: Abrigo de los Gavilanes. Possíveis oculados: 1: Cova dl Barranc del Migdia; 2: Barranc de la Palla; (adaptado de García Atiénzar, 2006:225,fig2).	141
Figura 108: Semelhanças entre os motivos oculados na arte rupestre e em suportes móveis (adaptado de García Atiénzar, 2006:231,fig5).	142
Figura 109: A) Ídolo antropomorfo de osso de Valencina (Sevilha), fonte: http://www.museosdeandalucia.es/cultura/museos/MASE/index.jsp?redirect=S2_3_1_1.jsp&idpieza=370&pagina=1 ; B) Estatueta antropomórfica dos Perdigões; C) Detalhe da estatueta antropomórfica dos Perdigões; D) Figura da rocha 64 de São Simão.	142
Figura 110: Fotografia de covinhas da Pracana (Monteiro & Gomes, 1974-77).	143
Figura 111: A) Fotografia de SS67 © Hugo Gomes; B) Grupo de covinhas – motivo 10 da rocha 67 de São Simão.	144
Figura 112: A) Rocha 14 do Gardete com pormenor a vermelho da figura “Rede”; B) detalhe da figura.	145
Figura 113: A) Rocha 6 do Ocreza com pormenor a vermelho da figura “Taça”.	145
Figura 114: Diferentes tipos de <i>manchas de picotado</i> que podem surgir na arte rupestre do vale do Tejo.	146
Figura 115: Diferentes tipos de <i>inscrições</i> do vale do Tejo.	149
Figura 116: A) Representação das duas figuras com Elementos de Simbologia Cristã explícitos do vale do Tejo; B) rocha 9B sector direito da Canada do Inferno (Luís, 2008).	150
Figura 117: Proposta de cronologia para o Complexo Rupestre do Vale do Tejo.	151
Figura 118: Decalque sobre suporte de papel do zoomorfo da Chã das Carvalheiras (Novoa Álvarez & Costas Goberna, 2004).	161
Figura 119: Decalque parcial da laje da Quinta da Barreira (Novoa Álvarez & Costas Goberna, 2004).	161
Figura 120: Detalhe dos cervídeos da rocha “Os Cogoludos” em Paredes, Campo Lameiro.	163
Figura 121: Decalque pormenorizado da rocha inteira (Peña Santos, Costas Goberna & Rey García, 1993).	163
Figura 122: Fotografia e pormenor do decalque das gravuras da Praia de Montedor, Viana do Castelo (Lanhas, 1968 <i>apud</i> Abreu, 2012).	164
Figura 123: Levantamento do painel C de Forno da Velha com detalhe a preto do cervídeo identificado (adaptado de Figueiredo & Baptista, 2009).	165

Figura 124: Rocha com cervídeo de Santo Antão da Barca (Figueiredo, 2014).....	166
Figura 125: Rocha com cervídeos da Idade do Ferro no vale de Figueira (Newsletter Arqueologia Baixo Sabor, 2011).....	168
Figura 126: Rocha 148 do núcleo de Foz do Côa de cronologia paleolítica (Baptista & Reis, 2008).....	171
Figura 127: Rocha 20 da Canada do Inferno (Baptista & Gomes, 1997).	172
Figura 128: Rocha 10C, sector direito da Penascosa (Baptista & Gomes, 1997).	174
Figura 129: Rocha 10D da Penascosa (Baptista & Gomes, 1997).....	175
Figura 130: Rocha 13 da Penascosa (Baptista & Gomes, 1997).....	176
Figura 131: Rocha 23 do Vale da Casa, Vila Nova Foz Côa (adaptado de Baptista, 1983).	177
Figura 132: Vale de Cabrões: rocha 1: veado ferido (?) a olhar para trás. © Manuel Almeida	179
Figura 133: Placa da camada 4 ^A do Fariseu. A vermelho, os possíveis cervídeos (adaptado de García Diez, 2002).	182
Figura 134: Decalque das pinturas do abrigo de Fraga D'Aia (adaptado de Jorge <i>et al.</i> , 1988 ^a).	183
Figura 135: Figura de cerva (?) do Abrigo das Casas, Malhada Sorda, Almeida (Baptista, 2009) (http://dafinitudedotempo.blogspot.pt/2009/04/um-crime-arqueologico-vandalismo.html).....	184
Figura 136: Representação dos cervídeos na parte inferior esquerda no painel do tecto da Lapa dos Gaivões (Breuil, 1917).....	185
Figura 137: Painel 4 da Lapa dos Gaivões com detalhe a vermelho dos cervídeos aí identificados (adaptado de Martins, 2014).	186
Figura 138: Rocha 1 de Porto Portel (lado português do vale do Guadiana) com figura de cervídeo em perfil de cronologia paleolítica (adaptado de Baptista & Santos, 2013). ..	187
Figura 139: Tabela com características morfológicas dos cervos paleolíticos de Molino Manzánez, Vale do Guadiana (Collado Giraldo, 2006).	188
Figura 140: Tabela com características morfológicas dos cervas paleolíticas de Molino Manzánez, Vale do Guadiana (Collado Giraldo, 2006).	188
Figura 141: Cervídeo da estação XVIII “Nube Negra” (Collado Giraldo, 2006).....	189
Figura 142: Cervídeo do painel 2 da estação CLXXXVII “El Rebaño” (Collado Giraldo, 2006).....	189
Figura 143: cervídeos do painel 4 da estação CCCVIII “Brico” (Collado Giraldo, 2006)...	190
Figura 144: cervídeo 1 da rocha 3 de Mocissos (Baptista & Santos, 2013).....	190
Figura 145: Cervídeo 3 da rocha 3 de Mocissos (Baptista & Santos, 2013).....	191
Figura 146: Figura 28 (cervídeo) da rocha 3 de Mocissos (Baptista & Santos, 2013).	191
Figura 147: Figura 6 (cervídeos) da rocha 109 da Moinhola (Baptista & Santos, 2013).	192
Figura 148: Fotografia e decalque digital da pequena laje com gravuras da Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira).....	193
Figura 149: Decalque da cena de caça ao veado encontrada na Citânia de Sanfins (Jalhay, 1947).....	194
Figura 150: Pedras de Alvão, Vila Pouca de Aguiar, Vila Real (Abreu, 2012).....	194
Figura 151: Cervídeo gravado na parte traseira de uma estátua em Roriz, Oliveira, Monte do Facho (Abreu, 2012:497).	195
Figura 152: Orca dos Junciais: (à esquerda) pormenor das pinturas do segundo esteio do lado sul: cervídeos e canídeos, caçador com arco e flecha; (à direita) pinturas do esteio de cabeceira; ao centro representação de uma “pele esticada” e ao alto, um cervídeo e os restos da armação de um outro (Cruz, 2000:15).	196
Figura 153: Pinturas do esteio 9 (laje da cabeceira) da Arquinha da Moura (Cunha, 1995).	196

Figura 154: Gravuras de possíveis cervas da Gruta do Escoural (adaptado de Gomes, 2000).	197
Figura 155: Decalque da taça campaniforme pontilhada e linear-pontilhada, “tipo Palmela” na estação do Casal do Pardo, Palmela com representação de cervídeos (Pereira e Bubner, 1974-77).	198
Figura 156: Detalhe da taça campaniforme pontilhada e linear-pontilhada, “tipo Palmela” na estação do Casal do Pardo, Palmela com representação de cervídeos (Pereira e Bubner, 1974-77).	198
Figura 157: Fragmento de cerâmica com motivos de cervídeos da estação do Casal do Pardo. © Museu Nacional de Arqueologia (http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=120283).	199
Figura 158: Representações de pesos de tear com uma gravura de cervídeo do povoado de Vila Nova de São Pedro (Azambuja) (adaptado de Arnaud, 2013).	199
Figura 159: Representação de todos os cervídeos do sítio do São Simão. Cervídeos pré-esquemáticos (a preto) e cervídeos esquemáticos (a vermelho).	204
Figura 160: Representação de todos os cervídeos do sítio do Alagadouro. Cervídeos pré-esquemáticos (a preto) e cervídeos esquemáticos (a vermelho).	205
Figura 161: Representação de todos os cervídeos do sítio do Cachão do Algarve. Cervídeos pré-esquemáticos (a preto) e cervídeos esquemáticos (a vermelho).	206
Figura 162: Representação de todos os cervídeos do sítio do Fratel. Cervídeos pré-esquemáticos (a preto) e cervídeos esquemáticos (a vermelho).	207
Figura 163: Representação de todos os cervídeos do sítio do Chão da Velha. Cervídeos pré-esquemáticos (a preto) e cervídeos esquemáticos (a vermelho).	209
Figura 164: Representação de todos os cervídeos do sítio do Gardete.	209
Figura 165: Representação de todos os cervídeos do sítio do Ocreza.	210
Figura 166: Exemplo da diferença entre espécies e sexo dos cervídeos do Complexo Rupestre do vale do Tejo: A) Veado-vermelho macho (<i>Cervus elaphus</i>); B) Veado-vermelho fêmea (<i>Cervus elaphus</i>); C) Corço (<i>Capreolus capreolus</i>); D) Possível Gamo? (<i>Dama dama</i>).	212
Figura 167: Exemplo de veado-vermelho (<i>Cervus Elaphus</i>) da Serra da Lousã.	213
Figura 168: Representação de corço (<i>Capreolus capreolus</i>). Desenho-livre. © Andreia Garcês.	214
Figura 169: Representação de cervídeo com o reticulado como preenchimento interno.	219
Figura 170: Representação de cervídeos com preenchimento completo com linha transversal.	219
Figura 171: Representação de cervídeos com preenchimento parcial com linha transversal.	220
Figura 172: Representação de cervídeos com preenchimento apenas com linhas transversais.	221
Figura 173: Representação de cervídeos com preenchimento apenas uma linha transversal.	221
Figura 174: Representação de cervídeos sem preenchimento.	222
Figura 175: Representação de cervídeos parcialmente preenchidos.	223
Figura 176: Representação de cervídeos maioritariamente preenchidos.	223
Figura 177: Representação de cervídeos totalmente preenchidos.	224
Figura 178: Representação de cervídeos esquemáticos totalmente preenchidos.	224
Figura 179: Ilustração da morfologia das hastes do corço (adaptado de www.apaginadomonteiro.net).	226
Figura 180: Ilustração da morfologia das hastes do veado (adaptado de www.apaginadomonteiro.net).	227

Figura 181: Possível evolução da representação das hastes dos cervídeos pré-esquemáticos.	229
Figura 182: Representação das hastes dos cervídeos esquemáticos.	229
Figura 183: Detalhe da rocha 158 de São Simão. Antropomorfo com cervídeo morto.	231
Figura 184: Representação dos cervídeos com lanças espetadas no dorso.	232
Figura 185: Representações das figuras com cervídeos da Toca do Pinga do Boi: A) Figura S54Z115; B) figura S54Z114 e C) figura S54Z119B (Ignácio, 2009).	232
Figura 186: Representação da rocha 13 do Ocreza.	233
Figura 187: Representação da 3E do Chão da Velha.	233
Figura 188: Representação do conjunto de cervídeos do primeiro e segundo momento de gravação da rocha 49 de Fratel.	234
Figura 189: Representação de cervídeos gravados isolados: A) AL36(2):1; B) AL45 M1119; C) AL72:2 e D) AL36A M1137:1.	235
Figura 190: Representação de cervídeos gravados isolados: A) CAL60:1, B) CHVJ7:1, C) CHVJ11:1, D) CHVJ13:1, E) F51 M76:1, F) OCR10:1 e G) SS17 M738:1.	236
Figura 191: Exemplo de representação de cervídeos associados a figuras esquemáticas por associação ou sobreposição: A) CAL61:2; B) F102 M712:4; C) SS208(1):1.	237
Figura 192: Exemplo de representação de movimento em cervídeos: A) AL6 M1041:1; B) F29(1) M1388:5; C) AL64:20.	238
Figura 193: Exemplo da união das hastes dos cervídeos AL14 M1052:1, SS199-200-201-202:10 e SS1581:1.	239
Figura 194: Antropomorfos a carregar sóis. A) FIC 12(1) M1554; B) F126A M372.	240
Figura 195: A) CAL4 M521; B) figuras 11 e 12 da rocha F155.	240
Figura 196: Cervídeos do Gardete. A) G22D:1; B) G24:5.	241
Figura 197: Cervídeos da rocha 16 do Ocreza.	242

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Distribuição tipológica das figuras da rocha 155 de Fratel.	26
Tabela 2: Percentagem das figuras antropomórficas subnaturalistas por sítio do Complexo Rupestre do Tejo. SS: São Simão; AL: Alagadouro; LB: lombada da Barca; CAL: Cachão do Algarve; FIC: Ficalho; F: Fratel; FN: Foz de Nisa; CHV: Chão da Velha; G: Gardete; O: Ocreza; E: Erges; P: Ponsul; SE: Sem Estação.	56
Tabela 3: Descrição das figuras antropomórficas subnaturalistas do Tejo.	57
Tabela 4: Distribuição percentual da fauna pré-esquemática por sítio rupestre. Destacam-se os sítios de São Simão, Fratel, Cachão do Algarve e Chão da Velha.	63
Tabela 5: Distribuição numérica de fauna pré-esquemática pelos sítios do vale do Tejo. SS= São Simão; AL= Alagadouro; LB= Lombada da Barca; CAL= Cachão do Algarve; FIC= Ficalho; F= Fratel; FN= Foz de Nisa; CHV= Chão da Velha; G= Gardete; OCR= Ocreza; ERG= Erges; P= Ponsul; SE= Sem Estação; ENI*=Espécie Não Identificada.	64
Tabela 6: Distribuição numérica dos antropomorfos no vale do Tejo. SS= São Simão; AL= Alagadouro; LB= Lombada da Barca; CAL= Cachão do Algarve; FIC= Ficalho; F= Fratel; FN= Foz de Nisa; CHV= Chão da Velha; G= Gardete; OCR= Ocreza; ERG= Erges; P= Ponsul; SE= Sem Estação.	70
Tabela 7: Distribuição numérica da fauna esquemática do vale do Tejo. SS= São Simão; AL= Alagadouro; LB= Lombada da Barca; CAL= Cachão do Algarve; FIC= Ficalho; F= Fratel; FN= Foz de Nisa; CHV= Chão da Velha; G= Gardete; OCR= Ocreza; ERG= Erges; P= Ponsul; SE= Sem Estação; ENI*=Espécie Não Identificada.	89

Tabela 8: Distribuição numérica das Estruturas Lineares Abertas do vale do Tejo. SS: São Simão; AL: Alagadouro; LB: lomba da Barca; CAL: Cachão do Algarve; FIC: Ficalho; F: Fratel; FN: Foz de Nisa; CHV: Chão da Velha; G: Gardete; O: Ocreza; E: Erges; P: Ponsul; SE: Sem Estação.....	97
Tabela 9: Distribuição numérica das Estruturas Lineares Fechadas do vale do Tejo. SS: São Simão; AL: Alagadouro; LB: lomba da Barca; CAL: Cachão do Algarve; FIC: Ficalho; F: Fratel; FN: Foz de Nisa; CHV: Chão da Velha; G: Gardete; O: Ocreza; E: Erges; P: Ponsul; SE: Sem Estação.....	104
Tabela 10: Distribuição numérica da categoria Outros do vale do Tejo. SS: São Simão; AL: Alagadouro; LB: lomba da Barca; CAL: Cachão do Algarve; FIC: Ficalho; F: Fratel; FN: Foz de Nisa; CHV: Chão da Velha; G: Gardete; O: Ocreza; E: Erges; P: Ponsul; SE: Sem Estação.	112
Tabela 11: Distribuição espacial das figuras de podomorfos pela CARVT. SS: São Simão; AL: Alagadouro; LB: lomba da Barca; CAL: Cachão do Algarve; FIC: Ficalho; F: Fratel; FN: Foz de Nisa; CHV: Chão da Velha; G: Gardete; O: Ocreza; E: Erges; P: Ponsul; SE: Sem Estação.	129
Tabela 12: Distribuição espacial dos soliformes pelo vale do Tejo. SS: São Simão; AL: Alagadouro; LB: lomba da Barca; CAL: Cachão do Algarve; FIC: Ficalho; F: Fratel; FN: Foz de Nisa; CHV: Chão da Velha; G: Gardete; O: Ocreza; E: Erges; P: Ponsul; SE: Sem Estação.	132
Tabela 13: Distribuição numérica da categoria Manchas de Picotado do vale do Tejo. SS: São Simão; AL: Alagadouro; LB: lomba da Barca; CAL: Cachão do Algarve; FIC: Ficalho; F: Fratel; FN: Foz de Nisa; CHV: Chão da Velha; G: Gardete; O: Ocreza; E: Erges; P: Ponsul; SE: Sem Estação.....	146
Tabela 14: Distribuição espacial das figuras indeterminadas no vale do Tejo. SS: São Simão; AL: Alagadouro; LB: lomba da Barca; CAL: Cachão do Algarve; FIC: Ficalho; F: Fratel; FN: Foz de Nisa; CHV: Chão da Velha; G: Gardete; O: Ocreza; E: Erges; P: Ponsul; SE: Sem Estação.	147
Tabela 15: Distribuição numérica da categoria Inscrições do vale do Tejo. SS: São Simão; AL: Alagadouro; LB: lomba da Barca; CAL: Cachão do Algarve; FIC: Ficalho; F: Fratel; FN: Foz de Nisa; CHV: Chão da Velha; G: Gardete; O: Ocreza; E: Erges; P: Ponsul; SE: Sem Estação.	147
Tabela 16: Quantidade e percentagem da fauna esquemática e pré-esquemática no vale do Tejo com ênfase para a percentagem que os cervídeos ocupam na estatística.....	200
Tabela 17: Quantidade e percentagem do total da fauna no vale do Tejo com ênfase para a percentagem que os cervídeos ocupam na estatística.....	200
Tabela 18: Distribuição quantitativa dos cervídeos pré-esquemáticos e esquemáticos pelos núcleos do vale do Tejo. SS: São Simão; AL: Alagadouro; CAL: Cachão do Algarve; F: Fratel; CHV: Chão da Velha; G: Gardete; O: Ocreza.	202
Tabela 19: Distribuição quantitativa dos cervídeos pré-esquemáticos e esquemáticos pelo núcleo do Cachão de São Simão.	203
Tabela 20: Distribuição quantitativa dos cervídeos pré-esquemáticos e esquemáticos pelo núcleo do Cachão de São Simão.	205
Tabela 21: Distribuição quantitativa dos cervídeos pré-esquemáticos e esquemáticos pelo núcleo do Cachão do Algarve.	206
Tabela 22: Distribuição quantitativa dos cervídeos pré-esquemáticos e esquemáticos pelo núcleo do Fratel.....	208
Tabela 23: Distribuição quantitativa dos cervídeos pré-esquemáticos e esquemáticos pelo núcleo do Chão da Velha.....	209

Tabela 24: Distribuição quantitativa dos cervídeos pré-esquemáticos e esquemáticos pelo núcleo do Gardete.....	210
Tabela 25: Distribuição quantitativa dos cervídeos pré-esquemáticos e esquemáticos pelo núcleo do Ocreza.....	210
Tabela 26: Orientação dos cervídeos de São Simão. Cervídeos pré-esquemáticos (a preto) e cervídeos esquemáticos (a vermelho).....	216
Tabela 27: Orientação dos cervídeos do Alagadouro. Cervídeos pré-esquemáticos (a preto) e cervídeos esquemáticos (a vermelho).....	216
Tabela 28: Orientação dos cervídeos do Gardete. Cervídeos pré-esquemáticos (a preto) e cervídeos esquemáticos (a vermelho).....	216
Tabela 29: Orientação dos cervídeos do Cachão do Algarve. Cervídeos pré-esquemáticos (a preto) e cervídeos esquemáticos (a vermelho).	217
Tabela 30: Orientação dos cervídeos do Chão da Velha. Cervídeos pré-esquemáticos (a preto) e cervídeos esquemáticos (a vermelho).....	217
Tabela 31: Orientação dos cervídeos do Ocreza. Cervídeos pré-esquemáticos (a preto) e cervídeos esquemáticos (a vermelho).....	217
Tabela 32: Orientação dos cervídeos do Fratel. Cervídeos pré-esquemáticos (a preto) e cervídeos esquemáticos (a vermelho).....	218

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Quantidade de antropomorfos esquemáticos vs. antropomorfos subnaturalistas no vale do Tejo.....	70
Gráfico 2: Distribuição dos tipos de sobreposições que ocorrem no Complexo Rupestre do Tejo.....	150
Gráfico 3: Distribuição dos cervídeos pré-esquemáticos (a preto) e esquemáticos (a vermelho) pelos sete sítios do vale do Tejo. SS: São Simão; AL: Alagadouro; CAL: Cachão do Algarve; F: Fratel; CHV: Chão da Velha; G: Gardete; O: Ocreza.....	201
Gráfico 4: Distribuição quantitativa dos cervídeos pré-esquemáticos e esquemáticos pelos núcleos do vale do Tejo. SS: São Simão; AL: Alagadouro; CAL: Cachão do Algarve; F: Fratel; CHV: Chão da Velha; G: Gardete; O: Ocreza. Cervídeos pré-esquemáticos (a preto) e cervídeos esquemáticos (a vermelho).	202
Gráfico 5: Análise da orientação das figuras de cervídeos no Complexo Rupestre do vale do Tejo.....	215

CAPÍTULO 6



6.1. ESTRATIGRAFIA, CONTEXTO, ESTILO E CRONOLOGIA

6.1.1. ARTE PALEOLÍTICA DO VALE DO TEJO

A arte rupestre paleolítica do vale do Tejo cinge-se apenas a uma figura zoomórfica, localizada no vale do Ocreza (ver mapa 9 dos anexos do volume III), ainda que outros autores tenham apontado outras rochas nomeadamente no vale do Ocreza, no sítio do Gardete e Fratel e no vale do Erges, contendo linhas incisas onde se apontava uma cronologia paleolítica (Gomes, 2004; 2010). Enquadra-se na subcategoria Zoomorfos Naturalistas e trata-se de um pequeno equídeo [acéfalo para alguns autores como A.M. Baptista (2001) e com o esboço da cabeça para outros como M.V. Gomes (2010)], cuja picotagem se encontra muito erosionada. Está orientado para a direita do observador e a determinação do sexo não é possível apenas por observação na rocha, considerando alguns autores a declarar a possibilidade de se tratar de uma fêmea (Baptista, 2001) devido à representação de volumoso ventre (característica típica de animais representados em algumas cronologias paleolíticas).

A figura (um cavalo – *Equus*) assenta numa representação em perfil absoluto com a linha cérvico-dorsal em forma de *S* e um pescoço largo. Apenas uma pata por par foi representada, apesar da traseira e da cauda não estarem muito completas por falta de suporte rochoso enquanto que a pata dianteira se apresenta bem mais completa, mas sem representação do casco (Figura 2). A linha do ventre é muito pronunciada [em forma semicircular], e a linha cérvico-dorsal e a cauda formam apenas uma linha em continuação, característica muito típica de muitas representações de equídeos, por exemplo, na arte do vale do Côa. A gravura encontra-se em suporte de xisto, muito patinada, de cor azulada/acinzentada. Ainda que de pequenas dimensões, esta destaca-se na micro-paisagem de xisto caótico da margem direita rio Ocreza (Baptista, 2009) (Figura 1). A morfologia deste cavalo enquadra-se culturalmente na arte quaternária de ar livre e em gruta desde a sua descoberta, mais precisamente no período cronológico Gravetto-Solutrense (Baptista, 2001, 2009). A representação desta figura levanta algumas questões sobre (1) a sua localização - porquê a única figura paleolítica do vale do Tejo se encontra no troço final de um pequeno tributário do Tejo e não num outro sítio ao longo do caudal do rio principal; (2) o facto de ser a única figura paleolítica num universo das 6988 figuras que faz com que esta gravura contenha um significado especial. Poderá ser uma questão de conservação (se admitirmos que mais figuras de cronologia paleolítica existiram e desapareceram entretanto).

Outro dado interessante referente ao cavalo do Ocreza é o facto de não ter sido perturbado com a representação posterior de figuras, já que estas de cronologia pós-paleolítica, foram representadas com algumas dezenas de metros de distância entre si. Saberiam os artistas pós-paleolíticos da presença desta gravura? Teriam noção da sua antiguidade? Por certo saberiam e respeitaram a sua presença. Comparando este sítio com outros de gravuras paleolíticas ao ar livre mais ou menos isoladas na paisagem, a pergunta é pertinente: porque é que há uma tendência para a representação de cavalos e não de outro animal qualquer? Facto é que este é um dos animais mais representados no Paleolítico, quer em gruta quer ao ar livre.

Estes cavalos (*Equus caballus*) seriam os cavalos vulgares que, durante o Paleolítico, viveriam em estado selvagem em manadas de fêmeas e juvenis, dominadas por um macho, num território definido a partir das pastagens e dos pontos de água e teriam um aspeto mais baixo e robusto do que os atuais. Existe hoje apenas uma espécie de cavalo selvagem que nos pode dar uma ideia de como seriam os cavalos no Paleolítico, o cavalo Przewalski da Mongólia, que têm a crina levantada, como as zebras (Luís, 2008).

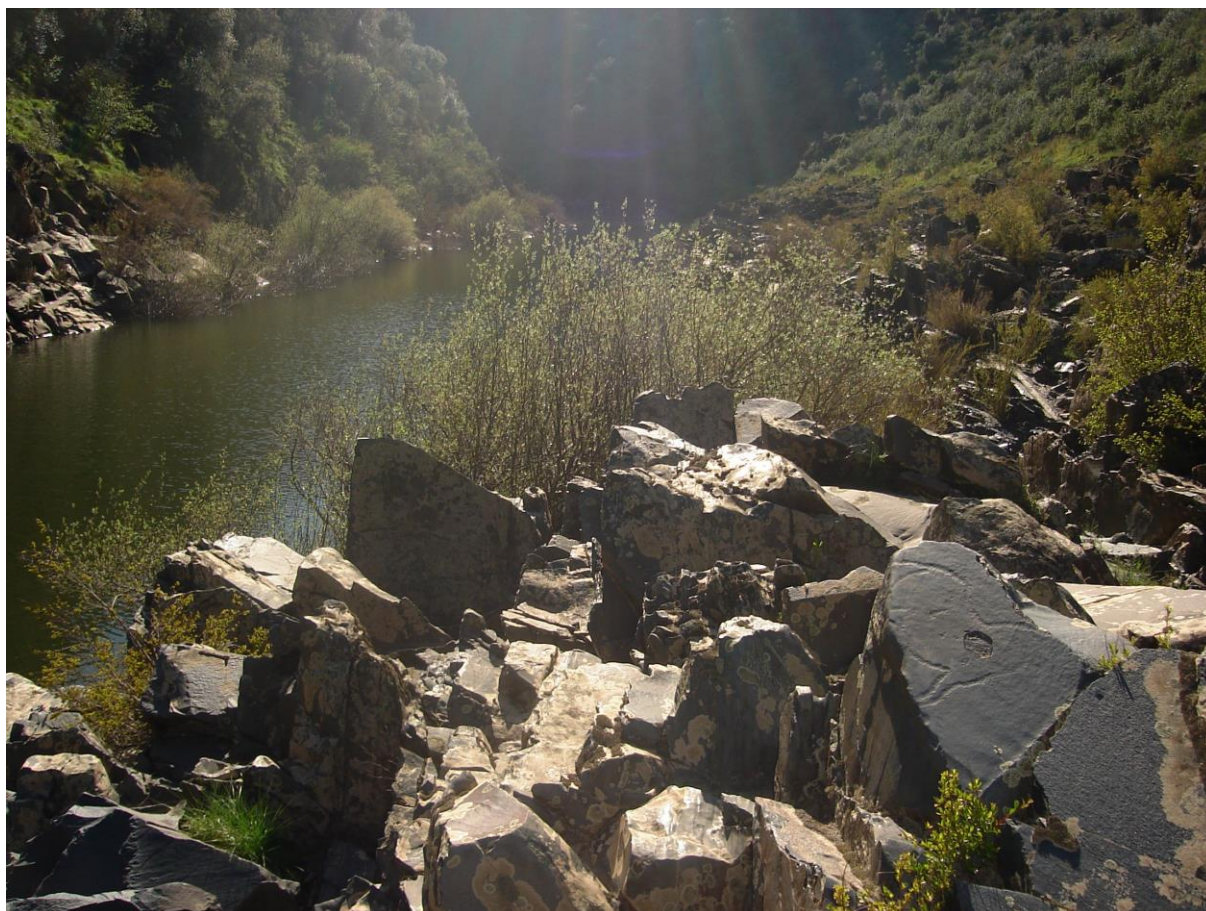


Figura 1: Foto do cavalo do Ocreza.

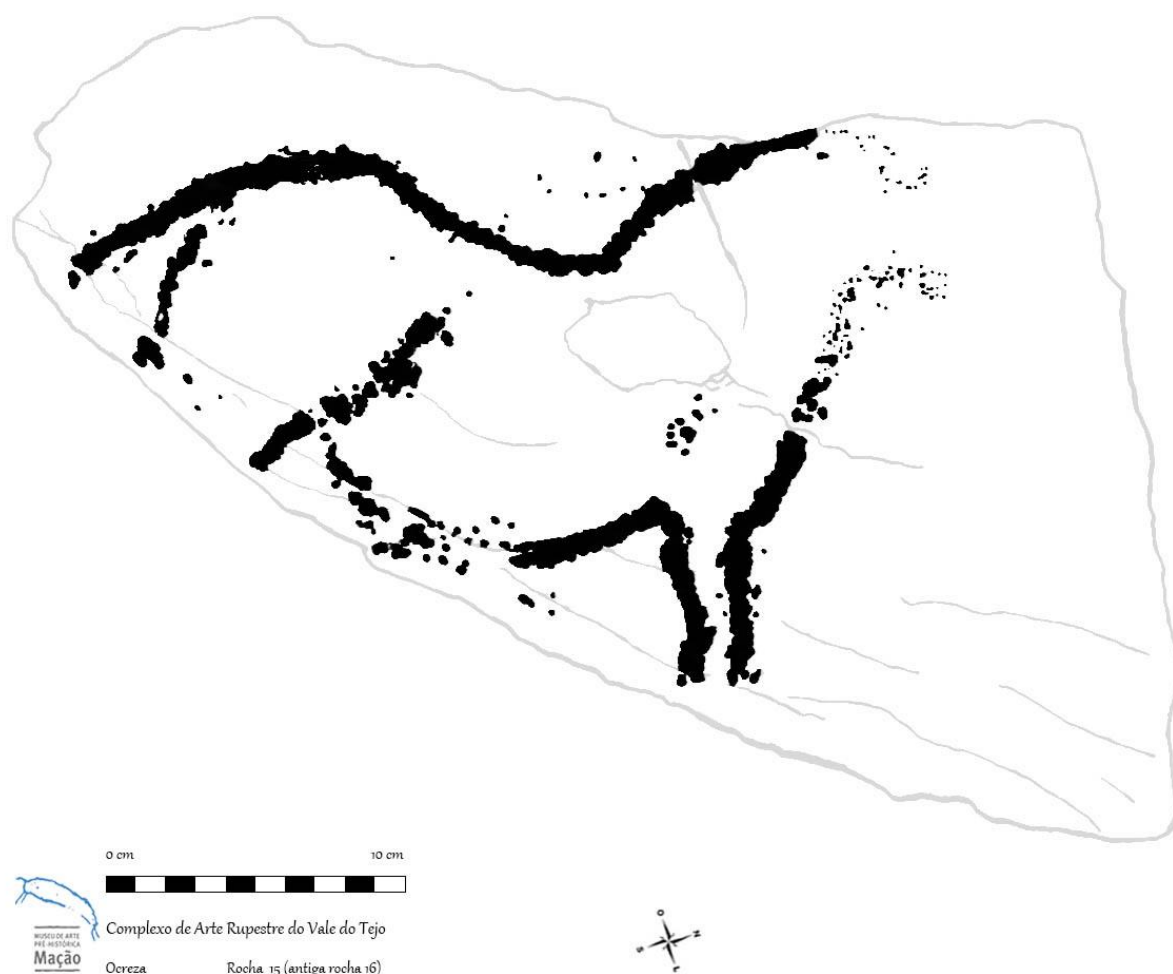


Figura 2: Decalque do cavalo do Ocreza. © G. Nash & Sara Garcês, Instituto Terra e Memória.

6.1.2. A ARTE PRÉ-ESQUEMÁTICA DO VALE DO TEJO

6.1.2.1. OS ZOOMORFOS

A partir dos primeiros milénios do Holocénico a arte rupestre do vale do Tejo ganha uma nova expressão pautada pela dinâmica artística dos últimos caçadores-recoletores, onde a representação de animais se constitui como o principal referente e já no final da etapa pré-esquemática surge uma nova e complexa temática, a figura humana. Esta permite reconhecer novas dinâmicas sociais e económicas no seio dos últimos caçadores-recoletores e primeiros pastores do vale do Tejo. Já as figuras zoomórficas, abdicam do naturalismo da arte paleolítica e seguem uma tendência esquemática que culmina nas etapas plenas de pastoralismo e agricultura.

Nos últimos anos, regista-se uma maior tendência para caraterizar como “pré-esquemáticos” alguns motivos que ocorrem um pouco por toda a Península Ibérica e que não se encaixam no

naturalismo da arte paleolítica, nem no esquematismo da arte que surge a partir do Neolítico (Beltrán, 1989; Collado Giraldo, 2004, 2006; Bueno Ramirez, Balbín Behrmann & Alcolea González, 2009). No vale do Tejo, estas manifestações são caracterizadas, principalmente, por figuras zoomórficas.

A. Roussot (1990) (*apud* Bueno Ramirez, Balbín Behrmann & Alcolea González, 2009), nomeou de *estilo V* as características que surgem numa série de placas decoradas localizadas em contextos Magdalenenses/Azilienses e Aziliense Arcaico em vários contextos franceses e espanhóis, distinguindo, assim, estas manifestações holocénicas das do Magdalenense. Este reconhece formas e técnicas da arte paleolítica, mostrando uma série de tendências específicas nas representações de animais: interiores geométricos, alargamento dos corpos e encurtamento dos membros. O *estilo V* teria uma cronologia pós-paleolítica, evidências parietais em França e na antiga Jugoslávia, possibilidade de ser detetado na Itália e em Espanha e ainda variabilidades internas, tal como sucede nos períodos cronológicos precedentes. A. Roussot, refere-se a pinturas e gravuras em cavidades subterrâneas, abrigos rochosos e blocos ao ar livre, assim como à arte móvel, com cronologias entre 11.500 e 9.000 BP que demonstrem a continuidade e transformação progressiva, muitas vezes posta em dúvida, das representações paleolíticas. Seria a admissão de uma interessante coexistência entre o naturalismo e o esquematismo (Menéndez, Mas & Mingo, 2012).

Já anteriormente, A. Beltrán (1989) especificara uma série de argumentos para apontar que não existira uma rutura entre a arte paleolítica e as expressões artísticas posteriores, já que cada vez mais evidências iam surgindo e atestavam a continuidade num amplo espaço geográfico e cronológico (Beltrán, 1989).

Mais tarde, E. Guy (2003) foi mais longe ao permitir uma descrição de cinco diferentes critérios que viriam a caracterizar a arte rupestre deste ciclo artístico: (1) uma estrutura corporal básica trapezoidal, (as representações zoomórficas estariam baseadas num esquema anatómico trapezoidal em que o dorso e o ventre estariam configurados por duas linhas paralelas, enquanto que o peito e os quartos traseiros se articulariam respetivamente mediante linhas oblíquas e convergentes); (2) um tratamento diferencial do contorno (ainda que não surgindo segundo uma regra, os perfis destes animais estariam remarcados mediante recursos gráficos muito peculiares); (3) o tratamento das patas um pouco descuidado, ou seja, regra geral, as extremidades são consideravelmente pequenas em comparação com o resto do corpo com uma sistemática utilização da perspetiva biangular recta; (4) tratamento interior do corpo

(detalhes anatómicos) existindo uma preocupação com o preenchimento anatómico mediante uma complexa decoração interna, principalmente, da parte do dorso do animal; (5) desaparecimento dos detalhes anatómicos das cabeças representadas, ou seja, os olhos, nariz, boca, etc., apesar de contrariamente continuarem com o registo dos cornos ou armações, orelhas e crinas (Guy, 2003; Collado Giraldo & García Arranz, 2012) (Figura 3).

A integração de um novo ciclo artístico de arte rupestre denominada “arte pré-esquemática ocidental” ou “Horizonte Pré-Esquemático” de cronologia pré-neolítica vem sendo defendida por autores como H. Collado Giraldo e J. J. García Arranz, na sequência de alguns trabalhos no conjunto de gravuras de Molino Manzánéz, no vale do Guadiana e na bacia do rio Tejo, nomeadamente no Parque Nacional de Monfragüe, em Cáceres (Collado, 2004, 2006; Collado & García, 2009, 2012). Neste contexto, ainda que o enquadramento cronológico tenha sido primeiramente problemático, logo ficou claro que as evidências estratigráficas entre as figuras eram recorrentes e apontavam para sobreposições por figuras esquemáticas de representações que, até ao momento, tinham sido identificadas na arte rupestre do vale do Tejo (Gomes, 1989, 2001) e referidas como pertencendo ao primeiro momento cronológico de sociedades produtoras (Collado Giraldo, 2006). Esta designação de arte rupestre *pré-esquemática* englobaria as diversas manifestações artísticas que antecedem a implantação de arte rupestre dos grupos produtores.

No conjunto de Molino Manzánéz (Guadiana espanhol), H. Collado Giraldo (2006) define a temática abrangida neste ciclo rupestre: os zoomorfos que supõem uma continuidade, ainda que com diferenças com certos motivos paleolíticos (Figura 4) e os antropomorfos, a novidade iconográfica. Num total de 169 figuras (99 de animais e 70 de antropomorfos), a divisão estilística é proposta da seguinte maneira: (1) zoomorfos: (1a) zoomorfos subnaturalistas: figuras que conservam um certo grau de naturalismo herdado ainda de período cronológico procedente do período cronológico anterior que permite a rápida identificação da espécie representada, mas cujas particularidades parecem ter afectado as noções de proporção das figuras. Apenas três figuras se encaixam neste subtipo; (1b) zoomorfos esquemáticos de corpo circular: figuras cujas diferentes partes anatómicas sofreram um processo de esquematização, estando reduzidas aos seus mais simples elementos básicos. A falta de certos elementos característicos do próprio animal (hastes ou cornos, por exemplo) dificulta a identificação da espécie. Neste subtipo estão contempladas 96 figuras sendo que 14 destas apresentam uma mistura de técnicas de execução: picotado e filiforme; (2) antropomorfos: para a devida

caraterização destas figuras foi tido em conta a individualização de certos elementos básicos da morfologia humana: cabeça, tronco e extremidades.

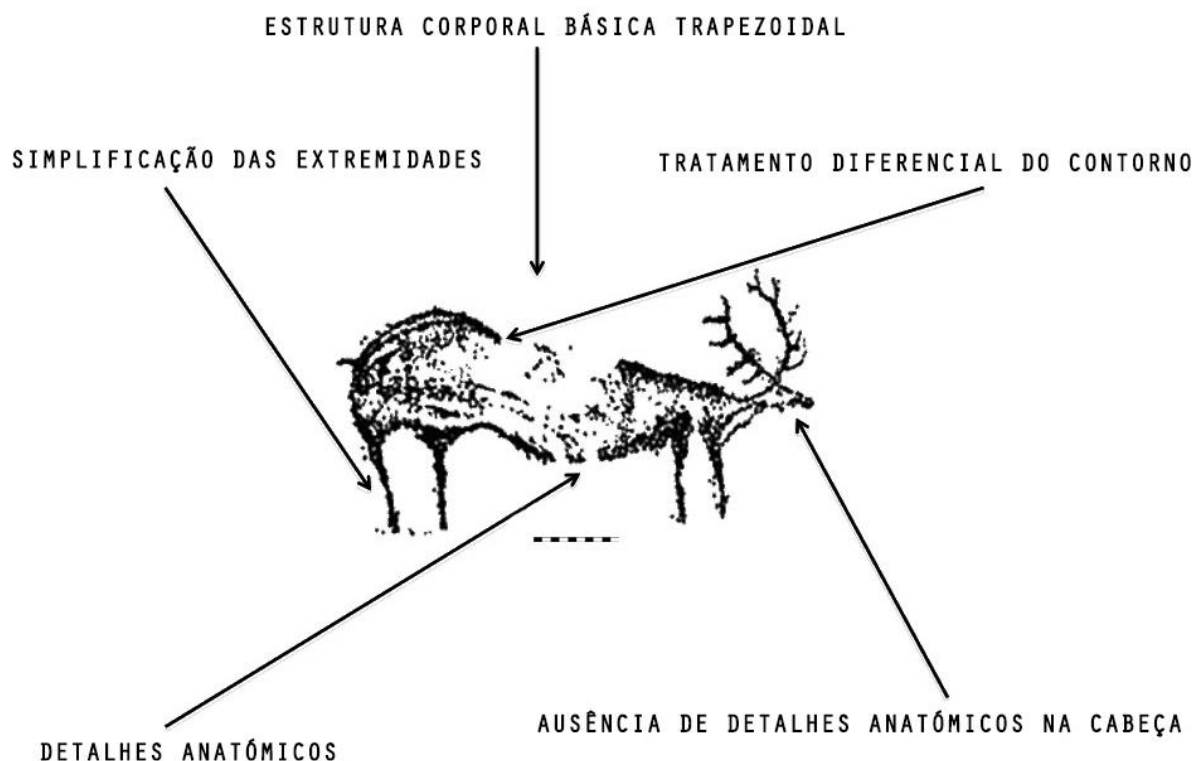


Figura 3: Esquema representativo dos cinco critérios característicos de zoomorfos (segundo E. Guy, 2003) com uma cronologia pré-esquemática adaptado a uma figura do vale do Tejo (rocha 60 do Cachão do Algarve).

A caraterística mais comum nos antropomorfos deste período cronológico é a forma do tronco com tendência oval compartimentadas no interior (ou não) de modo longitudinal ou transversal sendo esta compartimentação que dá origem aos subtipos (2a) antropomorfos esquemáticos de corpo circular compartimentado: todas as figuras antropomórficas que compreendem um corpo ovalado compartimentado mediante eixos verticais ou transversais; (2b) antropomorfos esquemáticos de corpo circular com eixo central: corpo ovalado com uma linha divisória central; (2c) antropomorfos esquemáticos de corpo circular reticulado: figuras com corpo ovalado compartimentado em espaços conformados a partir de um eixo vertical que é atravessado por uma ou mais linhas transversais; (2d) antropomorfos esquemáticos de corpo circular: corpo ovalado não compartimentado. O mesmo autor admite a dificuldade de encontrar paralelos para estas figuras enaltecendo assim, a provável originalidade tipológica do próprio sítio sucedendo-se o mesmo para as figuras zoomórficas que já não apresentando as típicas características paleolíticas, também não apresentam a rigidez e morfologia hierática

típica da arte esquemática. Assim, a denominada arte pré-esquemática do ocidente peninsular é definida, em linhas gerais, como o conjunto de manifestações pintadas ou gravadas, parietais ou móveis que foram realizadas por grupos humanos pré-neolíticos com base económica caçadora-recoletora e que, de acordo com certos critérios técnicos, estilísticos e iconográficos, seriam caracterizados fundamentalmente graças a sítios associados a grandes bacias fluviais do ocidente peninsular como o Guadiana, o Tejo e o Douro (Collado & García, 2012). Aqui, Collado-Giraldo e Arranz-García retomam as primeiras propostas já apontadas por Beltrán (1989) e Gomes & Cardoso (1989).

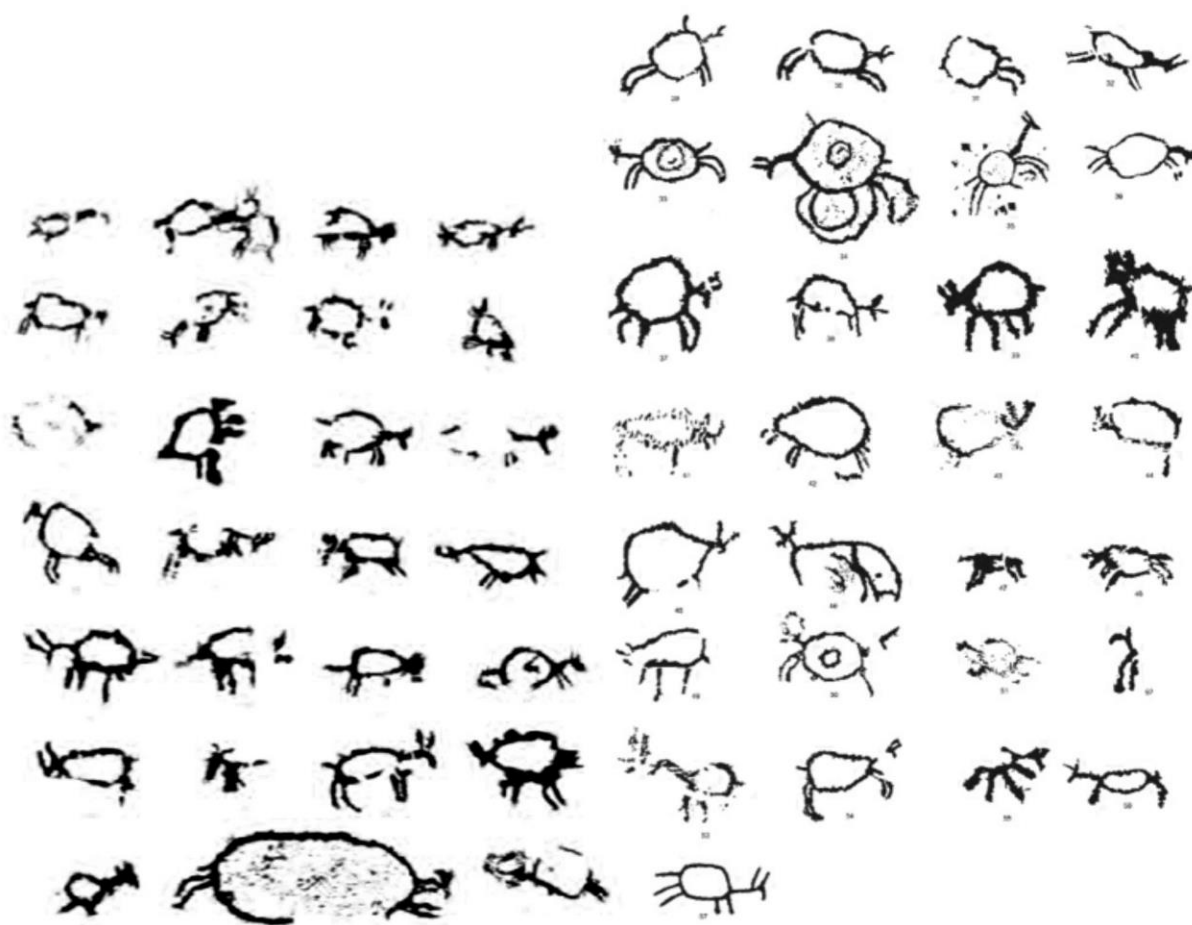


Figura 4: Alguns zoomorfos de corpo circular que H. Collado (2006) considera de cronologia Epipaleolítica.

Também no vale do Tejo se deve admitir, como veremos, uma ampla diacronia cronológica, com um primeiro ciclo paleolítico (Baptista, 2001; Gomes, 2007, 2010) onde também poderemos considerar as figuras do vale do Zêzere que pertencem à bacia do rio Tejo (Baptista, 2004, 2009) e uma mais ampla sequência holocénica.

Uma das questões em discussão é a eventualidade da ocorrência de um período Epipaleolítico (Gomes & Cardoso, 1989; Gomes, 2007, 2010), incluindo um largo conjunto de figuras zoomórficas do vale do Tejo, tendo os seus melhores exemplares na rocha 155 do sítio do Fratel e na rocha 59 do Cachão do Algarve.

A rocha 155 de Fratel (ver figura 3 dos anexos do volume III) apresenta um conjunto figurativo importante para a compreensão da arte rupestre do vale do Tejo (Tabela 1). As mais evidentes gravuras da rocha F155 são representações de animais, pelo menos quinze (dez cervídeos, um cavalo, duas cabras e dois zoomorfos difíceis de identificar) (Figura 6). A maioria das figuras zoomórficas (onde se incluem nove cervídeos e um cavalo) apresentam grandes dimensões (a oscilarem entre os 60 cm e 30 cm de altura) e divisões internas no seu dorso (em forma de reticulado ou uma linha transversal que atravessa o corpo desde a cauda até ao focinho). Todas as características das espécies representadas (por exemplo, as hastes no caso dos cervídeos e a crina no caso dos cavalos) estão muito bem demarcadas. Todos os cervídeos machos apresentam a armação em perspetiva, apesar do dorso se encontrar de perfil, característica que se repete na representação das patas de cinco dos animais.

Consideram-se estas figuras como sendo das mais antigas representações do vale do Tejo, pela sua morfologia, tamanho e por estarem na base da estratigrafia figurativa de uma das rochas mais densamente gravadas de todo o complexo. Segundo M.V. Gomes (2010) o número, densidade e diacronia das gravuras patentes nesta rocha fazem com que constitua um dos elementos chave para a compreensão da evolução, crono-estilística e ideológica da arte rupestre do vale do Tejo (Gomes, 2010).

Esta rocha apresenta um conjunto de 87 figuras divididas em nove painéis. Do total figurativo, 88,5% das figuras são geométricas, estando estes animais de grandes dimensões na base da estratigrafia figurativa da rocha. As poucas sobreposições registadas, assim o comprovam (ver figura 4 dos anexos do volume III). No painel F155D as sobreposições são maioritariamente entre animais pré-esquemáticos. O cervídeo macho (F155:17) é sobreposto pelo cavalo (F155:18). Um outro cervídeo macho (F155:12) é sobreposto por um cervídeo macho (F155:15) e por uma fêmea (F155:11) (Figura 7).

Entre estas duas figuras (F155:11 e F155:12) a sobreposição faz parte da própria composição da figura, estando os dois animais associados, gravados como um casal em “espelho” voltados para a esquerda. É uma composição rara, cujo paralelo está representado em cronologias bem mais recentes na Galiza, na Laxe das Lebres (San Salvador de Poio, Poio, Pontevedra). No

entanto, esta associação entre os dois animais, parece ter sido realizada depois da gravação do cervídeo macho pela diferente morfologia que a fêmea apresenta em comparação ao macho, com o dorso mais reto, não apresenta a linha cérvico-dorsal em S e a decoração interna é apenas uma linha transversal, que, todavia, é comum a outros cervídeos da mesma rocha. Esta figura que poderá ser a representação de uma fêmea de cervídeo, encontra algumas semelhanças morfológicas com a figura zoomórfica da rocha 25 do Cachão do Algarve (CAL25:1) (Figura 5) onde a linha transversal ao dorso está bem patente. Esta figura encontra-se sobreposta por várias figuras geométricas como círculos e ovals.

Neste painel (F155D), regista-se ainda uma sobreposição que muitas dúvidas levanta. Um círculo concêntrico (F155:21) é sobreposto por um grande veado (F155:17) e pelo cavalo (F155:18), o que faz com que esta figura esteja por debaixo de todos os animais pré-esquemáticos. Em termos de cronologia, a espiral é considerada uma figura esquemática, normalmente associada a contextos já do início da proto-história, o que poderia pôr em causa a cronologia dos cervídeos. No entanto, ao analisar a bibliografia (Baptista, 1981b), esta regista que na análise da rocha *in situ*, foi possível observar que as figuras dos grandes animais desta rocha, nomeadamente do painel F155D tinham sido recorrentemente regravados ao longo do tempo. Isto comprova-se pela grossura do traço e da profundidade do picotado, em comparação com todas as figuras do Tejo. Uma possível razão para o círculo concêntrico se encontrar por debaixo destes dois grandes animais, pode ser explicada por estas figuras terem sido continuamente regravadas mesmo depois do círculo concêntrico ter sido gravado por cima destes. A contínua regravação dos animais, poderá ter sobreposto a imagem do círculo concêntrico, o que ao longo do tempo dá a sensação de estar por debaixo das figuras pré-esquemáticas. Esta teoria poderá explicar também a espiral que é sobreposta pela armação do grande cervídeo da rocha 59 do Cachão do Algarve, um cervídeo considerado pré-esquemático e que se encontra sobreposto por dezenas de figuras esquemáticas. Também este cervídeo apresenta um traço grosso e profundo e está bem demarcado na superfície rochosa.

No painel F155B M383 uma espiral (F155:63) conectada por uma linha a outra espiral (F155:64) sobrepõe um cervídeo (F155:62) e no painel F155F M493 um antropomorfo esquemático (F155:71) sobrepõe um círculo (F155:72). Nesta rocha destaca-se a representação de uma cabeça de cervídeo com uma armação bem definida e ramificada, propositadamente assim representada, apenas a cabeça, sem qualquer intenção de reprodução

do resto do corpo. Esta figura (F155:29) encontra um paralelo na rocha 36^A do Alagadouro (AL36A M1137:1).

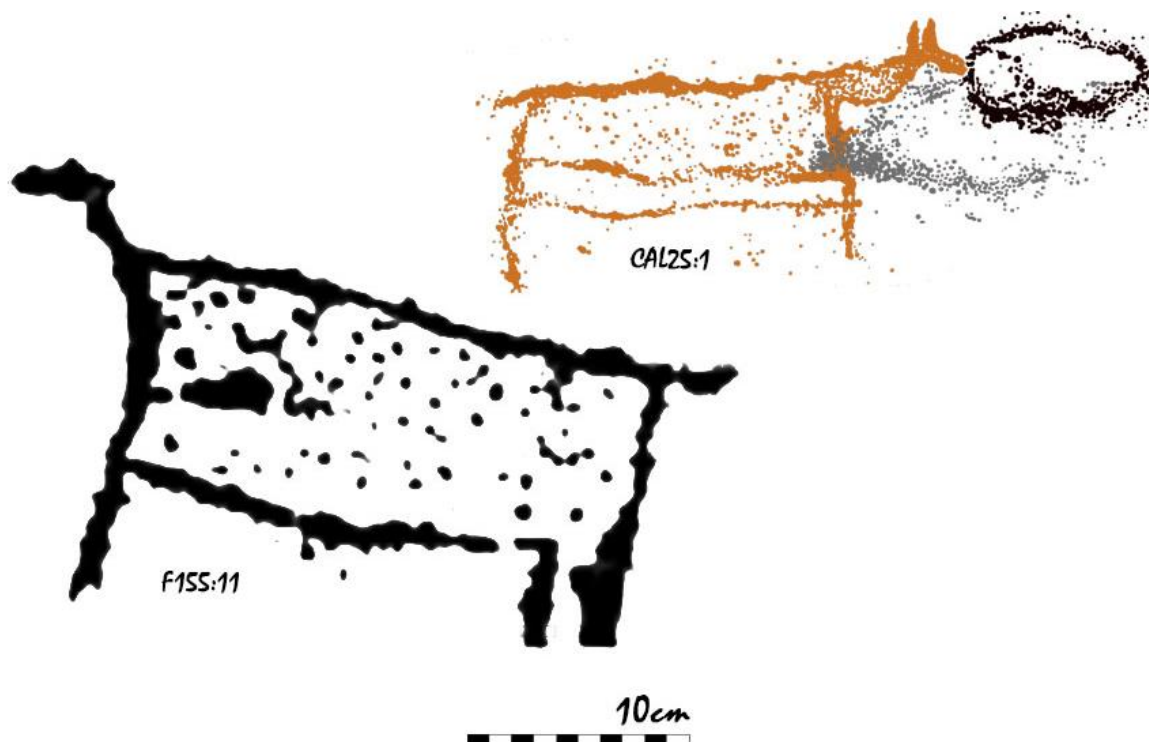


Figura 5: Comparação entre a figura F155:11 e a figura CAL25:1.

F155	Quantidade
Antropomorfos	9
Zoomorfos	14
Estruturas lineares abertas	26
Estruturas lineares fechadas	22
Outros	1
Manchas Picotados	13
Inscrições	0
Indeterminado	2
Elementos de Simbologia Cristã	0
Total	87

Tabela 1: Distribuição tipológica das figuras da rocha 155 de Fratel.

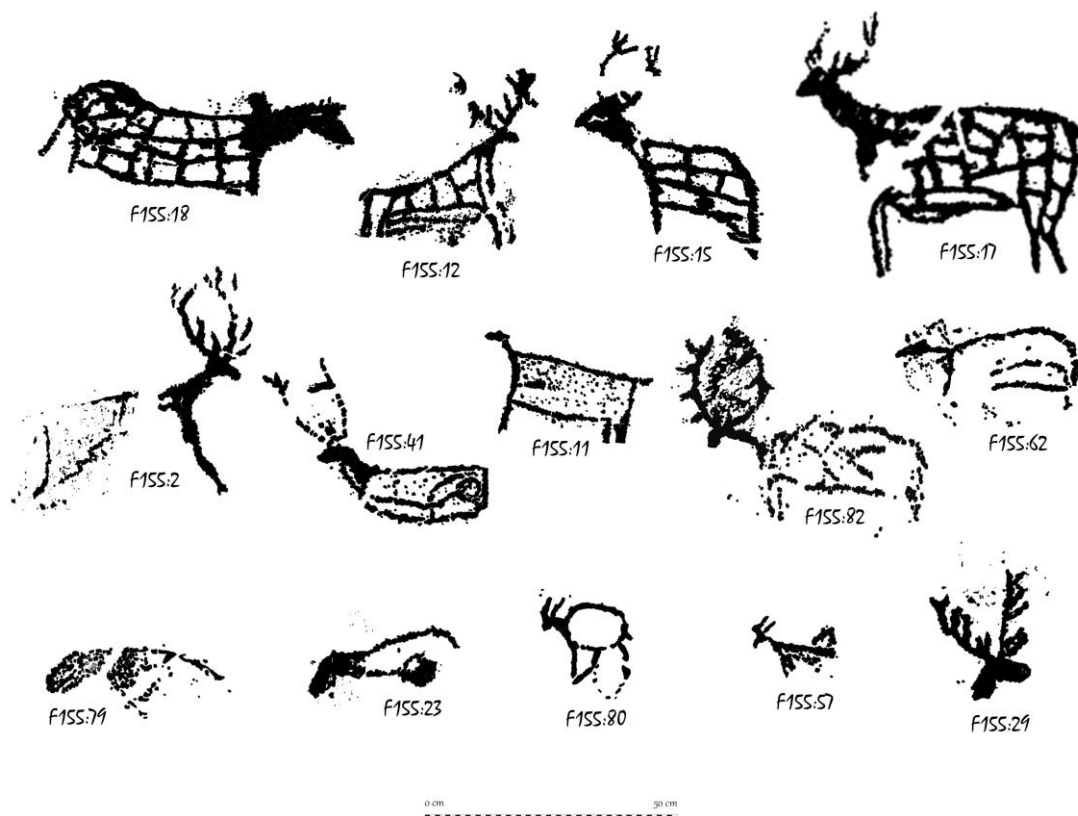


Figura 6: Representação dos animais pré-esquemáticos da rocha 155 de Fratel. A escala gráfica representada é de 50cm.

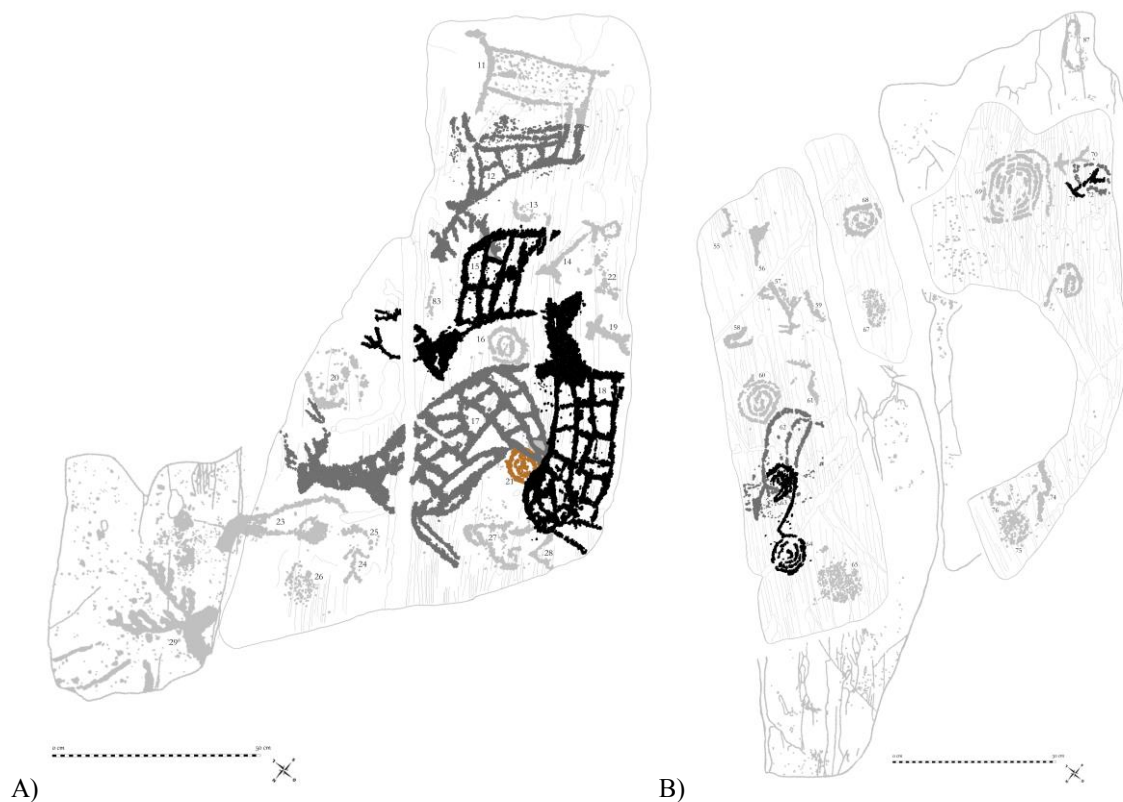


Figura 7: Rocha 155 do Fratel: A) sobreposições do painel F155B; B) sobreposições do painel F155F M493.

De acordo com os diferentes critérios de E. Guy (2003) para caraterizar os animais pré-esquemáticos, acreditamos que um grande conjunto de representações zoomórficas do Tejo pertençam a este ciclo rupestre ainda que, todavia, estejam patentes diferenças morfológicas entre os animais. Estas diferenças, acreditamos, estarem conectadas à diferença de morfologia dos animais do pré-esquematismo com as figuras de animais do período de transição para o esquematismo, que estão providas já de um grau de esquematismo elevado mas que ainda apresentam algumas características “naturais” seja no tratamento do próprio corpo ou na representação de nuances de movimento. Além da rocha 155 de Fratel, há vários outros exemplos de representação de animais que nos apresentam algumas pistas para o reconhecimento da arte pré-esquemática do Tejo e com sobreposições que auxiliam esta constatação. Reconhecem-se exemplos de sobreposições de figuras esquemáticas em figuras pré-esquemáticas nas rochas CAL6B M724, CAL25, CAL54 M162, CAL56, CAL57 M644, CAL59 M656, CAL 61 M312, CAL 67^A M240, CAL99 M159, CHVJ6, F45(1) e SS92 M909.

O cervídeo macho da rocha 59 do Cachão do Algarve é uma representação de grandes dimensões virado para a direita e aposta em todas as características típicas do que caracteriza o pré-esquematismo do Tejo. Mostra a cabeça erguida com uma armação ramificada bem desenvolvida quase simétrica em si. Tanto a linha cérvico-dorsal como a linha do ventre são côncavas o que faz com que os quartos traseiros surjam bastante proeminentes. Ainda que o animal esteja representado de perfil, este não é um perfil completo, já que a maneira de representar as patas traseiras um pouco mais levantadas em relação às patas dianteiras, faz com o animal surja em perspetiva em relação ao observador. Os dois pares de membros são retos, paralelos e perpendiculares ao corpo com uma cauda muito curta e caída. A decoração interna do zoomorfo apresenta uma linha que atravessa todo o corpo, uma característica recorrente em animais pré-esquemáticos do Tejo. Este animal em específico apresenta algumas semelhanças com o cavalo da rocha 155 do Fratel, principalmente na forma como se representam os quartos traseiros. Em nada, esta representação demonstra o esquematismo da arte rupestre do Neolítico, Calcolítico e Idade do Bronze que é reconhecida por toda a Península Ibérica e considerada uma iconografia preferencialmente simbólica onde a maioria das representações se baseiam em caraterísticas que passam pela abstração esquemática.

O cervídeo da rocha 59 do Cachão do Algarve é um animal de grandes dimensões (60cm x 49cm) e que, assim como todos da rocha 155 de Fratel, apresenta o pescoço e a cabeça totalmente preenchidos com picotado. Ainda que este apresente o corpo completamente

preenchido, surge representado de perfil com a armação desenvolvida e os dois pares de membros em perspectiva. É morfologicamente semelhante ao cervídeo CAL54:12, ao bovídeo F103 M402:1 da cabra F200 M646:31, e do que parece ser um cavalo F24 M1529:4. No caso da rocha 54 do Cachão do Algarve, o cervídeo encontra-se sobreposto por várias figuras geométricas, nomeadamente, figuras ovais e circulares, algumas de grandes dimensões (Figura 8 e Figura 10). Ainda na rocha F155, o cervídeo F155:82 apresenta as hastes já um pouco mais em perfil notando-se, também, uma mudança na representação morfológica do mesmo comparando com os grandes cervídeos com divisões internas. Este, tem o corpo trapezoidal, mais alongado, mas mantém linhas internas como decoração. A tendência da representação dos animais segue esta forma. Passa para uma morfologia mais trapezoidal, alongada, cujo melhor exemplo se encontra na rocha 60 do Cachão do Algarve, mas cervídeos como o F155:62 ou o F155:41 já demonstram algumas características.

Na rocha CAL60, o cervídeo macho apresenta as seguintes características: grandes dimensões, corpo alongado em perfil com a representação dos membros inferiores e superiores e armação bem desenvolvida em perspectiva. De igual modo, apresenta o pescoço e a cabeça completamente preenchidos e apesar de estar bastante afetado por fraturas, nota-se que haveria algum tipo de preenchimento interno do corpo com representações de linhas. Apresenta semelhanças com a figura 62 da rocha 155 de Fratel, com a fêmea de cervídeo da rocha F45(3) M1355:1, o bovídeo da rocha F49(1)C:2 e o que também parece ser uma cerva da rocha AL64:20. Estes três animais têm em comum o dorso ovalado longo, o preenchimento do interior do corpo e dois deles têm representada a linha transversal (Figura 9).

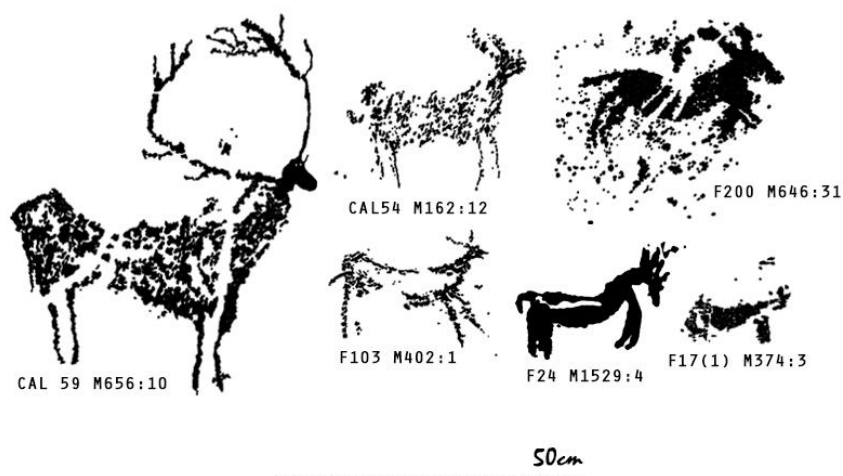


Figura 8: Semelhança morfológica entre o cervídeo da rocha 59 do Cachão do Algarve com o cervídeo CAL54:12, o bovídeo F103 M402:1 a cabra F200 M646:31, o que parece ser um cavalo F24 M1529:4 e a figura incompleta da rocha F17(1) M374:3.

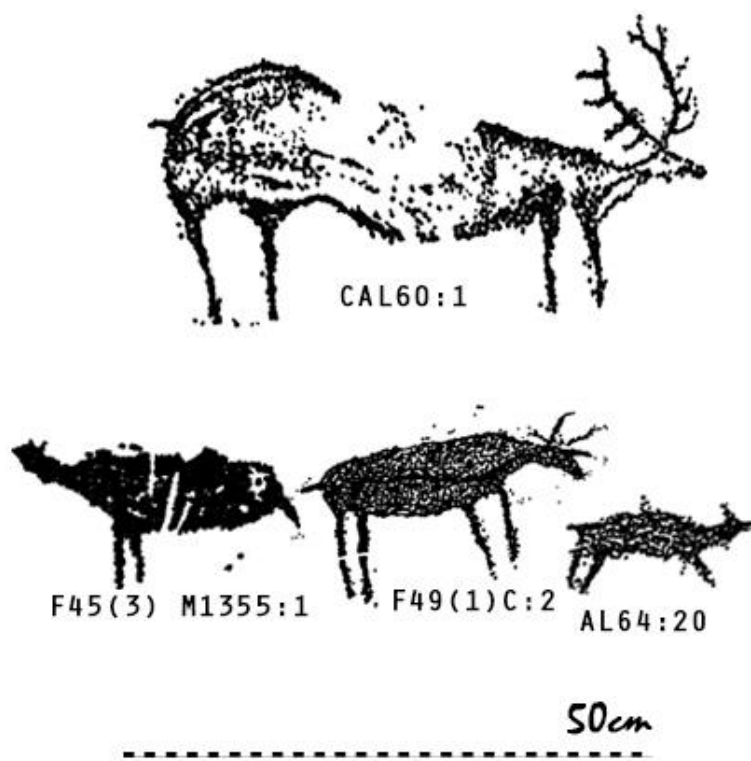


Figura 9: Semelhança morfológica entre o cervídeo da rocha 60 do Cachão do Algarve com a figura 62 da rocha 155 de Fratel, com a fêmea de cervídeo da rocha F45(3) M1355:1, o bovídeo da rocha F49(1)C:2 e o que também parece ser uma fêmea de cervídeo da rocha AL64:20.

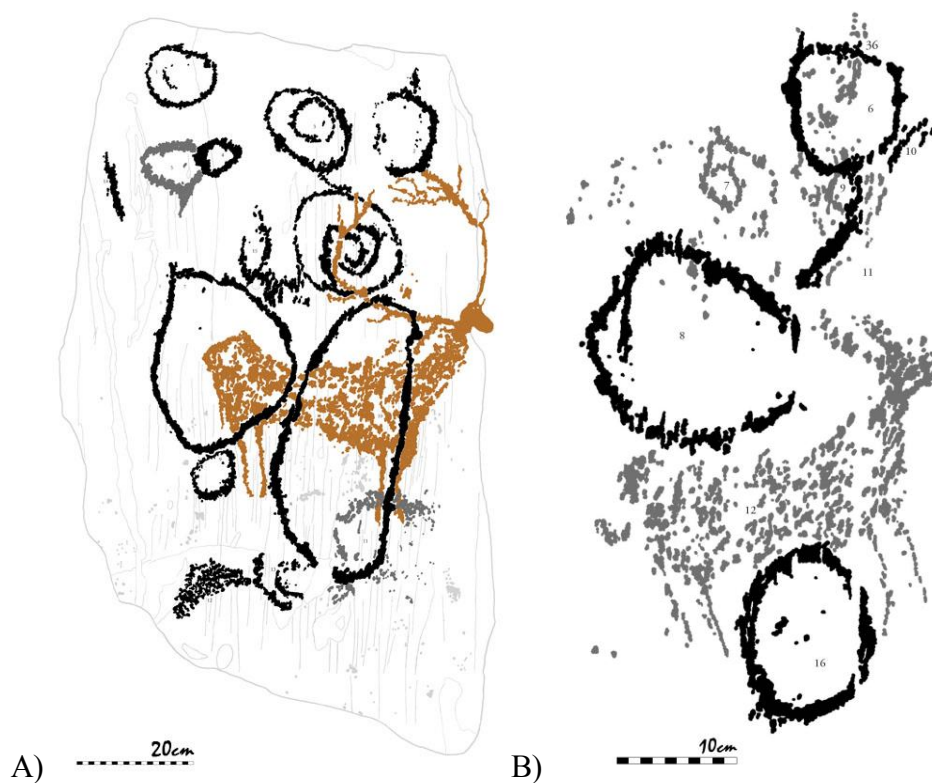


Figura 10: (A) Sobreposições da rocha CAL59 M656; (B) sobreposições de parte da rocha CAL54 M162.

A noção de perspectiva das hastes é importante nos zoomorfos pré-esquemáticos de cronologia mais recuada no Tejo. Esta é uma característica dos cervídeos da rocha F155 (em pelo menos 6 figuras) e do cervídeo da rocha 59 do Cachão do Algarve. Estende-se ainda a alguns cervídeos da rocha 49 do Fratel (F49:5, F49:7, F49:9, F49:12 e F49:14), ao cervídeo da rocha SS208(1):1 e da rocha 60 do Cachão Algarve. A perda de perspectiva nas hastes é, também, um sinal da mudança na representações destes animais e a partir daqui, para uma representação cada vez mais esquematizada totalmente em perfil, mais rectas e em forma de V. Os cervídeos da rocha 49 do Fratel apresentam forma do corpo bastante mais alongado com várias linhas transversais a decorar o interior do corpo. Acreditamos que esta rocha viveu pelo menos 5 episódios de gravação. O primeiro, com o conjunto de seis cervídeos de corpo comprido, ovalado e decorado internamente com linhas transversais (F49:13, 5, 8, 9, 15); o segundo, com os quatro pequenos cervídeos também de corpo ovalado, mas de tamanho bastante mais reduzido, mas que mantêm uma decoração interna de linhas transversais ou metade do corpo preenchido (F49: 12, 14, 6 e 10); o terceiro episódio de gravação com a pequena figura zoomorfa solitária na parte de baixo do painel (F49:17), cujo corpo ainda é de tendência ovalada, mas perde a decoração interna e não apresenta qualquer detalhe sobre a espécie que representa; o quarto episódio com a representação da figura já esquematizada de cervídeo no lado esquerdo do painel (F49:3) cujo dorso é mais reto, ainda que a zona do ventre ainda apresente uma forma ovalada mas já implicando um certo esquematismo; e o último episódio de gravação com o zoomorfo esquemático, figurado em perfeito perfil e reduzido a apenas linhas em toda a sua composição morfológica (F49:4). As restantes figuras esquemáticas do painel (círculo e manchas de picotado) poderão ter acompanhado tanto a figura F49:3 como a figura F49:4, ou até serem ainda posteriores. Sem qualquer tipo de sobreposição, esta definição temporal das figuras geométricas da rocha 49 é relativa. Três dos cervídeos do possível segundo episódio de gravação desta rocha (F49: 12, 14, e 6) encontram-se a sobrepor pelo menos dois dos cervídeos do primeiro momento de gravação (F49:13 e 7). Estes novos elementos foram também adicionando novos significados e dinâmicas de compreensão ao painel (ver figura 5 e 6 dos anexos do volume III). Os cervídeos da rocha 49 de Fratel que se encontram na base da estratigrafia figurativa encontram paralelos na cabra dinâmica da rocha F211B M1340:1, na cabra da rocha F51 M76:1, no cervídeo da rocha F52(1) M1365:2 e no zoomorfo da rocha F49 M78 (Figura 11).

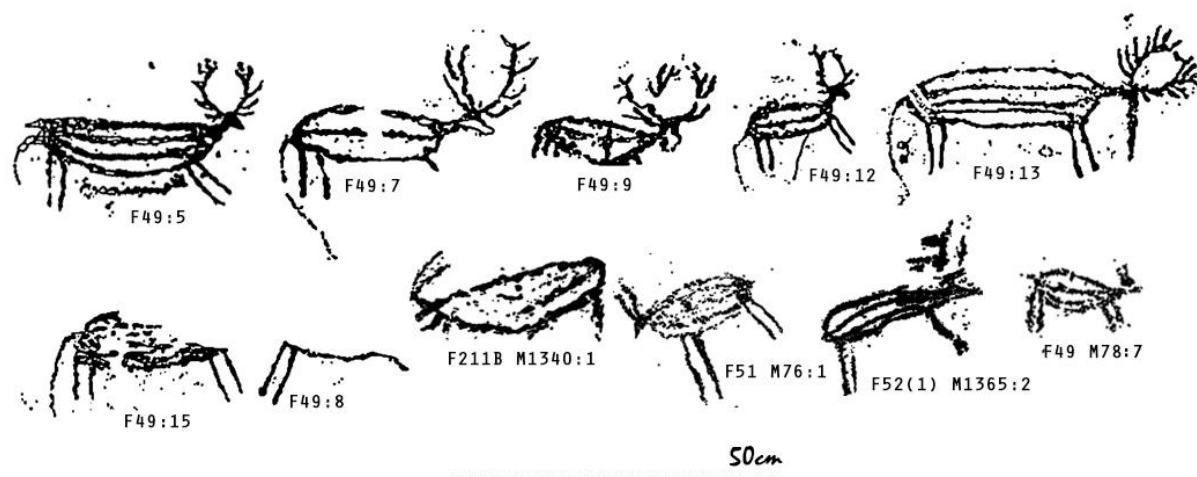


Figura 11: Semelhança morfológica entre alguns cervídeos da rocha 49 de Fratel e a cabra da F211B M1340:1, a cabra da rocha F51 M76:1, o cervídeo da rocha F52(1) M1365:2 e o zoomorfo da rocha F49 M78:3.

Destacam-se alguns detalhes das figuras da rocha 49 de Fratel: as figuras F49:7 F49:12, F49:13 e F49:15 apresentam caudas demasiado compridas, assim como o focinho da F49:13 que foi alterado para uma representação mais longa daquilo que é natural.

Relacionado com a perspetiva das hastes ainda associada a uma morfologia corporal ovalada, regista-se o cervídeo de corpo ovalado e relativamente preenchido da rocha SS208(1):1. Uma representação incompleta de cervídeo sendo que só a parte dianteira se encontra definida, ainda que a representação de uma cauda esteja presente, de pescoço largo e longo e patas dianteiras em forma de V invertido. Esta forma estranha de representar o animal com o prótomo bem detalhado e o resto do corpo disforme ou sem grandes detalhes é comum ao cervídeo F155:2 e ao cervídeo F8:14 ainda que a forma de retratar o corpo de cada um seja diferente. Semelhante à forma quase de “balão” do cervídeo da rocha SS208(1):1, regista-se a forma do corpo da figura OCR13:7 e OCR13:2 (Figura 12). Estas duas figuras seguem a mesma tendência do cervídeo do São Simão. No caso da figura OCR13:2 a parte dianteira do animal está relativamente bem definida (cabeça com orelhas, pescoço e patas dianteiras) enquanto que o corpo está representado através de uma forma oval larga. As patas traseiras e a cauda encontram-se ausentes. A figura OCR13:7 apresenta ainda menos detalhes anatómicos, sendo a forma do corpo “em balão” e a representação das patas traseiras as características mais proeminentes, parecendo, no seu todo, uma figura inacabada.

Ainda na mesma rocha, a figura OCR13:1, a maior figura animal do Tejo (118cm x 51cm) é estruturalmente semelhante a figuras como a CAL66 M660:12, CAL119C M1575C:7,

(figuras bem compridas, com os limites corporais bem definidos e demarcados) ou até mesmo na figura CAL57 M666:3 ainda que esta apresente uma dimensão corporal um pouco mais reduzida (Figura 13). A figura CAL66 M660:12 apresenta semelhanças com a grande figura do Ocreza na parte traseira e na representação das patas (as patas dianteiras em ambas as figuras estão ligeiramente encurvadas para a frente, provavelmente uma maneira de exibir movimento). A diferença entre as duas figuras recai no preenchimento do corpo, completo na figura do CAL66 e vazio na figura do Ocreza. Na figura da rocha CAL66, a ideia de movimento pode estar representada também pela posição da cabeça do animal, que parece olhar para trás. Esta característica tem paralelos nas figuras F29(1):5, SS81 M858:5 e SS44 M875:53. A representação morfológica dos animais passa, então, de uma tendência de forma alongada, preenchida ou não, para uma morfologia corporal um pouco mais reduzida. Apesar de ser uma forma ovalada, as dimensões dos animais tende a diminuir consideravelmente, ainda que se mantenha a curvatura das patas e em alguns casos, a noção de movimento e decoração interna.

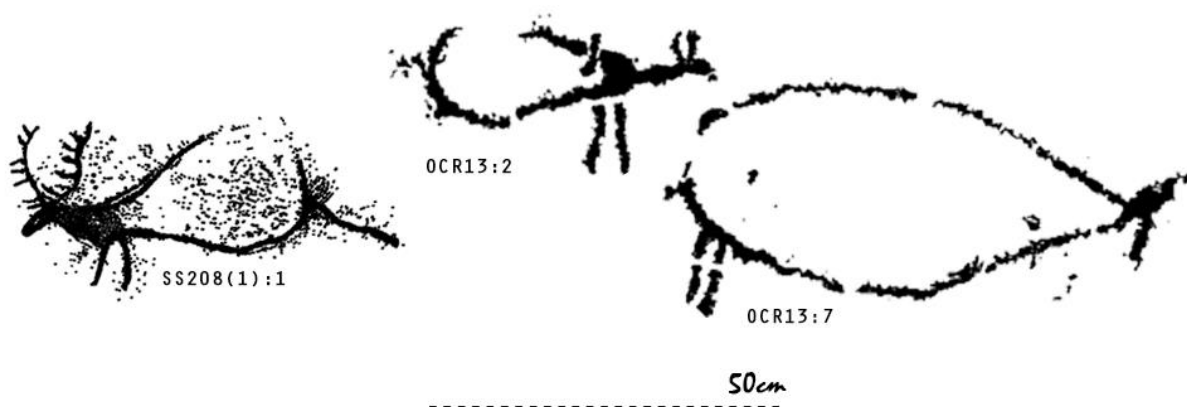


Figura 12: Semelhança morfológica entre o cervídeo da rocha SS208(1):1 e as figuras do Ocreza OCR13:2 e OCR13:7.

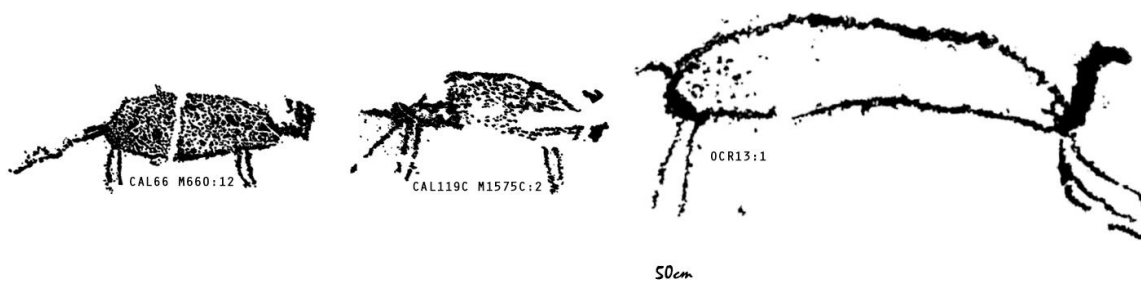


Figura 13: Semelhança morfológica entre o cervídeo da rocha CAL66 M660:12, CAL119C M1575C:2 e OCR13:1.

O que muda drasticamente é a representação das hastes ou cornos, que a partir desta etapa seguem uma tendência mais esquematizada, com as hastes dos cervídeos a serem representadas em V. Os melhores exemplares desta etapa de gravação são as figuras CAL66 M660:11, CAL61 M312:2 e CAL56:1 (sendo estes últimos os animais de dimensão mediana).

As figuras CAL61 M312:2 e CAL56:1 apresentam várias características em comum: a forma do corpo com a linha transversal a decorar, a forma das hastes (em V e ramificadas) e o facto de ambas se encontrarem sobrepostas por figuras esquemáticas (Figura 16). De tamanho ligeiramente reduzido, mas mantendo a forma ovalada, o cervídeo da rocha 56 do Cachão do Algarve apresenta uma das raras associações de animal com arma de arremesso que surge na arte do Tejo. Esta é uma representação complexa porque o animal é de grandes dimensões, figurado de pé e de perfil, com a armação desenvolvida em V e dois pares de membros figurados em perspetiva e com uma clara linha interior que atravessa todo o corpo. Todo o cervídeo encontra-se sobreposto por figuras esquemáticas e toda esta composição encontra-se dentro de um grande círculo. Encontra paralelos claros no cervídeo da rocha CAL61 M312:2. É bastante notório na arte do Tejo, animais e/ou antropomorfos cuja morfologia é semelhante, estarem relativamente na mesma zona do núcleo, ou seja, em rochas não muito longe uma das outras. Este aspeto é particularmente notório no núcleo do Fratel e Cachão do Algarve. Ao lado da representação do cervídeo da rocha 56 do Cachão do Algarve, surge um outro veado que em termos de *ideia* de representação é relativamente semelhante ao primeiro citado: figurado de pé, em perfil virado para a direita com os dois pares de membros e armação representados em perspetiva. No entanto, outras características diferenciam estes dois animais já que o segundo apresenta uma forma corporal bastante mais retangular que o primeiro, com a cabeça levantada na continuação da linha cérvico-dorsal, com um pescoço largo e uma cabeça totalmente preenchida. Um detalhe interessante recai na representação da boca que se encontra aberta e pela forma como todo o corpo está disposto, parece que este se encontra numa atitude de bramir (berro característico dos veados). Um aspeto importante relativamente à arte pré-esquemática representada no vale do Tejo, recai sobre a análise da representação de armas. Estas maioritariamente surgem espetadas no dorso de animais pré-esquemáticos, o que também seria um aspeto de representação de uma mentalidade de caçadores-recoletores.

A categoria "armas" surge num conjunto de figuras denominado de *Outros* onde se incluem figuras esquemáticas, mas também pré-esquemáticas, como é o caso das armas que se encontram espetadas no dorso de animais pré-esquemáticos. Estas surgem em apenas 4

rochas, distribuídas pelos 3 principais núcleos rupestres (Cachão do Algarve, São Simão e Fratel). São disso exemplo a associação de animais pré-esquemáticos e armas de arremesso nas figuras CAL56:1&21, F45(3) M1355:1&2, F49:12&19 e SS92:6&12 (Figura 14). Tanto as figuras CAL56:1&21 como SS92:6&12 encontram-se sobrepostas por figuras esquemáticas (Figura 15).

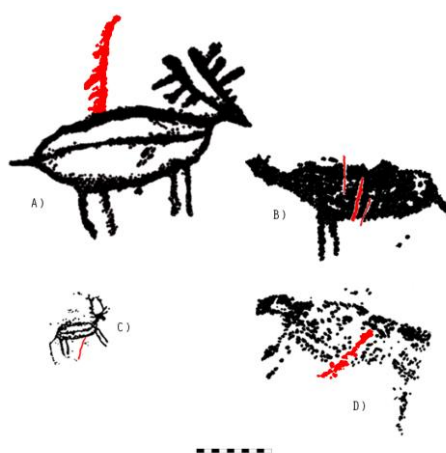


Figura 14: Representação de armas espetadas em animais pré-esquemáticos: A) CAL56:1&21; B) F45(3) M1355:1&2; C) F49:12&19 e D) SS92:6&12.



Figura 15: Representação das sobreposições da rocha 56 do Cachão do Algarve (adaptado de Gomes, 2010).

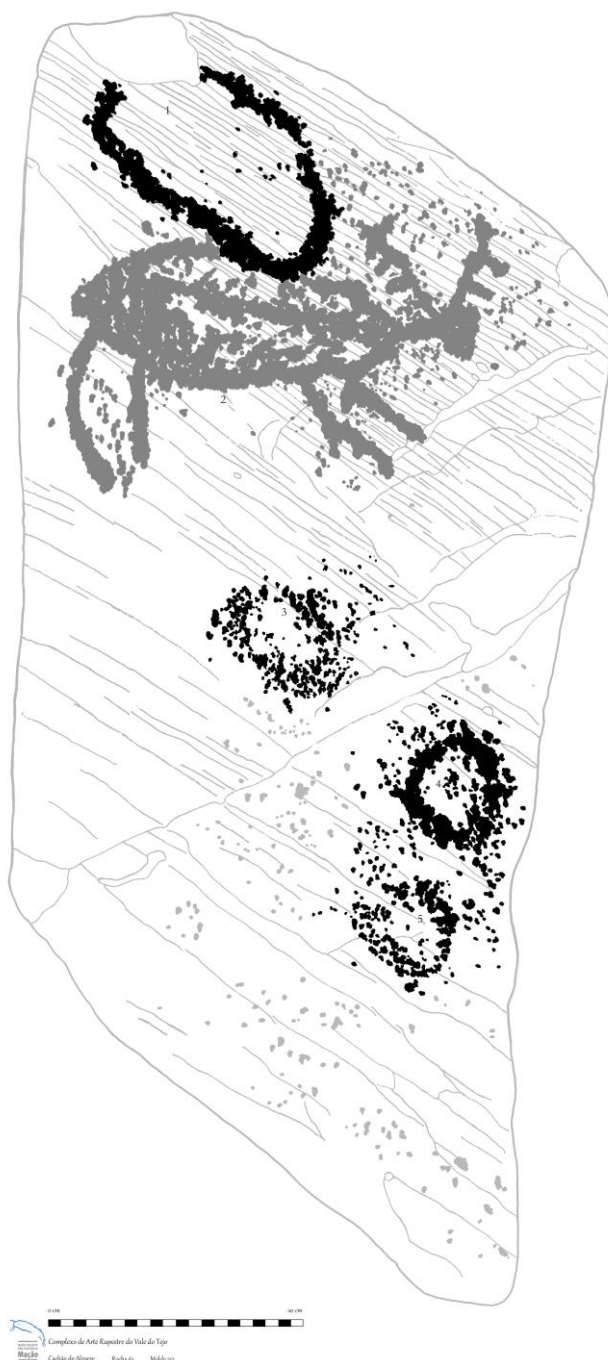


Figura 16: Representação das sobreposições da rocha 61 do Cachão do Algarve.

A partir da representação de cervídeos como o cervídeo central da rocha 56 e 60 do Cachão do Algarve, a tendência na representação da morfologia dos animais é evidente: reduzem drasticamente de tamanho, as hastes ou cornos são representados em perfil completo e depois de um pequeno grupo de figuras onde dinâmica e movimento ainda se encontram patentes. O corpo, em forma trapezoidal ou ovalado é preenchido com decoração e a tendência será para a não-decoração do interior corporal. Este pequeno grupo de figuras são, maioritariamente,

cervídeos e têm em comum a reduzida dimensão do corpo, o ventre arredondado, as patas tanto dianteiras como traseiras em perfil e a cabeça e pescoço totalmente preenchidos. São exemplos as figuras CHVJ7, CHVJ3:1, CAL4 M521:1,2, SS158:2, CHVJ6:3, F29(1):7, CHVM3B:4, CHVM3C:1, CHVM3C:2, CHVM3C:3, CHVM3E:1, CHVM3E:2, CHVM3E:3, CHVM3E:4, AL6 M1041:1, AL36(2):1, F39 M96:1 e F111 M5:1 (Figura 17). As figuras CAL4 M521:1,2 parecem retratar cervídeos macho e fêmea numa atitude de pré-acasalamento. O dimorfismo sexual é patente na diferença de tamanho e volume do primeiro animal em relação ao segundo. Estas figuras são extremamente raras no vale do Tejo, mas encontram um paralelo no comportamento na rocha F45(1):2,3 onde o que parecem ser dois canídeos (lobos/cães) representados, também se encontram numa atitude de pré-acasalamento. A figura SS158:2 é única em todo o vale do Tejo. Trata-se de um cervídeo com armação muito desenvolvida e o que diferencia este animal é a perspetiva da sua gravação, como se o animal estivesse de costas, a $\frac{3}{4}$. É um cervídeo de pequenas dimensões e ainda se nota a linha transversal que atravessa o corpo além do preenchimento total do interior do mesmo. Os cervídeos da rocha Chão da Velha Montante 3E apresentam uma dinâmica muito grande e estão representados como se estivessem a correr, assim como o pequeno corço AL36(2):1.

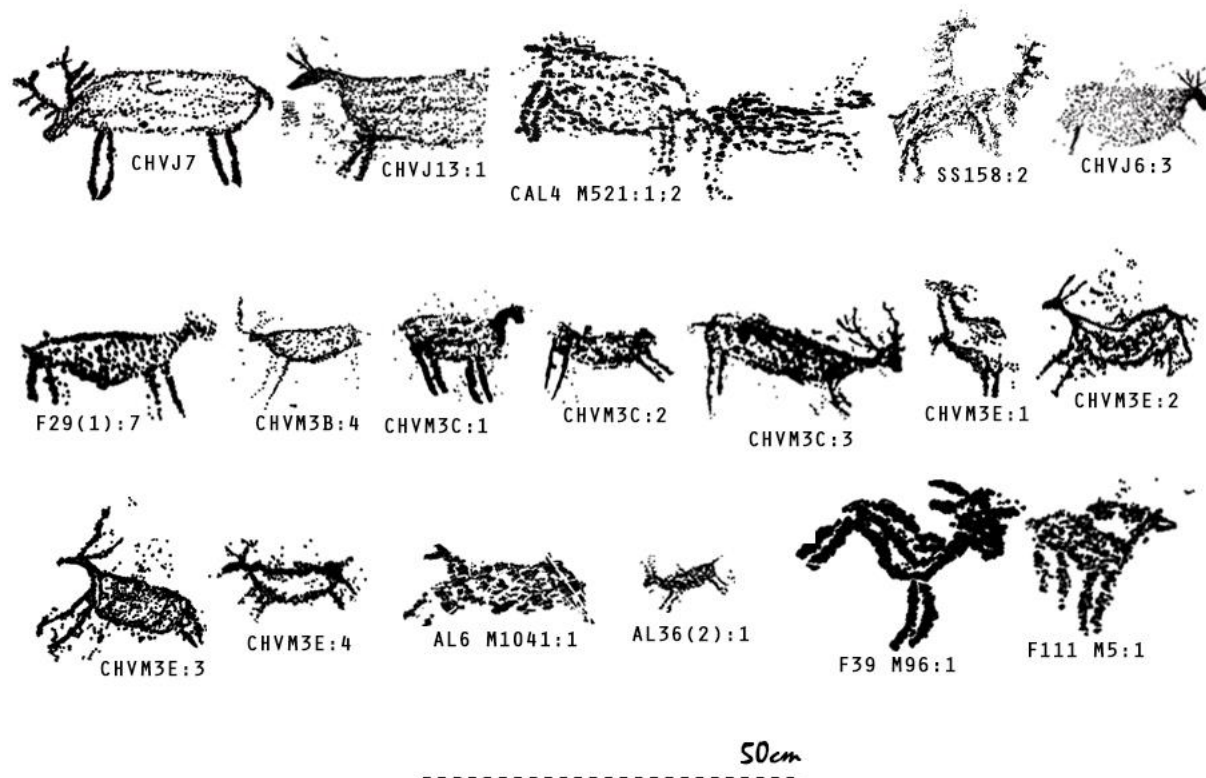


Figura 17: Representação das figuras de animais CHVJ7, CHVJ3:1, CAL4 M521:1,2, SS158:2, CHVJ6:3, F29(1):7, CHVM3B:4, CHVM3C:1, CHVM3C:2, CHVM3C:3, CHVM3E:1, CHVM3E:2, CHVM3E:3, CHVM3E:4, AL6 M1041:1, AL36(2):1, F39 M96:1 e F111 M5:1.

Deste conjunto encontram-se sobrepostos por figuras geométricas a figura CHVJ6:3. Destacam-se as figuras do sítio do Chão da Velha que seguem duas tendências diferentes: os animais ou são representados em grupos como nas rochas CHV3C, CHV3B e CHV3E ou completamente isolados como é o caso das figuras CHVJ6, CHVJ7 e CHVJ13 (Figura 18).

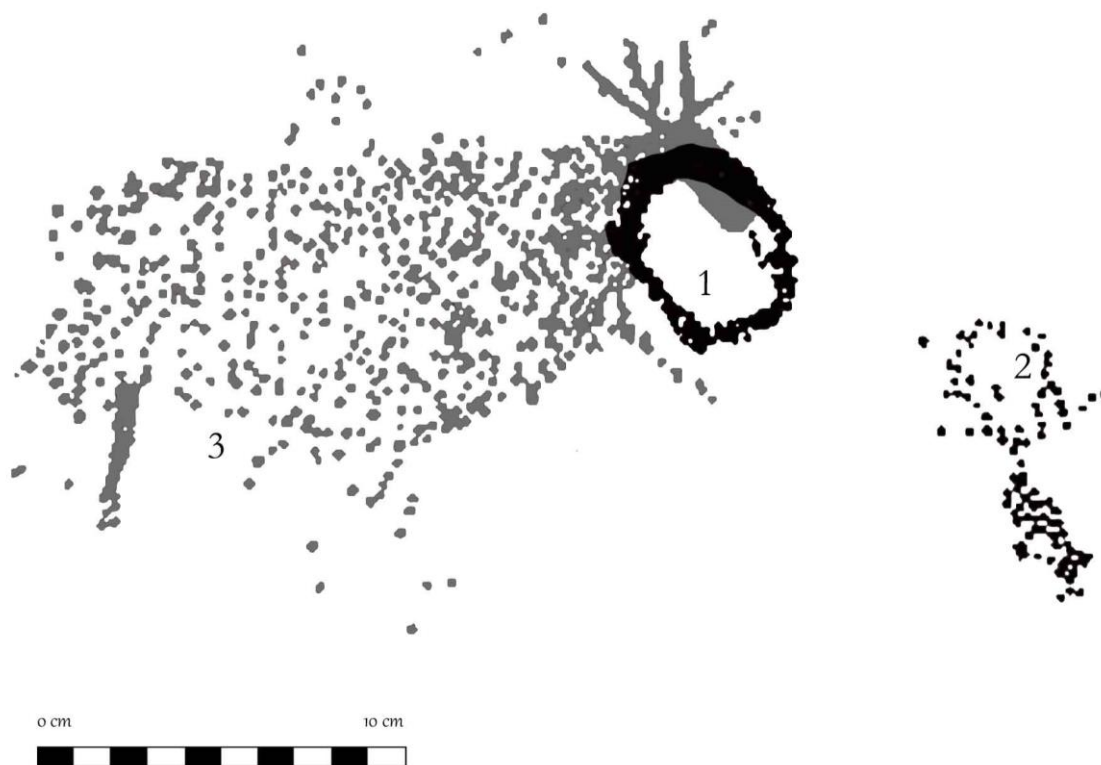


Figura 18: Sobreposição entre o cervídeo da rocha CHVJ6 e figura esquemática.

A partir destas representações, os animais seguem a mesma tendência morfológica, mas com decoração interior diminuta. O dinamismo é patente principalmente na representação das patas com movimento e nas cabeças (com alguns animais a olhar para trás). Em comum, mantem-se o preenchimento completo da cabeça e pescoço e a forma ovalada do dorso. O único animal que mesmo seguindo estas premissas corporais não apresenta a cabeça nem o pescoço preenchidos, é a representação de javali F127:3. Esta é a única figura do vale do Tejo que é representada apenas em contorno, incluindo a cabeça e o pescoço. A propensão será, a partir deste ponto, para a representação dos animais de modo um pouco mais achatado, de forma oval e sem preenchimento no seu interior. Neste conjunto encontram-se as figuras SS81 M858:5, F71 M65:1, F127:3, F211A M1343:2, SS44 M875:53, LB37:9, LB37:7, SS92 M909:6, SS56C M765:4, F94:6, CAL69A:10, AL43 M118:3, AL45 M1119:1 e F49:17, OCR/PRC10 e CHVJ11:1 (Figura 19).

A cabeça e o pescoço continuam a ser completamente preenchidos e alguns animais apresentam alguns detalhes como orelhas, cornos e até o tornozelo (no caso da figura SS81 M858:5). A figura SS92 M909:6 tem uma arma espetada no dorso. A figura F49:17 faz parte, acreditamos, do terceiro episódio de gravação da rocha F49 (ver figura 6 dos anexos do volume III). OCR/PRC10 e CHVJ11:1 serão das últimas representações de animais do Tejo que ainda apresentam a linha transversal no corpo como decoração interna.

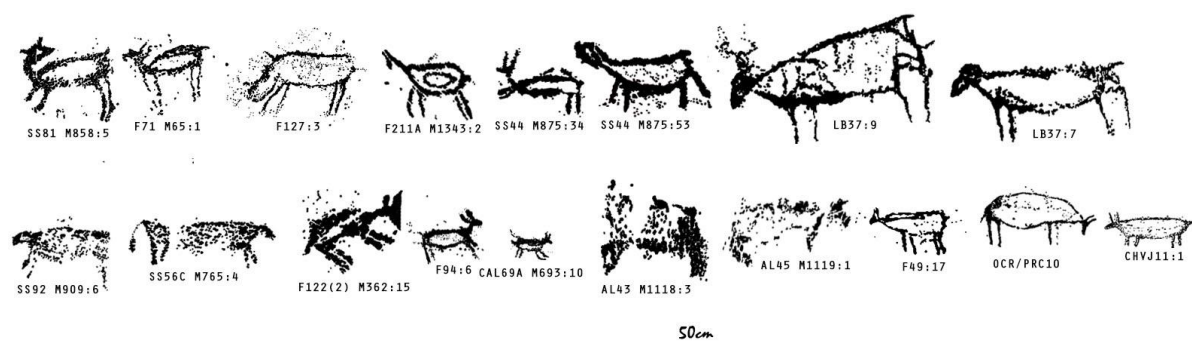


Figura 19: Representação das figuras SS81 M858:5, F71 M65:1, F127:3, F211A M1343:2, SS44 M875:53, LB37:9, LB37:7, SS92 M909:6, SS56C M765:4, F94:6, CAL69A:10, AL43 M1118:3, AL45 M1119:1 e F49:17, OCR/PRC10 e CHVJ11:1.

A cada vez maior perda de decoração interna acentuar-se-á com a representação de zoomorfos de corpo cada vez mais oval com tendência para o circular e sem decoração interna. Os de maiores dimensões são os únicos dois cervídeos gravados no sítio do Gardete (G22D M1605:1 e G24:5). O resto do conjunto de zoomorfos representados segundo estes critérios morfológicos, apresentam também alguma perda de detalhes anatómicos e, nos cervídeos, as hastes são representadas em V completo (caso da figura CAL56:2) e nos bóvidos, em arco, de perfil, como na figura CAL6B M725:8. Fazem parte deste conjunto animais como as figuras F140:1, F102 M13:1, F155:80, AL6B:1, AL38 M1007:1, CAL56A M166:4, CAL57 M644:3, CAL56:2, CAL99 M159:7, SS43 M721:8, CAL6B M725:8, CAL23 M157:5, SS56C M765:1, SS119A M953:8, CHVM3A:5, CHVM3B:2, CHVM3B:3, CHVM6:4, CHVM6:21 e os possíveis cervídeos do Ocreza OCR16:1 e 2 e OCR13:8 (Figura 20). A figura OCR16:2 poderá ser das últimas representações de animais que ainda exibe a linha transversal no ventre como decoração interior. Apesar deste conjunto de figuras ainda apresentar um certo dinamismo, a perda de detalhes é significativa em algumas figuras já acusando um certo esquematismo na sua morfologia. As figuras CAL99 M159:7, SS43 M721:8, CAL6B

M725:8, F140:1 e SS119A M953:8 encontram-se sobrepostas por figuras geométricas (Figura 21, Figura 22, Figura 23, Figura 24 e Figura 25).

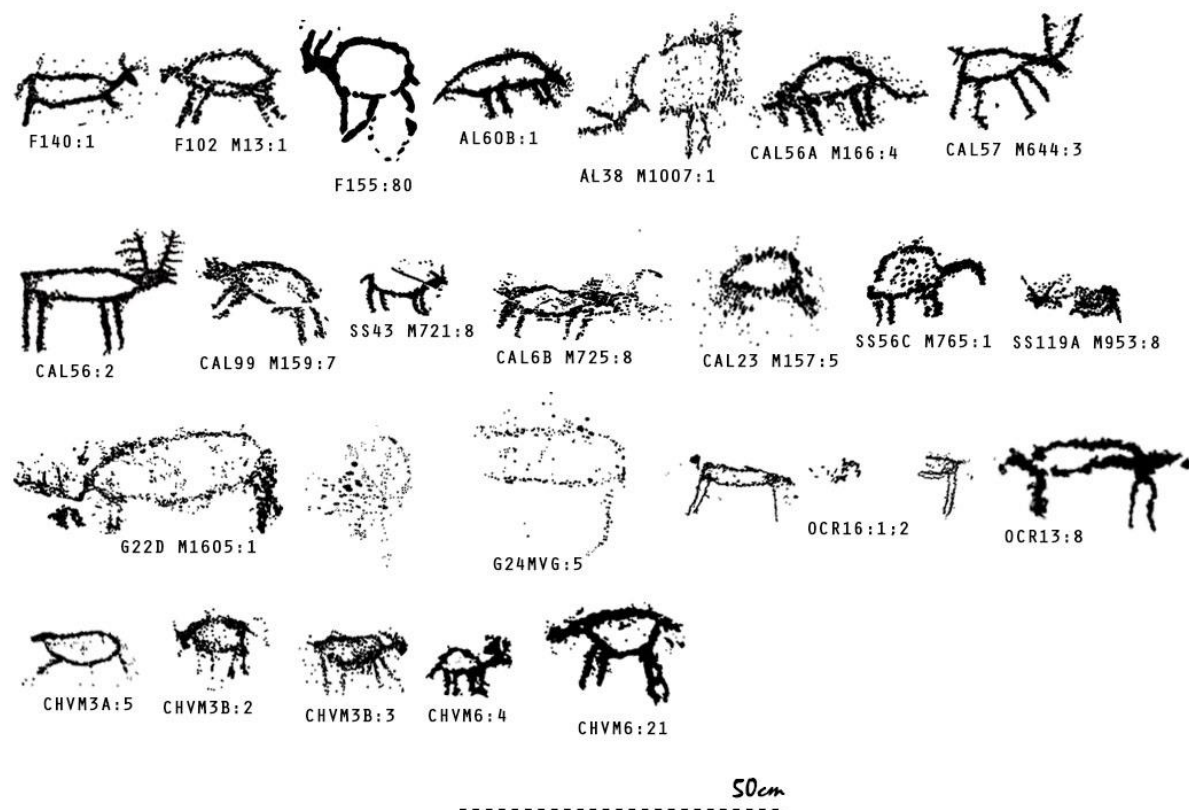


Figura 20: Representação das figuras F140:1, F102 M13:1, F155:80, AL6B:1, AL38 M1007:1, CAL56A M166:4, CAL57 M644:3, CAL56:2, CAL99 M159:7, SS43 M721:8, CAL6B M725:8, CAL23 M157:5, SS56C M765:1, SS119A M953:8, G22D M1605:1, G24:5, OCR16:1 e 2, OCR13:8, CHVM3A:5, CHVM3B:2, CHVM3B:3, CHVM6:4 e CHVM6:21.

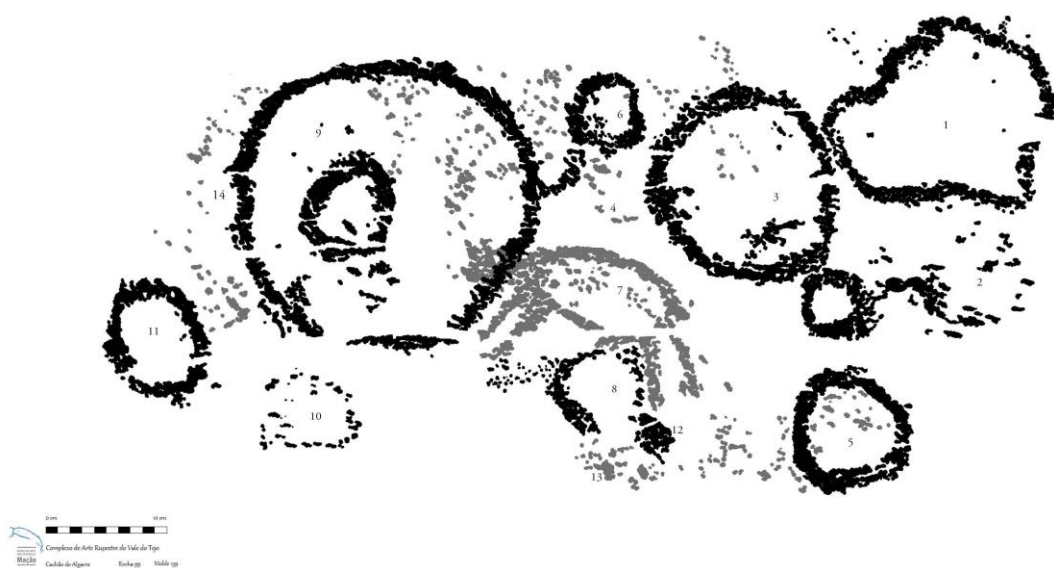


Figura 21: Representação das sobreposições da rocha CAL99 M159.



Figura 22: Representação das sobreposições da rocha SS43 M721.



Figura 23: Representação das sobreposições da rocha CAL6B M725.

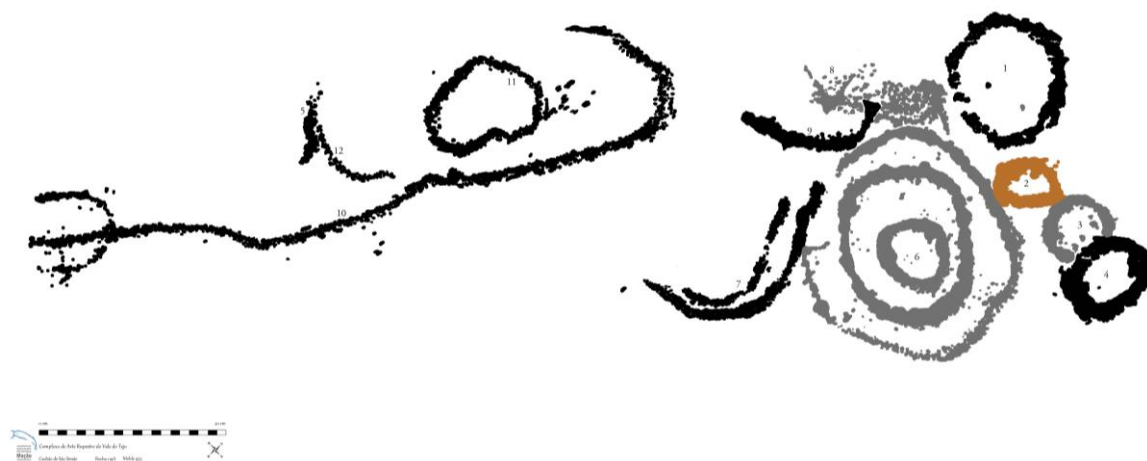


Figura 24: Representação das sobreposições da rocha SS119A M953.



Figura 25: Representação das sobreposições da rocha F140 (adaptado de Gomes, 2010).

O último conjunto de figuras pré-esquemáticas, acreditamos ser já da transição para o esquematismo. Apresentam-se morfologicamente mais pequenas, completamente preenchidas e com as hastes ou cornos em representação espalmada, em perfil absoluto. Ainda que algumas figuras apresentem algum tipo de dinamismo, como a F29(1):5, F92 M39-22:1, as duas figuras F45(1):2;3, a F96(1) M1575:1 ou a F37 M101:5, a tendência será para a cada vez maior esquematização da sua morfologia, perda de dinâmica e representação de movimento. Fazem parte deste conjunto as figuras F29(1):5, F92 M39-22:1, F45(1):2;3, F29(1):9, F96(1) M1575:1, F37 M101:5, F36 M102:1, F174:1, F175 M1532:14, F94:9, SS233 M975:5, F94:7, F140:4, SS199-200-201-202:46, SS193:3, SS199-200-201-202:41, SS194-195 M1217:2, CAL67A M240:2, CAL3:1, LB37:2, FIC39 M1461:8, CAL57 M644:4, CHVJ10:4, CHVJ10:6 e CHVM3A:4 (Figura 26). As figuras F45(1):2;3 e CAL67A M240:2 estão sobrepostas por figuras esquemáticas (Figura 27 e Figura 28).

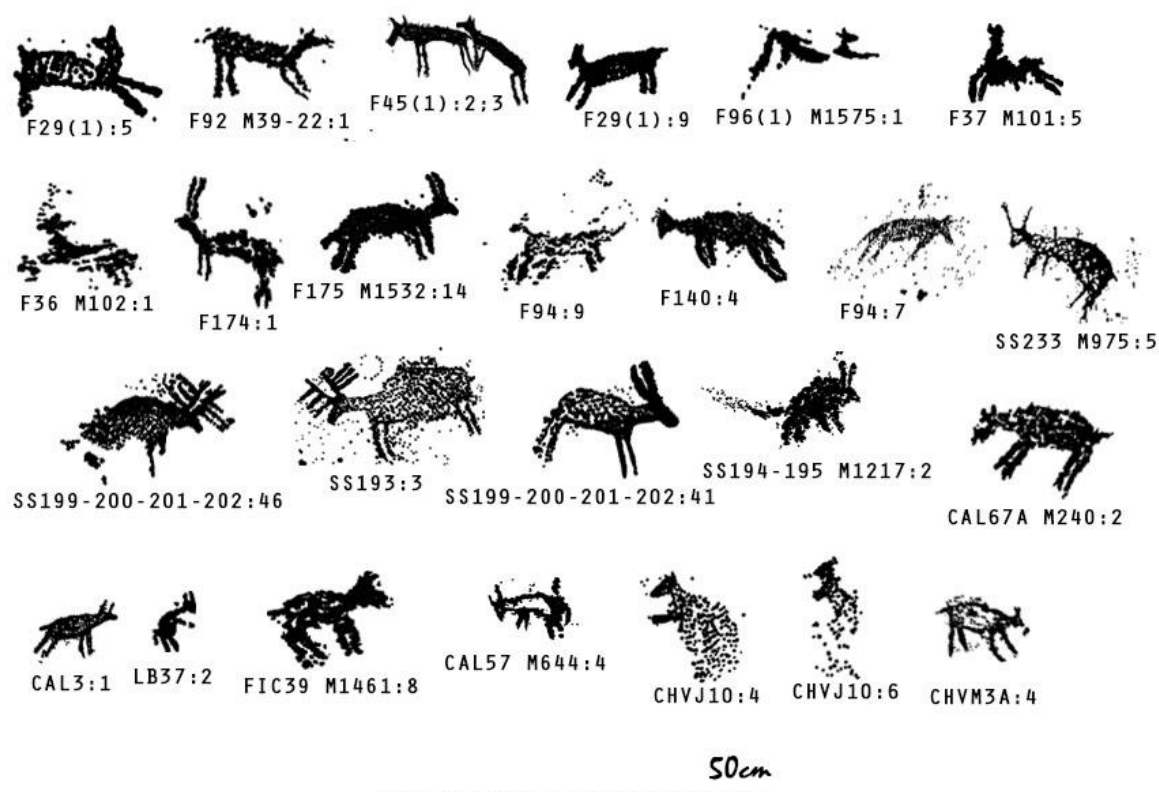


Figura 26: Representação das figuras F29(1):5, F92 M39-22:1, F45(1):2;3, F29(1):9, F96(1) M1575:1, F37 M101:5, F36 M102:1, F174:1, F175 M1532:14, F94:9, SS233 M975:5, F94:7, F140:4, SS199-200-201-202:46, SS193:3, SS199-200-201-202:41, SS194-195 M1217:2, CAL67A M240:2, CAL3:1, LB37:2, FIC39 M1461:8, CAL57 M644:4, CHVJ10:4, CHVJ10:6 e CHVM3A:4.



Figura 27: Representação das sobreposições da rocha F45(1) (adaptado de Gomes, 2010).

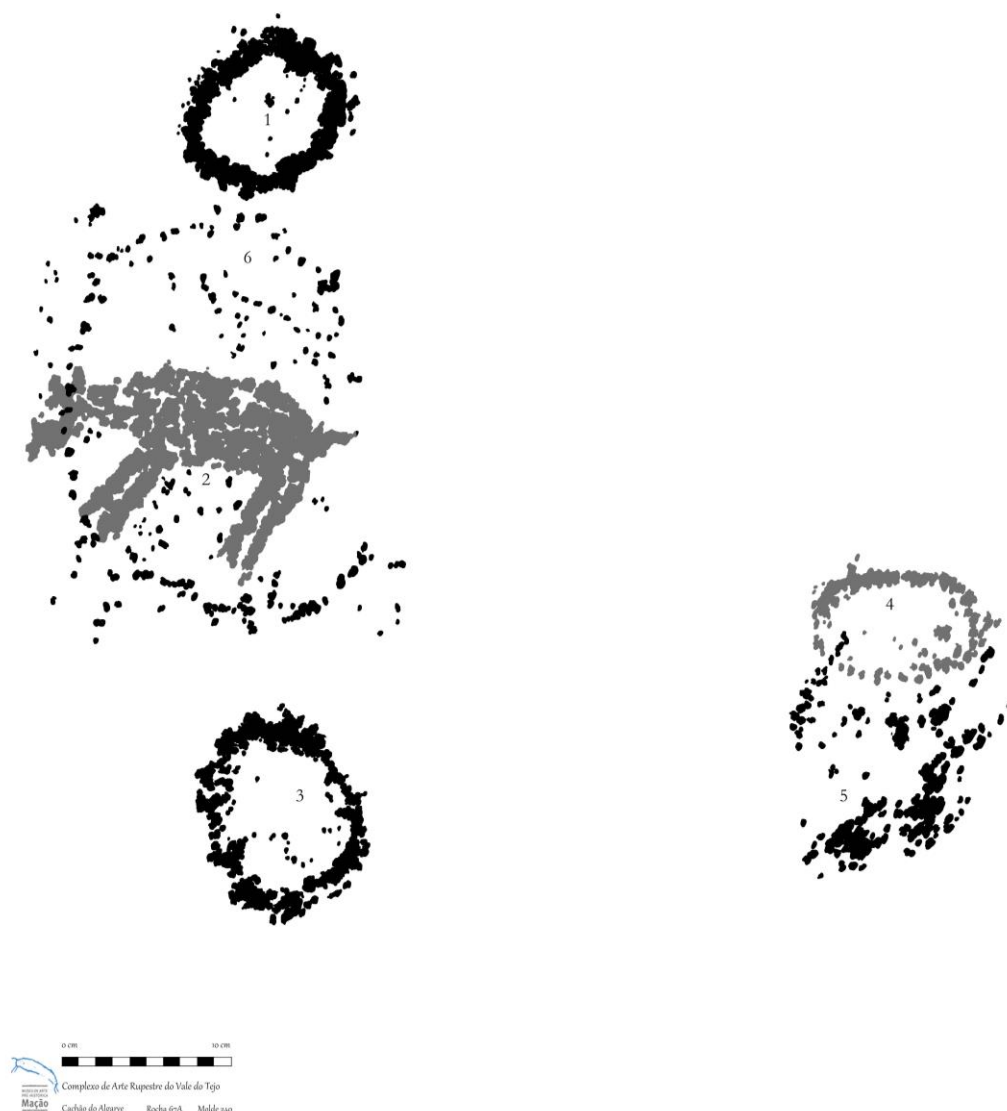


Figura 28: Representação das sobreposições da rocha CAL67A.

Algumas destas figuras pré-esquemáticas podem ser comparadas com outros sítios peninsulares. Por exemplo, comparando com algumas figuras do Vale do Côa, a figura CAL25:1 apresenta semelhanças na parte da cabeça e pescoço com a figura da rocha 14 da Canada do Inferno e no corpo com uma figura da rocha 12 também da Canada do Inferno. As cabeças de cervídeo das rochas F155 e A136A do Tejo encontram paralelos com figuras da rocha 10D da Penascosa, a figura SS81 M858:8 apresenta uma morfologia, atitude e pormenores anatómicos semelhantes ao grande cervídeo da rocha 1 de Vale de Cabrões e a figura F140:1 apresenta muitas semelhanças com as cabras da rocha 36 da Canada do Inferno que são remetidas para uma possível cronologia dos inícios do Holocénico (Baptista, & Gomes, 1997:217; 252) (Figura 29 e Figura 30).

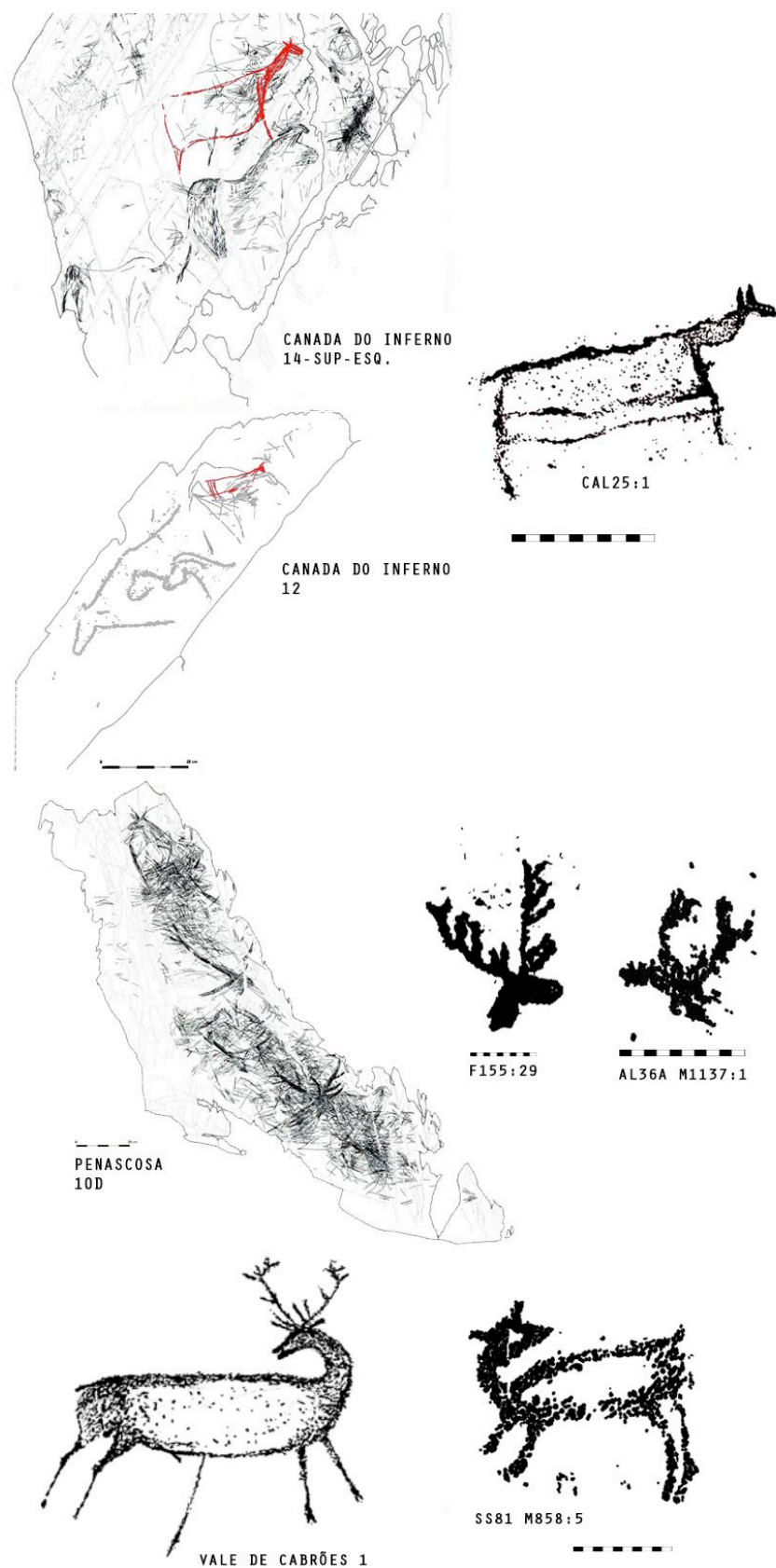


Figura 29: Comparação entre algumas figuras do vale do Côa (à esquerda) (adaptado de Baptista & Gomes, 1997; Baptista, 2009) com algumas figuras do vale do Tejo pré-esquemáticas (à direita).

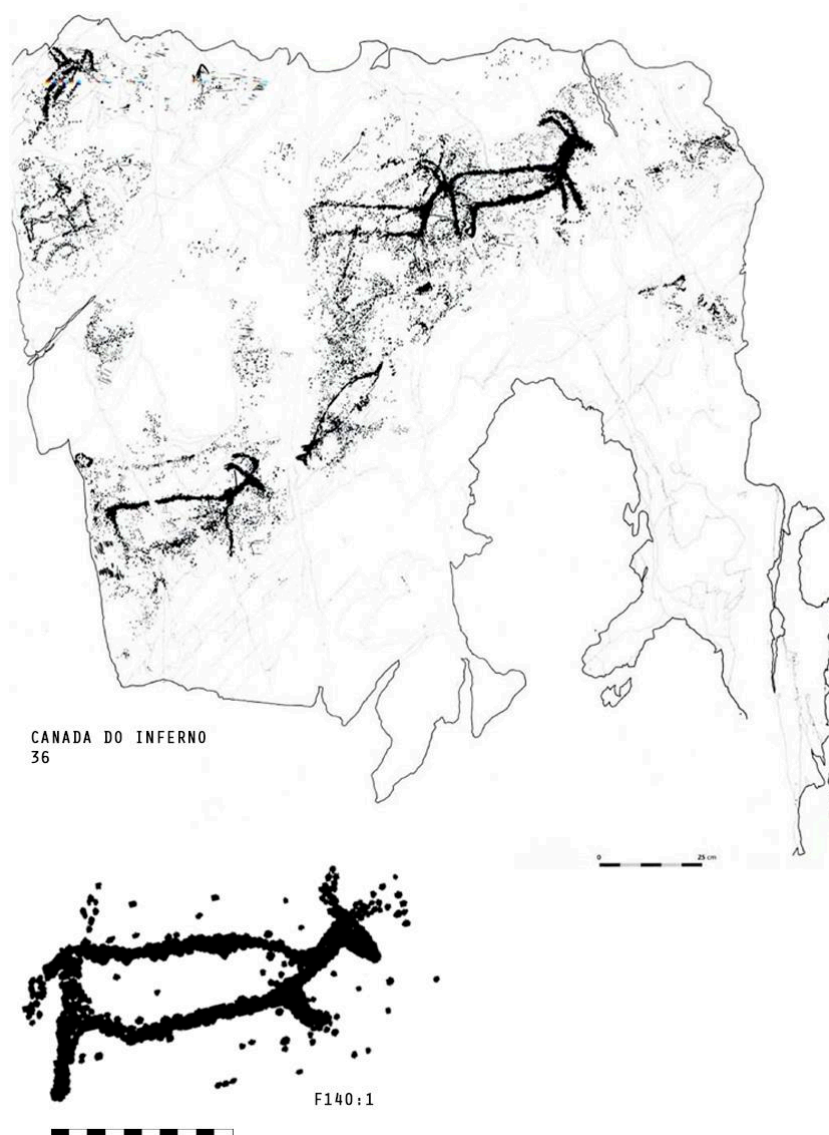


Figura 30: Comparação entre as cabras da rocha 36 da Canada do Inferno (adaptado de Baptista & Gomes, 1997) com a figura 1 da rocha 140 do Fratel.

No caso do cervídeo da rocha 1 de Vale de Cabrões, ainda que de início este tivesse sido considerado de cronologia paleolítica (Reis, 2011) foi, pouco mais tarde, considerado de cronologia Epipaleolítica (Reis, 2013). Ainda em relação ao Côa, vários autores defendem que a figura antropomórfica e as figuras zoomórficas pintadas do abrigo 3 da Faia (vale do Côa) deveriam ser consideradas pré-esquemáticas. As características que os antropomorfos apresentam, mostram que estes são mais naturalistas do que as tipologias de figuras da arte rupestre esquemática (Collado Giraldo & García Arranz, 2009). Também comparam morfologicamente esta figura ao antropomorfo de cores negras da Cueva Palomera em Ojo Guareña, Burgos (Bueno, Balbín & Alcolea, 2009) cujas datações diretas apontam para uma

cronologia de $11\,540 \pm 100$ BP (Corchón *et al.* 1996). O antropomorfo do abrigo 3 da Faia é também morfologicamente semelhante aos antropomorfos gravados do painel principal do abrigo de Barranco Hondo de Castellote considerados de tipo levantino (Utrilla & Villaverde 2004 *apud* Viñas, Rubio & Ruiz, 2012). As hastes do contorno de cervídeo de cor negra, cuja cronologia por datação direta dá um resultado de $11\,540 \pm 100$ BP (Corchón *et al.* 1996) são semelhantes às hastes do cervídeo da rocha 59 do Cachão do Algarve e, igualmente, as hastes e o corpo do outro cervídeo que data de $10\,950 \pm 100$ BP (Corchón *et al.* 1996) é semelhante à morfologia do cervídeo da rocha 50 do Cachão do Algarve (Figura 31).

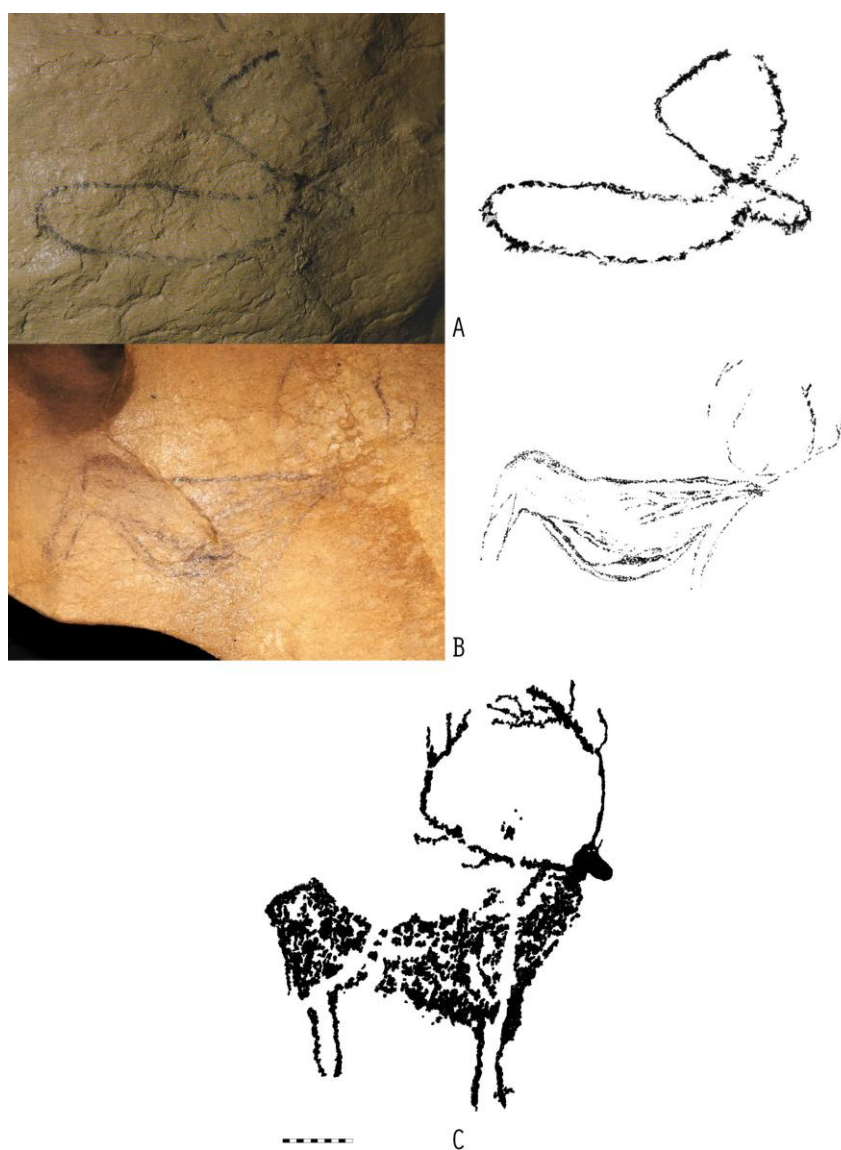


Figura 31: Comparação entre os dois cervídeos da Cueva Palomera (Ojo Guareña, Burgos) e o cervídeo da rocha 59 do Cachão do Algarve. A) (Ortega Martínez & Martín Merino, 2013; Corchón *et al.* 1996); C) Cervídeo da rocha 59 do Cachão do Algarve.

Em território nacional, podemos comparar as figuras do Abrigo Faia D'Aia (São João da Pesqueira) com algumas figuras pré-esquemáticas do Tejo. A Fraga D'Aia é um pequeno abrigo granítico que apresenta dois painéis com pinturas esquemáticas localizado numa pequena plataforma sobranceira ao rio Távora. Pelo material arqueológico encontrado nas sondagens efetuadas (duaslareiras, pedra lascada e polida e cerâmica) os autores referem uma ocupação dos finais do III milénio a início do II milénio a.C. (Jorge *et al.* 1988; Martins, 2014). No entanto, o acervo de arte rupestre é constituído por dois grupos de figuras (Figura 32): o primeiro foi interpretado como sendo uma cena de caça com a representação de uma figura antropomórfica (possivelmente armado com um arco) e um cervídeo de longas hastes (figura em perspetiva distorcida), naquilo que os autores definiriam como “estilo muito próximo do subnaturalismo”. Admite-se que a figura humana apresenta um certo dinamismo, o que confere à cena características de movimento. O segundo grupo de figuras do abrigo é igualmente compreendido na mesma fase do primeiro grupo de imagens, sendo este representado por “um pequeno, mas variado leque de motivos antropomórficos, agrupados ou não entre si, dois dos quais associados a um quadrúpede” (Jorge, Baptista, Sanches, 1988)



Figura 32: Decalque das pinturas do abrigo de Fraga D'Aia (Jorge et al., 1988^a).

Alguns destes antropomorfos apresentam-se também com aspeto mais naturalista e outros já de carácter completamente esquemático. Já na sua notícia preliminar, admitia-se que “(...) as pinturas mais naturalistas da Fraga D'Aia não têm paralelo estilístico com quaisquer outras dos nossos abrigos da região (...) e apresentam até ao momento um carácter bastante original,

facto que se deve ao seu dinamismo quase “levantino”(…) (Jorge *et al.* 1988). Analisando estas figuras, não se consegue deixar de comparar estilisticamente o grande cervídeo de Fraga D’Aia com o cervídeo da rocha 155 de Fratel (F155:17) e os antropomorfos considerados mais naturalistas como o antropomorfo do abrigo 3 da Faia, no Côa (Figura 33). Estas comparações e hipótese de uma cronologia pré-esquemática já têm sido publicadas (Collado-Giraldo, García-Arranz, 2009).



Figura 33: Comparação estilística entre figuras: A) cervídeo virado ao contrário da rocha 155 do Fratel; B) cervídeo de Fraga D’Aia (adaptado de Jorge *et al.* (1988^a); C) detalhe do segundo conjunto de figuras de Fraga D’Aia com pormenor de figuras antropomórfica naturalistas e zoomorfo (adaptado de Jorge *et al.* (1988^a); D) figura antropomórfica do abrigo 3 da Faia (Côa) (Baptista, 1999; Luís, 2008); E) figuras de bovídeos do abrigo 1 da Faia (Côa) (Baptista, 1999).

Na Extremadura espanhola alguns casos surgem como exemplo. Esta região sempre foi uma das zonas que mais exemplares contém para a consideração de um período pré-esquemático ocidental peninsular (Collado-Giraldo, 2004, 2006; Collado-Giraldo & García-Arranz, 2009, 2012) (Figura 34). Um dos exemplos mais paradigmáticos é o cervídeo do painel principal do Abrigo del Castillo no Parque Nacional de Monfragüe, em Cáceres. Trata-se de uma figura de 19,4 cm de comprimento orientada à esquerda e realizada em tinta plana bastante erosionado de cor acastanhada.

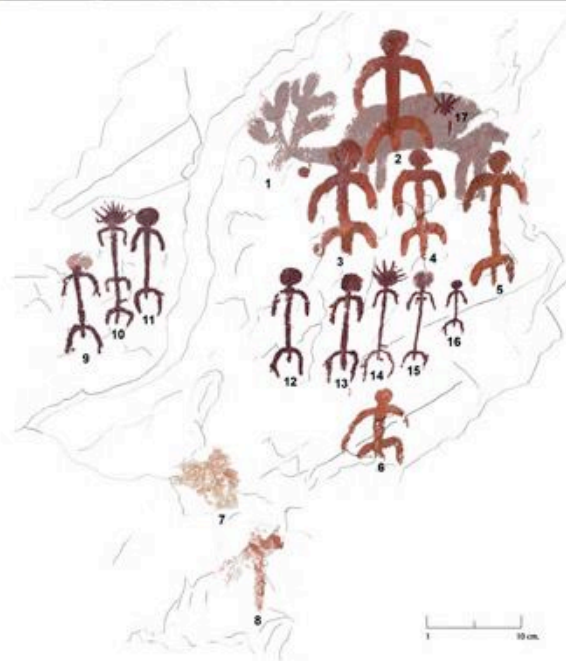


Figura 34: Painel 8 do Abrigo del Castillo no Parque Nacional de Monfragüe, em Cáceres. Sobreposição clara de antropomorfos tipicamente esquemáticos e cervídeo subnaturalista. Foto: Hipólito Collado Giraldo; Decalque: Collado & García, 2015.

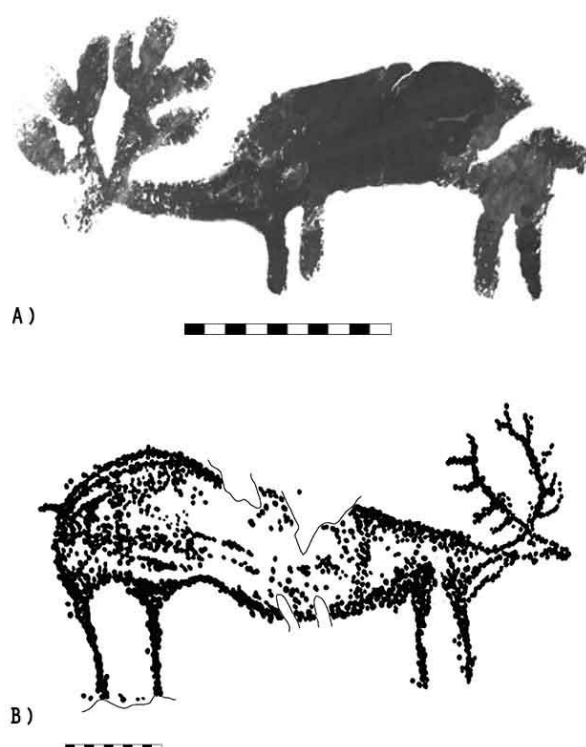


Figura 35: Comparação morfológica entre o cervídeo do painel 8 do Abrigo del Castillo com cervídeo virado ao contrário da rocha 60 do Cachão do Algarve (vale do Tejo).

Este cervídeo apresenta uma armação bastante desenvolvida em perspectiva assim como os dois pares de membros. A partir da cabeça, a figura prolonga-se num traço curvado, num pescoço longo até terminar num corpo ovalóide e completamente preenchido por pigmento. A figura encontra-se claramente sobreposta por dois dos antropomorfos de traço grosso de pigmento alaranjado, por uma pequena figura radiada e uma pequena linha vertical realizados em traço fino e com um pigmento de tonalidade avermelhada semelhante à cor de outros antropomorfos que estão presentes no mesmo painel (Collado Giraldo & García-Arranz, 2009). De registar a semelhança entre o veado do Abrigo del Castillo com o cervídeo da rocha 60 do Cachão do Algarve, um animal que é apontado para uma cronologia pré-esquemática na arte do Tejo (Figura 35).

H. Collado Giraldo & J.J. García-Arranz citam ainda outros trabalhos nas Sierras Gienenses (abrigo de la Tabla de Pochico em particular) como exemplo de figuras de animais com estas características (figuras levantinas) que se encontram sobrepostas por figuras esquemáticas (Figura 36). Estas figuras evidenciam paralelos com figuras do Tejo por exemplo, e que foram interpretadas como “(...) *respuesta a influjos foráneos a la zona gienense provenientes*

posiblemente de focos albacetenses a través del norte de la Sierra de Segura.” (Soria Lerma & López Payer, 1999; Collado Giraldo, 2006).

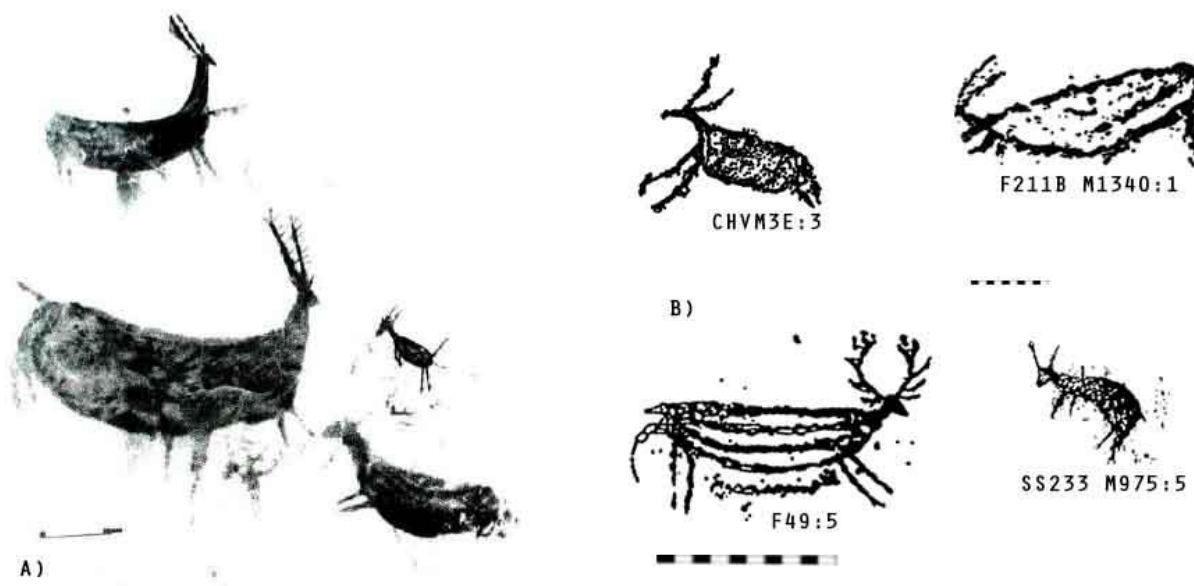


Figura 36: Comparação morfológica entre figuras levantinas das Sierras Gienenses (abrigo de la Tabla de Pochico) (Collado, 2006) e figuras zoomórficas do vale do Tejo.

No abrigo Paso de Pablo (Villuercas, Cáceres) surge um painel cuja evolução técnica e estilística documenta uma série de três momentos de representação: (1) um cervo naturalista pintado a negro com uma grande armação, rodeado por outros animais de tamanho mais reduzido também em coloração negra com uma forma fusiforme cujas extremidades foram representadas linearmente e que são considerados (apenas por critérios estritamente morfológicos) parecidos com os pequenos zoomorfos de corpo fusiforme e patas lineares gravados mediante a subtil incisão de múltiplos traços de Siega Verde (Bueno Ramirez, Balbín Behrmann & Alcolea González, 2009) que sobrepõem as figuras paleolíticas; (2) o segundo momento foi considerado por duas cenas: a primeira um antropomorfo que mantém um cabo ligado ao focinho do que parece ser um bovídeo e, por baixo, surge um conjunto de canídeos que parecem perseguir uma cabra ou um corço; o terceiro momento da série de representações é constituído exclusivamente por figuras tipicamente esquemáticas (ramiformes, pontos, barras, etc.) (Collado Giraldo & García-Arranz, 2009), que sobrepõem as figuras negras. Estas, se não tivermos em conta a sua localização geográfica, seriam facilmente remetidas para o tipo de arte rupestre vinculada às sociedades epipaleolíticas do oriente peninsular, ou seja, levantinas (Alonso, 1999; Mateo Saura, 2002). Assim, em termos

cronológicos e culturais, estas figuras podem ser inseridas na arte rupestre pré-esquemática (Collado Giraldo & García Arranz, 2009). Outros locais, ainda que não obedecendo criteriosamente às características que compõem as citadas figuras pré-esquemáticas, apresentam atributos que parecem atestar a condição de figuras pós-paleolíticas não esquemáticas, muitas vez também porque sobrepõem claramente figuras paleolíticas. Cada sítio parece desenvolver as configurações da arte rupestre pré-esquemática de maneira diferente ainda que, por vezes, alguns critérios semelhantes entre locais diferentes surjam. Por exemplo, as placas do nível 4 do sítio do Fariseu são citadas como exemplo de representações pré-esquemáticas, onde repetidamente surgem formas com corpos de tendência quadrangular, extremidades bem delineadas com formas simples, notável desproporção anatômica e generalização de preenchimento corporal através de múltiplos-traços incisos e uma progressiva diminuição do tamanho das figuras (Collado Giraldo & García Arranz, 2009). As figuras, repetem critérios morfológicos que embora pareçam básicos, apresentam um certo grau de naturalismo.

Em Siega Verde, por exemplo, foi recentemente dado a conhecer um significativo conjunto de motivos compostos fundamentalmente, por pequenos zoomorfos alargados com o corpo fusiforme e patas lineares, gravados segundo um tipo de incisão subtil de traço múltiplo muito similares aos símbolos e animais de tendência esquemática, de tamanho pequeno e gravuras com incisões múltiplas muito finas semelhantes às do vale do Côa. Estas figuras, sobrepostas a outras paleolíticas, são reconhecidas como pertencendo ao *estilo V*. Segundo os autores P. Bueno Ramirez, R. Balbín Behrmann & J. Alcolea González (2009) em torno de 11 000BP, as transformações dos grupos de caçadores começam a ser evidentes em todo o Sul da Europa e os motivos na arte rupestre confirmam assim essas mudanças através de uma transformação progressiva do conteúdo e estilos que inevitavelmente conduzirão a uma maior esquematização dos mesmos. Aqui, os motivos pós-paleolíticos encontram-se maioritariamente nas zonas sul e centro (esta é a área que incorpora a maior quantidade de motivos paleolíticos) (Figura 37). Encontram-se nas rochas 8 e 48 evidências pré-esquemáticas. Esta última, é uma rocha profusamente decorada com motivos pós-paleolíticos e com uma patina diferente, o que segundo C. Vázquez Marcos (2012), será um indicador dos diferentes períodos em que estas se enquadram, juntamente com o reduzido tamanho que apresentam em relação às figuras precedentes. Destacam-se os motivos em forma de peixe que mostram semelhanças com as gravuras da parte inferior da placa encontrada no nível 4 de Fariseu (que datam entre 11.000-9.500BP) e que mostram a mesma conceção estilística e composição

geométrica que os motivos da rocha 48 de Siega Verde. No total registaram-se 9 formas completas além de outras figuras como linhas mais ou menos inconexas. Das características gerais deste tipo de arte rupestre em Siega Verde, P. Bueno Ramirez, R. Balbín Behrmann & J. Alcolea González (2009) elegem os seguintes pontos a ter em consideração: todas as gravuras são realizadas mediante um traço inciso fino, simples e subtil; sobreposições com motivos paleolíticos podem ser acompanhados com uma evidente diferença de patina; redução das formas de representação dos animais e presença de recursos gráficos especializados; conceptualização das formas dos animais ainda que mantendo um certo naturalismo das formas; a maioria dos animais representados apresentam certo tipo de detalhes como preenchimentos interiores, patas (ainda que curtas em relação à forma geral do corpo e finalizadas com linhas convergentes); a representação de animais conflui com a representação de certos signos sempre de tendência retangular que sobrepõem muitas das figuras paleolíticas e muitas vezes acompanham as figuras de animais mais esquematizadas; diminuição do tamanho das figuras (que oscilam entre os 15 e os 20cm) em contraste com os tamanhos monumentais que as figuras paleolíticas normalmente apresentam, facto exposto na rocha 48; a maioria dos animais representados são cervídeos.

	CÓA	SIEGA VERDE	DOMINGO GARCIA	LA GRIEGA	ESTEBANVELA	LA UÑA	OJO GUAREÑA
CABALLOS							
TOROS							
CIERVOS							
CABRAS							
PÉCES							
ANTROPOMORFOS							
SIGNOS							
DATAÇÃO ABSOLUTA	19 510 ± 40 BP 8 930 ± 60 BP			11 000 ± 500 BP 11 400 ± 1200 BP		11 340 ± 100 BP 10 930 ± 100 BP	

Figura 37: Estilo V na bacia do Douro. Quadro comparativo (Bueno Ramirez, Balbín Behrmann & Alcolea González, 2009).

A rocha 5 apresenta um quadrúpede realizado mediante a técnica de incisão fina que expõe parâmetros que se inserem estilisticamente na arte pré-esquemática: as patas traseiras surgem em forma de feixe de linhas convergentes na sua parte inferior, o arranque de uma cauda curta e parte de um corpo estilizado e sem detalhes. Localiza-se mesmo em frente à cabeça de um cavalo paleolítico, ainda que não o sobreponha. A sua similaridade com outros motivos no tamanho, técnica e estilo que claramente se sobrepõem a motivos paleolíticos (na rocha 48) permite agrupá-lo com estes apesar de não fazer parte de nenhuma sobreposição em específico (Bueno Ramirez, Balbín Behrmann & Alcolea González, 2009).

6.1.2.2. OS ANTROPOMORFOS SUBNATURALISTAS

Na transição do modelo socioeconómico e ideológico de caçadores-recoletores do Holoceno para o Neolítico Antigo acredita-se estar já patente no vale do Tejo, um conjunto de antropomorfos que apresentam uma estrutura corporal complexa, de tendência retangular, preenchida ou não e que apresentam algum dinamismo o que os diferencia, em grande medida, dos típicos antropomorfos esquemáticos, lineares e de atitude estática que surgem já a partir do Neolítico Antigo. Consideram-se apenas 8 antropomorfos num total de 235 como sendo do tipo 1: subnaturalistas (Tabela 2). São antropomorfos cuja morfologia revela um certo grau de dinamismo, diferente das estáticas figuras antropomórficas esquemáticas. Estas representações têm um carácter naturalista, ainda que algumas, como as figuras da rocha 12(1) de Ficalho, já surjam mais associadas ao esquematismo, carregam animais, objetos ou sóis e o próprio corpo (muitos deles com braços abertos) indicam algum tipo de movimento. Metade destas figuras apresentam detalhes com os pés gravados, raríssimo nas figuras antropomórficas do Tejo (surge em apenas 4 figuras e têm paralelos nas figuras antropomórficas do abrigo Faia D'Aia, por exemplo). A representação do sexo é comum ainda que mesmo entre as 8 figuras apresentadas, a própria forma de desenhar o contorno e preenchimento do corpo apresente algumas diferenças (Tabela 3). No entanto, a falta de sobreposições nestas figuras faz com que seja difícil o seu enquadramento cronológico. A nomenclatura para designar estas figuras não é nova; já M.V. Gomes (2010) classificava um conjunto de figuras antropomórficas como subnaturalistas onde se incluem algumas das figuras aqui apresentadas. Alguns autores (M.V. Gomes 2010) remetem a figura do antropomorfo da rocha 63 do Cachão do Algarve para o Neolítico Pleno, ainda que se considere este período cronológico já representativo da arte esquemática, cujos antropomorfos costumam apresentar um grau de esquematismo diferente.

CERVÍDEOS: SÍMBOLOS E SOCIEDADE NOS PRIMÓRDIOS DA AGRICULTURA NO VALE DO TEJO
VOLUME II

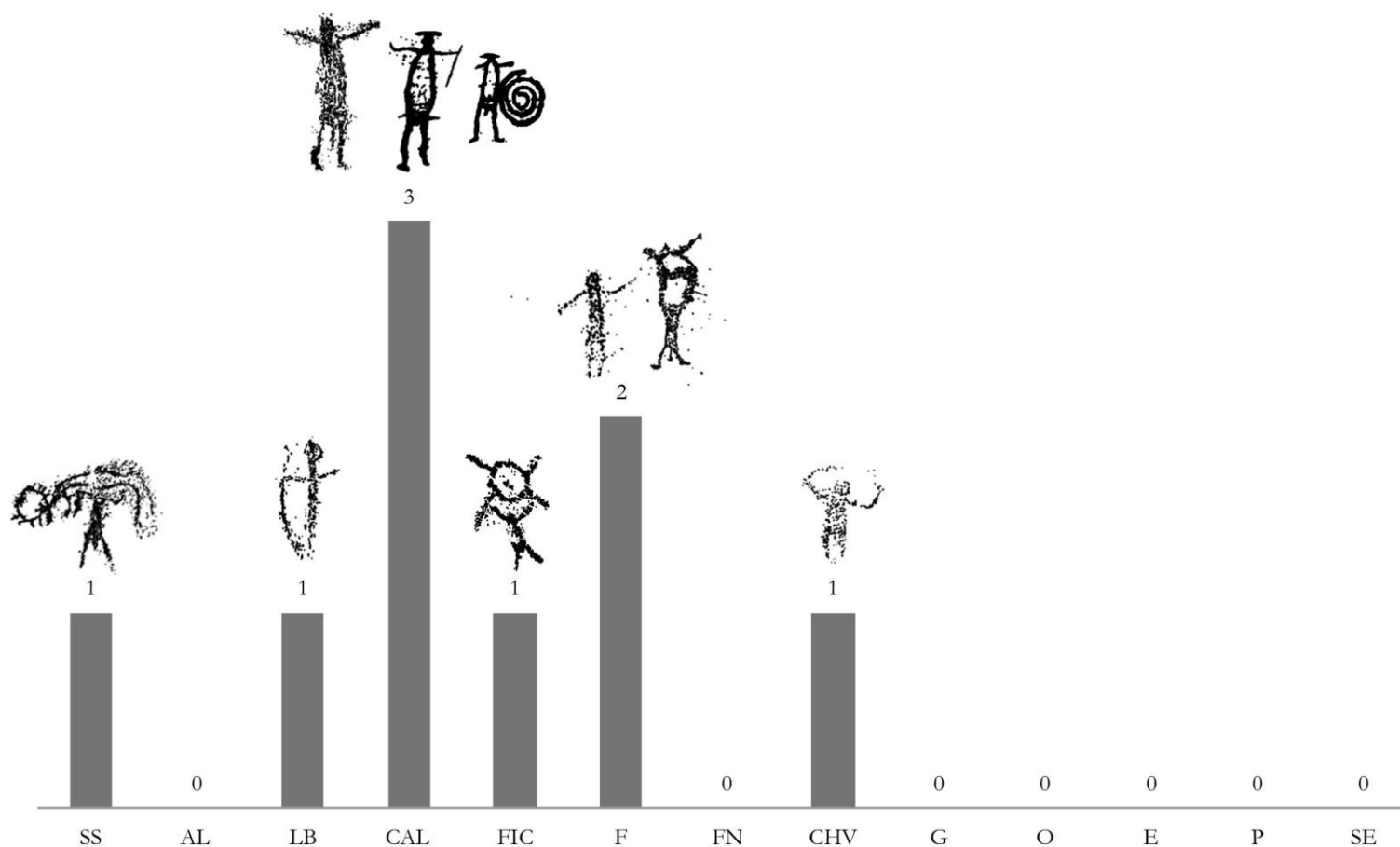


Tabela 2: Percentagem das figuras antropomórficas subnaturalistas por sítio do Complexo Rupestre do Tejo. SS: São Simão; AL: Alagadouro; LB: lomba da Barca; CAL: Cachão do Algarve; FIC: Ficalho; F: Fratel; FN: Foz de Nisa; CHV: Chão da Velha; G: Gardete; O: Ocreza; E: Erges; P: Ponsul; SE: Sem Estação.









	<p>CAL72:10;11;12 - Considerados antropomorfos esquemáticos associados a figuras geométricas por alguns autores (Baptista, <i>et al.</i> 1974; Gomes, 1987, 2001, 2010; Querol, <i>et al.</i> 1975^a; Serrão, 1974, 1978; Jorge & Jorge 1991; Jorge, 1980) encontram-se sobrepostos por figuras esquemáticas nomeadamente círculos e espirais. Além do dinamismo que apresentam, também surgem alguns detalhes como a representação dos pés e um objecto na mão de uma das figuras.</p>
	<p>CAL63:33 - Considerada como uma das mais importantes figuras antropomórficas do Tejo, foi interpretada como uma entidade sobrenatural ou divina com os braços abertos ao lado da qual estão gravadas figuras esquemáticas, incluindo outras figuras humanas. Foi integrada no período estilizado-dinâmico (pleno Neolítico) (Gomes, 1989, 2000, 2001, 2010). Apesar das figuras esquemáticas terem sido consideradas como sobreposição à figura antropomórfica, no decalque do molde de látex estas parecem estar extremamente próximas à figura sem que se perceba uma sobreposição clara. No entanto, o facto de estar rodeada de figuras esquemáticas, onde se inclui figuras antropomórficas, definitivamente se atesta a antiguidade da figura em destaque em relação às esquemáticas.</p>
	<p>LB38 M1508:1 - Antropomorfo considerado esquemático com arco na mão (Gomes, 2010). Neste trabalho foi considerado apenas uma figura já que parece ser uma continuação de si mesma. A posição de orante é um indicativo da sua antiga cronologia ainda que apresente já um certo esquematismo.</p>
	<p>F126A M372:2 - Considerado um antropomorfo subnaturalista segurando um soliforme por muitos autores (Baptista <i>et al.</i> 1974; Gomes, 1983, 1987, 2010; 1989; 2001; Querol <i>et al.</i> 1975^a; Serrão, 1974, 1978; Gonçalves 2004; Carvalho, 2006; Jorge, Jorge 1991; Jorge, 1980). O seu decalque parece representar uma sobreposição do soliforme em relação ao antropomorfo, como se o primeiro aproveitasse a longitude dos braços do antropomorfo para ser representado.</p>
	<p>F150A M382:1 - Figura antropomórfica que representa movimento com os braços numa atitude seminaturalista. Sempre muito citada na bibliografia (Baptista <i>et al.</i> 1974; Gomes, 2010; Jorge, Jorge 1991; Jorge, 1980; Querol <i>et al.</i> 1975^a; Serrão, 1974, 1978) apresenta uma estrutura corporal muito parecida com a figura 33 da rocha 63 do Cachão do Algarve.</p>
	<p>CHVJ8:1 - Figura antropomórfica muito semelhante à anterior, ainda que os braços se encontrem numa forma mais arredondada e fechada.</p>
	<p>SS158:1 & 14 - Considerada como uma das mais icónicas figuras de todo o complexo rupestre do vale do Tejo, esta é sem dúvida, uma cena carregada de emoção e simbolismo. Representação de figura antropomórfica fállica preenchida a carregar um veado morto, cujas hastas foram mais tarde fechadas, talvez para surtir o efeito da representação de um soliforme.</p>
	<p>FIC 12(1) M1554: 1&4: Antropomorfo figurado na vertical, corpo recto, braços erguidos ao alto, pernas abertas em V invertido. Encontra paralelo na rocha F126A M372 Gomes, 2010).</p>

Tabela 3: Descrição das figuras antropomórficas subnaturalistas do Tejo.

Também no vale do Guadiana foram documentadas figuras humanas de uma fase cronológica Epipaleolítica. Neste caso específico, estas figuras faziam parte de um conjunto gráfico particular cujas estruturas corporais dos troncos estavam delineadas numa tendência oval. Poderiam, ou não, surgir compartimentadas no seu interior por linhas longitudinais ou transversais. Estas compartimentações definiram os subtipos. A tendência para a estrutura ovalada é o que define estes antropomorfos que, no caso do Guadiana, se encontravam estratigraficamente por baixo de figuras típicas esquemáticas (Collado Giraldo, 2006) (Figura 38). Todos os outros antropomorfos subnaturalistas apresentam semelhanças na estrutura corporal, mais ou menos retangular, com uma direção longitudinal e preenchida. Esta morfologia pode encontrar paralelos nas representações de figura humana com braços levantados de alguns dos vasos cardiais do Neolítico Antigo da Cova de l'Or (Beniarrés, Alicante) e nas figuras antropomorfas do abrigo V de Pla de Petracos (Castell de Castells) que serviram de base para a estruturação de uma nova modalidade artística conhecida como Arte Macro-esquemática (Martí Oliver & Hernandez Perez, 1988) e que são provavelmente os melhores paralelos que poderemos apresentar para este tipo de antropomorfos. Na sua definição original, as figuras humanas da arte macro-esquemática são de estrutura muito variada, no entanto, têm como características comuns o movimento (Hernández Pérez, 1982). A cronologia associada a este abrigo é também o Neolítico Antigo. Destacam-se aqui também as representações pintadas sobre seixos da Cueva de Chaves (Bastarás, Huesca) (Utrilla & Baldellou, 2001-2002) (Figura 39).

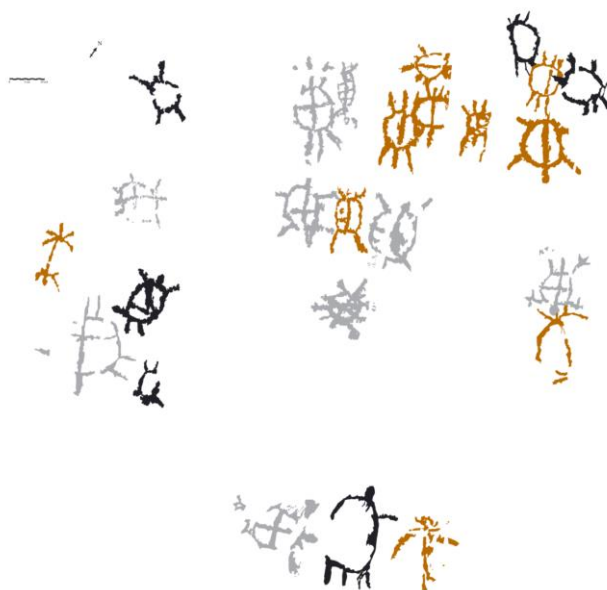


Figura 38: Decalque das figuras de antropomorfos epipaleolíticos documentadas na estação LII “Cieno” (Collado, 2006).

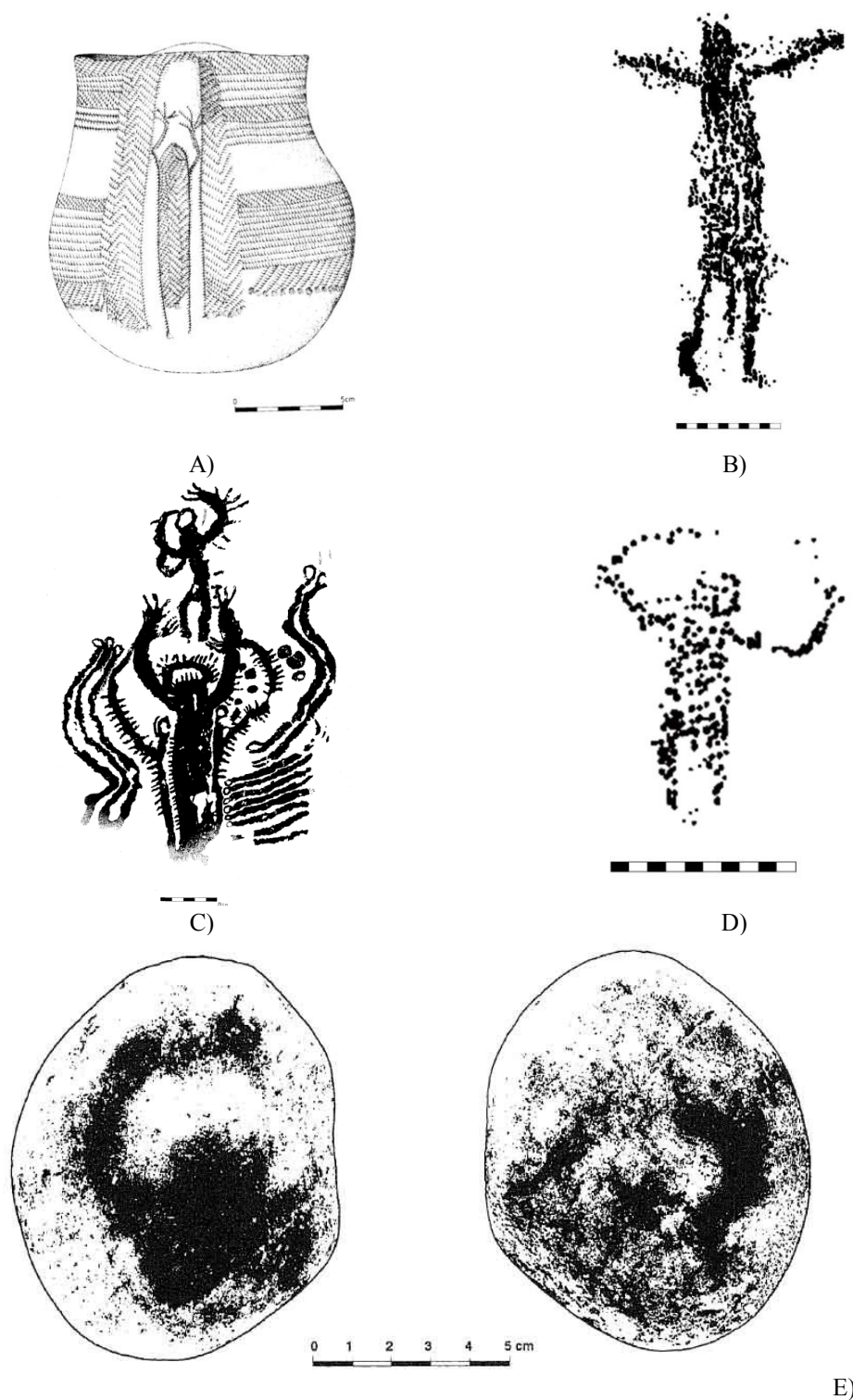


Figura 39: A) Vaso cardial do Neolítico Antigo da Cova de l'Or (Beniarrés, Alicante) com figura antropomórfica; B) Figura 33 da rocha 63 do Cachão do Algarve; C) figuras do abrigo V de Pla de Petracos (Castell de Castells); D) Figura 1 da rocha 8 de Chão da Velha Jusante; E) possíveis antropomorfos orantes dos seixos pintados do Neolítico Antigo da Cueva de Chaves (Huesca) (Utrilla & Baldellou, 2001-2002).

Também cronologicamente balizado numa primeira etapa do Neolítico estão os motivos ondulados múltiplos, também muito característicos da arte macro-esquemática (Hernández Pérez, 1982; Martí & Hernandez, 1988).

No vale do Tejo não são figuras muito comuns, mas há pelo menos uma rocha no Cachão de São Simão (SS43B M721), onde poderão estar representados alguns motivos semelhantes juntamente com um animal pré-esquemático e sobrepostos por figuras esquemáticas (Figura 40). Este tipo de figuras surge também em Molino Manzán (Guadiana) juntamente com os antropomorfos anteriormente caracterizados e também comparados com as figuras dos vasos cardiais do Neolítico Antigo da Cova de l'Or (Beniarrés, Alicante) (Collado Giraldo & García Arranz, 2013).

O surgimento deste tipo de antropomorfos poderá estar vinculado à chegada de ideologias, crenças e rituais de grupos neolíticos onde a importância do sol, por exemplo, será cada vez mais vital na compreensão e controlo da dinâmica quotidiana. Considera-se que estas figuras antropomórficas poderão ter aparecido num momento de fundamental mudança ideológica entre os antigos grupos de caçadores-recoletores do Holoceno e as novas comunidades produtoras do Neolítico. Os outros exemplares de antropomorfos que pontilham os sítios rupestres do Tejo adoptam já uma solução muito mais esquematizada na sua representação, assim como aumenta também a sua variedade e tipologia.

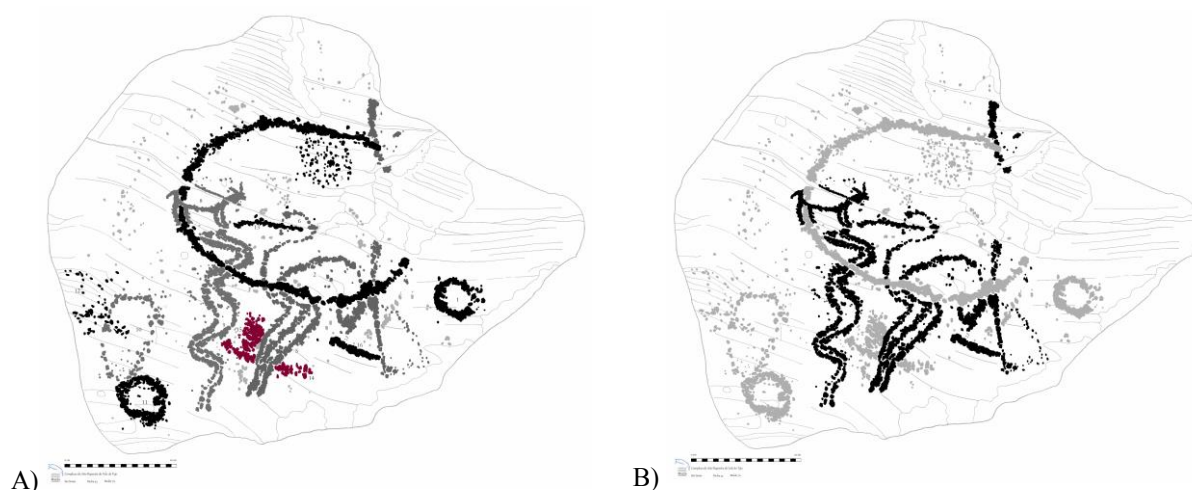


Figura 40: A) Rocha SS43B M721 com representação de sobreposições entre figuras. B) Destaque para os motivos ondulados em associação com animal pré-esquemático.

A construção da hipótese da existência de um ciclo pré-esquemático na arte rupestre pós-paleolítica peninsular, não se baseia somente em critérios morfológicos das figuras, mas sim na conceção de como estes são exibidos: seguem certos critérios de representação que nem correspondem ao completo naturalismo da arte paleolítica nem ao esquematismo da arte rupestre associada às primeiras sociedades agro-pastoris. Trata-se de um sistema de representação que rompe com os modelos iconográficos precedentes, gerando um novo tipo de motivos tipificados que, desde o seu início não surgem apenas em suportes parietais mas numa panóplia de objetos bem caracterizados cronologicamente (Collado Giraldo & García Arranz, 2010). A derivação da nomenclatura proposta no ocidente peninsular (arte pré-esquemática) advém, principalmente, de certas características encontradas em gravuras de sítios como o vale do Guadiana, vale do Côa e vale do Tejo, entre outros, que indiciam tratar-se de figuras que estilisticamente não encontram paralelos nem na arte paleolítica, nem na arte esquemática do Neolítico e Calcolítico peninsular. Neste contexto, o novo estilo, rompe com os traços filiformes do Magdalenense para uso quase exclusivo do picotado (no caso das gravuras). Uma outra novidade aparece com o surgimento da figura humana. Nas suas características nota-se o sacrifício do naturalismo do Paleolítico Superior, convertendo-se em dinamismo e força expressiva (Collado Giraldo, 2004).

6.1.2.3. A ANÁLISE POR SÍTIO DA ARTE PRÉ-ESQUEMÁTICA

Os animais pré-esquemáticos integram a maior categoria de figuras zoomórficas da arte rupestre do vale do Tejo com uma percentagem de 45,54% num total de 325 figuras de animais (Tabela 4 e Tabela 5). Há que evidenciar uma boa variedade tipológica no universo dos animais na arte pré-esquemática (cervídeos, cabras, aves, cavalos, ursos, répteis, javali, canídeos e bovídeos) não esquecendo os que não se conseguem identificar (definidos como *indeterminados*). Neste panorama, os cervídeos surgem em maioria com 58,1% dos animais representados pré-esquemáticos, aqui incluindo machos, fêmeas, crias e corços (ou pelo menos assim identificados). Tendo em conta tanto a fauna representada, como a espécie mais gravada, crê-se ser um argumento sólido na hipótese de estarmos perante uma fauna característica de caçadores-recoletores. Ainda que geograficamente, os animais pré-esquemáticos se fazerem representarem em quase todos os núcleos rupestres do Tejo, estes evidenciam uma aglomeração maior em quatro sítios. Curiosamente, estes quatro sítios pertencem a duas zonas completamente opostas, se tivermos em conta a área de distribuição

destas figuras (do Ocreza até ao Cachão de São Simão) e se tivermos em conta que as Portas do Ródão de encontram paisagisticamente a meio desta geografia.

Três destes sítios, são os três núcleos que maior quantidade e qualidade apresentam em termos de gravuras no geral (Cachão de São Simão, Cachão do Algarve e Fratel). Agora, com a noção da distribuição das gravuras pré-esquemáticas do Tejo, percebemos que a sua importância está também relacionada não só com a noção da recorrente deslocação destes caçadores-recoletores mais ou menos aos mesmos locais ao longo dos milénios de gravação, mas também à importância que estes três núcleos têm na construção de todo o complexo rupestre, desde os seus primórdios. O sítio do Fratel é o núcleo que mais animais pré-esquemáticos apresenta com 41,89% (62 animais), seguido do Cachão do Algarve com 15,5% (23 animais), o São Simão com 13,5% (20 animais) e o Chão da Velha com 12,8% (19 animais). Neste cenário, destaca-se o sítio do Chão da Velha, sendo um local considerado periférico do grande acúmulo que se verifica no Fratel, este núcleo destaca-se pela aglomeração de figuras pré-esquemáticas por rocha (ver mapa 10 dos anexos do volume III),

Em relação às poucas figuras antropomórficas (as interpretadas como antropomorfos subnaturalistas), ainda que a percentagem da representação deste tipo de figuras seja pequena no total das figuras antropomórficas pré-esquemáticas do Tejo, há uma clara concentração nos sítios a montante das Portas do Ródão, sendo o Cachão do Algarve o núcleo que mais figuras concentra com 3 das 8 figuras representadas (ver mapa 11 dos anexos do volume III). Apenas um dos antropomorfos está associado a um animal, também ele pré-esquemático. Não há qualquer tipo de paralelo conhecido na arte rupestre pré-esquemática para este conjunto. Trata-se da figura do antropomorfo fálico sustentando nos ombros um veado macho adulto morto, o animal apresenta a linha ventral que muitos outros animais pré-esquemáticos apresentam e as hastes, que originalmente formam um círculo, parecem ter sido, posteriormente, fechadas intencionalmente. As hastes fechadas, passam a ter a forma de um sol (Figura 41).



Figura 41: Associação de antropomorfo subnaturalista com zoomorfo pré-esquemático (SS158:1;14).

Sítio	Fauna Pré-esquemática	Percentagem
Cachão de São Simão	20	13,51
Alagadouro	11	7,43
Lomba da Barca	3	2,03
Cachão do Algarve	23	15,54
Ficalho	1	0,68
Fratel	62	41,89
Foz de Nisa	0	0,00
Chão da Velha	19	12,84
Gardete	2	1,35
Rio Ocreza	7	4,73
Rio Erges	0	0,00
Rio Ponsul	0	0,00
Sem Estação	0	0,00
TOTAL	148	100,00

Tabela 4: Distribuição percentual da fauna pré-esquemática por sítio rupestre. Destacam-se os sítios de São Simão, Fratel, Cachão do Algarve e Chão da Velha.

	SS	AL	LB	CAL	FIC	F	FN	CHV	G	O	E	P	SE	TOTAL
Bovideo	0	0	2	1	0	2	0	0	0	0	0	0	0	5
Aves	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Cabra	4	0	0	1	1	10	0	1	0	0	0	0	0	17
Cavalo	0	0	0	0	0	3	0	1	0	0	0	0	0	4
Corço	1	1	0	1	0	4	0	0	0	0	0	0	0	7
Javali	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
Canídeos	0	0	0	0	0	4	0	0	0	0	0	0	0	4
ENI*	5	2	1	7	0	6	0	6	0	0	0	0	0	27
Réptil	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Urso	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Lagomorfo	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	2
Cervídeo	9	7	0	13	0	30	0	11	2	7	0	0	0	79
TOTAL	20	11	3	23	1	62	0	19	2	7	0	0	0	148

Tabela 5: Distribuição numérica de fauna pré-esquemática pelos sítios do vale do Tejo. SS= São Simão; AL= Alagadouro; LB= Lomba da Barca; CAL= Cachão do Algarve; FIC= Ficalho; F= Fratel; FN= Foz de Nisa; CHV= Chão da Velha; G= Gardete; OCR= Ocreza; ERG= Erges; P= Ponsul; SE= Sem Estação; ENI*=Espécie Não Identificada.

Assume-se, em modo de conclusão deste capítulo, uma prevalência indiscutível de representações de animais no período cronológico que antecede o Neolítico e, consequentemente, o início da esquematização da arte rupestre holocénica.

As representações de animais do Tejo, tornam-se, assim, de extrema importância para a definição das cronologias mais antigas do complexo, enquanto que os antropomorfos se imponham como representações essenciais a partir da transição do Mesolítico para o Neolítico e a partir do Neolítico Antigo. É também neste momento que se nota um decréscimo acentuado na representação de animais, ao impor-se toda a panóplia de figuras esquemáticas que vão caracterizar profundamente o Tejo a partir desta cronologia. Os animais continuam a ser representados, mas numa percentagem mínima, se compararmos com o período cronológico anterior. Deduzimos por estes dados, que pelo menos na arte rupestre do Tejo há uma profunda mudança de paradigma na representação. O que era a representação de um(a)

caçador(a)-recoletor(a), passa a uma representação de um sistema de pensamento diferente, onde a figura humana surge como eixo central de representação em detrimento dos animais. Não quer dizer que os animais deixaram de ser importantes, talvez se considere apenas que a consciência do modo de representação do “eu” mudou, com o advento de novos contactos, novas ideias, objetos e significados que se impunham cada vez com mais urgência.

Esta hipótese pode ser interessante, se se considerar que as antigas representações animais poderiam ser nada mais, nada menos que a representação do “eu”, mas uma projeção do “eu” através de animais nas rochas, uma representação da mentalidade de caçadores-recoletores.

6.1.3. A ARTE ESQUEMÁTICA DO VALE DO TEJO

Seis grandes categorias encaixam na arte rupestre esquemática do vale do Tejo (antropomorfos, zoomorfos, estruturas lineares abertas, estruturas lineares fechadas, outros e mancha de picotados). Estas seis categorias apresentam uma panóplia extremamente variada de subcategorias e contam com numerosos paralelos em contextos geográficos bem distintos da bacia do Tejo.

A consolidação dos sistemas económicos de produção conduz à implantação de novas formas de vida sedentária, o que significa uma larga transformação na ecologia, habitat, dieta, organização social e económica, no seio das relações interpessoais, na extensão de novos marcos de pensamento, crenças e ideologias. Alguns fatores refletem estas mudanças: novos elementos de cultura material, novos rituais de enterramento e novas formas de entender a arte rupestre (Collado Giraldo, 2006; Zapata *et al.*, 2004). Na realidade, entre o Epipaleolítico peninsular e as primeiras sociedades produtoras do Neolítico Final/Calcolítico produz-se uma mudança lenta e pausada, mas que comparada com a etapa Paleolítica nos parece rápida e complexa (Martínez García, 2005).

A arte esquemática, principalmente na Península Ibérica, constitui, assim, um dos variados modos de expressão gráfica e de múltiplas expressões culturais dos grupos humanos que viveram durante a Pré-História Recente (Molina Expósito & Vera Rodriguez, 2004). Define-se como um fenómeno cultural de ampla difusão na Península Ibérica e outras áreas em seu entorno imediato, que se caracteriza pela representação sobre superfícies rochosas naturais de uma série de figuras tipificadas “entendidas como representações de uma coisa atendendo somente às suas linhas mais significativas” (Hernández Pérez, 2006). Tratam-se de figuras que simplificam morfologicamente, em maior ou menor grau, uma figura humana, um objeto, um animal ou outros elementos naturais ou artificiais, ou que chegam mesmo à total abstração

com a representação de símbolos geométricos. Estas representações respondem a certas regras formais, técnicas e temáticas (Collado Giraldo & García Arranz, 2007). Trata-se, assim, de um sistema de representação que rompe com os modelos iconográficos precedentes, fazendo surgir um novo tipo de motivos com tipologias específicas que se podem também encontrar na cerâmica e até em seixos pintados estratigraficamente definidos, por exemplo (Collado Giraldo & García Arranz, 2013).

A contextualização da arte esquemática, enquanto compreensão do seu fenómeno espacial e temporal bem como as suas origens e inter-relações, tem sido um dos objetivos principais da investigação atual. São raros os sítios de arte rupestre esquemática que podem ser estudados em associação a um contexto com cultura material. Pelo contrário, normalmente os sítios com pintura e/ou gravuras esquemáticas localizam-se fora do âmbito habitacional ou funerário das comunidades que lhe concerne. No caso da Estremadura espanhola, durante muito tempo, as duas maneiras mais clássicas e recorrentes para enquadrar as manifestações de arte rupestre esquemática terão sido a identificação de motivos com os quais se pudessem constituir paralelos e compreender uma possível evolução estilística dos motivos (González Cordero, 1999).

A arte rupestre pode ser considerada como uma forma especializada de cultura material, no entanto, é raro proporcionar dados que nos permitam compreender a sua cronologia aproximada. Também é importante salientar que a arte rupestre esquemática tem que ser analisada não só do ponto de vista das pinturas, mas também das gravuras como um todo de iconografia esquemática independentemente da técnica aplicada. Se tivermos em conta a técnica, é notório que a diferença entre a fachada atlântica peninsular no que respeita ao interior da península ibérica é a ocorrência mais evidente de gravuras na fachada atlântica em comparação ao interior. No entanto, ambas as técnicas terão que ser analisadas em conjunto.

Nos últimos anos, grande parte dos estudos referentes à arte pós-paleolítica articularam-se segundo as suas relações com suportes móveis, muitas vezes constituindo-se como verdadeiros paradigmas na busca das origens peninsulares ou extra-peninsulares para as artes macroesquemática, esquemática, levantina e lineal geométrico (Carrasco Rus, Navarrete Enciso y Pachón Romero, 2005). Em alguns casos, como em Aragão ou na Andaluzia (Espanha) foi possível definir tipos iconográficos do ciclo esquemático vinculados às fases mais antigas do Neolítico Peninsular. Num trabalho publicado em 2001, P. Torregrosa e M.F. Galiana indicavam os paralelos móveis registados em contextos arqueológicos para a arte

esquemática: 55 evidências cerâmicas com motivos considerados esquemáticos (sem contar com o conjunto de fragmentos cerâmicos com zig-zags da Cova de L'Or, Cova de les Cendres, Cova del Montgó ou Cavo d'en Pardo que ascenderia o número para 75), 52 ídolos oculados, 44 bitriangulares e um ancoriforme, todos eles sobre suportes ósseos e recolhidos em 28 sítios arqueológicos. Também registam os motivos representados: soliformes, antropomorfos, ramiformes, zoomorfos, zig-zags, ídolos oculados, ídolos bitriangulares e ancoriformes. Todos estes dados foram comparados com abrigos com arte esquemática do Levante Espanhol e algumas considerações foram tidas em conta, principalmente no que concerne à localização no mesmo espaço geográfico, de um dos maiores conjuntos de pintura rupestre esquemática do Levante da Península Ibérica, juntamente com uma alta concentração de sítios arqueológicos com cerâmica cardial correspondente a grupos com bases económicas agropecuárias e em cujos materiais, se encontra um grande conjunto de suportes móveis com motivos esquemáticos. Ao mesmo tempo, este conjunto de abrigos esquemáticos constitui-se como um dos núcleos fundamentais da arte esquemática peninsular, já que tem representado toda a sequência artística desde o horizonte antigo cardial até, possivelmente, a Idade do Bronze (Torregrosa Giménez & Galiana Botella, 2001). Na Extremadura espanhola, uma sequência parecida tem sido apontada, ainda que a técnica utilizada não seja somente a pintura.

No geral da análise das tipologias figurativas que aparecem a decorar alguns objetos móveis deduz-se que, de maneira individualizada, os soliformes, ramiformes, séries de motivos em ângulo, zig-zags e alguns motivos antropomorfos e zoomorfos encontram-se já representados em cerâmicas com decorações impressas, cardiais e não cardiais do Neolítico Antigo e Médio (Martí & Hernández, 1998; Carrasco, Navarrete y Pachón, 2005). No caso dos soliformes, estes motivos, apesar de estarem presentes nas etapas mais antigas da arte esquemática, registam uma ampla vigência e difusão até ao Calcolítico e Idade do Bronze (Collado Giraldo & García Arranz, 2013). Para os contextos de arte esquemática existem já alguns marcos contextuais (González Cordero, 1999) que contam com a presença de grupos cardiais localizados em contextos geográficos muito próximos de vários abrigos com arte esquemática. O mesmo acontece com o sítio Xerez 12 (Gonçalves, 2002:103) e que apresenta excelentes condições de habitabilidade com uma cronologia a partir do Neolítico Antigo. Aliás, a ocupação do Neolítico Antigo do sítio Xerez 12 é da maior importância, porque era o nível mais bem preservado, com um conjunto de estruturas de combustão, e também porque foi o sítio em Reguengos onde se identificou claramente o Neolítico Antigo, acabando por dar

toda uma contextualização para a identificação da fase III de Molino Manzánez (ciclo esquemático) (Collado Giraldo, 2006). Este sítio encontra referencia cronológica na Gruta do Caldeirão (Tomar, Portugal), principalmente no horizonte estratigráfico NA2 (Neolítico Antigo 2) com uma ocupação cardial de 6200 BP contendo cerâmicas, líticos, ossos humanos e de animais (Zilhão, 1992), assim como o Abrigo Pena D'Água na Extremadura Portuguesa. A situação da região do Arrife da Serra d'Aire conta com um grande número de contextos que já apresentam ocupações (ainda que em alguns sítios não sejam muito expressivas) do Neolítico Antigo, como o sítio da Gafanheira, o Abrigo Pena D'Água, Forno do Torreirinho, Algar do Picoto, Laranjal de Cabeço das Pias, Gruta do Almonda e a Lapa do Picareiro (Carvalho, 2003), possíveis contextos para a fase III do vale do Tejo (fase esquemática). É também nesta zona que se encontram dois sítios com pinturas rupestres esquemáticas: a Lapa dos Coelhos (pertencente ao complexo cársico da Gruta do Almonda) e o abrigo I do Lapedo, na vertente oposta do Maciço Calcário Estremenho. Na Lapa dos Coelhos, uma das figuras mais importantes é um ramiforme localizado no painel 2 (Martins, 2014) motivo que desde há muito é considerado como sendo já enquadrado no Neolítico Antigo já que faz parte da decoração impressa cardial, por exemplo, em cerâmicas da Cova l'Or e Cova de la Sarsa (Martí & Hernández, 1988). Considera-se, para o Complexo Rupestre do Tejo, que o ciclo esquemático segue, pelo menos até à Idade do Bronze, considerada como uma etapa já avançada da fase esquemática.

A partir dos dados arqueológicos disponíveis para a região do Alto Ribatejo cronologicamente apontados para a Idade do Bronze, é possível afirmar que o surgimento de figuras morfológicamente enquadradas na representação de objetos de metal e guerreiros com espadas poderão indicar uma nova etapa estilística no vale do Tejo, ainda do foro esquemático, mas já com intenções ideológicas diferentes da arte esquemática peninsular. Servem sítios datados da Pré-História Recente como o Castelo Velho do Caratão e o Castelo Velho da Zimbreira (ambos em Mação e sobranceiros ao Complexo Rupestre do Tejo) de contexto para o final da 3ª etapa de gravação do Tejo, um dos últimos momentos de gravação do Tejo. As figuras representativas desta etapa são já escassas, mas poderemos enquadrar as figuras de podomorfos, escutiformes e a figura de um possível guerreiro da rocha 1 de Fratel com o que parece tratar-se de uma espada à cintura. Partindo do princípio desta interpretação, teria lógica enquadrada já no final da Idade do Bronze, já que é a partir deste momento que esta figura social se consolida (comunicação pessoal de Davide Delfino).

Desde critérios morfológicos, a fase III da arte rupestre do vale do Tejo supõe o abandono do dinamismo e movimento principalmente das figuras humanas e zoomórficas para uma total representação esquemática, estática e padronizada tanto de animais, humanos e geométricos. Duas grandes diferenças se impõem em relação ao ciclo antecedente: a quantidade de figuras substancialmente maior e a temática figurativa. No ciclo anterior, a temática figurativa cingia-se maioritariamente a animais, e neste ciclo rupestre, estes são considerados um resquício, tendo em conta que o acervo representativo esquemático se concentra nas figuras humanas e nas figuras geométricas (neste caso, esta última categoria é percentualmente a maior de todo o complexo).

6.1.3.1. OS ANTROPOMORFOS ESQUEMÁTICOS

A maioria das gravuras do vale do Tejo são representações de figuras esquemáticas que se identificam facilmente em paralelos na denominada arte esquemática pintada peninsular, o que nos ajuda a contextualizar culturalmente e cronologicamente estas figuras. Poderemos considerar os dados já publicados de alguns dos abrigos de arte esquemática pintada conhecidos em território nacional representadas (ver mapa 11 dos anexos do volume III). Conhecem-se atualmente cerca de 70 abrigos em Portugal, e ainda que todos sítios de arte esquemática em Espanha seriam passíveis de constituir paralelos para a arte esquemática do Tejo, decidimos considerar com maior afinco toda a zona da Extremadura Espanhola, com destaque para a concentração de abrigos com arte esquemática do Parque Nacional de Monfragüe (Cáceres, Espanha) que é considerada como uma das regiões da Península Ibérica com maior presença de sítios com arte rupestre pré-histórica, sendo uma importante cota parte destes abrigos com arte esquemática e que, contam já com cerca de um século de história de investigação que se intensifica cada vez mais. Abordaremos então os antropomorfos. Estes representam 3,3% de toda a arte rupestre do Tejo. A representação humana na arte esquemática é, porventura, uma das figuras mais importantes que caracteriza este estilo rupestre. Já Pilar Acosta (1968) se questionava sobre a razão da enorme variedade de formas representativas (ou tipos) que se repetem constantemente por toda a Península Ibérica. Os antropomorfos esquemáticos correspondem à maioria dos antropomorfos gravados no Tejo (96,1%) (Tabela 6 e Gráfico 1) e apresentam uma diversa variedade na sua morfologia ainda que todos sejam geralmente muito esquemáticos.

CERVÍDEOS: SÍMBOLOS E SOCIEDADE NOS PRIMÓRDIOS DA AGRICULTURA NO VALE DO TEJO
VOLUME II

	SS	AL	LB	CAL	FIC	F	FN	CHV	G	O	E	P	SE	TOTAL
Antropomorfos	Seminaturalista	1	0	1	3	1	2	0	1	0	0	0	0	9
	Esquemático	49	9	5	38	1	54	0	6	18	3	40	0	226
TOTAL		50	9	6	41	2	56	0	7	18	3	40	0	235

Tabela 6: Distribuição numérica dos antropomorfos no vale do Tejo. SS= São Simão; AL= Alagadouro; LB= Lomba da Barca; CAL= Cachão do Algarve; FIC= Ficalho; F= Fratel; FN= Foz de Nisa; CHV= Chão da Velha; G= Gardete; OCR= Ocreza; ERG= Erges; P= Ponsul; SE= Sem Estação.

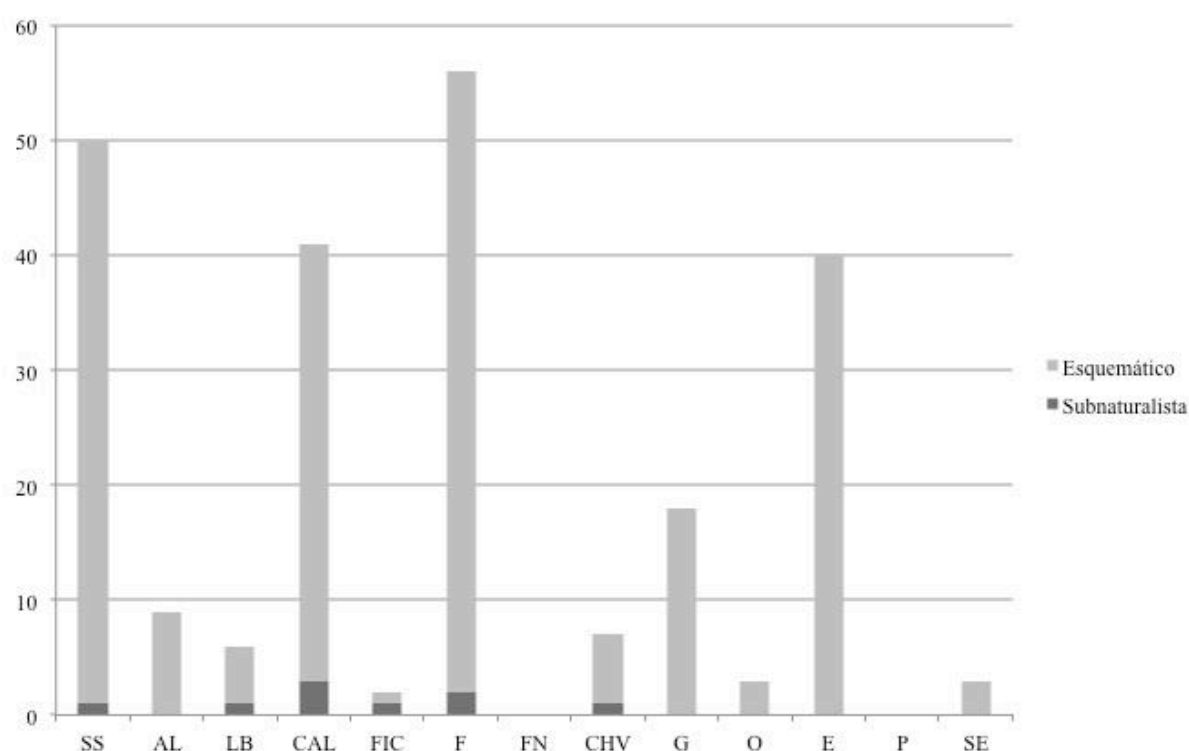


Gráfico 1: Quantidade de antropomorfos esquemáticos vs. antropomorfos subnaturalistas no vale do Tejo.

Assim encontramos no Tejo antropomorfos esquemáticos com os braços retos com ou sem pernas, mas quando estas existem são normalmente em V invertido (correspondendo a 53 exemplares) espalhados por 9 estações rupestres (Figura 43). A maioria apresenta a cabeça gravada havendo apenas um conjunto de antropomorfos da rocha 173-174 de São Simão que são acéfalos (Figura 42). Estes tipos de antropomorfos encontram paralelos em território nacional, por exemplo, no painel A do abrigo de Fonte Santa (Freixo de Espada-à-Cinta) (Figueiredo & Baptista, 2013:306), no abrigo do Colmeal (Lapa do Poio da Ladeira I) em Figueira de Castelo Rodrigo (Figueiredo & Baptista, 2013), na rocha 5C da Penascosa

(Baptista & Gomes, 1997) no painel F, G, I, J e L da rocha 8 de Mocissos; na rocha 16, 33, 36 e 113 da Moinhola e rocha 9 de Malhada de Gagos (Guadiana) (Baptista & Santos 2013); no painel 3 da Lapa dos Gaivões em Arronches; no painel 1 do abrigo de Pinho Monteiro e no painel 3 do abrigo do Lapedo (Martins, 2014). Também são bastante comuns noutros complexos esquemáticos da Península Ibérica como exemplificam alguns painéis do Parque Nacional de Monfragüe: painel 2 da unidade gráfica A; o painel 4 da unidade gráfica B da Cueva del Castillo de Monfragüe e o painel 2 do abrigo de El Paso (Sector Oriental do Parque Nacional de Monfragüe) (apenas para citar alguns exemplos geograficamente perto).



Figura 42: Conjunto de antropomorfos acéfalos com pernas em V invertido do vale do Tejo.

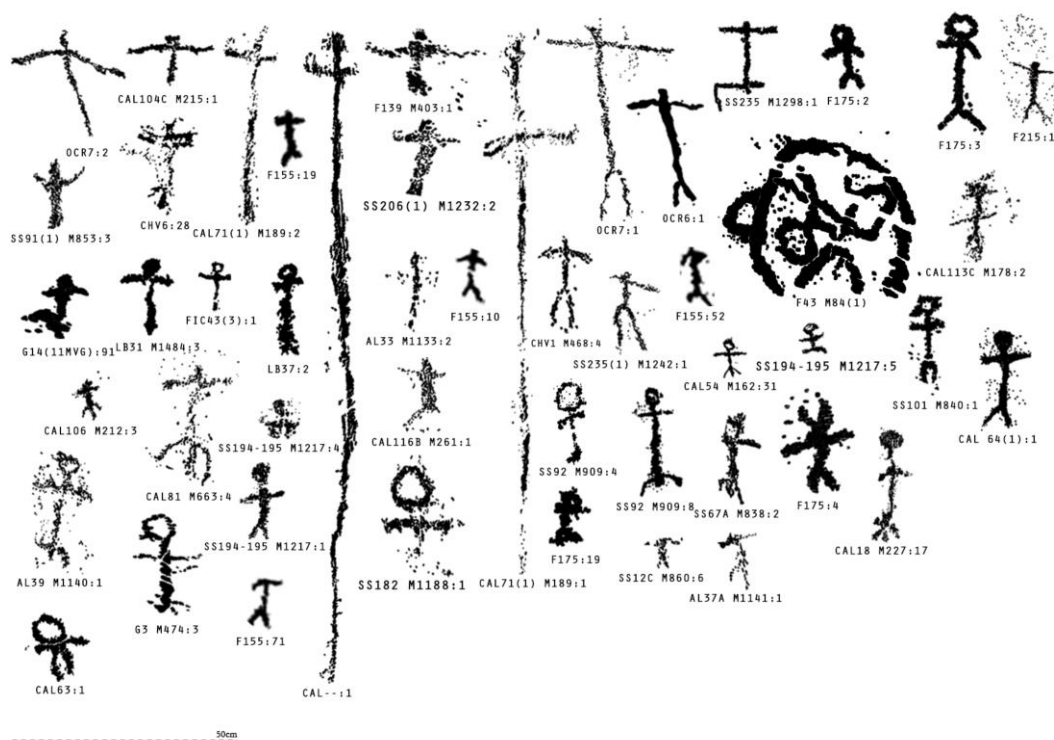


Figura 43: Conjunto de antropomorfos esquemáticos de braços retos do vale do Tejo.

Antropomorfos esquemáticos com braços em ângulo: muito semelhantes em morfologia aos de braços retos, mas estes apresentam os braços mais ou menos fechados (Figura 44). Encontram paralelos na rocha 14, 16, 33, 36, 41 de Moinhola (Guadiana) (Baptista & Santos 2013), na rocha 4 da Ribeira de Piscos (Baptista, 2009) no painel C do Forno da Velha (Figueiredo e Baptista, 2009); no 1º painel exterior, no 2º painel, no 4º painel central inferior, e no 9º painel interior do teto da Lapa dos Gaivões; e no extremo inferior esquerdo do painel 4 da unidade gráfica B da Cueva del Castillo (Monfragüe) (Collado Giraldo, García Arranz, Aguilar Gómez, 2015).

Antropomorfos esquemáticos com braços curvados: esta subcategoria é extremamente típica da arte esquemática no geral e apresenta paralelos um pouco por todo o território nacional: no abrigo 6 da Faia (Côa); no abrigo do Colmeal (Lapa do Poio da Ladeira I) e no painel A e C do abrigo Fonte Santa (Figueiredo & Baptista, 2013). Principalmente os que são acéfalos encontram-se também em grande número na Lapa dos Gaivões (Arronches) nomeadamente no painel 1, 2, 3, 6, 7, 8 e 9 e no painel 1, 2 e 3 do abrigo Pinho Monteiro (Martins, 2014); no painel 4 da Cueva de los Murciélagos (Monfragüe) e com muitos exemplares no famoso painel 8 da Cueva del Castillo também em Monfragüe (com a representação da cabeça) (Baptista & Santos 2013). São também bastante comuns no Guadiana sendo o núcleo de Mocissos muito prolífico neste tipo de antropomorfos: rocha 1 e rocha 8 como exemplos (Baptista & Santos 2013). A figura 5 da rocha 11B M332 do Fratel encontra um interessante paralelo num dos antropomorfos da rocha 11 do Vale da Casa. Foi cronologicamente balizada pelos autores do Calcolítico-Idade do Bronze Antigo (Baptista, 2009) (Figura 45, Figura 46 e Figura 47).

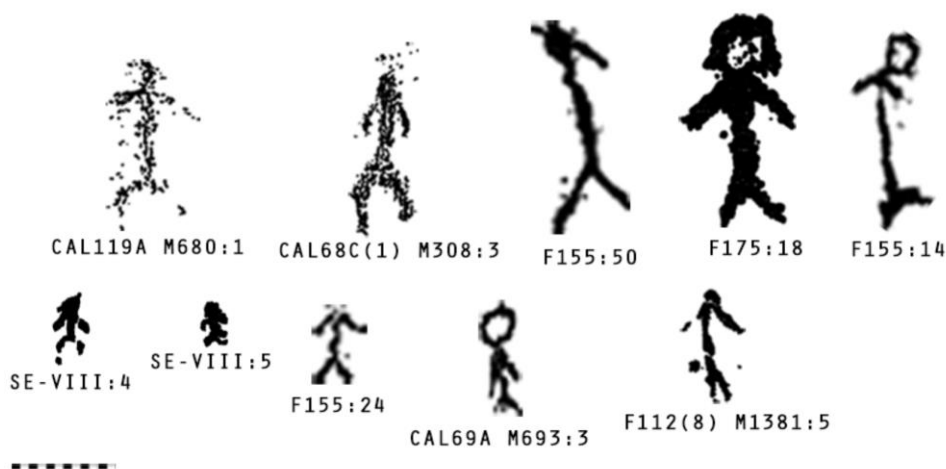


Figura 44: Exemplos de paralelos com antropomorfos esquemáticos com braços em ângulo.



A)



B)

Figura 45: A) Antropomorfo da rocha 11B de Fratel. B) Pormenor da rocha 11 do vale da Casa no rio Douro (Baptista, 2009).

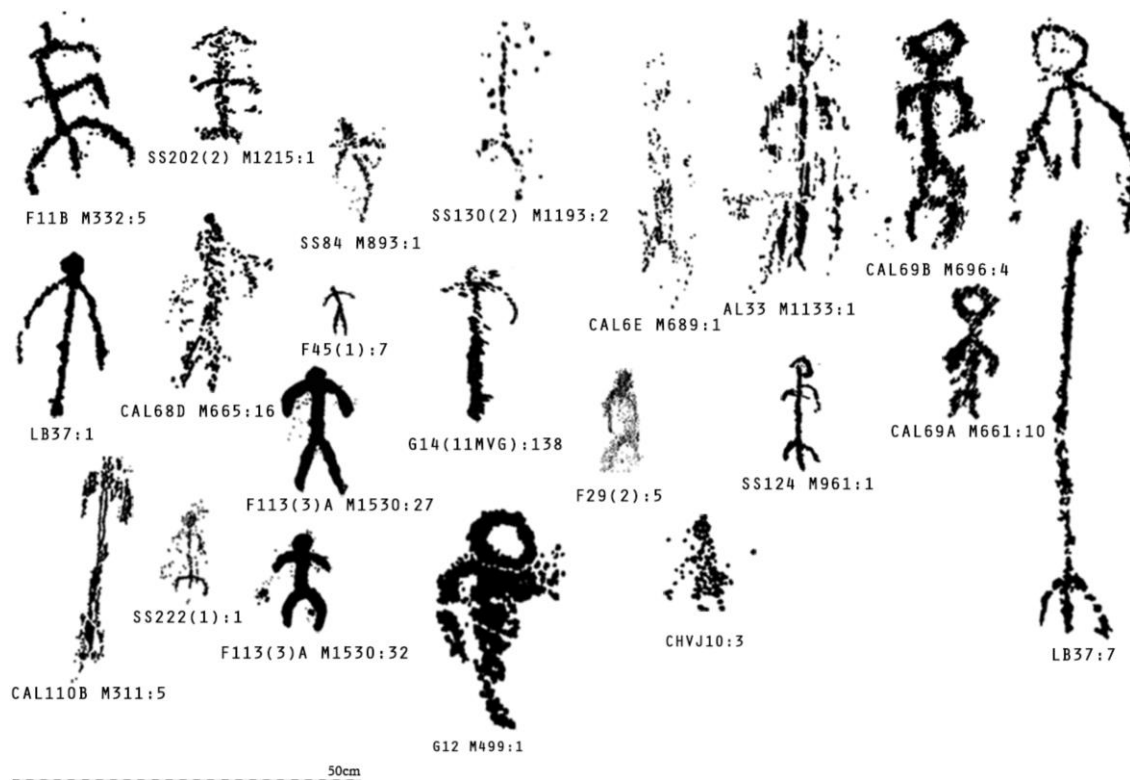


Figura 46: Exemplos de antropomorfos esquemáticos com braços curvados do vale do Tejo.

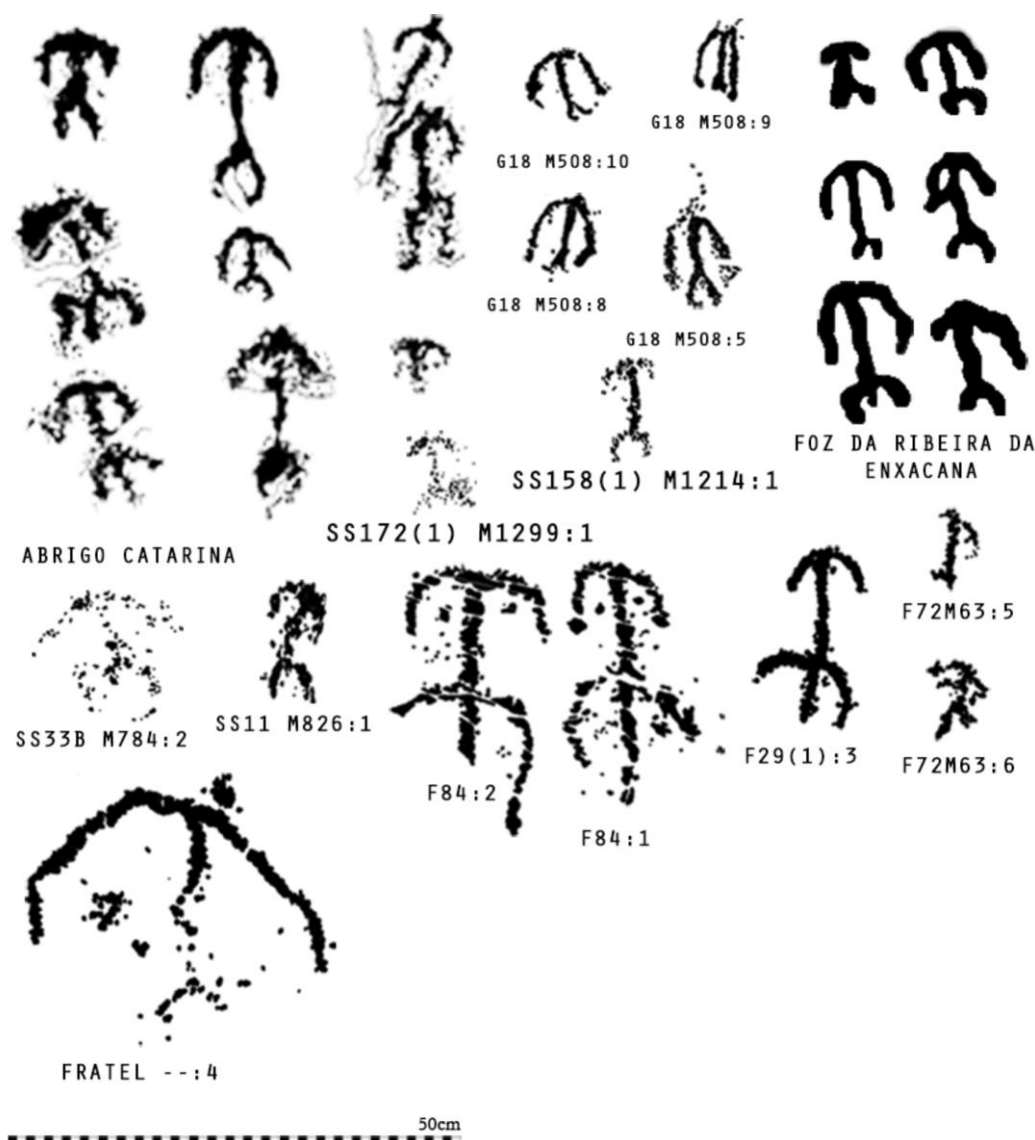


Figura 47: Exemplos de antropomorfos esquemáticos com braços curvados acéfalos do vale do Tejo, muito típicos da arte esquemática peninsular.

Antropomorfos esquemáticos com braços e pernas perpendiculares: esta subcategoria é também muito típica da arte esquemática no geral, apresenta paralelos um pouco por todo o território nacional: o motivo 1 da rocha 31 e o motivo 4 da rocha 62 da Moinhola, e ao motivo 42 da rocha 2 da Perdigoa (Guadiana) (ainda que lhes falte os membros superiores) (Baptista & Santos 2013); no Côa encontramos um paralelo no Vale de Vidieiro (Baptista, 1999; Luís, 2008:108); no abrigo do Colmeal (Lapa do Poio da Ladeira I), no painel A do abrigo Fonte Santa (Figueiredo & Baptista, 2013); no painel 5 da Lapa dos Gaivões (Martins, 2014); no painel 4 da Cueva de Castillo (Monfragüe); no painel 2 do abrigo 1 “Cueva Bermeja” da Sierra de la Parrila (Monfragüe) (Figura 48 e Figura 49 e Figura 65).

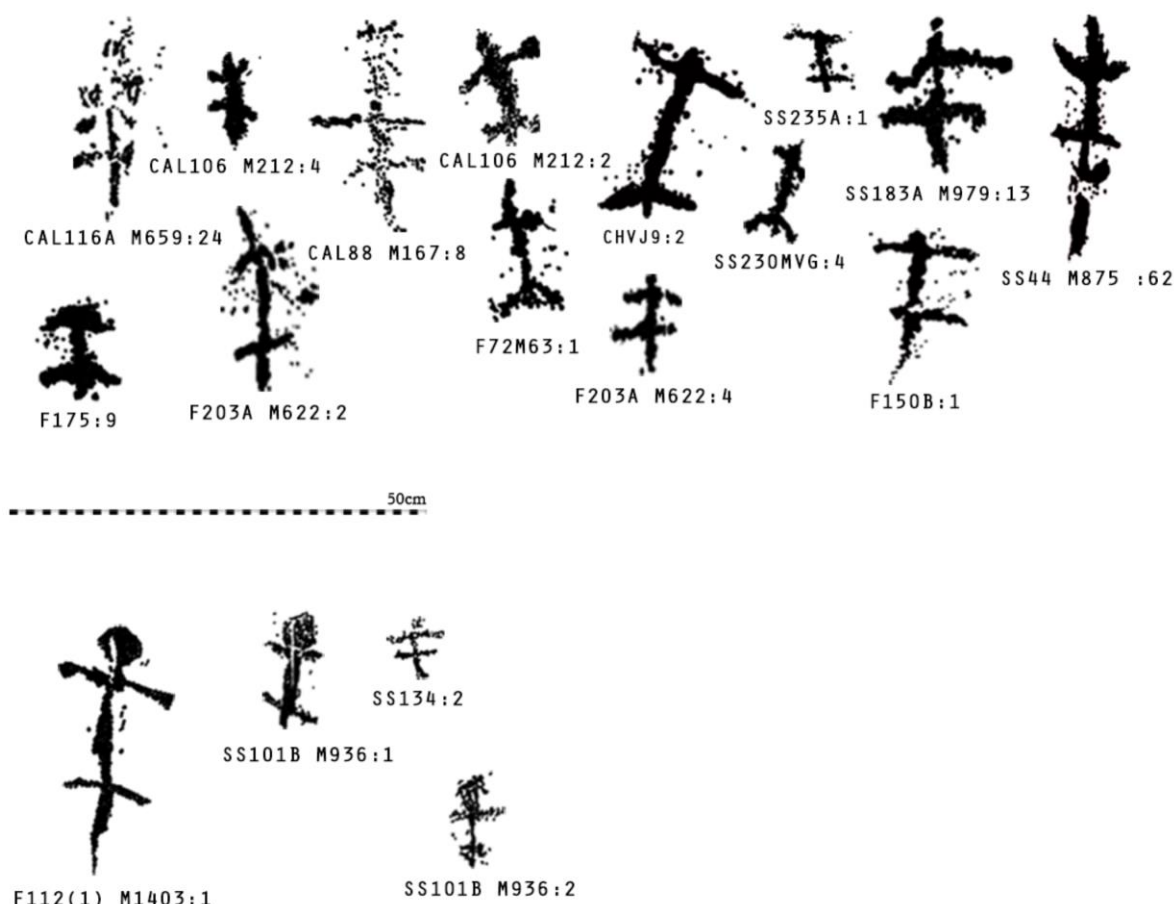


Figura 48: Exemplos de antropomorfos esquemáticos com membros perpendiculares do vale do Tejo.

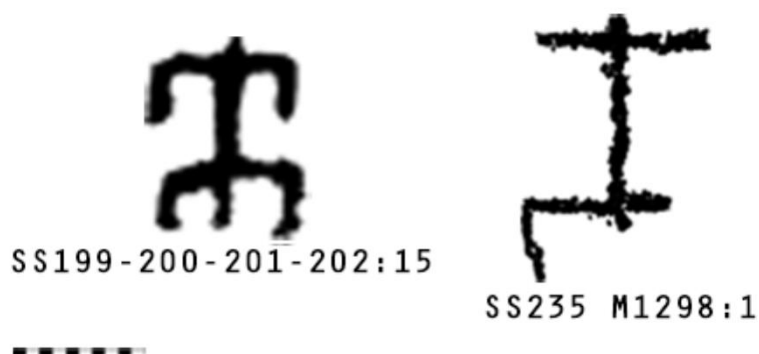


Figura 49: Exemplos de antropomorfos esquemáticos com membros em ângulo de 90° do vale do Tejo.

Antropomorfos esquemáticos lineares de corpo preenchido: ainda que estas figuras tenham sido interpretadas como peixes por alguns investigadores, mais especificamente a espécie do esturjão (Gomes, 2010: 310), algumas dúvidas em relação à sua representação permanecem. Foram aqui interpretados como figuras antropomórficas por apresentarem o que aparentam ser

membros inferiores e serem morfologicamente parecidos com a figura humana da rocha 17 de Penascosa, cronologicamente balizada no Neolítico (Luís, 2008) (Figura 50).

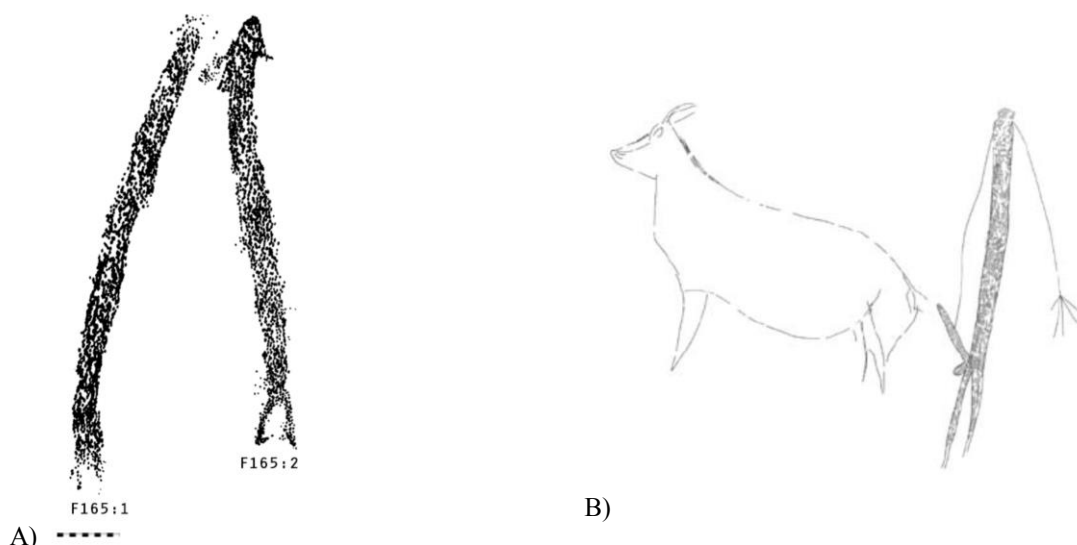


Figura 50: A) Antropomorfos da rocha 165 de Fratel. B) Figuras da rocha 17 da Penascosa (Luís, 2008).

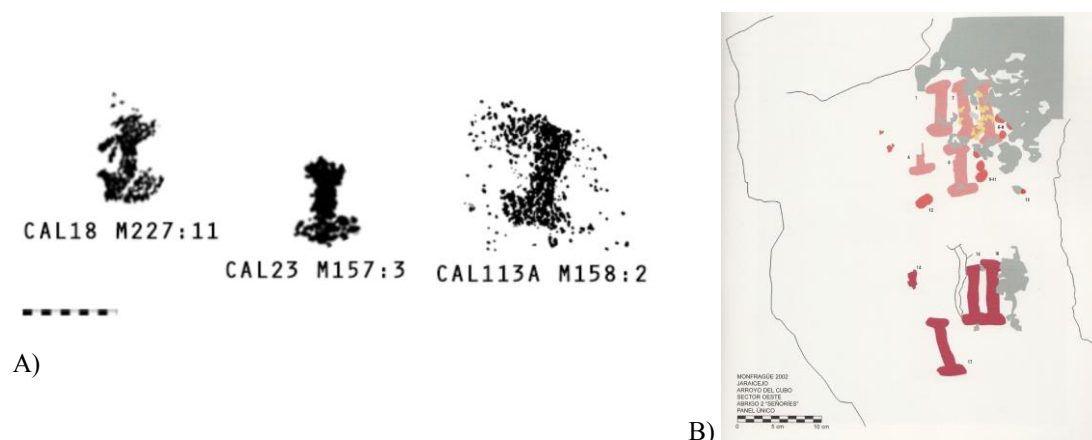


Figura 51: A) Antropomorfos em forma de I do vale do Tejo. B) Figuras em forma de único painel do abrigo 2 “Senoríes”, sector oeste de Arroyo del Cubo (Jaraicejo, Monfragüe) (Collado Giraldo e García Arranz, 2005:219).

Antropomorfos em forma de I: no vale do Tejo cingem-se a apenas 3 figuras, todas elas num único sítio rupestre, o Cachão do Algarve, e encontram paralelos, por exemplo, no único painel do abrigo 2 “Senoríes”, sector oeste de Arroyo del Cubo (Jaraicejo, Monfragüe) (Collado Giraldo e García Arranz, 2005:219) (Figura 51).

Antropomorfos-orantes: apresentam-se no Tejo 7 figuras que podem ser assim interpretadas por se tratarem de representações de figuras humanas com os membros superiores orientados

para cima, adquirindo uma posição de “orante”. Encontram no Guadiana alguns paralelos nomeadamente na rocha 2 do sector V de Foz de Pardais, na rocha 7 e 8 da Malhada dos gagos, na rocha 8 de Mocissos e na rocha 1 de Moinhola, Perdigoa (Baptista & Santos 2013) (Figura 52).

Antropomorfos esquemáticos de corpo cheio: apresentam-se no Tejo 4 figuras cujo corpo não se reduz a uma linha, pelo contrário, apresentam uma forma preenchida, com um certo volume. Tratam-se de gravuras que se assemelham a algumas figuras que normalmente se encontram nos monumentos megalíticos. Os melhores paralelos são as figuras antropomórficas que surgem na Arquinha da Moura (Tondela), na Orca dos Juncais (Viseu) e Vilarinho da Castanheira (Bragança). Surgem também alguns exemplares no Guadiana, nomeadamente nas rocha 1 do sector II de Foz de Pardais, na rocha 8 de Mocissos, nas rochas 7, 52 e 71 da Moinhola e na rocha 2 de Perdigoa (Baptista & Santos 2013) (Figura 53 e Figura 54).

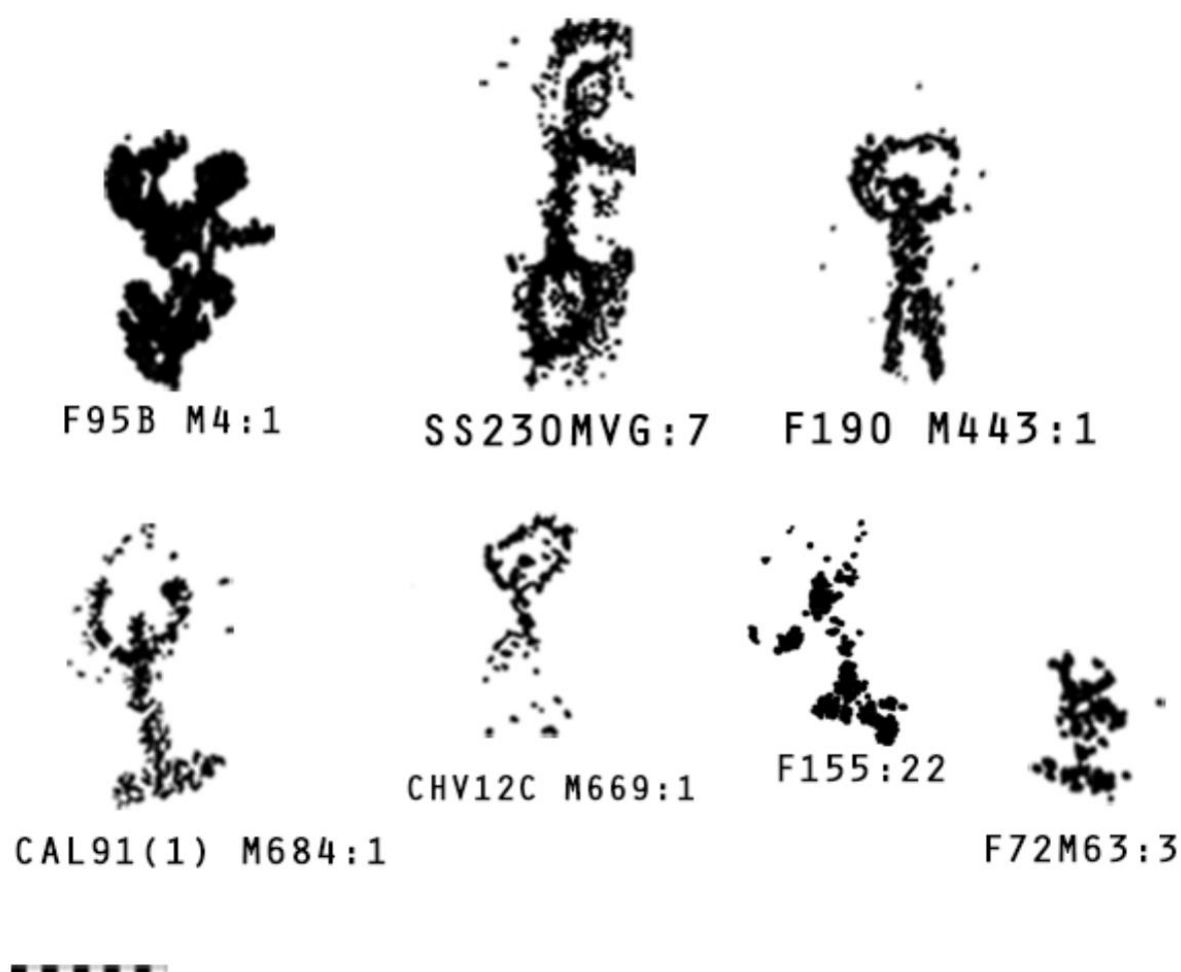
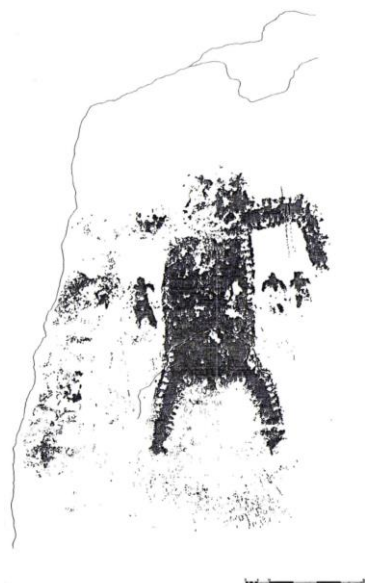


Figura 52: Exemplos de antropomorfos esquemáticos tipo-orantes do vale do Tejo.



A)



B)



C)

Figura 53: A) Fotografia do esteio de cabeceira da Arquinha da Moura (© Sara Garcês, 2015); B) Decalque do mesmo esteio (Cunha, 1995); C) Decalque das pinturas da Orca dos Juncais (Cunha, 1995).

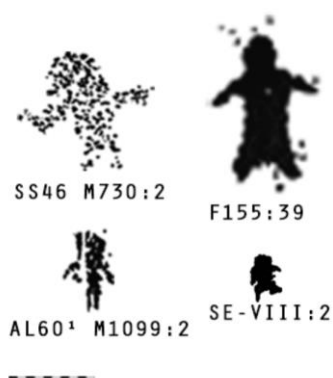


Figura 54: Exemplos de antropomorfos esquemáticos de corpo cheio do vale do Tejo.

Antropomorfos esquemáticos de braços em zig-zag: extremamente raros no Tejo surgem em sítios praticamente opostos no rio: Cachão de São Simão e Gardete. Encontra um paralelo no painel 2 do abrigo “Las Cazuelas”, Navacalera, Serrejón, Monfragüe (Collado Giraldo e García Arranz, 2005:117) (Figura 55).

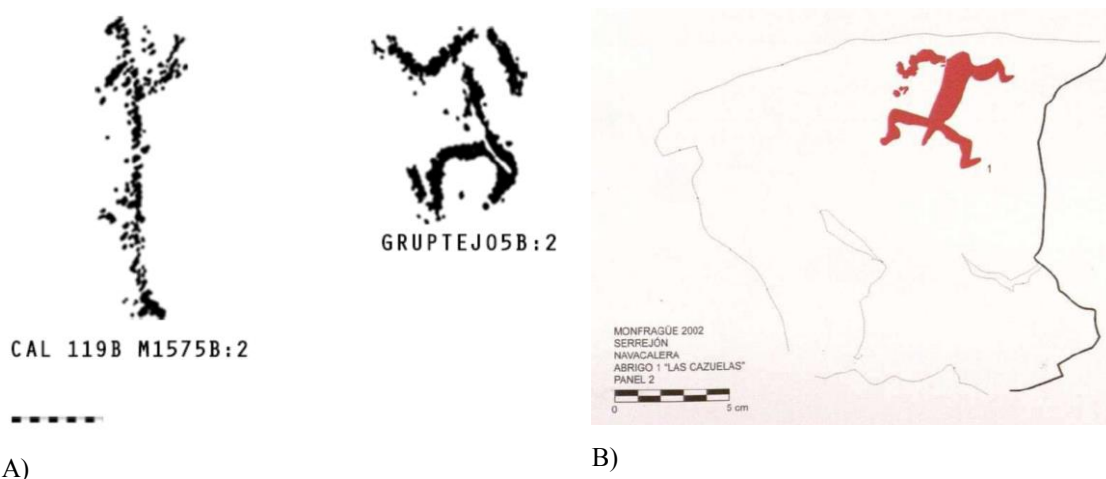


Figura 55: A) Exemplos de antropomorfos esquemáticos de corpo cheio do vale do Tejo. B) painel 2 do abrigo “Las Cazuelas”, Navacalera, Serrejón, Monfragüe (Collado Giraldo e García Arranz, 2005:117).

Antropomorfos tipo-ramiformes: ainda que existam apenas 7 exemplares deste tipo de figura no Tejo, esta é uma figura extremamente típica da arte esquemática pintada peninsular. Por exemplo, surge no Guadiana (margem portuguesa) na rocha 8 de Mocissos, na rocha 1, 10, 25 e 62 de Moinhola (Baptista & Santos 2013), e na margem espanhola na estação DLXVII “Falsa Alarma”, sector Molino de Volta (Collado Giraldo, 2006) no painel 2 do abrigo de Pala Pinta, no abrigo 3 do Regato das Bouças conhecido por “Casinhas de Nossa Senhora” (Sanches, 2002); no abrigo 9 da Faia (Côa) (Martins, 2014: fig1.43); no painel B do Bizarril, Poço Torto (Figueiredo & Baptista, 2013); no painel central e no tecto do abrigo 1 da Ribeira do Mosteiro (Figueiredo, Gaspar & Xavier, 2011); no painel B e D do abrigo de Fonte Santa (Figueiredo & Baptista, 2013); no abrigo A do Forno da Velha (Figueiredo & Baptista, 2009); no painel 2 e 3 do abrigo Igreja dos Mouros; no painel 1 do abrigo Pinho Monteiro (Arronches); no painel 2 da Lapa dos Coelhos (Torres Novas) (Martins, 2014: fig2.1429) (Figura 65) e no abrigo de El Mirador (Arroyo Barbaón, Serradilla); no abrigo de La Antena (Serradilla); no painel 2 do abrigo III “Cuernitos” na Sierra de Mohedas, Casas de Miravete (Monfragüe) (Collado Giraldo e García Arranz, 2005:38; 43; 159) (apenas para citar alguns exemplos) (Figura 56).

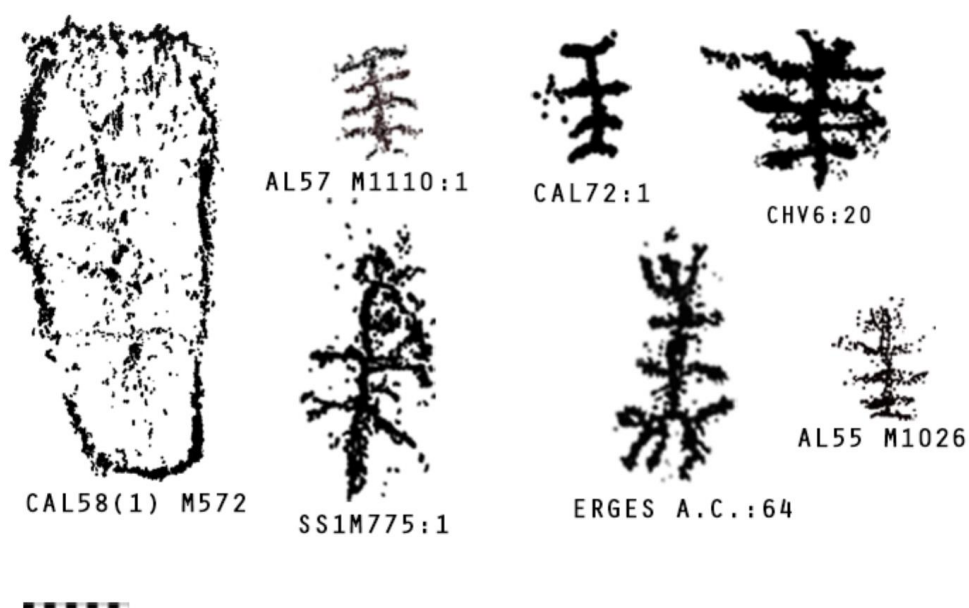


Figura 56: Exemplos de antropomorfos tipo-ramiforme do vale do Tejo.

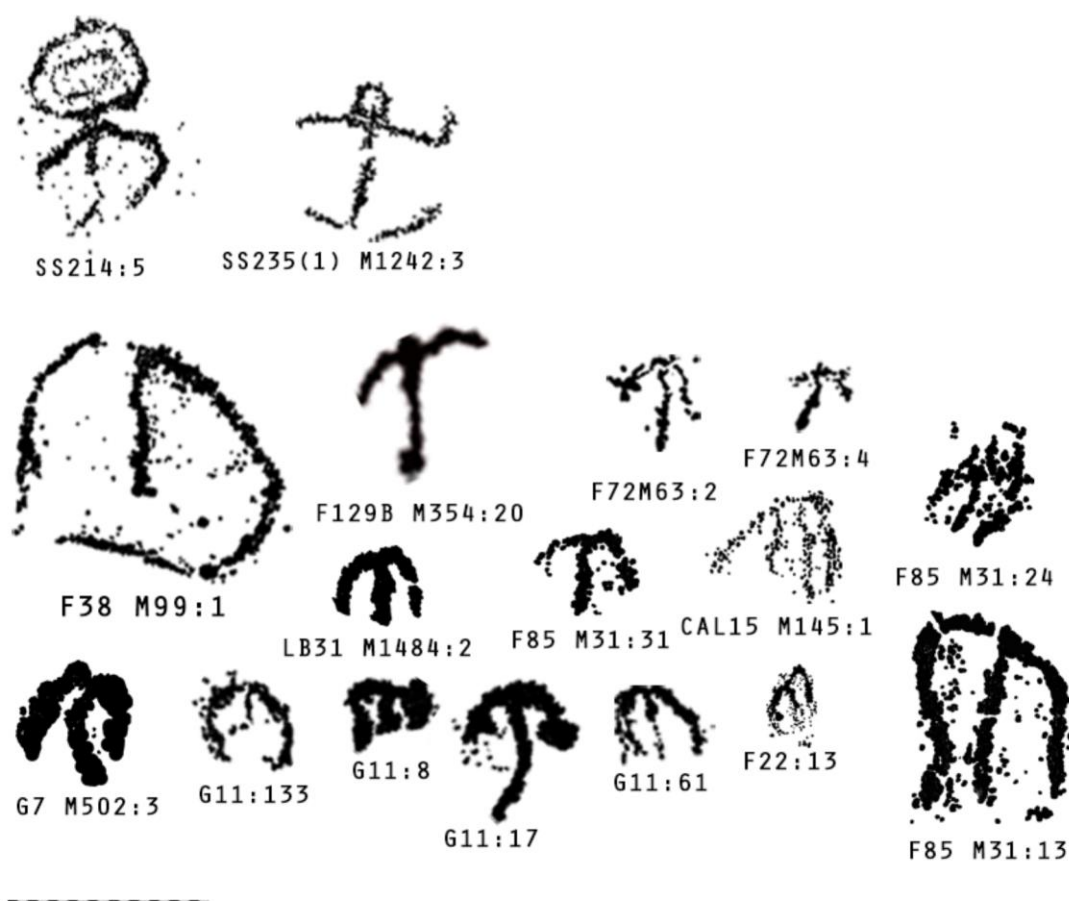


Figura 57: Exemplos de antropomorfos tipo ancoriformes do vale do Tejo. Primeira linha: com cabeça; Segunda linha: acéfalos.

Antropomorfos ancoriformes: Existem de dois tipos, com cabeça (com especial atenção para o exemplar da rocha 214 de São Simão) e típicos da arte esquemática peninsular (Figura 57). Trata-se de uma tipologia com ampla presença a nível peninsular. Podemos encontrá-los por toda a província de Badajoz (conjuntos de la Sierra de Arroyo de San Serván, Alange y la Zarza, Hornachos y Puebla de la Reina, Benquerencia, Helechal, La Nava, Cabeza del Buey, Peñalsordo y Capilla), assim como em toda a província de Cáceres, por exemplo, no painel 1 do abrigo da Cueva de Pedro em Arroyo del Cubo; nos painéis 1, 2, 3 e 4 de Murciélagos; no painel 1 de Marginal; no painel 1 de Castillo (Parque Nacional de Monfragüe) (Collado Giraldo e García Arranz, 2015); no abrigo de la Peña del Águila (Sierra de Magacela); no abrigo V “El Paso” em Salto del Corzo, Sierra de Mohedas (Monfragüe) (Collado Giraldo e García Arranz, 2005:173). Em Portugal encontramos exemplares no abrigo Pinho Monteiro, em Arronches (Martins, 2014), no painel A do abrigo da Fonte Santa (Figueiredo & Baptista, 2013), no Guadiana na rocha 8 de Mocissos (Figura 65). A figura 1 da rocha F38M99 e a figura 13 da rocha F85 M31 encontram paralelos em figuras da Cueva del Sol em Tarifa, em Cádiz, Andaluzia¹ (Figura 59). De destacar a semelhança entre a composição do abrigo V “El Paso” em Salto del Corzo, Sierra de Mohedas (Monfragüe) e a rocha 31 de Lomba da Barca (Figura 58).

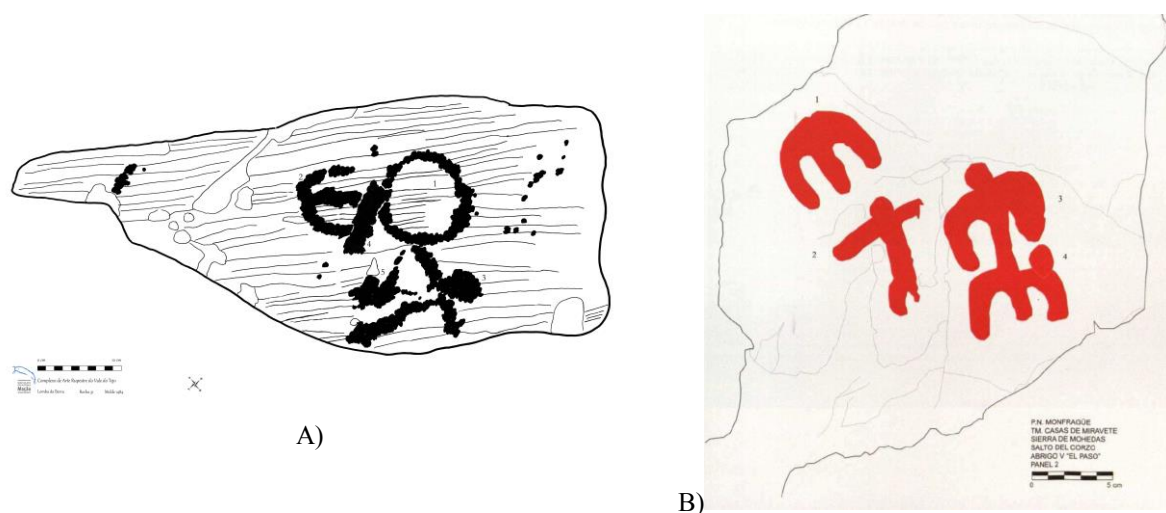


Figura 58: A) Rocha 31 de Lomba da Barca B) painel 2 do abrigo V “El Paso” em Salto del Corzo, Sierra de Mohedas (Monfragüe) (Collado Giraldo e García Arranz, 2005:173).

¹ <http://www.prehistoriadelsur.com/2013/12/cueva-del-sol.html>

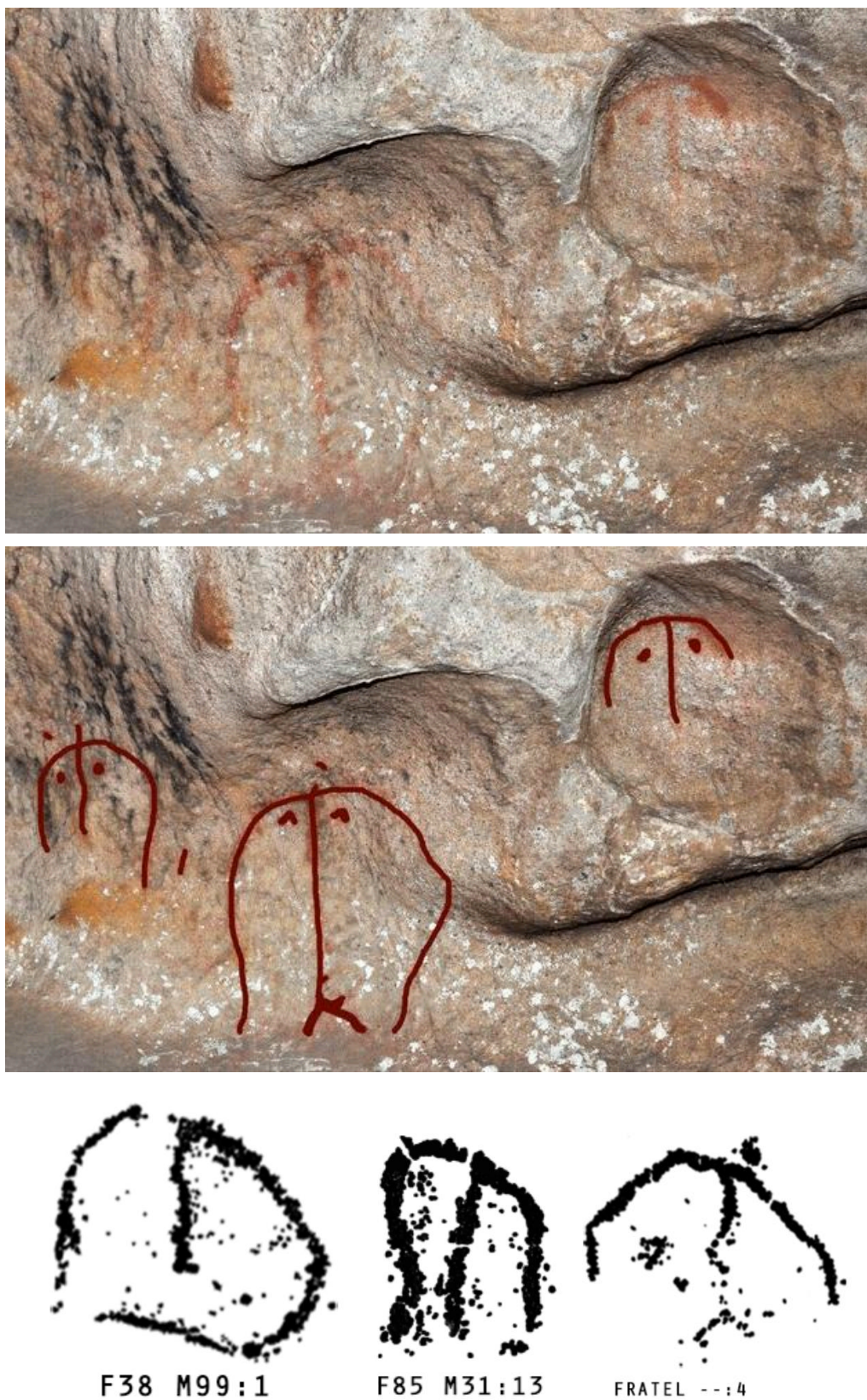


Figura 59: Comparação entre um dos painéis da Cueva del Sol (Tarifa, Cádiz, Andaluzia) com figuras do antropomórficas do Tejo.

Antropomorfos de outras categorias: identificou-se um conjunto de antropomorfos de difícil categorização e que são exemplares únicos na arte rupestre do Tejo. O primeiro exemplar (F72 M63:15) encontra um curioso paralelo na figura 9 da rocha 10 de Moinhola (Guadiana português) (Baptista & Santos 2013); o segundo exemplar (SS67C M836:10) é uma curiosa associação do que parecem ser 3 figuras distintas, no entanto, foi interpretada como uma figura humana ainda que sem qualquer tipo de paralelo conhecido; o terceiro exemplar (AL61(1)A M1084:1) parece ser um tipo de antropomorfo orante com as pernas em triângulo, também único no Tejo; o quarto exemplar (F1:1¹) é um antropomorfo ímpar e uma das figuras mais publicadas do Tejo: trata-se de um antropomorfo tipo-orante com cabeça circular e muitos detalhes na cara como os olhos e nariz, pernas em triângulo invertido e com uma arma à cintura. Provavelmente de uma cronologia mais tardia que a da arte esquemática peninsular (?) por apresentar uma arma à cintura. O quinto exemplar (CAL3:2) é também um antropomorfo único no Tejo e de difícil interpretação. Mostra movimento encontra-se de perfil com os braços esticados virado à esquerda para um zoomorfo e do seu pescoço sai o que parece ser uma capa. Ainda que seja uma “cena” de difícil consideração tanto no Tejo como em qualquer outro lugar, poderá ser uma versão de uma outra cena que surge no abrigo de la Peña del Águila (Sierra de Magacela) onde também figura um antropomorfo que poderá ser interpretado como uma capa virado para um animal (Figura 60 e Figura 62).



Figura 60: Exemplos de antropomorfos exemplares únicos do vale do Tejo.

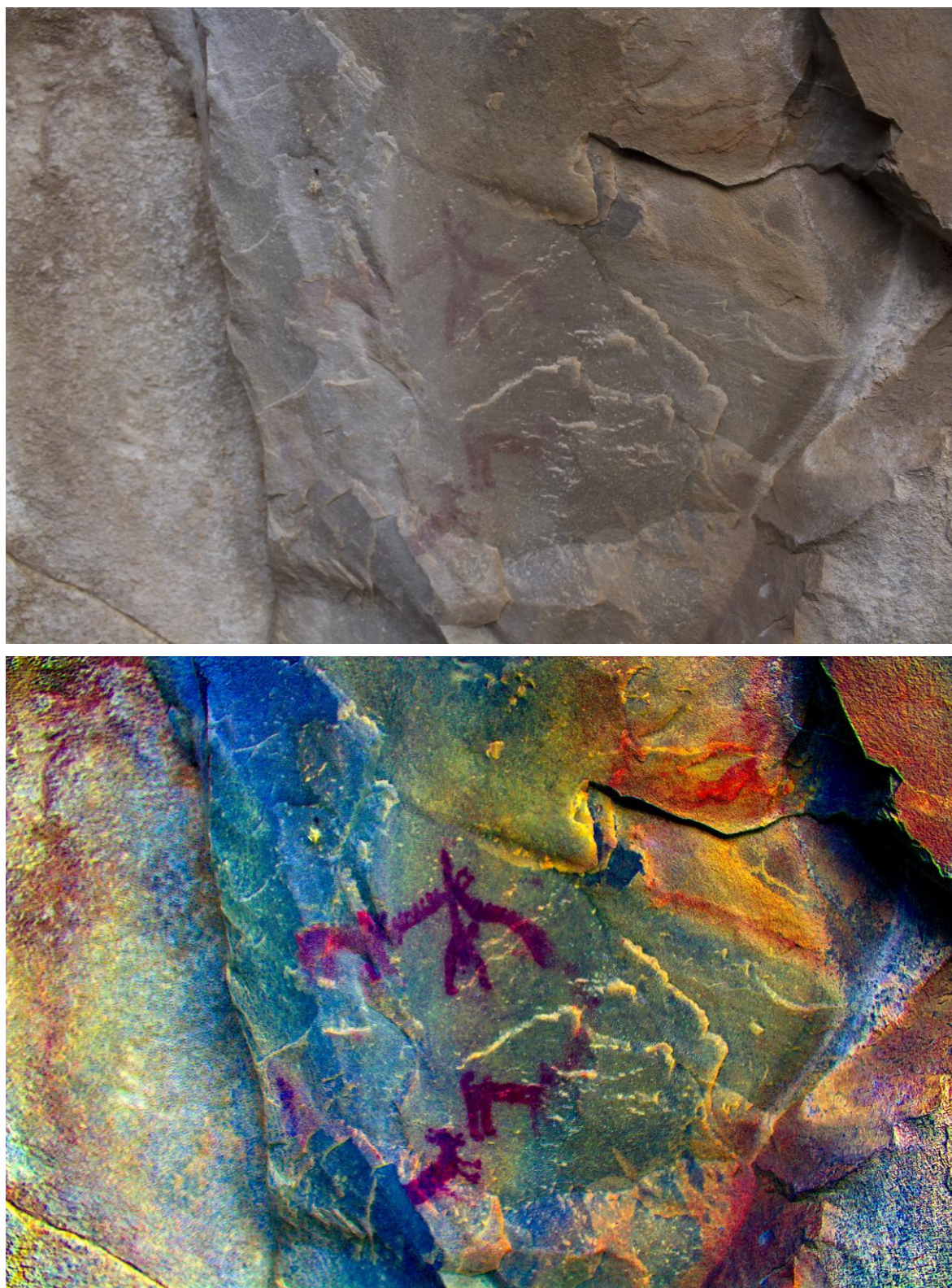


Figura 61: Foto de pormenor (em cima) e alteração digital da imagem com DStretch (em baixo) de painel do abrigo de la Peña del Águila (Sierra de Magacela). © Sara Garcês, 2015.

É importante salientar que esta comparação é um todo frágil de interpretação, mas ainda assim a semelhanças entre as figuras são evidentes. O sexto exemplar (GARDETE_2_RUPTEJO:1) poderá ser uma variação do antropomorfo do painel 1 do abrigo de La Nífa, (Collado Giraldo & García Arranz, 2015:43) ainda que este apresente algumas diferenças em relação ao antropomorfo do Tejo, no entanto, nas suas características gerais apresentam semelhanças (Figura 61).



Figura 62: Decalque da rocha 3 do Cachão do Algarve (em cima) e pormenor das figuras da mesma rocha (em baixo).

Antropomorfos incompletos: nesta subcategoria apresentam-se 10 antropomorfos que pelas suas características morfológicas sabe-se que pertencem a tipos típicos esquemáticos, mas que por se encontrarem incompletos ou de difícil leitura, não se consegue caracterizá-los por completo (Figura 63).

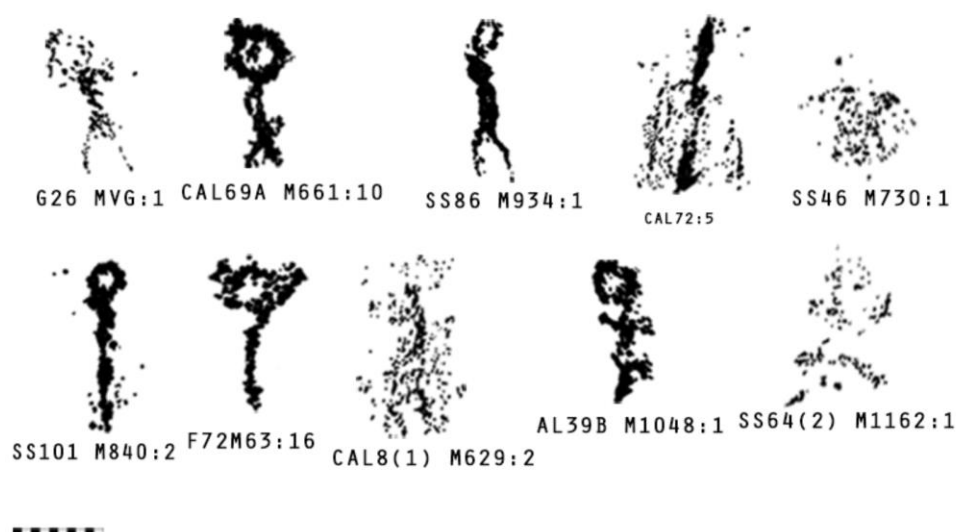


Figura 63: Conjunto de antropomorfos incompletos do vale do Tejo.

A última subcategoria de antropomorfos do Tejo são os que apresentam, sem dúvida, características que os encaixam na arte esquemática peninsular, mas que, no entanto, também apresentam alguns detalhes que normalmente não são muito comuns neste tipo de estilo rupestre. Nestes casos, apresentam-se 8 figuras antropomórficas que surgem ora abraçados a círculos (G14:30), com objetos numa mão (F113(3)^A M1530:18; SS68 M872:1), com o que poderá ser interpretado como toucados (SS130A M930:5; CAL28D M617:5; SS137A M985:1; F72 M63:7) ou círculos ou semicírculos a rodear a cabeça (SS214:4; F166 M433:1) (Figura 64). De salientar que o antropomorfo da rocha 72 de Fratel poderá encontrar paralelos no Guadiana português nomeadamente nas rochas 2 e 8 de Mocissos, enquanto que o antropomorfo da rocha 137^A de São Simão encontra um paralelo na rocha 1 da Malhada de Gagos (Baptista & Santos 2013).

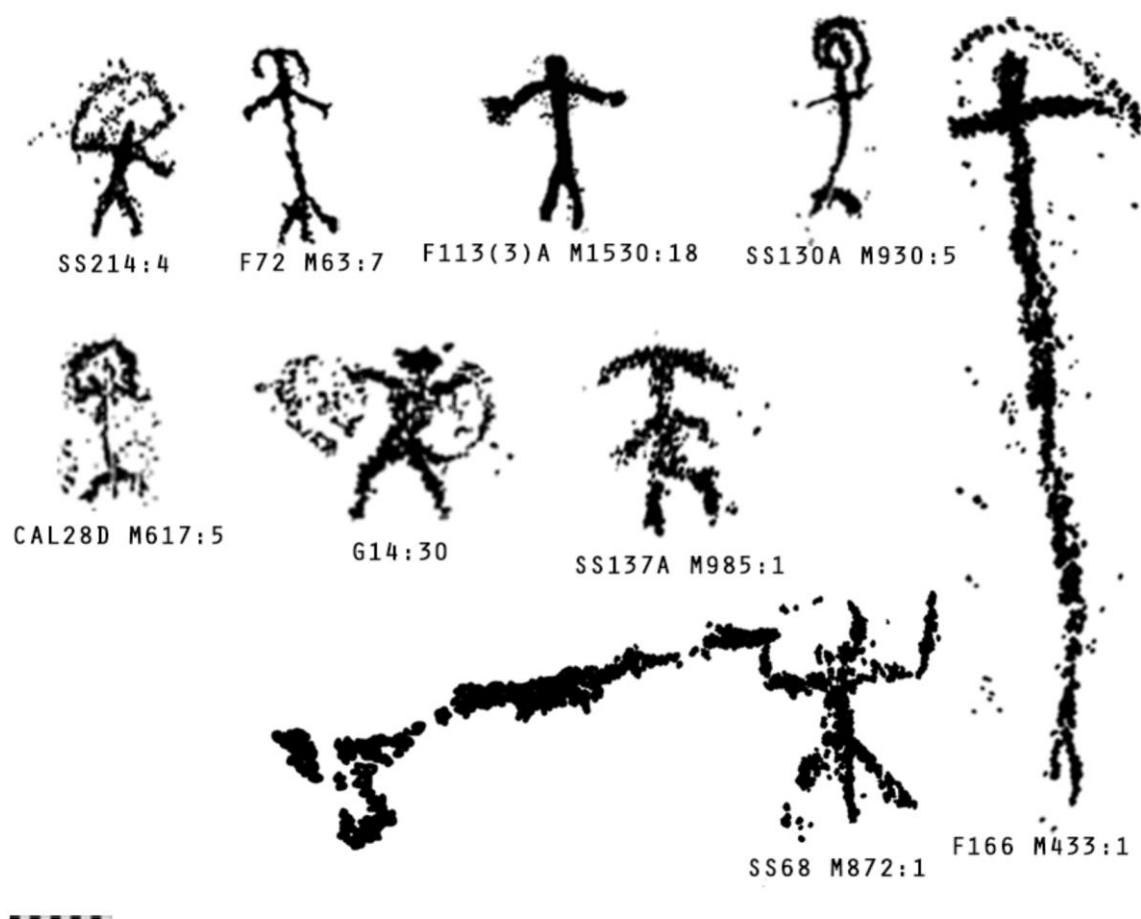
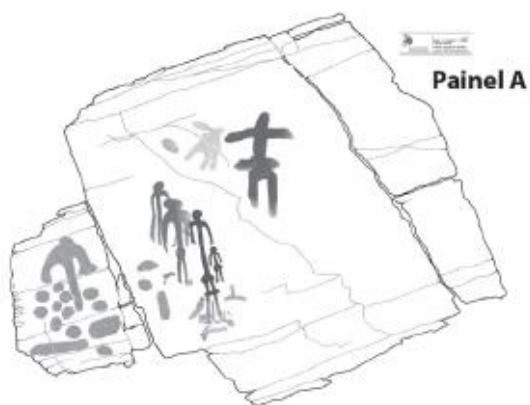


Figura 64: Conjunto de antropomorfos com detalhes do vale do Tejo.



A)



B)



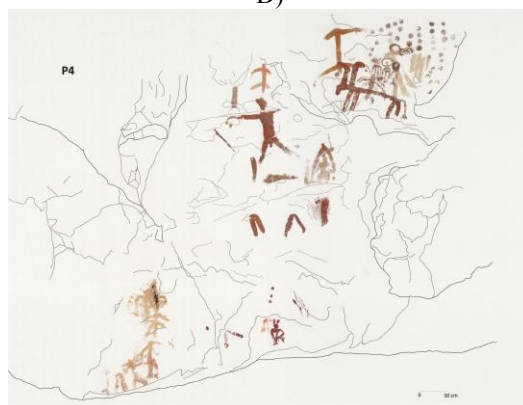
C)



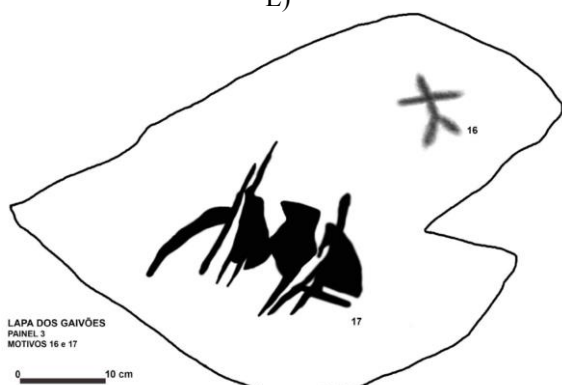
D)



E)



F)



G)



H)

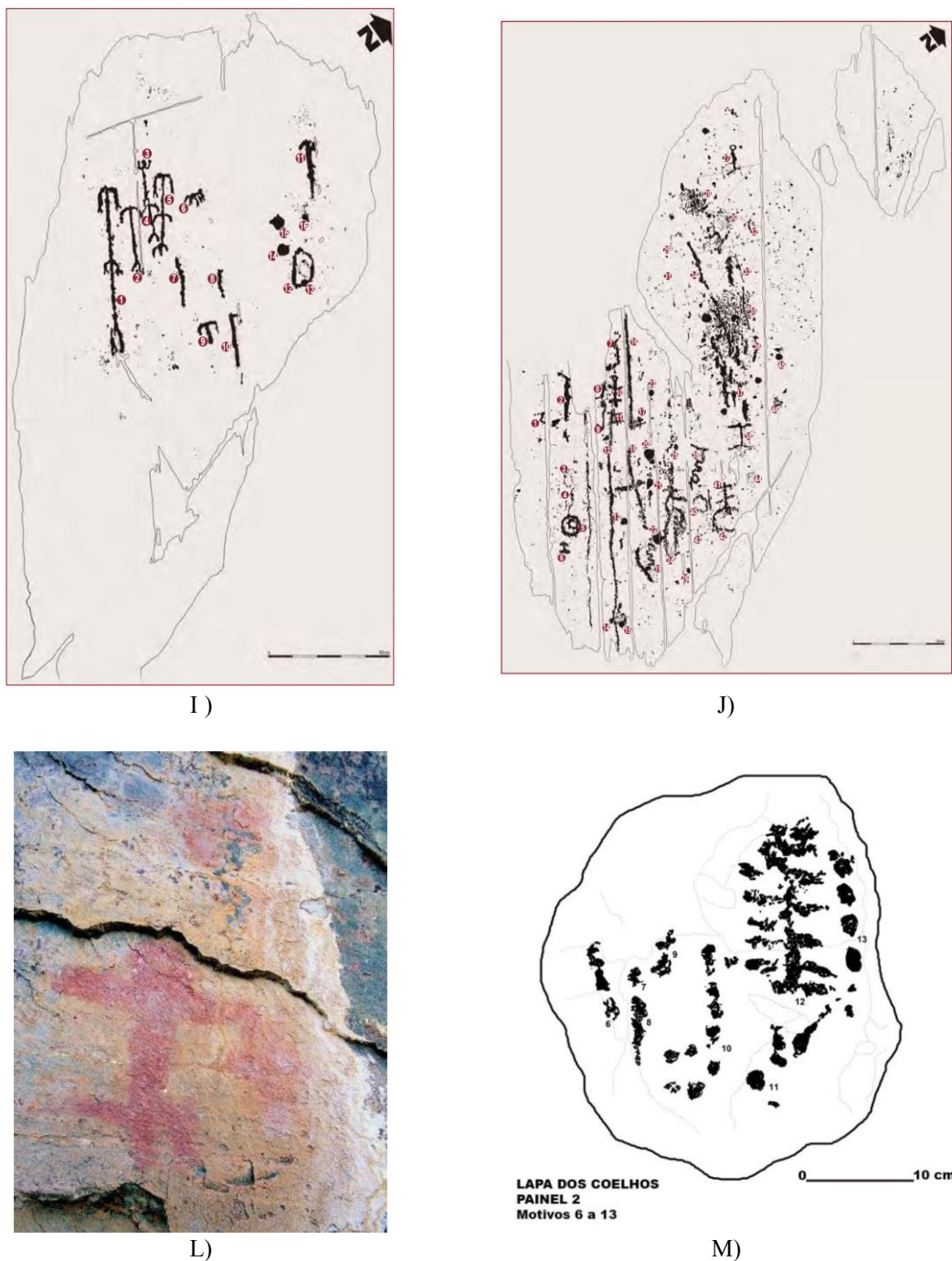


Figura 65: A) Painel A do abrigo de Fonte Santa (Freixo de Espada-à-Cinta) (Figueiredo & Baptista, 2013:306); B) Detalhe da rocha 9 de Malhada de Gagos (Guadiana) (Baptista & Santos, 2013); C) Pormenor da rocha 6 de Moinhola (Guadiana) (Baptista & Santos, 2013); D) Pormenor do abrigo do Colmeal (Lapa do Poio da Ladeira I) em Figueira de Castelo Rodrigo (Figueiredo & Baptista, 2010); E) Painel 2 da unidade gráfica A da Cueva del Castillo de Monfragüe (Collado, Arranz, Gómez, 2015); F) Painel 4 da unidade gráfica B da Cueva del Castillo de Monfragüe (Collado, Arranz, Gómez, 2015); G) Lapa dos Gaivões – decalque do painel 3 (Martins, 2014); H) Figuras humanas de traço fino da Cueva del Castillo de Monfragüe (Collado & Arranz, 2005); I) Painel D da rocha 8 de Mocissos (Baptista & Santos, 2013); J) Painel E da rocha 8 de Mocissos (Baptista & Santos, 2013); L) Antropomorfo esquemático do Vale do Videiro (Baptista, 1999); M) Painel 2 da Lapa dos Coelho – ramiforme (Martins, 2014).

De um modo geral, as representações antropomórficas esquemáticas são figuras lineares realizadas mediante uma simples combinação de traços retos ou curvos e que raramente recorre ao preenchimento interno. Tratam-se, habitualmente, de figuras representadas em pé, de frente, numa atitude estática, maioritariamente, carentes de grandes detalhes ou elementos ilustrativos como armas ou ferramentas (García Arranz & Collado Giraldo, 2013).

6.1.3.2. OS ZOOMORFOS ESQUEMÁTICOS

No caso dos zoomorfos esquemáticos, estes apresentam um verdadeiro desafio como por exemplo, na compreensão da espécie representada, quer se trate de quadrúpedes como de serpentiniformes. No vale do Tejo, os zoomorfos esquemáticos (149 figuras) (Tabela 7) representam 45,8% de todas as categorias onde se inserem as figuras zoomórficas do vale do Tejo e 2,1% do total de figuras do Tejo. Destas 149 figuras, 100 (30,77%) correspondem a serpentiniformes (forma de serpentes) já que a interpretação de todas estas figuras serão serpentes, ou não, é incerta. Normalmente o tipo de esquematismo aplicado à representação de animais torna complicado ou, muitas vezes, impossível compreender que tipo de espécie está representada, a não ser que algum detalhe anatómico esteja também representado. Faz parte da sua própria definição as figuras esquemáticas estarem reduzidas às mais simples características morfológicas (Figura 66).

	SS	AL	LB	CAL	FIC	F	FN	CHV	G	O	E	P	SE	TOTAL
Bovideo	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Ave	1	0	0	1	0	0	0	2	0	0	0	0	0	4
Cabra	1	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	3
Cavalo	1	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	3
Serpentiniforme	29	3	1	31	0	22	0	4	10	0	0	0	0	100
Corço	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	2
Javali	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Canídeos	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
ENI*	5	3	0	2	0	8	0	3	0	0	0	0	0	21
Réptil	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Urso	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	2
Lagomorfo	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Cervideo	2	3	0	0	0	2	0	2	0	0	0	0	0	9
Pectiniformes	0	0	0	0	1	2	0	0	0	0	0	0	0	3
TOTAL	40	10	1	35	1	36	0	16	10	0	0	0	0	149

Tabela 7: Distribuição numérica da fauna esquemática do vale do Tejo. SS= São Simão; AL= Alagadouro; LB= Lomba da Barca; CAL= Cachão do Algarve; FIC= Ficalho; F= Fratel; FN= Foz de Nisa; CHV= Chão da Velha; G= Gardete; OCR= Ocreza; ERG= Erges; P= Ponsul; SE= Sem Estação; ENI*=Espécie Não Identificada.

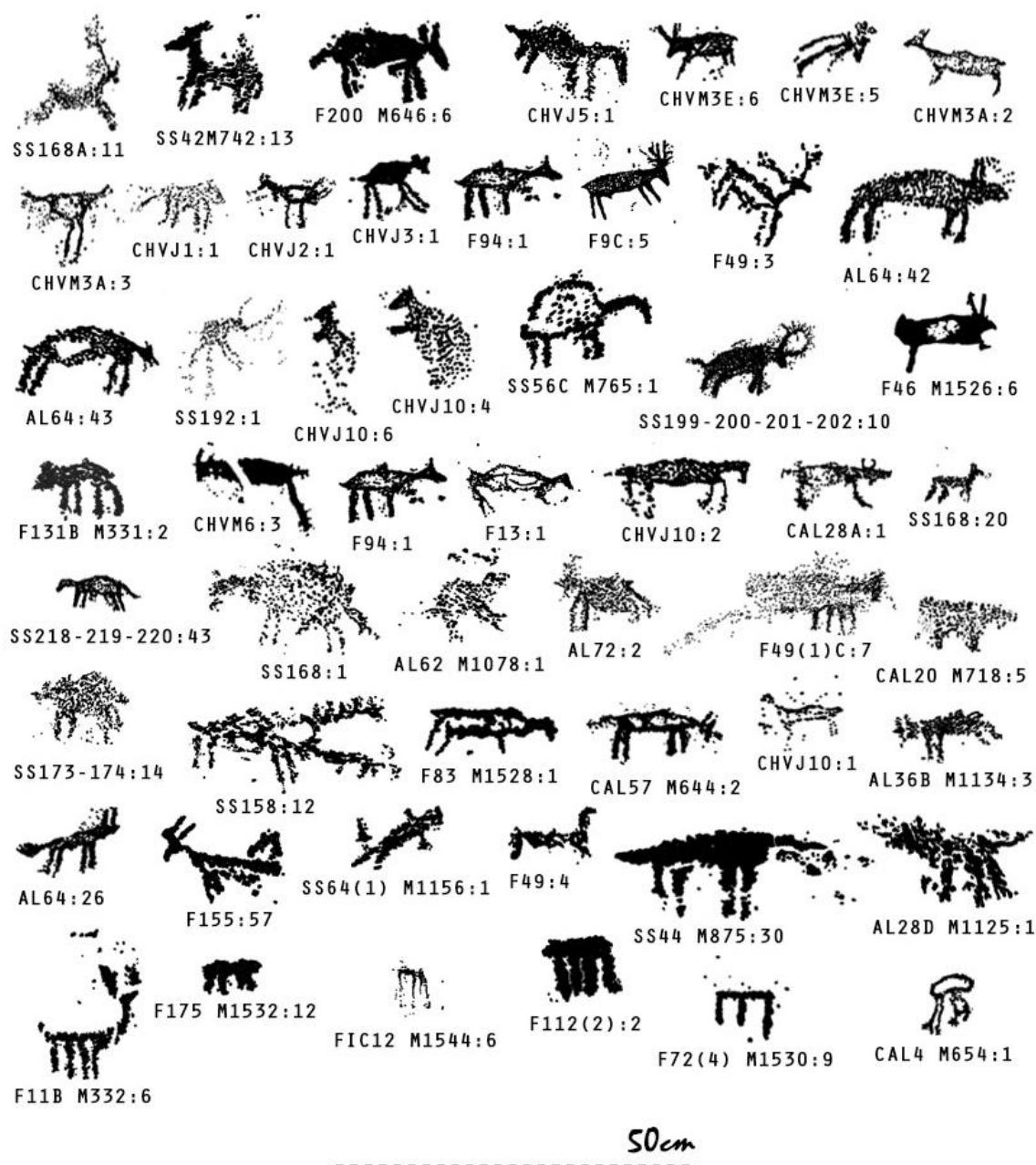


Figura 66: Exemplos de representações dos quadrúpedes e aves esquemáticas da arte rupestre do Tejo.

Nos 49 quadrúpedes identificados como animais esquemáticos, foi possível identificar o que parecem ser três aves, uma cabra, um cavalo, um veado e três pectiniformes. Todas as restantes (28 figuras) a espécie do animal não é possível ser identificada pelo nível de esquematismo que apresenta e consequente falta de detalhes anatómicos.

Os serpentiformes estão também incluídos dentro da panóplia de animais esquemáticos, no entanto, há aqui uma problemática inerente, as linhas onduladas, quando isoladas ou em conjunto, são normalmente classificadas como serpentiformes (Gomes, 2010). A própria

palavra que o classifica já alerta para um subjetivismo inerente: *serpentiforme* – forma de serpente, não atestando que de facto se trata de uma serpente. No vale do Tejo esta é uma representação importante, se compararmos com outros zoomorfos e até outros estilos. Dos 325 zoomorfos registados no Tejo, 100 são serpentiformes, o que perfaz uma percentagem de 30,7%, uma quantidade importante tendo em conta o número total de figuras de animais representadas no Tejo. Existem serpentiformes gravados nas rochas do santuário exterior do Escoural atribuídas ao Neolítico Final (Gomes, Gomes & Santos, 1994). No entanto, admite-se que é durante a Proto-História que aumentam as representações de serpentiformes, sobretudo na arte rupestre e muitas vezes associadas a espirais, círculos concêntricos e reticulados (Gomes, 2010). Surge também na arte esquemática pintada peninsular, como é o caso do painel 7 do Abrigo de la Águila, em Badajoz (Figura 69).

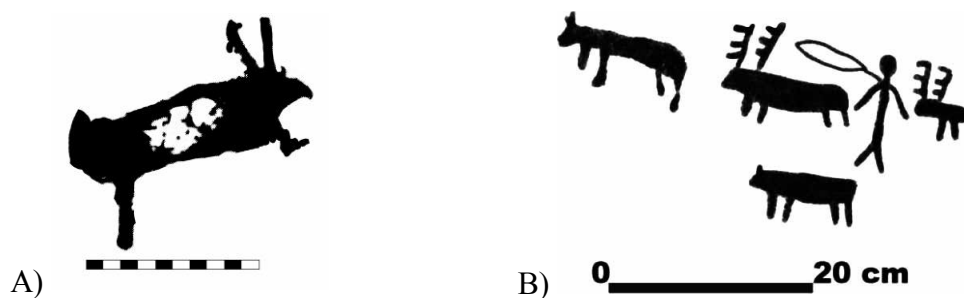


Figura 67: Comparação entre figuras esquemáticas do Tejo com figuras da Lapa dos Gaivões; A) figura 6 da rocha F46M1526 o Tejo; B) pormenor do painel 4 da Lapa dos Gaivões (Martins, 2014).

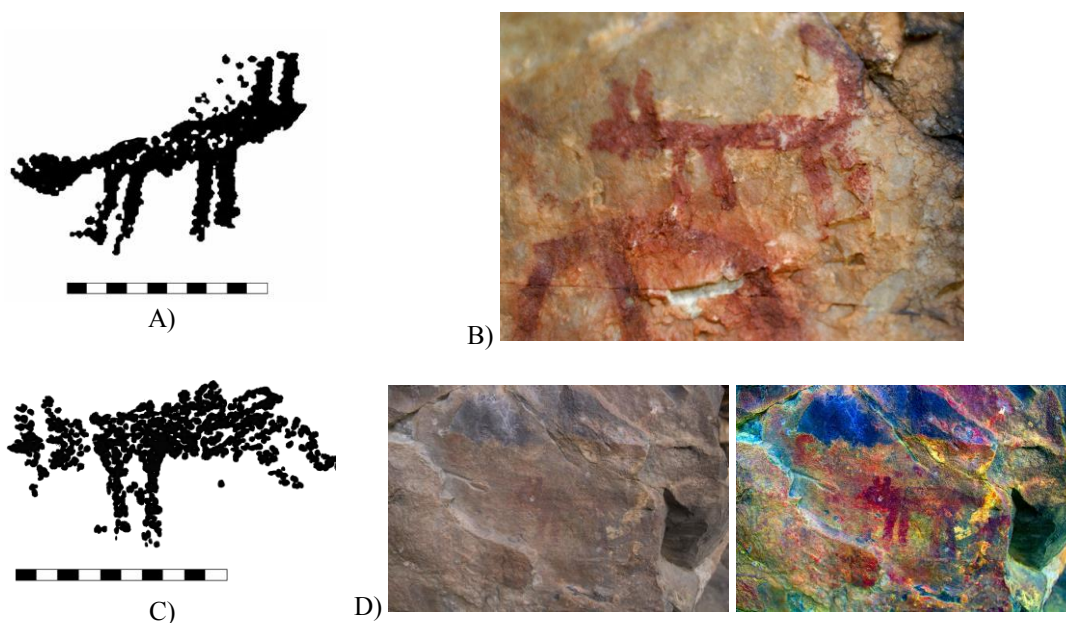




Figura 68: Comparação morfológica entre zoomorfos esquemáticos do Tejo com zoomorfos de abrigos de arte esquemática pintada da Extremadura Espanhola. A) AL64:26; (B) figura do abrigo Cancho de la Burra, Cañamero, Cáceres (© Hipólito Collado); C) AL 36B M1134:3; D) foto original e foto filtrada no DStretch de figura de animal do abrigo Peña del Águila, Cáceres; E) F155:57; F) foto original e foto filtrada no DStretch de figura de animal do abrigo Peña del Águila, Cáceres.

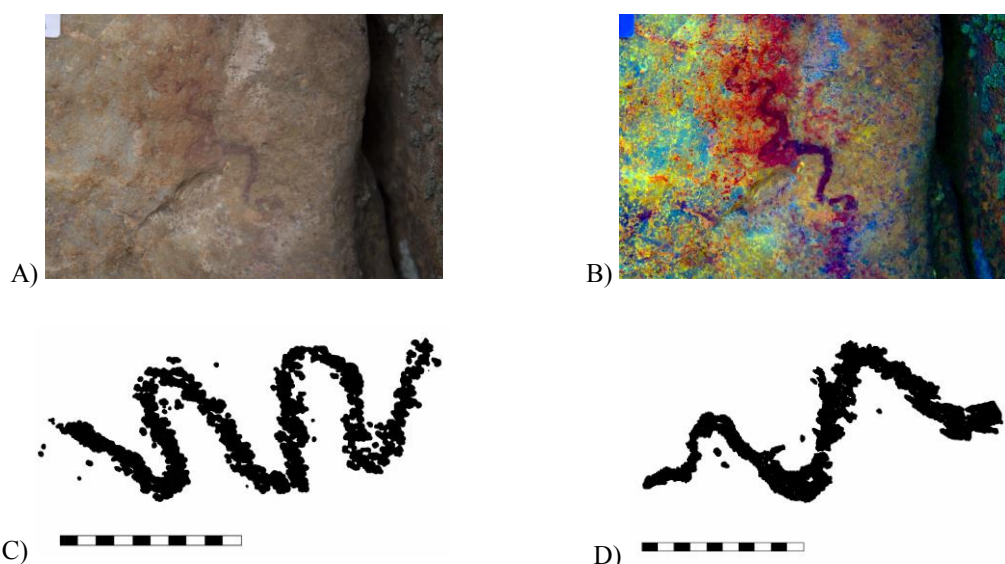


Figura 69: A-B) detalhe de serpentiforme no abrigo de la Águila, em Badajoz (© Sara Garcês, 2015); C) serpentiforme da rocha 50 do Cachão do Algarve (CAL50B M568); D) serpentiforme da rocha 9 de Chão da Velha (CHVM491).

Uma outra figura comum na arte esquemática é o pectiniforme. Raros no Tejo, são, todavia, bastante comuns nos abrigos com pinturas esquemáticas. Comummente, são considerados como fazendo parte da tipologia dos zoomorfos, no entanto num estado já totalmente esquematizado (Collado Giraldo & García Arranz, 2015). No vale do Tejo são bastante raros (apenas 3 exemplares, dois no Fratel e outro no Ficalho). No abrigo de la Golondrina (Sierra de Las Corchuelas) e no abrigo del Pectisol (Sierra de Santa Catalina), ambos no Parque Nacional de Monfragüe, encontram-se associados a motivos retangulares e soliformes respetivamente. Tendo em conta que em ambos os casos a técnica de execução é semelhante, assim como são semelhantes os abrigos onde estes motivos se dispõem (pequenas superfícies

rochosas protegidas por viseiras pouco desenvolvidas), ambos os sítios se situam perto de caminhos ou nas proximidades de zonas protegidas com presença de zonas de pastoreio e água, muito favoráveis para o pasto de gado no contexto de estacionamentos sazonais (migrações ou transumância) (Figura 70).

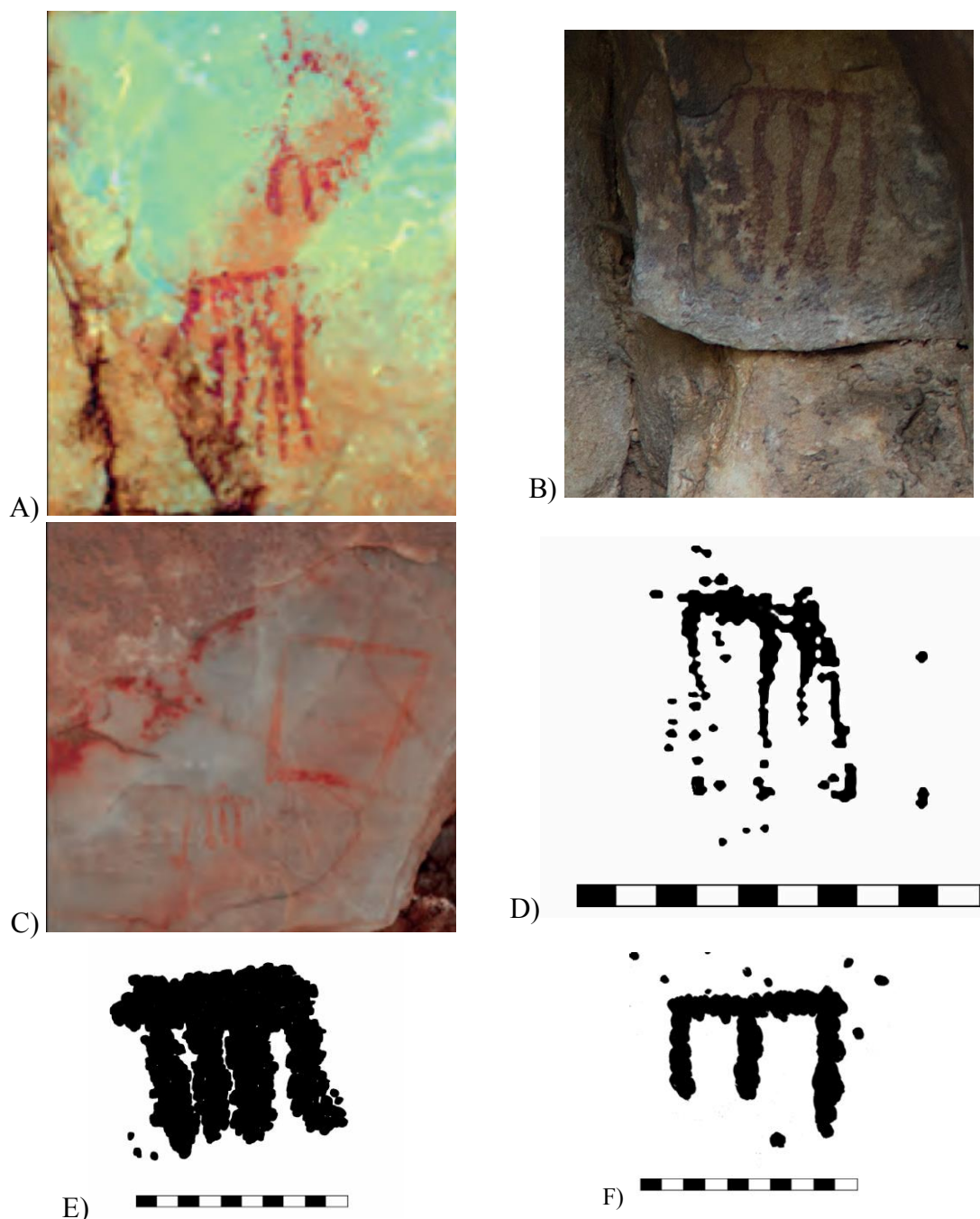


Figura 70: Conjunto de pectiniformes. A) Abrigo do Pectisol (Sierra de Santa Catalina) (Collado Giraldo & García Arranz, 2015); B) Pectiniforme do abrigo del Águila (Badajoz) (© Sara Garcês, 2015); C) Abrigo de la Golondrina (Sierra de las Corchuelas) (Collado Giraldo & García Arranz, 2015); D) Pectiniforme da rocha 112(2) do Fratel (Gomes, 2010); E) Pectiniforme da rocha 12 do Ficalho; F) Pectiniforme da rocha F72(4) M1530.

Tendo em conta estes fatores, H. Collado Giraldo & J.J. García Arranz (2015) propõem como interpretação para esta associação uma mensagem em relação ao local onde se localiza o abrigo, o sinal de uma zona favorável ao descanso e pastoreio ocasional de gado onde os pectiniformes fazem alusão às cabanas dos pastores e o motivo retangular e o soliforme fazem alusão aos recintos ou espaço de descanso de animais. Um destes abrigos está ao lado do Abrigo de los Puntos, que contém centenas de pontos e digitações representados em diversas cores e composições que poderiam relacionar-se com sucessivos sistemas de contagem e controlo de rebanhos (Collado Giraldo & García Arranz, 2015). No caso do Tejo, estas figuras encontram-se associadas única e exclusivamente a figuras circulares. A sua interpretação torna-se assim difícil, pela escassez de representações.

6.1.3.3. ESTRUTURAS LINEARES ABERTAS

Estas correspondem a 17,5% (1229 figuras) num total de 6988 gravuras divididas nos seguintes subcategorias (Tabela 8):

Linhas ou barras (538 figuras - 43,78%) (Figura 71)

Um extremo curvado (8)

Quebrada (89)

Duplas (4)

Triplas (1)

Paralelas (17)

Simples (375)

Curva (44)

Feixes (21 figuras – 1,71%) (Figura 72)

Convergentes (14)

Curvados (1)

Emaranhados (1)

Paralelos (5)

Linhas onduladas (47 figuras – 3,89%) (Figura 73)

Complexas (1)

Duplas (18)

Simples (21) (Figura 74)

Triplas (5)

Quadruplas (2)

Zig-Zags (3 figuras – 0,24%) (Figura 76)

Ângulo (6 figuras – 0,49%) (Figura 76)

Outros (472 figuras – 38,4%) (Figura 75)

Ferradura (1)

Bucrânio (9)

Semicírculo (323)

Meandro (30)

Hastes (3)

Em U (96)

Em U duplo (4)

Em U com traço no meio (6)

Espiral (142 figuras – 11,55%) (Figura 77)

1 anel (46)

2 anéis (40)

2 anéis mais ponto central (1)

2 anéis mais apêndice (7)

3 anéis (20)

3 anéis mais apêndice (3)

3 anéis dentro de círculo com meandro central (1)

4 anéis (14)

4 anéis mais apêndice (2)

4 anéis mais círculo central (1)

5 anéis (5)

6 anéis (3)

6 anéis mais ponto central (1)

Independentemente da variedade de subtipos que possam surgir dentro da categoria Estruturas Lineares Abertas, é de destacar que a esmagadora maioria das figuras pertence a dois principais tipos: linhas ou barras e outros. Neste caso, os *Outros* formam um conjunto de figuras muito típicas da arte esquemática peninsular como os semicírculos e toda a panóplia de figuras em U.



Figura 71: Diferentes tipos de linhas/barras do vale do Tejo. A) Linha com extremo curvado; B) Linha quebrada; C) Linhas duplas; D) Linhas Triplas; E) Linhas Paralelas; F) Linha Simples; G) Linhas Curvas.

CERVÍDEOS: SÍMBOLOS E SOCIEDADE NOS PRIMÓRDIOS DA AGRICULTURA NO VALE DO TEJO
VOLUME II

		SS	AL	LB	CAL	FIC	F	FN	CHV	G	O	E	P	SE	TOTAL
Linhas	Um extremo curvado	2	0	0	4	0	0	0	0	1	0	0	0	1	8
	Quebrada	25	2	2	24	2	25	1	1	3	3	0	1	0	89
	Duplas	0	0	0	1	0	2	0	1	0	0	0	0	0	4
	Triplas	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
	Paralelas	5	1	0	5	0	5	0	0	1	0	0	0	0	17
	Simples	111	7	3	88	14	104	2	7	22	2	9	1	5	375
	Curva	18	1	0	8	1	13	0	0	3	0	0	0	0	44
Feixes	Convergentes	3	0	0	1	0	7	0	0	0	0	3	0	0	14
	Curvadas	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
	Emaranhadas	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
	Paralelas	0	0	0	2	0	1	0	1	0	0	1	0	0	5
Linhas Onduladas	Complexas	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
	Duplas	8	0	0	4	0	6	0	0	0	0	0	0	0	18
	Simples	9	3	0	3	0	4	0	0	1	0	1	0	0	21
	Triplas	4	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	5
	Quadruplas	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
Zig-Zag	Simples	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3
Ângulo	Simples	0	0	0	5	0	1	0	0	0	0	0	0	0	6
Outros	Ferraduras	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
	Bucrânio	0	1	0	1	0	7	0	0	0	0	0	0	0	9
	Semicírculo	76	2	7	108	20	68	1	5	17	5	7	0	7	323
	Meandro	9	2	1	9	0	6	0	0	2	0	0	0	1	30
	Hastes	1	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	3
	Em U	20	0	4	19	8	38	0	0	7	0	0	0	0	96
	Em U Duplo	0	0	0	0	0	3	0	0	0	0	0	0	1	4
	Em U com traço no meio	1	3	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	6
Espiral	1 anel	14	0	0	17	0	14	0	1	0	0	0	0	0	46
	2 anéis	8	5	0	14	0	10	0	2	0	1	0	0	0	40
	2 anéis + ponto central	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
	2 anéis + apêndice	2	0	0	2	0	3	0	0	0	0	0	0	0	7
	3 anéis	4	0	0	8	1	6	0	0	0	1	0	0	0	20
	3 anéis + apêndice	0	1	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	3
	3 anéis dentro de círculo com meandro central	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
	4 anéis	3	0	0	2	0	8	0	0	0	1	0	0	0	14
	4 anéis + apêndice	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
	4 anéis + círculo central	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
	5 anéis	2	0	0	0	0	2	0	0	0	1	0	0	0	5
	6 anéis	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
	6 anéis + ponto central	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
	TOTAL	334	29	17	329	46	342	4	18	58	14	21	2	15	1229

Tabela 8: Distribuição numérica das Estruturas Lineares Abertas do vale do Tejo. SS: São Simão; AL: Alagadouro; LB: lomba da Barca; CAL: Cachão do Algarve; FIC: Ficalho; F: Fratel; FN: Foz de Nisa; CHV: Chão da Velha; G: Gardete; O: Ocreza; E: Erges; P: Ponsul; SE: Sem Estação.



Figura 72: Diferentes tipos de feixes do vale do Tejo. A) Feixes convergentes; B) Feixes Curvados; C) Feixes Emaranhados; D) Feixes paralelos.

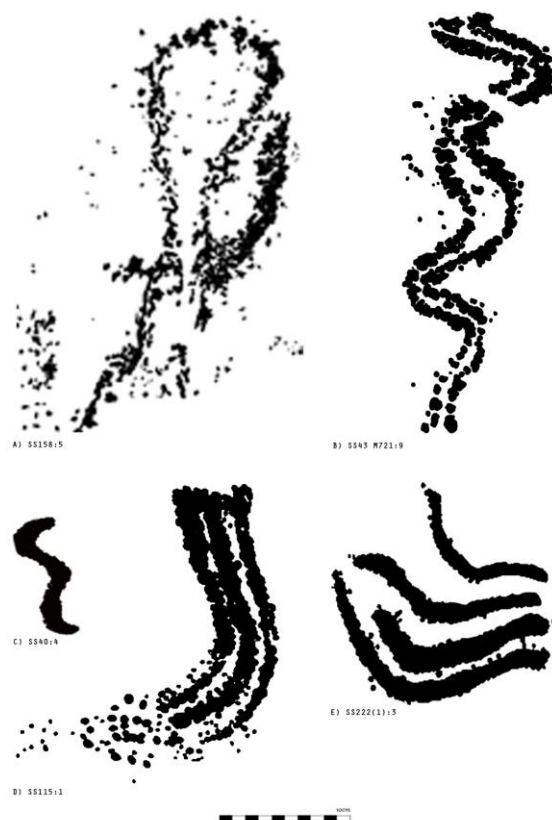


Figura 73: Diferentes tipos de linhas onduladas do vale do Tejo. A) Linhas Onduladas Complexas; B) Linhas Onduladas Duplas; C) Linhas Onduladas Simples; D) Linhas Onduladas Triplas; E) Linhas Onduladas Quadruplas.

As barras são um dos motivos mais frequentes de toda a arte esquemática peninsular, aliás, é muitas vezes o único motivo que surge em muitos abrigos pintados. Um verdadeiro exemplo (entre centenas) encontra-se perto da ribeira de Barbaón (Serradilla, Parque Natural de Monfragüe, no setor oriental) onde se encontram verdadeiros frisos de barras/linhas pintadas, algumas chegando aos 15 metros de comprimento e onde a barra é praticamente o único motivo representado. Em Portugal, é possível encontrar o motivo “barra”, por exemplo, no Pego da Rainha (Mação) (Martins, 2014) em abrigos da Serra dos Passos (abrigo 1, 2, 3) (Sanches, 1997), na Ribeira do Mosteiro (Figueiredo & Baptista, 2009), no vale do Lapedo (Leiria) (Martins, Rodrigues & García-Diez, 2004; Alves *et al.*, 2014), no abrigo Chão do Galego e abrigo do Almourão (Henriques *et al.*, 2011), no abrigo do Ninho do Bufo (Marvão) (Oliveira & Oliveira, 2015), na Ermida da Nossa Senhora da Lapa (Portalegre) (Martins, 2014), no Abrigo do Bufo, na margem direita do Ardila (Baptista & Santos, 2013) e no vale do Côa: Vale Videiro, Vale da Figueira, Monte de S. Gabriel, e Lapas Cabreiras (Figueiredo & Baptista, 2011; Reis, 2012; Alves *et al.*, 2014; Martins, 2014; Candelera *et al.*, 2014).

Percebe-se assim, que as barras são das figuras mais típicas da arte esquemática peninsular surgindo em praticamente todos os abrigos pintados, facto já reconhecido por P. Acosta (1968).

Outras figuras relativamente bem conhecidas são as linhas onduladas ou os zig-zags. Também muito presentes nos sítios rupestres do Parque de Monfragüe, estes encontram-se por exemplo, em La Seranita, Paqui, El Mirador e El Limite. Encontram-se também nestes sítios figuras circulares, por vezes incompletas com uma ou várias pontuações.

A figura do meandriiformes surge também na Cueva Bermeja (Collado Giraldo & García Arranz, 2005). Dois outros motivos importantes nesta categoria são os bucrânios e as espirais. Os primeiros, foram amplamente reconhecidos no que M.V. Gomes, R.V. Gomes e M.F. dos Santos (1994) denominaram de santuário exterior do Escoural e cronologicamente balizaram os seus homónimos taganos no período IV – meridional de M.V. Gomes (Neolítico Final/Calcolítico).



A)



B)



C)



D)



Figura 74: A) e B) detalhes do friso de Las Barras na ribeira Barbaón (Serradilla); exemplos de linhas ou barras gravadas do Tejo: C) F24M16:2 e D) F173 M420.



Figura 75: Diferentes tipos de figuras dentro da subcategoria Outros das Estruturas Lineares Fechadas do vale do Tejo. A) Ferradura; B) Bucrânio; C) figura em U; D) Meandriforme; E) em duplo U; F) figura tipo Hastes.

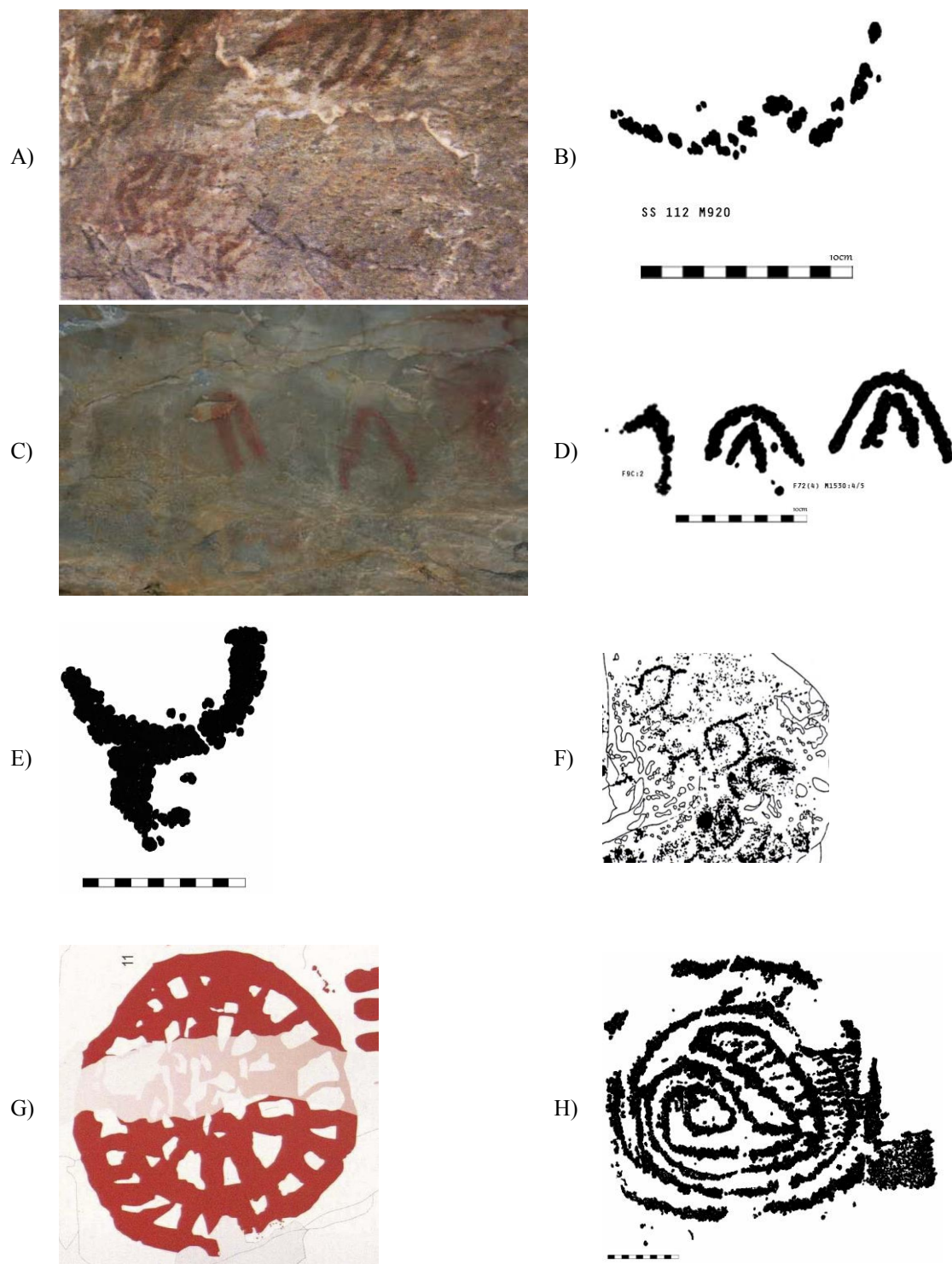


Figura 76: A) traços em zig-zags no abrigo de El Mirador (Serradilla); B) motivo em zig-zags do São Simão; C) motivo em ângulo do Abrigo del Castillo de Monfragüe; D) motivos em ângulo e duplo-ângulo do Fratel (F9C:2 e F72(4) M1530:4/5 respectivamente); E) bucrânio do Fratel (F1(4)A M333:1; F) pormenor da rocha 5 do santuário exterior do Escoural (Gomes, Gomes & Santos, 1994); G) Figura circular da Cueva Bermeja na Sierra de la Parrilla, Monfragüe; H) meandriiforme do Fratel (F42 M87:1).

No caso das figuras do Escoural a cronologia apontada para o Calcolítico deveu-se ao facto de estas terem sido encontradas num suporte rochoso por debaixo de uma ocupação de um povoado fortificado do Calcolítico (Gomes, 1991; Gomes, Gomes, Santos, 1994). Figuras semelhantes encontram-se no abrigo 1 “Cueva Bermeja” da Sierra de a Parrilla, Monfragüe (Collado Giraldo & García Arranz, 2005). A espiral é outra das figuras que se encaixa nesta categoria. Existe no vale do Tejo uma grande tipologia de espirais partindo-se da mais simples, com uma volta ou um anel, às variações das duas voltas com ou sem apêndice, com ou sem ponto central até às 6 voltas.

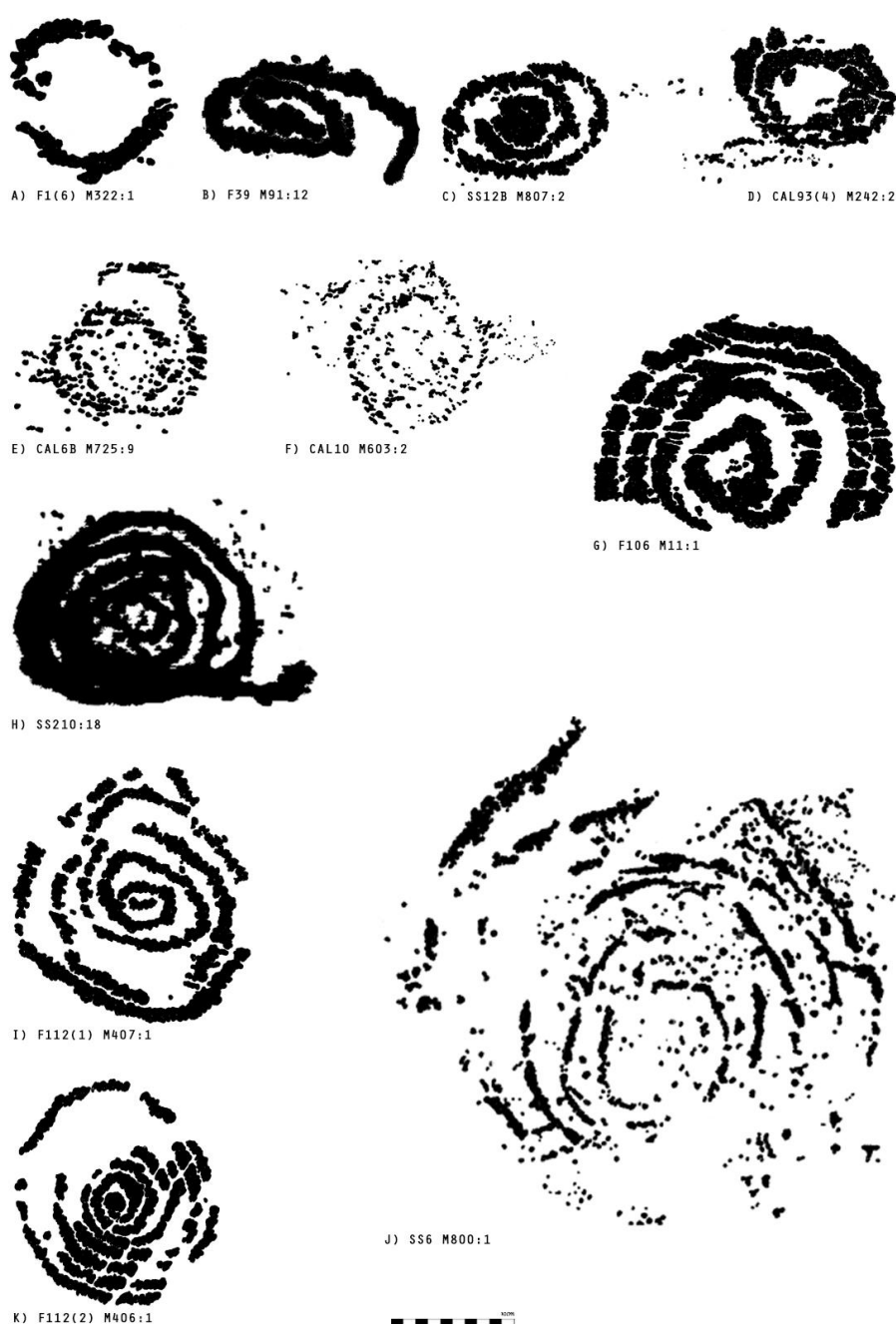


Figura 77:
Diferentes tipos de
espirais das
Estruturas
Lineares
Fechadas do vale
do Tejo. A)
Espiral de 1 anel;
B) Espiral de 2
anéis; C) Espiral
de 2 anéis com
ponto central; D)
Espiral com 2
anéis com
apêndice; E)
Espiral com 3
anéis; F) Espiral
com 3 anéis com
apêndice; G)
Espiral com 4
anéis; H) Espiral
com 4 anéis com
apêndice; I)
Espiral com 5
anéis; J) Espiral
com 6 anéis; K)
Espiral com 6
anéis com ponto
central.

6.1.3.4. ESTRUTURAS LINEARES FECHADAS

A quarta grande categoria de figuras esquemáticas é a *Estruturas Lineares Fechadas* que englobam toda uma gama de figuras como círculos/ovais, círculos concêntricos, halteriformes e os mais variados geométricos estejam incluídos (Tabela 9).

		SS	AL	LB	CAL	FIC	F	FN	CHV	G	O	E	P	SE	TOTAL
Círculo/Oval	Adossado	17	2	0	8	5	7	0	0	6	0	0	0	1	46
	Com um apêndice	212	35	4	189	9	131	0	8	56	2	0	0	8	654
	Com mais de 1 apêndice	55	2	1	28	1	21	3	0	6	0	0	0	1	118
	Compostos	20	5	0	9	6	17	0	1	14	0	0	0	1	73
	Raiado	0	1	0	1	0	0	0	1	2	0	0	0	0	5
	Simples	573	101	54	541	142	401	8	32	144	24	18	1	29	2068
	Com ponto central	27	6	0	13	8	16	0	1	5	0	2	0	0	78
	Ponto central + apêndice	3	1	0	5	0	1	0	0	2	0	0	0	0	12
	Traço interno	35	0	0	36	2	25	0	2	9	0	1	0	1	111
	Traço interno e externo	9	3	1	11	1	11	1	3	6	0	0	0	0	46
	Preenchido	55	4	3	44	9	46	3	0	49	1	2	0	2	218
	Preenchido com apêndice	6	14	0	10	0	7	0	1	2	0	0	0	0	40
Círculo Concêntrico	2 anéis	40	9	2	64	12	54	1	3	9	4	3	0	3	204
	2 anéis + apêndice	11	1	0	16	1	6	0	1	4	1	0	0	0	41
	2 anéis + apêndice + ponto central	2	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	4
	3 anéis	1	0	0	2	0	11	0	0	0	0	0	0	0	14
	4 anéis	6	0	0	3	0	4	0	0	0	0	0	0	0	13
	4 anéis + apêndice	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
	5 anéis	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	2
	Com ponto central	0	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3
Halteriforme	União Dupla	1	0	1	1	2	0	0	0	2	0	0	0	0	7
	União Simples	11	1	0	9	0	8	0	1	5	0	0	0	0	35
Geométrico	Irregulares	2	0	0	5	0	2	0	0	2	0	0	0	0	11
	Quadrado	4	0	0	3	0	8	0	0	2	0	0	0	1	18
	Rectângulo	0	1	0	1	0	2	0	1	2	0	0	1	1	9
	Triângulo	0	1	1	1	0	1	0	2	4	1	0	0	0	11
	Forma de laço	4	1	0	0	0	2	1	1	1	0	0	0	0	10
TOTAL		1094	188	67	1005	198	784	17	58	332	33	26	2	48	3852

Tabela 9: Distribuição numérica das Estruturas Lineares Fechadas do vale do Tejo. SS: São Simão; AL: Alagadouro; LB: lomba da Barca; CAL: Cachão do Algarve; FIC: Ficalho; F: Fratel; FN: Foz de Nisa; CHV: Chão da Velha; G: Gardete; O: Ocreza; E: Erges; P: Ponsul; SE: Sem Estação.

Esta categoria corresponde a 3852 figuras, ou seja, a mais de metade das figuras totais do Tejo, com uma percentagem de 55,12% em relação ao total das 6988 figuras representadas. Aqui apresentam-se as seguintes categorias:

Círculo/Oval (3469 figuras – 90,06%) (Figura 78)

- Adossado (46 figuras)
- Com um apêndice (654 figuras)
- Com mais de 1 apêndice (118 figuras)
- Composto (73 figuras)
- Raiado (5 figuras)
- Simples (2068 figuras)
- Com um ponto central (78 figuras)
- Com ponto central mais apêndice (12 figuras)
- Com um traço interno (111 figuras)
- Com um traço interno e externo (46 figuras)
- Preenchido (218 figuras)
- Preenchido com apêndice (40 figuras)

Círculo concêntrico (282 figuras – 7,32%) (Figura 79)

- 2 anéis (204 figuras)
- 2 anéis mais apêndice (41 figuras)
- 2 anéis mais apêndice mais ponto central (4 figuras)
- 3 anéis (14 figuras)
- 4 anéis (13 figuras)
- 4 anéis mais apêndice (1 figuras)
- 5 anéis (2 figuras)
- Com ponto central (3 figuras)

Halteriforme (42 figuras – 1,09%) (Figura 80)

União dupla (7 figuras)

União simples (35 figuras)

Geométrico (59 figuras – 1,53%) (Figura 80)

Irregulares (11 figuras)

Quadrado (18 figuras)

Rectângulo (9 figuras)

Triângulo (11 figuras)

Bitriangular (10 figuras)

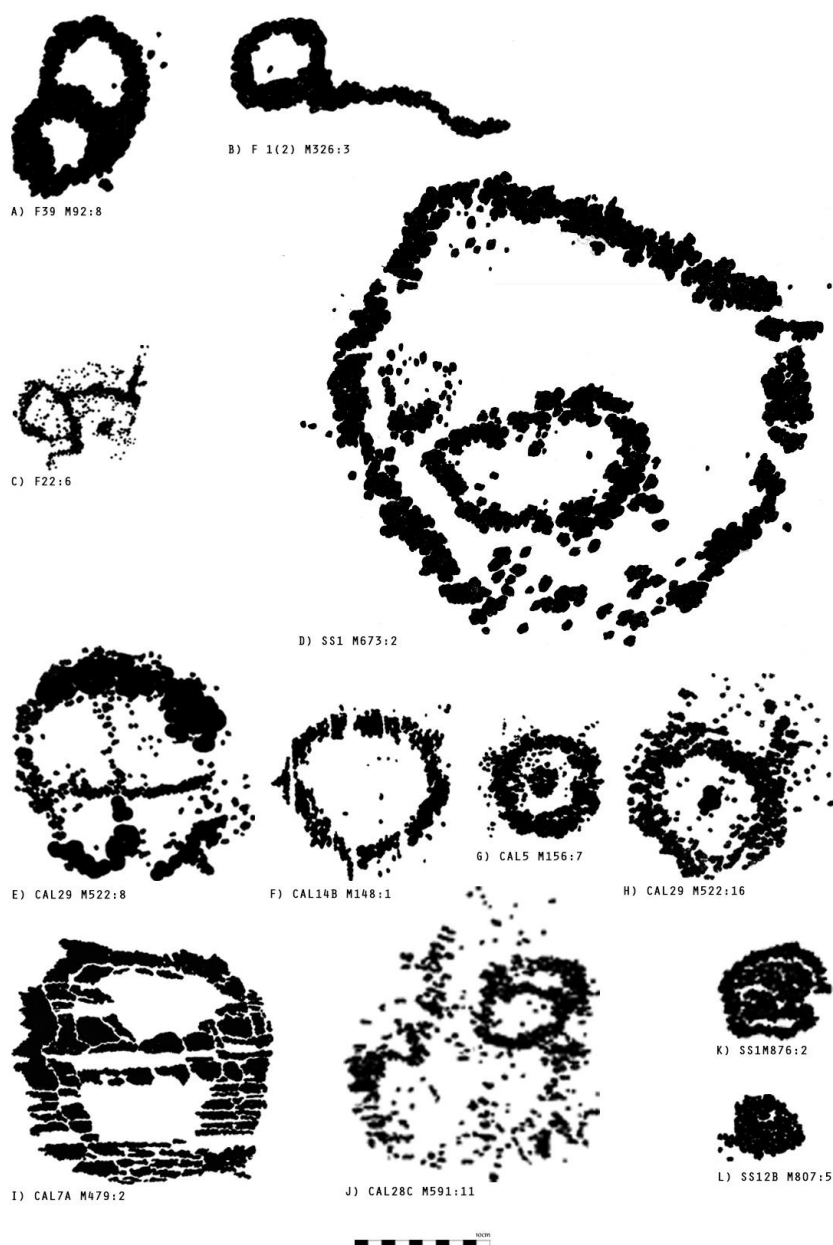


Figura 78: Exemplos de tipos de círculos presentes no vale do Tejo. A) Círculo Adossado; B) Círculo com um apêndice; C) Círculo com mais de 1 apêndice; D) Círculo Composto; E) Círculo Raiado; F) Círculo Simples; G) Círculo com um ponto central; H) Círculo com um ponto central e apêndice; I) Círculo com traço interno; J) Círculo com traço interno e externo; K) Círculo Preenchido; L) Círculo preenchido com apêndice.

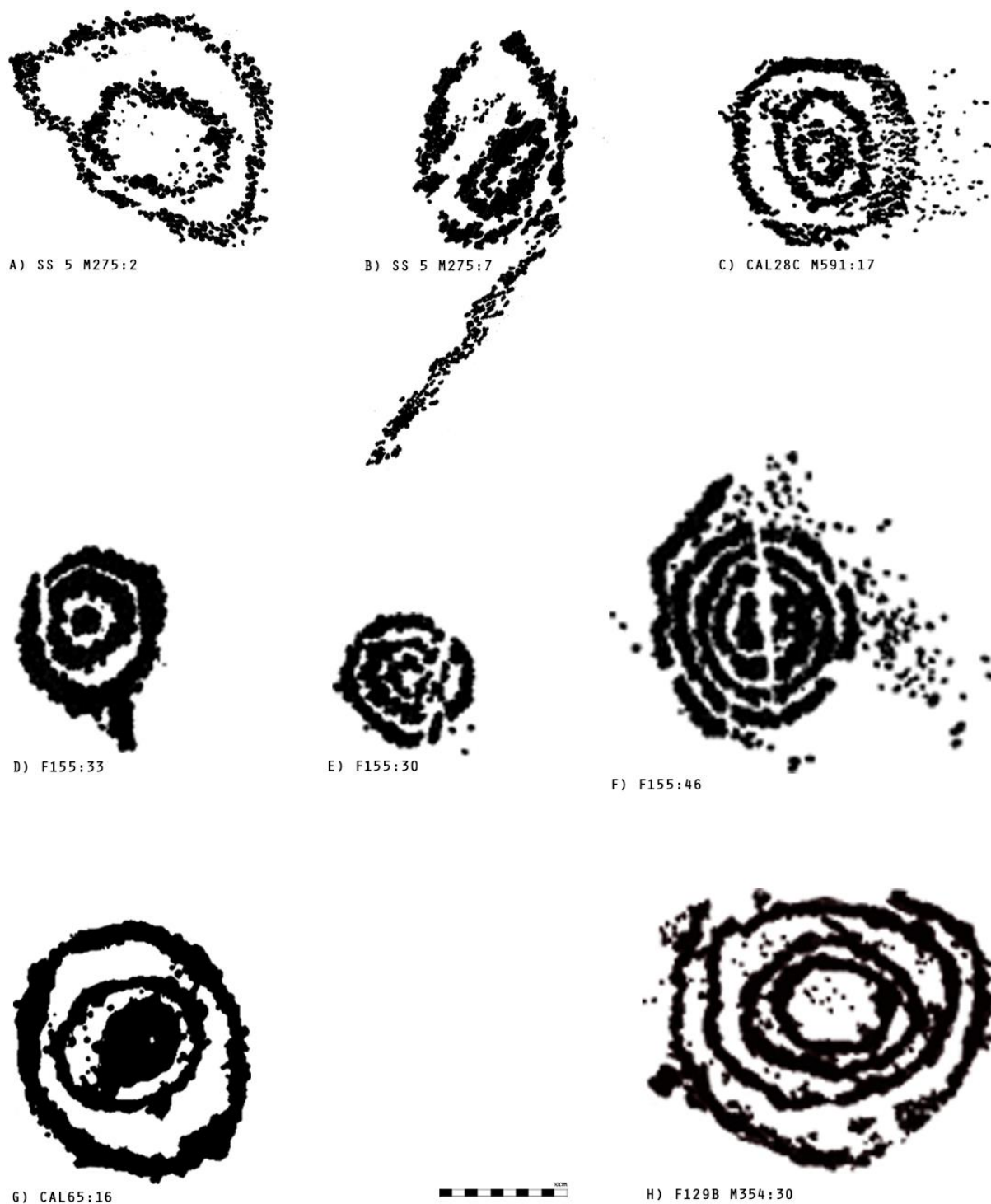


Figura 79: Diferentes tipos de círculos concêntricos das *Estruturas Lineares Fechadas* do vale do Tejo. A) Círculo concêntrico com 2 anéis; B) Círculo concêntrico com 2 anéis e apêndice; C) Círculo concêntrico com 3 anéis; D) Círculo concêntrico com 2 anéis mais apêndice mais ponto central; E) Círculo concêntrico com 3 anéis; F) Círculo concêntrico com 5 anéis; G) Círculo concêntrico de 2 anéis com ponto central; H) Círculo concêntrico de 4 anéis.



Figura 80: Diferentes tipos de *halteriformes* e *geométricos*. A) Halteriforme duplo; B) Halteriforme simples; C) Geométrico irregular; D) Quadrado; E) Geométrico retangular; F) Geométrico triangular; G) Bitriangular.

Os círculos ou combinações circulares são figuras que se difundem bastante no tempo e no espaço. Encontram-se em contextos megalíticos recorrentemente. A título de exemplo, citemos entre alguns monumentos, o fragmento do segundo esteio à direita da cabeceira do Carapito 1 (Cruz & Vilaça, 1990, fig.3;) a estela-menir de Caparrosa (Gomes & Monteiro, 1974-1977; Gomes, 1993), os menires 48 e 58(4) dos Almendres (Gomes, 1994:337, fig.11), no esteio decorado de Espiñaredo 11, o segundo esteio a partir da cabeceira do dólmen de Chã de Parada (Shee, 1981, fig.23; 30), o primeiro esteio à direita da cabeceira do monumento 2 de Chão Redondo (Shee, 1981, fig. 36) e a estela-menir da Herdade do Barrocal (Gomes, 1997). Aparece ainda na arte do noroeste peninsular (Vázquez Varela, 1983; Baptista, 1983-1984; 1986), e na Beira Alta, desempenhando um papel importante na estação do Fial (Santos, Cheney & Avelaira, 2006) e também no sul, no complexo rupestre do Guadiana. No lado português, por exemplo, os círculos concêntricos estão presentes em 11 rochas, normalmente em número de 2. Em Molino Manzánéz, os círculos ou combinações circulares correspondem a uma boa parte das Estruturas Lineares Fechadas, correspondente a 705 figuras circulares e 248 ovais (Collado Giraldo, 2006) (Figura 81). Estas combinações encontram muitos paralelos no vale do Tejo.

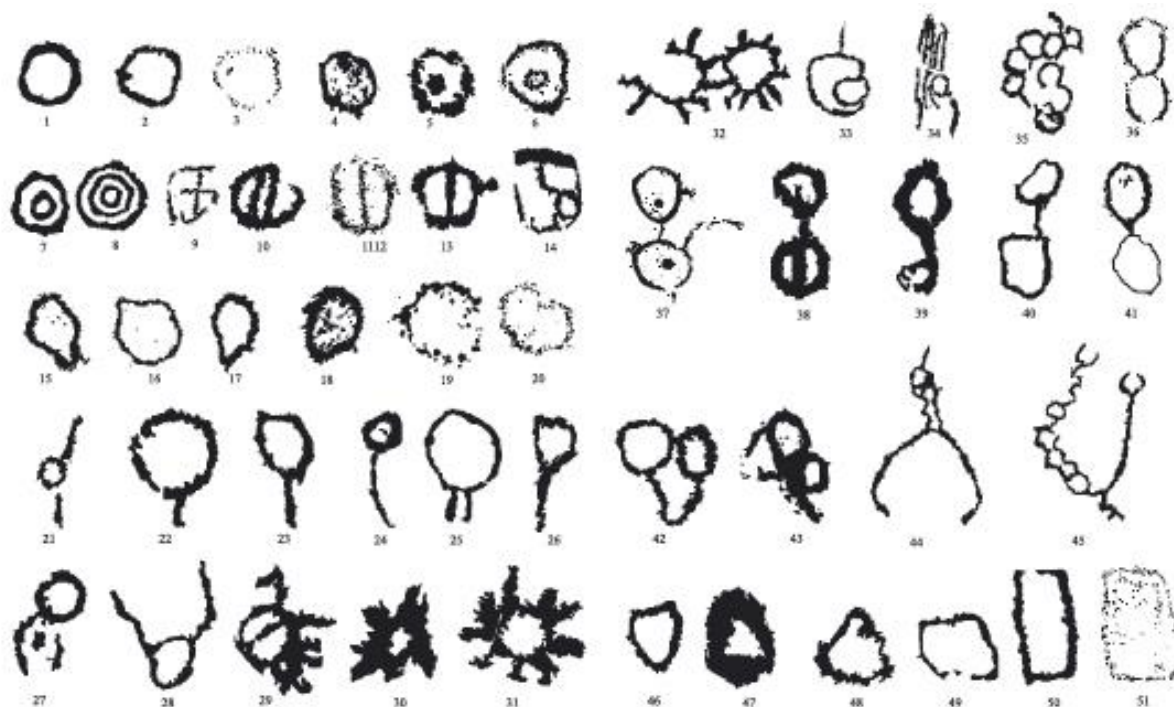


Figura 81: Diferentes tipos de combinações circulares registados em Molino Manzánéz, Guadiana (Collado Giraldo, 2006).

Os bitriangulares destacam-se por serem uma figura muito típica dos abrigos com pinturas esquemáticas a nível peninsular. Desde os trabalhos de H. Breuil que os investigadores vêm defendendo que certas figuras como os bitriangulares e os halteriformes são tipologias esquemáticas idoliformes de carácter feminino, interpretação que se sustenta, principalmente, no seu paralelo formal com determinados ídolos móveis, procedentes na sua maioria de contextos funerários megalíticos e enquadrados no Neolítico-Calcolítico. Ou seja, historicamente os bitriangulares são considerados como figuras humanas femininas e por exemplo, no abrigo de La Calderita 1, é a figura humana mais repetida. Não é de todo incomum que estes “personagens” surjam com braços e até pernas ou pés representados e outros até com uma protuberância que pode ser considerada como uma cabeça (García Arranz *et al.*, 2014) (Figura 83).

No caso do vale do Tejo surgem todos extremamente simplistas, apenas dois triângulos opostos entre si e alguns bem mais compridos que outros na sua forma (Figura 82).

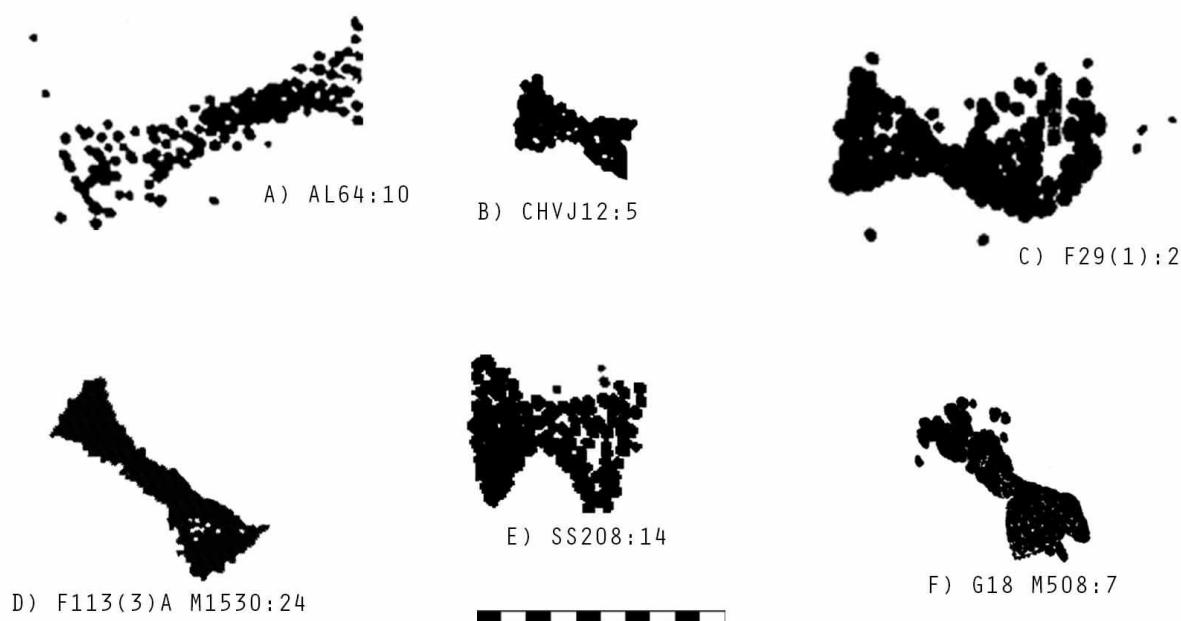


Figura 82: Alguns exemplos de bitriangulares do Tejo. A) AL64:10; B) CHVJ12:5; C) F29(1):2; D) G18M508:7; E) SS208:14; F) F113(3)A M1530:24.



Figura 83: A) Abrigo de La Calderita 1 com detalhe filtrado por DStretch; B) pormenor dos motivos bitriangulares (a vermelho) do decalque do abrigo 1 de La Calderita 1 (García Arranz, *et al.*, 2014).

6.1.3.5. OUTROS

A quinta grande categoria de figuras é a categoria *Outros*, uma categoria que envolve um leque variado de figuras (Tabela 10 e Figura 84). Por serem categorias de figuras que apresentam pouca quantidade de figuras, decidiu-se organizar numa categoria geral apenas pela organização de arquivo. Esta categoria corresponde a 169 figuras distribuídas por 13 subcategorias, o equivalente a 2,42% de toda a arte rupestre do Tejo.

- Armas (10 figuras)
- Figuras tipo “Asterisco” (3 figuras)
- Báculo (11 figuras)
- Escutiforme (9 figuras)
- Idoliforme (12 figuras)
- Instrumentos (1 figuras)
- Podomorfos (26 figuras)
- Soliformes (43 figuras)
- Oculados (7 figuras)
- Covinhas (30 figuras)
- Conjunto de covinhas (1 figura)
- Rede (1 figura)
- “Taças” (15 figuras)

	SS	AL	LB	CAL	FIC	F	FN	CHV	C	OCR	ERG	P	SE	TOTAL
Armas	2	0	0	2	0	4	0	0	1	0	0	0	1	10
Asterisco	0	1	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	3
Báculos	5	2	0	2	0	1	0	0	1	0	0	0	0	11
Escutiforme	2	0	0	5	0	2	0	0	0	0	0	0	0	9
Idoliforme	0	0	0	8	0	4	0	0	0	0	0	0	0	12
Instrumento	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
Podomorfo	7	2	0	3	2	4	0	0	7	1	0	0	0	26
Soliforme	5	4	1	1	1	26	0	2	2	1	0	0	0	43
Oculado	4	0	0	2	0	0	0	1	0	0	0	0	0	7
Covinha	0	0	1	1	0	8	0	0	0	18	1	1	0	30
Conjunto covinhas	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Rede	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
Taça	5	0	0	4	0	5	0	0	0	1	0	0	0	15
TOTAL	31	9	2	28	3	57	0	3	12	21	1	1	1	169

Tabela 10: Distribuição numérica da categoria Outros do vale do Tejo. SS: São Simão; AL: Alagadouro; LB: lomba da Barca; CAL: Cachão do Algarve; FIC: Ficalho; F: Fratel; FN: Foz de Nisa; CHV: Chão da Velha; G: Gardete; O: Ocreza; E: Erges; P: Ponsul; SE: Sem Estação.

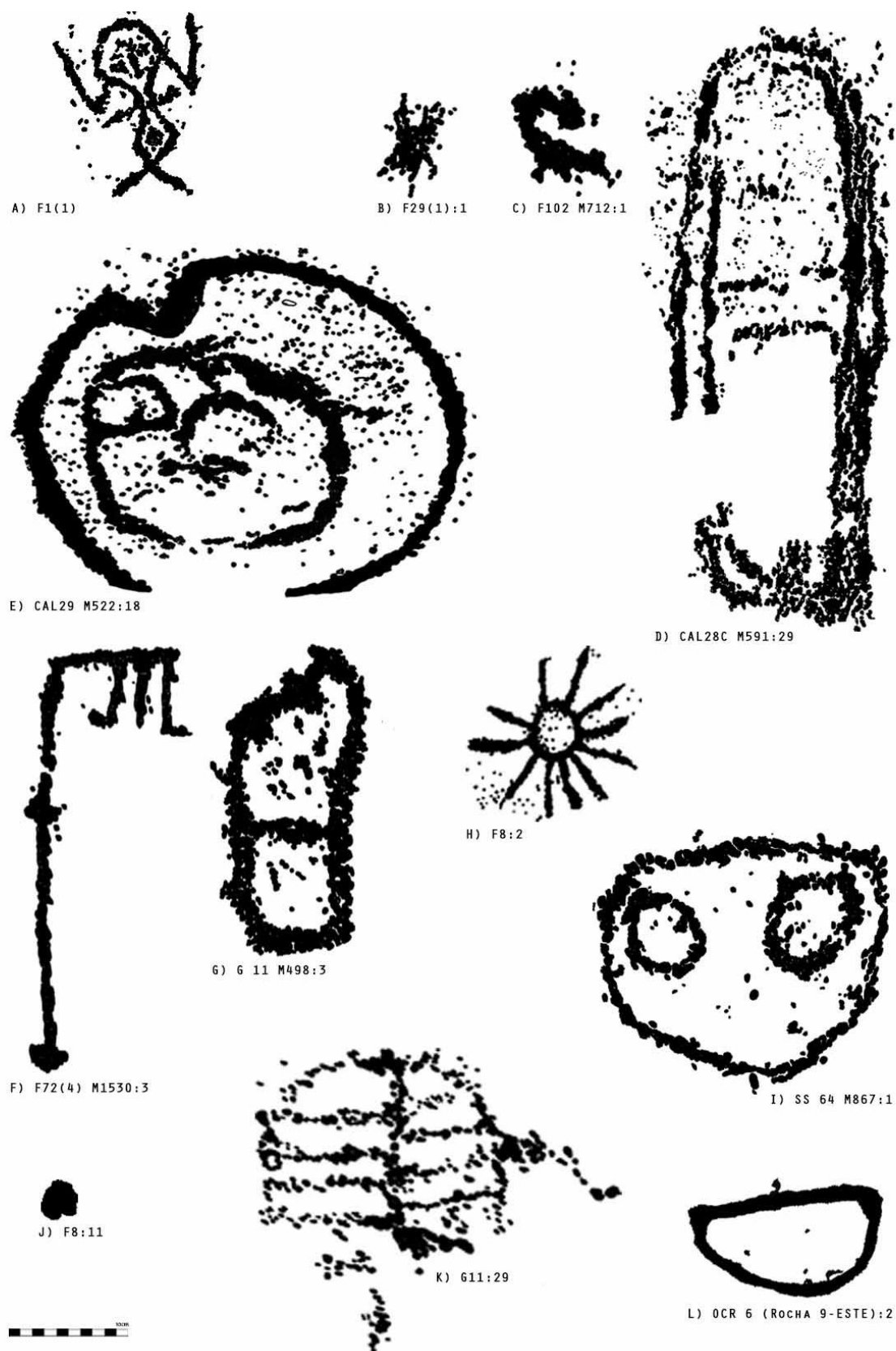


Figura 84: Diferentes tipos de figuras da tipologia Outros: A) Armas; B) Asterisco; C) Báculo; D) Escutiforme; E) Idoliforme; F) Instrumento(?); G) Podomorfo; H) Soliforme; I) Oculado; J) Covinha; K) Rede; L) Taça.

6.1.3.6. ARMAS

Existem 10 armas registadas no CARVT, correspondente a 5,92% dentro da categoria *Outros* e 0,1% no total das figuras do Tejo. Uma parte das armas representadas no Tejo estão associadas a animais pré-esquemáticos (espetadas nos seus dorsos). No entanto, ainda que de difícil interpretação, outro tipo de armas podem ser identificados. Diretamente associadas a figuras antropomórficas, encontram-se três exemplares: uma na mão de uma figura antropomórfica subnaturalista (na rocha 72 do CAL), uma outra encontra-se nas mãos de um antropomorfo esquemático (parece representar um machado) e a última, à cintura de uma figura antropomórfica de corpo bitriangular com os braços dobrados em V sobreerguidos e com as mãos voltadas para cima. A cabeça é subcircular e apresenta muitos detalhes, em tudo diferente das figuras esquemáticas típicas dos abrigos pintados peninsulares: olhos, nariz e sobrancelhas retas por cima dos olhos. As pernas estão cruzadas em forma de X e à cintura encontra-se, então, o que parece ser uma espada, interpretada assim pelo comprimento, posição na figura e por apresentar o que parece ser a empunhadura, diferente da lâmina (Figura 86). No entanto, a identificação do objecto horizontal que atravessa este antropomorfo é ainda assim, discutível, mas aceitando que seja realmente uma espada (hipótese mais provável) poderá encaixar no tipo de armas que surgem a partir dos século XVIII-XVII a.C. e que se foi difundindo ao longo do Bronze Final/Idade do Ferro. Se a imagem idealiza a figura de um guerreiro, é a partir desta época que esta figura social se consolida e grandes mudanças se compreendem no território (Delfino *et al.*, 2014).

Esta figura não tem paralelos na arte rupestre do vale do Tejo, mas pode ser comparada com algumas figuras de “guerreiros” que surgem nas “Estelas del Suroeste”. Figuras antropomórficas com espadas surgem na estela de Magacela (Badajoz) (figura A), na estela Talavera de la Reina (Toledo) (figura B), na estela Benquerencia de la Serena (Finca de la Dehesa, Benquerencia de la Serena, Badajoz) (figura C), na estela Cabeza del Buey II e III (Finca Yuntilla Alta, Cabeza del Buey, Badajoz) (figura D e H), na estela Capilla 2 (La Moraleja, Capilla, Badajoz) (figura E), na estela Capilla 4 (Vega de San Miguel, Capilla, Badajoz) (figura F), na estela Capilla 8 (Finca La Pimienta, Capilla, Badajoz) (figura G), na estela Chillón (Finca Llano de los Roncos, Chillón, Badajoz) (figura I), na estela Cogolludo/Navalvillar de la Pela (Cogolludo, Navalvillar de la Pela, Badajoz) (figura J), na estela El Viso 2, 3 e 4 (Finca de Las Mangadas, El Viso, Córdoba) (figura K, L e M), na estela Ervidel 2 (Herdade do Pomar, Ervidel, Aljustrel) (figura N), na estela La Bienvenida I

(Bienvenida, Almodóvar del Campo, Ciudad Real) (figura O), na estela de Montemayor (Córdoba) (figura P), na estela de Orellana de la Sierra (Badajoz) (figura Q), na estela Valdetorres I (Badajoz) (figura R), na estela de Monte Blanco-Olivenza (Olivenza, Badajoz) (figura S), na estela de Torres Alocaz (Las Cabezas de San Juan, Sevilla) (figura T), na estela Setefilla (Lora del Río, Sevilla) (figura U) e na estela Zarza Capilla I (Finca Los Llanos, Zarza Capilla, Badajoz) (figura V) (Díaz-Guardamino Uribe, 2010) (Figura 85).

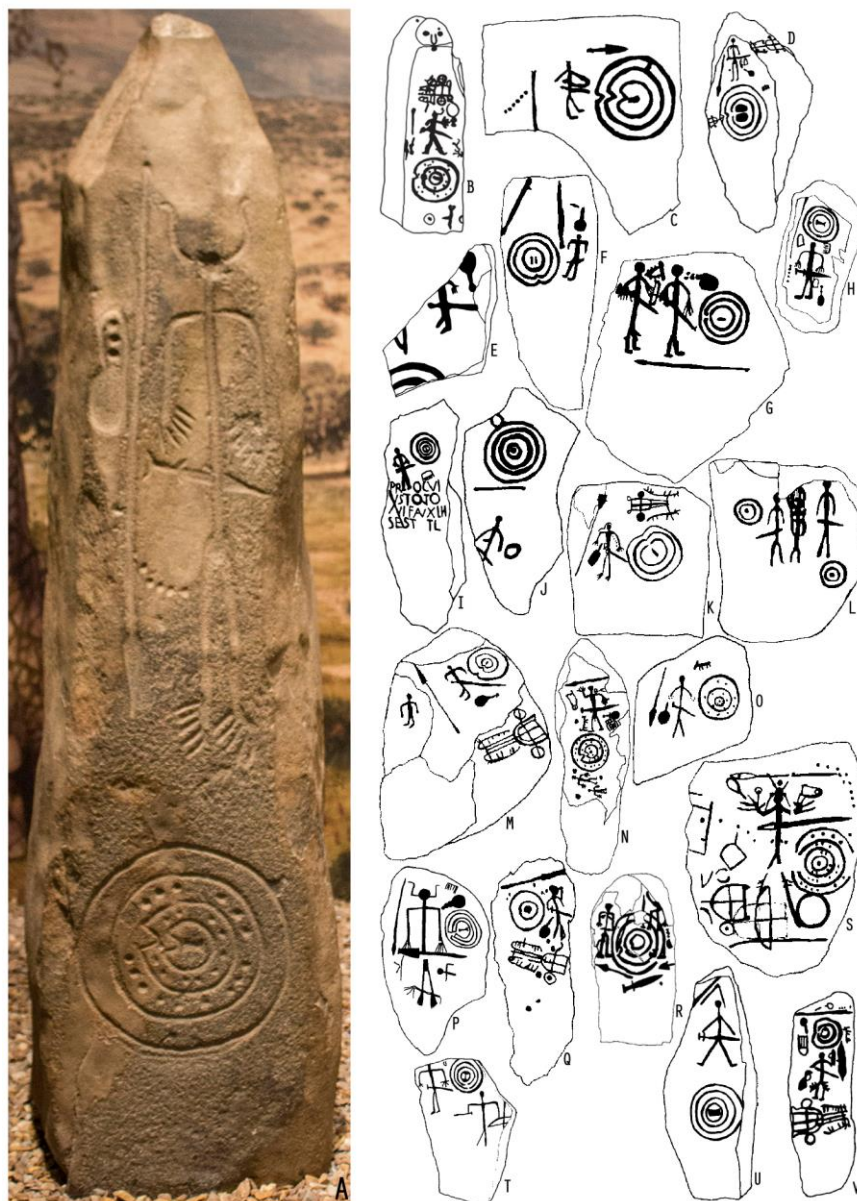


Figura 85: Exemplos de estelas com figuras antropomórficas com espadas à cintura: A) Estela de Magacela (em exposição no Museu Nacional de Arqueologia de Madrid); B) Zarza Montanchez; C) Benquerencia; D) Cabeza de Buey 2; E) Capella 2; F) Capilla 4; G) Capilla 8; I) Chillon; J) Cogolludo; K) El Viso 2; L) El Viso 3; M) El Viso 4; N) Ervidel 2; O) Bienvenida 1; P) Montemayor; Q) Orellana; R) Valdetorres 1; S) Monte Blanco Olivenza; T) Torres Alocaz; U) Setefilla; V) Zarza Capilla 1 (figuras adaptadas de Díaz-Guardamino Uribe, 2010).



Figura 86: Exemplos de possíveis armas na arte rupestre do vale do Tejo: A) CAL56: 1; 21 (Gomes, 2010); B) SS92 M909: 6; 12; C) CAL72:10; 13; D) F1(1):1;2; E) F45(3) M1355:1;2; F) SS68 M872:1;8; G) F72(4) M1530:1; H) G22D M1605:3; I) SE XXVI:3; J) F49:19 (adaptado de Gomes, 2010).

Por fim, temos duas figuras que poderão ser consideradas representações de alabardas (F72(4) M1530:1; SEXXVI:3) e arqueologicamente enquadrada na Idade do Bronze Antigo. Estas figuras em particular encontram paralelos nas alabardas de lâmina lisa que surgem nas rochas Auga da Laxe IV (Gondomar, Pontevedra), Poza da Lagoa (Redondela, Pontevedra) e Xán de Deus ((Moraña, Pontevedra) (Costas Goberna & Novoa Álvarez, 1993). A outra figura poderá ser interpretada como um machado (G22D M1605:3) cronologicamente enquadradas entre o Neolítico e Calcolítico (comunicação pessoal Davide Delfino).

6.1.3.7. FIGURA EM FORMA DE ASTERISCO E BÁCULOS

As figuras que apresentam a forma de *Asterisco* são de difícil caracterização. São extremamente raras no vale do Tejo, com apenas 3 figuras representadas e não se consegue qualquer tipo de interpretação para as mesmas. Já as figuras denominadas de *báculo* são um pouco mais comuns com 11 figuras de um total de 6,51% da categoria *Outros*. São considerados, na bibliografia, como figuras de artefactos e surgem frequentemente associadas a contextos funerários e em monumentos de carácter ritual como menires, estelas-menires e estátuas-menires (Gomes, 2010). Segundo J.L. Cardoso (2007) artefactos como os báculos e as placas de xisto, seriam como símbolos de comando, relacionados com o sagrado, expressivos do prestígio granjeado por alguns elementos mais proeminentes das sociedades em plena consolidação do sistema agropastoril.

No Guadiana português, estas figuras são, juntamente com os bucrânios, faces oculadas e outros idoliformes, cronologicamente balizadas no III milénio a.C. (Baptista & Santos, 2013). Em Molino de Manzániz (Guadiana espanhol) são consideradas figuras etnográficas, admitindo-se que apesar de se terem denominado de “báculos”, poderão ser interpretadas também como anzóis, armas ou cordas, etc. (Collado Giraldo, 2006:384). Esta possível interpretação dos báculos como sendo, na realidade, anzóis, veio a ser reforçada recentemente por González Cordero & Cerrillo Cuenca (2015) ao interpretarem a rocha 68 de São Simão (do vale do Tejo) como um episódio de pesca (Figura 89). Os argumentos que os autores utilizam, baseiam-se nos trabalhos realizados no sítio arqueológico Cuevas de la Canaleja (Romangordo), também localizado ao longo do rio Tejo, mas já em Espanha. Diversos instrumentos relacionados com a pesca foram aí encontrados, entre eles anzóis que pela sua morfologia e tamanho aparentam algumas semelhanças com o “instrumento” gravado na dita rocha. Fica claro no estudo apresentado pelos autores a intenção de se focarem num objeto que ao ser tão escasso em contextos peninsulares, é possível chamar a atenção para a sua

utilização na Pré-História Recente e não apenas nas idades dos metais como se havido pensado até então (Figura 87 e Figura 88).

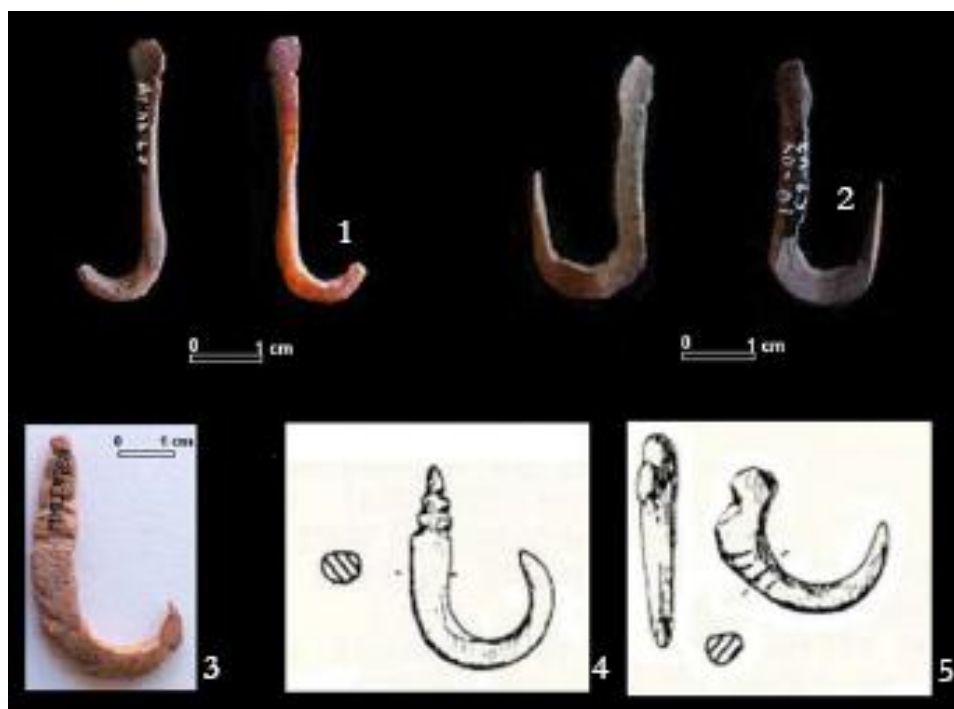


Figura 87: Anzóis: 1 e 2: Cueva de La Canaleja I (Romangordo, Cáceres); 3: Lapa de Mouração (Porto de Mós, Leiria); 4 y 5: Cueva de la Murcielagina (Priego de Córdoba) (B. Gavilán, 1987 *apud* González Cordero & Cerrillo Cuenca, 2015).

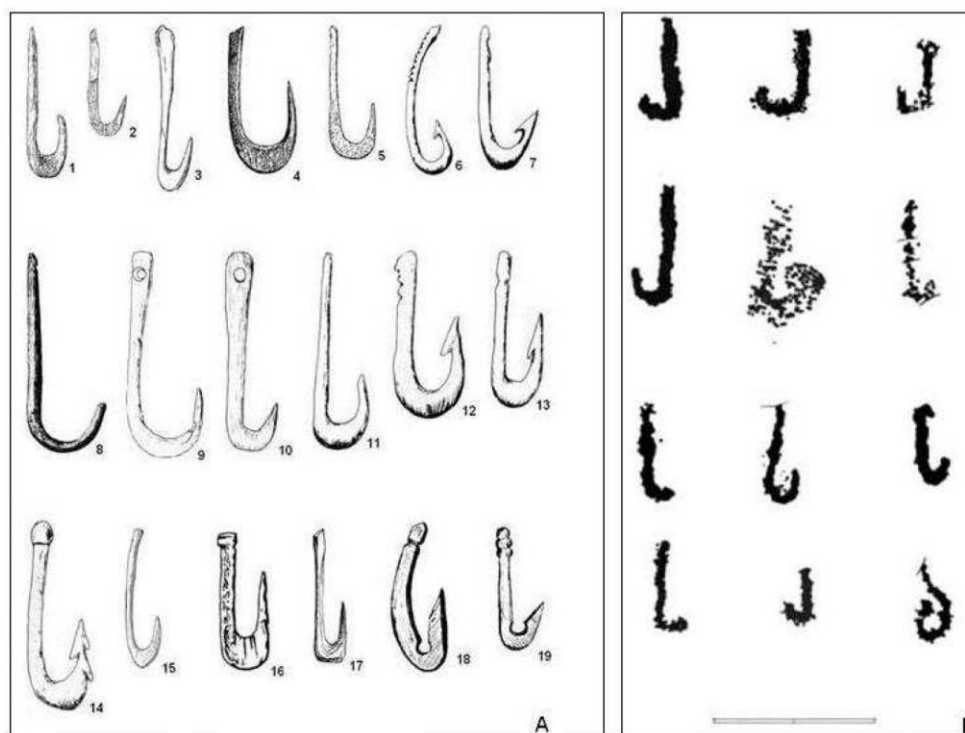


Figura 88: Tipo de anzóis europeus e reinterpretação como anzol de um conjunto de figuras gravadas nas rochas do Tejo a partir das publicações de M.V. Gomes (2010) (González Cordero & Cerrillo Cuenca, 2015).



Figura 89: Representação da rocha 68 de São Simão.

Também interessante, é analisar a passagem de E. Anati em 1974 pelo rio Tejo para observar as figuras do Tejo. Inquirido acerca da ausência das figuras de peixes no vale do Tejo, E. Anati abre a possibilidade das representações terem sido o resultado de um “ex-voto”, ou seja, oferendas ao rio e que não se poderia oferecer ao rio aquilo que já tem em abundância, os peixes (Anati, 1975:60). Todas as figuras consideradas como “báculos” por M.V. Gomes (1983; 2001; 2010; 2011) são assim consideradas como anzóis, instrumentos de pesca noutros trabalhos (González Cordero & Cerrillo Cuenca, 2015).

No entanto, a figura do báculo é muito frequente nos menires antropomorfos do Alentejo Central, apresentando-se relativamente frequentes nos recintos. Foram registados em quatro dos menires do recinto de Almendres, num da Portela de Mogos e nos dois menires do Vale

Maria do Meio. Por outro lado, a figura do báculo é um elemento presente em praticamente todos os menires desta região (Díaz-Guardamino Uribe, 2010) que cronologicamente são balizados entre o Neolítico-Calcolítico. Segundo M. Calado (2004) o tema mais repetido e com maior dispersão geográfica é, sem dúvida, o do báculo (9 menires com báculos e 19 exemplares no total nas áreas de Évora e Reguengos de Monsaraz), sempre representados em baixo-relevo e, por norma, numa posição de destaque na superfície do menir (Calado, 2004:124) (Figura 90).

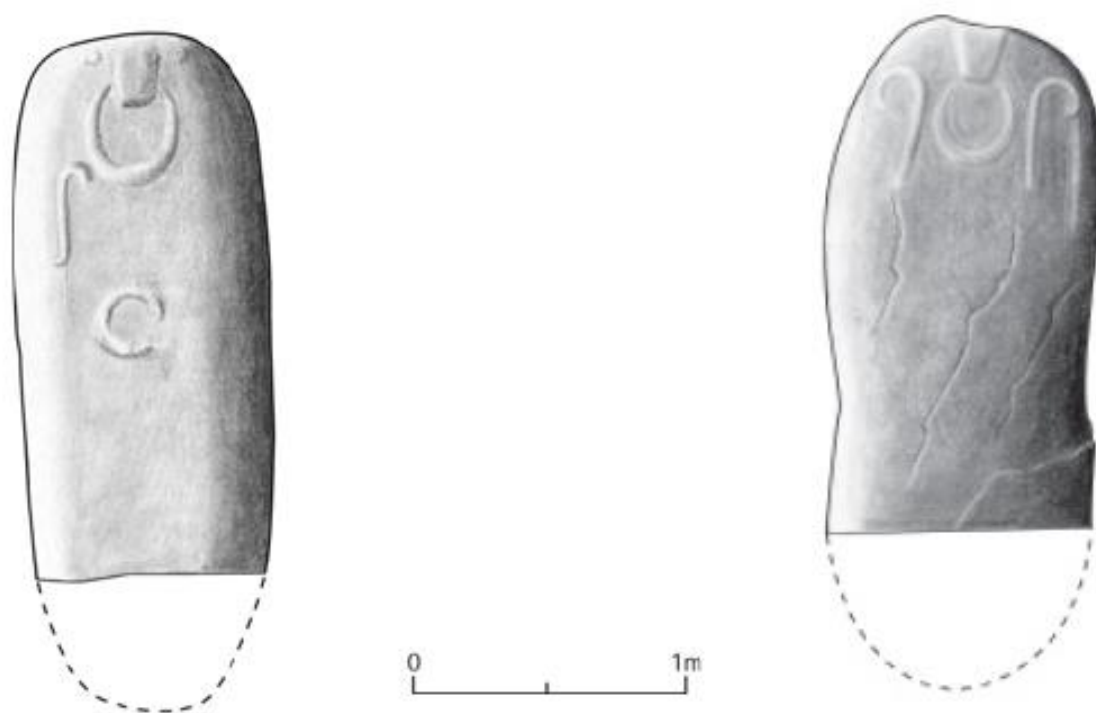


Figura 90: Menires 10 e 18 do recinto de Vale Maria do Meio com representações de báculos (Calado, 2004, vol2:fig21).

6.1.3.8. ESCUTIFORMES

Mais ou menos com a mesma representatividade que os *báculos/anzóis*, encontram-se as figuras denominadas por *Escutiformes* com 9 figuras no vale do Tejo (5,33% dentro da categoria) (Figura 91). São imagens com contorno oval ou subcircular e podem conter linhas interiores ou outros elementos e têm vindo a ser identificadas como representações de escudos e/ou artefactos (Gomes, 2010). São consideradas como representações de armas defensivas, características do Bronze Final, época na qual o conjunto lança/espada se vai afirmando. Encontram alguns paralelos nas conhecidas estelas do Sudoeste Peninsular, ou estelas estremenhas, pequenos monólitos que merecem destaque no que concerne às práticas rituais

ou funerárias do Bronze Final. A sua área de dispersão em território português vai do centro interior beirão ao Algarve, correspondente ao prolongamento ocidental da área de maior concentração, a Estremadura espanhola e Andaluzia Ocidental (Cardoso, 2007) (Figura 92). Ainda que o seu significado esteja, tradicionalmente, ligado a um cunho funerário – com base em comparações com estelas mais antigas que marcavam efetivamente um sepulcro como a de Alfarrobeira (em São Bartolomeu de Messines) – não quer obrigatoriamente dizer que estejam todas relacionadas com tal tipo de contexto. Na realidade, a maioria surge como monumentos descontextualizados (Cardoso, 2007).

Segundo alguns autores, tais monólitos poderiam pontuar as vias de circulação transregionais mais importantes sacralizando em determinados locais de passagem, ou portelas, a memória dos chefes ou marcando o direito à propriedade ou controlo de circulação de tais sítios por parte de uma elite guerreira a que se reportam. A realidade das estelas é acompanhada pelo acréscimo das armas, no Bronze Final II. Merecem destaque as lanças de alvado, as espadas de tipo “língua de carpa” e os punhais de lingueta do tipo Porto de Mós, entre outros. A sua distribuição, sendo essencialmente atlântica, penetra no Mediterrâneo de forma nítida, dele recebendo também expressivos contributos, como o caso do escudo com chanfradura em V (Cardoso, 2007).

Este motivo em particular, encontra muitos paralelos nas chamadas “Estelas del Suroeste”. Entre as estelas decoradas e as estátuas-menir pré-históricas da Península Ibérica, as “Estelas del Suroeste” destacam-se como o grupo iconográfico mais nutrido e conhecido. São também o conjunto que mais atenção recebeu por parte dos investigadores, contando-se até finais dos anos 90, numerosos trabalhos. Muitos destes dedicaram-se a análises e interpretações de aspetos concretos, e muitos deles consideravam todas as estelas em conjunto. Destacam-se algumas publicações onde o contexto espacial foi bastante considerado, permitindo alguma flexibilização na compreensão destes monólitos a partir de uma certa altura (Galán, 1993).

É, principalmente neste conjunto que encontra vários paralelos um dos raros escutiformes do vale do Tejo, o que parece ser uma representação de escudo circular, com duas linhas concêntricas no interior e dupla escutadura em forma de V, na rocha 29 do Cachão do Algarve (CAL29 M522:18). Este tipo de escudo pode ser observado em território português, por exemplo, na estela de Baraçal (Sabugal) e na estela de Figueira (Vila do Bispo). No entanto, é em contextos espanhóis que se encontra uma distribuição geográfica acentuada destas estelas, principalmente na zona da Extremadura e Sudoeste espanhol.

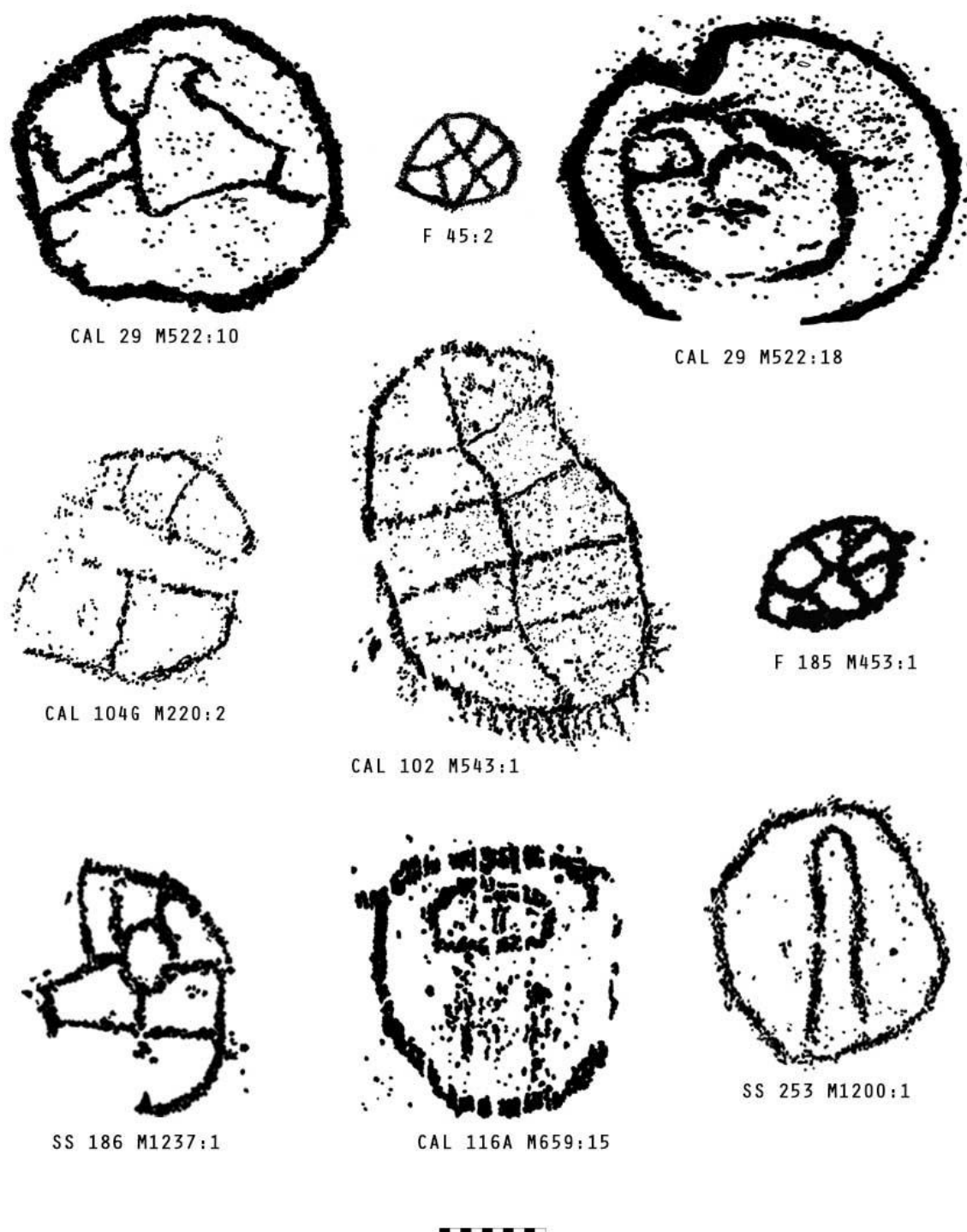


Figura 91: Possíveis escutiformes do vale do Tejo.

Como contexto arqueológico, o médio Tejo/Tejo Internacional, é uma zona onde confluem diversas iconografias que podem ser atribuídas ao Bronze Inicial e Pleno. Aqui destacam-se as estátuas-menir de Valdefuentes e Segura de Toro (na margem esquerda do rio Alagón), as

estátuas-menir documentadas no alto do Castro de São Martinho (Castelo Branco), a de Millarón, em Valência de Alcântara, a estela de Garrovillas de Alconétar e a estátua-menir de Talavera de la Reina. Há ainda registo de um numeroso conjunto de estelas com toucado situado em Las Hurdes (na margem direita do rio Alagón), as de Torrejón Rubio (no Parque de Monfragüe), as do Crato e as da Nossa Senhora da Esperança, situadas na serra de São Mamede (Díaz-Guardamino Uribe, 2010) (Figura 93 e Figura 94).

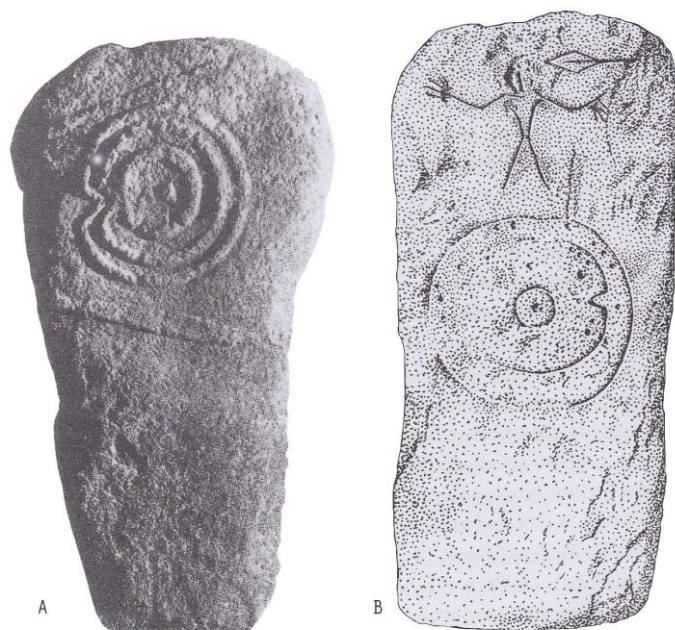


Figura 92: A) estela do Baraçal (Sabugal); B) estela de Figueira (Vila do Bispo) (Cardoso, 2007).

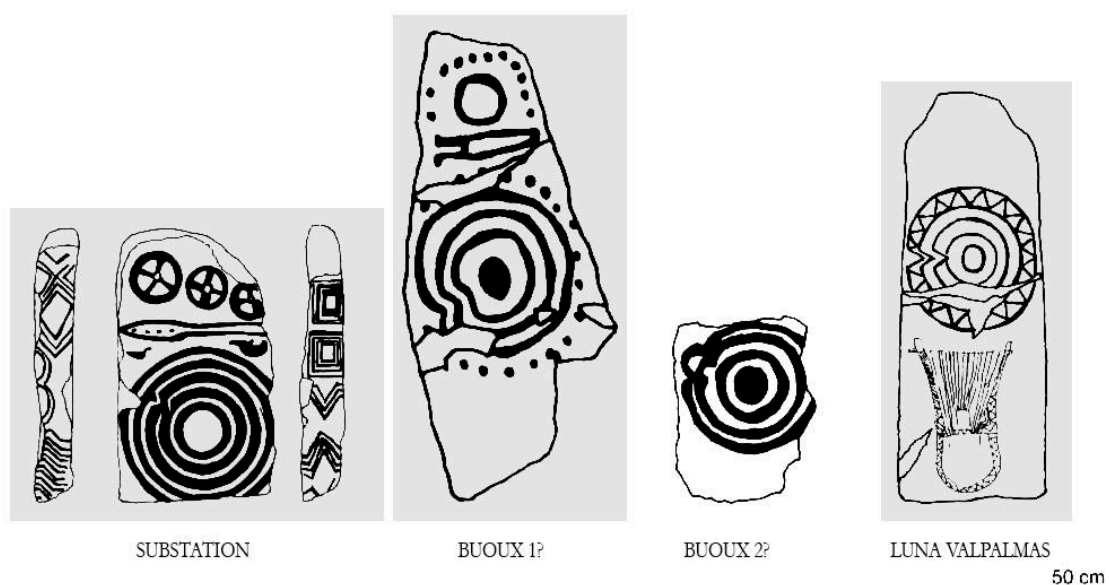


Figura 93: “Estelas del Suroeste” com objectos adicionais fora do SW (adaptado de Díaz-Guardamino Uribe, 2010). Destacam-se as representações de escutiiformes com chanfradura em V.

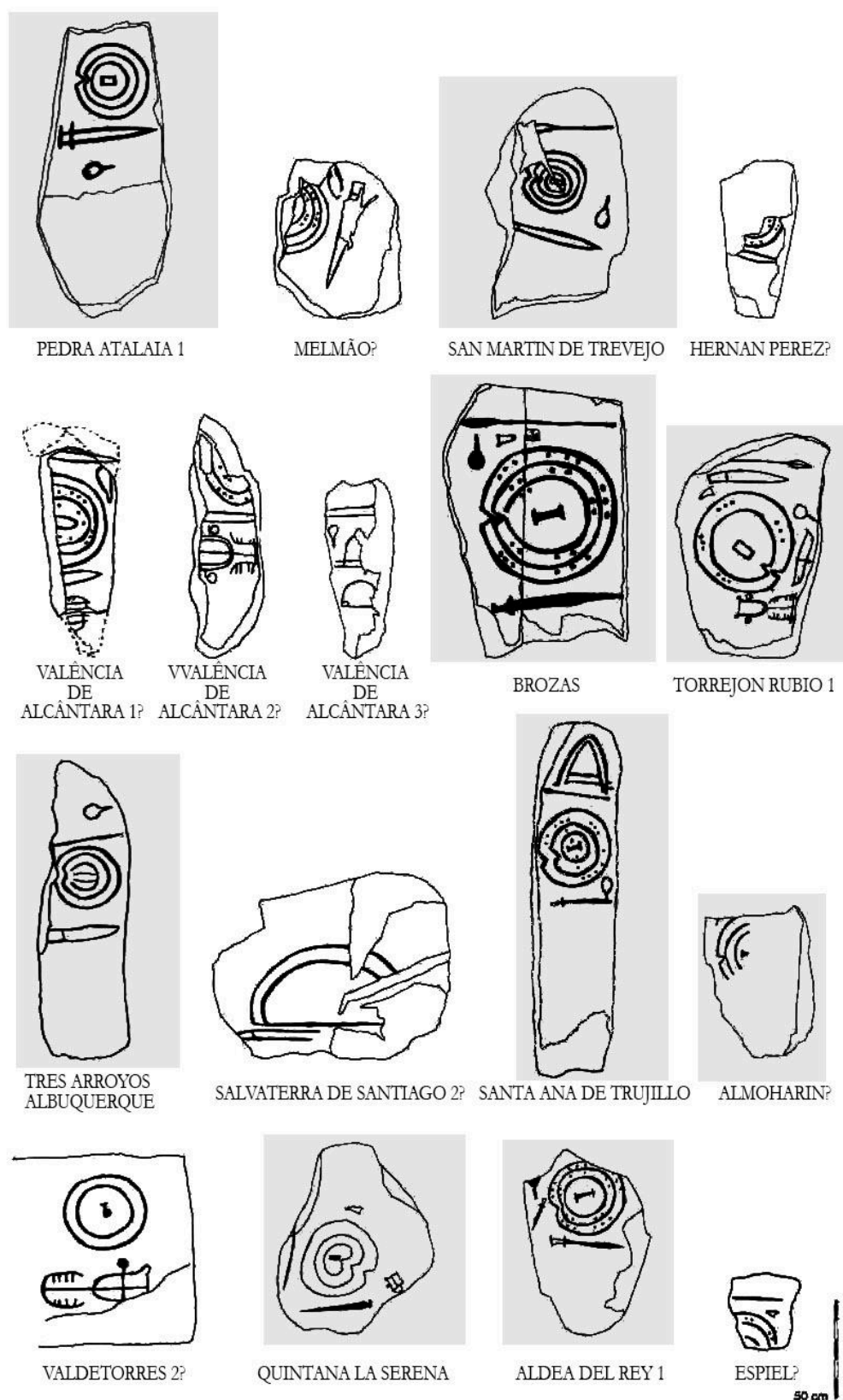


Figura 94: “Estelas del Suroeste” com objectos adicionais (adaptado de Díaz-Guardamino Uribe, 2010).
Destacam-se as representações de escutiformes com chanfradura em V.

6.1.3.9. IDOLIFORMES

Ainda dentro da panóplia das estelas decoradas, encontra-se um conjunto denominado de “Estelas Antropomorfas e Estátuas-menir”. Pela sua distribuição ou morfologia, estas figuras, quando representadas em suportes permanentes, terão sido denominados também de “idoliformes” (Díaz-Guardamino Uribe, 2010), caracterizadas como figuras que demonstram certas características físicas em comum com as figuras antropomórficas, ainda que sejam bastante ambíguas, já que há uma dificuldade inerente em assegurar que se trate de figuras humanas ou possíveis divindades (Figura 95). A maior dificuldade que oferecem é a sua identificação por comparação com objetos da cultura material (Santos Estévez, 2004). Enquanto monólitos, uma das suas características é a morfologia retangular, normalmente com divisões interiores, e muitas vezes, rematado com um semicírculo no seu extremo distal. No vale do Tejo, encontra-se um conjunto de 12 figuras (Figura 95) que poderão ser interpretados como figuras de estelas ou esteliformes, ou pelo menos assemelham-se à forma destes monólitos, ainda que com um elevado grau de subjetividade admitido. Podem também ser consideradas como representações de idoliformes (aqui também com um alto grau de subjetividade. Estas correspondem a 7,10% do total da categoria em que se inserem. Encontra paralelos (com algumas reservas) nos idoliformes da arte rupestre do Noroeste Peninsular, principalmente em território galego. Provavelmente os paralelos mais reconhecidos situam-se na rocha Pedra das Ferraduras (Fentáns) (Aparicio Casado & Peña Santos, 2011) (Figura 96) Coto do Rapadoiro e Chan da Lagoa en Candela, Féntans, Outeiro do Cogoludo (Campo Lameiro) e Laxe das Cruces en Tourón (Ponte Caldelas) (Santos Estévez, 2004).



Figura 95: Esteliformes da estação de Fresnedo (Asturias) (adaptado de Díaz-Guardamino Uribe, 2010).

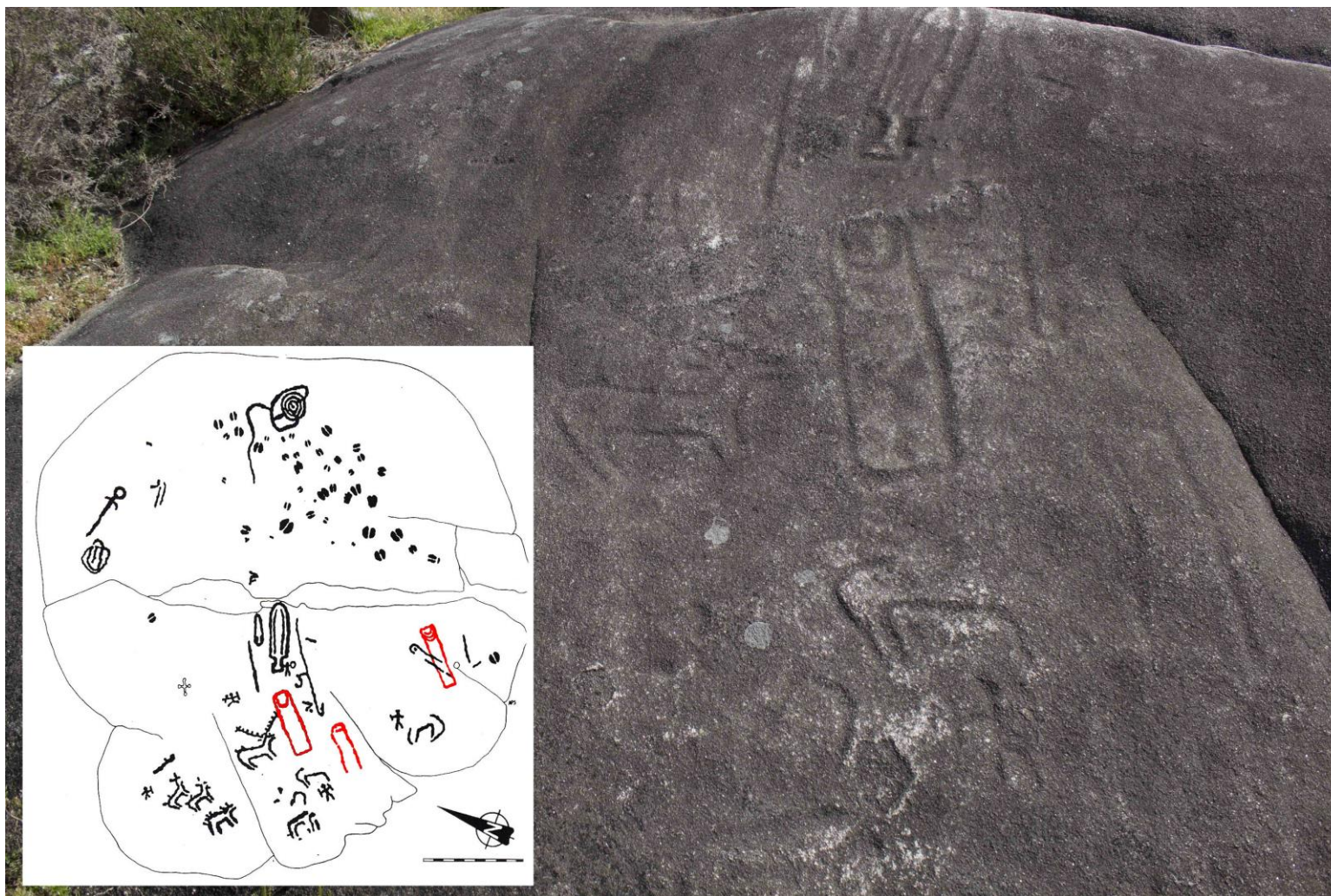


Figura 96: Pedra das Ferraduras (Fentáns, San Xurxo de Sacos, Cotobade, Pontevedra). Decalque adaptado de B. Aparico Casado & A. de la Peña Santos, 2011.

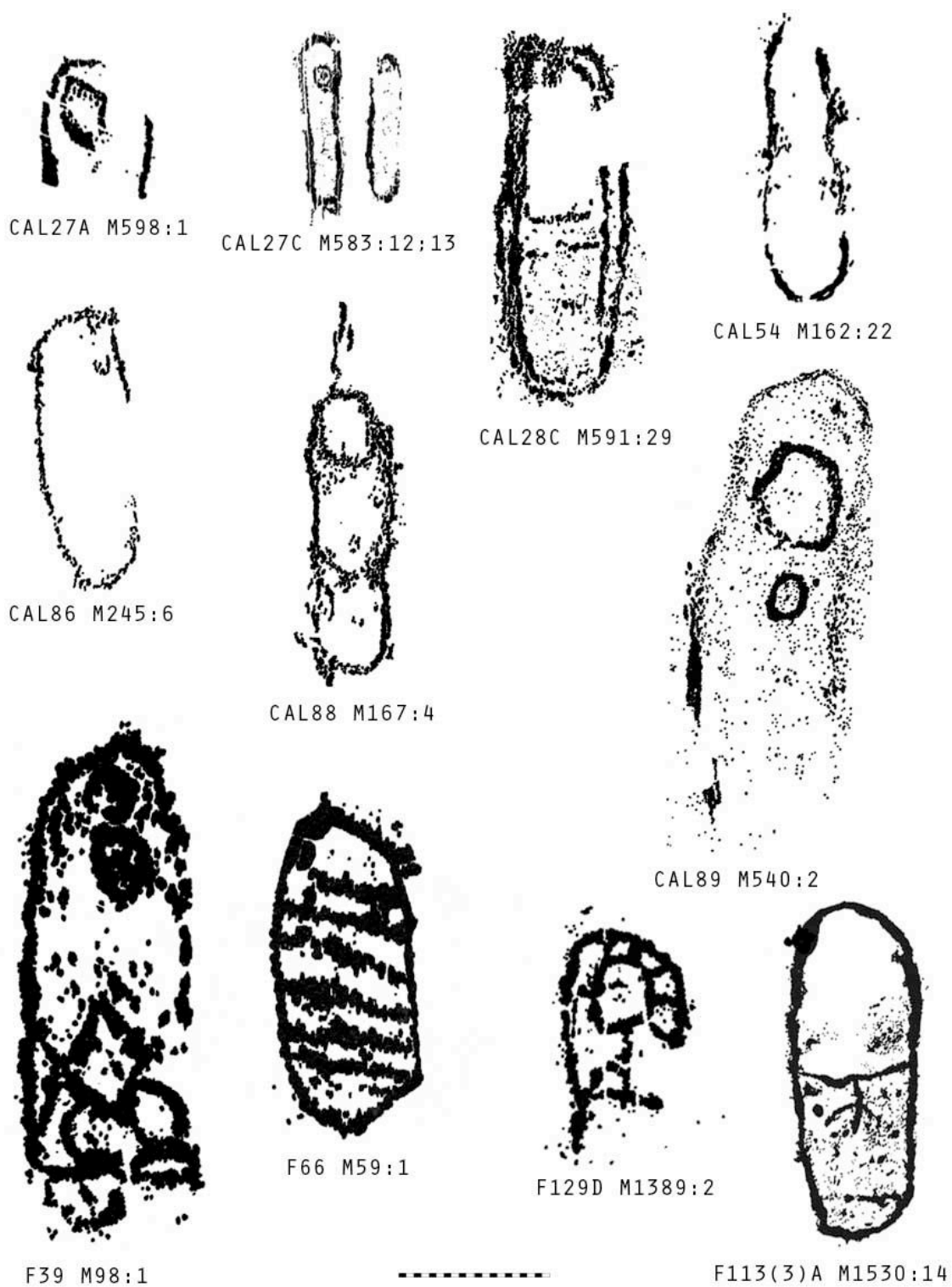


Figura 97: Possíveis idoliformes do vale do Tejo.

6.1.3.10. INSTRUMENTOS/OBJECTOS

Entende-se nesta subcategoria, figuras que mentalmente nos remetem para figuras de possíveis objetos ou instrumentos ainda que a sua interpretação seja difícil. Nesta subcategoria apenas se encontra 1 figura, conferindo-lhe um grau extremamente raro no vale do Tejo, totalizando 0,59% dentro da categoria de *Outros* (Figura 98).



Figura 98: Possível representação de um instrumento do vale do Tejo.

6.1.3.11. PODOMORFOS

Entende-se como podomorfos, imagens de pegadas humanas, descalças ou calçadas, em contorno ou escavadas e podem surgir representadas em várias técnicas, filiformes, picotadas ou abrasionadas. Podem estar isoladas ou em pares, unidas por linhas, em grupos a simular rastros ou dispersas (Gomes, 2010).

É uma daquelas representações que surge na arte rupestre um pouco por todo o mundo e estão muitas vezes associadas a tradições populares ou à passagem de divindades ou principalmente, santos pelos locais onde estas se encontram. Por exemplo, no Brasil, o primeiro registo sobre identificação de arte rupestre tem uma tendência explicativa associada a religiosidade cristã e foi realizado pelo padre jesuíta, o fundador da cidade de São Paulo, o padre Manuel da Nóbrega. Em 1549 este informa, através de duas cartas, saber da representação de pegadas (gravuras rupestres) na costa brasileira (Buco, 2012:124). Em Portugal, muitos sítios onde pegadas estão representadas, fazem uma clara referência à presença destas imagens, como por exemplo, a Fraga das Passadas (Valpaços) (Freitas,

Santos, Rolão, 1994), a Fraga da Pegada (Santa Combinha, Macedo de Cavaleiros) (Figueiredo, 2007) ou a Pegada da Pedra Moura (Pessegueiro do Vouga, Sever do Vouga)². Dos conjuntos mais conhecidos incluem-se a rocha 1 das Sesmarias, em Oleiros, Castelo Branco, as rochas decoradas de Alagoas (Tondela, Viseu) (Gomes & Monteiro, 1974-1977) e o recente conjunto de podomorfos identificados no contexto da arte rupestre dos vales dos rios Ceira e Alva, onde estas figuras são dominantes (Ribeiro, 2014:402) (Figura 99).

No vale do Tejo são 26 as figuras de pegadas humanas gravadas nas rochas, correspondendo a 15,38% da categoria em que se inserem e 0,4% do total das gravuras representadas (Tabela 11). Tal como no vale do Tejo e no vale do Guadiana as representações de pegadas ou pés são bastantes escassas. H. Collado (2006) remetendo-as para uma fase já tardia da arte esquemática (Collado Giraldo, 2006:380) o mesmo sendo apontado para o vale do Tejo.

Enquanto que no Guadiana estas figuras surgem apenas num sítio, no vale do Tejo estão regularmente distribuídas, ainda que mais de metade estejam concentradas no sítio do São Simão e Gardete (cada um com 7 representações), sítios que correspondem a extremos opostos de toda a área do complexo (Figura 100).

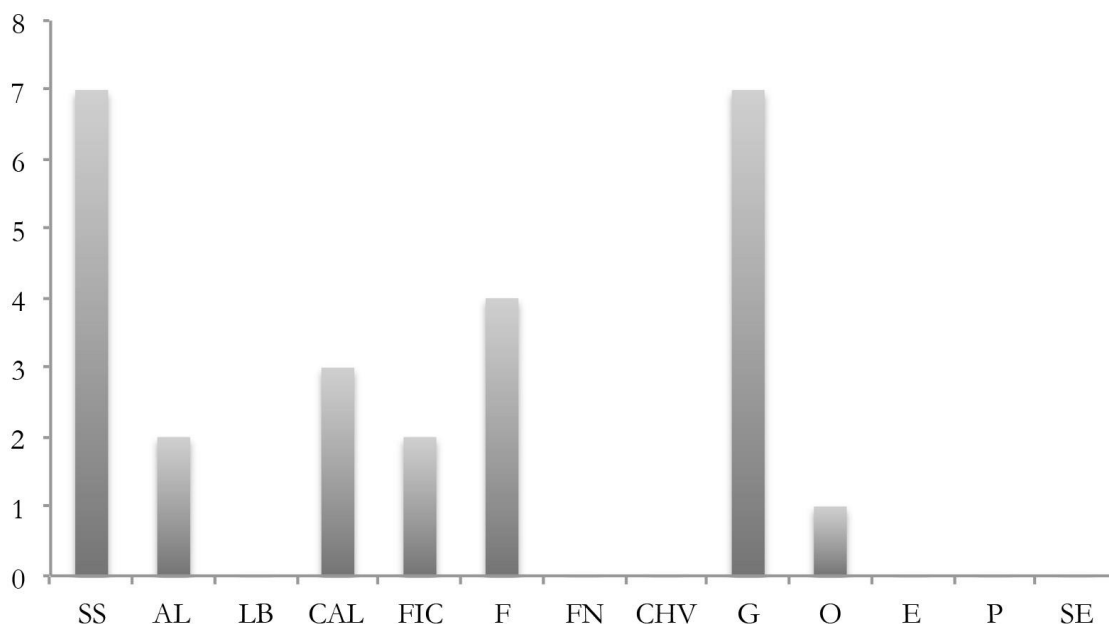


Tabela 11: Distribuição espacial das figuras de podomorfos pela CARVT. SS: São Simão; AL: Alagadouro; LB: lomba da Barca; CAL: Cachão do Algarve; FIC: Ficalho; F: Fratel; FN: Foz de Nisa; CHV: Chão da Velha; G: Gardete; O: Ocreza; E: Erges; P: Ponsul; SE: Sem Estação.

² www.if-pessegueirodivouga.pt/pt_population-repository

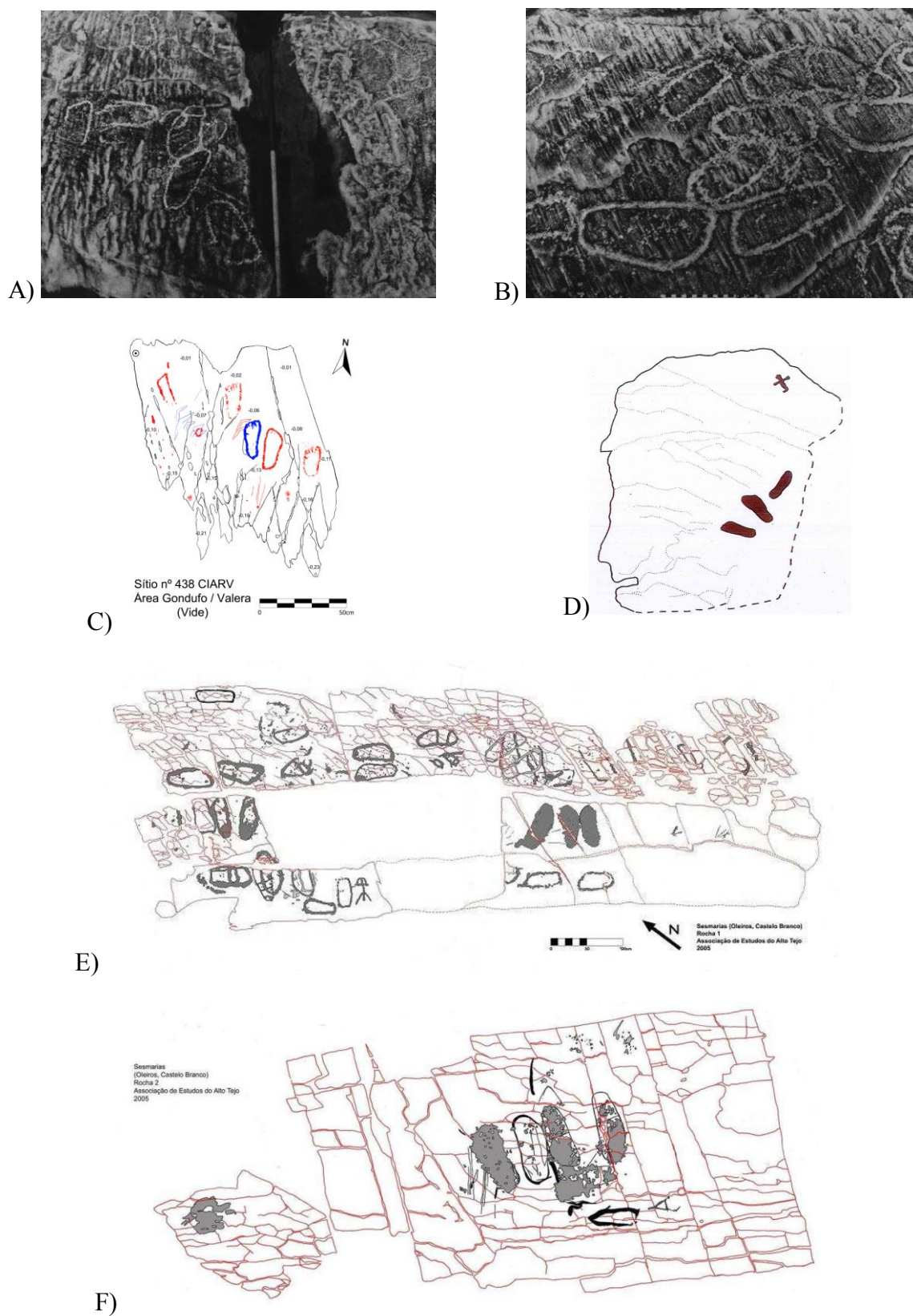


Figura 99: A) Rocha 1 de Alagoas; B) Rocha 2 de Alagoas (Tondela, Viseu) (Gomes & Monteiro, 1974-1977); C) Podomorfos de Gondufo (Vide) (Ribeiro, Joaquineto, Pereira, 2010); D) Painel 6 da Fraga da Pegada (Santa Combinha, Macedo de Cavaleiros); E) e F) rocha 1 e 2 de Sesmarias (Oleiros) (Caninas, *et al.*, 2008).

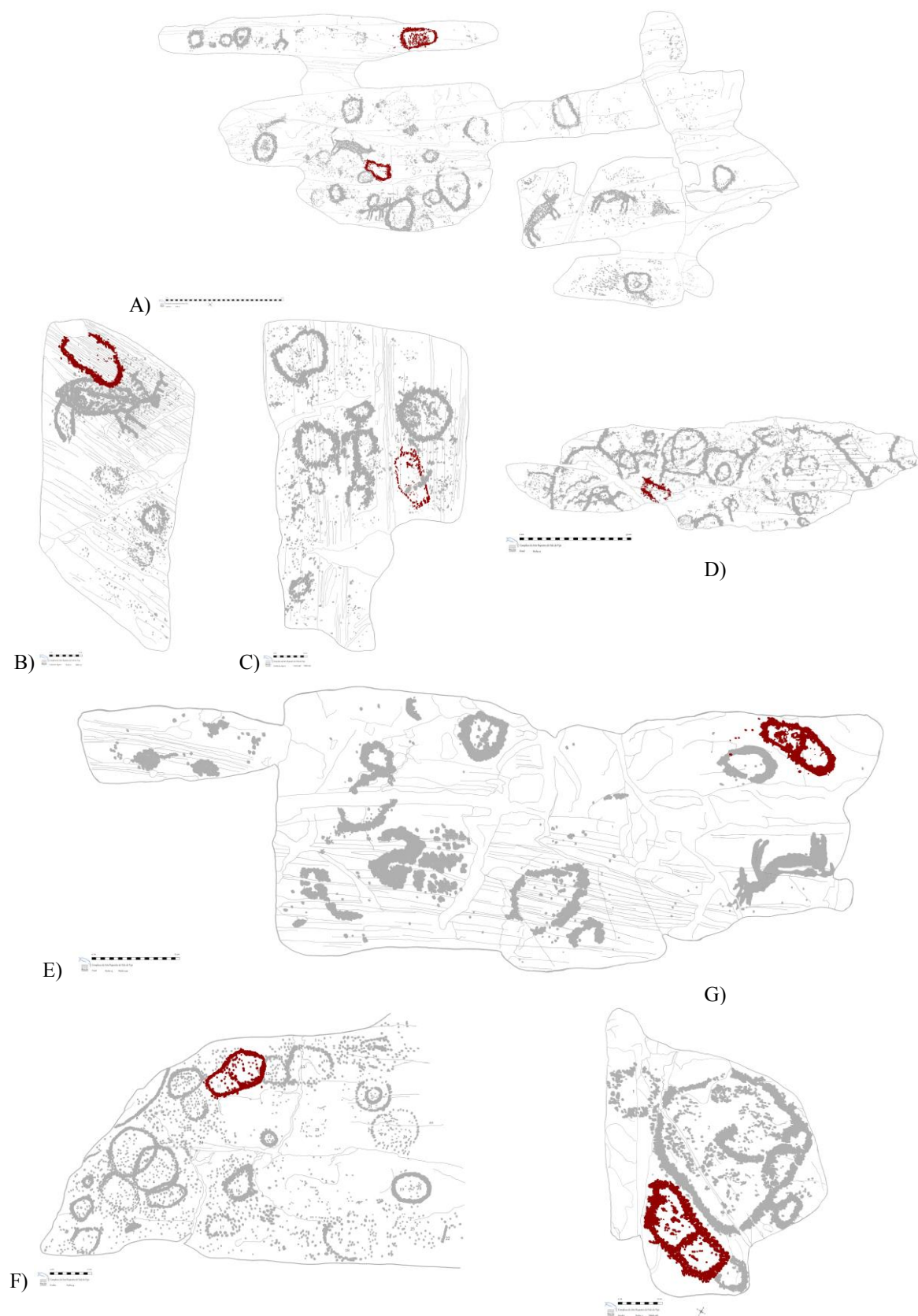


Figura 100: Exemplos de alguns podomorfos em rochas do vale do Tejo: A) AL64 (Gomes, 2010); B) CAL61 M312; C) CAL69B M696; D) F22; E) F24 M1529; F) FIC 54; G) G11 M498.

6.1.3.12. SOLIFORMES

Os soliformes também representam uma das figuras mais interessantes e conhecidas da arte esquemática, possuindo o Tejo um conjunto bem amplo referente a este motivo (Tabela 12). Os soliformes são formas que se aproximam do que poderia ser a forma convencional de um sol – um círculo de onde partem uma série de traços radiais que conformariam os “raios”. Podem surgir individualizados ou em associação com outras figuras (Collado Giraldo & García Arranz, 2005). Na bibliografia há também quem os denomine por “esteliformes” ou seja, forma de estrela (Acosta, 1968:132).

No vale do Tejo surgem 43 figuras de soliformes, sendo que praticamente metade se encontra no sítio do Fratel, correspondendo a 25,44% dentro da categoria de *Outros* uma percentagem importante, e 0,6% no total das figuras do Tejo (Figura 101).

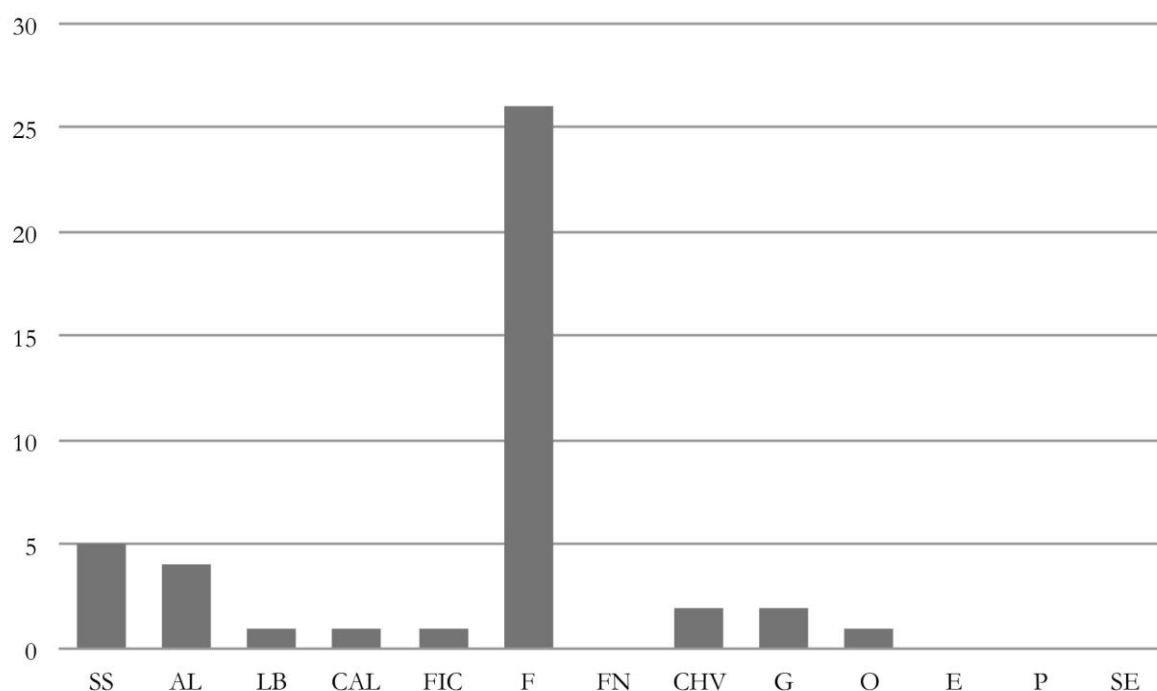


Tabela 12: Distribuição espacial dos soliformes pelo vale do Tejo. SS: São Simão; AL: Alagadouro; LB: lomba da Barca; CAL: Cachão do Algarve; FIC: Ficalho; F: Fratel; FN: Foz de Nisa; CHV: Chão da Velha; G: Gardete; O: Ocreza; E: Erges; P: Ponsul; SE: Sem Estação.

Alguns abrigos com pintura esquemática com estes motivos são: abrigo de Pala Pinta (Alijó, Portugal), o mais conhecido em território português com este tipo de motivos (Correia, 1922; Santos Júnior, 1933; Alarcão, Hespanha & Belchior, 1961; Sousa, 1989; Baptista, 1986; Figueiredo, 2014; Martins, 2014), o abrigo da caverna dos Riscos (Colmeal, Figueira de

Castelo Rodrigo) ou o abrigo El Amanhecer, El Sol, Pectisol, El Veranito ou El Ciempiés (Serradilla, Parque Nacional de Monfragüe) (Collado Giraldo & García Arranz, 2005) (só para citar alguns).

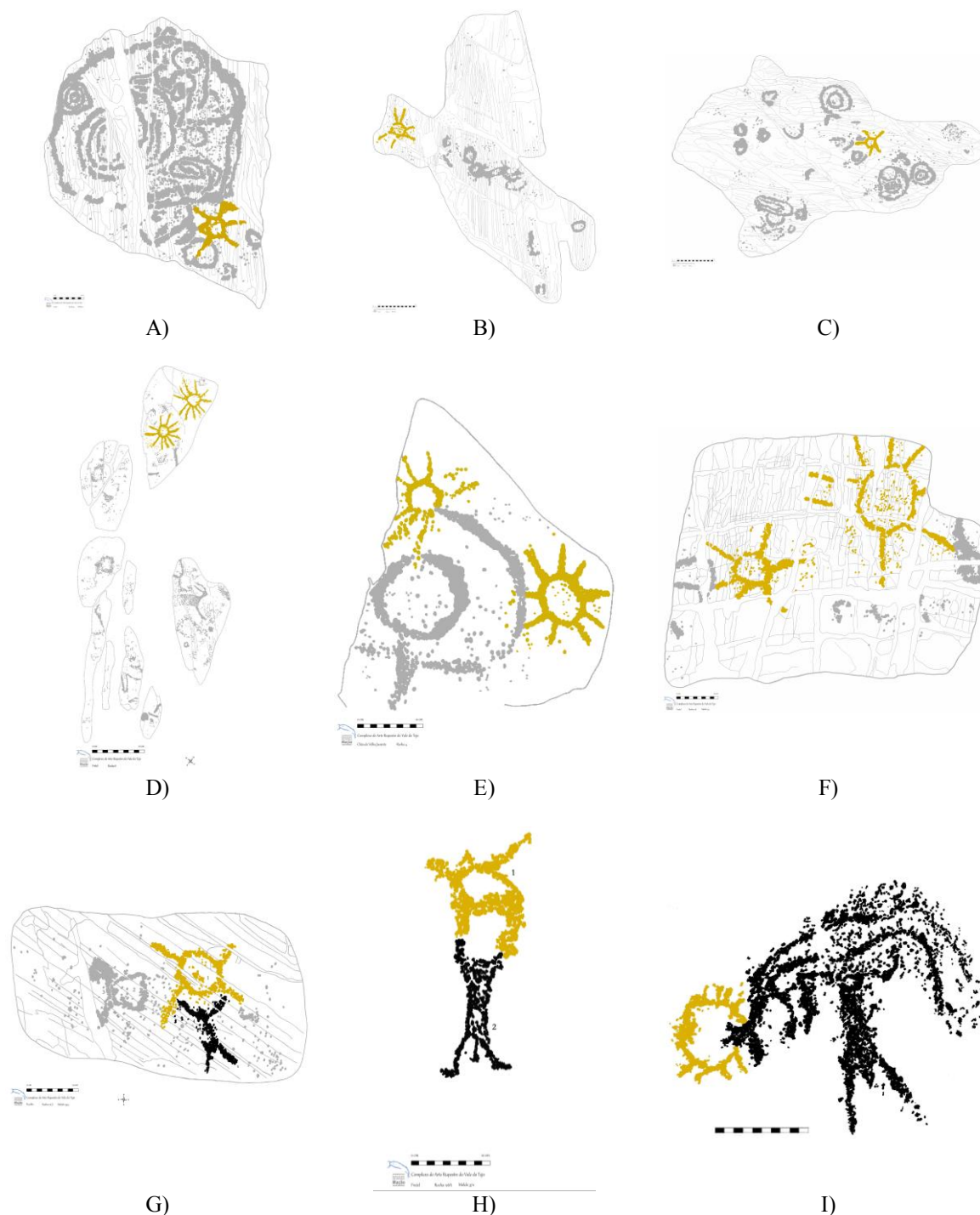


Figura 101: Exemplos de representações de soliformes. Em cima, figuras isoladas: A) F39 M91; B) F46 M1526; C) F55 M63; no meio, figuras em pares; D) F8; E) CHVJ4; F) F78 M44; em baixo, associados a antropomorfos com paralelo com figura da rocha SS158. G) FIC 12(1) M1554; H) F126A M372; I) SS158.

No vale do Tejo, os soliformes são figuras muito interessantes, porque além de aparecerem isoladas, surgem também aos pares (F78 M44; CHVJ4; F78 M44; F83 M1528; F90; F132 M334; G7 M502), geminados (F133C M1351) e associados a antropomorfos (SS137A M985), figurando por vezes em raras cenas em que as figuras humanas seguram no ar, de braços abertos, um sol (F126A M372; FIC12(1) M155). Em contexto tagano, comparam-se estas figuras com a figura do antropomorfo que segura um veado morto da rocha 158 de São Simão. De referir que neste caso, a circularidade e a presença dos galhos neste veado morto sugerem uma conotação solar, também pelo facto de se perceber que as hastes foram fechadas posteriormente. Esta situação verifica-se em três veados do Tejo: no veado morto SS158:1, no veado AL14 M1052:1 e no veado SS199-200-201-202:10. As figuras da rocha 12(1) M1554 de Ficalho são em tudo semelhantes ao antropomorfo que suporta um soliforme no cromeleque 17 da Portela de Mogos (Évora) (Calado, 2004; Gomes, 2001, 2010) (Figura 102).

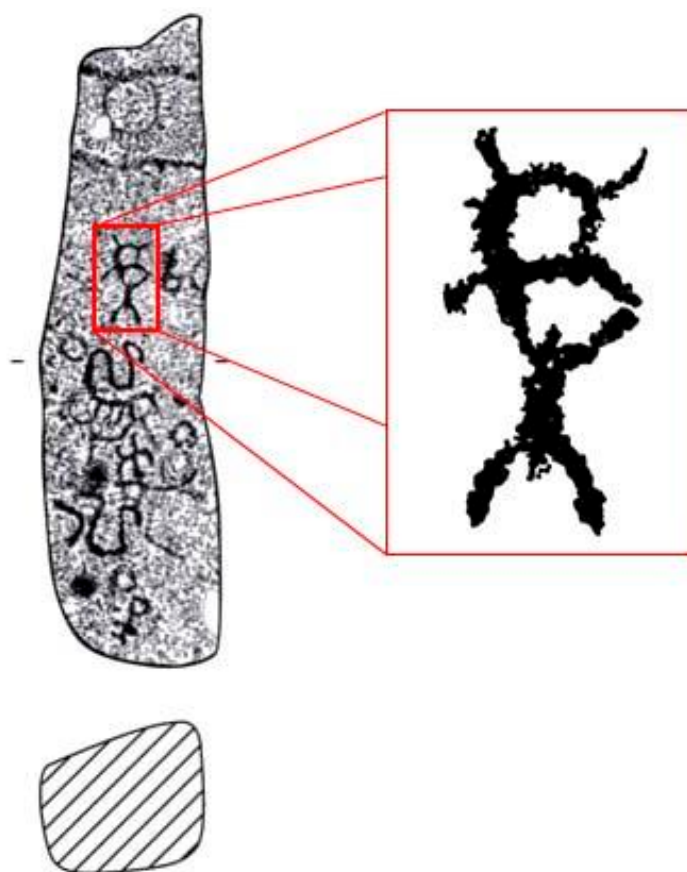


Figura 102: Representação do Cromeleque 17 de Portela de Mogos (Évora) (adaptado de Calado, 2004, Vol. II:35) e detalhe da representação de antropomorfo a sustentar um soliforme (adaptado de Gomes, 2001; 2010). De notar a incrível semelhança com a rocha FIC 12(1) M1554.

Recentemente, o abrigo de Pala Pinta foi objeto de um trabalho multidisciplinar de fotografia multiespectral e modelação 3D cujo objetivo seria elaborar um modelo tridimensional para

uma reconstrução visual do abrigo. O objetivo seria testar a hipótese de que em vez de soliformes, na realidade, Pala Pinta contém representações de figuras de cometas (Pereira, 2014), uma tese já questionada por Horácio Mesquita na década de 20 do século passado (Correia, 1922) (Figura 103). Através da fotografia multiespectral, modelação 3D e um trabalho de mestrado de um astrofísico conseguiram perceber que na paisagem que se encontra em frente ao abrigo, ao alcance da visão dos próprios limites do abrigo, passaram pelo menos 4 cometas diferentes no intervalo cronológico entre 5500 a.C. e o ano 0. “(...) identifiquei, por fim, quatro suspeitos: o cometa Kowal-Vavrova, visível no céu do abrigo por 59 dias em 1421 a.C., o cometa Biela, visível por 63 dias em 2365 a.C., o cometa Vãisälä 1 visível por 61 dias em 3784 a.C. e o cometa P/2004 VR8 que, entre todos é aquele cuja trajetória se assemelha à inferida a partir das pinturas do abrigo que se terá mantido visível por 143 dias em 4626 a.C.” (depoimento de Tiago Pessoa em Pereira, 2014).

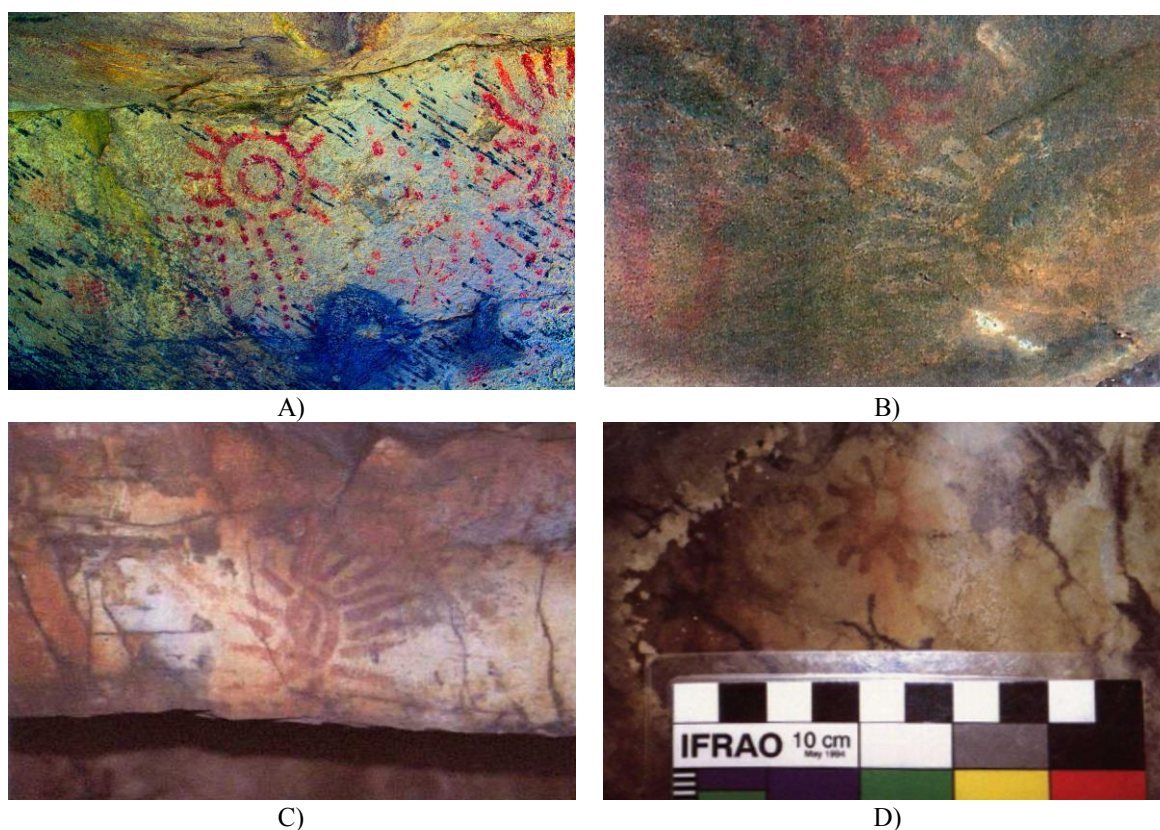


Figura 103: Exemplos de abrigos com figuras de soliformes. A) Abrigo de Pala Pinta (Alijó, Portugal), © Sara Garcês – filtrada com DStretch©. B) Abrigo do Colmeal (ou Caverna dos Riscos) Figueira de Castelo Rodrigo (Cabrita, 2004); C) Abrigo del Sol (Serradilla) (Collado Giraldo & García Arranz, 2005:44); D) Abrigo IV “El Veranito” (Salto del Corzo, Sierra de Moledas, Parque Nacional de Monfragüe) (Collado Giraldo & García Arranz, 2005:165).

A iconografia soliforme é, igualmente, aplicada à decoração cerâmica, ainda que por vezes se considerem também como representações de ídolos oculados, já que os “olhos” são gravados

como figuras de soliformes. No entanto, surgem em distintos períodos que podem ser uma ajuda fulcral para contextualizar cronologicamente este motivo. Entre os finais do IV milénio e o III milénio a.C. surgem diversos exemplos de recipientes com decoração em raios ou soliformes, como no fundo de uma taça carenada do recinto de fossos da Ponte da Azambuja 2 (Portel) (Rodrigues, 2013:446), no povoado de S. Pedro (Redondo) (Costeira, Mataloto & Roque, 2013) e no Outeiro de S. Mamede (Bombarral) (Cardoso & Carreira, 2003). Este motivo, em forma de olhos raiados, surge também em contextos funerários como na Grande Anta do Olival da Pega (Gonçalves, 1999:75), no sepulcro 2 do Povoado dos Perdigões (Valera *et al.*, 2000:104), mas também em contextos habitacionais como no povoado de S. Lourenço (freguesia de Eiras, Chaves) (Jorge, 1986; Fábregas Valcarce, 1993) e no povoado de Los Cercados, em Valladolid (García Barrios, 2005). Talvez o mais famoso exemplar seja a taça datada do Calcolítico de Los Millares (Santa Fé de Mondújar, Almería). De referir que, esta taça foi encontrada na necrópole do povoado fortificado de Los Millares durante as escavações realizadas no final do século XIX e fazia parte de um conjunto de objetos onde se incluía um outro vaso esférico com uma decoração incisa no seu interior, composta por círculos radiados irregulares como soliformes e diversas linhas (Pardo, 2006).

Encontram-se ainda, figuras de soliformes entre as centenas de placas sub-rectangulares de argila cozida de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja). O facto de todas as peças encontradas completas terem quatro furos em cada canto, incentivou a interpretação de serem identificados como pesos de tear normalmente enquadráveis no Calcolítico. Representações solares e lunares foram encontradas em pelo menos 28 exemplares integrando-se, segundo J.M. Arnaud (2013) numa ideologia de culto de natureza, propiciatória da fertilidade (Arnaud, 2013:449) (Figura 104).

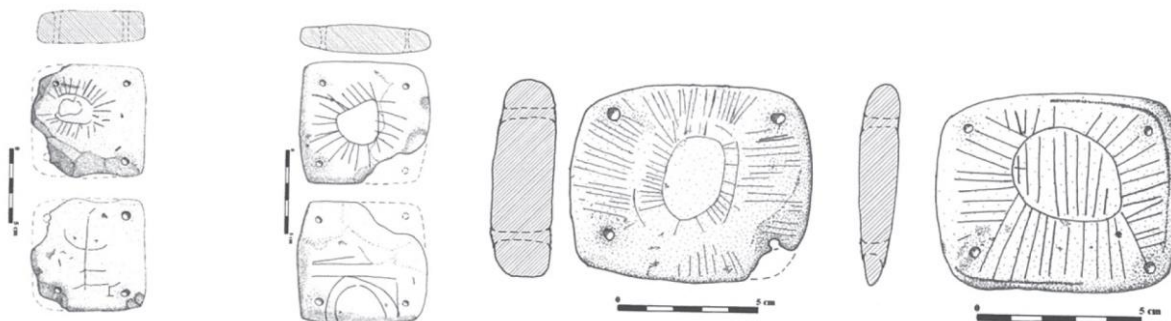


Figura 104: Representações de pesos de tear com gravuras de soliformes do povoado de Vila Nova de São Pedro (Azambuja) (adaptado de Arnaud, 2013).

6.1.3.13. OCULADOS

Surgem 7 figuras oculadas ou faces oculadas em todo o vale do Tejo, o que corresponde a 4,14% dentro da categoria *Outros* e a apenas 0,1% em toda a percentagem de arte rupestre do Tejo.

Tratam-se de composições delimitadas por uma forma circular ou oval. No seu interior apresentam normalmente, dois círculos de menores dimensões que poderão corresponder à representação de olhos. Noutros contextos, como no Guadiana, poderão ter outros atributos secundários (Baptista & Santos, 2013:239), mas tal não acontece no Tejo. Também ainda segundo A.M. Baptista e A. Santos (2013), a cronologia deste tipo de figurações é já considerada do Neolítico Final e integra-se no que A.M. Baptista denominou de “horizonte megalítico” (Baptista, 1981b:41) ou no que M.V. Gomes denominou de “período meridional” (Gomes, 2001; 2010) (Figura 105).

As figuras de oculados, ou “ídolos oculados” (segundo P. Acosta, 1968:67), e até “oculiformes” (Barroso Ruiz, 2009), são um dos motivos mais significativos dentro da produção plástica tanto móvel como rupestre da Pré-História Recente da Península Ibérica. Dentro da representação de *ídolos*, que é uma das características da Arte Esquemática, a representação dos oculados pode ser observada numa grande diversidade de suportes onde este motivo e (e todas as suas variações) podem ser encontrados sobre: osso, marfim, placas, pintados nas paredes dos abrigos, gravados nas rochas e em decorações cerâmicas como por exemplo, de los Millares (Ruiz, 2006; Hernandez, 2013).

Segundo M. Hernandez (2013), estas figuras converteram-se, há muito, num dos elementos culturais característicos do Calcolítico, ainda que Pilar Acosta admitisse que em termos de cronologia esta poderia ir até ao início da Idade do Bronze (Acosta, 1968:69).

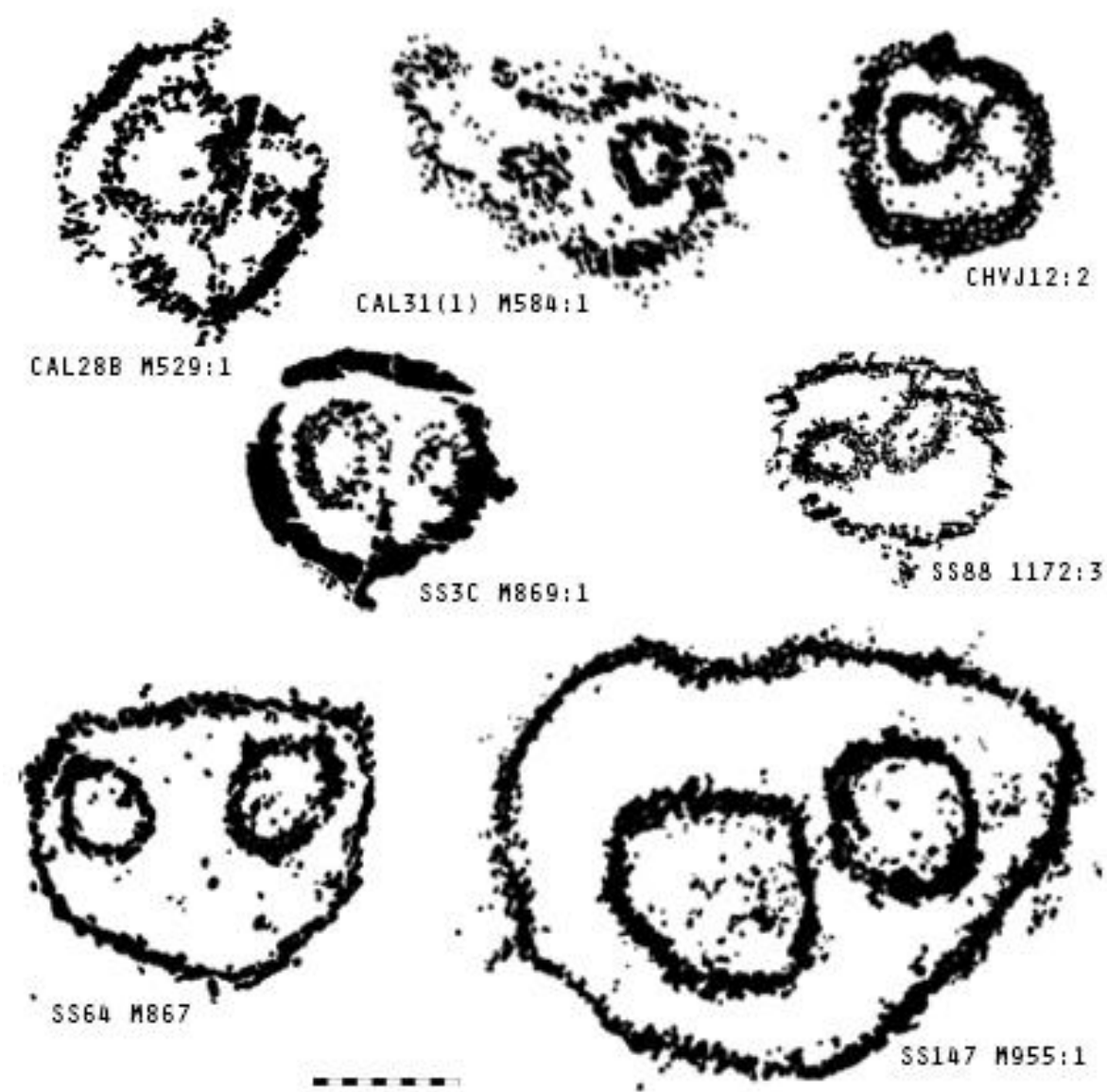
A designação generalista de *ídolos oculados*, principalmente vinculada aos cilindros de calcário e às estatuetas antropomórficas foi questionada por V. Hurtado (2010), porque a palavra *ídolo* reflete “a imagem de uma divindade objeto de culto” e considerar como tal estas figuras é um tanto arriscado, sobretudo porque se utiliza uma série de objetos muito diferentes sem nenhuma evidência arqueológica que o sustente. No entanto, por exemplo, as figuras antropomórficas encontradas nos Perdigões estão associadas a apenas um contexto funerário particular: à deposição de restos humanos cremados datados do médio e terceiro quartel do III milénio a.C. (Valera & Evangelista, 2014). São considerados poderosos elementos simbólicos e ornamentais nas sociedades do Neolítico e Calcolítico peninsular. Acredita-se também, que

estas imagens poderiam ser indicadores territoriais ou símbolos de posição social, remetendo-nos a um conceito de identidade que vincularia os seus fabricantes a um determinado grupo³. A proliferação de ídolos poderá ser uma resposta a uma profunda mudança na mentalidade, transformação em que a prática “mágicas” são substituídas ao largo do III milénio a.C. por práticas religiosas, pela adoração de divindades e por este novo elenco de manifestações. Esta transformação pode ter acontecido paralelamente a padrões de povoamento, desenvolvimento tecnológico, estratégias económicas, etc. (García Atiénzar, 2006). Na pintura esquemática pintada em território português até recentemente, esta era uma figura extremamente rara e apenas um exemplar, assim interpretado, se conhecia (Gomes, 1989:235), localizado no abrigo Pinho Monteiro (Arronches). Trata-se de uma figura ovalada com dois pontos no seu interior, cuja interpretação de “oculado” ou ídolo oculado levanta algumas dúvidas. No entanto, recentemente, na Serra dos Passos (Mirandela) descobriu-se em três afloramentos da margem esquerda do regato das Bouças 17 manifestações claras desta temática. No abrigo 1 do Regato das Bouças, o ídolo oculado encontra-se numa posição no próprio abrigo que lhe permite uma extensa visibilidade sobre toda a depressão de Mirandela (Figueiredo, 2014) (Figura 106).

Alguns autores sugerem que estes ídolos funcionariam como protetores ou vigilantes dos recursos ou terras exploradas e a clara associação noutras regiões peninsulares, a vinculação entre a representação dos ídolos oculados com cursos fluviais e de passagem natural (García Atiénzar, 2006:230) (Figura 107).

Em áreas como as bacias hidrográficas dos rios Júcar e Segura (Castilla-La-Mancha & Valencia, Espanha) o motivo dos oculados surge tanto em suportes móveis como em versão rupestre, o que permite adivinhar um forte simbolismo que abarca diferentes aspetos da vida. O facto de surgir numa panóplia tão diversificada de contextos, faz com que seja uma manifestação excecional referente à análise de diferentes aspetos da organização social, cultural e simbólica destes grupos.

³ Exposição “Paisajes e Sociedades de la Prehistoria Reciente” no Museu Arqueológico de Madrid.



A)



B)



C)

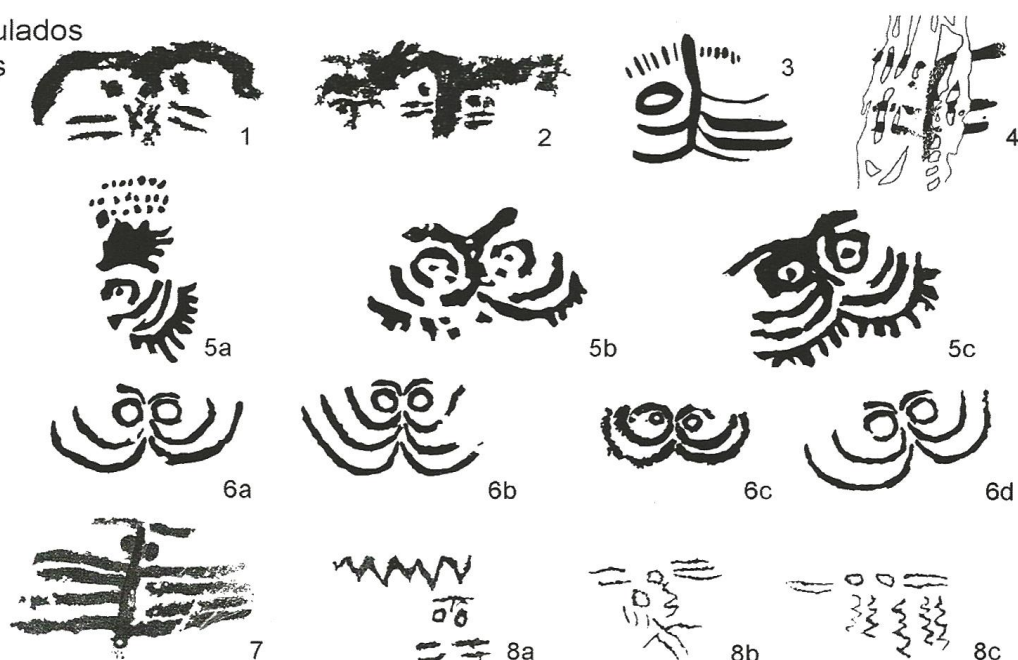
Figura 105: A) Representações de figuras oculadas do vale do Tejo; B) Representação de oculados no Guadiana português (rocha I, painel F, motivo 9 da Moinhola); C) Representação de oculados no Guadiana português (rocha 73, motivo 15, Moinhola).

Na arte rupestre esquemática pintada, os motivos foram divididos principalmente em dois grupos: 1) Oculiformes: motivos em que aparecem representados detalhes faciais onde se destacam as arcadas supraciliares ou sobrancelhas mediante linhas ligeiramente curvadas, em algumas ocasiões acompanhadas por traços verticais; os olhos, normalmente representados por um círculo às vezes com um ponto interior para indicar a pupila ou a íris; o nariz executado com um traço vertical que parte entre os olhos e a zona das bochechas onde surgem linhas horizontais ou semicirculares que se interpretam como tatuagens faciais; 2) o segundo grupo seria aquele que engloba oculados cuja indicação do corpo está presente, ainda que os olhos continuem a ser o elemento mais importante na composição. Nestas figuras, além dos olhos, foram representados também o tronco tendo por base uma linha vertical, as extremidades que partem do traçado que representa o corpo e, em algumas ocasiões, os atributos sexuais. Ao tomar em atenção tanto os suportes móveis como os suportes rupestres, detetam-se semelhanças entre as manifestações rupestres e as móveis que permitem supor um mundo simbólico que se estende ao largo de diversos níveis da organização social. Quando vários suportes com o mesmo motivo surgem numa mesma zona, permite-se discutir uma uniformidade ideológica, principalmente pelos convencionalismos que vão surgindo entre estes motivos (García Atiénzar, 2006). No caso de vale do Tejo, as figuras são extremamente simplistas, sem detalhes faciais. No entanto, é impossível ignorar a semelhança formal entre a figura da rocha 64 de São Simão com a face do ídolo antropomórfico em osso de Cerro de la Cabeza (Valencina, Sevilha) (Fábregas Valcarce, 1993), com o ídolo calcolítico de Llerena (Vale do Guadiana) (Enríquez Navascués, 2000) e com a face da uma das estatuetas em marfim do Complexo dos Perdígões. As estatuetas dos Perdígões são cronologicamente apontados como calcolíticas e surgem apenas em contextos funerários (Valera & Evangelista, 2014) (Figura 109).

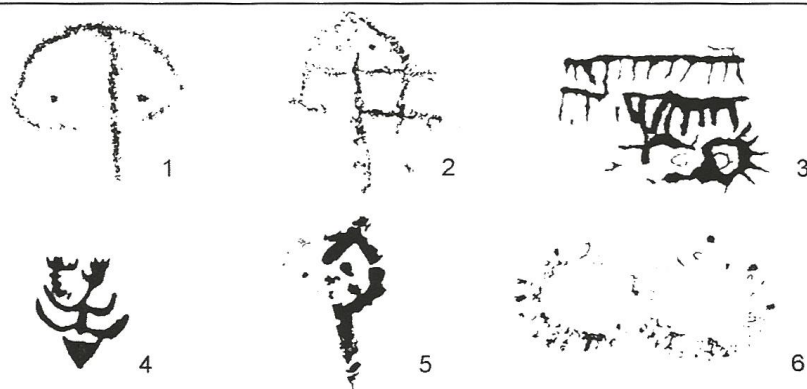


Figura 106: Pormenor do motivo 8 do Painel A da Serra dos Passos 3 (Figueiredo, 2014:230).

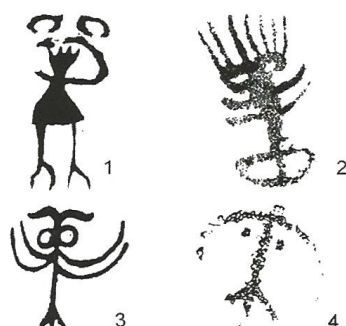
1. Oculados
típicos



2. Oculados
simplificados



3. Antropomorfos



4. Posibles

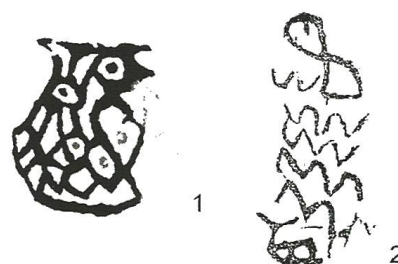


Figura 107: Manifestações oculadas rupestres: Típicos - 1: Abrigo del Ídolo; 2: Abrigo de los Ídolos; 3: Canalizo el Rayo; 4: Cueva de las Enredaderas; 5: Collado del Guijarral; 6: Cueva de la Diosa Madre; 7: Abrigo del Santo Espiritu; 8: Peña Escrita de Tàrbena. Simplificados - 1: Abriç V del Barranc de Famorca; 2: Salem; 3: Cova del Barranc de Migdia; 4: Abrigo Grande de Cantos de la Visera; 5: Cueva de las Enredaderas; 6: Abrigo de las Covachicas. Antropomorfizados – 1: Peña de l’Ermita del Vicari; 2: Barranc dels Garrofers; 3: Abrigo Grande de Cantos de la Visera; 4: Abrigo de los Gavilanes. Possíveis oculados: 1: Cova dl Barranc del Migdia; 2: Barranc de la Palla; (adaptado de García Atiénzar, 2006:225,fig2).



Figura 108: Semelhanças entre os motivos oculados na arte rupestre e em suportes móveis (adaptado de García Atiénzar, 2006:231,fig5).

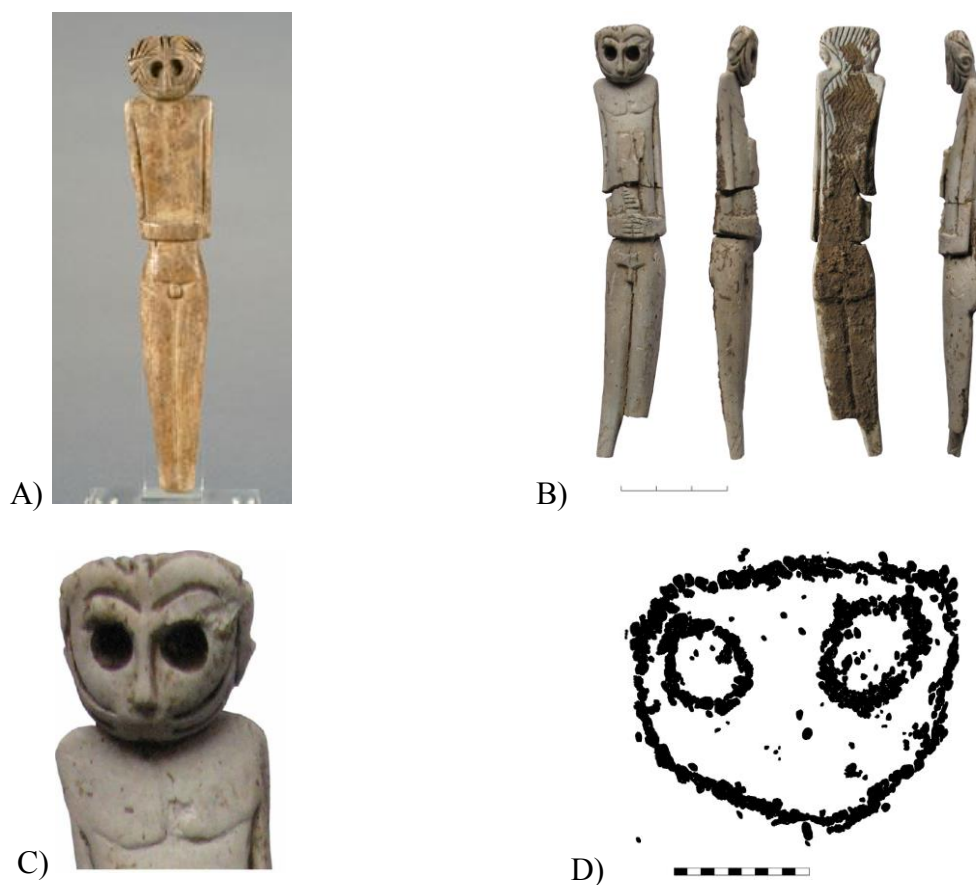


Figura 109: A) Ídolo antropomorfo de osso de Valencina (Sevilha), fonte: http://www.museosdeandalucia.es/cultura/museos/MASE/index.jsp?redirect=S2_3_1_1.jsp&idpieza=370&pagina=1; B) Estatueta antropomórfica dos Perdigões; C) Detalhe da estatueta antropomórfica dos Perdigões; D) Figura da rocha 64 de São Simão.

6.1.3.14. COVINHAS

As covinhas são um motivo universal e recorrente em todas as épocas pré e proto-históricas. Normalmente são caracterizadas como sendo uma pequena depressão de forma circular ou ovalada realizadas na rocha com 3 a 5cm de diâmetro e 1 ou 2cm de profundidade. Podem, no entanto, ser bastante maiores e até surgir em grupos.

No caso do vale do Tejo, são 30 as covinhas assinaladas, tendo em conta que a esmagadora maioria se encontra no vale do Ocreza e no Fratel. Aqui não se incluem as mais de cem covinhas assinaladas na ribeira da Pracana com diversos diâmetros e profundidades publicadas nos anos 70, mas sem especificarem a quantidade certa destes elementos (Monteiro & Gomes, 1974-77) (Figura 110).

No caso do vale do Tejo, apenas uma das figuras corresponde a um conjunto de covinhas, na rocha 67 de São Simão (Figura 111).

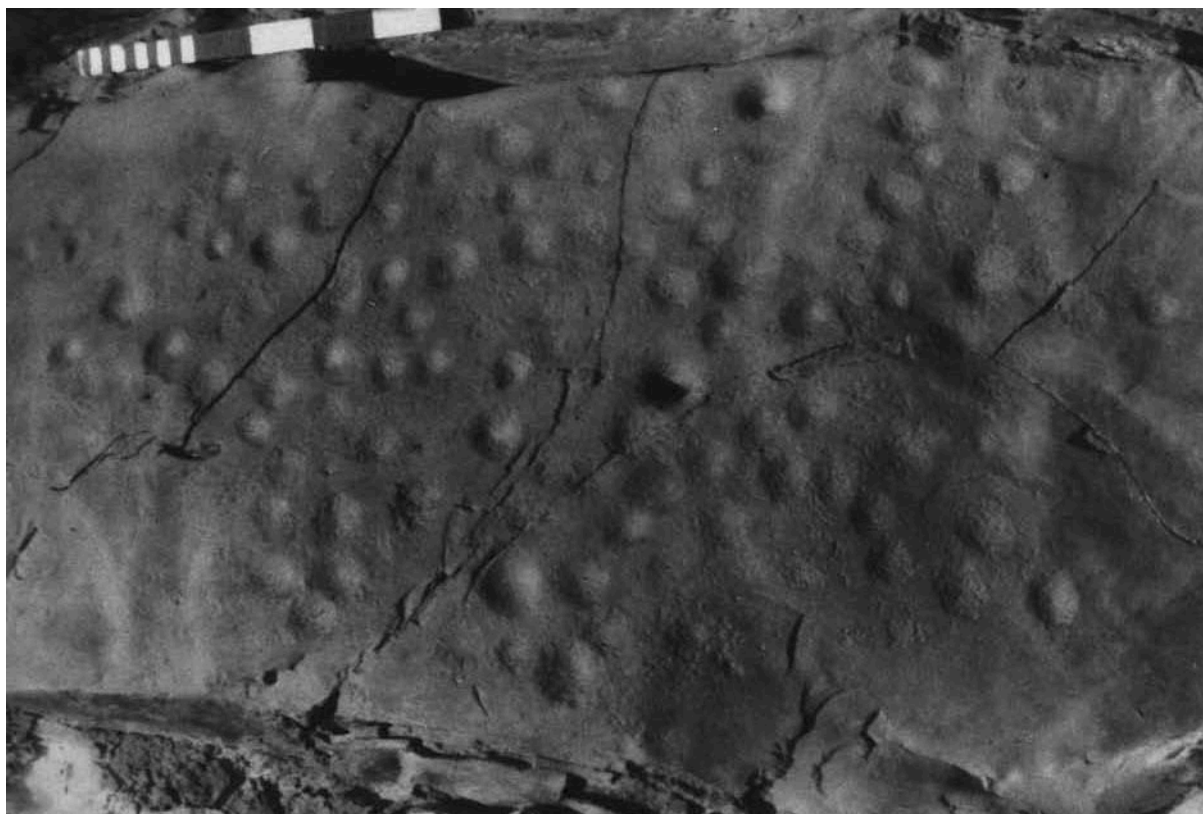


Figura 110: Fotografia de covinhas da Pracana (Monteiro & Gomes, 1974-77).



A)



B)

Figura 111: A) Fotografia de SS67 © Hugo Gomes; B) Grupo de covinhas – motivo 10 da rocha 67 de São Simão.

6.1.3.15. REDE

O motivo denominado de “Rede” é único no vale do Tejo. É de difícil compreensão e interpretação surgindo no meio do caos de uma rocha com 148 figuras no núcleo do Gardete (Figura 112).



A)



B)

Figura 112: A) Rocha 14 do Gardete com pormenor a vermelho da figura “Rede”; B) detalhe da figura.

6.1.3.16. TAÇA

O motivo denominado de “Taça” não é mais que a forma de um semicírculo fechado. Existem 15 em todo o vale do Tejo, distribuídos maioritariamente em 3 sítios: São Simão, Cachão do Algarve e Fratel (Figura 113).

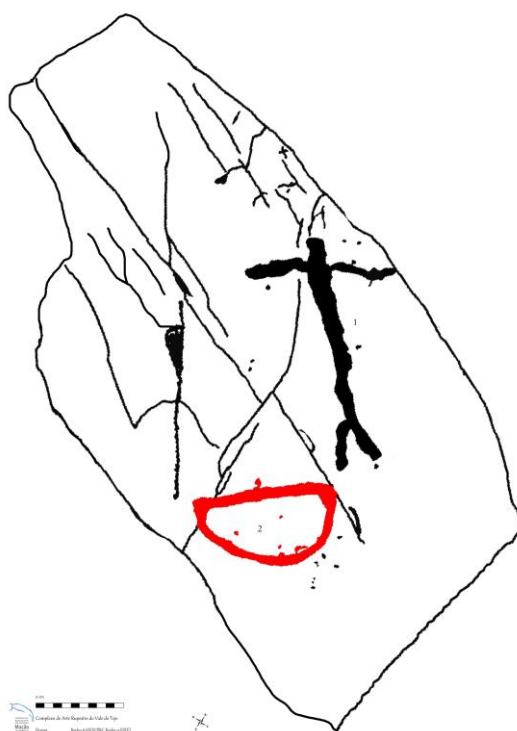


Figura 113: A) Rocha 6 do Ocreza com pormenor a vermelho da figura “Taça”.

6.1.3.17. MANCHAS DE PICOTADO

A sexta categoria de figuras são as Manchas de Picotado. Como se deve calcular, estas apresentam-se em grande número (1105 manchas) num total de 15,81% de toda a arte rupestre do vale do Tejo (Figura 114). Estão divididas em 6 subcategorias diferentes (Tabela 13):

- Circulares (119)
- Irregulares (825)
- Ovais (35)
- Simples (16)
- Preenchida (109)
- Com ponto central (1)

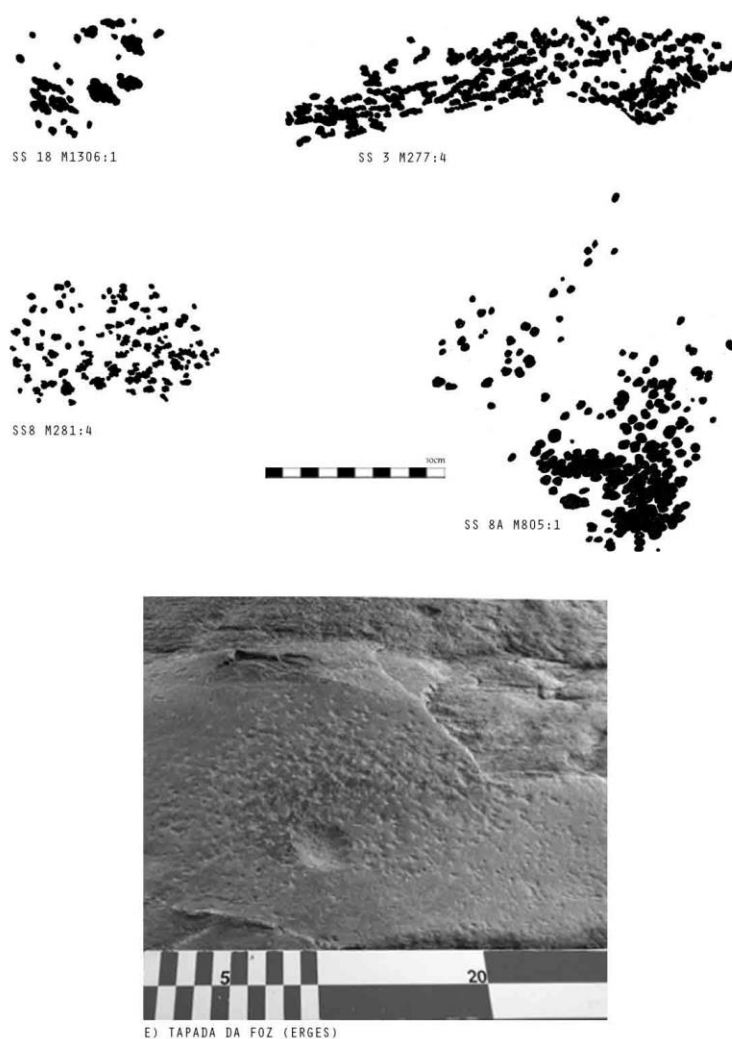


Figura 114: Diferentes tipos de *manchas de picotado* que podem surgir na arte rupestre do vale do Tejo.

		SS	AL	LB	CAL	FIC	F	F ^N	CHV	G	OCR	ERG	P	SE	TOTAL
Manchas de picotado	Circulares	22	26	2	13	6	29	0	5	12	2	0	2	0	119
	Irregulares	144	141	8	286	25	89	4	14	73	25	8	1	7	825
	Ovais	3	4	1	16	2	0	0	2	7	0	0	0	0	35
	Simples	10	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	4	0	16
	Preenchido	19	3	0	9	3	43	5	13	4	2	2	0	6	102
	Com ponto central	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
	TOTAL	198	174	11	324	36	163	9	34	96	29	11	7	13	1105

Tabela 13: Distribuição numérica da categoria Manchas de Picotado do vale do Tejo. SS: São Simão; AL: Alagadouro; LB: lomba da Barca; CAL: Cachão do Algarve; FIC: Ficalho; F: Fratel; FN: Foz de Nisa; CHV: Chão da Velha; G: Gardete; O: Ocreza; E: Erges; P: Ponsul; SE: Sem Estação.

6.1.3.18. INDETERMINADOS

A oitava categoria são todas as figuras consideradas como indeterminadas uma vez que a interpretação das mesmas não foi possível. Estas correspondem a 45 figuras, ou seja, 0,64% do total de figuras do Tejo (Tabela 14).

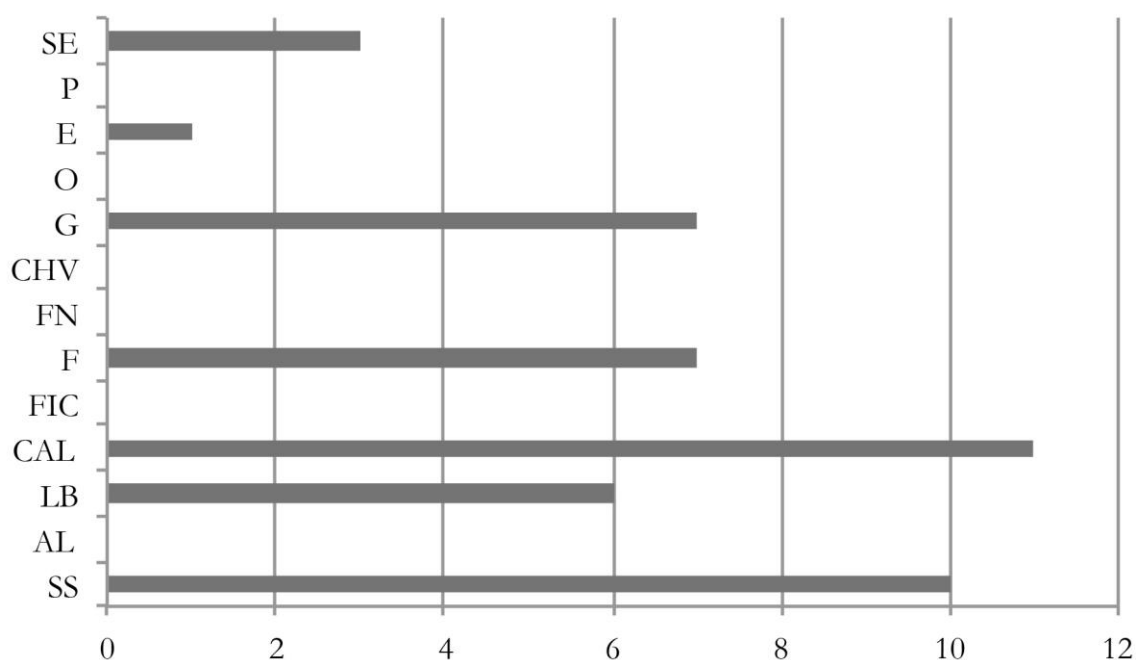


Tabela 14: Distribuição espacial das figuras indeterminadas no vale do Tejo. SS: São Simão; AL: Alagadouro; LB: lomba da Barca; CAL: Cachão do Algarve; FIC: Ficalho; F: Fratel; FN: Foz de Nisa; CHV: Chão da Velha; G: Gardete; O: Ocreza; E: Erges; P: Ponsul; SE: Sem Estação.

6.1.4. INSCRIÇÕES (ROMANAS E MODERNAS)

A sétima categoria de figuras são as Inscrições. Estas correspondem a apenas 0,37% de toda a arte rupestre do vale do Tejo com 26 figuras divididas em duas subcategorias: Letras (16 letras) e Números (10 números) (Tabela 15).

	SS	AL	LB	CAL	FIC	F	FN	CHV	G	OCR	ERG	P	SE	TOTAL
Inscrições	Letras	4	0	0	0	0	3	0	0	1	0	8	0	16
	Números	1	0	0	0	0	1	0	0	1	0	7	1	10
TOTAL	5	0	0	0	0	4	0	0	1	0	15	1	0	26

Tabela 15: Distribuição numérica da categoria Inscrições do vale do Tejo. SS: São Simão; AL: Alagadouro; LB: lomba da Barca; CAL: Cachão do Algarve; FIC: Ficalho; F: Fratel; FN: Foz de Nisa; CHV: Chão da Velha; G: Gardete; O: Ocreza; E: Erges; P: Ponsul; SE: Sem Estação.

A inscrição TAGVS OCVS F é, segundo J. D'Encarnação (2009) passível de se reportar aos tempos romanos e para além da menção do nome do rio, pode ter sido gravada por alguém de nome *Ocus* ou por alguém que apenas quis dizer que o rio naquele local, corria veloz. Além de se estar perante palavras latinas, a possibilidade de o escrito remontar à época romana denuncia-se pelo facto de o nexos TA inicial (ou seja, duas letras numa só) ser de uso entre os romanos, assim como a circularidade da vogal “O”, o traçado simétrico da segunda consoante “V” e a cursividade da consoante “S” bem alongada. A primeira palavra TAGVS foi interpretada sem grandes surpresas, como sendo o nome do rio.

A palavra OCVS estaria conectada a antroponímia pré-romana e teria o significado de “veloz”, mas também poderia ser o nome de uma pessoa já que, se se considerar a grafia *Ochus* mais próxima do original grego, o antropónimo identifica em Roma um escravo, sendo *Ochis* um nome de escravo. Uma outra hipótese, a palavra “okús” no grego, seria considerado um epíteto consagrado a deuses e heróis como Ares, Íris e Aquiles, muitas vezes conotado a composições como “de passo veloz”, “de corrida veloz”, “de sandálias velozes”, etc., dependendo da personagem a que se referisse. A tradução da inscrição foi proposta da seguinte maneira: “Tejo. Ocus fez” que é como quem diz: “Este é o Tejo. Fui eu, Ocus, quem isto escreveu” (D'Encarnação, 2009).

A inscrição *P^e Franco* poderá apontar a presença no Tejo em 1721 do Padre António Vaz Franco, nascido em 1662 na aldeia de Montalvão (aldeia vizinha do sítio de São Simão) no seio de uma família nobre onde recebeu a sua primeira instrução. Mudou-se depois para Évora já na Universidade e acabou por dar entrada na Companhia de Jesus em 1677 com apenas 15 anos. Figura bastante famosa no meio da literatura novilatina produzida em Portugal ou no espaço da sua influência, nos séculos XVI e XVII, António Franco é um nome muito familiar. É considerado uma figura ilustre do Colégio do Espírito Santo de Évora, incansável e laborioso polígrafo da Companhia de Jesus. Morreu aos 70 anos de idade em Évora no ano de 1732 (Gomes, 2010; Urbano, 2014). Quando passou pelas gravuras do São Simão, mesmo perto da sua aldeia natal, teria 21 anos (Figura 115).

Inscrições modernas em rochas em sítios de arte rupestre de cronologia pré-histórica são comuns. No vale do Côa por exemplo, encontram-se inscrições/imagens do século XX nas rochas 2, 3, 4 e 5 de Rego de Vide e na rocha 9B da Canada do Inferno (Baptista & Gomes, 1997).

6.1.5. ELEMENTOS DE SIMBOLOGIA CRISTÃ

A nona categoria de figuras do vale do Tejo são os Elementos de Simbologia Cristã. Correspondem a apenas 2 figuras, ou seja, a 0,03% de toda a arte rupestre do Tejo. São figuras de expressão religiosa de carácter cristão, conhecidas como “calvário”. Estas figuras obviamente modernas, podem ser paralelizadas com o cruciforme da rocha 22 setor direito da Canada do Inferno, apenas como exemplo, já que o cruciforme é um motivo bastante comum em penedos que contêm figuras de cronologias mais recuadas, e no caso da representação do calvário, na rocha 9B setor direito, rocha 24 também da Canada do Inferno e rocha 8 de Rego de Vide. A figura da rocha 24 da Canada do Inferno em particular, está acompanhada da data em que presumivelmente foi concebida – 1953 (Baptista & Gomes, 1997) (Figura 116).

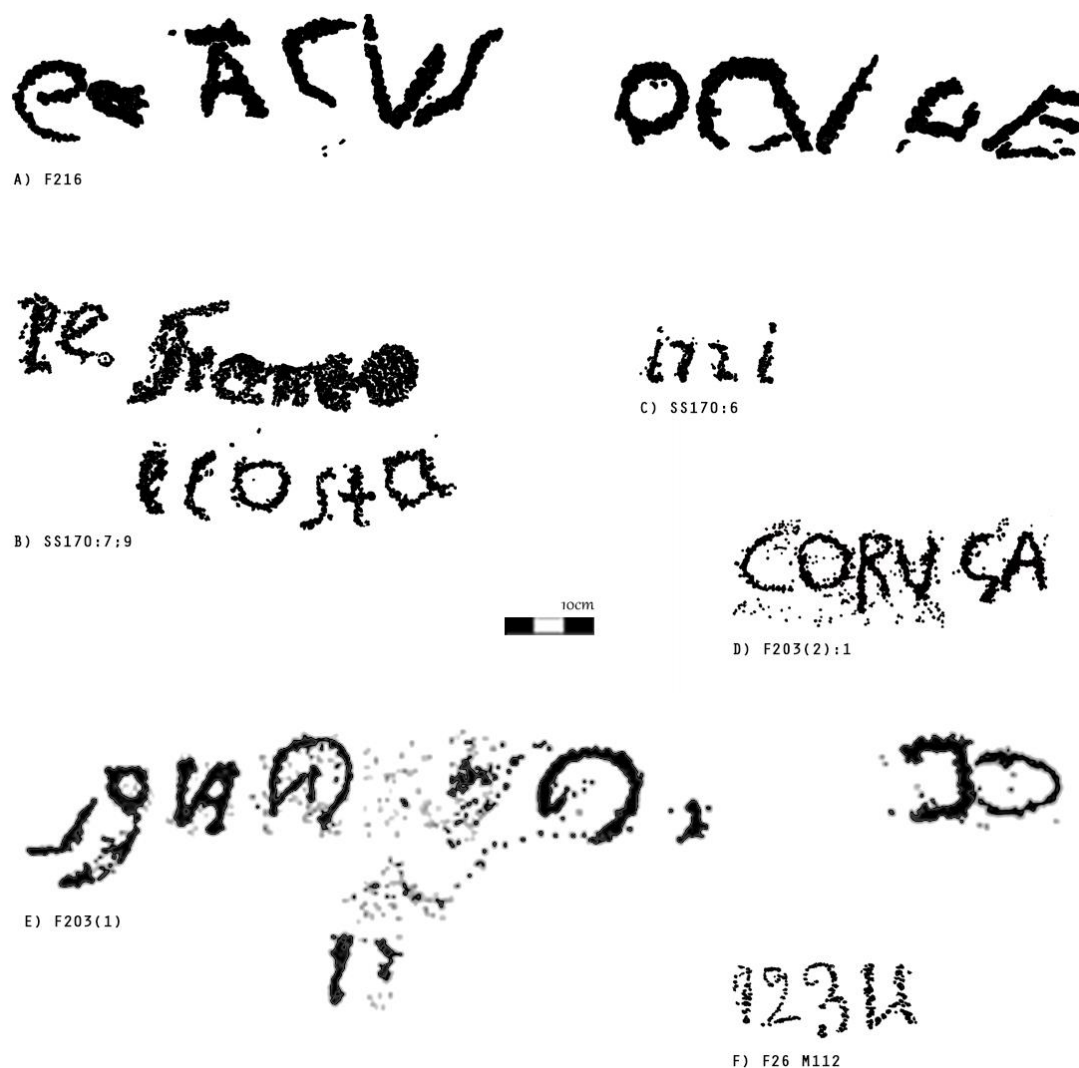


Figura 115: Diferentes tipos de *inscrições* do vale do Tejo.

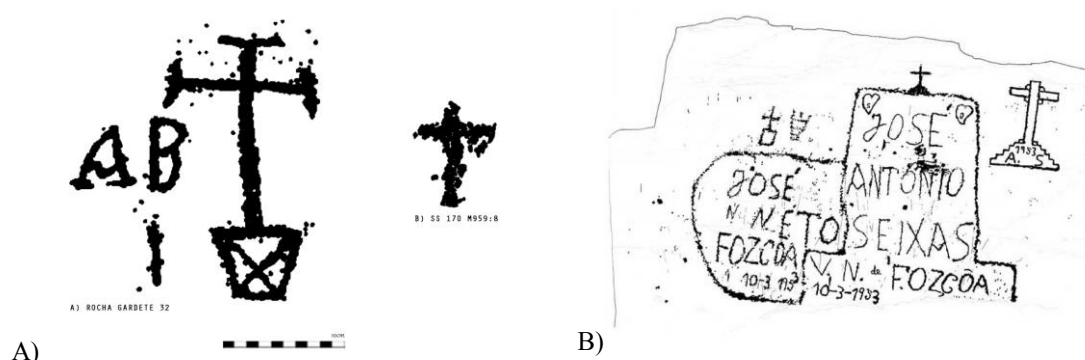


Figura 116: A) Representação das duas figuras com Elementos de Simbologia Cristã explícitos do vale do Tejo; B) rocha 9B sector direito da Canada do Inferno (Luís, 2008).

6.1.6. SOBREPOSIÇÕES

Foram registadas diversas sobreposições entre figuras, mais precisamente 524 sobreposições em 230 rochas num universo de 1636 rochas com 6988 figuras. 90,8% das sobreposições ocorrem entre figuras esquemáticas. A maioria das sobreposições das figuras esquemáticas ocorre entre estruturas lineares abertas ou fechadas, ou seja, figuras geométricas no geral figuras (ver tabela 3 dos anexos do volume III e Gráfico 2).

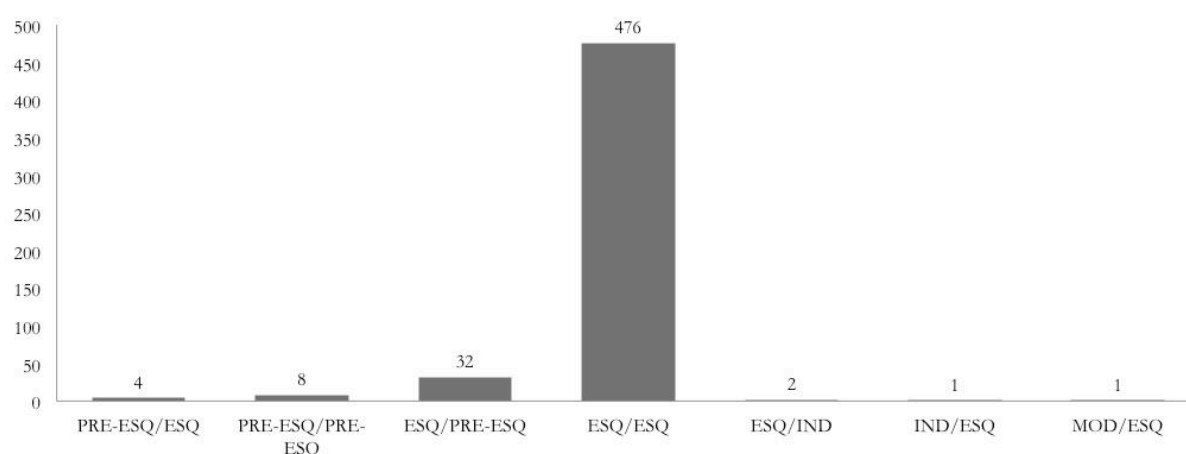


Gráfico 2: Distribuição dos tipos de sobreposições que ocorrem no Complexo Rupestre do Tejo.

6.2. CONSIDERAÇÕES

No panorama da arte rupestre peninsular, o vale do Tejo sobressai devido a alguns factores: Primeiro, por apresentar uma sequência cronológica mais ou menos contínua mas bem definida em cada momento que representa. A estrutura cronológica proposta para o vale do Tejo determina cinco diferentes fases cronológicas, com ênfase para a fase pré-esquemática e para a fase esquemática, esta com grande relevo quantitativo em relação às outras fases de gravação (Figura 117).

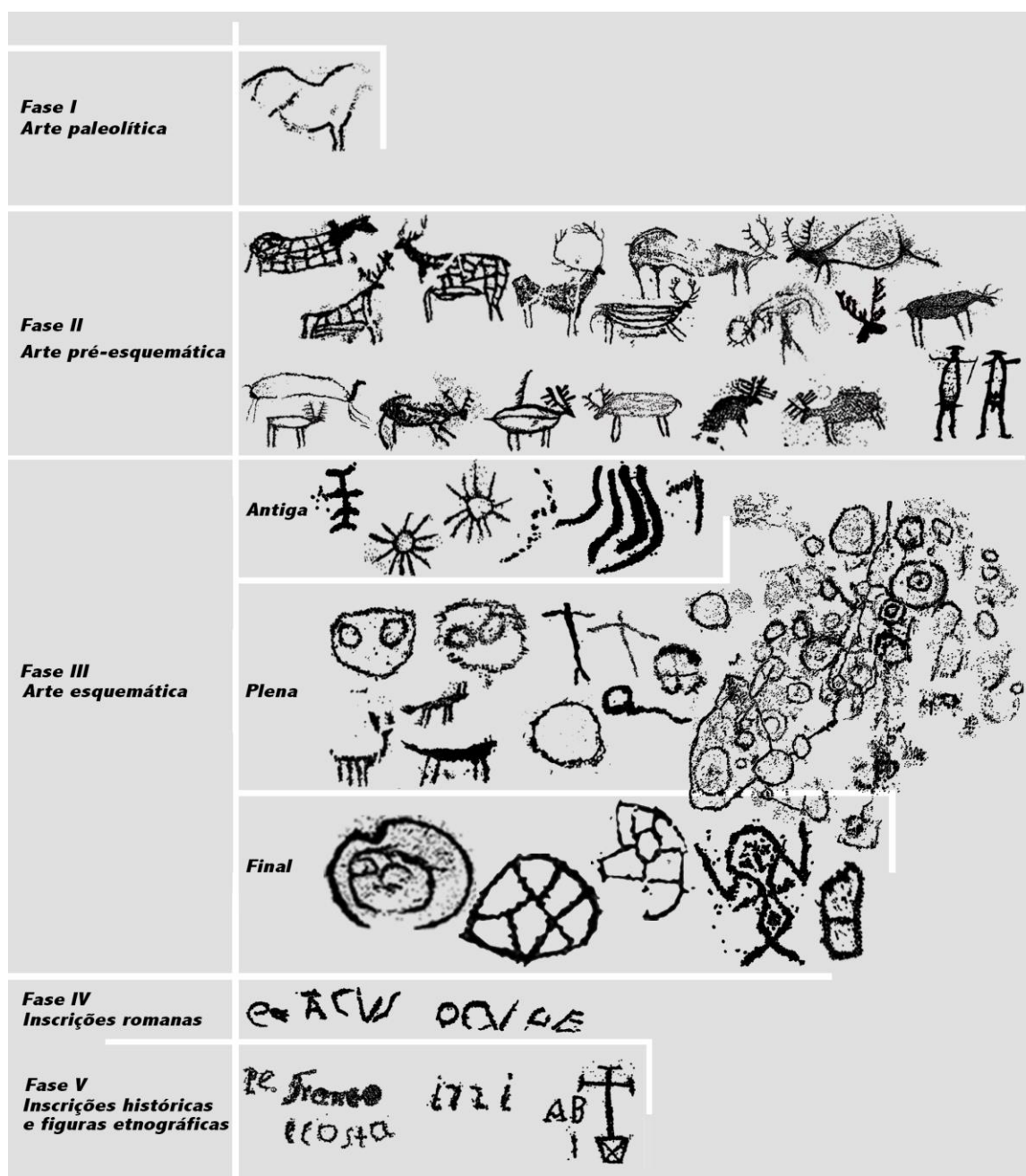


Figura 117: Proposta de cronologia para o Complexo Rupestre do Vale do Tejo.

Segundo, porque pelas sobreposições e caracterização de uma fase pré-esquemática se pode comprovar que cada vez mais é importante olhar para a arte rupestre pós-paleolítica peninsular sem o preconceito demarcador geográfico, para optar por uma classificação unificadora à escala peninsular em que primam os critérios socioculturais como sistema para estabelecer as divisões evolutivas, proposta já defendida com os trabalhos de Molino Manzánez (Collado Giraldo, 2006); terceiro pela valorização da arte pré-esquemática, admitindo-se uma cronologia Epipaleolítica para a mesma, tendo em conta os argumentos (já aqui apresentados) para que o início da arte esquemática ocorra desde o Neolítico Antigo. Esta deve ser considerada como um ciclo rupestre independente, com características próprias e bem definidas do ciclo antecedente e, principalmente, precedente.



7.1. CERVÍDEOS: SÍMBOLOS E SOCIEDADE

Ao longo da história da Humanidade, partindo de uma perspectiva ecológica que integra os grupos de humanos como apenas mais uma espécie na natureza, todos os grupos de caçadores-recolectores mantiveram uma relação especial com algum tipo de animal (Menéndez Fernández & Quesada López, 2008). Esta relação é muito mais evidente em cronologias paleolíticas, no entanto, cremos que os conceitos básicos destinados a unir o mundo real com o mundo hiperfísico reconhecido nos caçadores-recolectores do paleolítico através da representação de animais, signos e (poucas) figuras humanas, não foi abandonada nos primeiros milénios do Holocénico. Supõe-se que estas crenças acumuladas durante o Paleolítico Superior, não desapareceram de um dia para o outro. Os animais não só resolviam uma questão económica, mas tiveram um papel muito mais complexo no seio das comunidades de caçadores-recolectores. Concordamos com Viñas Vallverdú & Sánchez de Tagle (2000) quando estes descrevem a intrincada relação que os caçadores-recolectores desenvolveram com os animais. Os caçadores-recolectores conheciam a perfeita anatomia dos animais e estavam familiarizados com a sua etologia, hábitos e costumes. Este conhecimento profundo era fruto da constante e profunda interação que podia ter sido considerada mágica, religiosa, sobrenatural. A relação entre o Ser Humano e os animais deveria ultrapassar a simples conhecimento etológico. Cada animal segue um determinado padrão de conduta, que poderia ter sido interpretado de maneira específica e diferente e recriado em manifestações próprias dos caçadores-recolectores. A fauna terá sido o mais rico e complexo sistema explicativo da cosmovisão, do modo particular dos caçadores-recolectores de entender o mundo (Viñas Vallverdú & Sánchez de Tagle, 2000).

No Complexo Rupestre do vale do Tejo esse animal é, sem dúvida, o cervídeo. Esta obsessão pode ter uma índole tanto económica como cultural.

Ainda que se possa argumentar que não existe uma relação direta entre os animais representados e os animais caçados na região do Complexo Rupestre do vale do Tejo, existe uma motivação económica e cultural na presença constante de cervídeos no imaginário dos últimos caçadores-recolectores do Holoceno do vale do Tejo. Apesar da diferença estilística que se vai notando entre os motivos, alguns conjuntos de cervídeos são representados segundo algumas regras bem estabelecidas, o que poderá indicar que a sua importância vai mais além da simples importância económica que estes poderiam representar. O cervídeo na arte rupestre do vale do Tejo pode ter sido utilizado como signo, ou como símbolo. Concordámos com M.

Santos Estévez quando afirma: “un ciervo figurado no significa sólo ciervo, también se afirma que tampoco representa lo evidente (animal selvaje, animal de caza, etc.) el arte nunca habla de lo evidente, ya que por definición lo evidente no necessita ser explicado, o en outras palabras, lo esencial es lo que el signo conota y no lo que denota. Tanto el lenguaje como el arte, se utilizan para dar orden y sentido al mundo, es decir, dotarlo de un significado del que en principio carece. Por lo tanto, cuando hablemos de grupos iconográficos o concretamente de una determinada iconografia alusiva, por ejemplo, a la caza, debemos tener presente que este tipo de escena posiblemente posea una conexión metafórica más profunda, a la que solamente nos podremos aproximar parcialmente a través de la escassa información antropológica con la que contamos” (Santos Estévez, 2004:48).

7.2. CERVÍDEOS E NATUEZA: DO HABITAT À ETOLOGIA

O cervídeo comum (*Cervus elaphus*) é, desde a Pré-História, um ungulado de grande importância no habitat mediterrânico devido, entre outros fatores, à sua abundância e ao seu aproveitamento económico, principalmente através da atividade cinegética.

As populações de cervídeos têm aumentado em toda a área de distribuição das espécies incluindo a América do Norte e Europa. Em Portugal, as populações de cervídeos tem aumentado devido a mudanças favoráveis de habitat (como o abandono agrícola, o aumento das áreas de matagais e arborizadas) e devido a políticas de reintrodução das espécies, especialmente o veado *Cervus elaphus*.

Os veados habitam bosques e florestas, mas também se encontram em outros *habitats*, desde a tundra ártica às pradarias. Vivem no Noroeste de África, Europa, Ásia e nas Américas, no entanto, algumas espécies foram introduzidas fora das suas áreas de distribuição naturais, como na Nova Zelândia, Inglaterra e Europa Continental (Burnie, 2002). Embora de aspeto semelhante ao dos antílopes, os cervídeos distinguem-se pelas suas hastes, sólidas e geralmente, ramificadas, as quais caem e voltam a nascer todos os anos. As hastes são uma das características com mais importância nesta espécie, em forma de ramo ou galho de secção aproximadamente circular. Estas estão presentes unicamente nos machos, a partir do primeiro ano de idade e são de natureza óssea. Durante o seu crescimento estão recobertas por veludo, uma epiderme fortemente irrigada por vasos sanguíneos que seca e cai quando o crescimento está completo e a parte óssea fica exposta. Após a época de reprodução as hastes caem, mas passadas algumas semanas inicia-se um novo ciclo de crescimento anual com o desenvolvimento de novas hastes. Geralmente em cada ano, as hastes aumentam de tamanho e

em número de ramificações ou pontas, existindo por isso uma relação entre a idade do macho e o tamanho das hastes. Sabe-se no entanto, que a qualidade da alimentação, mais do que a idade do indivíduo, é um dos mais fortes condicionantes do tamanho das hastes, daí o método de relacionar a idade do veado com a quantidade de hastes ser feita com cautela. Fatores genéticos estão também envolvidos nestes processos. As hastes são sobretudo utilizadas durante as lutas entre machos na altura da reprodução e devido à morfologia que apresentam têm tendência para se entrelaçarem durante as lutas e funcionarem mais como "medidores de força" do que propriamente instrumentos para ferir ou matar o antagonista nos despiques entre machos (Bugalho, 2000).

Existem em Portugal, atualmente, populações de veado, na Tapada Nacional de Mafra, na Tapada Ducal de Vila Viçosa, no Perímetro Florestal da Contenda, na Mata Nacional de Penha Garcia, no Parque Natural da Serra de S. Mamede, no Parque Natural de Montesinho, no Parque Natural do Vale do Guadiana, no Parque Natural do Tejo Internacional, na Serra da Lousã, nas serras algarvias e em algumas regiões do Alentejo, fruto de introduções recentes, em zonas de caça turística (Mestre, 2003).

Embora se possa considerar uma espécie característica do Hemisfério Norte, também é possível encontrar o veado bem adaptado a regiões do Hemisfério Sul, como por exemplo na Nova Zelândia e na Argentina. Torna-se evidente a adaptabilidade da espécie a diversos climas se considerarmos a sua distribuição mundial.

Em Portugal, ao longo das últimas três décadas, as populações de veados (*Cervus elaphus* L.) têm aumentado em número e distribuição, recuperando de uma situação de quase extinção (Vingada *et al.*, 2010 *apud* Carvalho, 2013).

O veado (maior mamífero terrestre da nossa fauna) (Carvalho, 2013) é uma espécie com uma atividade social com algumas variações sazonais. A sua atividade anual é fortemente condicionada pelo fotoperíodo (tempo que uma planta ou animal precisa de ficar exposto à luz diariamente para o seu desenvolvimento normal) e pela temperatura ambiente. No que diz respeito à segregação sexual, o veado apresenta duas fases diferentes ao longo do ano, uma em que os grupos são maioritariamente mistos (com início em Agosto ou Setembro e que se mantém durante o Outono, altura do cio) e outra (que predomina durante o resto do ano) em que dominam os grupos unissexuais (Alvarez & Braza, 1989). Os grupos de machos são, em geral, constituídos por indivíduos com a mesma classe e idade, o que se poderá ficar a dever ao custo elevado que representaria para os mais jovens a interação social com os mais velhos

(Carranza & Valencia, 1992). Estes grupos de machos são de menor dimensão do que os grupos de fêmeas (Alvarez & Braza, 1989), embora as causas para esta segregação sexual não sejam ainda claras, pode-se encontrar uma resposta se considerarmos o dimorfismo sexual (Carranza & Valencia, 1992) uma vez que os dois sexos têm diferentes necessidades nutricionais indo utilizar zonas diferentes de alimentação. Há indícios que a segregação sexual se deve a diferenças na sensibilidade às condições climáticas, sendo os machos aqueles que preferem zonas mais abrigadas mesmo em detrimento de bons recursos alimentares (Conradt *et al.*, 2000).

O grupo familiar básico é constituído por uma fêmea adulta, a cria e ainda, no caso de ser fêmea, a cria do ano anterior. Se a cria do ano anterior for um macho, então este é afastado pela progenitora quando se dá um novo nascimento (Oliver, 1999 *apud* Mestre, 2003).

O cervídeo é um animal extremamente adaptável. Há quem defenda que a sua capacidade de adaptação deriva em grande parte dos seus costumes alimentares já que estes são ecléticos e flexíveis (Strauss, 1981).

O conhecimento da etologia dos animais é uma competência inevitável para qualquer grupo pré-histórico. No caso do comportamento dos cervídeos, este deveria ser extremamente bem compreendida por parte dos grupos de caçadores-recoletores, principalmente devido ao acentuado dimorfismo sexual destes animais. Os machos chegam a atingir os 250kg enquanto que as fêmeas apresentam pesos entre os 50kg e 90kg (Mestre, 2003). No entanto, a diferença mais marcante é a ausência de hastes nas fêmeas. Também a marca dos cascos, os excrementos e a coloração do pelo são marcadamente diferentes entre machos, fêmeas e crias, aspetos em tudo importantes para os caçadores-recoletores. Em termos de “comportamento social” o cervídeo é uma espécie predominantemente gregário, no entanto, este gregarismo está condicionado pelo sexo. Por um lado, as fêmeas tendem a reunir-se num harém com outras fêmeas e as crias de há pelo menos 3 anos (principalmente se estas forem fêmeas) e por outro lado, temos os machos a partir dos 3 anos. Estes dois grupos vivem separados a maior parte do ano e distinguem-se até no comportamento. No grupo das fêmeas/crias, o grupo é liderado pelas cervas mais velhas, que mostram uma conduta muito territorial de carácter estacional segundo a sua eleição de pastos ou lugares de descanso. Os grupos dos machos são mais reduzidos e os seus laços de união bem menos estáveis. Apesar de seguirem também um estilo gregário não compartilham o sentimento de proteção do grupo como as fêmeas fazem, apenas seguem um sentido de preocupação pessoal e nem com o território são tão demarcados

como as fêmeas. No entanto, ambos os grupos são errantes. Um das alturas mais importantes no ciclo de vida destes animais chega no final do verão, início do outono, com a época da brama (cio). É a única altura do ano cujos comportamentos de ambos os grupos se modificam. Os machos tornam-se violentos e egoístas e lutam entre si e bramam pelo acesso às fêmeas. Nesta altura tornam-se tão obcecados que ficam extremamente distraídos com os que os rodeia. A gestação da fêmeas dura 40 semanas, nascendo as crias normalmente em finais de maio, inícios de junho.

7.3. A FIGURA DO CERVÍDEO NA ARTE RUPESTRE PORTUGUESA

Apesar da existência de uma importante concentração de figuras de cervídeos no Tejo, estes animais ocupam um lugar de relevo entre as figuras de animais mais conhecidas na arte rupestre portuguesa. A sua distribuição geográfica estende-se essencialmente pela zona do Norte e Centro do país, com algumas figuras de cervídeos a ocorrerem no vale do Guadiana e nos abrigos de Arronches e do ponto de vista cronológico, a figura do cervídeo é uma das poucas figuras que surge desde cronologias mais antigas (Paleolítico Superior) até à Idade do Ferro.

Apresentando a distribuição dos cervídeos na arte rupestre portuguesa de Norte para Sul:

No Noroeste Peninsular, em território português, gravuras de cervídeos podem ser encontradas na Lage da Churra, Carreço, Viana do Castelo (Santos, 2014), na Lage das Fogaças e Lage da Chã das Carvalheiras 1, ambas na encosta ocidental do Monte de Góis, em Caminha, Viana do Castelo (Viana, 1960; Novoa Álvarez & Costas Goberna, 2004; Alves, 2013a), num grande afloramento na Quinta da Barreira em Verdoejo, Valença, Viana do Castelo (Novoa Álvarez & Costas Goberna, 2004; Silva & Alves, 2005) e na Laje da Boucinha 1/Chã das Carvalheiras 4 em Lanhelas, Caminha, Viana do Castelo (Alves, 2013a).

Na Laje da Churra, existem diferentes estilos de representação de quadrúpedes. Assinala-se um possível cervídeo no painel 11B, representado por um sulco que define o corpo, apenas duas patas, onde a da traseira acaba numa covinha e uma cauda que termina numa fissura. A sua haste é considerada como sendo imponente, maior do que o corpo do próprio cervídeo e gravada através de sulcos meandriformes. O zoomorfo é descrito como estando parado e com a cabeça baixa (Santos, 2014:79). No entanto, A.F.C. Santos admite que a interpretação deste zoomorfo como cervídeo é problemática (Santos, 2014:84).

A Laje das Fogaças (Viana, 1960) é uma extensa superfície granítica voltada para a foz do Minho. Sobre ela, destaca-se a representação de um quadrúpede de estilo subnaturalista com cerca de 1m por 0,95m e que apresenta detalhes anatómicos como as orelhas e a cauda. Esta figura é tida como um caprídeo ou um cervídeo e está retratada em postura estática (Silva & Alves, 2005:190; Alves, 2013a:169; Novoa Álvarez & Costas Goberna, 2004:181).

A Laje da Chã das Carvalheiras ostenta um conjunto de motivos zoomórficos onde figuram cavalos e cervídeos (Silva & Alves, 2005:193; Alves, 2013). A área fronteira à superfície decorada permite a uma ampla audiência, contemplar a composição que foi organizada, segundo Abel Viana, em três conjuntos (Viana, 1960). Segundo Novoa Álvarez & Costas Goberna (2004) nesta rocha é possível observar uma série de figuras que se encontram num espaço delimitado por duas linhas verticais que correm a superfície de Oeste a Este. Estas duas linhas rematam-se, no seu interior, numa covinha e uma dela apresenta no extremo ocidental dois círculos concêntricos com uma covinha central. Das figuras situadas entre estas duas linhas, identifica-se um grande quadrúpede na parte superior com 75cm de longitude e 54cm de altura, muito bem identificado que já em 1960, Abel Viana tinha apontado como sendo um cavalo ou um cervídeo, dependendo de como se interpretam as linhas que podem ser identificadas como hastes (Novoa Álvarez & Costas Goberna, 2004:179) (Figura 118).

A Laje da Quinta da Barreira em Verdoejo (Valença, Viana do Castelo) apesar de parcialmente descrita por P. Novoa Álvarez e F.J. Costas Goberna (2004:183), é praticamente inédita (Figura 119). Em diferentes painéis, divididos por fraturas, há registo de conjuntos de quadrúpedes nomeadamente cervídeos que se movimentam em diferentes direções⁴.

A Laje da Boucinha 1/Chã das Carvalheiras 4 em (Lanhelas, Caminha) encontra-se a cerca de 260m da Chã das Carvalheiras 1. Numa limpeza superficial, efectuada em 2005, L. Alves (2013a:171-172) afirma ter encontrado duas figuras zoomórficas em mau estado de conservação por se encontrarem no limite inferior do penedo. Estas apresentam características peculiares e traços morfológicos pouco comuns no contexto da arte rupestre do Noroeste. Um quadrúpede estaria representado de forma clássica, delineado por um sulco contínuo, mas incompleto na parte superior. A cabeça estará ausente e em seu lugar, foi gravada uma linha meândrica. O outro quadrúpede, por debaixo do primeiro, caracteriza-se por ter o corpo mais longo e esguio, pescoço longo e a cabeça delineada, encimada por duas hastes que terminam com duas pequenas covinhas.

⁴ Para mais informações sobre esta rocha ir a cvarn.org e proceder a uma pesquisa no catálogo por Nome: Barreira; Distrito: Viana do Castelo; Concelho: Valença; Freguesia: Verdoejo.

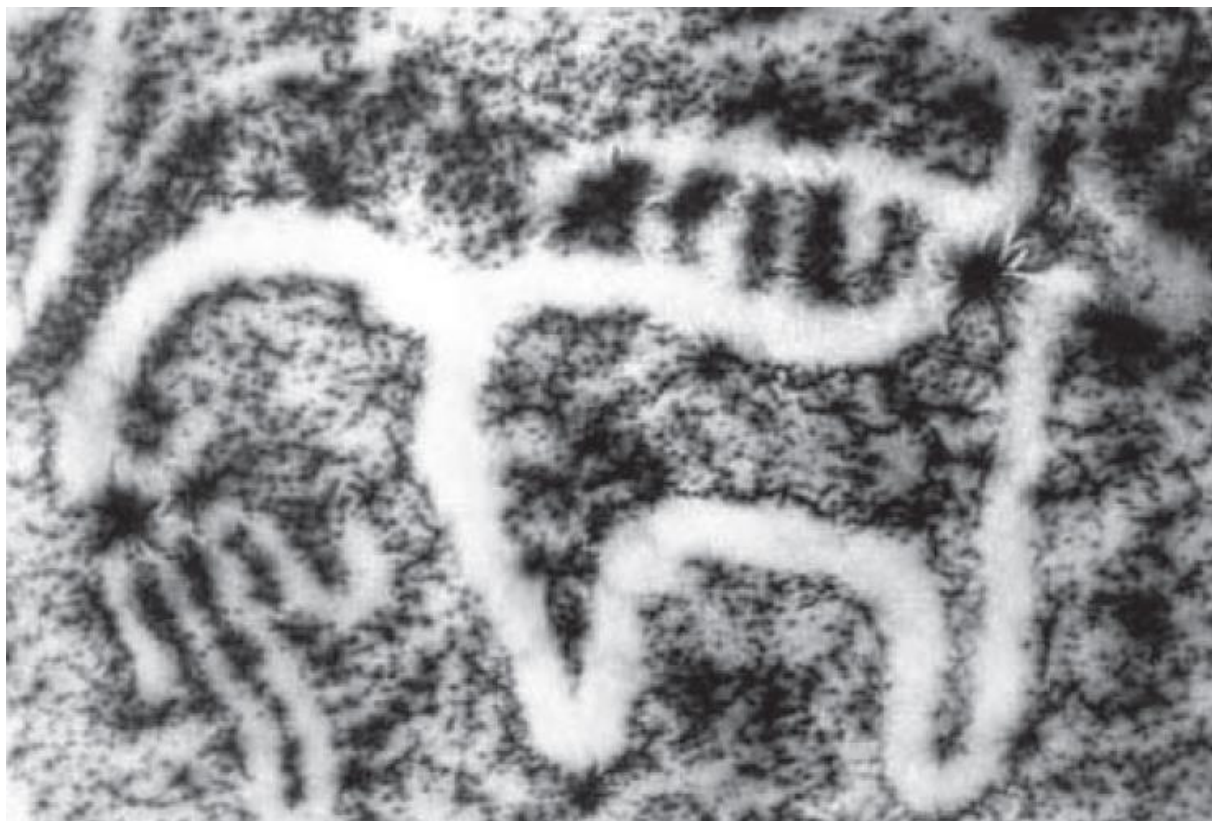


Figura 118: Decalque sobre suporte de papel do zoomorfo da Chã das Carvalheiras (Novoa Álvarez & Costas Goberna, 2004).

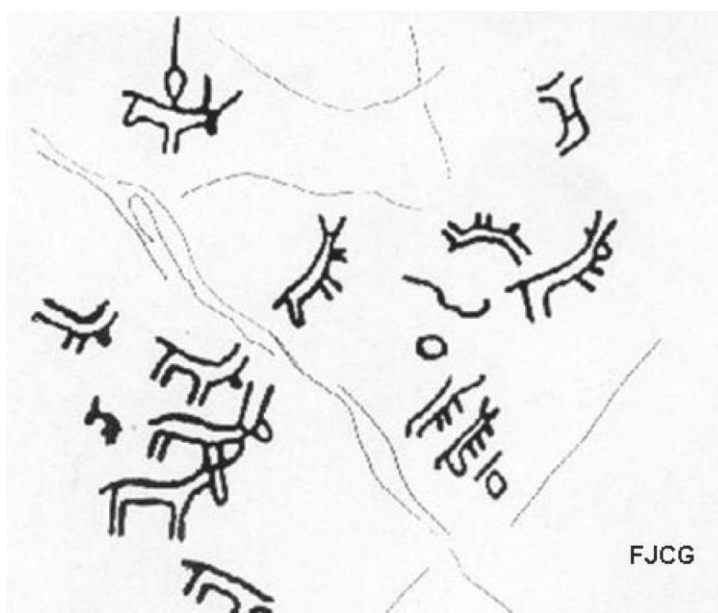


Figura 119: Decalque parcial da laje da Quinta da Barreira (Novoa Álvarez & Costas Goberna, 2004).

Mais a norte, o veado é um dos animais mais comuns na arte do noroeste peninsular em território galego. F. Costas Goberna e P. Novoa Álvarez (1993) descreviam os cervídeos nas rochas gravadas da Galiza como o animal mais representado e mais fácil de identificar quando

se trata de machos, devido à sua cornamenta. Também estariam representados animais jovens e fêmeas e seria possível identificar cervídeos na brama e copulando. Em alguns casos aparecem associados a figuras circulares e a figuras antropomorfas em atitude de dança (Costas Goberna & Novoa Álvarez, 1993). Encontram-se cervídeos por exemplo nas rochas da Cova da Bruxa (San Xoán de Serres, Muros, A Coruña), Monte da Gurita (San Pedro d Barroña, Porto do Son, A Coruña), em Os Mouchos (Santa María de Leiro, Rianxo, A Coruña), na Peneda Negra (Santo Estevo de Covas, Ames, A Coruña), na rocha Os Ballotes (San Xens de Bamio, Villagarcía de Arousa, Pontevedra), na Laxe do Outeiro dos Cogoludos (Figura 120 e Figura 121) (Santa María de Moimenta, Campo Lameiro, Pontevedra), na Laxe dos Carballos (Santa María de Moimenta, Campo Lameiro, Pontevedra), na Pedra da Boullosa (Santa Mariña das Fragas, Campo Lameiro, Pontevedra), na Laxe da Rotea de Mendo (San Miguel do Campo, Campo Lameiro, Pontevedra), na Chan da Lagoa (San Isidro de Montes, Lameiro, Pontevedra), em Outeiro do Cribio (Santa Maria de Armenteira, Meis, Pontevedra), na Laxe dos Cebros (Féntans, San Xurxo de Sacos, Cotobade, Pontevedra), na Laxe do Cuco (San Xurxo de Sacos, Cotobade, Pontevedra), Porteliña da Corte (Santa María de Aguasantas, Cotobade, Pontevedra), na Laxe das Lebres (San Salvador de Poio, Poio, Pontevedra), na rocha Campo de Cuñas (Santa Baia de Ponte Caldelas, Ponte Caldelas, Pontevedra), na rocha Nabal de Martiño (Santa María de Tourón, Ponte Caldelas, Pontevedra), na Laxe das Sombriña (Santa María de Tourón, Ponte Caldelas, Pontevedra), na Laxe da Irena (Santa Baia de Ponte Caldelas, Pontevedra), na Pedra dos Mouros (San Xurxo de Mogor, Marín, Pontevedra), na Pedra do Pinhal do Rei (Santiago de Cangas, Cangas do Morrazo, Pontevedra), na Auga dos Cebros (San Mamede de Pedornes, Oia, Pontevedra) (só para citar alguns sítios) (Aparício Casado & Peña Santos, 2011).

O cervídeo é uma figura bastante disseminada na arte do Noroeste Peninsular em território galego, sendo continuamente encontrado mesmo em estações inéditas na zona de Campo Lameiro, como no Coto Moscallo, na Chan de Carballeda, no Novo Gran cervo de Paredes na paróquia de Lagos, muito semelhante ao grande cervo da rocha Los Carballos, na Chan de Iscas (I) e na Chan das Iscas (II) (Ameixeiras Sánchez, 2013).



Figura 120: Detalhe dos cervídeos da rocha “Os Cogoludos” em Paredes, Campo Lameiro.

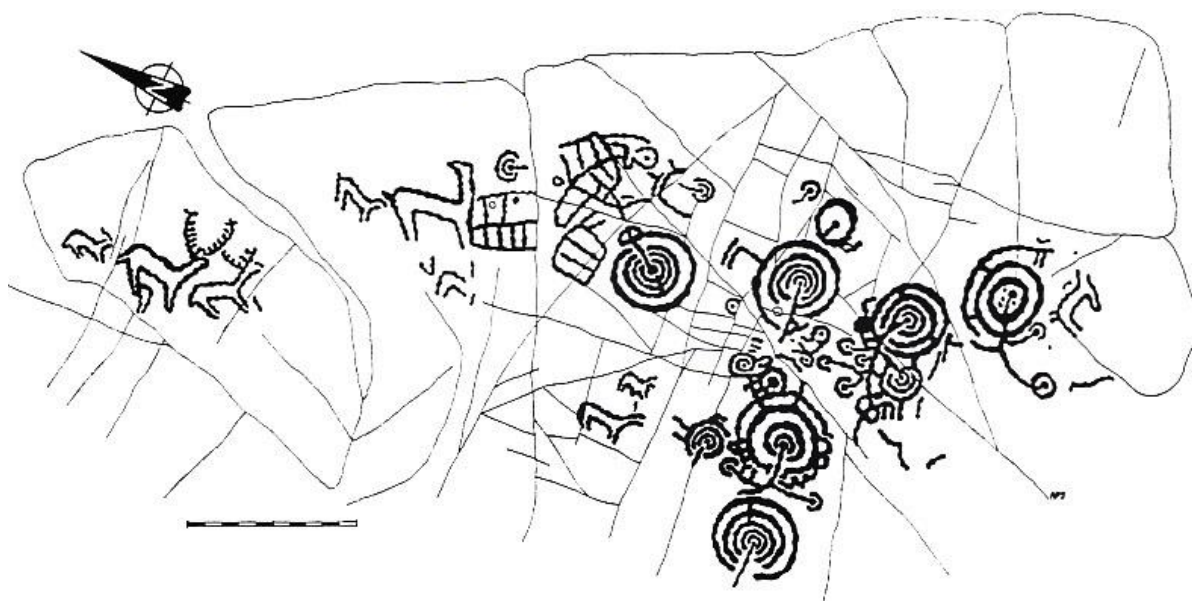


Figura 121: Decalque pormenorizado da rocha inteira (Peña Santos, Costas Goberna & Rey García, 1993).

Ainda na mesma zona de influência atlântica, mas já de estilo diferente, foram identificadas figuras de cervídeos gravados na praia do Montedor, Carriço, Viana do Castelo, por Fernando

Lanhas em 1968, no entanto, a sua interpretação dos animais como sendo cervídeos é questionada (Abreu, 2012:488) (Figura 122). As gravuras ocupam a face vertical de um afloramento granítico que é afetado na sua base, pelas águas do mar. As figuras são descritas por outros autores (Silva & Alves, 2005) como sendo figurações esquemáticas de quadrúpedes numa cena que comporta um grupo de animais, resumidos aos seus mais elementares traços anatómicos, representando movimento na direção Nascente, à exceção de uma pequena figura junto ao limite do painel, voltada para o mar, que parece enfrentar o grupo. Alguns destes zoomorfos estarão incompletos e outros associam-se a reticulados.

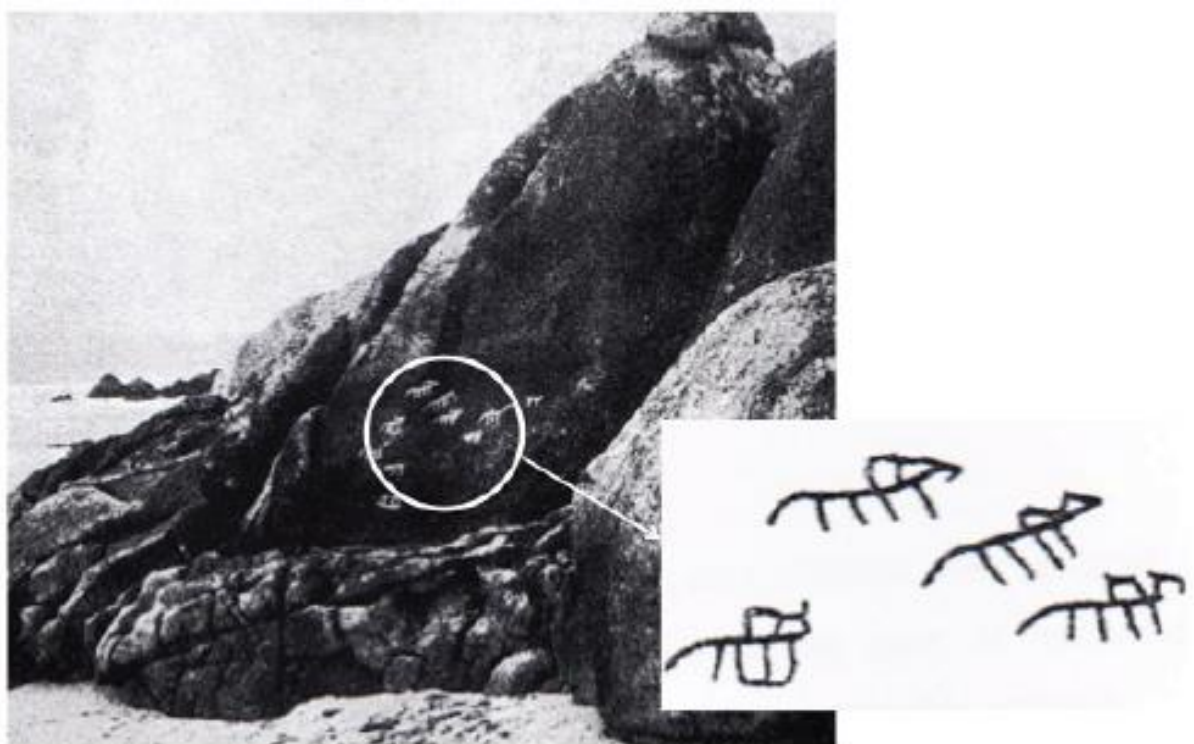


Figura 122: Fotografia e pormenor do decalque das gravuras da Praia de Montedor, Viana do Castelo (Lanhas, 1968 *apud* Abreu, 2012).

No abrigo do Forno da Velha (Macedo de Cavaleiros) encontra-se pelo menos uma figura de veado nos painéis inventariados. A rocha pintada surge como um paredão rochoso de grandes dimensões, coloração avermelhada e superfície engrelhada que se destaca na paisagem. Os painéis sucedem-se em dois nichos: o primeiro com o painel A e B, o segundo com o painel C e D. Os motivos presentes nos quatro painéis foram pintados em diversos tons de vermelho (tintas planas). Observa-se um conjunto notável de figuras, tanto ao nível da variedade e da estética. Na tipologia das figuras encontram-se geométricos, antropomorfos e zoomorfos tipicamente esquemáticos. Os zoomorfos são considerados como o motivo mais original deste

abrigo (Figueiredo & Baptista, 2009). No painel C, a figura 7 tem identificado um cervídeo esquemático com uma armação muito bem definida (Figura 123).



Figura 123: Levantamento do painel C de Forno da Velha com detalhe a preto do cervídeo identificado (adaptado de Figueiredo & Baptista, 2009).

Ainda em contexto de complexos rupestres ao ar livre e normalmente, nas margens de rios, foram recentemente interpretados como cervídeos na zona do vale do Sabor, algumas figuras de zoomorfos em Alfândega da Fé, na zona de Santo Antão da Barca/Cabeço do Aguilhão, no sítio designado por EP 621 “Santo Antão da Barca”, no sítio do Castelinho (Felgar, Torre de Moncorvo), nas placas Magdalenenses do terraço fluvial da Foz do Medal, na rocha 1 da Quinta do Feiticeiro (Cardanha, Torre de Moncorvo) e no Vale Figueira (margem direita do Escalão de Montante).

O sítio designado por EP954 “Veado do Cabeço do Aguilhão” foi identificado em 2000. O painel tem uma estreita ligação com o rio Sabor que, em determinadas alturas do ano, chega a cobrir totalmente a plataforma gravada. Aqui um cervídeo está posicionado na zona central do painel. Encontra-se de pé em perfil absoluto, com armação e membros inferiores em

perspetiva. A cabeça, de morfologia alongada, está erguida, com a extremidade do focinho alteada. O corpo alongado, apresenta uma morfologia tendencialmente oval, com uma linha cérvico-dorsal pouco acentuada. Na zona abdominal a figuração de uma pequena linha oblíqua em negativo, poderá representar o falo. Relativamente à técnica de gravação, a figura está picotada sendo que o corpo se encontra completamente preenchido. A cronologia apontada para esta figura está balizada entre o Epipaleolítico e Calcolítico (Figueiredo *et al.*, 2014; Figueiredo, 2014:76). Também no sítio designado por EP 621 “Santo Antão da Barca”, foram encontrados alguns painéis com gravuras rupestres. Os motivos representados são zoomorfos, interpretados como cervídeos (em número de cinco), bem como covinhas e picotados dispersos. Também estas figuras foram balizadas cronologicamente entre o Epipaleolítico e Calcolítico (Figueiredo *et al.*, 2014; Figueiredo, 2014: 77) (Figura 124).

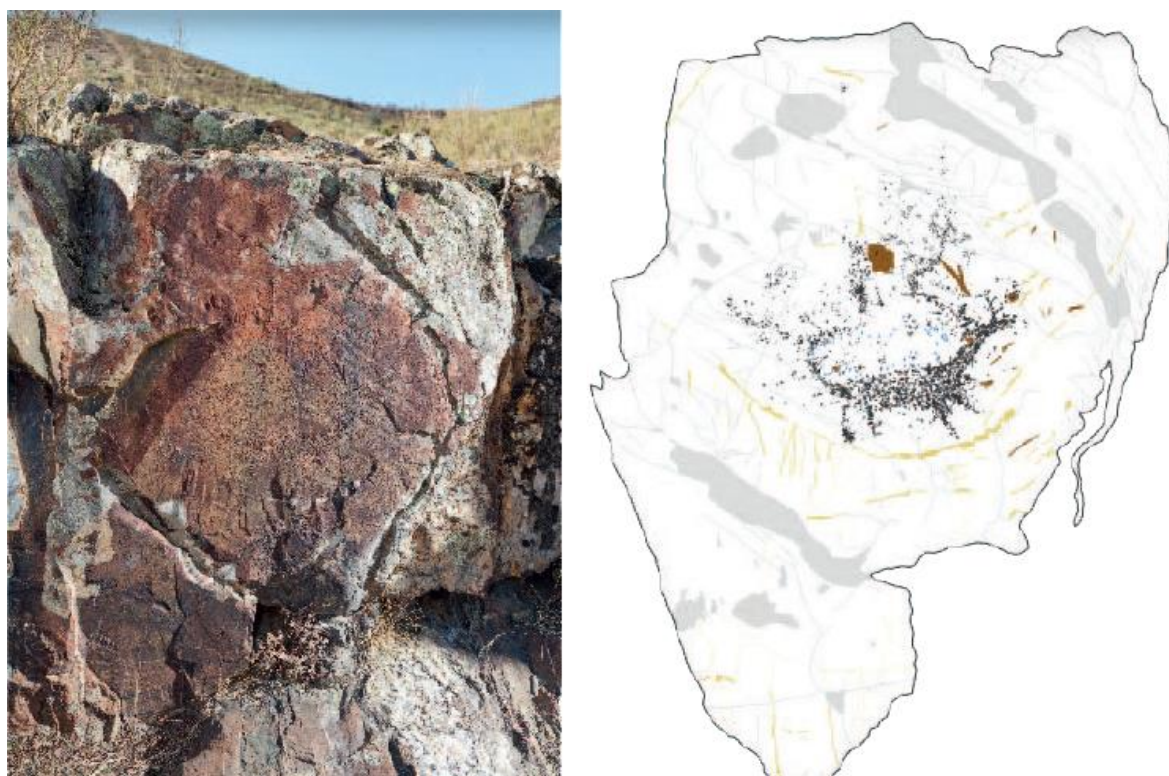


Figura 124: Rocha com cervídeo de Santo Antão da Barca (Figueiredo, 2014).

Estas duas rochas com as respetivas figuras de cervídeos, não têm paralelos na região de Trás-os-Montes Oriental. Assim, alguns investigadores tomam como possível a sua relação temporal estreita, pertencendo ao mesmo universo iconográfico (Figueiredo, 2014:203).

No caso das rochas de Santo Antão da Barca, as figuras foram consideradas como representando corços ou cervas, sendo que três se organizam num pequeno grupo e todas as figuras se orientam no sentido jusante do rio. A sua localização é também sugestiva, já que estão inseridas no melhor ponto de ligação pedonal entre as duas margens em períodos de menor pluviosidade. Numa das figuras, destaca-se um picotado na zona do ventre, criando uma profundidade proeminente que lhe confere uma certa volumetria. Poderá ser a representação de uma fêmea em período de gestação. Este grupo, tendo em conta a ausência de machos (com as suas evidentes hastes) foi interpretado como um harém de cervas com as suas crias. Um pouco mais a jusante, surge a rocha do cervídeo macho com representação de hastes, o veado do Cabeço do Aguilhão, já aqui apontado (Figueiredo, 2014). Na margem direita do rio Sabor destaca-se no cimo de um esporão, o sítio do Castelinho (Felgar, Torre de Moncorvo), um sítio fortificado com diversas fases de ocupação, balizadas cronologicamente entre a II Idade do Ferro e a época romana. Uma das particularidades mais interessantes deste sítio surge na identificação de mais de cinco centenas de suportes móveis em xisto (512 placas gravadas) com figuras rupestres enquadradas, grosso modo, na II Idade do Ferro. Dos 1420 motivos, foram registados cinco grupos de motivos diferentes. Dentro dos motivos zoomorfos, os cavalos são as figuras mais abundantes com 150 representações e o segundo animal com mais representatividade é o cervídeo, com 15 motivos (Santos *et al.*, 2012; Neves & Figueiredo, 2015). Ainda no vale do Sabor e tendo em conta os suportes móveis com representações figurativas, destaca-se na margem direita do terraço fluvial da Foz do Medal a unidade estratigráfica de cronologia Magdalenense onde foram exumadas 1511 placas gravadas. Com 170 motivos gravados no conjunto dos zoomorfos, o cervídeo surge dentro da panóplia de figuras representadas, no entanto, surge como a espécie menos representada no conjunto típico de representações paleolíticas bovídeo – capríneo – equídeo – cervídeo, com apenas 6 representações (Figueiredo, Xavier & Nobre, 2015).

Também na rocha 1 da Quinta do Feiticeiro (Cardanha, Torre de Moncorvo), foram identificadas figuras de cervídeos. Ainda que de cronologia bem mais recente (Idade do Ferro) foi identificado, na zona 1 da rocha, um pequeno cervídeo associado a uma personagem com arco e flecha. Na zona 2 foram identificados vários cervídeos (7) sendo dois deles representados numa cena em que são trespassados por lanças de dois antropomorfos. Esta representação foi interpretada como sendo uma cena cinegética. Os cervídeos nesta rocha estão representados com corpo longo, estreito e retangular, pequena cauda ou coto e com armação visível (Neves *et al.*, 2012).

Em Vale Figueira (margem direita do Escalão de Montante), Vale do Sabor, foram identificados cervídeos da Idade do Ferro (Figura 125). Além de animais, a arte rupestre desta cronologia no vale do Sabor inclui ainda representações de cenas de caça e armas. Numa das rochas com cervídeos representados, registam-se dois cervídeos e o que poderá ser um caçador e guerreiro associado a um cavalo. O afloramento encontra-se no vale da Figueira, um dos sítios com mais rochas enquadráveis na Idade do Ferro e próximo da estação do Castelinho, enquadrável também nesta cronologia (Figueiredo, 2011). Também na foz do rio Tua, foi identificada a cabeça de um cervídeo no painel 31 do abrigo A. Numa rara composição de cronologia paleolítica, surge um mesmo zoomorfo com cabeças de três animais distintos, uma dela sendo um cervídeo, de cabeça esticada e erguida para cima, sobrepondo-se aos restantes animais. Registam-se detalhes na representação da boca e da armação. Esta é composta por quatro hastes não demasiado longas, sugerindo a representação de um jovem ou jovem adulto, numa fase intermédia de crescimento de hastes após o advento do desmogue (Valdez-Tullett, 2013).



Figura 125: Rocha com cervídeos da Idade do Ferro no vale de Figueira (Newsletter Arqueologia Baixo Sabor, 2011).

No vale do Côa, ainda que haja registos de outros animais representados, como a camurça e o peixe, a grande maioria dos animais gravados são cavalos, auroques, cervídeos e caprinos. É este quarteto de quadrúpedes que assume o principal papel simbólico no ideário paleolítico da região e que durante milhares de anos foram obcecadamente representados, com inúmeras *nuances* estilísticas e tipológicas (Reis, 2014). O cervídeo será o quarto animal mais representado deste conjunto, onde se podem identificar veados (*Cervus elaphus*) com belas armações, semelhantes às atuais (Luís, 2008). Em toda a extensão do Vale do Côa/Douro há registos de figuras de cervídeos desde o Paleolítico Superior até à Idade do Ferro. Em 2009, registavam-se 76 figuras de cervídeos sobre as 117 rochas com motivos unicamente paleolíticos do vale do Côa, sendo os cervídeos o 4º animal mais representado (Baptista, 2009), no entanto esse cenário tem vindo a mudar facto que se deve às constantes prospeções e descoberta de novas rochas com gravuras de variadas cronologias (Reis, 2011, 2012, 2013, 2014).

No percurso final do Vale do Côa, entre a foz e a Canada do Inferno, há registo de cervídeos nos núcleos de Foz do Côa, Quinta das Tulhas, Vale do Forno, Moinhos de Cima, Cavalaria, Canada do Amendoal e Canada do Inferno.

No sítio rupestre Foz do Côa, o veado da Rocha 181 identifica-se unicamente pela armação, pois o corpo é quase indistinguível. Os veados das Rochas 7 e 145, apesar das diferentes tipologias, são esquematizados de forma semelhante à maioria dos veados da Idade do Ferro do Côa, com corpo longo, estreito e retangular, pequena cauda em coto e uma armação bem visível. Já o veado da cena de caça da Rocha 177 é algo diferente, com um corpo curvilíneo muito semelhante ao dos cavalos, com uma cauda em pequeno coto e uma longa armação. No mesmo núcleo rupestre, os cervídeos surgem também em cronologias paleolíticas. Em todo o vale do Côa, juntamente com os caprídeos, auroques e equídeos sendo os cervídeos os animais mais representados (Baptista & Reis, 2008). Até 2008, tinham sido identificados 60 figuras em 29 rochas. Distinguem-se bem as figuras de veados machos (a partir da armação) num total de 13 motivos e as fêmeas ou figuras de sexo indeterminado. Quanto ao traço é notório o tipo de motivo em que a distinção entre o traço simples e múltiplo é mais vincado: das sessenta figuras identificadas, uma é feita por raspagem; onze apenas são delineadas em traço simples ou, em alguns casos, com o contorno feito com vários traços; e as restantes 48 figuras, incluindo 8 veados, são em traço múltiplo, pelo que podemos considerar que o cervídeo de traço múltiplo é a figura paleolítica por excelência da Foz do Côa. Também na

rocha 50 do mesmo núcleo surge uma cena com vários cervídeos associados, um grupo familiar com diversas figuras de tipologia e dimensões similares com um macho dominante, várias fêmeas e talvez um segundo macho. Duas das fêmeas estão acompanhadas pelas crias, de idêntica tipologia, mas de pequenas dimensões (Baptista & Reis, 2008:87). Entre os veados, merece destaque a bela figura da Rocha 148 (Figura 126), com o traço de contorno mais carregado que o estriado interno, com uma armação em perspectiva distorcida semi-frontal, uma das hastes colocada na horizontal e a outra na vertical e com numerosos galhos. Outra figura singular é o veado da rocha 69, uma das mais naturalistas da Foz do Côa, com um galho frontal em perfil absoluto e a armação em perspectiva distorcida e única ramificação bem reduzida. Os veados das rochas 16 e 157, tipologicamente bastante distintos, partilham entre si o facto de figurarem unicamente os galhos frontais, tratando-se provavelmente de indivíduos jovens ainda sem armação desenvolvida. O primeiro tem a boca aberta e a cabeça levantada na típica posição de brama. Os veados das rochas 41, 73 e 103 todos em traço múltiplo e com a cabeça e armação em perspectiva distorcida frontal, a cabeça em perfil e a armação em visão frontal. O da rocha 73, tal como a cerva ao lado, é visualização reduzida devido à patina acentuada dos seus traços finíssimos. Quanto ao veado da rocha 41, é a maior figura de cervídeo da Foz do Côa, apenas inferior aos grandes auroques das rochas 69 e 157 e composto pela mais complexa de todas as armações dos veados deste núcleo rupestre (Baptista & Reis, 2008:88). Por fim, destaca-se a rocha 191 com um notável duo de veados, feitos pela mesma mão, em traço simples e com grande armação, colocados lado a lado na mesma posição oblíqua no painel, de cabeça voltada para cima como se estivessem a trepar uma encosta íngreme e a rocha 193 com um expressivo conjunto de cervídeos e caprinos de traço múltiplo (Reis, 2012: 9,10).



Figura 126: Rocha 148 do núcleo de Foz do Côa de cronologia paleolítica (Baptista & Reis, 2008).

No núcleo Quinta das Tulhas, destaca-se o painel central da rocha 5, preenchido com variadas figuras de veados de traço simples, todos machos com armação de cronologia paleolítica, com o mesmo estilo, de dimensões similares e relativamente grandes e a mesma orientação, parecendo assim ser uma representação de um grupo apenas de machos. No sítio do Vale do Forno destaca-se a figura fraturada e incompleta de um cervídeo na rocha 35 e um conjunto de pequenos veados de traço múltiplo com grandes armações na rocha 69. Em Moinhos de Cima, registam-se cervídeos de cronologia paleolítica nas rochas 7, 9 e 14. Também na rocha 5, um grande painel amplamente gravado com muitas figuras, regista-se um ou outro cervídeo que partilham o painel com um conjunto de quadrúpedes de espécie indeterminada e que poderão ser figuras fantásticas, com o corpo largo, focinho curto e cauda de escorpião. No sítio da Cavalaria, as rochas 3, 5 e 6 apresentam um animal cada, cavalos ou veados e a rocha 7, um painel densamente gravado, apresenta um uma cena de caça ao veado com um cavaleiro armado de lança e vários cervídeos, um outro cavaleiro com lança e estilo diferente, aparentemente excluído da cena de caça. No núcleo da Canada do Amendoal destaca-se o

conjunto de figuras de traço múltiplo essencialmente cervídeos das rochas 2 e 5 (Reis, 2012:11; 13; 14; 19; 20).

Na Canada do Inferno identificam-se 16 cervídeos (seis cervídeos de cronologias antigas) nas rochas 10, 11A-B, 11, 13, 14, 20 (Figura 127), 22, 28 e rocha 33. Também a rocha 43 apresenta um conjunto de figuras de traço múltiplo, numa técnica que é um misto de raspagem e incisão, associando alguns cervídeos a um conjunto de signos fusiformes (Reis, 2012:23). Também na rocha 46 encontra-se um possível veado paleolítico (Reis, 2014:24).



Figura 127: Rocha 20 da Canada do Inferno (Baptista & Gomes, 1997).

No vale do Côa, entre o núcleo da Canada do Inferno e a Quinta da Barca/Penascosa registam-se cervídeos de diversas cronologias nos núcleos de Vale de Figueira, Fariseu, Ribeira de Piscos, Ribeira das Cortes, Quinta da Barca, Penascosa, Ribeira da Volta e na Foz da Ribeirinha.

No núcleo do Vale de Figueira, registam-se figuras de cervídeos de traço múltiplo nas rochas 1 no setor direito. Um dos cervídeos desta rocha surge claramente sobreposto por uma única gravura linear do tipo “unhada do diabo” (Reis, 2012:26), uma gravura linear profundamente gravada que, normalmente, é remetida cronologicamente para a Pré-História Recente. Não há registo de veados na vertente sobre o Côa, mas no núcleo do Fariseu a rocha 1 apresenta um veado da fase antiga sobreposto por picotagens do mesmo período (Baptista, 2008). Surgem cervídeos também na rocha 12 ou 18 e na rocha 7 surgem dois ou três cervídeos mais esquematizados que poderão ser remetidos para uma cronologia Epipaleolítica (Reis, 2011:109-113; 2012:28).

Na Ribeira de Piscos, registam-se alguns cervídeos (4 na rocha 2 – um no setor esquerdo e um no setor central-direito, uma corça e um cervídeo ambos no setor direito), um na rocha 7, possivelmente uma corça (Baptista & Gomes, 1997), alguns veados na rocha 34 e dois na rocha 15 (Reis, 2012:30).

No núcleo da Ribeira das Cortes, as rochas 5, 6, 7 e 8, perto umas das outras, têm algumas figuras de traço múltiplo destacando-se os cervídeos ou caprinos das rocha 6 e 7. A rocha 12 tem uma única figura de traço múltiplo, pouco visível, que parece ser um veado e na rocha 18 destaca-se um conjunto de figuras de traço múltiplo e simples com vários cervídeos. A rocha 21 tem uma única cerva de traço múltiplo no meio de um grande conjunto de figuras da Idade do Ferro (Reis, 2012:33). Também na rocha 37 se apresenta uma cerva paleolítica de traço múltiplo (Reis, 2014:23).

Na Quinta da Barca, há uma predominância dos veados machos. Na rocha 7 surgem dois quadrúpedes, provavelmente cervídeos e na rocha 23 há duas figuras picotadas de cervídeos com fortes semelhanças estilísticas e técnicas com o veado da rocha 1 de Cabrões (Reis, 2012:34).

Na Penascosa, um dos aspetos específicos deste núcleo rupestre é a quase exclusividade dos veados fêmeas. Neste núcleo registam-se pelo menos 10 cervídeos distribuídos entre as rochas 2, 3, 5A-C, 10A-D e na rocha 13 (Baptista & Gomes, 1997). A rocha 10 da Penascosa, é uma das rochas com maior densidade de sobreposições de gravuras incisais. Nota-se a predominância de cervídeos, onde se destaca o grande veado raspado por traço múltiplo e raspagem, que se vê à distância. Da Idade do Ferro destaca-se a rocha 14 com uma única figura de cervídeo (de pequenas dimensões) com o corpo decorado (Baptista & Gomes, 1997:362-363, 406; Reis, 2012:36) (Figura 128, Figura 129 e Figura 130).

No núcleo da Ribeira da Volta, apresenta-se um grupo compacto de quatro rochas com gravuras da Idade do Ferro: na rocha 1, identifica-se uma grande quantidade e sobreposição de motivos onde predominam as figuras de animais, na maioria cervídeos. Sendo a figura típica o cervídeo, os corpos, as patas, pescoço e orelhas são compridos e estreitos e em todos ou alguns destes elementos corporais, surgem bandas de pequenos traços paralelos a decorá-los, com exceção da cabeça. Também na rocha 2 surge um cervídeo, mas este não se encontra decorado como os da rocha 1 (Reis, 2012:38). Recentemente, foi encontrado um cervídeo de traço múltiplo na rocha 10 deste núcleo (Reis, 2014:25).



Figura 128: Rocha 10C, sector direito da Penascosa (Baptista & Gomes, 1997).

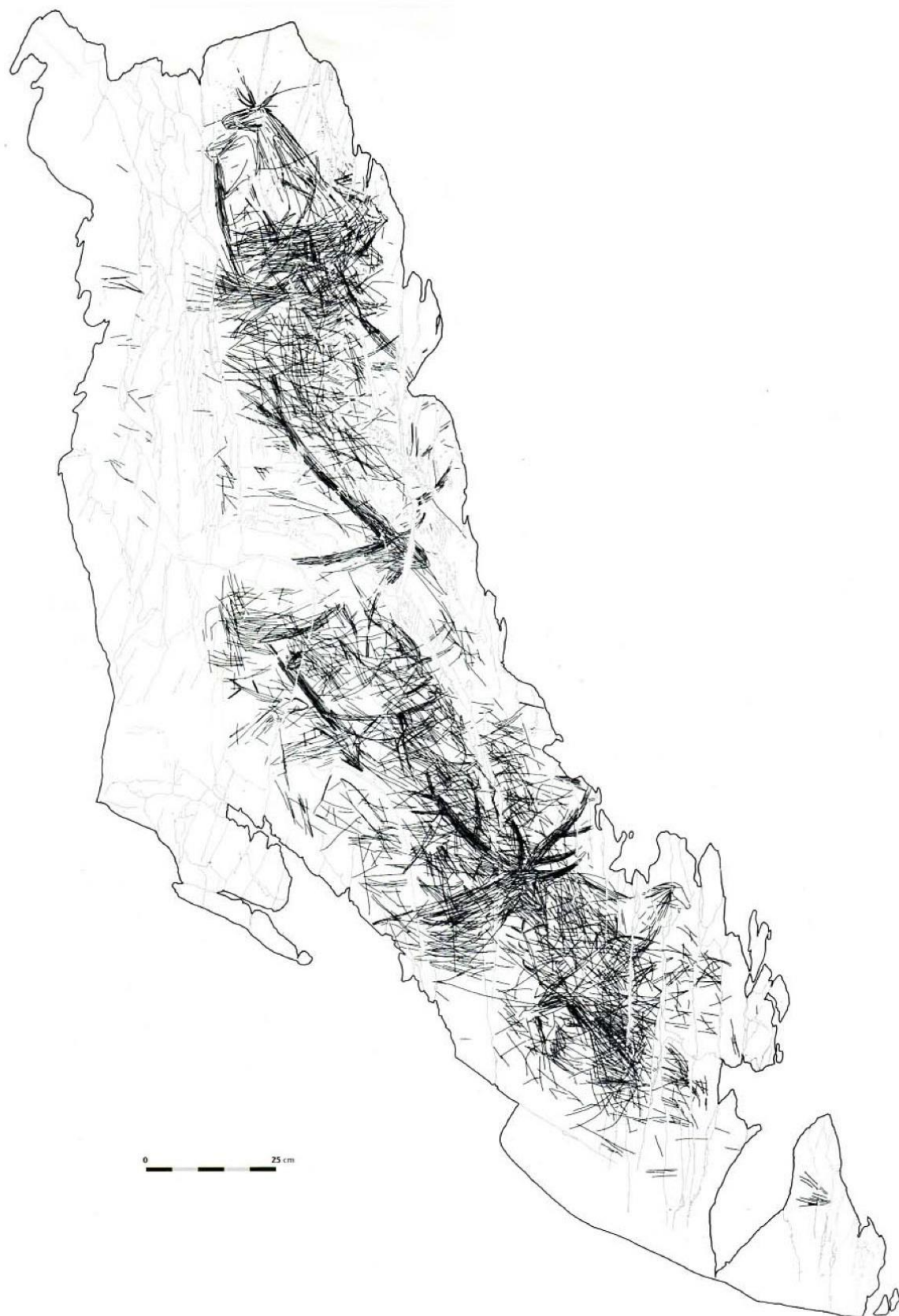


Figura 129: Rocha 10D da Penascosa (Baptista & Gomes, 1997).



Figura 130: Rocha 13 da Penascosa (Baptista & Gomes, 1997).

No núcleo Foz da Ribeirinha, destaca-se um possível cervídeo de traço múltiplo na rocha 2, de corpo estreito e sem cabeça, um grande cervídeo na rocha 5, também em traço múltiplo e um outro possível cervídeo na rocha 7 (Reis, 2012:39).

No vale do Douro, na margem esquerda, entre o Pocinho e a ribeira de Aguiar, registam-se cervídeos nos núcleos do Vale Escuro, Vale da Casa, Tudão, Paço, Vale Cabrões, Bulha, Vermelha, Vale João Esteves, Ribeira de Picão, Garrido, Canada do Moreira e na Ribeira de Cabreira.

Em Vale Escuro, a rocha 3 tem dois animais: um esbelto veado com cabeça a olhar para trás e imponente armação e um outro animal de características indefinidas, possivelmente um cervídeo, com a particularidade de estar em posição vertical. Estes cervídeos são cronologicamente balizados da Idade do Ferro. Já de cronologia paleolítica, a rocha 5 destaca-se pelos cervídeos em traço múltiplo, alguns de grande delicadeza e detalhe. Também a rocha 7 tem um animal de grandes dimensões, traço simples e de difícil interpretação que poderá ser um cervídeo. Na rocha 4 encontra-se um prótomo de veado, sem armação, com a boca aberta e a língua de fora. Esta figura é a primeira figura evidente deste estilo e desta fase a ser identificada no Douro na grande região da arte do Côa (Reis, 2013:9).

Uma possível cena de caça a cervídeos encontra-se bem documentada na rocha 23 do Vale da Casa. Nesta rocha, um cavaleiro montado, segurando com a mão esquerda as rédeas do cavalo e erguendo um dardo com a direita, caça um disforme cervídeo, auxiliado por um grupo de cães de caudas afiladas e longos pescoços. Também na rocha 7 da mesma estação foram identificados dois cervídeos, descritos como sendo concebidos segundo um estilo habitual na arte do Noroeste, através de duas linhas curvas, quase paralelas que acentuam a volumetria do corpo e terminam assinalando os membros em perspectiva distorcida (Baptista, 1984:64, 80) (Figura 131).

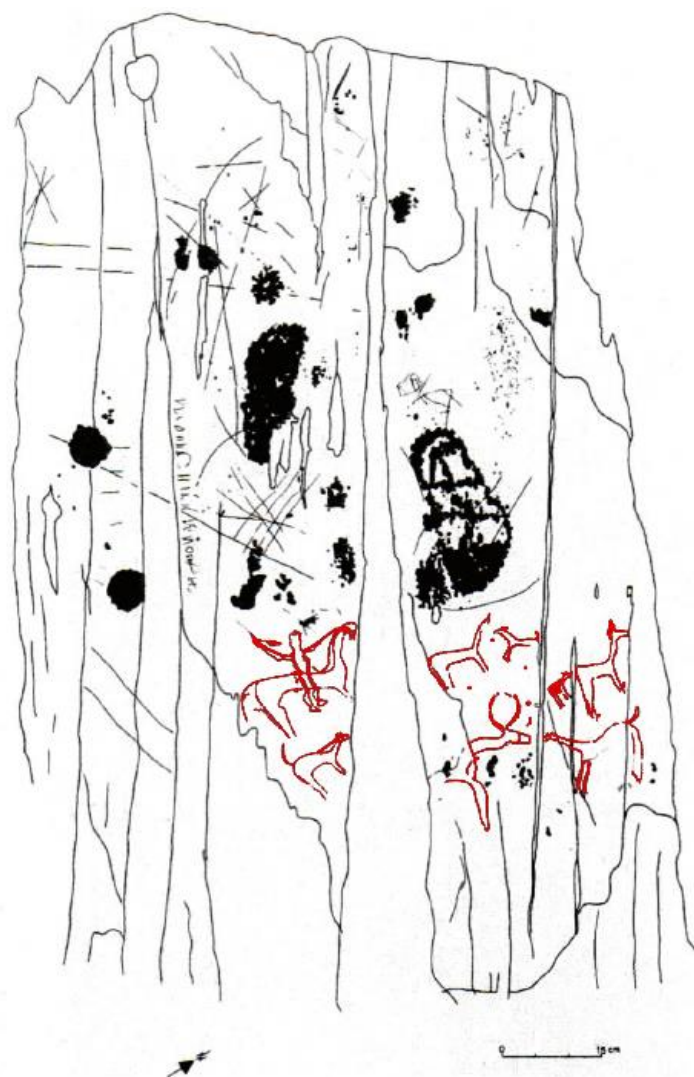


Figura 131: Rocha 23 do Vale da Casa, Vila Nova Foz Côa (adaptado de Baptista, 1983).

No núcleo de Tudão, na rocha 1 foram identificados vários cervídeos da Idade do Ferro e outros de cronologia paleolítica. Na rocha 2, encontram-se exclusivamente rochas paleolíticas,

essencialmente cervídeos de traço múltiplo, com mais uma ou outra figura de traço simples (Reis, 2013:15).

No Paço, um sítio arqueológico localizado na periferia do núcleo urbano de Vila Nova de Foz Côa, encontraram-se 3 rochas com gravuras. Na rocha 1, em cima e à direita, encontram-se dois animais, um deles um grande cervídeo a olhar para trás e um outro mais pequeno de características semelhantes. Este segundo animal está desenhado de forma a que as pontas das suas patas toquem o dorso do grande cervídeo, tocando-se também os dois focinhos. (Reis, 2013:16).

O núcleo de Vale de Cabrões é considerado o quarto sítio com mais registos da arte do Côa, atrás do núcleo de Foz do Côa, Vale do Forno e Vale de José Esteves. No entanto, de todos estes núcleos, é o único que não tem uma sistemática prospeção, o que poderá alterar o número de registos no futuro (Reis, 2013:17). Na rocha 1 encontra-se o conhecido cervídeo picotado, de ventre ferido por uma longa haste, de boca aberta e cabeça voltada para trás (Baptista, 1999:138-139) (Figura 132). A Idade do Ferro é a cronologia mais abundante de todo o Vale de Cabrões e há registo de uma grande quantidade de animais, sobretudo cavalos e cervídeos. Há também alguns canídeos. Na rocha 18 destacam-se dois prováveis cervídeos, ambos sem cabeça, reconhecíveis pelos longos e estreitos corpos rectilíneos e pela cauda curta. De cronologia paleolítica, figuras de traço múltiplo, essencialmente cervídeos muito semelhantes aos que surgem nos sítios vizinhos. Encontram-se ao longo do vale, como nas rochas 3, 6, 8, 10 ou 17, mas são minoritárias (Reis, 2013:20).

No núcleo da Bulha, o Paleolítico Superior está mais representado. Salientam-se as figuras estriadas, essencialmente de cervídeos. Encontram-se cervídeos de traço múltiplo nas rochas 18, 25, 26 e 35. Uma cerva na rocha 18 foi gravada num misto de traço inciso e raspado, aproveitando as características cromáticas da zona do painel onde se encontra. De cronologia da Idade do Ferro, o núcleo da Bulha destaca-se pela quantidade e variedade. As figuras zoomórficas são essencialmente cavalos e cervídeos, destacando-se o conjunto destes animais nas rochas 16 e 19 (Reis, 2013:21).

Na Vermelhosa nas rochas de cronologia paleolítica, salientam-se os capríneos e os cervídeos (Luís, 2008). O veado nunca é o animal dominante, necessita sempre da concomitância do auroque (Baptista, Santos & Dalila, 2009). De cronologia paleolítica destaca-se a rocha 1 com grande quantidade de figuras de cervídeos, na maioria de traço múltiplo, incluindo figuras de grande dimensão. A rocha 4 tem uma única figura de cerva de traço múltiplo, na rocha 10

registra-se outro cervídeo de traço múltiplo, assim como na rocha 2 (Baptista, 1999:144; Reis, 2013:23). Da Idade do Ferro destacam-se os cavalos e cervídeos das rochas 10, 13, 17 e 19 (Abreu *et al.*, 2000; Reis, 2013:23).



Figura 132: Vale de Cabrões: rocha 1: veado ferido (?) a olhar para trás. © Manuel Almeida
(<http://www.arte-coa.pt/index.php?Language=pt&Page=Gravuras&SubPage=ArteRuprestre&Sitio=223>)

Destaca-se no Vale José Esteves a rocha 16, uma rocha exemplo da arte da transição Tardiglacial/Holocénico (Magdalenense Final). Tem representado, além de uma complexa rede de sinais/signos de toda a parte superior dos painéis da esquerda e direita, uma família de cervídeos (Macho, juvenil, Fêmea, ou macho e duas fêmeas?) que é inteiramente preenchida por traço múltiplo. Também no setor direito da mesma rocha, surge um outro cervídeo (neste caso apenas a cabeça com uma grande armação e o pescoço) (Baptista, 2009:118-129). Também na rocha 13 surge a representação de uma manada de cervídeos em traço múltiplo, em que um grande macho olha para um grupo de fêmeas e na rocha 40 surge um enorme veado também em traço múltiplo (Reis, 2013:28).

No núcleo da Ribeira do Picão, é notória a ausência de figuras paleolíticas, mas existem gravuras da Idade do Ferro. Entre os animais, estes são difíceis de identificar, mas na sua maioria, poderão ser representações de cervídeos e um deles é “trespassado” por uma lança, o que poderá indicar que se trata de uma cena de caça, mas sem caçadores humanos (Reis, 2013:29).

Também o núcleo Garrido (na parte superior da encosta do vale da ribeira do Picão) destaca-se pelos seus excelentes conjuntos de cavalos, ocasionalmente associados a um ou outro cervídeo, particularmente nas rochas 1, 2, 3, 6, 7, 11 e 13 (Reis, 2013:30). No núcleo da Canada da Moreira, destacam-se a rocha 1 e 2, com figuras da Idade do Ferro, situadas lado a lado e ambas com grande quantidade de motivos. Em ambos os casos existe a representação de cenas de caça a cervídeos, com vários cavaleiros armados de lança e espada (Reis, 2013:31) e no núcleo da Ribeira da Cabreira as gravuras da Idade do Ferro são o habitual conjunto de animais, sobretudo cavalos e cervídeos (Reis, 2013:33).

No vale do Douro, na margem direita, entre o Pocinho e Vale d’Arcos, encontram-se cervídeos nos núcleos de Azenha, Cascalheira, Ribeira de Urros, Canadas das Correlições, Lodão, Ribeira de Lodão, Vale João Esquerdo e Ribeira das Fornas. No núcleo da Azenha, na rocha 1 a maioria dos motivos concentra-se numa só zona, destacando-se alguns animais de belo efeito, particularmente um veado e um cavalo; na rocha 2, num dos painéis surge uma cena envolvendo alguns cervídeos e dois canídeos, um dos quais exibindo os dentes, no que parece ser uma cena de caça sem figuras humanas. Ambas as rochas apresentam motivos da Idade do Ferro (Reis, 2013:39, 40).

Também no núcleo da Cascalheira, do Paleolítico Superior, a rocha 1 apresenta algumas figuras, realçando-se a associação de um veado de traço múltiplo a um original signo tectiforme em forma de “guarda-chuva”. Na rocha 8, um pequeno, quase invisível potencialmente cervídeo de traço múltiplo é sobreposto por um cavalo da Idade do Ferro. Nas rochas 6 e 10, as armas e figuras humanas integram cenas de caça ao veado (Reis, 2013:42).

No núcleo da Ribeira de Urros, a rocha 10 surge dominando uma curva apertada da ribeira, onde a água corre com fragor num canal estreito e apresenta duas cervas de traço múltiplo. Da Idade do Ferro, a rocha 1 apresenta um enorme painel repleto de gravuras, incluindo geométricos, animais e antropomorfos. Destaca-se um friso formado por vários veados ou um conjunto de dois animais formado por um veado de corpo longo e estreito (Reis, 2013:43, 44).

Na Canada das Correliaças, uma encosta sobre o Douro orientada a Sudoeste, a rocha 4 (de 4 conhecidas neste pequeno núcleo) tem quatro cervídeos cronologicamente enquadrados na Idade do Ferro (Reis, 2013:45). Também no núcleo do Lodão, um pequeno trecho de encosta sobre a margem direita do rio Douro entre o vale da Ribeira do Lodão, a montante, e o vale de outra ribeira a jusante, encontrou-se na rocha 3 de cronologia da Idade do Ferro, um quadrúpede indeterminado e um veado com a armação numa estranha posição torcida face à cabeça (Reis, 2013:46). Na Ribeira do mesmo sítio, Ribeira do Lodão, considerado um outro núcleo, encontraram-se duas rochas. A rocha 1 tem apenas uma figura de veado, com a armação pouco detalhada. Na rocha 2, num conjunto caótico de motivos e traços, com múltiplas sobreposições, distinguem-se variados animais, sobretudo cavalos e cervídeos. Aproximadamente no centro do conjunto, duas figuras destacam-se: um canídeo, fálco e com os dentes à mostra que persegue uma bonita e elegante cerva. Ambos os animais estão trespassados por lanças, o que poderá indicar, talvez, que o canídeo se trata na realidade de um lobo (Reis, 2013:47).

No Vale de João Esquerdo, uma linha de água com um percurso quase linear de Leste para Oeste com 2000 metros de comprimento, da Idade do Ferro poderá ser um possível cervídeo da rocha 10 e de cronologia paleolítica, regista-se um veado de corpo densamente preenchido de traços na rocha 1 (Reis, 2013:48). No núcleo da Ribeira das Furnas, um longo, profundo e sinuoso vale de uma ribeira que se inicia no grande maciço quartzítico e que se desenvolve a Sudoeste da aldeia de Urros (Serra de Poiares), tem registado um único painel gravado. Do lado esquerdo surge um grupo variado de motivos, incluindo vários cavalos e cervídeos e do lado direito, surgem motivos formando uma cena de caça, protagonizada por um cavaleiro armado de lança e que segura rédeas, perseguindo alguns cervídeos, machos e fêmeas, com a ajuda de um cão (Reis, 2013:49).

No que concerne a novos sítios encontrados no vale do Côa (Reis, 2014), no núcleo da Casa do Muro, um largo troço a montante da zona inventariada da Ribeira de Piscos, foram encontrados cervídeos na rocha 12, de cronologia da Idade do Ferro. Do Paleolítico Superior, encontraram-se cervídeos nas rochas 7 e 14 (Reis, 2014:21, 22). No núcleo Polo, uma encosta na margem esquerda do Côa contida entre a Canada do Inferno a Norte e o Vale de Videiro a Sul, foi encontrado na rocha 2, (que é a parede de fundo de um antigo casebre arruinado) pequenos motivos de traço múltiplo, muito apagados e indistintos, apenas se distinguindo uma cerva.

Também na arte móvel das placas do Fariseu são evidentes figuras de possíveis cervídeos. Por exemplo, na cara superior da placa do nível 4^a, caracterizado como Magdalenense Final, uma das figuras pode ser interpretada como cervídeo (figura 1) e uma outra figura foi interpretada como sendo um cervídeo (figura 2) (García Diez & Aubry, 2002) (Figura 133).

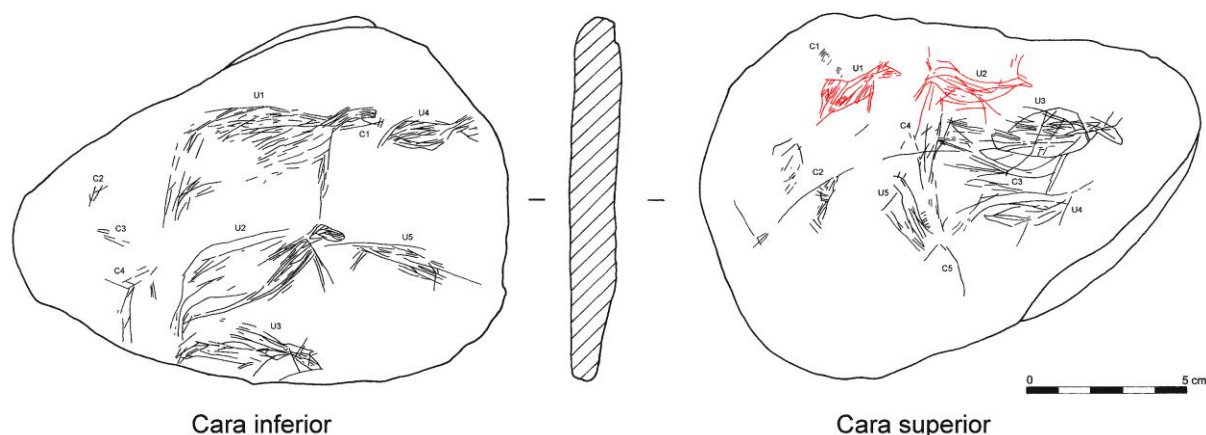


Figura 133: Placa da camada 4^a do Fariseu. A vermelho, os possíveis cervídeos (adaptado de García Diez, 2002).

Resumindo, no que se pode apurar até ao momento, o vale do Côa/Douro apresenta 37 núcleos diferentes com representações de cervídeos cuja cronologia varia entre o Paleolítico Superior até à Idade do Ferro. Destacam-se as cenas de caça ao veado que surgem, frequentemente, nas composições da Idade do Ferro.

Também no abrigo da Fraga D'Aia, em São João da Pesqueira (Figura 134) há a representação de um cervídeo, também numa possível cena de caça assim interpretada já na altura da sua descoberta (Jorge *et al.*, 1988; Jorge, Baptista & Sanches, 1988). A Fraga D'Aia é um pequeno abrigo granítico que apresenta dois painéis com pinturas e está localizado numa pequena plataforma sobranceira ao rio Távora. No final dos anos 80, foram escavadas sondagens arqueológicas que levaram à identificação de duaslareiras e numerosos materiais arqueológicos constituídos por espólio lítico (pedra lascada e pedra polida) e cerâmico (cerâmicas com decoração incisa e impressa). O abrigo teria sido ocupado durante a Pré-Histórica Recente, desde fins do III milénio a inícios do II milénio a.C. (Jorge *et al.*, 1988^a; 1988b). Este quadro cronológico foi mais tarde revisto por M.J. Sanches que baliza cronologicamente a Fraga D'Aia no V milénio a.C. correspondendo a comunidades ainda não produtoras, que ocupariam alternadamente variados ecossistemas. A arte rupestre seria uma referência de memória (Sanches, 2000:134).

O estudo das pinturas foi efetuado por A.M. Baptista (Jorge *et al.*, 1988) que definiu duas fases cronológicas de execução: na fase A foi pintada a cena de caça, constituída pela figura do veado de grandes dimensões, junto ao qual se encontra um antropomorfo aparentemente armado com um arco e numa zona superior por outros dois antropomorfos. A fase B corresponde ao conjunto de figuras existentes num pequeno friso localizado num plano inferior do abrigo, estando protegido e resguardado. A superfície, que parece ter sido previamente aplanada, tem sobre ela pintadas sete figuras antropomórficas igualmente associadas a um zoomorfo, um quadrúpede. Um dos antropomorfos está aparentemente montado em pé sobre este animal de espécie dificilmente identificável, ligado por sua vez a uma personagem de maiores dimensões e estranhos atributos nos longos membros inferiores. Regista-se, ainda, a total ausência de figuras geométricas.



Figura 134: Decalque das pinturas do abrigo de Fraga D'Aia (adaptado de Jorge *et al.*, 1988^a).

Ainda no universo da arte rupestre pintada ao ar livre, também no Abrigo Ribeiro das Casas (Malhada Sorda, Almeida) (Figura 135) foi identificado em Janeiro de 2002 a figura de uma cerva. A imagem do zoomorfo apresenta um estilo seminaturalista, com a pequena cabeça perfilada em V, pescoço fino e corpo ovalado, sendo possivelmente um cervídeo fêmea (...). Segundo o autor da descrição do painel, “(...) a grande cauda poderia remeter também para a representação de um equídeo, mas as características formais apontam mais decididamente para a referida classificação taxonómica”. No entanto, pouco depois da sua descoberta, o painel foi

destruído por atos de vandalismo (Baptista, 2009⁵). A interpretação deste animal como sendo um cavalo foi assumida por vários outros autores (Martins, 2014:224; Gomes & Neto, 2013).



Figura 135: Figura de cerva (?) do Abrigo das Casas, Malhada Sorda, Almeida (Baptista, 2009)
(<http://dafinitudedotempo.blogspot.pt/2009/04/um-crime-arqueologico-vandalismo.html>)

Na área da bacia hidrográfica dos rios Unhais/Zêzere, na zona de Pedras Lavradas (Ribeiro, Pereira, Joaquineto, 2009), Serra da Alvoaça e na área da Serra do Chiqueiro foram identificados dois cervídeos (Ribeiro, 2014), no entanto, a sua interpretação como sendo de facto cervídeos é também duvidosa.

A mais antiga referência a um sítio com figuras de cervídeos na arte rupestre portuguesa foi em 1916, sobre o abrigo da Lapa dos Gaivões na notícia da sua descoberta (Correia, 1916). Ainda que a notícia não tenha deixado grandes detalhes sobre as figuras que surgiram nos painéis, logo no ano seguinte, Henri Breuil (1917) fazia um estudo mais detalhado sobre o

⁵ <http://dafinitudedotempo.blogspot.pt/2009/04/um-crime-arqueologico-vandalismo.html>

sítio com ilustrações dos painéis onde as figuras de cervídeos surgiam claramente e, por vezes, em associação com outras figuras (Breuil, 1917) (Figura 136).

Num estudo recente, identificou-se, no painel 4 da Lapa dos Gaivões (Figura 137) quatro motivos zoomórficos quadrúpedes que são interpretados como sendo cervídeos (motivo 19, 20, 23, 24). Estes motivos mostram o corpo de forma ovalada ou sub-rectangular, cabeça triangular, duas patas e na extremidade da cabeça a representação das hastes ramificadas, características desta espécie animal. Estamos perante quatro representações de cervídeos machos, possivelmente adultos, enquadrados numa cena de caça onde participa um antropomorfo (Martins, 2014:224).

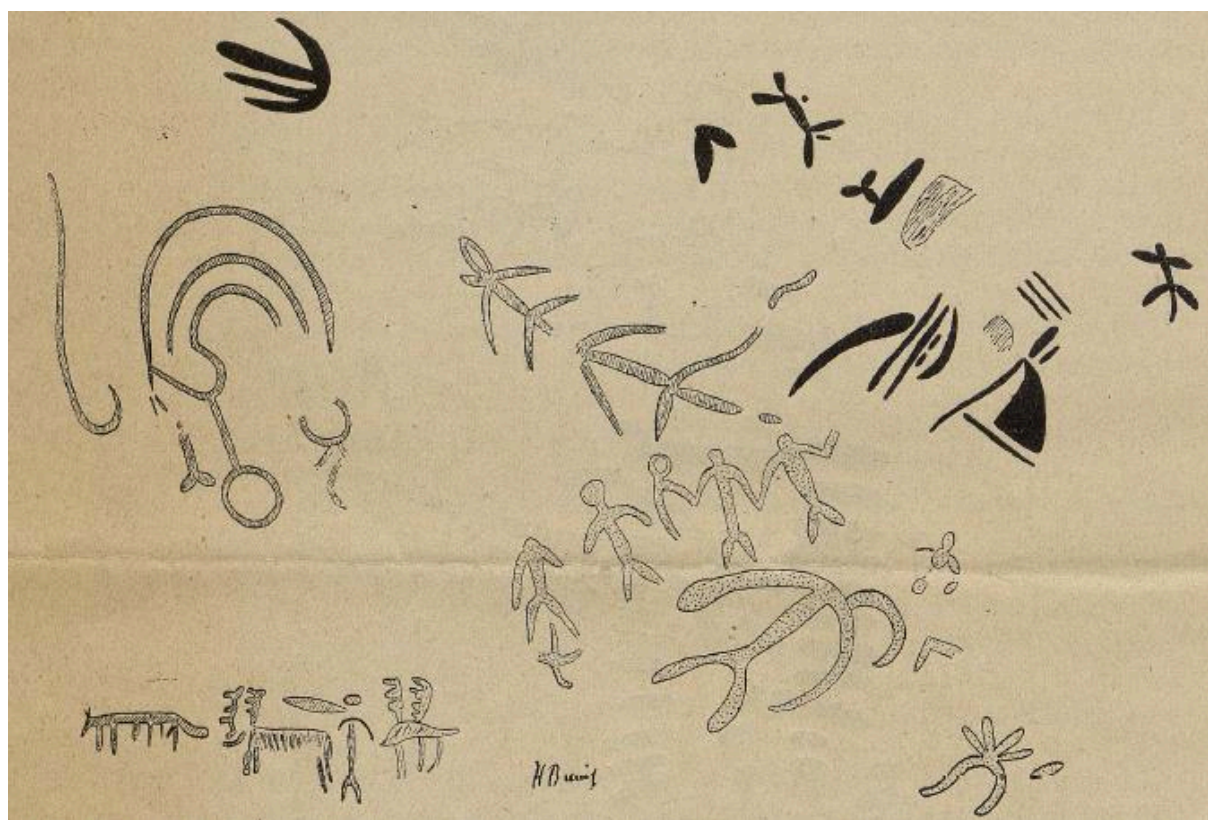


Figura 136: Representação dos cervídeos na parte inferior esquerda no painel do tecto da Lapa dos Gaivões (Breuil, 1917).

O conjunto iconográfico do painel 4 da Lapa dos Gaivões foi interpretado como sendo uma cena de caça ao veado, ainda que se admita esta interpretação como alvo de discussão (Martins, 2014:250). Verifica-se a existência de dois motivos zoomórficos (19 e 20), seguidos por um antropomorfo (figura 22) e ainda outro zoomorfo (figura 24) todos alinhados horizontalmente. Os zoomorfos apresentam na extremidade da cabeça pequenos apêndices, que no caso dos motivos 20 e 22 são reconhecidos como armações. Na área inferior do motivo

2 surge um outro motivo zoomórfico (figura 23) de menores dimensões, mas que apresenta, igualmente, a representação de hastes. Na extremidade superior direita do antropomorfo (figura 22) encontra-se um pequeno traço vertical que se liga ao motivo 21. Esta associação poderá ser interpretada como um antropomorfo que lança uma corda com um laço sobre os zoomorfos que estão à sua frente. Estaremos assim perante uma cena de caça ao veado, através do lançamento de cordas sobre as hastes do animal, sendo que a existência de vários cervídeos, machos, todos juntos, próximos do ser humano, não será uma situação facilmente observável na natureza (Martins, 2014:250, 251). A improvável cena de caça leva a autora a questionar se esta não será uma cena imaginária ou uma possível caçada ritual (Martins, 2014:251).



Figura 137: Pannel 4 da Lapa dos Gaivões com detalhe a vermelho dos cervídeos aí identificados (adaptado de Martins, 2014).

Mais a sul, no Complexo Rupestre do vale do Guadiana, a figura do cervídeo é relativamente rara. Do paleolítico encontra-se um veado com apenas a metade dianteira figurada totalmente em perfil, na rocha 1 de Porto Portel (lado português) (Baptista, & Santos, 2013) (Figura 138) e, no lado espanhol, encontra-se na estação XV “Esquinera” um cervídeo em perfil quase

absoluto, gravado em traço filiforme e um cervídeo acéfalo também filiforme, uma cerva na estação CCLXXVI “Bonito Día”, uma cerva na estação CDXCVII “Sete” (sector Isla Molino), um cervídeo no painel 2 da estação XXVI “El Boceto” no sector Simpson, uma cerva no painel 2 da estação CVII “Cangrejos”, uma cerva filiforme na estação CDVII “Hiperlavado”, um cervídeo na estação DLVII “Palestín”, e um cervídeo na estação CCXCIV “Muflón” (Collado Giraldo, 2006) (Figura 139, Figura 140, Figura 141, Figura 142 e Figura 143). No caso do cervídeo português, a figura foi enquadrada em momentos plenamente Magdalenenses, tendo em conta o naturalismo da cabeça e em particular das suas terminações, sobretudo no que toca às hastes e à orelha (Baptista & Santos, 2013: 235).

De cronologias mais recentes, pós-paleolíticas, no lado português encontram-se dez veados macho e duas cervas na rocha 3 de Mocissos, três cervídeos na rocha 1 de Beatas I, um cervídeo na rocha 63 da Moinhola e dois cervídeos na rocha 109 também da Moinhola (Baptista & Santos, 2013) (Figura 144, Figura 145, Figura 146 e Figura 147).



Figura 138: Rocha 1 de Porto Portel (lado português do vale do Guadiana) com figura de cervídeo em perfil de cronologia paleolítica (adaptado de Baptista & Santos, 2013).

Em Molino Manzánéz, a maioria dos animais são descritos como sendo “pré-esquemáticos”, ou seja, de cronologia Epipaleolítica, enquanto que de cronologia esquemática os animais são mais raros e de difícil interpretação. Assim, dos animais pré-esquemáticos de Molino Manzánéz, apenas quatro espécies estão representadas: cervídeos, bovídeos, caprinos e cavalos. Também neste complexo o cervídeo é o animal mais representado com 26 figuras de veados machos e 53 cervas num total de 99 animais (não tendo em conta as 68 figuras de animais indeterminados) distribuídos pelos setores de Heineken, Grilling, Simpson e Cangrejos, Comecocos, Ventas e Friegamuñoz (Collado Giraldo, 2006).



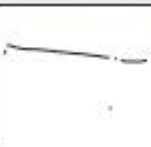
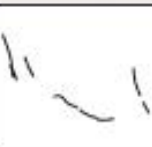













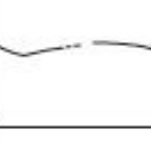
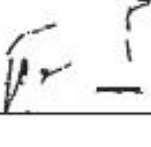

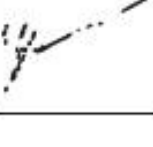

CIERVOS						
ESTACIÓN	FIGURA	CABEZA	CERVICO / DORSAL	LÍNEA VENTRAL	PATAS DELANTERAS	PATAS TRASERAS
XV ESQUINERA						
XV ESQUINERA						
XXVI BOCETO						
DLVII PALETÍN						
CCXCIV MUFLÓN						

Figura 139: Tabela com caraterísticas morfológicas dos cervos paleolíticos de Molino Manzánéz, Vale do Guadiana (Collado Giraldo, 2006).




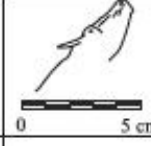

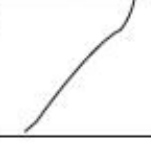



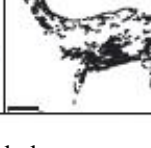

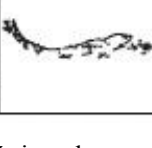



CIERVAS						
ESTACIÓN	FIGURA	CABEZA	CERVICO / DORSAL	LÍNEA VENTRAL	PATAS DELANTERAS	PATAS TRASERAS
CCLXXVI BONITO DÍA						
CDXCVII SETE						
CVII CANGREJOS						
CDVII HIPERLAVADO						

Figura 140: Tabela com caraterísticas morfológicas dos cervas paleolíticas de Molino Manzánéz, Vale do Guadiana (Collado Giraldo, 2006).

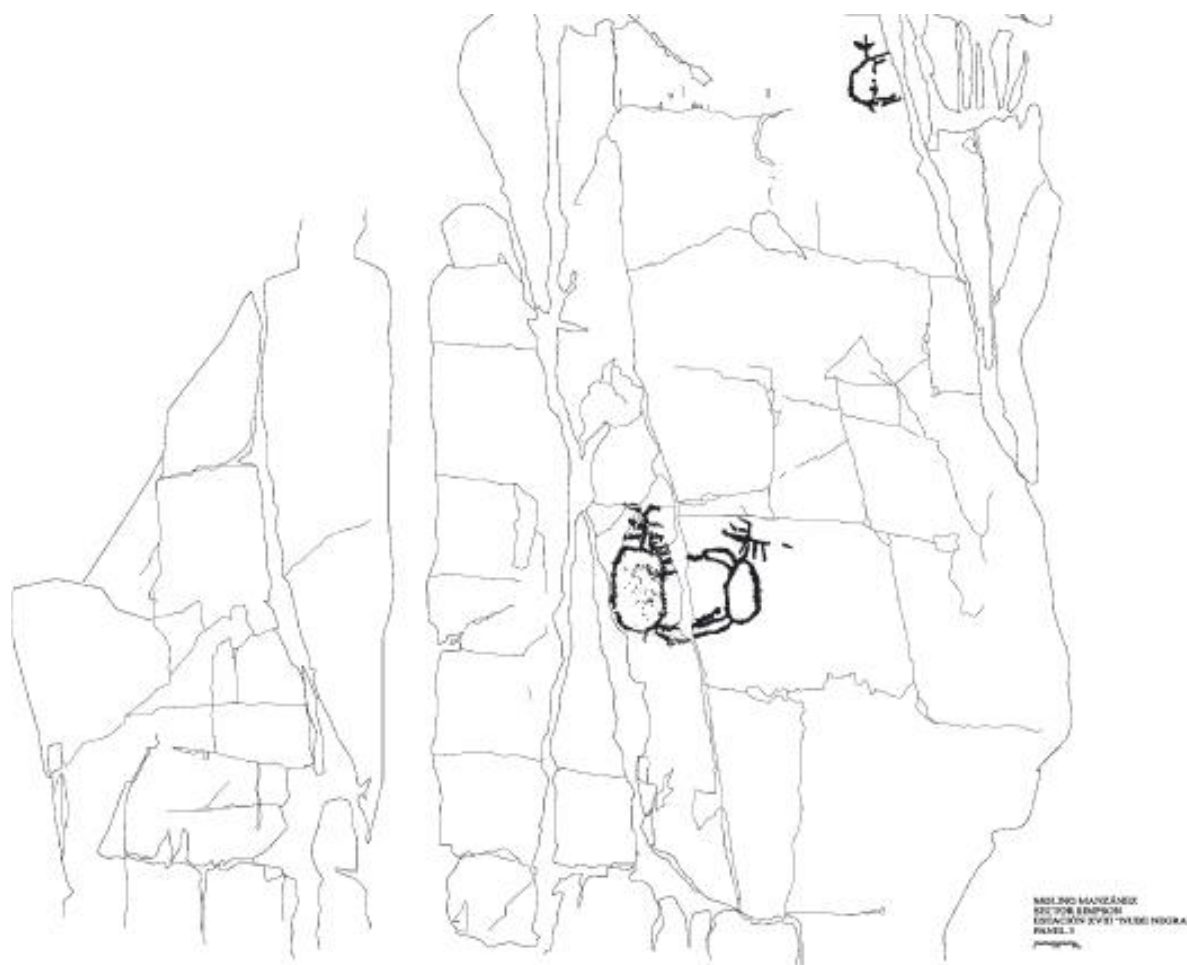


Figura 141: Cervídeo da estação XVIII “Nube Negra” (Collado Giraldo, 2006).



Figura 142: Cervídeo do painel 2 da estação CLXXXVII “El Rebaño” (Collado Giraldo, 2006).

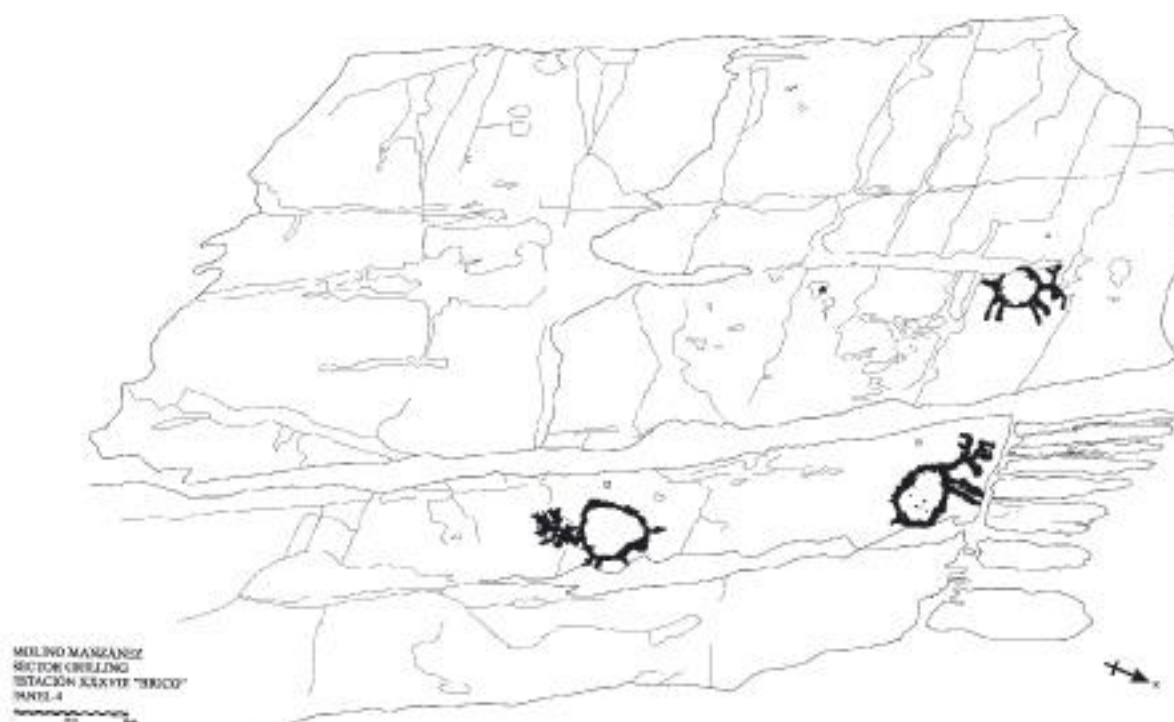


Figura 143: cervídeos do painel 4 da estação CCCVIII “Brico” (Collado Giraldo, 2006).



Figura 144: cervídeo 1 da rocha 3 de Mocissos (Baptista & Santos, 2013).



Figura 145: Cervídeo 3 da rocha 3 de Mocissos (Baptista & Santos, 2013).



Figura 146: Figura 28 (cervídeo) da rocha 3 de Mocissos (Baptista & Santos, 2013).



Figura 147: Figura 6 (cervídeos) da rocha 109 da Moinhola (Baptista & Santos, 2013).

Em contexto de castros ou povoados proto-históricos, na Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira), logo nas primeiras escavações ainda a meio do século XX, encontrou-se uma pequena laje de granito triangular, medindo tanto na base como na altura 42cm contendo gravuras. Essas gravuras, segundo a interpretação de Eugénio Jalhay (1947) representa uma cena de caça ao veado, uma cena que mede 28cm de comprimento desde a extremidade da cauda do equídeo até à ponta da armação do veado. O movimento das figuras foi descrito como sendo da esquerda para a direita. Ainda segundo o autor, as figuras terão sido gravadas no granito com um instrumento de metal (Jalhay, 1947) (Figura 149). A pequena laje encontra-se, hoje em dia, no Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins (Figura 148).

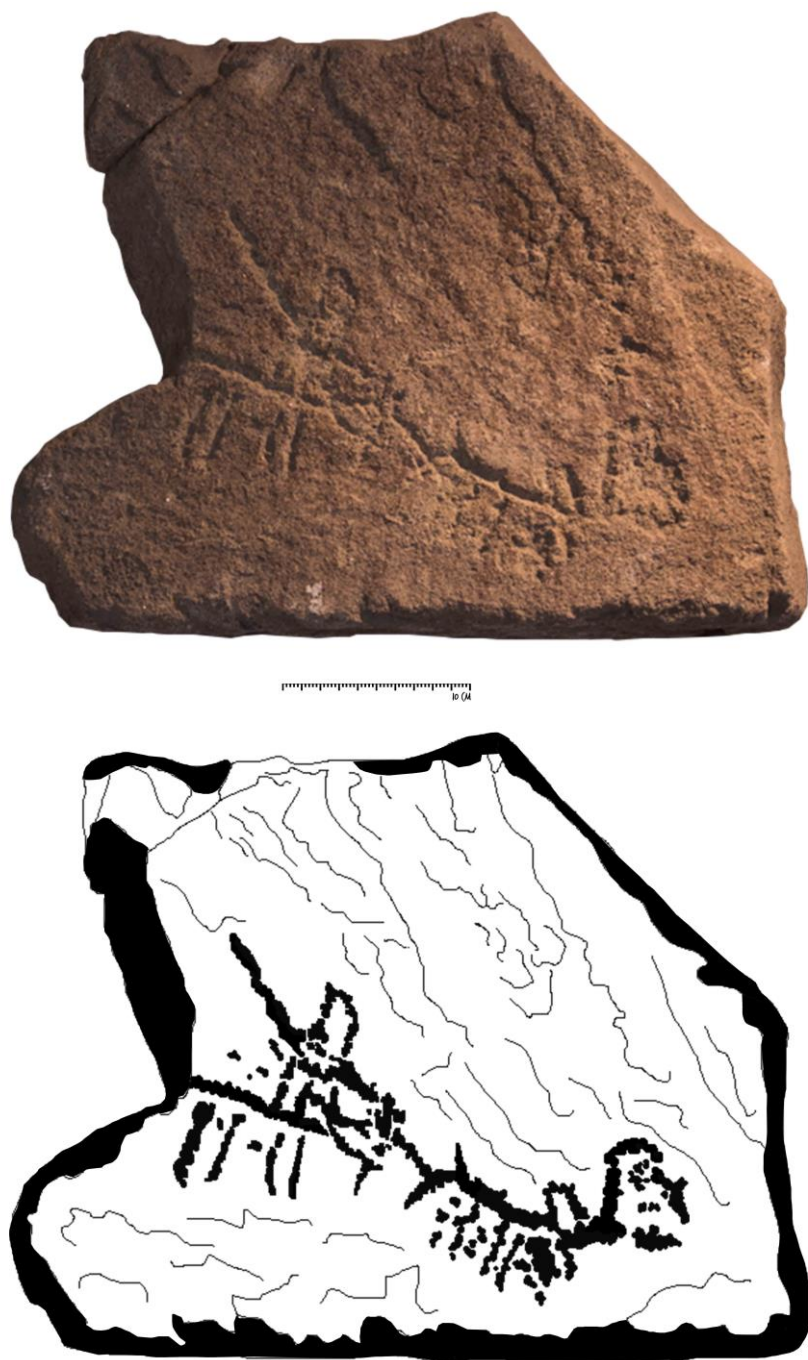


Figura 148: Fotografia e decalque digital da pequena laje com gravuras da Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira).

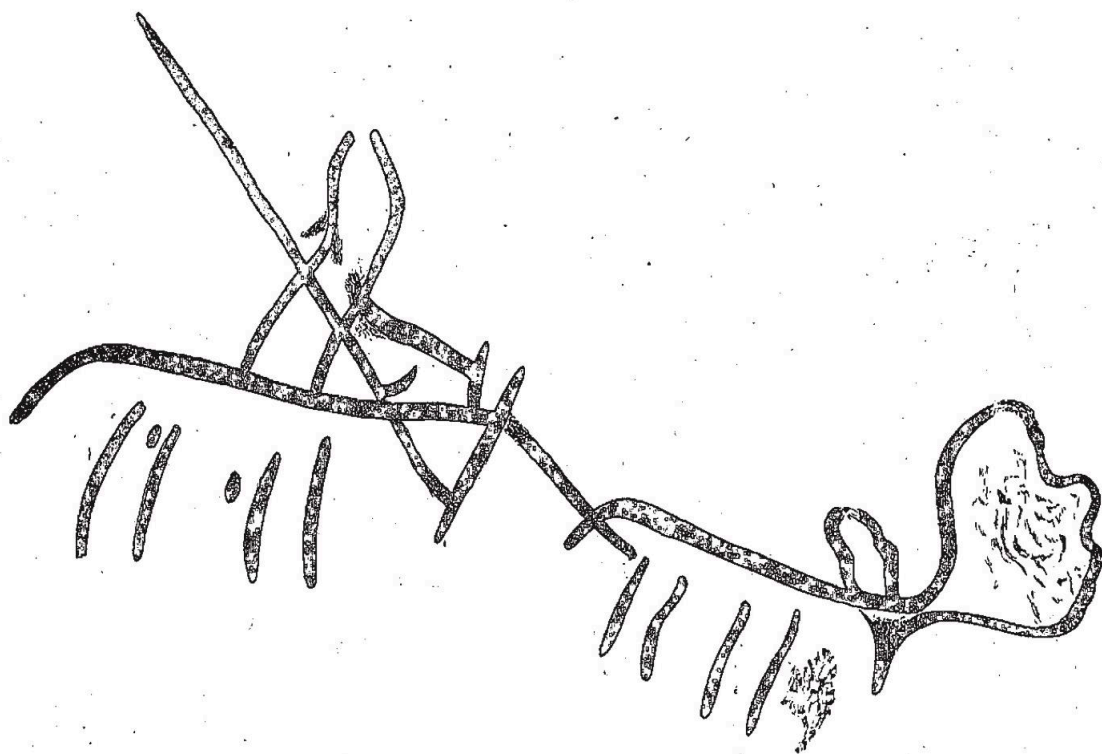


Figura 149: Decalque da cena de caça ao veado encontrada na Citânia de Sanfins (Jalhay, 1947).

Figuras de cervídeos foram ainda encontrados nas chamadas “Pedras de Alvão”, um conjunto de pedras referenciadas junto a um dólmen no final do século XIX pelos Padres José Brenha e Rafael Rodrigues. Além de cervídeos, as pedras tinham alfabetiformes gravados (Abreu & Sá, 1998, 2000 *apud* Abreu, 2012) (Figura 150).

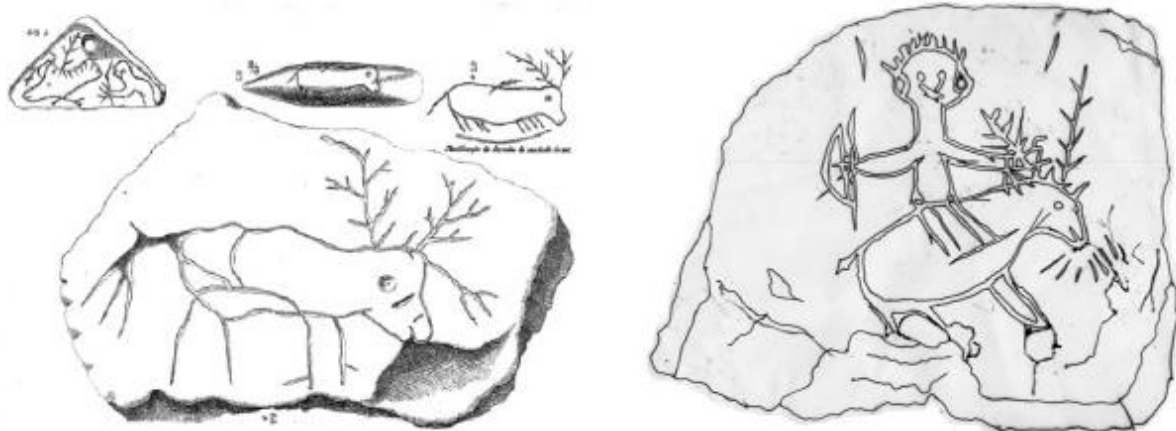


Figura 150: Pedras de Alvão, Vila Pouca de Aguiar, Vila Real (Abreu, 2012).

Também com um cervídeo encontrou-se uma estátua em Barcelos, Roriz, Monte do Facho. A gravura está localizada na parte de trás da estátua e é cronologicamente enquadrada na Idade do Ferro (Abreu, 2012) (Figura 151).

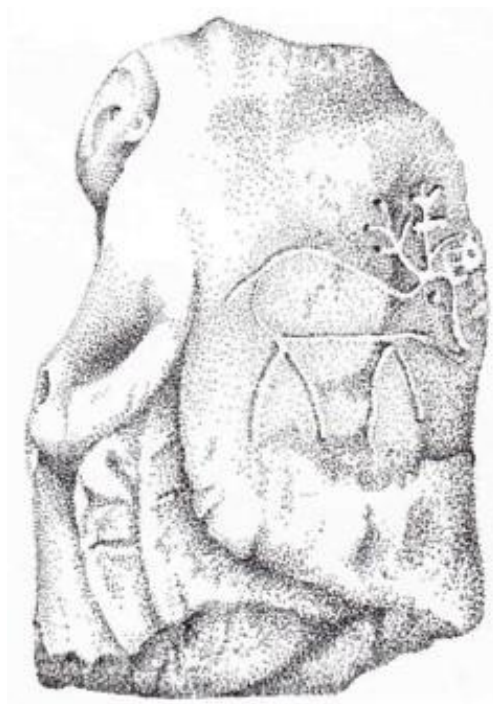


Figura 151: Cervídeo gravado na parte traseira de uma estátua em Roriz, Oliveira, Monte do Facho (Abreu, 2012:497).

Pinturas com cervídeos encontram-se também nos monumentos megalíticos como por exemplo nos esteios da Orca dos Juncals. O estudo foi realizado com grande detalhe no início da década de 70 e foram assinalados vestígios de pintura em 7 dos 9 esteios (Shee, 1981, 153-154, figs. 45-47). Interpreta-se no esteio C2 uma cena de caça, as armações de veados e a possível “pele esticada” disposta em posição central, bem como as figuras humanas do esteio C8 (Cruz, 1993). A cena de caça é descrita como sendo um pouco animada, de que são protagonistas três grupos de caçadores, alguns dos quais armados de arco e flecha, em torno dos quais correm cães e veados. O esteio da cabeceira apresenta também, ao alto dois veados, de um dos quais se observa apenas a elaborada armação (Cruz, 2000) (Figura 152).

Um outro monumento megalítico onde pelo menos um cervídeo foi identificado é a Arquinha da Moura, Tondela, Viseu. A figura 9 do esteio 9 foi identificada como sendo um cervídeo em estilo naturalista. Tem o corpo a $\frac{3}{4}$ e a cabeça de frente. Apresenta uma bela armação e tem 10cm de altura. Ainda no esteio 9 surgem 6 antropomorfos, 2 quadrúpedes cuja espécie não

foi identificada e um caprídeo de perfil. No esteio 7, surgem representados 4 antropomorfos e dois geométricos (Cunha, 1995) (Figura 153).

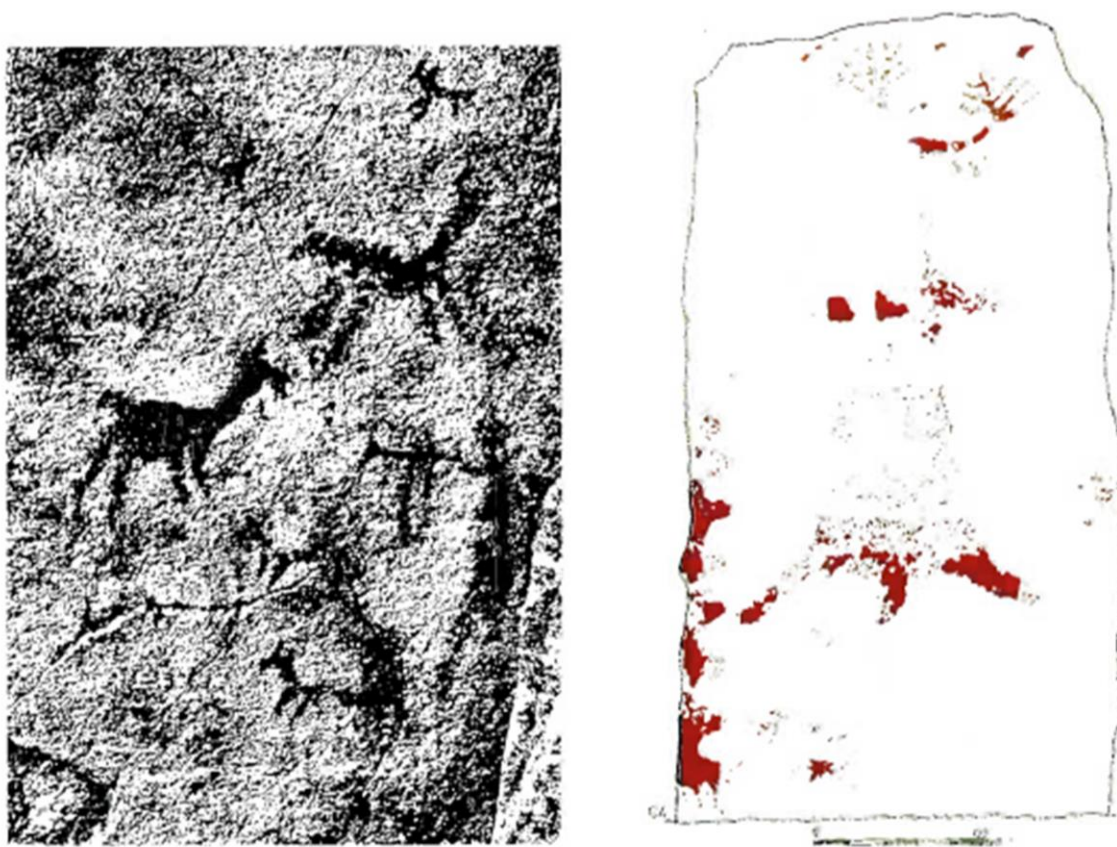


Figura 152: Orca dos Juncais: (à esquerda) pormenor das pinturas do segundo esteio do lado sul: cervídeos e canídeos, caçador com arco e flecha; (à direita) pinturas do esteio de cabeceira; ao centro representação de uma “pele esticada” e ao alto, um cervídeo e os restos da armação de um outro (Cruz, 2000:15).



Figura 153: Pinturas do esteio 9 (laje da cabeceira) da Arquinha da Moura (Cunha, 1995).

Por fim, há que assinalar que dois dos animais gravados na Gruta do Escoural e que normalmente são interpretados como uma égua e a sua cria (Santos, 1967) são, em publicações recentes considerados, por outros autores, como sendo a representação de duas cervas (uma adulta e uma cria) (Collado Giraldo, 2006) (Figura 154).



Figura 154: Gravuras de possíveis cervas da Gruta do Escoural (adaptado de Gomes, 2000).

Fora do âmbito da arte rupestre, e a título de curiosidade, as figuras de cervídeos podem também surgir na decoração cerâmica. Exemplo disso, é a cerâmica campaniforme tipo “Palmela” no Casal do Pardo, Palmela (Figura 155 e Figura 156). Numa taça de forma semiesférica aberta, o bordo, decorado por uma linha em ziguezague pontilhado é plano e a base e o fundo são convexos. Apresenta decoração na parede externa, paralela ao bordo, composta por três linhas em ziguezague paralelas e sete fiadas horizontais lisas. O restante corpo da peça é constituído por uma fiada de cervídeos: três veados e duas corças. A pasta interna é cinzenta-acastanhada muito bem alisada e a pasta externa é castanha com algumas manchas acinzentadas, alisada e polida. O desengordurante é de grão médio⁶. Da mesma coleção, há ainda dois fragmentos de cerâmica, ajustáveis, de uma taça campaniforme também de tipo “Palmela”. O bordo é aplanado e espessado internamente, decorado por pequenos losangos pontilhados. O bordo é composto por uma banda horizontal, paralela ao bordo, constituída por quatro faixas em ziguezague, duas preenchidas por linhas oblíquas, intercalada por duas lisas que se encontram limitadas por uma linha a pontilhado. Por baixo, a

⁶ <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objetos/ObjetosConsultar.aspx?IdReg=118435&EntSep=3#gotoPosition>

figuração de um cervídeo e o início de outros dois. Os motivos decorativos apresentam vestígios de depósito calcário, provavelmente intencional. A pasta é castanha, escurecida em algumas zonas, brunida. O desengordurante é de grão fino⁷ (Figura 157).

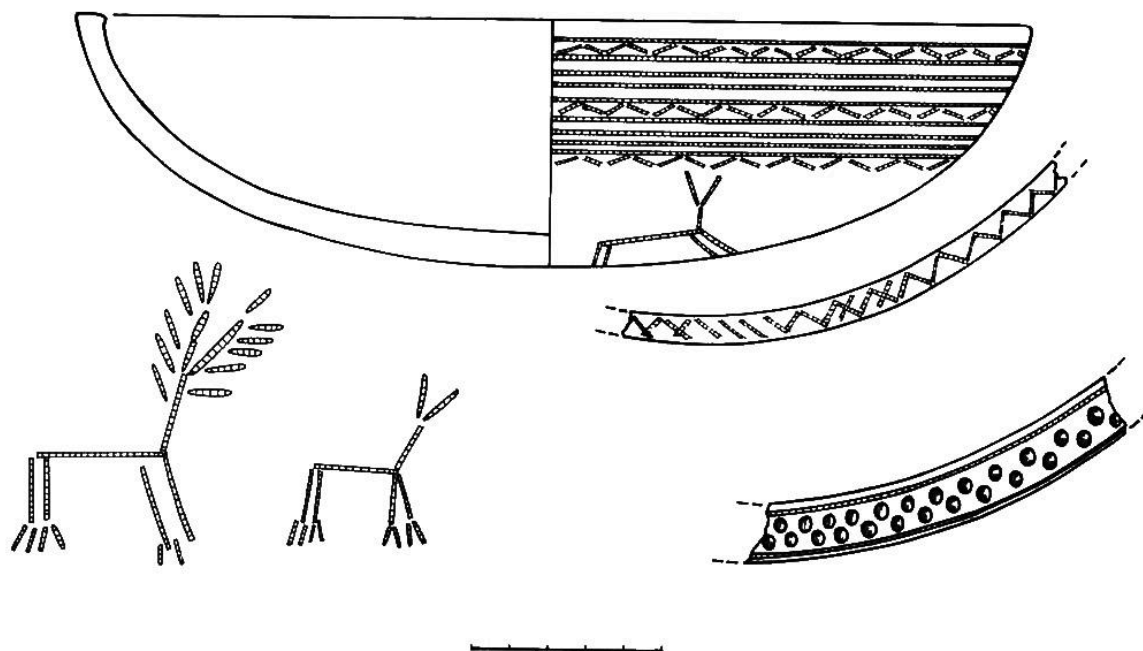


Figura 155: Decalque da taça campaniforme pontilhada e linear-pontilhada, “tipo Palmela” na estação do Casal do Pardo, Palmela com representação de cervídeos (Pereira e Bubner, 1974-77)



Figura 156: Detalhe da taça campaniforme pontilhada e linear-pontilhada, “tipo Palmela” na estação do Casal do Pardo, Palmela com representação de cervídeos (Pereira e Bubner, 1974-77).

⁷ <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=120283>



Figura 157: Fragmento de cerâmica com motivos de cervídeos da estação do Casal do Pardo. © Museu Nacional de Arqueologia (<http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=120283>).

De entre as centenas de placas sub-retangulares de argila cozida de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja) já aqui mencionadas (Arnaud, 2013), encontram-se algumas representações de cervídeos. Embora raros, surgem em 16 exemplares, juntamente com as representações de bovídeos (Figura 158).

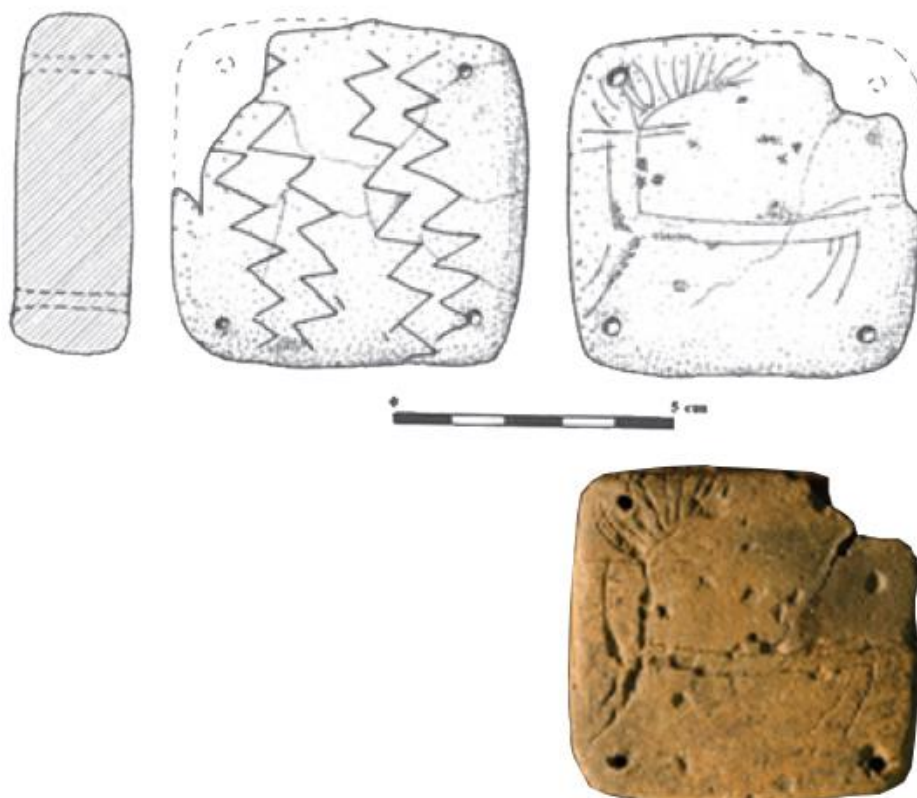


Figura 158: Representações de pesos de tear com uma gravura de cervídeo do povoado de Vila Nova de São Pedro (Azambuja) (adaptado de Arnaud, 2013).

7.4. A FIGURA DO CERVÍDEO NA ARTE RUPESTRE DO TEJO

No vale do Tejo as figuras de cervídeos ocorrem em 7 dos 12 núcleos de arte rupestre: Cachão de São Simão, Alagadouro, Cachão do Algarve, Fratel, Chão da Velha, Gardete e Ocreza. Contam-se, no total, 97 figuras de cervídeos distribuídos em 60 rochas que perfazem 29,9% de toda a fauna registada na arte rupestre do Vale do Tejo (ver tabela 3 dos anexos do volume III e Gráfico 3). No que concerne à fauna pré-esquemática os cervídeos são a maioria com 86 representações, enquanto que na arte esquemática ocorrem em terceiro lugar com 11 representações (7,38%) ficando atrás apenas dos serpentiniformes e figuras de animais cuja espécie não se consegue identificar (Tabela 16, Tabela 17 e Tabela 18).

Tipologia fauna	Pré-esquemática	%	Esquemático	%
Bovídeo	5	3,38%	1	0,67%
Ave	1	0,68%	4	2,68%
Cabra	17	11,49%	3	2,01%
Cavalo	4	2,70%	3	2,01%
Cobra/Serpentiforme	0	0,00%	100	67,11%
<u>Corço</u>	<u>7</u>	<u>4,73%</u>	<u>2</u>	<u>1,34%</u>
Javali	1	0,68%	0	0,00%
Canídeos	4	2,70%	0	0,00%
Espécie Não Identificada	27	18,24%	21	14,09%
Réptil	1	0,68%	1	0,67%
Urso	0	0,00%	2	1,34%
Lagomorfo	2	1,35%	0	0,00%
<u>Veados</u>	<u>79</u>	<u>53,38%</u>	<u>2</u>	<u>6,04%</u>
Pectiniformes	0	0,00%	3	2,01%
TOTAL	148	100,00%	149	100,00%

Tabela 16: Quantidade e percentagem da fauna esquemática e pré-esquemática no vale do Tejo com ênfase para a percentagem que os cervídeos ocupam na estatística.

Tipologia fauna	Quantidade	%
Bovídeo	6	1,8%
Ave	5	1,5%
Cabra	20	6,2%
Cavalo	8	2,5%
Cobra/Serpentiforme	100	30,8%
<u>Corço</u>	<u>2</u>	<u>2,8%</u>
Javali	1	0,3%
Canídeos	4	1,2%
Réptil	2	0,6%
Urso	2	0,6%
Lagomorfo	2	0,6%
<u>Veados</u>	<u>88</u>	<u>27,1%</u>
Pectiniformes	3	0,9%
Espécie Não Identificada	48	14,8%
Indeterminado	27	8,3%
TOTAL	325	100,00%

Tabela 17: Quantidade e percentagem do total da fauna no vale do Tejo com ênfase para a percentagem que os cervídeos ocupam na estatística.

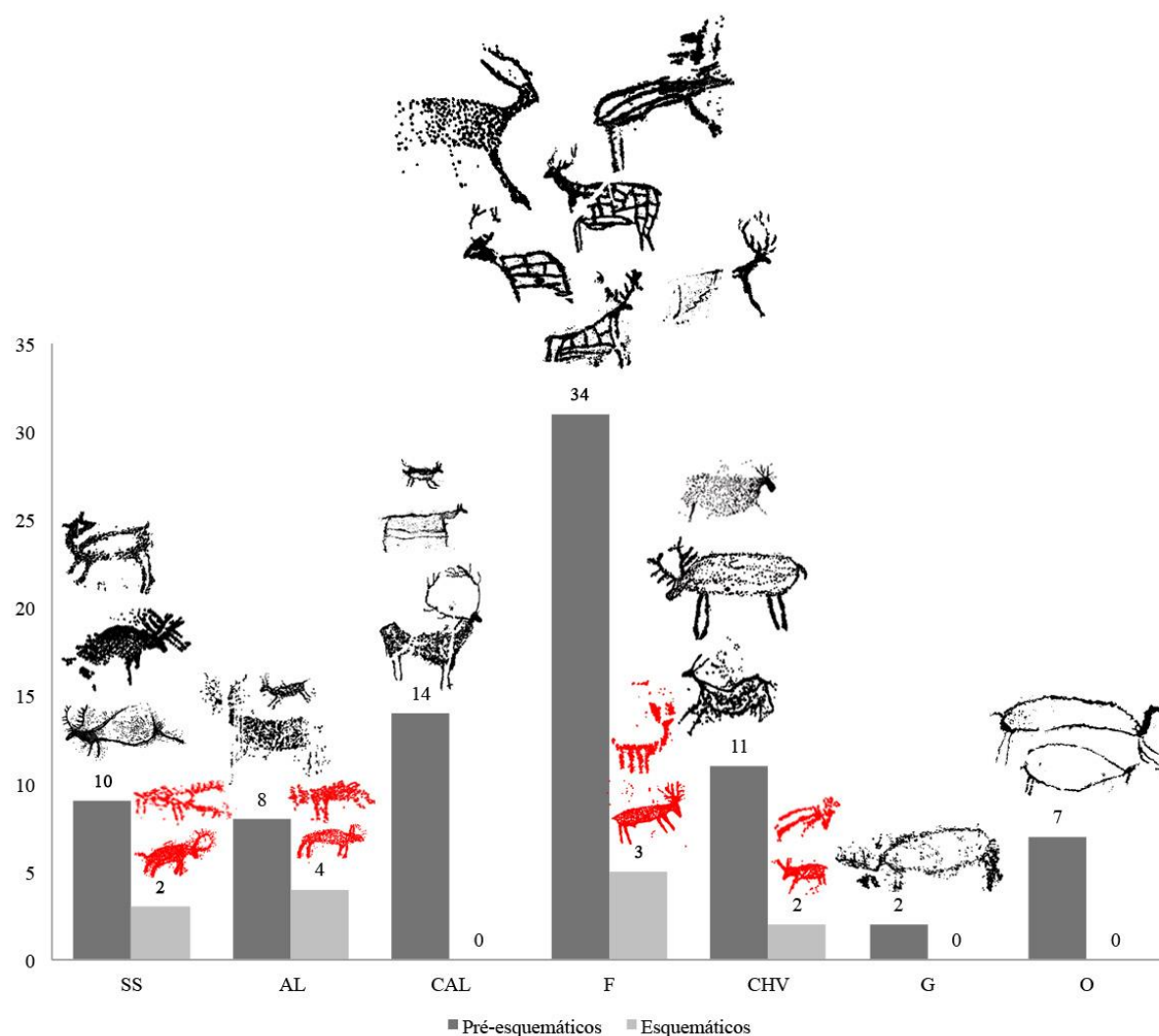


Gráfico 3: Distribuição dos cervídeos pré-esquemáticos (a preto) e esquemáticos (a vermelho) pelos sete sítios do vale do Tejo. SS: São Simão; AL: Alagadouro; CAL: Cachão do Algarve; F: Fratel; CHV: Chão da Velha; G: Gardete; O: Ocreza.

7.4.1. DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL

A distribuição das figuras dos cervídeos é bastante regular em sítios como o São Simão, Alagadouro, Cachão do Algarve e Chão da Velha, mas regista-se uma forte presença de cervídeos principalmente no sítio do Fratel. São frequentes as representações de machos solitários (CAL60:1, CHVJ7; G22D M1605:1), em pares (AL60(1) M1119:1,2; CAL4 M521:1,2; F155:11, 12), ou em grupos de machos (como nas rochas F155, F49 e CHVM3E e CHVM3C), em grupos de fêmeas com crias (como na rocha OCR13), machos e fêmeas com flechas espetadas no dorso (CAL56: 1 e F45(3) M1355:1) e até cervídeos mortos como na rocha 158 de São Simão. O núcleo do Fratel detém 38% das figuras de cervídeos registadas

no Tejo. Esta percentagem equivale tanto ao maior número de cervídeos esquemáticos como pré-esquemáticos do que qualquer outro núcleo (Gráfico 4).

Tipologia	SS	AL	CAL	F	CHV	G	OCR
Pré-esquemáticos	10	8	14	<u>34</u>	11	2	7
Esquemáticos	2	4	0	<u>3</u>	2	0	0
TOTAL	12	12	14	<u>37</u>	13	2	7

Tabela 18: Distribuição quantitativa dos cervídeos pré-esquemáticos e esquemáticos pelos núcleos do vale do Tejo. SS: São Simão; AL: Alagadouro; CAL: Cachão do Algarve; F: Fratel; CHV: Chão da Velha; G: Gardete; O: Ocreza.

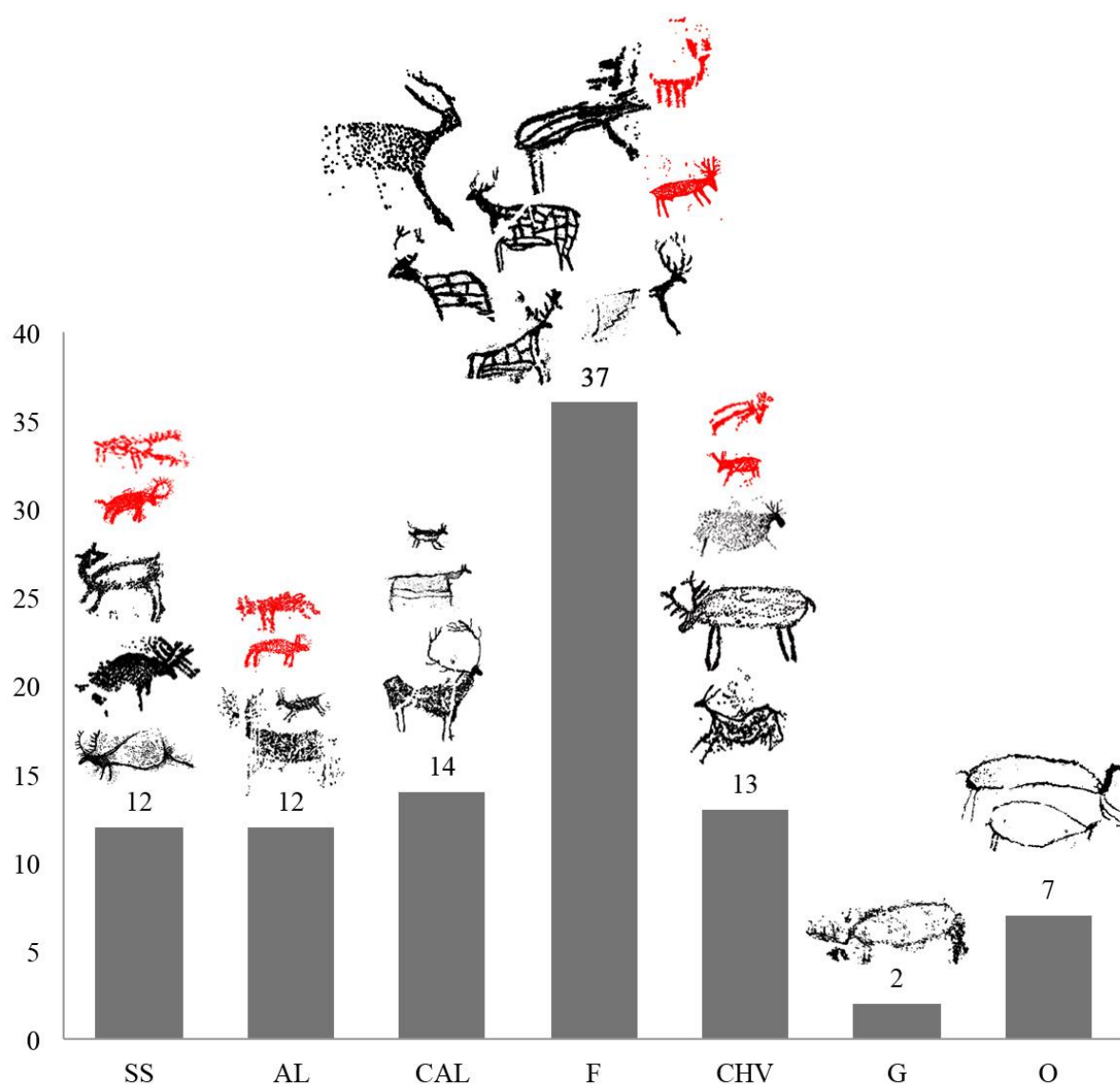


Gráfico 4: Distribuição quantitativa dos cervídeos pré-esquemáticos e esquemáticos pelos núcleos do vale do Tejo. SS: São Simão; AL: Alagadouro; CAL: Cachão do Algarve; F: Fratel; CHV: Chão da Velha; G: Gardete; O: Ocreza. Cervídeos pré-esquemáticos (a preto) e cervídeos esquemáticos (a vermelho).

7.4.1.1. CACHÃO DO SÃO SIMÃO

O núcleo do Cachão de São Simão apresenta 12 figuras de cervídeos (9 figuras pré-esquemáticas e 3 figuras esquemáticas) distribuídas por 9 rochas (Tabela 19). Há uma prevalência de cervídeos machos pré-esquemáticos neste núcleo. Cinco dos cervídeos pré-esquemáticos parecem ter sido representados isolados, sem qualquer associação inicial a outras figuras (a fêmea SS17:1, a fêmea SS81 M858:5, o cervídeo macho SS193:3, o corço SS194-195 M1217:2 e o macho SS208(1):1). As associações com outras figuras ocorrem apenas na rocha SS158, onde um dos cervídeos está representado morto, a ser carregado por um antropomorfo aos ombros e é morfologicamente semelhante a outro cervídeo macho, na rocha SS44 onde um corço parece ter sido representado juntamente com um outro zoomorfo de espécie não identificada, ainda que morfologicamente sejam semelhantes, e na rocha SS199-200-201-202 onde o cervídeo macho pré-esquemático foi representado em associação a um zoomorfo identificado como sendo uma cabra também morfologicamente semelhante a si.

<u>Esquemático</u>				<u>Pré-esquemático</u>				<u>TOTAL</u>
<u>Cervídeo</u>			<u>Cervídeo</u>					
Macho	Fêmea	Corço	Macho	Fêmea	Cria	Corço		
SS17 M738				1				1
SS44 M875							1	1
SS81 M858					1			1
SS158	1			2				3
SS168A	1							1
SS194-195 M1217							1	1
SS199-200-201-202 M1165	1			1				2
SS193				1				1
SS208(1)				1				1
TOTAL	3	0	0	5	2	0	2	12

Tabela 19: Distribuição quantitativa dos cervídeos pré-esquemáticos e esquemáticos pelo núcleo do Cachão de São Simão.

Os animais da rocha SS44 e da rocha SS199-200-201-202, considerados como sendo já gravados numa fase de transição para uma arte já mais esquemática, foram depois sobrepostos e associados a dezenas de outras figuras geométricas. Na rocha SS199-200-201-202, os animais pré-esquemáticos partilham ainda o painel com uma representação de um outro cervídeo, já um pouco mais esquematizado, cujas hastes foram fechadas. A sobreposição de cervídeos pré-esquemáticos por figuras esquemáticas ocorre também na rocha SS193, SS158 e SS81. Quanto à orientação, 4 cervídeos estão orientados para a esquerda do observador enquanto que 7 estão orientados para a direita. Apenas um caso diferente, da fêmea da rocha

SS81:5 que apesar de estar orientada para a esquerda, está a olhar para o lado oposto, numa atitude dinâmica e rara dos animais do vale do Tejo (Figura 159). Esta situação ocorre apenas em outros dois casos, curiosamente em duas outras fêmeas de cervídeos, a F29(1):5 e a CAL66 M660:12.

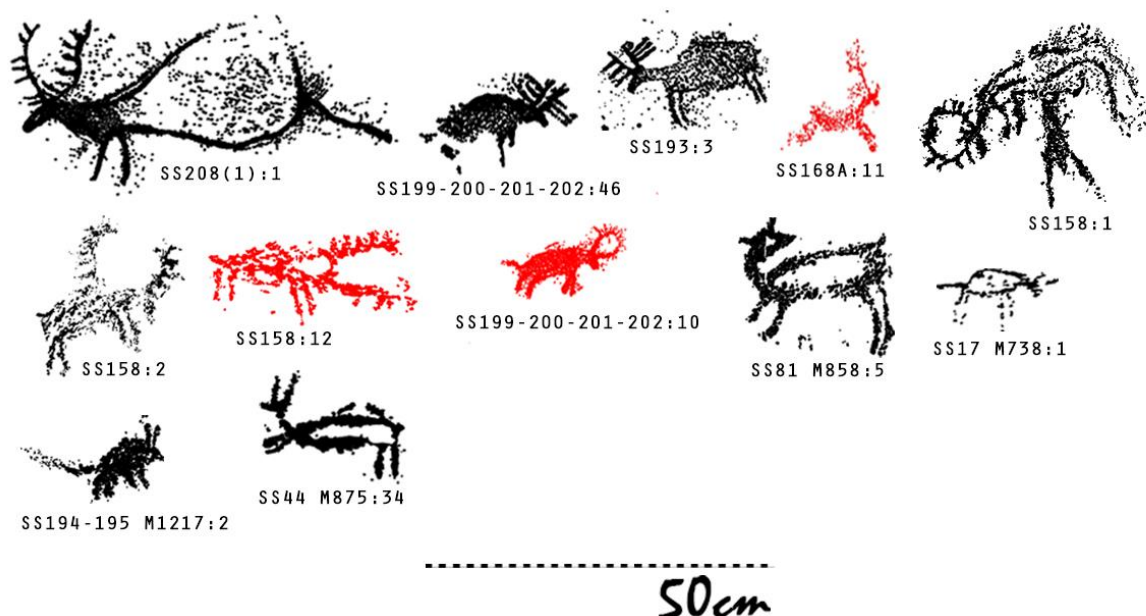


Figura 159: Representação de todos os cervídeos do sítio do São Simão. Cervídeos pré-esquemáticos (a preto) e cervídeos esquemáticos (a vermelho).

7.4.1.2. ALAGADOURO

O núcleo do Cachão de São Simão apresenta um conjunto de 12 figuras de cervídeos (8 figuras pré-esquemáticas e 4 figuras esquemáticas) distribuídas por 9 rochas (Tabela 20). Os cervídeos das rochas AL72, AL36(2), AL36A M1137, AL45 M1119 parecem ter sido gravados isolados, sem qualquer associação a outras figuras, por vezes apenas com a representação de picotado disperso pela superfície da rocha. Os cervídeos da rocha AL 60' M1099 surgem em par, ocorrência rara no vale do Tejo. O antropomorfo que os acompanha é bastante esquemático, e encontra semelhanças em antropomorfos pintados em monumentos megalíticos como, por exemplo, na Arquinha da Moura (Tondela), e na Orca dos Juncas (Viseu). Deve, por isso, ter sido uma gravação bem mais tardia relativamente aos cervídeos, conotando a “cena” de um significado completamente diferente. O cervídeo esquemático da rocha AL36B M1134 foi, provavelmente, gravado juntamente com a figura circular que o acompanha e a rocha mais complexa do Alagadouro com representações de cervídeos, a AL64 cujo cervídeo AL64:20 parece ter sido a figura primeiramente gravada, e depois

associada a uma panóplia de figuras geométricas, podomorfos e outros animais esquemáticos, dois deles interpretados como fêmeas (AL64:26 e AL64:42) (Figura 160).

	<u>Esquemático</u>			<u>Pré-esquemático</u>				<u>TOTAL</u>
	Cervídeo			Cervídeo				
	Macho	Fêmea	Corço	Macho	Fêmea	Cria	Corço	
AL6 M1041					1			1
AL14 M1052				1				1
AL36(2)							1	1
AL36A M1137				1				1
AL36B M1134		1						1
AL45 M1119					1			1
AL60(1) M1099				1	1			2
AL64		2		1				3
AL72			1					1
TOTAL	0	3	1	4	3	0	1	12

Tabela 20: Distribuição quantitativa dos cervídeos pré-esquemáticos e esquemáticos pelo núcleo do Cachão de São Simão.

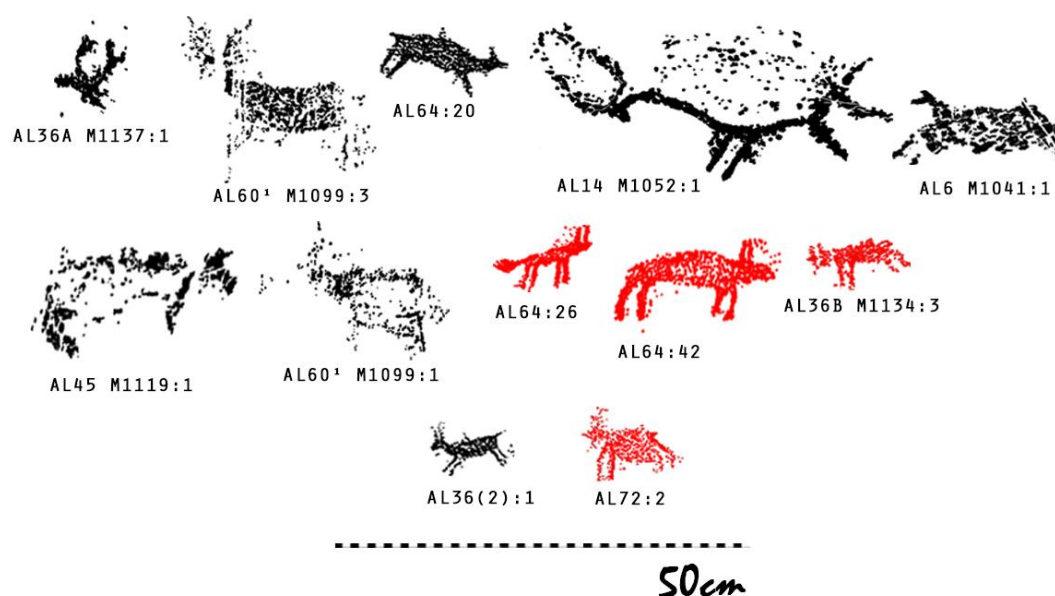


Figura 160: Representação de todos os cervídeos do sítio do Alagadouro. Cervídeos pré-esquemáticos (a preto) e cervídeos esquemáticos (a vermelho).

7.4.1.3. CACHÃO DO ALGARVE

O núcleo do Cachão do Algarve tem 14 figuras de cervídeos representadas (sendo todas elas de cronologia pré-esquemática) distribuídas por 12 rochas (Tabela 21). Constam deste núcleo 3 das mais complexas rochas com representações de cervídeos: a rocha CAL54, CAL56 CAL57 e CAL59. Pela numeração dada às rochas é de destacar o facto de se encontrarem relativamente perto umas das outras. O cervídeo da rocha 54 e 59 apresentam muitas semelhanças morfológicas e ambos estão sobrepostos por várias figuras geométricas. A rocha CAL4 M521 apresenta um casal de cervídeos numa atitude que parece ser de pré-

acasalamento e o cervídeo da rocha 56 é dos raros animais do Tejo que surge com uma lança espetada no dorso e acompanhado por um outro zoomorfo que parece ser um pouco mais recente, pela forma das hastes, mais espalmadas e esquemáticas. O cervídeo da rocha 60 está representado em completo isolamento e o da rocha 61 foi sobreposto por o que parece ser um podomorfo. Uma das rochas com grande acumulação de figuras é a rocha CAL66 M660 cujas figuras de animais (cervídeo e bovídeo) parecem ter sido rodeadas por dezenas de figuras geométricas sem nunca que tenha havido sobreposição. O corço da rocha CAL3 faz parte de uma das representações mais estranhas de todo do complexo. Surge em associação a um antropomorfo esquemático único do Tejo, que parece estar de perfil com os braços abertos dirigidos ao animal (Figura 161).

<u>Esquemático</u>				<u>Pré-esquemático</u>				<u>TOTAL</u>
<u>Cervídeo</u>			<u>Cervídeo</u>					
Macho	Fêmea	Corço	Macho	Fêmea	Cria	Corço		
CAL3			1				1	
CAL4 M521			1	1			2	
CAL6B M725			1				1	
CAL25				1			1	
CAL54 M162			1				1	
CAL56 M644			2				2	
CAL57 M644			1				1	
CAL59 M656			1				1	
CAL60			1				1	
CAL61 M312			1				1	
CAL66 M660				1			1	
CAL69A M693						1	1	
TOTAL	0	0	0	10	3	0	1	14

Tabela 21: Distribuição quantitativa dos cervídeos pré-esquemáticos e esquemáticos pelo núcleo do Cachão do Algarve.

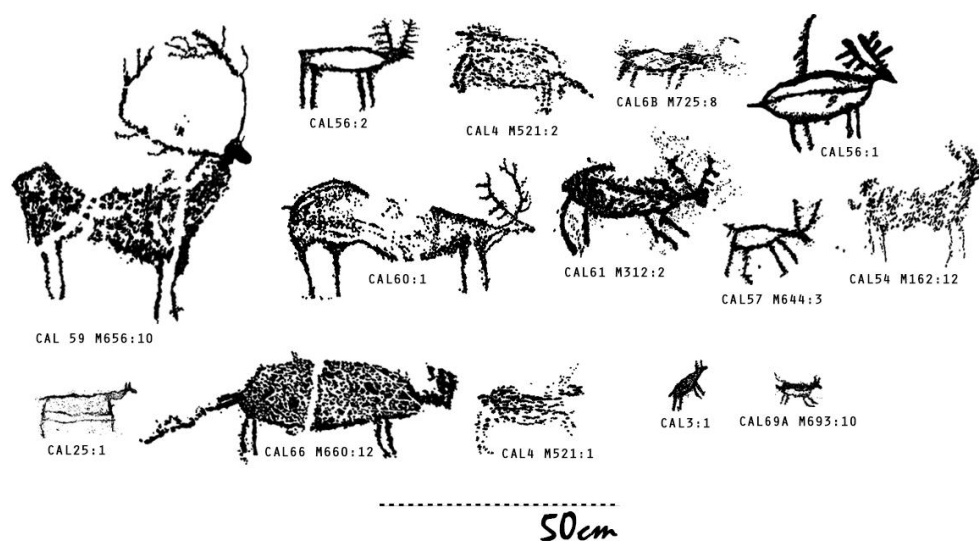


Figura 161: Representação de todos os cervídeos do sítio do Cachão do Algarve. Cervídeos pré-esquemáticos (a preto) e cervídeos esquemáticos (a vermelho).

7.4.1.4. FRATEL

O núcleo do Fratel apresenta 36 figuras de cervídeos (31 figuras pré-esquemáticas e 5 figuras esquemáticas) distribuídas por 17 rochas.

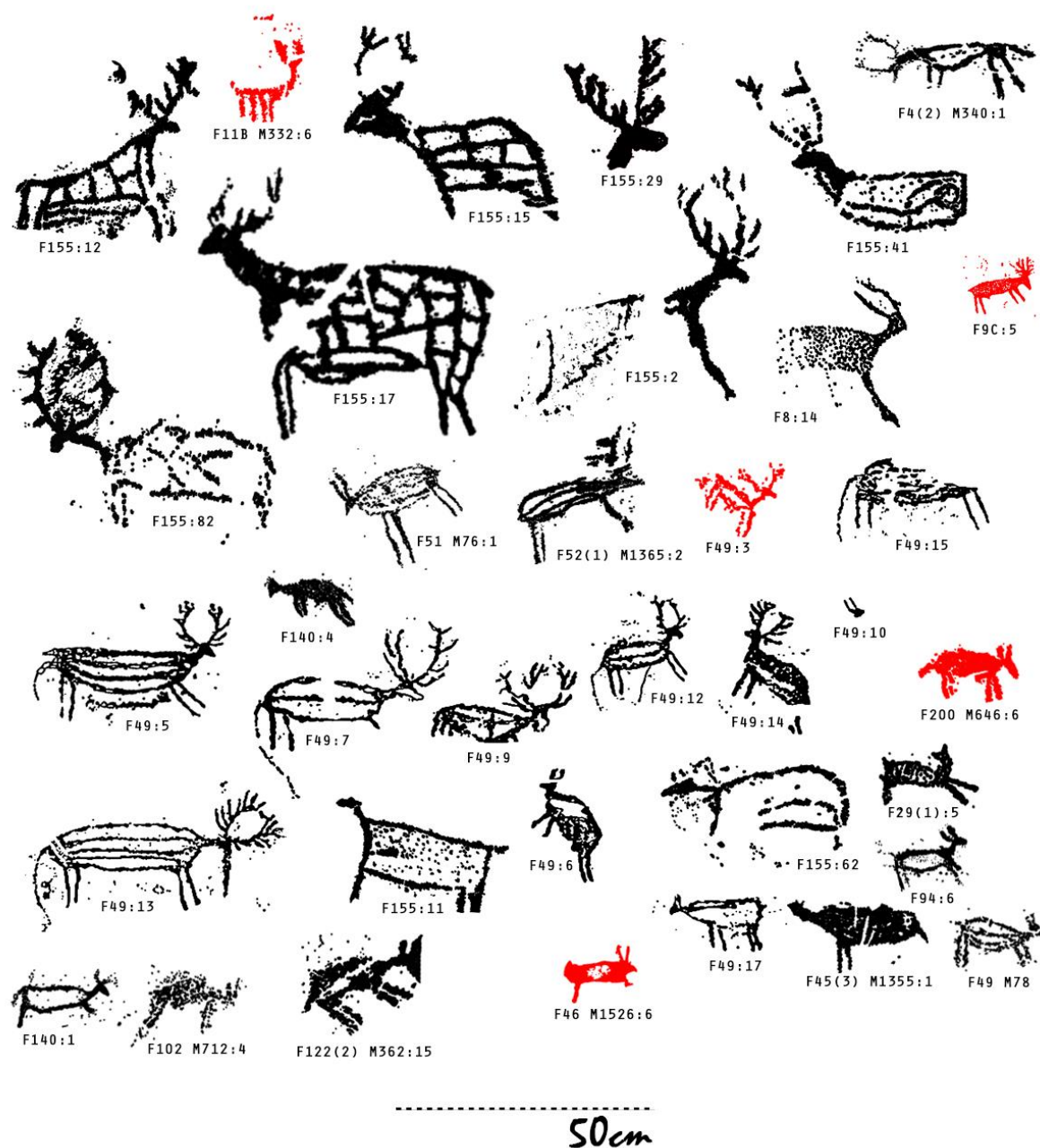


Figura 162: Representação de todos os cervídeos do sítio do Fratel. Cervídeos pré-esquemáticos (a preto) e cervídeos esquemáticos (a vermelho).

Esquemático				Pré-esquemático				TOTAL
Cervideo				Cervideo				
	Macho	Fêmea	Corço	Macho	Fêmea	Cria	Corço	
F4(2)				1				1
F8				1				1
F9C	1							1
F11B M332	1							1
F29(1)					1			1
F45(3) M355					1			1
F46 M1526			1					1
F49	1			7	3			11
F49 M78					1			1
F51				1				1
F52(1)				1				1
F94					1			1
F102 M13							1	1
F102 M712							1	1
F122(2)					1			1
F140							2	2
F155				7	2			9
F200 M646		1						1
TOTAL	3	1	1	18	10	0	3	37

Tabela 22: Distribuição quantitativa dos cervídeos pré-esquemáticos e esquemáticos pelo núcleo do Fratel.

Destacam-se as rochas F155 e F49 com dois grandes conjuntos de cervídeos pré-esquemáticos. Regista-se uma predominância dos veados machos e fêmeas pré-esquemáticas. O Fratel é o sítio que mais figuras de cervídeos tem representados. É neste núcleo que ocorre a representação de dois importantes conjuntos de figuras de cervídeos, na rocha F155 e F49. Só estas duas rochas juntas perfazem mais de metade do conjunto de figuras de cervídeos de todo o núcleo. Destacam-se também as rochas F52(1) M1365 e F51 M76 onde surgem cervídeos (macho e fêmea respectivamente) morfologicamente semelhantes. Pela numeração das rochas parte-se do princípio que estarão localizados a pouca distância um do outro. É também neste núcleo que se encontra uma fêmea de cervídeo com lanças espetadas no dorso, cena que encontra paralelos na rocha F49, CAL56 e SS92 M909 (Figura 162).

7.4.1.5. CHÃO DA VELHA

O núcleo do Fratel apresenta 13 figuras de cervídeos (2 figuras pré-esquemáticas e 11 figuras esquemáticas) distribuídas por 8 rochas (Tabela 23). O Chão da Velha destaca-se por dois tipos de representações de cervídeos diferentes: os cervídeos isolados, principalmente no Chão da Velha Jusante (rocha CHVJ6, CHVJ7, CHVJ11 e CHVJ13 e os cervídeos representados em conjunto e sem qualquer tipo de associação a outras figuras, principalmente no sector Chão da

Velha Montante (CHVM3B, CHVM3C, CHVM3E). A única exceção é a rocha CHVM6 onde os cervídeos partilham o painel com uma panóplia de figuras esquemáticas (Figura 163).

Esquemático				Pré-esquemático				TOTAL
Cervídeo				Cervídeo				
	Macho	Fêmea	Corço	Macho	Fêmea	Cria	Corço	
CHVM3B				1				1
CHVM3C				1				1
CHVM3E	2			4				6
CHVM6				1				1
CHVJ6				1				1
CHVJ7				1				1
CHVJ11					1			1
CHVJ13					1			1
TOTAL	2	0	0	9	2	0	0	13

Tabela 23: Distribuição quantitativa dos cervídeos pré-esquemáticos e esquemáticos pelo núcleo do Chão da Velha..

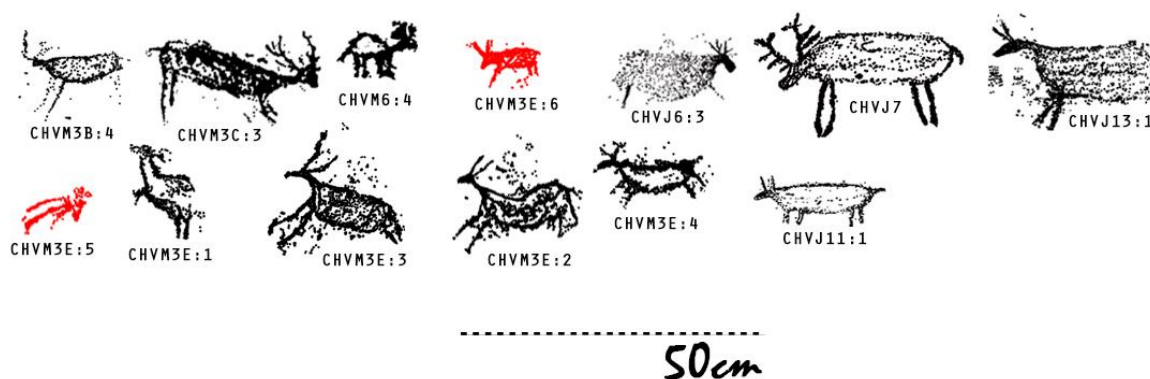


Figura 163: Representação de todos os cervídeos do sítio do Chão da Velha. Cervídeos pré-esquemáticos (a preto) e cervídeos esquemáticos (a vermelho).

7.4.1.6. GARDETE

O núcleo do Gardete apresenta 2 figuras de cervídeos (2 figuras pré-esquemáticas) distribuídas por 2 rochas. São as únicas figuras de animais neste núcleo, e apresentam uma grande semelhança (Tabela 24 e Figura 164).



Figura 164: Representação de todos os cervídeos do sítio do Gardete.

<u>Esquemático</u>				<u>Pré-esquemático</u>				<u>TOTAL</u>
<u>Cervídeo</u>				<u>Cervídeo</u>				
	Macho	Fêmea	Corço	Macho	Fêmea	Cria	Corço	
G22D M1605:1				1				1
G24				1				1
TOTAL	0	0	0	2	0	0	0	2

Tabela 24: Distribuição quantitativa dos cervídeos pré-esquemáticos e esquemáticos pelo núcleo do Gardete.

7.4.1.7. VALE DO OCREZA

O núcleo do Ocreza apresenta 7 figuras de cervídeos (todas elas pré-esquemáticas) distribuídas por 3 rochas. É o único sítio onde ocorre a representação de um harém, ou seja, um conjunto de fêmeas com as suas crias (na rocha OCR16). Dos três conjuntos de representações, destaca-se a rocha OCR13 que representa um possível harém (pequeno grupo de fêmeas) com as suas crias. Estas são das maiores figuras de animais do vale do Tejo, e a fêmea OCR13:1 é o maior zoomorfo de todo o CARVT (Tabela 25 e Figura 165).

<u>Esquemático</u>				<u>Pré-esquemático</u>				<u>TOTAL</u>
<u>Cervídeo</u>				<u>Cervídeo</u>				
	Macho	Fêmea	Corço	Macho	Fêmea	Cria	Corço	
OCR/PRC10					1			1
OCR13					2	2		4
OCR16				2				2
TOTAL	0	0	0	2	3	2	0	7

Tabela 25: Distribuição quantitativa dos cervídeos pré-esquemáticos e esquemáticos pelo núcleo do Ocreza.

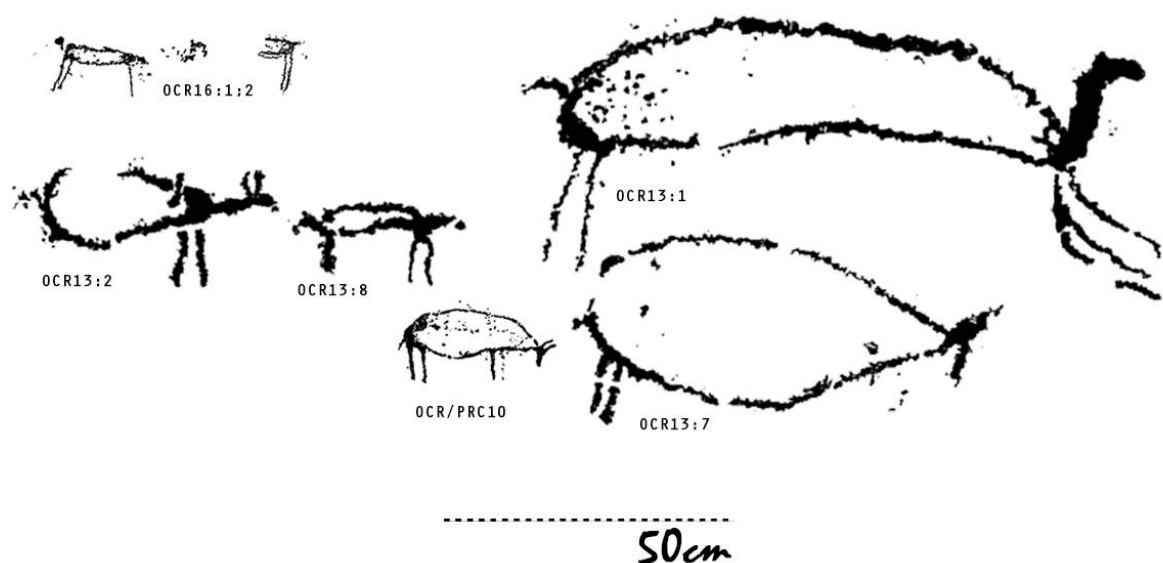


Figura 165: Representação de todos os cervídeos do sítio do Ocreza.

7.4.2. ANÁLISE DOS PAINÉIS

7.4.2.1. ESPÉCIE E SEXO

A definição das espécies e do sexo dos cervídeos aqui apresentados decorreu de 3 critérios: a própria fisionomia representada (no caso da representação das hastes dos machos e orelhas das fêmeas), a dinâmica entre figuras de maiores dimensões com figuras de menores dimensões (para se identificar fêmeas com crias) e a etologia dos animais, ou seja, um pouco do critério anterior juntamente com o conhecimento do comportamento dos cervídeos (como no caso da rocha OCR13 e a identificação de um harém de fêmeas, típico comportamento das fêmeas de cervídeos de se juntarem em bandos juntamente com as crias sem que nenhum macho faça parte do grupo). Os machos são os mais fáceis de identificar: a representação das hastes é óbvia e a maneira mais fácil de identificar o macho, daí não acreditarmos que poderão existir representações de machos sem hastes, já que as hastes são o critério mais forte de mostrar o sexo do animal à priori.

As fêmeas foram identificadas através do conhecimento do comportamento das próprias espécies e pela análise e comparação dos cervídeos que surgem aos pares (nas rochas AL 60¹ M1099, CAL4 M521 e F155). É comum a representação das orelhas das fêmeas dos cervídeos. As crias, foram identificadas um pouco por associação. Foram considerados pelo menos duas espécies de cervídeos na arte rupestre do vale do Tejo (Figura 167)

e Figura 168): o veado-vermelho (*Cervus elaphus*) e o corço (*Capreolus capreolus*). Com muitas reservas apontámos uma das representações do sítio do Chão da Velha como sendo um gamo (*Dama dama*) por apresentar as hastes um pouco mais espalmadas (Figura 166). No entanto, no registo arqueológico, os dados apontam para uma presença de gamos em território português apenas a partir da expansão dos romanos (Davis & Mackinnon, 2009), ou seja, numa cronologia bem mais recente do que a que apontámos para as figuras rupestres do Tejo. A definição de 10 figuras como sendo representação de corços teve em conta o tamanho das hastes em relação ao tamanho do corpo do animal e o dinamismo que este apresenta (cujo bom exemplo é o cervídeo AL36(2):1.



Figura 166: Exemplo da diferença entre espécies e sexo dos cervídeos do Complexo Rupestre do vale do Tejo: A) Veado-vermelho macho (*Cervus elaphus*); B) Veado-vermelho fêmea (*Cervus elaphus*); C) Corço (*Capreolus capreolus*); D) Possível Gamo? (*Dama dama*).⁸

⁸ Fonte das fotografias: A) <http://www.bussolaescolar.com.br/animais/veado.jpg>

B) https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/4/44/Zoo-Dortmund-IMG_5549-a.jpg/240px-Zoo-Dortmund-IMG_5549-a.jpg

C) <http://www.apaginadomonteiro.net/corco2.jpg>; D) <http://www.apaginadomonteiro.net/Gamo5.jpg>



Figura 167: Exemplo de veado-vermelho (*Cervus Elaphus*) da Serra da Lousã.



Figura 168: Representação de corço (*Capreolus capreolus*). Desenho-livre. © Andreia Garcês.

7.4.2.2. ORIENTAÇÃO

No que respeita a orientação dos cervídeos nos painéis, há um relativo equilíbrio em relação aos cervídeos no geral. 46,9% dos cervídeos está orientado à esquerda do observador e 50,0% orientado à direita do observador. No entanto, destacam-se alguns factores a ter em atenção: 3 cervídeos (correspondente a 3,1%) foram representados orientados para um lado mas com a cabeça virada para trás (três fêmeas: SS81:5, F29(1):5) e o sítio do Cachão do Algarve tem todos os cervídeos orientados para a direita, ao contrário dos restantes sítios de arte rupestre com representações de cervídeos com uma grande quantidade de representações (Tabela 26, Tabela 27, Tabela 28, Tabela 29, Tabela 30, Tabela 31, Tabela 32). A análise da orientação dos painéis e figuras é importante para a compreensão local da implantação de um núcleo rupestre (Gráfico 5).

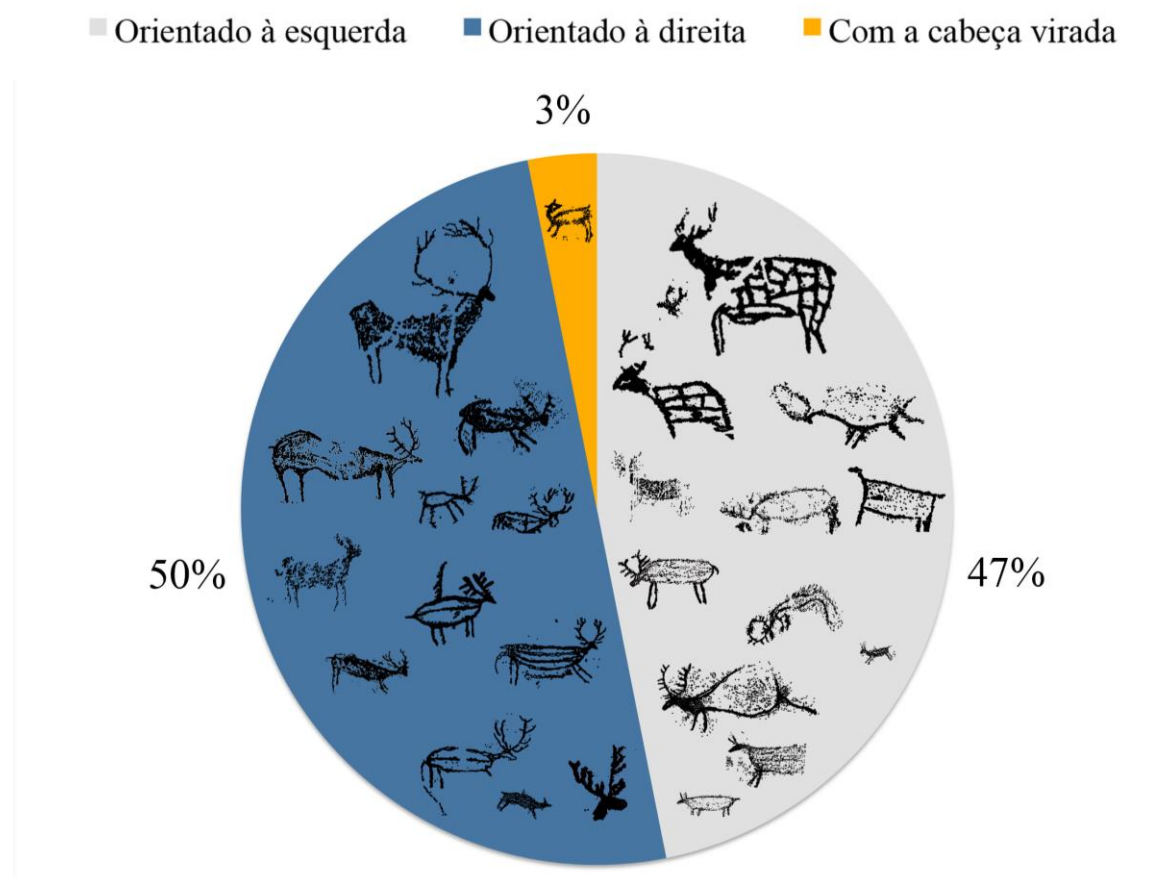


Gráfico 5: Análise da orientação das figuras de cervídeos no Complexo Rupestre do vale do Tejo.

No entanto, trabalhos mais complexos e aprofundados relativamente a este tipo de análise terá que ser agregado a estudos de localização geográfica dos próprios painéis no terreno, para que no futuro seja possível cruzar informação relativamente cada tipo de figura tendo em conta a sua tipologia, orientação, localização geográfica e cronologia. Só assim se compreenderá, por

exemplo, rochas com a 155 do Fratel, onde apesar da orientação básica dos cervídeos, um está representado de cabeça para baixo em relação a todos os outros. Uma compreensiva análise de localização e implantação de figuras tendo em conta o seu preciso local geográfico, poderá melhorar a noção de sítio de observação dos painéis.

CACHÃO DE SÃO SIMÃO	Orientado à esquerda	Orientado à direita	Com a cabeça virada	Total	
SS17 M738:1		1		1	12
SS44 M875:34	1			1	
SS81:5			1	1	
SS158:1	1			1	
SS158:12		1		1	
SS158:2		1		1	
SS168A:11		1		1	
SS194-195 M1217:2		1		1	
SS199-200-201-202 M1165:46		1		1	
SS199-200-201-202 M1165:10		1		1	
SS193:3	1			1	
SS208(1):1	1			1	
TOTAL	4	7	1	12	

Tabela 26: Orientação dos cervídeos de São Simão. Cervídeos pré-esquemáticos (a preto) e cervídeos esquemáticos (a vermelho).

ALAGADOURO	Orientado à esquerda	Orientado à direita	Com a cabeça virada	Total	
AL6 M1041:1	1			1	12
AL14 M1052:1	1			1	
AL36(2):1	1			1	
AL36A M1137:1	1			1	
AL36B M1134:3	1			1	
AL45 M1119:1		1		1	
AL60(1) M1099:3	1			1	
AL60(1) M1099:1	1			1	
AL64:26		1		1	
AL64:42		1		1	
AL64:20		1		1	
AL72:2	1			1	
TOTAL	8	4	0	12	

Tabela 27: Orientação dos cervídeos do Alagadouro. Cervídeos pré-esquemáticos (a preto) e cervídeos esquemáticos (a vermelho).

GARDETE	Orientado à esquerda	Orientado à direita	Com a cabeça virada	Total	
G22D M1605:1	1			1	2
G24:5	1			1	
TOTAL	2			2	

Tabela 28: Orientação dos cervídeos do Gardete. Cervídeos pré-esquemáticos (a preto) e cervídeos esquemáticos (a vermelho).

CACHÃO DO ALGARVE	Orientado à esquerda	Orientado à direita	Com a cabeça virada	Total
CAL3:1		1		1
CAL4 M521:1		1		1
CAL4 M521:2		1		1
CAL6B M725:8		1		1
CAL25:1		1		1
CAL54 M162:12		1		1
CAL56 M644:1		1		1
CAL56 M644:2		1		1
CAL57 M644:3		1		1
CAL59 M656:10		1		1
CAL60:1		1		1
CAL61 M312:2		1		1
CAL66 M660:15			1	1
CAL69A M693:10		1		1
TOTAL		13	1	14

Tabela 29: Orientação dos cervídeos do Cachão do Algarve. Cervídeos pré-esquemáticos (a preto) e cervídeos esquemáticos (a vermelho).

CHÃO DA VELHA	Orientado à esquerda	Orientado à direita	Com a cabeça virada	Total
CHVM3B:4	1			1
CHVM3C:3	1			1
CHVM3E:1	1			1
CHVM3E:2	1			1
CHVM3E:3	1			1
CHVM3E:4	1			1
CHVM3E:5		1		1
CHVM3E:6	1			1
CHVM6:4	1			1
CHVJ6:3		1		1
CHVJ7:1	1			1
CHVJ11:1	1			1
CHVJ13:1	1			1
TOTAL	11	2		13

Tabela 30: Orientação dos cervídeos do Chão da Velha. Cervídeos pré-esquemáticos (a preto) e cervídeos esquemáticos (a vermelho).

OCREZA	Orientado à esquerda	Orientado à direita	Com a cabeça virada	Total
OCR/PRC10:1		1		1
OCR13:1	1			1
OCR13:2	1			1
OCR13:3	0			0
OCR13:7	1			1
OCR13:8	1			1
OCR16:1		1		1
OCR16:2	1			1
TOTAL	5	2		7

Tabela 31: Orientação dos cervídeos do Ocreza. Cervídeos pré-esquemáticos (a preto) e cervídeos esquemáticos (a vermelho).

FRATEL	Orientado à esquerda	Orientado à direita	Com a cabeça virada	Total
F4(2):1	1			1
F8:14		1		1
F9C:5		1		1
F11B M332:6		1		1
F29(1):5			1	1
F45(3) M355:1	1			1
F46 M1526:6		1		1
F49:3		1		1
F49:5		1		1
F49:6	1			1
F49:7		1		1
F49:9		1		1
F49:10		1		1
F49:12		1		1
F49:13		1		1
F49:14	1			1
F49:14		1		1
F49:17	1			1
F49 M78:7		1		1
F51:1	1			1
F52(1):2		1		1
F94:6		1		1
F102 M13	1			1
F102 M712:4		1		1
F122(2):15		1		1
F140:1		1		1
F140:4	1			1
F155:2	1			1
F155:11	1			1
F155:12	1			1
F155:15	1			1
F155:17	1			1
F155:29		1		1
F155:41	1			1
F155:62	1			1
F155:82	1			1
F200 M646:6		1		1
TOTAL	16	20	1	37

Tabela 32: Orientação dos cervídeos do Fratel. Cervídeos pré-esquemáticos (a preto) e cervídeos esquemáticos (a vermelho).

7.4.2.3. PREENCHIMENTO INTERNO

O modo como os cervídeos apresentam o seu interior decorado, acreditamos estar relacionado com a cronologias em que estes se inserem, hipótese exposta no ponto 6.1.2. deste volume. As decorações mais complexas, estão normalmente associadas às figuras de maior tamanho, em painéis bastante complexos e as figuras de cervídeos apresentam-se, por norma, na base da estratigrafia figurativa. Assim, nos cervídeos pré-esquemáticos, o preenchimento interno é

muito variado, identificando-se pelo menos 5 diferentes tipos diferentes de preenchimento corporal dos cervídeos:

- Reticulado: apresentam-se apenas na rocha F155 e surgem em 3 cervídeos e um cavalo, todos machos. Trata-se de uma segmentação do interior corporal em várias partes de diferentes tamanhos. Acreditamos serem estes as figuras mais antigas de todo o complexo, e estão na base da estratigrafia da rocha F155. Este preenchimento interno está associado a animais de grandes dimensões e profundamente gravados (Figura 169).

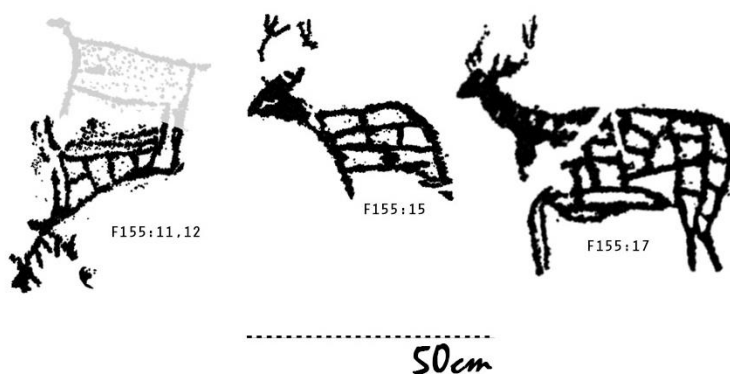


Figura 169: Representação de cervídeo com o reticulado como preenchimento interno.

- Preenchimento completo com linha transversal: este tipo de preenchimento surge, por exemplo, nos cervídeos CAL59 M656:10, CAL54 M162:12, CAL60:1, F45(3) M1355:1, F49(1)C:2 e AL64:20. Associado a animais pré-esquemáticos e também, acreditamos, dos mais antigos do complexo rupestre, caracteriza-se pelo total ou quase total preenchimento de um dorso comprido mas com uma linha transversal no dorso que é gravada desde a zona da cauda até ao focinho ou peito. Nestes animais, as características morfológicas são bem definidas, como a linha cérvico-dorsal cujo bom exemplar é o cervídeo CAL59:10 e o CAL54 M162:12 (Figura 170).

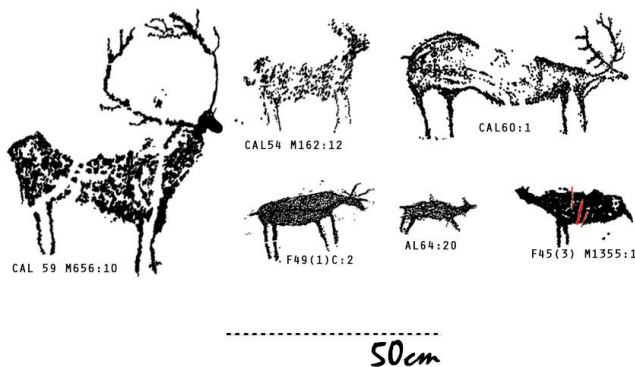


Figura 170: Representação de cervídeos com preenchimento completo com linha transversal.

- Preenchimento parcial com linha transversal: associado a cervídeos com o corpo morfologicamente mais rectangulares, trata-se de um preenchimento parcial, onde a maioria dos cervídeos evidencia com clareza a linha transversal no dorso que é gravada desde a zona da cauda até ao focinho ou peito. São exemplo disso os cervídeos F155:2, F8:14, F155:41, SS158:1, F155:82, F155:62, F155:11, CAL25:1, e AL60¹ M1099:1;3 (Figura 171).

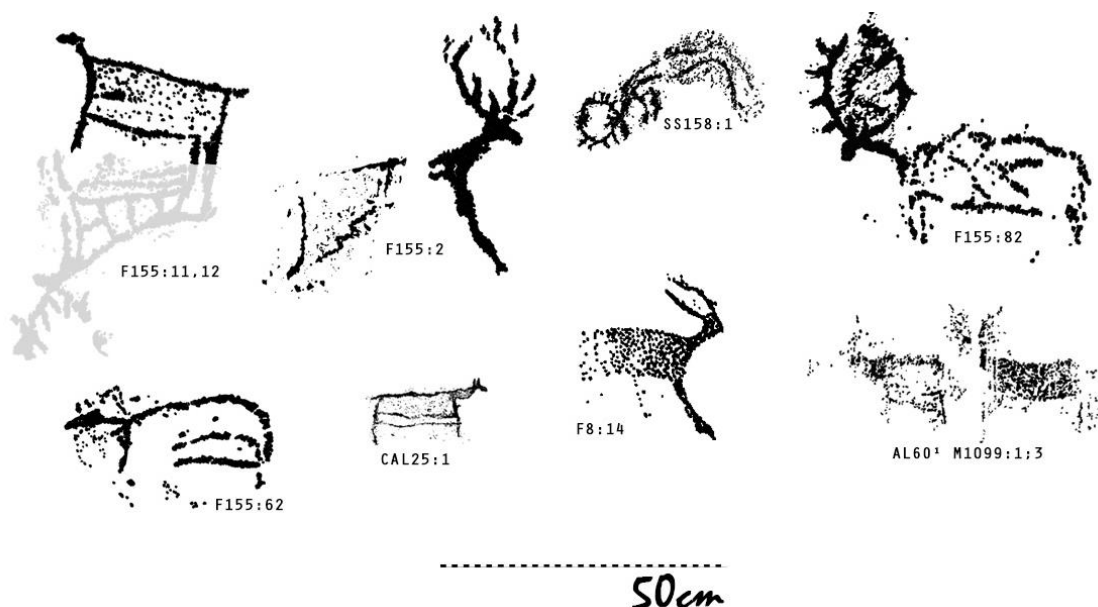


Figura 171: Representação de cervídeos com preenchimento parcial com linha transversal.

- Preenchimento apenas com linhas transversais: associado a cervídeos pré-esquemáticos cuja morfologia do dorso é ovalada e o preenchimento interno é exclusivamente realizada através da gravação de duas ou mais linhas transversais. Estas iniciam-se na zona da cauda e são gravadas até à zona do pescoço ou peito. São exemplos deste tipo de preenchimento os cervídeos F49:5, F49:13, F49:15, F51 M76:1, F101 M1578:1, F49 M78:7 e F52(1) M1365:2 (Figura 172).
- Preenchimento apenas com uma linha transversal: associado a cervídeos pré-esquemáticos mas de cronologia provavelmente diferente, devido à diferente morfologia das hastes. Tratam-se de cervídeos de médias dimensões cujo interior do dorso está preenchido apenas com a representação de uma linha transversal que segue desde a cauda até ao peito do animal. São exemplo deste tipo de preenchimento os cervídeos F49:9, F49:12, CAL56:1, OCR/PRC10, CHVJ11:1 e ainda que com algum preenchimento interno em relação aos outros, o cervídeo CAL61 M312:2 (Figura 173).

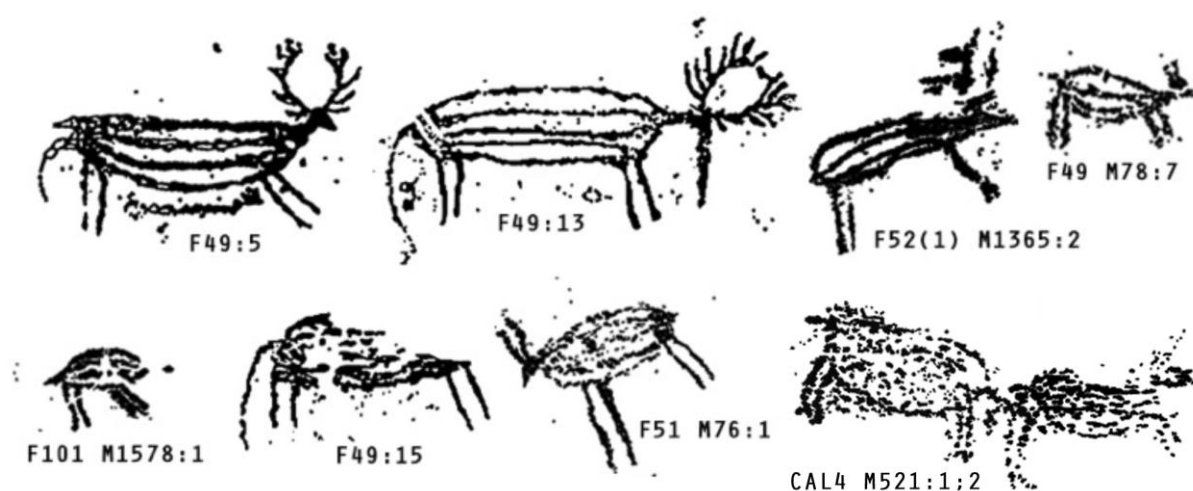


Figura 172: Representação de cervídeos com preenchimento apenas com linhas transversais.

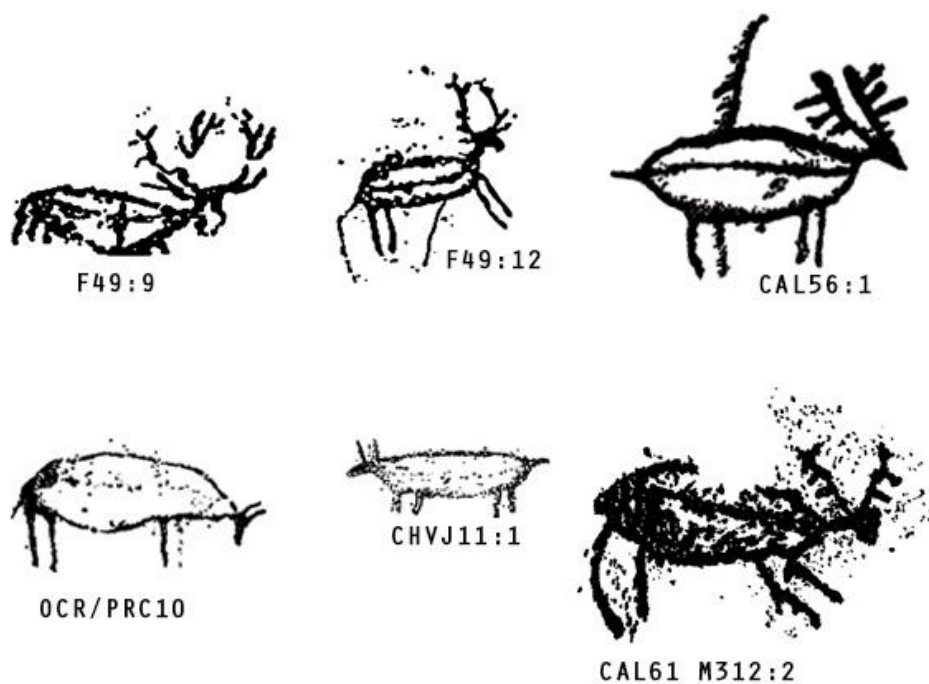


Figura 173: Representação de cervídeos com preenchimento apenas uma linha transversal.

- Sem preenchimento: associado a cervídeos pré-esquemáticos cuja morfologia é caracterizada pela gravação apenas do contorno do dorso, sem qualquer tipo de preenchimento. Os animais são de dimensões variadas e são exemplo os cervídeos OCR13:1, OCR13:7, OCR13:2, G22D M1605:1, G24MVG:5, CAL56:2, OCR13:8, SS81 M858:5, F140:1, SS44 M875:34, CHVM3E:4, CHVM6:4, CAL6B M725:8, OCR16:1&2, AL60¹ M1099:1, AL45 M1119:1 e F49:17 (Figura 174).

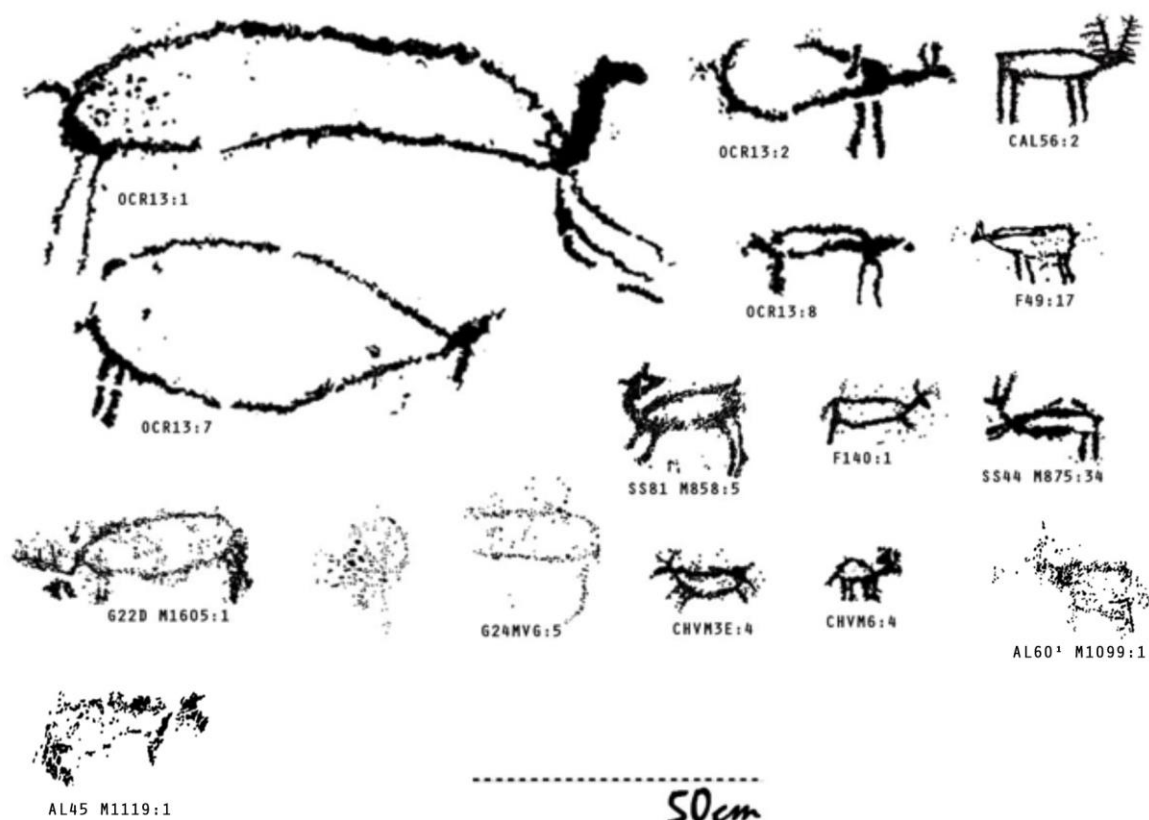


Figura 174: Representação de cervídeos sem preenchimento.

- Parcialmente preenchidos: associado a cervídeos pré-esquemáticos com uma morfologia arredonda e de médias dimensões. Os cervídeos encontram-se parcialmente preenchidos no seu interior. São exemplo os cervídeos AL14 M1052:1 e SS208(1):1 (Figura 175).
- Maioritariamente preenchidos: associado a cervídeos pré-esquemáticos com uma representação bastante dinâmica, onde o movimento é frequente. São cervídeos de pequenas dimensões com um preenchimento quase completo, e, por vezes, a representação da linha transversal que segue desde a cauda até ao peito ou pescoço do animal. São exemplos deste tipo de preenchimento os cervídeos CHVJ7, CHVJ13, CAL4 M521:1&2, SS158:2, CHVJ6:3,

CHVM3B:4, CHVM3C:3, CHVM3E:1, CHVM3E:2, CHVJ13:1, F49:6, F122(2) M362:15, CAL69A M693:10, F49:14 e CHVM3E:3 (Figura 178).



50cm

Figura 175: Representação de cervídeos parcialmente preenchidos.

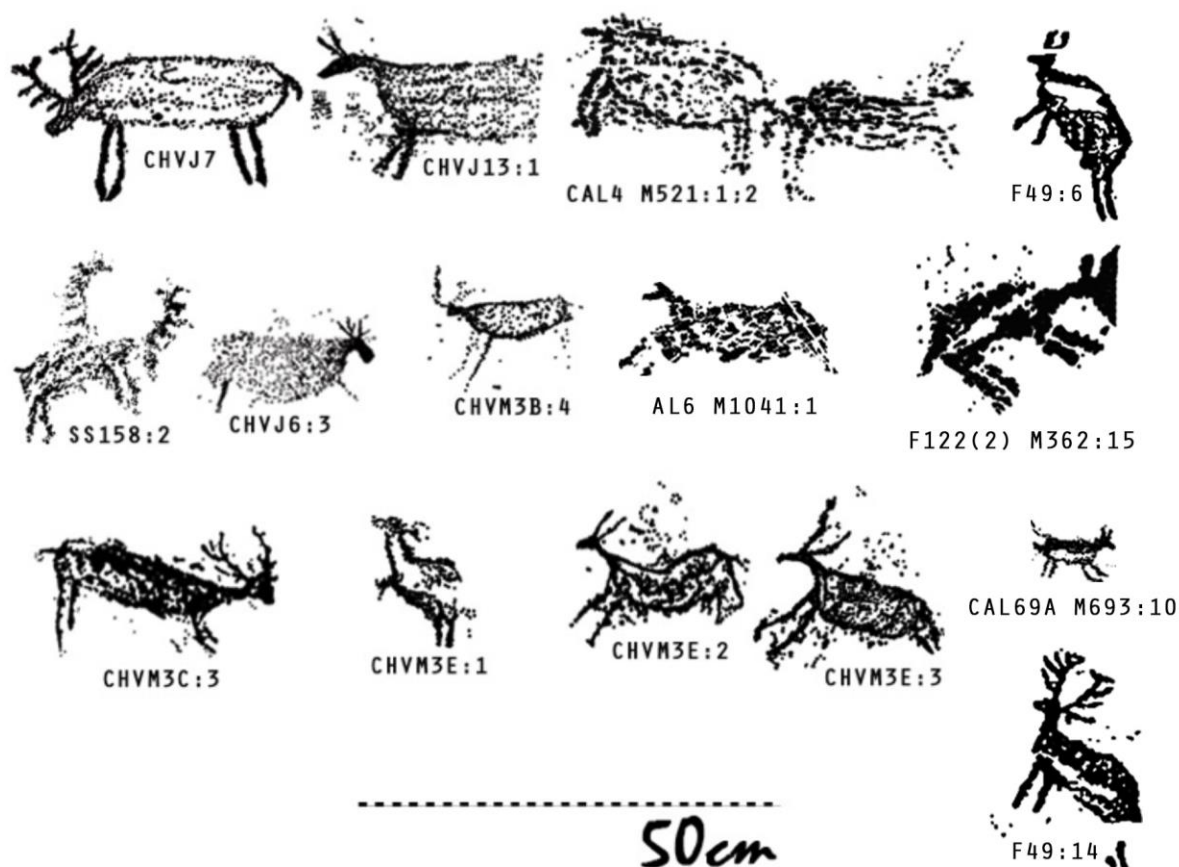


Figura 176: Representação de cervídeos maioritariamente preenchidos.

- Totalmente preenchidos: associado, maioritariamente, a cervídeos da fase da transição para o esquematismo e cervídeos esquemáticos. Os cervídeos de transição são de pequenas dimensões, totalmente preenchidos e, no caso dos machos, as hastes apresentam-se espalmadas e de perfil. Ainda apresentam um pouco de dinamismo e movimento. São exemplos deste tipo de preenchimento os cervídeos: F29(1):5, F140:4, SS193:3, SS199-200-201-202:46, CAL3:1, F102 M712:4, AL36(2):1 e SS194-195 M1217:2. A exceção ocorre na fêmea de cervídeo de grandes dimensões CAL66 M660:12, que é o único cervídeo de grandes dimensões totalmente preenchido. Os cervídeos esquemáticos apresentam já uma tendência estática e é raro o não preenchimento total da sua área de dorso (Figura 177).

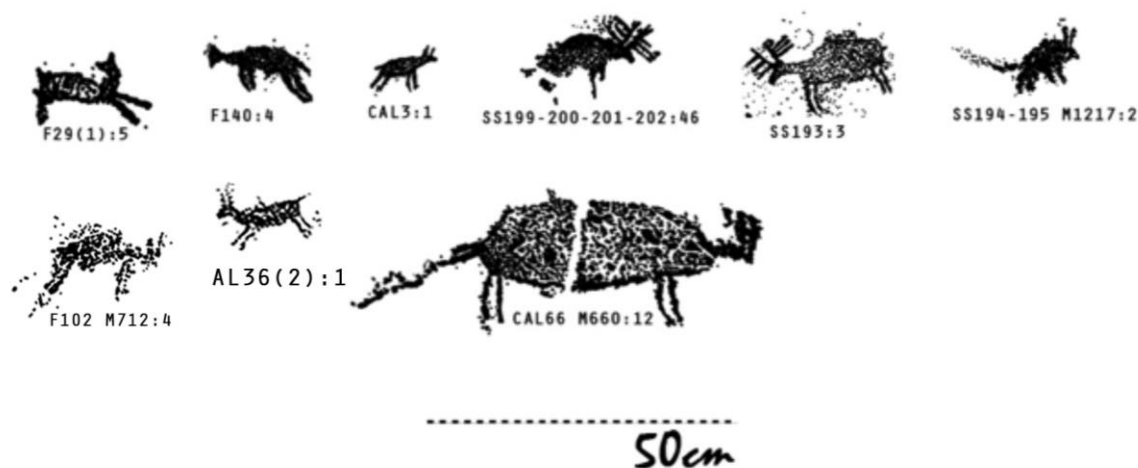


Figura 177: Representação de cervídeos totalmente preenchidos.

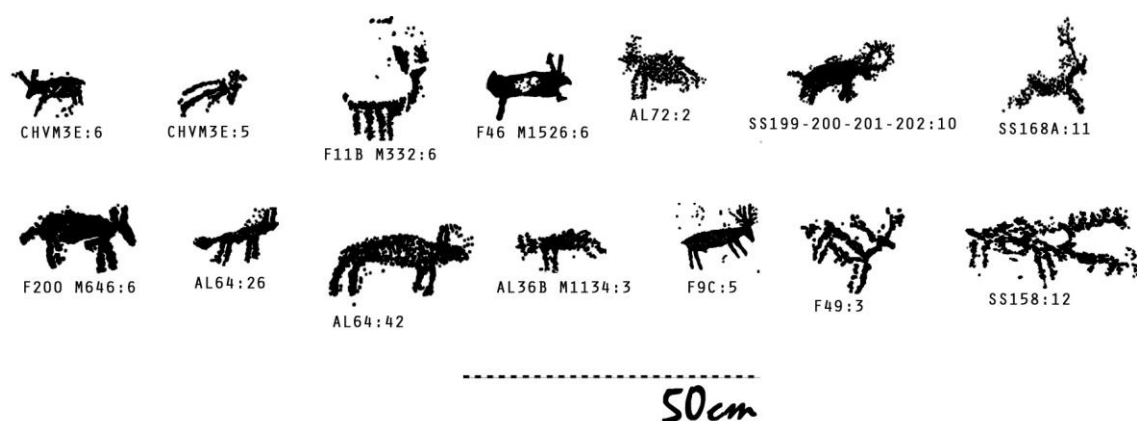


Figura 178: Representação de cervídeos esquemáticos totalmente preenchidos.

7.4.2.4. EVOLUÇÃO ESTILÍSTICA DAS HASTES

As hastes são formações de natureza óssea ao nível do crânio, que todos os anos caem após a época de reprodução e se tornam a desenvolver logo de seguida. As hastes fazem parte da estratégia de sobrevivência que os cervídeos adoptaram em regiões temperadas e subpolares para assegurar que os machos adultos estejam armados para competição com outros machos durante um cuidadosamente sincronizado período de reprodução. Este período de reprodução é vital para assegurar que as crias nasçam precisamente no tempo correto para beneficiar da rica vegetação primaveril (Fletcher, 2014). O crescimento das hastes é determinado por processos de natureza hormonal. Com a excepção da rena, cuja fêmea possui hastes, apenas os machos dos cervídeos apresentam aquele tipo de formações ósseas. As hastes, enquanto crescem, encontram-se cobertas por uma epiderme denominada por veludo extremamente rica em vasos sanguíneos que protege e irriga a haste em desenvolvimento. Quando a haste atinge o tamanho final para esse ano, a rede de vasos sanguíneos seca, o veludo cai, e a parte óssea fica exposta. Após a época de reprodução, as hastes caem mas passadas algumas semanas inicia-se um novo ciclo de crescimento anual com o desenvolvimento de novas hastes (Figura 179 e Figura 180). Geralmente, em cada ano, as hastes aumentam de tamanho e o número de ramificações, existindo assim uma relação entre a idade do macho e o tamanho das hastes. No entanto, factores externos podem influenciar o crescimento das hastes, como a qualidade da alimentação que, mais do que a idade do indivíduo, é um dos mais fortes condicionantes para o tamanho das hastes. Factores genéticos também poderão estar envolvidos neste processo. As hastes são utilizadas durante as lutas entre machos na altura da reprodução (que acontece entre finais de Setembro e Outubro). Devido à sua morfologia, têm tendência para se entrelaçarem durante as lutas, e funcionam como “medidores de força” entre os machos, e não propriamente como instrumentos para ferir ou matar o adversário. O tamanho e a complexidade das hastes está também relacionado com a organização social dos cervídeos na altura da reprodução. Espécies como o veado, com tendência para possuir hastes maiores e mais ramificadas, apresentam um quadro social de poligamia, ou seja, formas de reprodução em que cada macho cópula com várias fêmeas. Cervídeos como o corço, com hastes mais pequenas e pouco ramificadas têm tendência para sistemas de reprodução monogâmicos. Também dentro de cada espécie, o tamanho das hastes está directamente relacionado como o tamanho corporal, por isso, machos com grandes hastes que se apresente muito ramificadas são mais corpulentos e dominantes. Nestes casos a diferença entre o tamanho corporal do macho em relação à fêmea (dimorfismo sexual) aumenta (Bugalho, 2000).

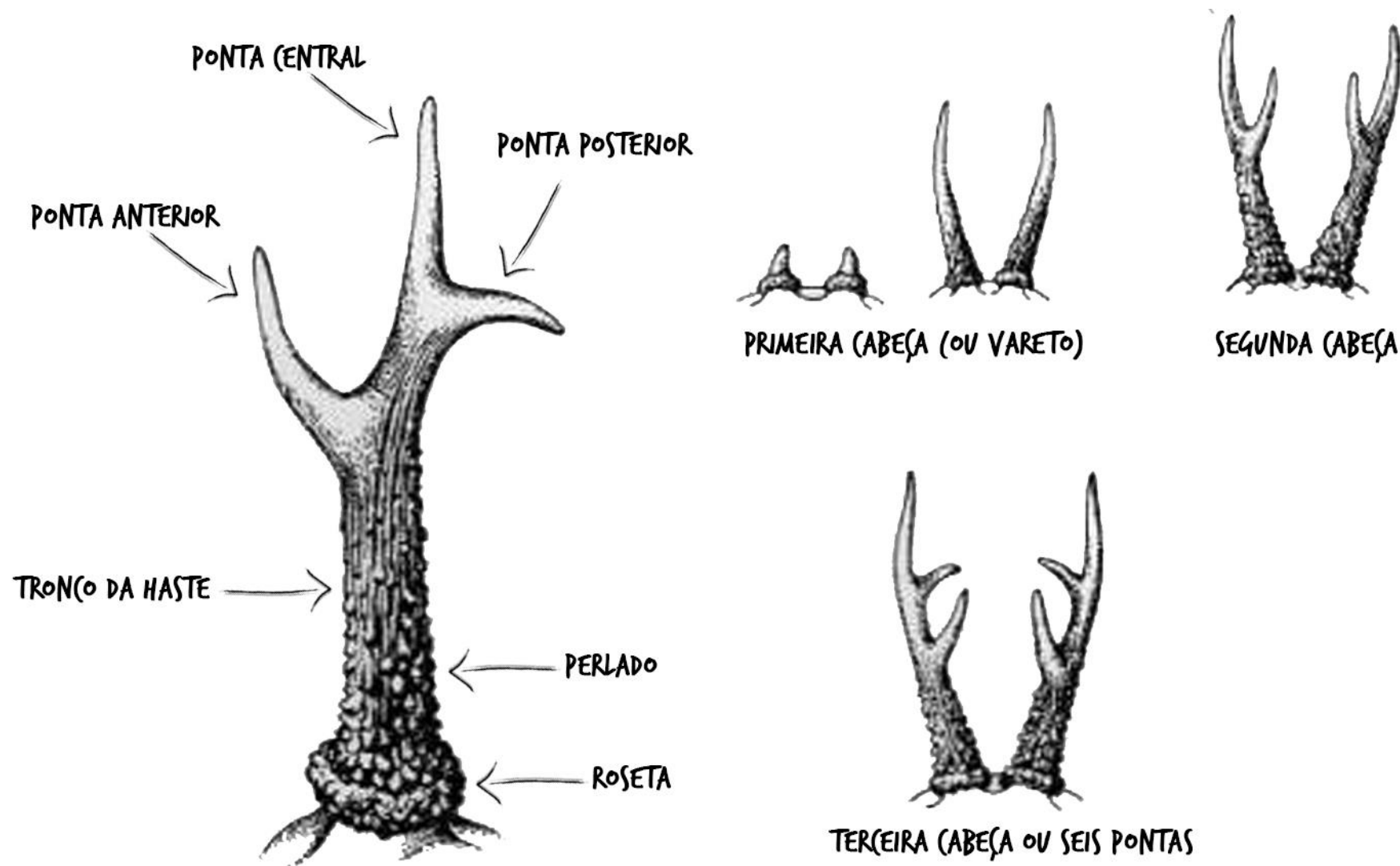


Figura 179: Ilustração da morfologia das hastes do corço (adaptado de www.apaginadomonteiro.net).

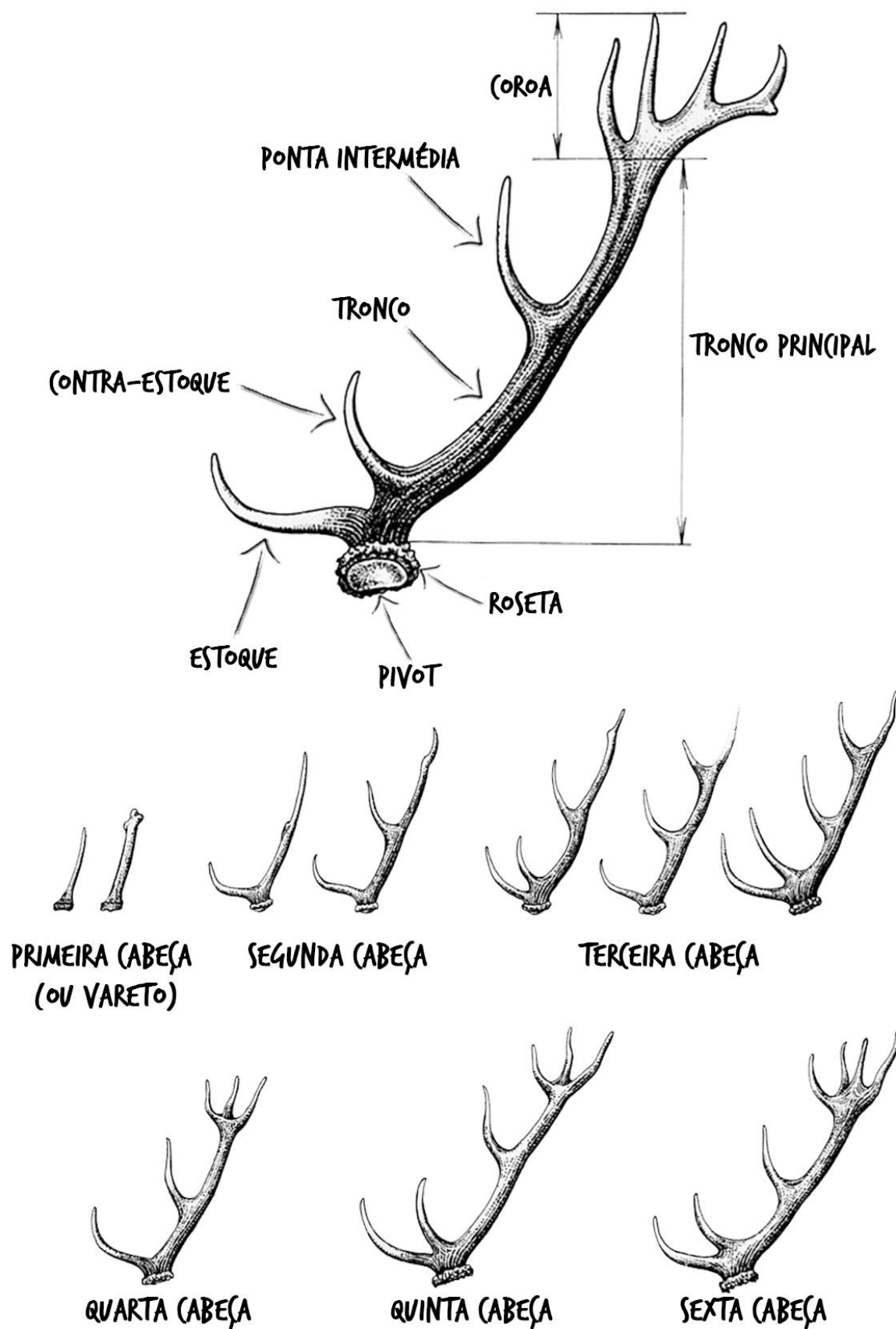


Figura 180: Ilustração da morfologia das hastes do veado (adaptado de www.apaginadomonteiro.net).

No Complexo Rupestre do Vale do Tejo, ocorrem 67 figuras de cervídeos machos com representação de hastes mais ou menos ramificadas. Destas 67 figuras de cervídeos, 50 são de veados machos pré-esquemáticos, 7 corços pré-esquemáticos, 8 veados machos esquemáticos e 2 corços esquemáticos. Pela reduzida dimensão das hastes do corço, é de ressaltar a dificuldade que é interpretar uma figura zoomórfica como sendo esta espécie. No entanto, reconhecemos na figura AL36(2):1 o melhor exemplar desta espécie de todo o CARVT.

No quadro da compreensão da evolução das figuras consideradas pré-esquemáticas (ponto 6.1.2. e 6.1.3. deste volume) durante, provavelmente, alguns milhares de anos (difíceis de especificar) o cervídeo, sendo o animal mais representado em todo o vale do Tejo, e detendo um óbvio papel importante neste complexo rupestre, pode ser utilizado como instrumento de análise da evolução das próprias representações, aliando-se a critérios como o tamanho das figuras e a evolução da sua morfologia dentro do panorama da análise das sobreposições registadas. Ou seja, de todos os critérios que temos em conta para compreender a evolução da morfologia das representações de animais desde a representação mais antiga até às representações esquemáticas, as hastes dos cervídeos tornaram-se num instrumento importante neste panorama, já que se multiplicam, em si mesmas, em diversos modos de representação. A proposta de evolução das hastes dos cervídeos pré-esquemáticos aqui apresentada (Figura 181) não pode ser compreendida como uma evolução linear. Existem vários cervídeos com morfologia corporal e preenchimento interno semelhantes cujas hastes são representadas de modo diferente (caso dos cervídeos F155:12 e F155:17 por exemplo). Há que compreender, todavia, a evolução generalizada da representação das hastes. Estas, associadas aos animais pré-esquemáticos considerados em cronologias mais antigas, apresentam um aspecto mais subnaturalista, em perspectiva (como os cervídeos das rochas F155, CAL59, CAL54, CAL60) por exemplo, seguindo depois uma tendência para a representação das hastes mais ovaladas/circulares (cervídeos das rochas F49, F4(2) ou AL14) até à representação cada vez mais em perfil absoluto e em V (cujos bons exemplos são as hastes dos cervídeos CAL61 M312:2, CAL56:1 ou CHVJ7) até ao perfil absoluto, espalmadas e rectas das hastes dos cervídeos considerados já da fase da transição para o esquematismo (como os cervídeos SS199-200-201-202:46 ou SS193:3). Os cervídeos esquemáticos cujas hastes são passíveis de análise, regista-se uma tendência para a representação em V absoluto associadas a cervídeos como morfologia é estática, ou em perfil, com grande falta de detalhes anatómicos. O cervídeo mais esquemático do CARVT poderá ser o F11B M332:6 cujo dorso é representado apenas através da gravação de uma linha recta (Figura 182).

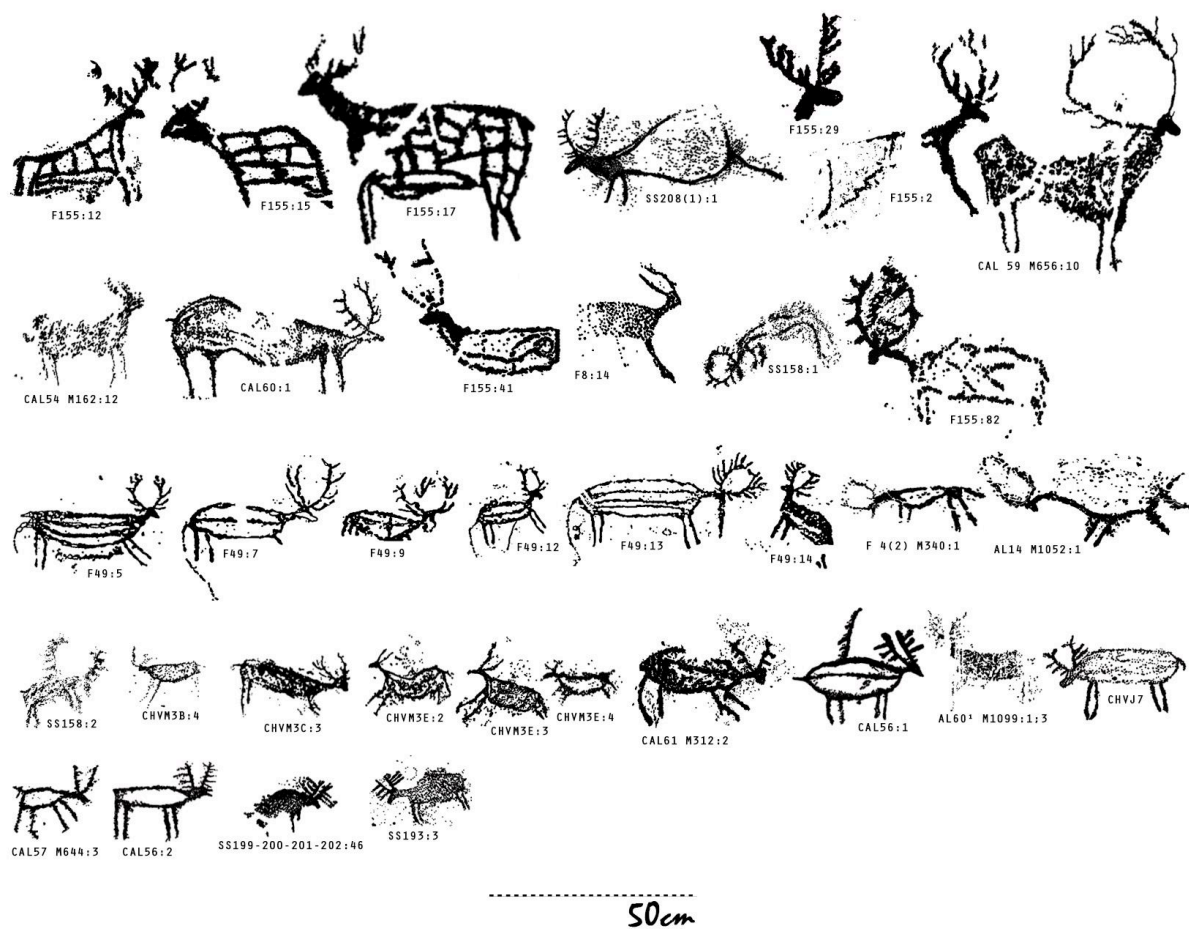


Figura 181: Possível evolução da representação das hastes dos cervídeos pré-esquemáticos.

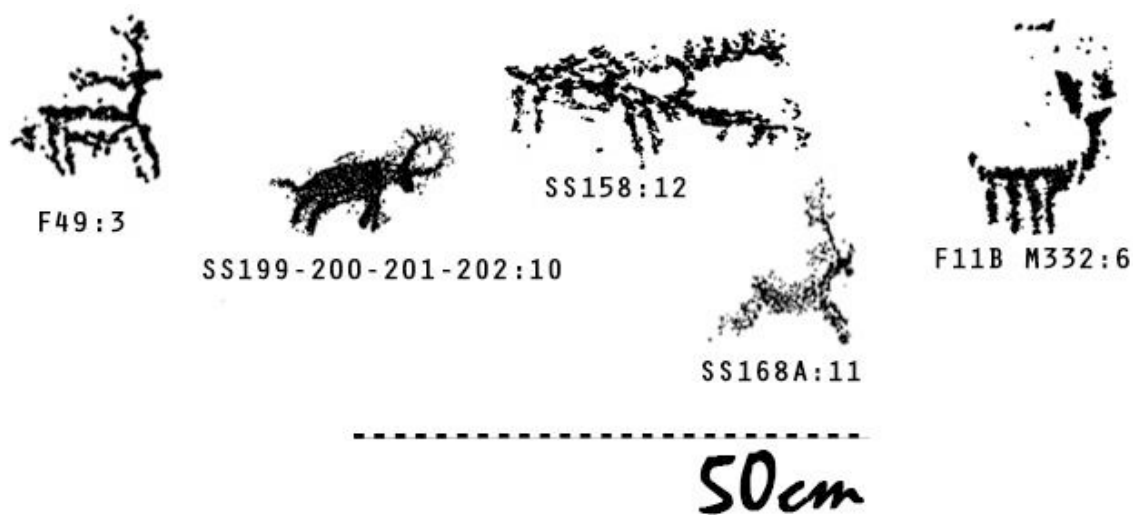


Figura 182: Representação das hastes dos cervídeos esquemáticos.

7.4.3. CONTEXTOS FIGURATIVOS DOS CERVÍDEOS DO CARVT.

7.4.3.1. CENAS DE CAÇA (?). O REAL E O SIMBÓLICO.

No vale do Tejo, as cenas de caça podem ser compreendidas de duas maneiras: através da representação real de lanças no dorso de cervídeos, e através do simbolismo que a cena da rocha SS158 consiste. Dos 4 animais representados com lanças espetadas no dorso em todo o Complexo Rupestre do Tejo, 3 identificam-se como cervídeos: 2 machos (CAL56:1 e F49:12) e uma fêmea (F45(3) M1355:1). O quarto zoomorfo representado com uma lança, não é possível identificar a sua espécie. No entanto, é de ressaltar a óbvia ausência: a da figura humana. Estes animais estão a ser, ou foram “caçados”, como é evidente através das lanças espetadas no dorso (no caso da fêmea F45(3) M1355:1 são três!). Esta ausência, estimamo-la significativa por razões que só interpretámos de forma imprecisa. No entanto, é uma ausência não-total. As lanças espetadas nos animais acabam por personificar o ser-humano, que não está na cena presencialmente mas simbolicamente representado através do objecto que fez e usou para caçar o animal. Inconscientemente, ou não, o ser humano está aqui representado, juntamente com os cervídeos (Figura 184).

Na rocha SS158 essa ausência é colmatada pela representação de uma figura humana a carregar um cervídeo morto aos ombros. O realismo é tal, que a própria morfologia corporal do cervídeo apresenta as características de um animal inanimado: cabeça e membros superiores e inferiores pendentes. Esta “cena” não pode ser compreendida apenas através da representação do cervídeo ou do antropomorfo, mas sim como um todo. Esta é uma cena carregada de simbolismo, tendo em conta que um veado, macho e adulto facilmente apresenta um peso bruto médio de 150kg. Esta representação, considerada neste trabalho como uma temática de caça, representa, simbolicamente, o triunfo sobre o cervídeo., representativa de uma relação simbiótica entre duas espécies diferentes (Figura 183).

Esta representação, encontra paralelos em algumas cenas documentadas na arte rupestre do Parque Nacional da Serra da Capivara (Piauí, Brasil), nomeadamente, na Toca do Pinga do Boi (figuras S54Z115, S54Z114 e S54Z119b) (Ignácio, 2009) (Figura 185). A diferença reside no facto das figuras de cervídeo da Toca do Pinga do Boi se encontrarem vivas, ao contrário do cervídeo da rocha SS158, mostrando de igual modo, um carácter simbólico. Alguns autores, creem ser estas figuras representações de intenção de capturar cervídeos vivos, ou caçá-los através de instrumentos que não ferissem o animal. Esta intenção de captura poderia estar relacionada com rituais cerimoniais (Utrilla & Martínez-Bea, 2006).



Figura 183: Detalhe da rocha 158 de São Simão. Antropomorfo com cervídeo morto.



Figura 184: Representação dos cervídeos com lanças espetadas no dorso.

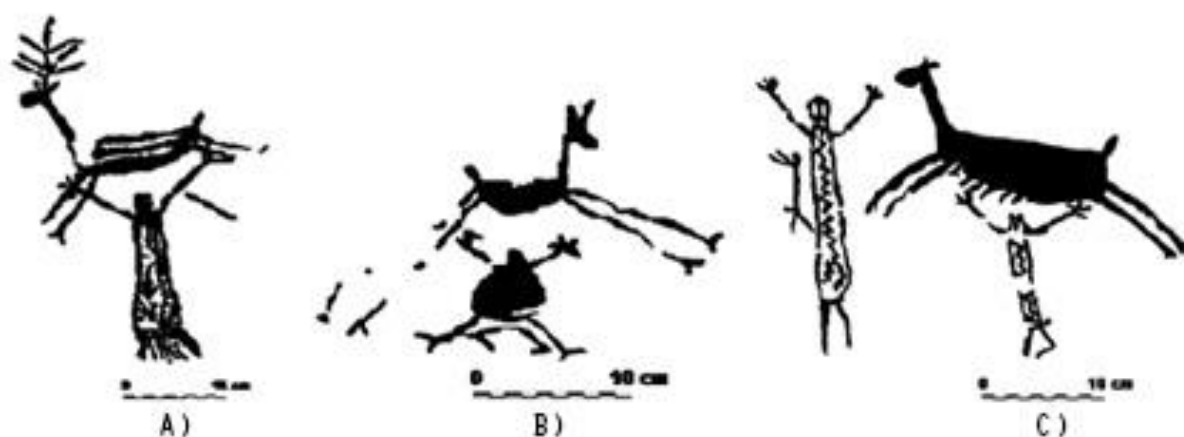


Figura 185: Representações das figuras com cervídeos da Toca do Pinga do Boi: A) Figura S54Z115; B) figura S54Z114 e C) figura S54Z119B (Ignácio, 2009).

7.4.3.2. O FACTOR GREGRÁRIO

O cervídeo é um animal predominantemente gregário, no entanto, tal gregarismo está condicionado ao sexo. Por um lado, reúnem-se as fêmeas com as crias e, por outro lado, reúnem-se os machos, a partir dos 3 anos de idade. Os dois grupos vivem separados a maior parte do ano e de maneira distinta. Apenas se juntam na época da reprodução. Representações de ações gregárias entre os cervídeos ocorrem no sítio do Fratel, Chão da Velha e Ocreza. No Fratel, a rocha 49 apresenta, nos dois primeiros momentos de gravação, um conjunto de 10 cervídeos (alguns sobrepondo outros) (Figura 188); no Chão da Velha, na rocha CHV3E surge pelo menos um conjunto de 5 cervídeos em associação (Figura 187), e no Ocreza, na rocha 13

surge um conjunto de 4 fêmeas de cervídeo que parecem representar um pequeno harém, duas fêmeas adultas acompanhadas por duas crias (Figura 186).

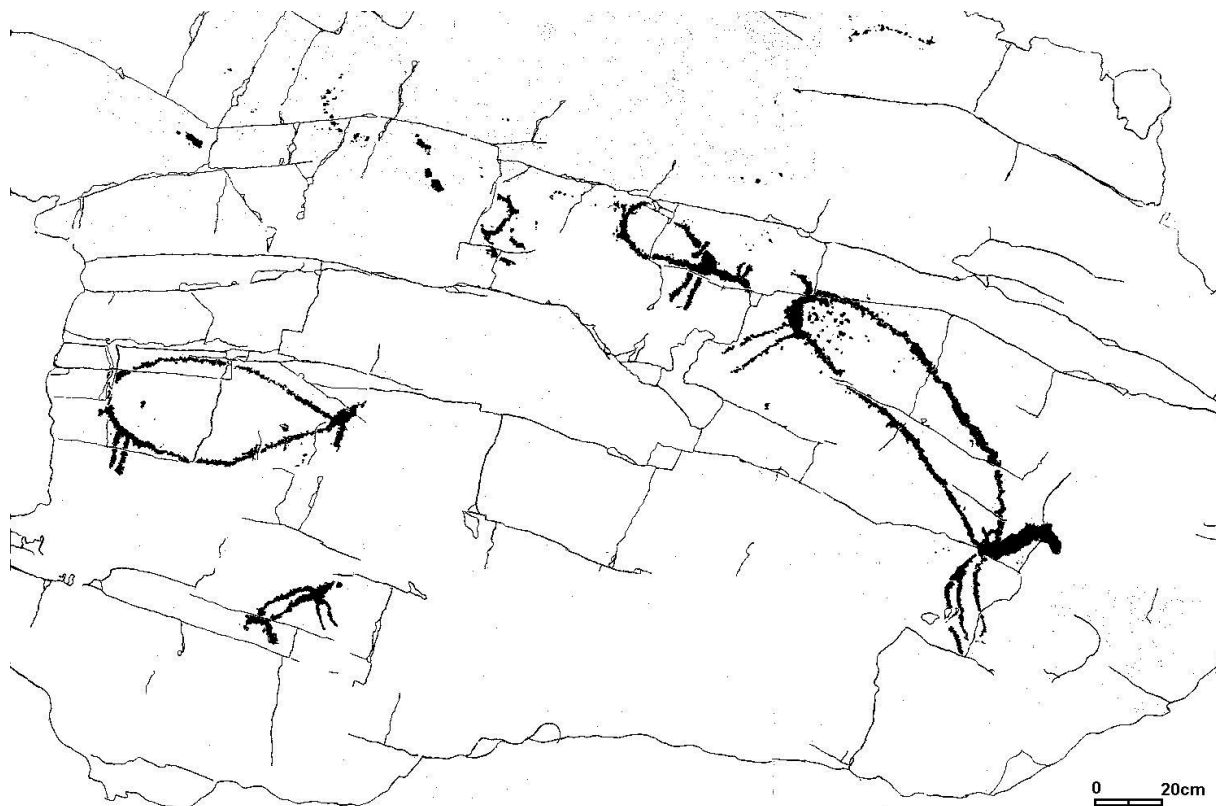


Figura 186: Representação da rocha 13 do Ocreza.



Figura 187: Representação da 3E do Chão da Velha.

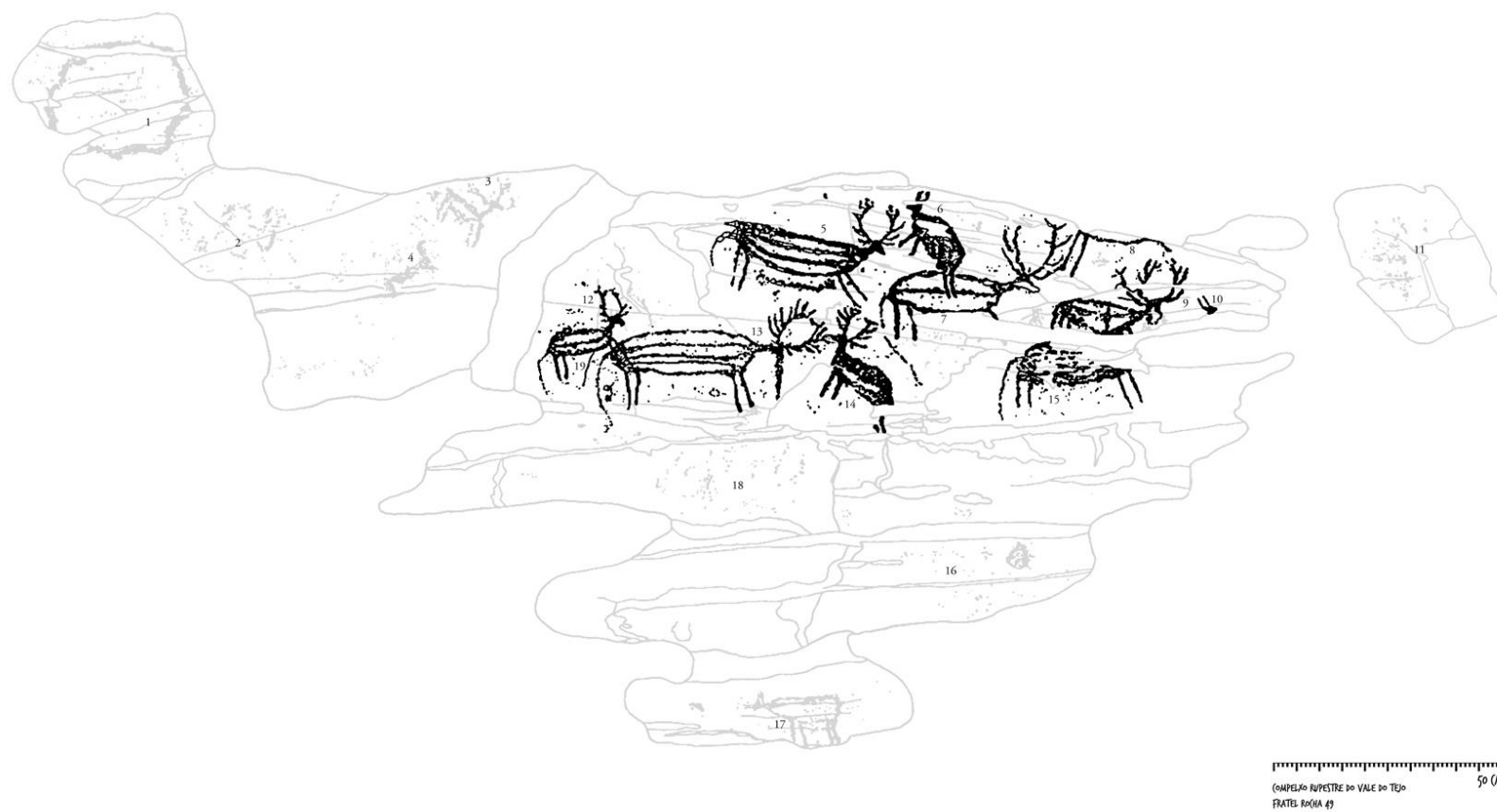


Figura 188: Representação do conjunto de cervídeos do primeiro e segundo momento de gravação da rocha 49 de Fratel.

7.4.3.3. O ISOLAMENTO

Entre as 96 figuras de cervídeos do Complexo Rupestre do vale do Tejo, encontram-se 11 figuras de cervídeos representados em total isolamento, sem qualquer tipo de associação ou sobreposições em relação a outras figuras. São disso exemplo os cervídeos AL36(2):1, AL36A M1137:1, AL45 M1119:1, AL72:2, CAL60:1, CHVJ7:1, CHVJ11:1, CHVJ13:1, F51 M76:1, OCR10:1 e SS17 M738:1 (Figura 189 e Figura 190).

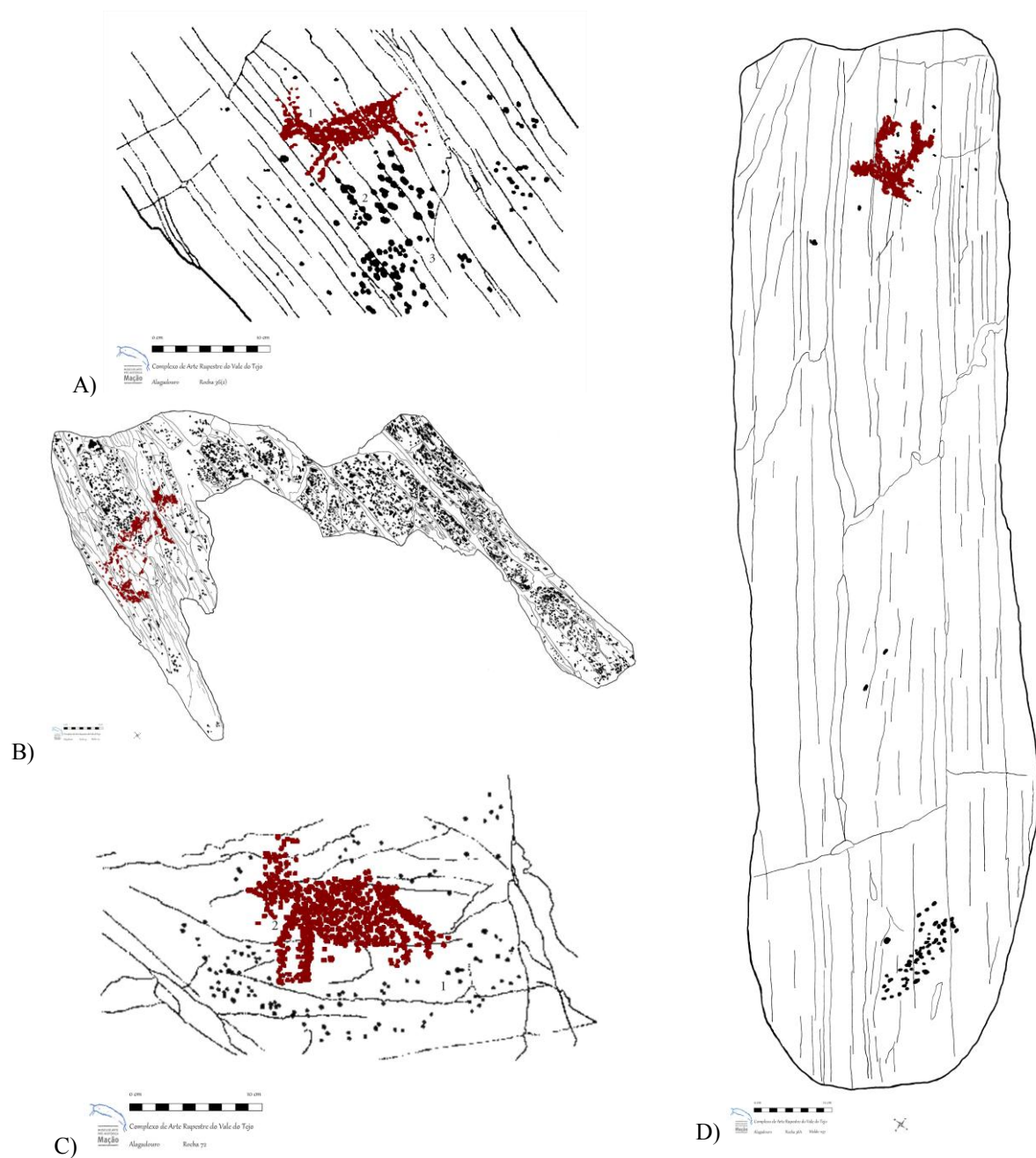


Figura 189: Representação de cervídeos gravados isolados: A) AL36(2):1; B) AL45 M1119; C) AL72:2 e D) AL36A M1137:1.

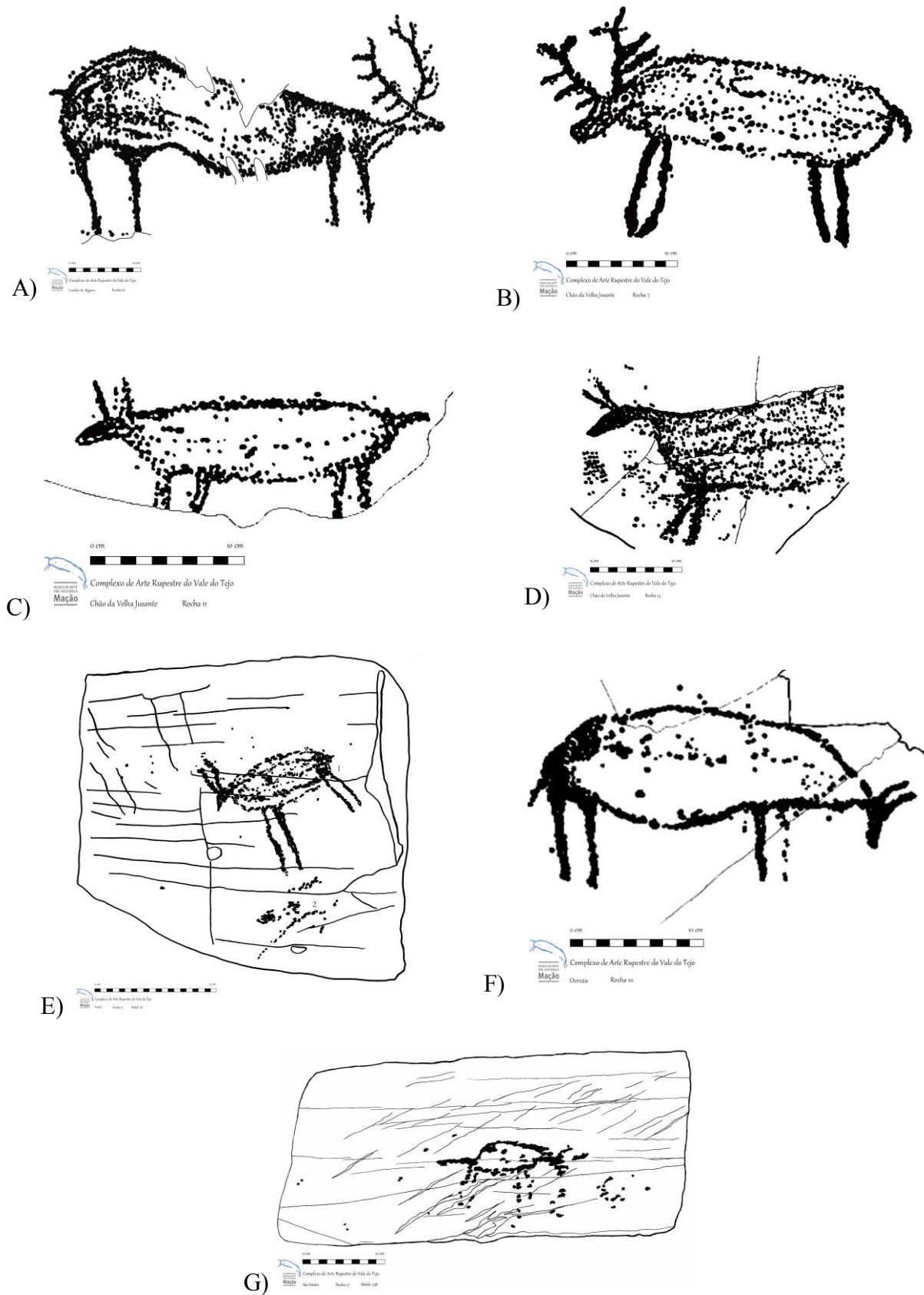


Figura 190: Representação de cervídeos gravados isolados: A) CAL60:1, B) CHVJ7:1, C) CHVJ11:1, D) CHVJ13:1, E) F51 M76:1, F) OCR10:1 e G) SS17 M738:1.

7.4.3.4. A ADIÇÃO DE OUTROS ELEMENTOS

Comparativamente ao ponto anterior, regista-se um conjunto de cervídeos que parecem ter sido gravados como representações isoladas nas rochas e, mais tarde, foram associados a figuras esquemáticas ou sobrepostas por estas. São exemplo desta situação os cervídeos AL6 M1041:1, o AL14 M1052:1, AL60¹ M1099, AL64:20, CAL6B M725, CAL15:1, CAL54 M162:12, CAL56:1, CAL59:10, CAL61:2, CAL66 M660:15, CHVJ6:3, F 4(2) M340:1, F8:14, F 45(3) M1355:1, F52(1) M1365:2, F102 M712:4, F122(2) M362:15, F140:1, G22D:1, G24:5, SS44 M875:34, SS81 M858:5, SS193:3 e o cervídeo SS208(1):1 (Figura 191).

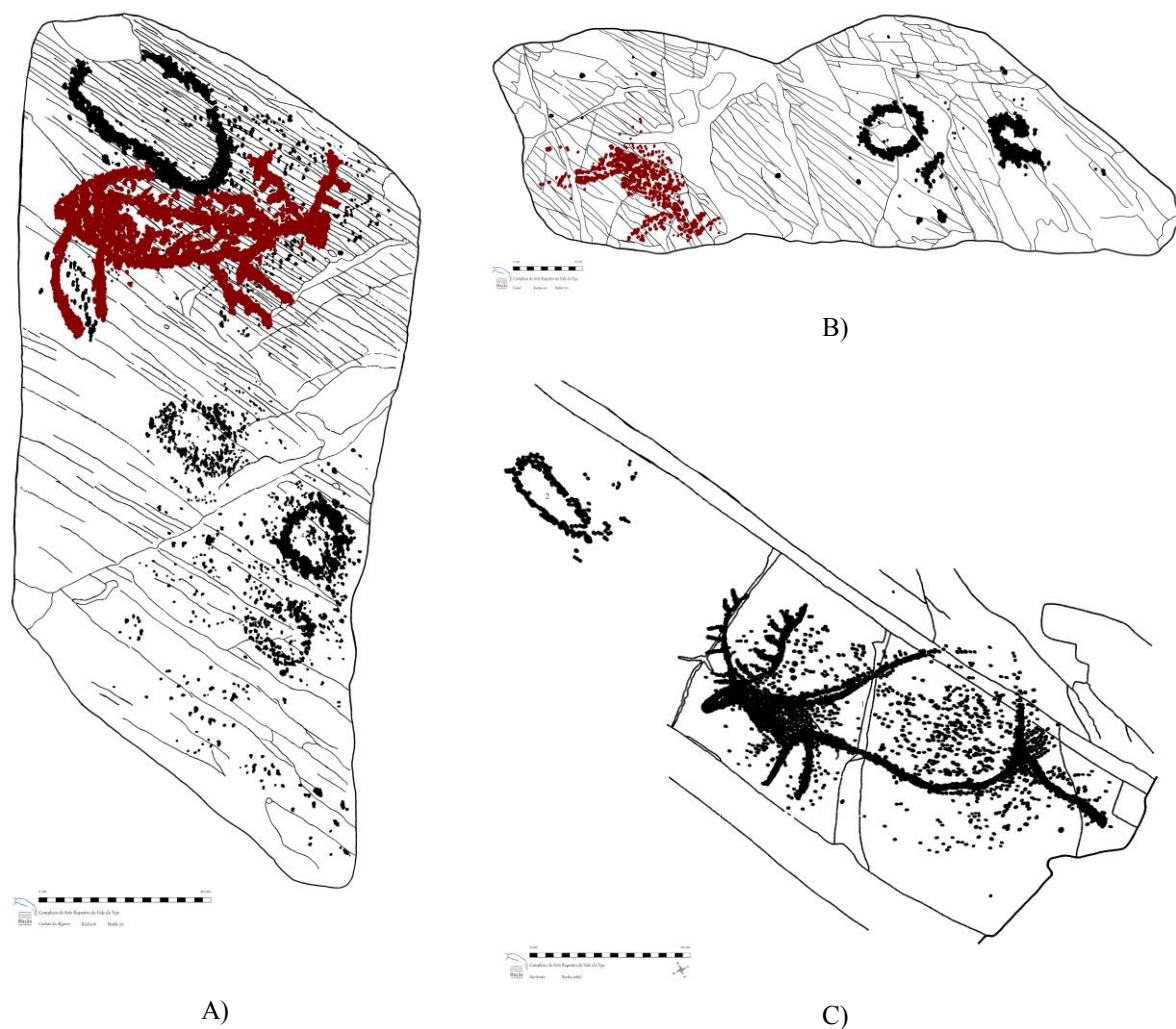


Figura 191: Exemplo de representação de cervídeos associados a figuras esquemáticas por associação ou sobreposição: A) CAL61:2; B) F102 M712:4; C) SS208(1):1.

7.4.3.5. REPRESENTAÇÃO DE MOVIMENTO

A representação de movimento é uma das características que mais ocorre nos cervídeos pré-esquemáticos do vale do Tejo. Muitas das cenas de cervídeos (principalmente fêmeas) apresenta algum tipo de movimento como a representação de corrida, viragem da cabeça ou ainda representações de fêmeas a . É um critério importante na caracterização dos animais de cronologias pré-esquemáticas, já que nas cronologias precedentes as representações perdem dinamismo e tornam-se mais estáticas, padronizadas (ainda que possa surgir, como a figura SS169A M951:11). A noção de movimento ocorre em 16 representações de cervídeos. São disso exemplo as figuras AL6 M1041:1, AL14 M1052:1, AL 36(2):1, AL64:20, CHVM3C:3, CHVM3E:2, CHVM3E:3, CHVM3E:4, F8:14, F29(1) M1388:5, F49:5, F140:1, OCR13:1, SS44:34, SS81:5 e SS158:2 (Figura 192).

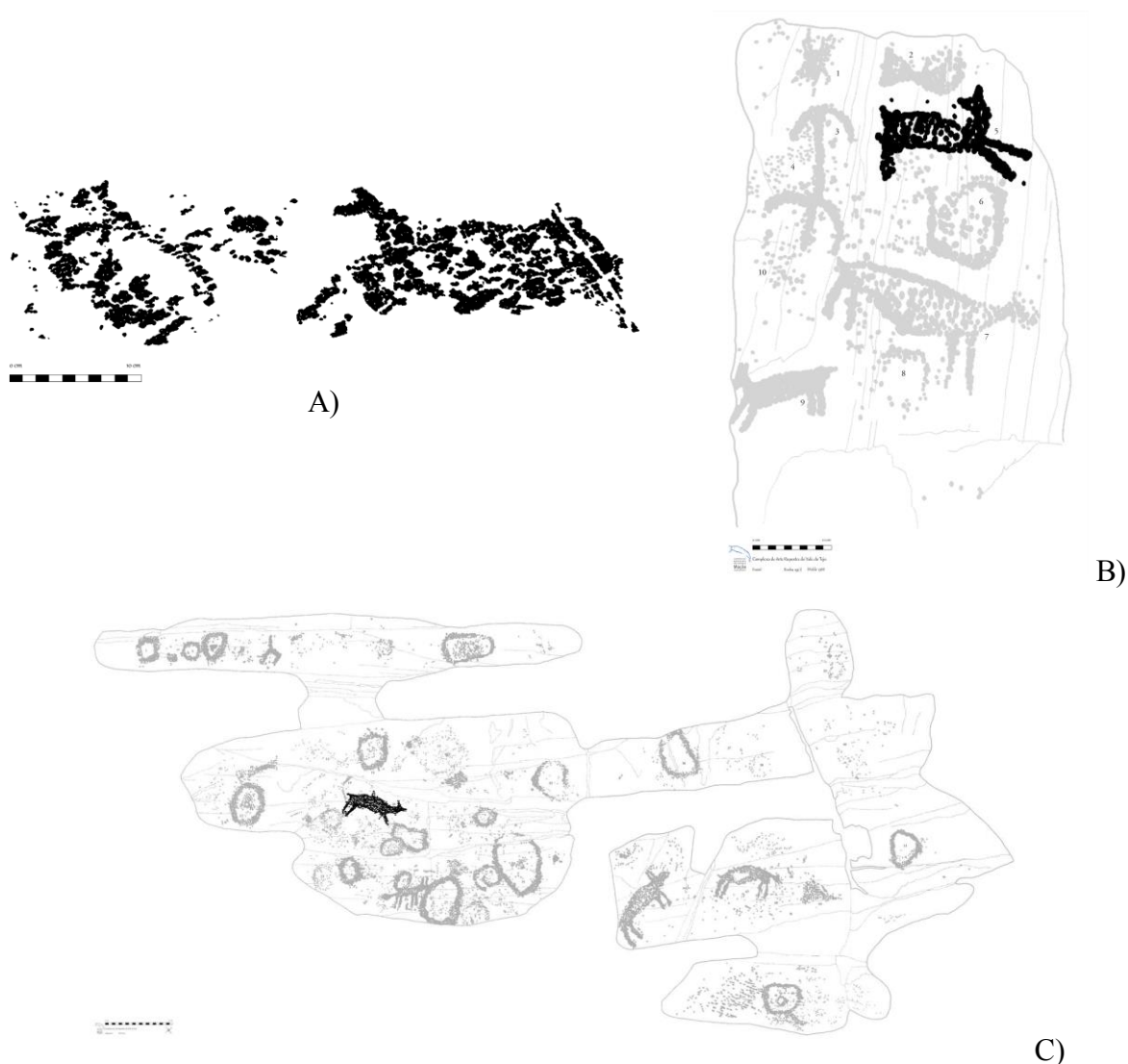


Figura 192: Exemplo de representação de movimento em cervídeos: A) AL6 M1041:1; B) F29(1) M1388:5; C) AL64:20.

7.4.3.6. A METAMORFOSE DAS HASTES

Um fenómeno particularmente interessante ocorre em 3 cervídeos do vale do Tejo: a transformação das hastes dos cervídeos numa figura soliforme através da união das duas hastes, já de si com uma forma circular. O caso mais óbvio é o do cervídeo SS1581:1, onde é visível um picotado a unir as duas hastes do cervídeo (ver figura 7 dos anexos do volume III). No entanto, surge também uma situação semelhante (ainda que menos óbvia) no cervídeo AL14 M1052:1 e no cervídeo SS199-200-201-202:10. Nos cervídeos SS1581:1 e AL14 M1052:1 nota-se que a união das hastes foi feita posteriormente à gravação dos cervídeos, estes considerados pré-esquemáticos. No cervídeo SS199-200-201-202:10, parece que a união das hastes foi feita no momento da gravação do cervídeo (este considerado esquemático) com o intuito das hastes já se assemelharem a um soliforme (Figura 193).

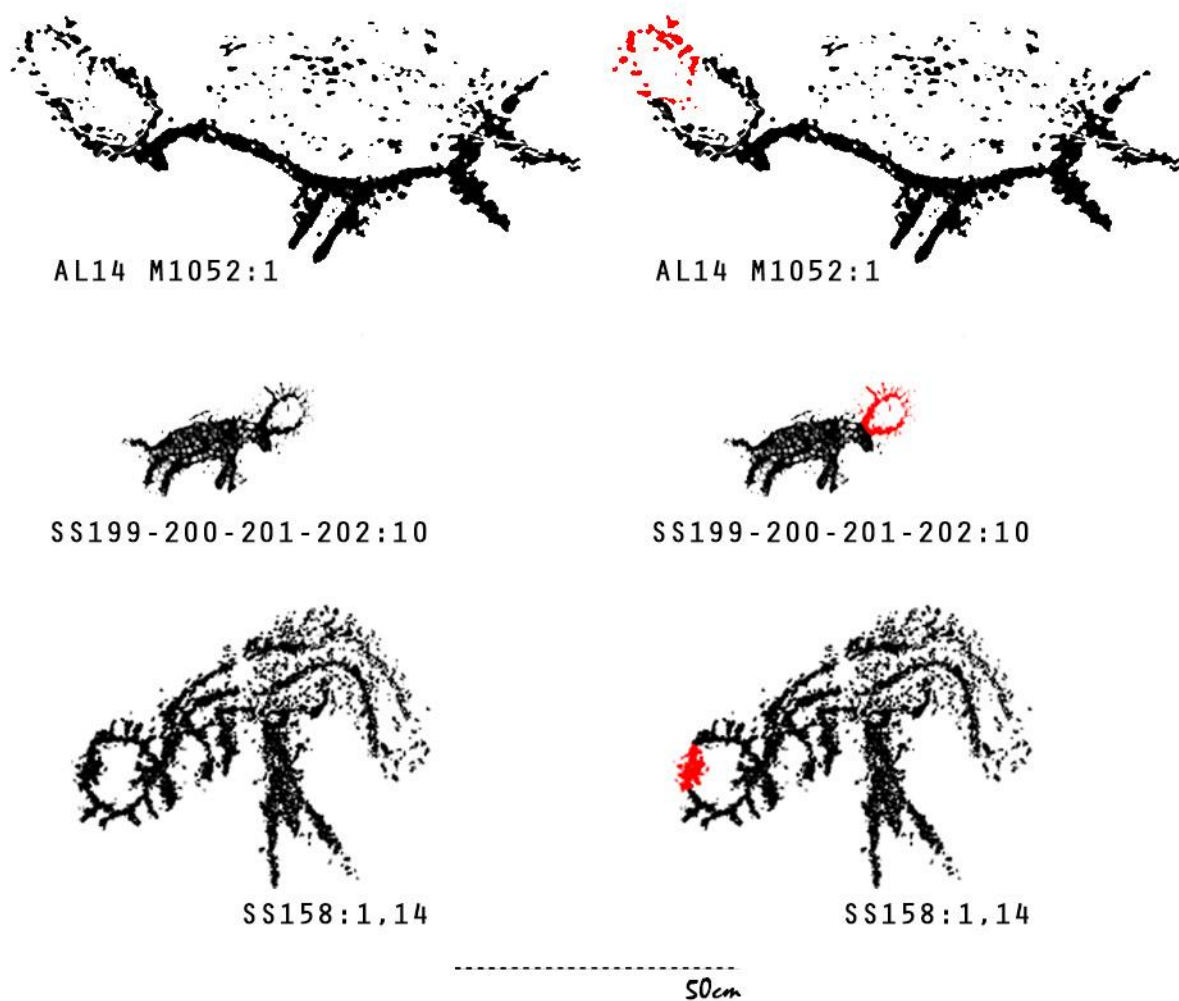


Figura 193: Exemplo da união das hastes dos cervídeos AL14 M1052:1, SS199-200-201-202:10 e SS1581:1.

Dois pontos interessante a considerar: a possibilidade da união das hastes dos cervídeos SS1581:1 e AL14 M1052:1 ter acontecido na altura em que proliferam por todo o vale do Tejo as figuras de soliformes (43 no total) uma figura muito comum em contextos figurativos esquemáticos em toda a Península Ibérica. De notar também, a gravação de duas outras figuras em contexto tagano de antropomorfos numa atitude muito semelhante ao do que carrega o cervídeo SS1581:1 mas que em vez de um cervídeo, ou outro animal qualquer, carregam sóis (Figura 194). Poderão estar conectadas à alteração das hastes das figuras SS1581:1 e AL14 M1052:1 e à representação do cervídeo SS199-200-201-202:10.

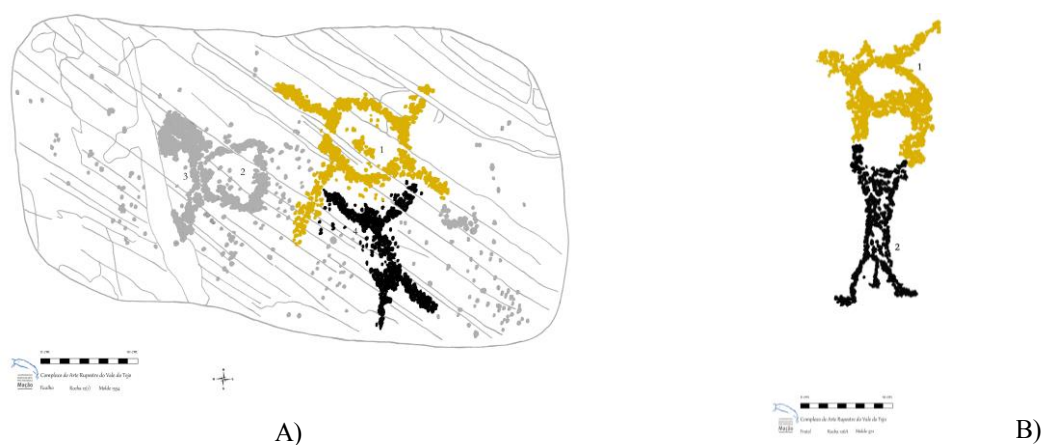


Figura 194: Antropomorfos a carregar sóis. A) FIC 12(1) M1554; B) F126A M372.

7.4.3.7. ACASALAMENTO

Registam-se poucos casos de cenas de possível acasalamento entre cervídeos. Como tal, podem ser interpretadas as rochas CAL4 M521 e entre as figuras 11 e 12 da rocha F155 (Figura 195).



Figura 195: A) CAL4 M521; B) figuras 11 e 12 da rocha F155.

7.4.3.8. O ESBOÇO E O REAL

Apenas um caso do que parece ser o esboço de uma figura para a posterior gravação final da mesma gravura. Esta situação ocorre nas únicas duas figuras de cervídeos do sítio do Gardete com as figuras G 22D:1 e G24:5. A figura da rocha G24 é menos “demarcada” que a da rocha G22D. Ambas são do mesmo tamanho e apresentam a mesma morfologia de animal que se encontra orientado para o mesmo lado nas duas rochas. A forma ovalada comprida de ambos os zoomorfos e o que parece ser as hastes apresentam-se exatamente da mesma forma. A única diferença é que a figura da rocha G24 surge um pouco incompleta devido a fracturas na rocha e com falta de alguns detalhes anatómicos, principalmente nas patas. A figura da rocha G24 parece ser o esboço do que seria depois gravado com maior ênfase na rocha G22D, um caso inédito da arte rupestre do vale do Tejo (Figura 196).

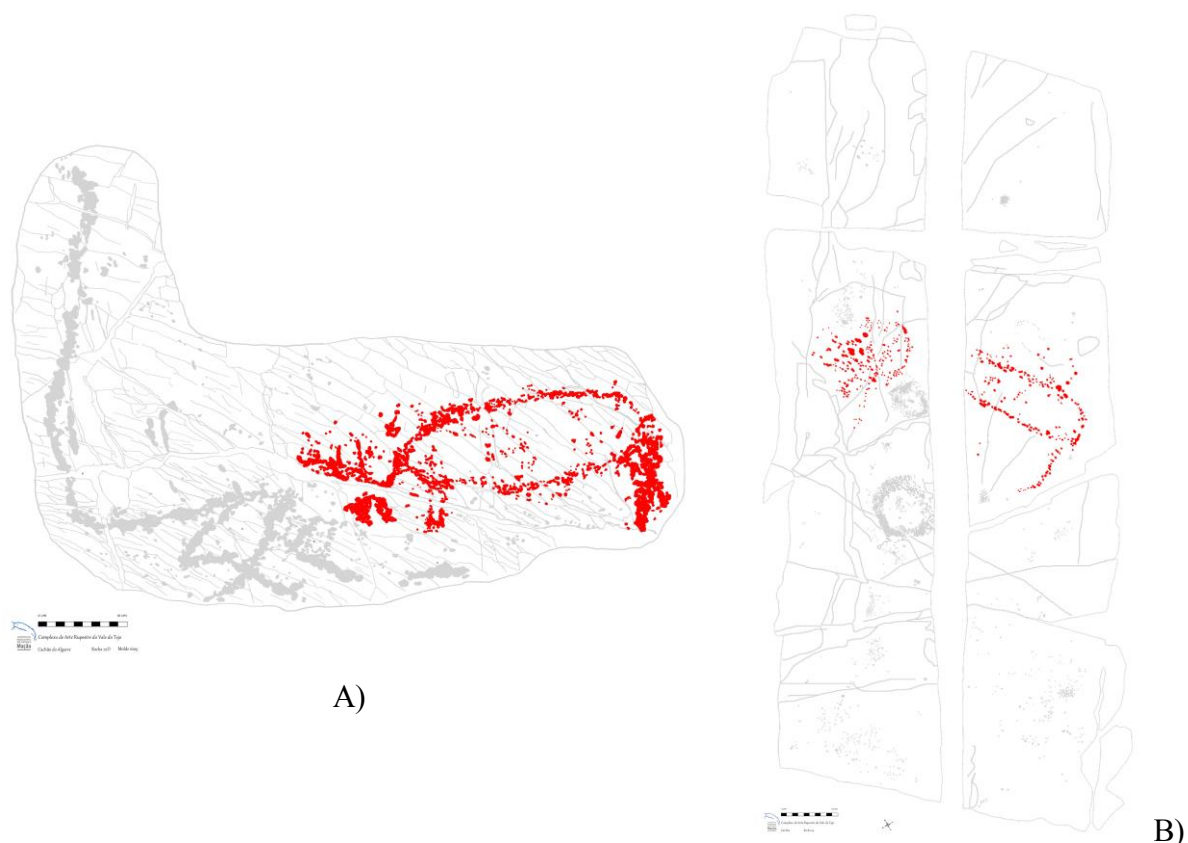


Figura 196: Cervídeos do Gardete. A) G22D:1; B) G24:5.

7.4.3.9. O CONFRONTO

Regista-se na arte rupestre do vale do Tejo apenas um caso que poderá ser interpretado como uma situação de confronto entre dois cervídeos (rocha 16 do Ocreza) (Figura 197).



Figura 197: Cervídeos da rocha 16 do Ocreza.

Apesar de faltar uma grande parte de informação na própria rocha (a começar pela certeza absoluta de que se tratam de cervídeos) a admitir que o são, a posição dos corpos relativamente um ao outro parece ser de atitude de confronto, como os cervídeos machos se comportam durante a época de reprodução.

7.5. CONTEXTOS ARQUEOLÓGICOS COM CERVÍDEOS

No ponto 2.3 deste trabalho enumeramos alguns sítios arqueológicos cronologicamente balizados entre o final do Paleolítico Superior e o Neolítico Antigo com o intuito de culturalmente contextualizar a denominada fase 2 da arte rupestre do vale do Tejo, que cremos estar enquadrada num momento pré-esquemático, antecedente ao Neolítico. Seguindo a mesma premissa, e utilizando mais ou menos os mesmos contextos arqueológicos, procedemos agora a uma análise da fauna correspondente a estes sítios arqueológicos que possam contribuir para a contextualização do cervídeo como um dos animais mais importantes no conjunto faunístico correspondente às últimas comunidades de caçadores-recolectores do centro de Portugal.

No início do Holocénico, as principais espécies identificadas nos contextos arqueológicos do centro de Portugal são os veados, corços, javalis, cabras da montanha, auroques e cavalos, indicativo de um clima temperado (Brugal & Valente, 2007:19). A transição Pleistoceno/Holoceno em Portugal acontece em cerca de 10.000BP (c.9500 cal BC) (Araújo, 2009) e apesar de ter sido globalmente identificado através de eventos geológicos e climáticos, é também correspondente a um período de mudança no comportamento humano. Mais de 250 sítios arqueológicos datados do início do Holocénico são hoje conhecidos entre a Estremadura e o Alentejo e os dados recolhidos sugerem um padrão altamente diversificado de tipos e localização de sítios, cronologias, tecnologia e modelos de subsistência (Araújo, 2009; Araújo & Almeida, 2006; Carvalho, 2007; Valente, 2008; Bicho *et al.*, 2010). Duas fases adaptativas diferentes foram propostas para o Centro de Portugal (Bicho, 1994). A primeira, uma fase Epipaleolítica, começaria por volta de 12,500 cal BP e teria registado um aumento populacional e semelhanças na indústria lítica e na dieta com a longa tradição cultural do final do Paleolítico Superior; a segunda fase, começaria em torno de 8,200 cal BP com o início da fase Atlântica, e é caracterizada pela quebra de padrões de assentamento e subsistência assim como dos aspectos tecnológicos anteriores. Durante o Epipaleolítico, as ocupações humanas no centro de Portugal localizam-se, maioritariamente à zona costeira entre Lisboa e Peniche e às terras altas da Serra D'Aire e Candeeiros (Bicho *et al.*, 2010).

No Maciço Calcário Estremenho, numa análise do aproveitamento dos recursos animais no período de tempo entre 10.000-6.000 BP (Valente, 2008) foram encontrados vários contextos com a presença de cervídeos nos seus restos faunísticos. Na Gruta da Buraca Grande (Serra de Sicó, freguesia de Redinha, Pombal), no nível 8c (datado entre 8.700 a 7.580BP) e cuja material lítico é composto por armaduras microlíticas obtidas por retoque marginal em sílex não local, suportes laminares, raspadeiras, peças esquiroladas e lâminas de retoque marginal, é dominado por restos faunísticos de lagomorfos, veado e javali (Aubry *et al.*, 1997; Valente, 2008). No sítio Casal do Papagaio (Fátima), a camada 2 contém três datas de radiocarbono que se situam cronologicamente entre o Pré-Boreal e o início do Boreal (9.750 a 8.500BP) com presença de restos humanos e fauna variada (os mamíferos contam com a presença de veados, ovinos e/ou caprinos, raposa, coelho, roedores, lebre e texugo, e os invertebrados marinhos contam com a presença do berbigão, lamejinha, mexilhão, caracol terrestre e o caranguejo-comum). No conjunto dos mamíferos, os restos de veado e lagomorfos dominam a coleção arqueológica) (Valente, 2008:440).

No sítio da Costa do Pereiro (freguesia Chancelaria, Torres Novas – junto à base do Arrife da Serra D’Aire e Candeeiros) existe na camada 1b, uma ocupação de época mesolítica misturada com ocupações do Neolítico Médio e Final. Nesta camada, nos restos faunísticos foram identificados as seguintes espécies: ovinos e/ou caprinos (*Ovis aries/ Capra* sp.), cabra doméstica (*Capra hircus*), veado (*Cervus elaphus*), corço (*Capreolus capreolus*), suínos (*Sus* sp.), bovinos (*Bos* sp.), coelho (*Oryctolagus cuniculus*), lebre (*Lepus* sp.), raposa (*Vulpes vulpes*), lince (*Lynx pardina*), um canídeo indeterminado (*Canis* sp.), perdiz (*Alectoris* sp.), melro (*Turdus* cf. *merula*) e uma ave de rapina indeterminada. Reunindo o veado e o corço, constituem o grupo taxonómico predominante em toda a espessura da camada 1b. No entanto, a identificação de um horizonte de ocupação mesolítica com a camada 1b é uma questão problemática já que foi identificada na sequência da análise dos materiais líticos e de uma datação de radiocarbono anómala (Carvalho, 2007:86). Face à mistura de ocupações, A.F. Carvalho analisou com pormenor a distribuição vertical dos artefactos, chegando à conclusão que, não obstante as inevitáveis infiltrações, os níveis artificiais inferiores desta camada (níveis 4 a 7) contêm elementos suficientes para serem considerados como neles contendo a ocupação mesolítica. De todos os mamíferos identificados, os associados à ocupação mesolítica exumados entre os níveis 4 e 7 são restos compostos maioritariamente por veados (*Cervus elaphus*), suídeo (*Sus* sp.) e leporídeos (Valente, 2008:441).

A cerca de 200m do Costa do Pereiro, encontra-se o abrigo Pena D’Água (também na freguesia da Chancelaria, Torres Novas) com uma ocupação considerada Epipaleolítica (Carvalho, 1998, 2007). A camada atribuída ao Epipaleolítico é a camada F e está datada em cerca de 7.370 BP. Quanto à fauna presente nesta camada, encontram-se restos de coelho (*Oryctolagus cuniculus*), cervídeo e caprídeo. Apenas um dos restos do coelho e do cervídeo foram recolhidos nos níveis inferiores desta camada, os restantes provêm do nível de contacto com a camada superior, atribuída ao Neolítico Antigo (Valente, 2008:443).

No abrigo Lapa do Picareiro (Fátima) a ocupação Epipaleolítica corresponde ao Nível Arqueológico D com uma datação de cerca de 8.300 BP (Bicho *et al.*, 2003). A fauna recuperada deste nível dividem-se entre mamíferos, aves, peixes e invertebrados terrestres e marinhos. Nos mamíferos regista-se a presença de, por ordem de abundância, coelho (*Oryctolagus cuniculus*), o veado (*Cervus elaphus*), javali (*Sus scrofa*), auroque (*Bos primigenius*) e ouriço-terrestre (*Erinaceus europaeus*) (Valente, 2008:444). As espécies mais

relevantes são sempre o veado e o javali, sendo o veado a espécie mais frequente de entre os herbívoros de médio e grande porte (Bicho *et al*, 2003:62).

O sítio ao ar-livre Forno da Telha, situa-se perto de Rio Maior e a sua estratigrafia está dividida em quatro camadas. Na 2ª camada, foi identificada a grande maioria dos vestígios mesolíticos, estando datada entre 7.100 e 6.750 BP e cujas espécies faunísticas são, por ordem de abundância, o veado (*Cervus elaphus*), o javali (*Sus scrofa*), provavelmente o auroque (*Bos primigenius*), o corço (*Capreolus capreolus*), cavalo (*Equus caballus*) e coelho (*Oryctolagus cuniculus*) (Valente, 2008:447).

Por fim, não muito longe do Forno da Telha, localiza-se o Abrigo Grande das Bocas que contém também ocupações epipaleolíticas (Bicho, 1995). Pela análise de M.J. Valente (2008) os restos de veado são uma presença assídua nas camadas “Fundo”, “0” e “1ª camada” esta última enquadrada como Epipaleolítica-Mesolítica (Valente, 2008:453). Da análise da 1ª camada do “lado gruta” a espécie maioritária é o veado, seguido do auroque e do cavalo. Esta camada corresponde a uma cronologia mesolítica (Valente, 2008:454).

No vale do Tejo, os sítios Cabeço da Arruda, Moita do Sebastião e Cabeço da Amoreira (pertencentes ao conjunto dos Concheiros de Muge) apresentam alguns dados interessantes. O Cabeço da Arruda localiza-se na margem direita da Ribeira de Muge e é o concheiro mais extenso do complexo mesolítico da Ribeira do Vale de Muge. O concheiro da Moita do Sebastião situa-se na margem esquerda da ribeira e, a montante deste, do mesmo lado da ribeira, localiza-se o Cabeço da Amoreira. As mais de uma dezena de datações disponíveis para estes contextos sugere que os primeiros estabelecimentos em Muge terão coincidido o estabelecimento do regime estuarino na ribeira, a partir de 7.550-7.410 BP. Estes dados provêm do concheiro Cabeço da Arruda e poderão corresponder a uma primeira vaga de ocupação que só viria a tornar-se mais permanente a partir de 7.350 BP com a ocupação da Moita do Sebastião e depois com o Cabeço da Amoreira e, novamente, com o Cabelo da Arruda). Estes locais perduram até pelo menos 5.700 BP. Estes sítios apresentam uma extensa lista taxonómica [(veado (*Cervus elaphus*), corço (*Capreolus capreolus*), javali (*Sus scrofa*), auroque (*Bos primignius*), cavalo (*Equus* sp.), texugo (*Meles meles*), lontra (*Lutra lutra*), cão (*Canis* cf. *familiaris*), raposa (*Vulpes vulpes*), gato-bravo (*Felis silvestris*), lince-ibérico (*Lynx pardina*), saca-rabos (*Herpestes ichneumon*), coelho (*Oryctolagus cuniculus*) e lebre (*Lepus* sp.) (Detry, 2007)] onde o veado ocupa um 2º lugar de abundância no registo faunístico, tendo em conta que o maior registo cabe a restos de coelho (Valente, 2008:461).

Na Ribeira de Magos, localizada a cerca de 10km a Sul da Ribeira de Muge, no concheiro Cabeço dos Morros (o mais conhecido) dos restos faunísticos sobressai o javali, seguido do veado, auroque e cavalo (por abundância) (Cardoso, 2004:329; Valente, 2008:463).

Segundo os dados disponíveis, sabemos que a última etapa do Paleolítico Superior é marcada economicamente por uma dependência fundamental da caça do veado, e, especialmente, do coelho, seguindo o auroque e o cavalo (Hockett & Haws, 2002; Brugal & Valente, 2007; Valente, 2008).

Recentemente, foi observado que, para o Mesolítico de Portugal Central, certos taxa (auroque, veado, javali) terão apresentado uma diminuição de tamanho, tendo recuperado durante o Calcolítico. A explicação que alguns autores (Davis & Detry, 2013) delineiam para este fenómeno, é interessante para a constatação de que realmente o cervídeo teria um papel importante no seio das últimas comunidades de caçadores-recolectores do centro de Portugal. Segundo os autores, anteriormente à introdução dos animais domesticados para a alimentação, o veado, o javali, o auroque, a cabra-selvagem e o cavalo, constituíam a fonte principal de carne em animais de grande porte em Portugal. O período anterior à mudança da caça para a domesticação foi caracterizado por uma pressão mais acentuada nos recursos naturais. A hipótese em discussão prende-se pela possibilidade da caça excessiva ter provocado a diminuição do tamanho do auroque, veado e javali. No entanto, é difícil perceber como isso poderá ter acontecido. O subsequente retorno a um maior tamanho no Calcolítico (e que talvez já tenha acontecido no Neolítico) e períodos seguintes, poderá ter sido consequência de uma diminuição da pressão cinegética exercida sobre estes animais, porque agora, as pessoas teriam acesso a animais domésticos que lhes providenciavam grande parte da carne que precisavam (Davis & Detry, 2013:300). Os dados faunísticos dos contextos arqueológicos do Centro de Portugal, com cronologias a partir do Neolítico Antigo, parecem corroborar esta hipótese.

Segundo os dados arqueobotânicos, no Alto Ribatejo, durante o Mesolítico Final, a paisagem de bosque cede gradualmente lugar a uma outra paisagem cada vez mais aberta que, no Calcolítico pleno, apresenta clareiras arbustivas (Almeida *et al.*, 2014). A excelente capacidade de adaptação que tem o cervídeo, converte-o numa idónea opção para as últimas comunidades de caçadores-recolectores do Holocénico.

Com o início do Neolítico, uma mudança bastante acentuada surge com o aparecimento de animais domésticos nos registos arqueofaunísticos.

Como já referido no ponto 2.3, os sítios que apresentam vestígios do Neolítico Antigo no centro de Portugal encontram-se todos mais ou menos distribuídos, no mesmo território, nomeadamente no concelho de Torres Novas: sítio da Gafanheira, Costa do Pereiro, Abrigo da Pena D'Água, Cerradinho do Ginete, Forno do Torreirinho, Algar do Picoto, o Laranjal de Cabeço das Pias, Gruta do Almonda (ou Galeria da Cisterna), Pessegueiros; no concelho de Alcanena: Lapa do Picareiro e Gruta dos Carrascos; e no concelho de Rio Maior: Abrigo Grande das Bocas, Cabeço de Porto Marinho, Gruta da Senhora da Luz e Forno da Telha (Carvalho, 2007). No Alto Ribatejo temos sítios arqueológicos como a Gruta do Caldeirão, Gruta do Cadaval, Gruta dos Ossos, Gruta Nossa Senhora das Lapas.

Os dados parecem indicar para o Neolítico Antigo uma predominância de atividades cinegéticas (de caça), evidente em contextos como o Abrigo Pena D'Água (Valente, 1998; Carvalho, Valente, Haws, 2004) e a Gruta do Caldeirão (Rowley-Conwy, 2002; Davis, 2002; Almeida *et al.*, 2014).

No Abrigo Pena D'Água, a listagem das espécies identificadas indica a presença de ovinos (*Ovis aries*), ovinos e/ou caprinos (*Ovis aries* e/ou *Capra hircus*), bovinos (*Bos taurus* e *Bos primigenius*), suínos (*Sus* cf. *scrofa*), coelho (*Oryctolagus cuniculus*) e ainda cervídeos, entre os quais veado (*Cervus elaphus*). Este abrigo possui apenas uma data que é considerada como tendo uma fiabilidade mínima para a determinação da cronologia pretendida (Wk-16418: 5.851 ± 40 BP). A.F. Carvalho (2007) conclui que o Neolítico antigo evoluído da Pena d'Água se situará na primeira metade do V milénio a.C. A fase registada na camada Eb-base continua por datar. Neste último caso, com efeito, apenas o seu posicionamento estratigráfico relativo e o estilo tardio da cerâmica cardial autoriza que se conclua que este contexto datará, *grosso modo*, do último quartel do VI milénio a.C. (Carvalho, 2007:110).

No sítio do Cerradinho do Ginete, os restos faunístico são, a julgar pela sua distribuição espacial, todos correlacionáveis com o nível do Neolítico Antigo reconhecido na UE6. Este conjunto é composto por um total de 49 peças, entre as quais se contam 27 esquirolas com comprimentos inferiores a 2 cm (não consideradas para o estudo). As identificações taxonómicas possíveis a partir de tão parco conjunto, muito afectado por alterações químicas e por exposição ao fogo, permitiram somente a identificação de *Cervus elaphus* (um fragmento de falange) e de *Bos* sp. (quinze fragmentos de um molar inferior, cinco fragmentos de outro molar inferior, um M3D e um lóbo posterior também de M3D). Verifica-se, portanto, um predomínio do segundo sobre o primeiro. Tendo em conta o estado de

conservação dos restos faunísticos, há falta de mais dados osteométricos, classificou-se provisoriamente estes restos de bovinos como tratando-se da sua variedade doméstica (*Bos taurus*) (Carvalho, Valente, Haws, 2004; Carvalho, 2007:119).

Na Gruta da Nossa Senhora das Lapas (Canteirões do Nabão, Alto Ribatejo) em todos os contextos (Neolítico Antigo Evolucionado, Neolítico Médio e Calcolítico Campaniforme), exceptuando a grande representação de leoporídeos, os ovino-caprinos (*Ovis aries*, *Capra hircus*) são a classe taxonómica mais representada independentemente do índice qualitativo (Almeida, Saladié, Oosterbeek, 2015:79; Almeida *et al.*, 2014).

No Neolítico Médio parece ocorrer uma mudança para um predomínio da fauna doméstica em detrimento da selvagem, como indicado pelo Abrigo Pena D'Água (Valente, 1998; Carvalho, Valente, Haws, 2004) e pelos dados da Gruta do Cadaval (Almeida *et al.*, 2014). Para o Neolítico Final, poderemos referir a ocupação representada na Gruta do Cadaval, onde sobressai um predomínio da fauna doméstica (Almeida *et al.*, 2014). Ainda que em estudos preliminares, os dados faunísticos da Gruta do Morgado Superior, enquadrada cronologicamente no Calcolítico e provavelmente com intrusões do Neolítico Final e posteriores, apresentam igualmente um predomínio de fauna doméstica, salientando-se os ovino-caprinos (Almeida *et al.*, 2014) com a presença de apenas 2 fragmentos de *Cervus elaphus* (comunicação pessoal de Nelson Almeida). Na gruta do Cadaval, a camada D (neolítico médio) apresenta apenas 3 fragmentos de *Cervus elaphus* e a camada C (neolítico médio/final) apresenta apenas 11 fragmentos de *Cervus elaphus* e 1 fragmento de Cervidae (comunicação pessoal de Nelson Almeida).

Parece-nos, de uma forma geral, que os dados faunísticos para as áreas do Alto Ribatejo, Maciço Calcário Estremenho e até, Vale do Tejo, reforçam os dados que foram sendo apresentados em relação à importância da figura do cervídeo numa cronologia pré-esquemática, e na transição para o Neolítico perante as últimas comunidades de caçadores-recolectores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, foram analisados todos os núcleos de arte rupestre que constituem o Complexo de Arte Rupestre do vale do Tejo. As 6978 gravuras registadas entre o vale do Ocreza e o vale do Erges estão maioritariamente concentradas em três núcleos (Cachão de São Simão, Cachão do Algarve e Fratel) perfazendo um total de 73% de toda a arte rupestre do Tejo, enquanto que os outros 10 sítios são considerados pequenos núcleos com mais ou menos concentração de figuras (evidenciando aqui o sítio do Gardete e o Alagadouro), mas que parecem estar localizados em sítios estratégicos ao longo do vale do Tejo.

O processo de documentação seguiu três eixos fundamentais – decalque dos moldes, levantamentos em campo e análise bibliográfica – um processo moroso e complexo mas muito produtivo. Esta análise permitiu compreender um conjunto gravado figurativo do Tejo caracterizado por 6988 figuras distribuídas por 1636 rochas de 12 núcleos de arte rupestre numa extensão de cerca de 120km (desde a foz do Ocreza até ao rio Erges).

Foram identificadas cinco diferentes fases de gravação:

1. Paleolítica: com o registo de apenas uma gravura no vale do Ocreza;
2. Uma importante fase pré-esquemática distribuída entre 7 núcleos de arte rupestre; esta fase seria fruto da dinâmica das ultimas comunidades caçadoras-recolectoras do Holocénico.
3. Uma grande fase esquemática, onde a maioria do conjunto figurativo do Tejo se encaixa que, cremos, ter seguido até desde o Neolítico Antigo até pelo menos o Bronze Final.
4. Pequeno conjunto de inscrições romanas e modernas;
5. Pequeno conjunto de elementos de simbologia cristã modernos.

A compreensão da diferença que caracteriza o segundo momento de gravação do terceiro é, neste trabalho, considerado altamente relevante devido a dois factores: (1) pela revalorização da arte rupestre Epipaleolítica/Mesolítica como um ciclo artístico independente e individualizado tanto do ciclo antecedente, paleolítico, como do sucessivo, a arte esquemática; (2) porque é nesta etapa que a figura do cervídeo se destaca com um papel importante tanto na esfera económica como simbólica das últimas comunidades de caçadores-recolectores do centro de Portugal.

Compreender esta etapa de gravação do Complexo Rupestre do Tejo é importante, talvez não para se ter noção do quão diferente a etapa precedente é, mas, como se encerra um capítulo da Humanidade que durou milhares de anos (Paleolítico e Epipaleolítico/Mesolítico). Concordamos com a definição de F. Criado Boado (1993) quando este afirma que o Neolítico supõe antes de tudo uma aparição de novas relações sociais de produção que representam uma forma específica de apropriação do espaço, caracterizada pelo surgimento de novas relações de controlo e dominação da natureza (plantas e animais) e, correlativamente, de novas formas de integração de esta dentro da realidade social, e que, depois, estas novas formas adoptem plenamente uma racionalidade selvagem. Então a novidade do Neolítico desvanece e esta fase, em vez de abrir uma nova época (da Humanidade Proto-Histórica e Histórica) seria o episódio que encerraria a época anterior.

As comunidades de caçadores-recolectores, dotadas de um padrão de subsistência, economia e assentamento móveis, não estavam fixadas a um espaço específico estabelecendo-se o que F. Criado Boado (1993) define por “apropriação da natureza”, neste caso uma apropriação simbólica desta. Segundo alguns autores (Ingold, 1986 *apud* Criado Boado, 1993) este processo cultural efetua-se através da demarcação simbólica de lugares pontuais, normalmente, marcos, signos naturais que se destacam na paisagem (tais como rochas, afloramentos, espaços ou pontos naturais cujo privilégio e especificidade está em estreita relação com as suas características e impacto visual) e de linhas de movimento através do espaço que, estando prefiguradas pela topografia, são utilizadas, comumente pelos animais selvagens e apropriadas pelo homem para as suas próprias deslocções. Vai também de encontro ao que M. Eliade (1999) defende quando afirma que “(...) o espaço sagrado tem um valor existencial para o homem religioso; porque nada pode começar, nada se pode fazer, sem uma orientação prévia – e toda a orientação implica a aquisição de um ponto fixo. (...) a descoberta ou projeção de um ponto fixo – o centro – equivale à criação do Mundo” (Eliade, 1999:36).

Defendemos que a distribuição geográfica dos sítios do Complexo Rupestre do Tejo esteja intrinsecamente associada ao monumento geológico Portas do Ródão, naquilo que M. Santos Estévez (2004) descreve como “vinculação a monumentos selvagens” e que acontece recorrentemente em sítios com grande concentração de arte rupestre como Valcamonica (Lombardia, Itália) ou Mont Bego (Sudoeste de França) e até em sítios de arte rupestre da Galiza como Monte Louro (Muros), O Pedroso (Santiago), Coto do Inferno (Tourón), Monte

Castelo (Cangas do Morrazo), Monte Penide (Redondela), Monte da Guía (Vigo), Monteferro (Nigrán), Serra do Galiñeiro (Gondomar), Santa Tegra (A Guarda) ou em A Zarra (Amoeiro). É considerado como quase uma regra universal, sítios de grandes concentrações de arte rupestre se apresentarem geograficamente localizados e vinculados a grandes formações naturais que se destacam na paisagem e que em diversas etapas da Pré-História e Proto-História serviram, em grande medida, para dotar o território de significado (Santos Estévez, 2004:165). A apropriação do espaço seria através das gravuras/pinturas. Concordamos com M. Santos Estévez quando defende que a arte rupestre apareceria como resposta de certas sociedades itinerantes à necessidade de definir o seu território, o seu direito sobre ele, sobretudo em zonas de ecologia diversificada, as gravuras funcionariam como um sistema de apropriação de espaço (Santos Estévez, 2004:27). Esse espaço, seria na mesma um espaço aberto onde não se introduziram barreiras sociais físicas nem um padrão de territorialidade (no sentido restrito) permanente e estável. A apropriação social do território, realizar-se-ia de forma ambulante, através da superfície do terreno e seguindo um domínio visual entre pontos concretos (Criado Boado, 1993). Esta noção de apropriação do terreno, pode ser enquadrada na definição temporal dos núcleos de gravuras do Complexo Rupestre do Tejo onde durante a fase de gravação esquemática, os núcleos de gravação aumentam exponencialmente, ainda que mais ou menos dentro do território definido pelos núcleos já antes delineados com a fase pré-esquemática.

Encontramos uma grande disparidade entre grandes estações com maiores concentrações de gravuras como o Cachão do Algarve, Fratel e São Simão, em contraste com o vale do Ocreza, o sítio de Foz de Nisa ou Chão da Velha em que, apesar de alguns contarem com uma distribuição espacial de vários quilómetros, a quantidade de figuras se apresenta em minoria, relativamente aos sítios citados. Cabe-nos perguntar, o porquê desta diferente complexidade acontecer entre estações rupestres quando todas estão estrategicamente localizadas em torno do mesmo monumento natural. A resposta, poderá estar, em grande medida, relacionada com a hipótese destes sítios serem locais de passagem, de travessia do rio e da própria dinâmica/importância dos mesmos em dada altura para as comunidades pré-históricas e, mais tarde, proto-históricas. Se tivermos em conta o padrão de distribuição dos sítios de arte rupestre ao longo do Tejo, percebemos, ainda hoje e mesmo com o caudal do rio altamente influenciado pela barragem do Fratel, que a maioria dos sítios com arte rupestre permitiriam a travessia do rio nesse ponto. As fotografias dos núcleos realizadas antes da barragem submergir a maioria das rochas, permite perceber que a densidade de rochas espalhadas pelas

margens onde se encontram as gravuras era elevada e, mesmo hoje, com o caudal do rio muito elevado, ainda se percebe a grande densidade das mesmas na zona da distribuição de gravuras, que é bem maior do que nos sítios onde as rochas não se encontram. Outro dado importante é o facto dos três principais sítios de arte rupestre (Fratel, Cachão do Algarve e São Simão) possuírem um ponto em comum na sua toponímia, a palavra *cachão* (o Fratel, originalmente denominado por Cachão do Boi, o Cachão do Algarve e o São Simão, originalmente conhecido por Cachão de São Simão). Esta palavra significa o ponto do rio onde rápidos ocorrem, onde o rio é perigoso e revoltoso e, muito provavelmente, não é por acaso que estes são os três núcleos que maior concentração de figuras apresentam.

A localização dos restantes núcleos de gravuras segue a tendência de se agruparem na foz de pequenas ribeiras (como o caso do sítio da foz da Ribeira de Ficalho e do sítio da Foz da Ribeira de Nisa) ou como o caso do Gardete cuja foz da ribeira de Figueiró se localiza mesmo em frente a este núcleo.

A bibliografia sempre seguiu uma propensão para considerar como mais importantes maioritariamente dois sítios: o sítio do Fratel, pela quantidade, qualidade e área de dispersão das gravuras e o sítio do Cachão de São Simão, pelas mesmas características, ainda que este tenha uma maior quantidade de figuras. No entanto, na análise intrínseca de todos os sítios e após a comparação entre os mesmos, algumas particularidades sobre o sítio do Cachão do Algarve elevam-no a um grau de importância bastante mais estimulante do que se pensa. O sítio do Cachão do Algarve, comparativamente com todos os outros sítios, tem a maior concentração de figuras (1799). Ainda que a quantidade seja praticamente a mesma que no São Simão, a quantidade de rochas é francamente menor (o CAL apresenta 292 rochas comparativamente com as 457 do São Simão ou as 393 de Fratel) distinguindo este núcleo pela densidade de gravuras que apresenta.

As informações disponíveis sobre a orientação e a posição das rochas é deveras importante e um passo à frente para a reconstrução de todo o complexo rupestre do Tejo. No entanto, os dados atualmente disponíveis são escassos, mas há alguns detalhes interessantes relativos a algumas rochas. De momento, apenas se conhece a posição vertical ou sub-vertical de 29 rochas localizadas nos núcleos do São Simão, Alagadouro, Ficalho, Fratel, Gardete e Ocreza (AL60 M1096; F45(2) M1370; F47(1) M1373; F136; F 136(1); F 216; FIC 53^A; G31; G32; G2; G3; G4A; G4B; G8; OCR6; OCR7; OCR11; OCR17; OCR18; OCR19; SS10 M298; SS43B M721; SS147 M955; SS165 M1314; SS170 M959; SS172 M1220; SS173/174;

SS190(2) M1291; SS194-195 M1217). Estas rochas poderão representar um papel importante já que a sua posição apenas permite a apropriada visualização das gravuras em determinados momentos do dia. Por exemplo, as gravuras das rochas 6 e 7 do Ocreza, que apresentam uma inclinação de 90°, só podem ser visualizadas quando o sol está no seu pico, ou a rocha 17 também do Ocreza que se encontra com uma inclinação sobre eixo vertical de 20° e orientação 208° S.O. Esta rocha em particular só permite a sua visualização entre as 10h30 e 11h30 da manhã. Antes e depois desse momento, é como se desaparecesse, passa completamente despercebida na paisagem. É evidente que algumas rochas no Complexo Rupestre do Tejo foram gravadas na vertical com um objetivo cujo significado nos escapa. Este jogo com a luz do sol não é novidade na arte rupestre.

Pensamos que, no futuro, acedendo aos dados exatos da posição e orientação de todas as rochas do Tejo (através da análise e compreensão dos levantamentos topográficos de todos os núcleos), talvez seja possível encontrar algum tipo de padrão em relação ao motivo da escolha e disposição dos painéis e dos núcleos como um conjunto num determinado lugar. Seria um passo importante para se compreender se de facto lidámos com padrões de disposição de motivos e possíveis significados, ou se seria apenas uma escolha aleatória da posição da rocha, situação difícil de entender como tal. A análise da relação espacial de todos os painéis segundo os seus critérios de localização geográficos, distribuição/relação de motivos, cronologias e implantação territorial em relação a um eixo central (como por exemplo as Portas do Ródão), seria crucial, por exemplo, para a reconstrução e modelagem digital de todo o Complexo Rupestre do Tejo.

Ressaltamos, também, a importância da conjugação dos dados da análise do Complexo Rupestre do Tejo com os dados dos contextos arqueológicos regionais. Defende M. Cruz Berrocal (2003) que a necessidade de comparação regional ou trans-regional, permite a imersão no contexto local, somente compreensível no contexto regional. Ambos são necessários para uma compreensão correta em distintas escalas complementárias (Cruz Berrocal, 2003).

A figura do cervídeo é, inequivocamente, a representação zoomórfica mais importante do Complexo Rupestre do Tejo. A análise desta é indissociável da análise do Complexo Rupestre como um todo, por duas razões: (1) é maioritariamente com esta figura que se delimita o território figurativo de todo o complexo, a partir do início da segunda fase de gravação, a pré-esquemática, e segundo a análise individual de figuras e painéis, crê-se que as primeiras

rochas a serem gravadas pelas últimas comunidades de caçadores-recolectores do Tejo terão sido a rocha F155, CAL59 ou CAL60, todas elas com um elemento em comum: a figura do cervídeo; (2) porque mesmo que em momentos de gravação precedentes, onde o conjunto figurativo é composto essencialmente por figuras geométricas e abstractas, há todo um jogo de procedimentos sobre os cervídeos que deve ser considerado. A maioria destes já lá se encontram quando a terceira fase de gravação se iniciou, provavelmente já com as primeiras comunidades agro-pastoris do vale do Tejo, e ou envolviam, acercavam ou sobrepunham novos símbolos e significados aos zoomorfos de tempos pretéritos, ou simplesmente os respeitavam espacialmente, nem sequer tocando nessas gravuras. A questão levanta-se: será que a importância e o papel significativo que o cervídeo detinha com as últimas comunidades de caçadores-recolectores continuou a ser preponderante no seio das primeiras comunidades agro-pastoris? Acreditámos que sim, pelo menos simbolicamente, também porque o cervídeo continuou a ser gravado durante a fase esquemática, ainda que em muito menor quantidade no vale do Tejo. M. Eliade defende que “(...) os simbolismos e os cultos da Terra-Mãe, da fecundidade humana e agrária, da sacralidade da mulher, etc., não puderam desenvolver-se e constituir um sistema religioso amplamente articulado senão pela descoberta da agricultura; é igualmente evidente que uma sociedade pré-agrícola, especializada na caça, não podia sentir da mesma maneira, nem com a mesma intensidade, a sacralidade da Terra-Mãe. Há, portanto, uma diferença de experiência religiosa que se explica pelas diferenças de economia, de cultura e de organização social; numa palavra, pela História. Contudo, entre os caçadores nómadas e os agricultores sedentários, há esta similitude de comportamento, que nos parece infinitamente mais importante do que as suas diferenças: tanto uns como os outros vivem num Cosmos sacralizado, uns como outros participam de uma sacralidade cósmica, manifestada assim no mundo animal como no mundo vegetal”.

O cervídeo, enquanto espécie, forma parte importante do bestiário representado na arte paleolítica (Menéndez Fernández & Quesada López, 2008) e, ainda mais relevante, na arte pós-paleolítica (Viñas Vallverdú & Sánchez de Tagle, 2000). Os cervídeos são a espécie mais representada nas cenas cinegéticas da arte levantina (Blasco Bosqued, 2005), e da arte do Noroeste Peninsular (Costas Goberna & Novoa Álvarez, 1993). Segundo alguns autores (Menéndez Fernández & Quesada López, 2008), estes quadrúpedes são um tema recorrente na arte pós-paleolítica da Península Ibérica e constituíram desde tempos ancestrais, o símbolo da renovação cíclica e através desta, representam os ritmos do crescimento, o renascimento, a fecundidade e a renovação do Mundo.

Para os últimos caçadores-recolectores do vale do Tejo, a importância deste animal não seria meramente económica. Todavia, se o analisarmos do ponto de vista económico, e tendo em conta os dados dos contextos arqueológicos do centro de Portugal desde o final do Paleolítico Superior, compreendemos que estes últimos caçadores-recolectores do centro de Portugal viviam segundo um padrão de subsistência muito dependente desta espécie (Hockett & Haws, 2002; Brugal & Valente, 2007; Valente, 2008). A possível pressão acentuada nos recursos naturais destas últimas comunidades de caçadores-recolectores (Davis & Detry, 2013) parece ter instigado (ou ter sido uma consequência de) a importância que se atribuía a esta espécie. A excelente capacidade de adaptação ambiental que tem o cervídeo converteu-se numa magnífica opção para as comunidades de caçadores-recolectores que afrontaram a profunda crise climática da transição para o Holoceno. Um dos indicadores, além de todos os argumentos apresentados com este trabalho, é a representação apenas da cabeça do cervídeo, nas rochas AL 36A M1137 (a figura 1) e na rocha F155 (a figura 29). Se o cervídeo fosse representado apenas do ponto de vista económico, de certo que a representação apenas da cabeça não teria lógica, já que esta não provém grande subsistência, além da matéria-prima que as hastes representam.

Do ponto de vista de estruturação social, a análise dos cervídeos é muito interessante. São animais com um padrão de comportamento cíclico, anual. O período de gestação das fêmeas é entre 8 a 9 meses, e normalmente nasce uma cria (não é tão raro assim que nasçam duas crias, mas estas apresentam um menor grau sobrevivência), padrões que são similares ao da espécie humana. Os machos e as fêmeas tendem a associar-se a grupos unissexuais no caso dos machos, e familiares no caso das fêmeas, mantendo-se os sexos separados durante grande parte do ano, excepto durante a época de reprodução. As relações sociais são hierarquizadas seguindo um padrão de idade e tamanho, e as lutas acontecem entre machos durante a época de reprodução. Os haréns (grupos de fêmeas) são liderados por uma das fêmeas que busca bons locais de alimentação, e o grupo composto por fêmeas com as suas crias.

Este comportamento pode, presumivelmente, ser comparado com o comportamento de sociedades de caçadores-recolectores, ou sociedades de transição. Seriam grupos não sedentários, associados a mobilidade sazonal dependentes da mobilidade sazonal dos próprios animais, com pequenos grupos de caçadores a palmilharem o terreno, em largas extensões de território. A escolha de um símbolo altamente móvel parece ser o indicado como totem, ou referente simbólico, destes grupos.

Poderemos nunca chegar perto do verdadeiro significado do cervídeo para as últimas comunidades de caçadores-recolectores do centro de Portugal mas sabemos que este ultrapassava o simples símbolo económico concreto da espécie.

Provavelmente, associadas à gravação de cervídeos nos bancos de xisto do vale do Tejo estavam histórias, mitos e lendas, distribuídas no tempo e no espaço, que alimentavam o imaginário e explicavam os fenómenos do mundo em que viviam. Mas essa é uma dimensão que escapa ao estudo da arte rupestre e do seu contexto arqueológico.

BIBLIOGRAFIA

ABDUL, Kahir (2013) *Contribution to the Tagus Rock Art Complex. The Gardete Rock Art Site. Dissertação de Mestrado em Arqueologia Pré-Histórica e Arte Rupestre* [Dissertação de Mestrado]. IPT-UTAD. Instituto Politécnico de Tomar; Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 176p.

ABREU, Mila Simões (2000) As gravuras rupestres da Idade do Ferro no vale da Vermelhosa (Douro - Parque Arqueológico do Vale do Côa). Notícia preliminar. *Separata das actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular. Volume V, Proto-História da Península Ibérica*, pp. 403-406 + 6 ests. Porto, ADECAP.

ABREU, Mila Simões de (2012) *Rock-Art in Portugal. History, Methodology and Traditions*. [Tese de Doutoramento]. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Vila Real. 4 vols, 2162p.

ACOSTA, Pilar (1968) La Pintura Esquemática en España. *Memorias del Seminario de Prehistoria y Arqueologia* 1. Universidad de Salamanca; Facultad de Filosofía y Letras, 233p.

ALARCÃO, Jorge. (1965) Palaeolithic Cave Paintings in Portugal, *Archaeology*, 18(3): 228-229, Nova Iorque.

ALARCÃO, Jorge Manuel; HESPANHA, Maria Cândida da Fonseca & BELCHIOR, Maria Claudette Alves (1961) Notícias “Nova et vetera”. *Conimbriga*, 2-3: 295-327, Coimbra.

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira & MOUTINHO, António Maria (1981) Pinturas Esquemáticas de Penas Róias. Terra de Miranda do Douro, *Arqueologia*, Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, 3: 43-48.

ALMEIDA, Fernando; FERREIRA, Octávio da Veiga (1971) Um Monumento Pré-Histórico na Granja de São Pedro (Idanha-a-Velha). IN: *Actas do 2.º Congresso Nacional de Arqueologia (Coimbra, 1970)*. Coimbra, 1, pp. 163-168.

ALMEIDA, Francisco; MAURÍCIO, João; SOUTO, Pedro; VALENTE, Maria João (1999) Novas perspectivas para o estudo do Epipaleolítico do interior alentejano: notícia preliminar sobre a descoberta do sítio arqueológico da Barca do Xerez de Baixo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 2(1): 25-38.

ALMEIDA, Francisco; ANGELUCCI, Diego; GAMEIRO, Cristina; CORREIA, José; PEREIRA, Teres (2004) Novos dados para o Paleolítico Superior final da Extremadura Portuguesa: resultados preliminares dos trabalhos arqueólogos de 1997-2003 na Lapa dos Coelhos (Casais Martines, Torres Novas). *Promotoria*, 2(2): 157-192.

ALMEIDA, Nelson (2010) *A Constituição das Primeiras Economias Agro-Pastoris, Paradigmas em Debate. O contributo da zooarqueologia e tafonomia para o Alto Ribatejo* [Dissertação de Mestrado]. IPT-UTAD. Instituto Politécnico de Tomar; Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. 291p.

ALMEIDA, Nelson; FERREIRA, Cristiana; ALLUÉ, E., BURJACKS, F., CRUZ, Ana Rosa; OOSTERBEEK, Luiz; ROSINA, Pierluigi; SALADIÉ, Palmira (2014) Acerca do impacto climático e antropozoogénico nos inícios da economia produtora: o registo do Alto Ribatejo (Portugal Central, Oeste da Península Ibérica). IN: ZOCHE, Jairo José; CAMPOS, Juliano Bitencourt; ALMEIDA, Nelson; RICKEN, Claudio (Eds.) *Arqueofauna e Paisagens*. Erechim: Editora Habilis Press, pp. 63-84. ISBN 978-85-60967- 61-2.

ALMEIDA, Nelson; SALADIÉ, Palmira; OOSTERBEEK, Luiz (2015) Zooarqueologia e tafonomia dos sítios neolíticos da Gruta da Nossa Senhora das Lapas e Gruta do Cadaval (Alto Ribatejo, Portugal Central). IN: GONÇALVES, Victor; DINIZ, Mariana & SOUSA, Ana Catarina (Eds.) *Estudos e Memórias*, 8: 77-84. Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa,

ALLOZA, Ramiro; ARRANZ, Henrique; GONZÁLEZ GRAU, Juan Miguel; BALDELLOU, Vicente; RESANO, Martín; MARZO, Paz; VANHAECKE, Frank (2009) IN: LÓPEZ MIRA, José Antonio; MARTINEZ VALLE, Rafael; MATAMOROS DE VILA, Consuelo (Eds.) *El Arte Rupestre del Arco Mediterráneo de la Península Ibérica. 10 años en la lista del Patrimonio Mundial de la UNESCO*, Actas IV Congreso [Valencia, 3, 4 y 5 de Diciembre de 2008], pp. 317-328.

ALONSO TEJADA, Anna (1999) Cultura artística y cultura material ¿un escollo insalvable? *Bolskan*, 16: 71-107.

ALVAREZ, F. & BRAZA, F. (1989) Tendencias gregarias del Ciervo (*Cervus elaphus*) en Doñana. *Acta Vertebrata*, 16(1): 143-155.

ALVES, Francisco Manuel (1934) *Memórias Arqueológico-Histórica do Distrito de Bragança - Arqueologia, Etnografia e Arte*, Tomo IX, 718+26p. [:558-560;579-675]. Porto: Tipografia da Empresa Guedes, Lda.

ALVES, Francisco Manuel (1938) *Memórias Arqueológico-Histórica do Distrito de Bragança - Arqueologia, Etnografia e Arte*, Tomo X, 845+21p. [:810-812; 817-820; 823-828]. Porto: Tipografia da Empresa Guedes, Lda.

ALVES, Francisco Manuel (1948) *Memórias Arqueológico-Histórica do Distrito de Bragança - Arqueologia, Etnografia e Arte*, Tomo XI, 712+21p. [:351, 441]. Porto: Tipografia da Empresa Guedes, Lda.

ALVES, Lara Bacelar (2003) *The Movement of Signs. Post-Glacial Rock Art in North-Western Iberia* [PhD Thesis] Department of Archaeology, The University of Reading. 2vols, 548p.

ALVES, Lara Bacelar (2008) O Sentido dos Signos – reflexões e perspectivas para o estudo da Arte Rupestre Pós-Glacial no Norte de Portugal. IN: Rodrigo Balbín Behrmann (Ed.). *Arte Prehistórico al aire libre en el Sur de Europa*. Castilla y León: Consejería de Cultura da Junta de Castilla y León, pp. 381-490.

ALVES, Lara Bacelar (2013a) Monte de Góis, Caminha. Um santuário rupestre nas margens do rio Minho. IN: BETTENCOURT, Ana (Coord.) A Pré-História do Noroeste Português. *Arkeos Territórios da Pré-História em Portugal*, 36:169-183. Tomar: CEIPHAR - Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo.

ALVES, Lara Bacelar (2013b) Gravuras rupestre da Bouça do Colado/Penedo do Encanto, Lindoso, Ponta da Barca. IN: BETTENCOURT, Ana (Coord.) A Pré-História do Noroeste Português. *Arkeos Territórios da Pré-História em Portugal*. 36:201-206. Tomar: CEIPHAR - Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo.

ALVES, Lara Bacelar; CARDOSO, João Muralha; REIS, Mário; CARVALHO, Bárbara (2014) ART-FACTS: Uma investigação sobre os contextos arqueológicos da Arte Esquemática no vale do Côa. *Côavisão*, 16: 101-106. Edição da Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa.

AMEIXEIRAS SÁNCHEZ, Francisco (2013) *Campo Lameiro. Apuntes de posibles estaciós inéditas* [publicação inédita oferecida pelo autor].

ANGÁS, Jorge; BEA, Manuel; ROYO GUILLÉN, José Ignacio (2013) Documentación geométrica mediante tecnología láser escáner 3D del arte rupestre en la cuenca del Matarraña (Teruel). *Cuadernos de Arte Rupestre*, 6: 91-101. ISSN 1699-0889.

ANONYMOUS (1884) Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie. *Compte rendu de la neuvième session à Lisbonne, 1880: excursion dans le Nord du Pays*. Braga et Citânia de Briteiros, pp. 647-657. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências.

ANATI, Emmanuel (1968) Arte rupestre nelle regioni Occidentali della Penisola Iberica. *Archivi di Arte Prehistorica*, nº2. Brescia. Edizioni del Centro, 140p.

ANATI, Emmanuel (1975) Incisioni rupestri nell'alto valle del Fiume Tago, Portogallo. *Bollettino del Centro Camuno di Studi Preistorici*, 12: 156-160.

APARICIO CASADO, Buenaventura & PEÑA SANTOS, Antonio de la (2011) *Guía de petróglifos de Galicia*. Edicións do Cumio, 239p.

ARAÚJO, Ana Cristina (2003) O Mesolítico Inicial da Estremadura. IN: GONÇALVES, Victor dos Santos (Eds.) Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo. Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo. *Trabalhos de Arqueologia*, 25: 101-114. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

ARAÚJO, Ana Cristina (2009) Hunter-gatherer adaptations during the Pleistocene/Holocene transition in Portugal: data and explanatory models. IN: McCARTAN, Sinéad; SCHULTING, Rick; WARREN, Graeme; WOODMAN, Peter (Eds.) *Mesolithic horizons: papers presented at the 7th International Conference on the Mesolithic in Europe*, Belfast 2005. 2nd vol., Oxford: Oxbow, pp. 533–540.

ARAÚJO, Ana Cristina (2011) Toledo no seu tempo. IN: ARAÚJO, Ana Cristina (Eds.) O cocheiro de Toledo no contexto do Mesolítico Inicial do litoral da Estremadura. *Trabalhos de Arqueologia* 51: 173-183. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

ARAÚJO, Ana Cristina & ALMEIDA, Francisco (2003) Barca do Xerez de Baixo: balanço de quatro anos de trabalhos arqueológicos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 6(1), 17-67.

ARAÚJO, Ana Cristina & ALMEIDA, Francisco (2006) Inland Insights into the Microlithic Puzzle: the case of Barca do Xerez de Baixo. IN: BICHO, Nuno (Eds.) *From the Mediterranean basin to the Portuguese Atlantic shore: Papers in honor of Anthony Marks*.

pp. 185-207. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular. Faro: Universidade do Algarve.

ARIAS, Pablo; CERRILLO-CUENCA, Enrique; ÁLVAREZ FERNÁNDEZ, Esteban; GÓMEZ PELLÓN, Eloy; GONZÁLEZ CORDERO, Antonio (2009) A view from the edges: the Mesolithic settlement of the interior areas of the Iberian Peninsula. IN: MCCARTAN, S.; SCHULTING, R.; WARREN, G.; WOODMAN, P.; (Eds.) *Mesolithic Horizons: Papers Presented at the Seventh International Conference on the Mesolithic in Europe*, pp. 303-311.

ARNAUD, José Morais (2013) Reflexões em torno das placas de cerâmica com gravuras de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja). IN: ARNAUD, José; MARTINS, Andrea; NEVES, César (Coord.) *Arqueologia em Portugal - 150 anos*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 447-455.

AUBRY, Thierry (2006) Valle du Côa. Un art préhistorique unique. *Archéologia* 436: 62-71.

AUBRY, Thierry; FONTUGNE, Michel; MOURA, Maria-Helena (1997) Les occupations de la grotte de Buraca Grande depuis le Paléolithique Supérieur et les apports de la séquence Holocène a l'étude de la transition Mésolithique - Néolithique au Portugal. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 94(2): 182-189.

BALDELLOU, Vicente & ALLOZA, Ramiro (2012) El análisis de pigmentos en Aragón: otra forma de documentar el arte rupestre. *Jornadas Técnicas para la gestión del arte rupestre, Património Mundial*. Parque Cultural del Río Vero, Alquézar - Huesca. Comarca de Somontano de Barbaste, 28 a 31 Mayo 2012, pp. 73-83.

BAHN, Paul (2000) New rock-art find in Portugal. *Antiquity* 74: 753-754.

BAPTISTA, António Martinho (1980) Introdução ao estudo da arte pré-histórica do noroeste peninsular. 1. Gravuras Rupestres do Gião. *Minia*, 2, 3 (4): 80-100.

BAPTISTA, António Martinho (1981a) A Arte do Gião. *Arqueologia* 3: 56-66.

BAPTISTA, António Martinho (1981b) *A Rocha F-155 e a Origem da Arte do Vale do Tejo*. Monografias Arqueológicas. 85p. 20 figs., XVI ests. GEAP. Porto.

BAPTISTA, António Martinho (1983) O Complexo de Gravuras Rupestres do Vale da Casa (Vila Nova de Foz Côa), *Arqueologia*, 8: 57-69.

BAPTISTA, António Martinho (1983/84) A Arte rupestre do Norte de Portugal: uma perspectiva. *Portvgalia Nova Série*, vol. 4-5, Porto, DCTP-FLUP, 183-1984, pp. 71-82.

BAPTISTA, António Martinho (1986) Arte rupestre pós-glaciária. Esquematismo e abstracção, *História da Arte em Portugal*. Do Paleolítico à Arte Visigótica, pp. 30-55, Publicações Alfa, Lisboa.

BAPTISTA, António Martinho (1999) *No tempo sem tempo. A arte do caçadores-paleolíticos do Vale do Côa*. Parque Arqueológico Vale do Côa. 186p.

BAPTISTA, António Martinho (2001a) The Quaternary Rock Art of the Côa Valley (Portugal). Les premiers hommes modernes de la Péninsule Ibérique. “Actes du Colloque de la Commission VIII de l'UISPP. Vila Nova de Foz Côa, 22-24 Octobre 1998”. *Trabalhos de Arqueologia* 17: 237-252.

BAPTISTA, António Martinho (2001b). Ocreza (Envendos, Mação, Portugal central): um novo sítio com arte paleolítica de ar livre. IN: Ana Rosa Cruz, Luiz Oosterbeek (Coord.), Territórios, mobilidade e povoamento no Alto-Ribatejo. II: Santa Cita e o quaternário da região, Tomar. *Arkeos: perspectivas em diálogo*. 11:163-192. Tomar: CEIPHAR - Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo.

BAPTISTA, António Martinho (2004) Arte Paleolítica de ar livre no rio Zêzere (Barroca, Fundão). *Ebvrobriça*, 1: 9-16. Revista do Museu Arqueológico Municipal José Monteiro do Fundão.

BAPTISTA, António Martinho (2005) Fratel, Vila Velha de Ródão – Arte Rupestre do Vale do Tejo. IN: *25 sítios arqueológicos da Beira Interior*. ARA: 52-53. Câmara Municipal de Trancoso.

BAPTISTA, António Martinho (2009) *O Paradigma Perdido*. O Vale do Côa e a Arte Paleolítica de Ar Livre em Portugal. Vila Nova de Foz Côa, Edições Afrontamento/PAVC. 254p.

BAPTISTA, António Martinho (2013) El Arte Paleolítico en Portugal. *Arte Sin Artistas - una mirada al Paleolítico*, 5-35. Madrid, Museu Arqueológico Regional, Alcalá de Henares.

BAPTISTA, António Martinho & GOMES, Mário Varela (1997) *Arte Rupestre*. IN: ZILHÃO, João (Eds.) *Arte Rupestre e Pré-história do Vale do Côa*, Lisboa: Ministério da Cultura. pp. 213-406.

BAPTISTA, António Martinho; GOMES, Mário Varela; LEMOS, Francisco Sande; MARTINS, Teresa; MONTEIRO, Jorge Pinho; RAPOSO, Luís; SERRÃO, Vitor; SILVA,

Manuel António Carlos da; QUEROL, Maria de los Angeles & SERRÃO, Eduardo da Costa (1974) O Complexo de Arte Rupestre do Tejo. Processos de Levantamento. *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia*, 1: 293-324. IV ests. Porto: Ministério da Educação Nacional.

BAPTISTA, António; SERRÃO, Eduardo da Cunha; MARTINS, Manuela (1978) *Arte Rupestre do Vale do Tejo*. Exposição. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia da Junta Distrital de Setúbal, 6p.

BAPTISTA, António Martinho & REIS, Mário (2008) Prospeção da arte rupestre no vale do Côa e Alto Douro Português: ponto de situação em julho de 2006. IN: Rodrigo Balbín Behrmann (Ed.). *Arte Prehistórico al aire libre en el Sur de Europa*. Castilla y León: Consejería de Cultura da Junta de Castilla y León, pp. 145-192.

BAPTISTA, António Martinho; SANTOS, André Tomás; CORREIA, Dalila (2008) O santuário arcaico do Vale do Côa: novas pistas para a compreensão da estruturação do Bestiário Gravettense e/ou gravetto-solutrense. IN: Rodrigo Balbín Behrmann (Ed.). *Arte Prehistórico al aire libre en el Sur de Europa*. Castilla y León: Consejería de Cultura da Junta de Castilla y León, pp. 89-144.

BAPTISTA, António Martinho & REIS, Mário (2011) A rocha gravada de Redor do Porco. Um novo sítio com arte paleolítica de ar livre no rio Águeda (Escalhão, Figueira de Castelo Rodrigo). *Côavisão*, Cultura e Ciência. 13: 15-20.

BAPTISTA, António Martinho & SANTOS, André Santos (2013) A Arte Rupestre do Guadiana Português na área de influência do Alqueva. *Memórias d'Odiana*, Estudos Arqueológicos do Alqueva, 2ª Série, 339p.

BARROSO RUÍZ, Cecilio (2009) Tipología de ídolos oculados en pintura rupestre esquemática en Andalucía. *Zephyrus*, 36: 131-136.

BELTRÁN, António (1989) "Perduracion en el Arte Prehistorico del "Estilo Paleolitico"" durante el mesolitico Y los posibles enlaces com el ""Levantino"", *Almansor: Revista de Cultura*, (1ª Série), 7: 125-166.

BETTENCOURT, Ana M.S. (2009) Entre os montes e as águas: ensaio sobre a percepção dos limites na Pré-História da faixa costeira entre o Minho e o Lima (NW português). IN: BETTENCOURT, Ana M.S. & ALVES, Lara Bacelar (Eds.) *Dos Montes, das pedras e das águas*. Forma de interação com o espaço natural da pré-história à actualidade, pp. 131-162.

BETTENCOURT, Ana M.S. (2013b) Gravuras rupestres da Nossa Senhora da Encarnação, Lovelhe, Vila Nova da Cerveira. IN: BETTENCOURT, Ana (Coord.) A Pré-História do Noroeste Português. *Arkeos* Territórios da Pré-História em Portugal. 36: 184-190. Tomar: CEIPHAR - Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo.

Bettencourt, Ana M.S. & Abad-Vidal (Eds.) *CVARN - Corpus Virtual de Arte Rupestre do Noroeste Português* (www.cvarn.org).

BETTENCOURT, Ana M.S. (2013a) Gravuras rupestres de Breia, Cardielos, Viana do Castelo. IN: BETTENCOURT, Ana (Coord.) A Pré-História do Noroeste Português. *Arkeos* Territórios da Pré-História em Portugal. 36: 207-215. Tomar: CEIPHAR - Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo.

BICHO, Nuno (1994) The End of Paleolithic and the Mesolithic in Portugal. *Current Anthropology*, 35(5): 664-674.

BICHO, Nuno (1995) A ocupação epipaleolítica do Abrigo Grande das Bocas, Rio Maior. *O Arqueólogo Português*, Série 4(13-15): 53-85.

BICHO, Nuno (2004) As comunidades humanas de caçadores-recolectores do Algarve Ocidental. Perspectiva ecológica. IN: TAVARES, António Augusto; TAVARES, Maria José Ferro; CARDOSO, João Luís (Eds.) *Evolução geo histórica do litoral português e fenómenos correlativos*, pp. 359-396. Universidade Aberta.

BICHO, Nuno & FERRING, C. Reid (2001) O sítio arqueológico de Santa Cita, Tomar: As intervenções arqueológicas de 1990 a 1997. IN: CRUZ, Ana Rosa & OOSTERBEEK, Luiz (Coord.) *Arkeos: perspectivas em diálogo. Territórios, Mobilidade e Povoamento no Alto Ribatejo II - Santa Cita e o Quaternário da Região*, 11: 71-88. Tomar: CEIPHAR - Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo.

BICHO, Nuno; HAWS, Jonathan; HOCKETT, Bryan; MARKOVA, Anastasia; BELCHER, William (2003) Paleontologia e ocupação humana da Lapa do Picareiro: resultados preliminares. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 6(2): 49-81.

BICHO, Nuno; HAWS, Jonathan; GIBAJA, Juan; HOCKETT, Bryan (2006) A paleoecologia humana da Lapa do Picadeiro. *Promotoria*, 4(4): 105-125.

BICHO, Nuno; HAWS, Jonathan; GIBAJA, Juan; HOCKETT, Bryan (2009) Lapa do Picareiro, un asentamiento de caza magdalenense en la Estremadura portuguesa. *Complutum*, 20(1): 71-82.

BICHO, Nuno Ferreira; GIBAJA, Juan Francisco; STINER, Mary; MANNE, Tiina (2010) Le paléolithique supérieur au sud du Portugal: le site de Vale Boi. *L'Antropologie*, 114: 48-67.

BLASCO BOSQUED, Concepción (2005) Arte Levantino y mundo animal. *Cuadernos de Arte Rupestre*, 2: 59-80.

BRADLEY, Richard (1997) *Rock Art and the Prehistory of Atlantic Europe*. London and New York: Routledge. ISBN 978-0-415-16536-5.

BRADLEY, Richard; FÁBREGAS VALCARCE, Ramón (1996) Petroglifos Gallegos y Arte Esquemático. una propuesta de trabajo. *Complutum Extra*, 6(II): 103-110.

BRADLEY, Richard; FÁBREGAS VALCARCE, Ramón (1999) La “Ley de la Frontera”: Grupos Rupestres Galaico y Esquemático y Prehistoria del Noroeste de la Península Ibérica. *Trabajos de Prehistoria*, 56(1): 103-114.

BREUIL, Henri. (1917) La roche peinte de Valdejunco, à la Esperança, près Arronches. *Terra Portuguesa*, 3(13-14): 17-27.

BREZILLON, Michel (1965) Applications archéologiques du moulage au latex. IN: *Bulletin de la Société préhistorique française*, 62(3): 109-111.

BRUGAL, Jean-Philip & VALENTE, Maria João (2007) Dynamic of large mammalian associations in the Pleistocene of Portugal. *Promontoria Monográfica*, Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular. From the Mediterranean basin to the Portuguese Atlantic shore: papers in honor of Anthony Marks, 17: 15-27.

BUENO RAMIREZ, Primitiva & BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo (1995) La graphie du supernt dans la cultura mégalithique péninsulaire. Représentations de plein air et représentations dolméniques. *L'Anthropologie* 2/3: 357-381.

BUENO RAMIREZ, Primitiva; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo; ALCOLEA GONZÁLEZ, José (2009) Estilo V en el ámbito del Duero: Cazadores finiglaciares en Siega Verde (Salamanca). IN: BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo (Eds.) *Arte Prehistórico al aire libre en el Sur de Europa [Actas]*, pp. 259-286.

BUCO, Cristiane de Andrade (2012) *Arqueologia do Movimento. Relações entre Arte Rupestre, Arqueologia e Meio Ambiente, da Pré-História aos dias atuais, no Vale da Serra Branca. Parque Nacional da Serra da Capivara, Piauí, Brasil*. [Tese de Doutoramento]. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. 3vols, 1048p.

BUGALHO, Miguel (2000) *Ficha do veado - características e ecologia do maior herbívoro da nossa fauna bravia*. Disponível em: <http://nurlink.sapo.pt/Natureza-eAmbiente/Fichas-de-Especies/content/Ficha-do-Veado>

BURBIDGE, C.F.; TRINDADE, M.J.; DIAS, M.I.; OOSTERBEEK, L.; SCARRE, C.; ROSINA, P.; CRUZ, A.; CURA, S.; CURA, P.; CARON, L.; PRUDÊNCIO, M.J.; CARDOSO, G.J.O.; FRANCO, D.; MARQUES, R.; GOMES, H. (2014) Luminescence dating and associated analyses in transition landscapes of the Alto Ribatejo, Central Portugal. *Quaternary Geochronology*, 20:65-77.

BURNIE, David (Editor) (2002) *Grande Enciclopédia Animal. O mais completo guia visual da vida selvagem*. Civilização Editora. 624p.

CABRÉ AGUILÓ, Juan. (1916) Arte Rupestre Gallego y Portugues (Eira dos Mouros y Cachão da Rapa). *Memórias da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais* II. 28p. 6figs. Vests.

CABRITA, Felícia (2004) A vingança da aldeia. *Grande Reportagem*. 182: 24-33.

CALADO, Manuel; ROCHA, Leonor (2008) Sources of monumentality: standing stones in context (Fontanhas, Alentejo Central, Portugal). IN: DINIZ, Mariana (Eds.) *Neolithic in Iberian Peninsula Regional and transregional components / Le Neolithique ancien dans la Peninsule Iberique. Les éléments regionaux et transregionaux*. BAR S1857. Proceedings of the XV UISPP World Congress (Lisbon, 4-9 September 2006) / Actes du XV Congress Mondial (Lisbonne, 4-9 Septembre 2006) Vol. 18, Session C44, pp. 61-70.

CANDEIAS, J., BATISTA, Álvaro; GASPAR, Filomena (2009) *Carta Arqueológica do Concelho de Abrantes*, Abrantes: Câmara Municipal de Abrantes.

CANINAS, João Carlos Pires & HENRIQUES, Francisco (1985) Testemunhas do Neolítico e do Calcolítico no Concelho de Nisa. IN: *Actas das 1ª Jornadas de Arqueologia do nordeste alentejano*, pp. 69-82.

CANINAS, João Carlos; PIRES, Hugo; HENRIQUES, Francisco; CHAMBINO, Mário (2016) Rock art in Portugal's Border Area. *Rock Art Research*, 33(1): 79-88.

CARDOSO, Daniela (2003a) Pego da Rainha (Mação). IN: CRUZ, Ana Rosa & OOSTERBEEK, Luiz (Coord.) Território, Mobilidade e Povoamento no Alto Ribatejo III - Arte Pré-Histórica e o seu contexto. *Arkeos: perspectivas em diálogo*. 12: 59-72. Tomar: CEIPHAR - Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo.

CARDOSO, Daniela (2003b) Estudo das pinturas esquemáticas dos Abrigos I e II do sítio Pego da Rainha, Região do Alto Ribatejo - Portugal. IN: MARTIN, Josep Maria; MARTÍ, Ethel Allué (Coord.), *Actas del Ier Congreso Peninsular de Estudiantes de Prehistoria*, 8, 9, 10 y 11 de Abril de 2003: 399-402.

CARDOSO, Daniela (2015) *A Arte Atlântica do Monte de S. Romão (Guimarães) no Contexto da Arte Rupestre Pós-Paleolítica da Bacia do Ave - Noroeste Português*. [Tese de Doutoramento]. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Vila Real. 331p.

CARDOSO, [Pe] Luís. (1747-1751) *Diccionario Geographico ou Noticia Histórica de todas as Cidades, Villas, Lugares e Aldeas, Rios, Ribeiras, e Serras dos Reynos de Portugal e Algarve, com todas as cousas raras, que nelles se encontrarão, assim antigas, como modernas, [artigo, "Ancians"]*, Tomo I, 776p [:469]. Lisboa: Regia Offic. Siviana.

CARDOSO, Fonseca. (1897) Penedo com insculpturas nos arredores de Vianna do Castello. *O Arqueólogo Português*, 1ª Série, 3(7-8): 170-172.

CARDOSO, João Luís (2004) Comunidades humanas da Estremadura à costa vicentina, do Pré-Boreal ao final do Atlântico: aspectos arqueológicos, económicos e paleoambientais. IN: TAVARES, António Augusto; TAVARES, Maria José; CARDOSO, João Luís (Eds.) *Evolução Geohistórica do litoral português e fenómenos correlativos. Geologia, História, Arqueologia e Climatologia [Actas]*, pp. 305-357. Universidade Aberta.

CARDOSO, João Luís (2007) *Pré-História de Portugal*. Universidade Aberta. 576p.

CARDOSO, João Luís & CARREIRA, Júlio Roque (2003) O Povoado Calcolítico do Outeiro de São Mamede (Bombarral): Estudo do espólio das escavações de Bernardo de Sá (1903/1905). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 11: 97-228.

CARDOSO, Mário. (1951) Monumentos arqueológico da Sociedade Martins Sarmento. *Revista de Guimarães*, 61(1-2): 5-80.

CARDOSO, Guilherme (2009) Cronologias Absolutas para a Península Ibérica. Sítios Pré-Históricos do Alto Ribatejo, Portugal. [Dissertação de Mestrado]. Politécnico de Tomar; Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. 111p.

CARRANZA, Juan & VALENCIA, Juliana (1992) Organización social del ciervo en hábitat mediterráneo. *Miscel-lània Zoológica*, 16: 223-232.

CARRASCO RUS, J. NAVARRETE ENCISO, Maria S.; PACHÓN ROMERO, J.A. (2005) Nuevos datos para el estudio de representaciones zoomorfas en el arte esquemático de Andalucía. *Revista Tabona*, 13: 41-54.

CARTAILHAC, Émile de (1886) *Les ages préhistoriques de l'Espagne et du Portugal: résultats d'une mission scientifique du Ministère de l'Instruction Publique*. 347p. + 450 figs. [: 174-177, 273-274; 287-288]. Paris: Ch Reinwald.

CARTAILHAC, Émile de (1988) As Citânias e as cidades fortificadas no Minho. *Revista de Guimarães*, 5(3): 123-135. [Traduzido por Avelino Germano].

CARVALHO, António Faustino (1998) O Abrigo da Pena D'Água (Revalida, Torres Novas): resultados dos trabalhos de 1992-1997. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 1(2): 39-72.

CARVALHO, António Faustino (2003) O neolítico antigo no Arrife da Serra d'Aire. Um case-study da neolitização da Média e Alta Estremadura. IN: GONÇALVES, Victor dos Santos (Eds.) Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo. Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo. *Trabalhos de Arqueologia*, 25: 135-154. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

CARVALHO, António Faustino (2007) *A neolitização do Portugal Meridional - os exemplos do Maciço Calcário Estremenho e do Algarve Ocidental*. [Tese de Doutoramento]. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade do Algarve. 646p.

CARVALHO, António Faustino (2009) O Mesolítico Final em Portugal. IN: El Mesolítico Geométrico en la Península Ibérica, *Monografías Arqueológicas*, 44:33-68.

CARVALHO, António Faustino (2010) Chronology and geography of the Mesolithic-Neolithic transition in Portugal. In: ARMBRUESTER, Tanya & HEGEWISCH, Morten (Eds.) *On Pre- and Earlier History of Iberia and Central Europe*. Studies in Honour of Philine Kalb. Habelt-Verlag, Bonn, pp. 15-61.

CARVALHO, António Faustino; VALENTE, Maria João; HAWS, Jonathan (2004) Faunas mamológicas do Neolítico Antigo do Maciço Calcário Estremenho: análise preliminar de dados recentes. *Promotoria*, 2(2): 144-155.

CARVALHO, Maria Fernanda (2006) *Grafismos puros ou ideomorfos repetidos na arte rupestre do Vale do Tejo*. [Dissertação de Mestrado]. Instituto Politécnico de Tomar; Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. 216p.

CARVALHO, João Luís (2013) *O veado: análise ecológica e espacial de três populações*. [Dissertação de Mestrado]. Universidade de Aveiro, Departamento de Biologia. 154p.

CARVALHO, Nuno; CUNHA, Pedro Proença; MARTINS, António; TAVARES, Alexandre (2006) Caracterização geológica e geomorfológica de Vila Velha de Ródão. Contribuição para o ordenamento e sustentabilidade municipal. *Açafa* 7. 73p.

CASTRO, Luís de Albuquerque & FERREIRA, Octávio da Veiga (1960-61). As pinturas rupestres esquemáticas da Serra dos Louçães. *Conímbriga* (2-3): 203-222.

CLOTTE, Jean (1998) The "Three C's": fresh avenues towards European Palaeolithic art, IN: Christopher Chippindale and Paul S.C. Taçon (ed.). *The archaeology of rock-art*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 112-129.

COIMBRA, Fernando & GARCÊS, Sara (2016) The rock art from Figueiredo (Sertã, Portugal): typology, parallels and chronology. IN: COIMBRA, Fernando & SANSONI, Umberto (Coord.) *Post-Paleolithic filiform rock art in Western Europe*. Proceedings of the XVII UISPP World Congress (1-7 September 2014, Burgos, Spain) Volume 10/Session A18b, pp. 55-65.

CORREIA, Virgílio (1916) Pinturas rupestres descobertas em Portugal no século XVIII. *Terra Portuguesa*, 1(4): 116-119.

COLLADO GIRALDO, Hipólito (2004) Un nuevo ciclo de arte prehistórico en Extremadura: el arte rupestre de las sociedades de economía cazadora recolectora durante el Holoceno inicial como precedente del arte rupestre esquemático en Extremadura. IN: CALADO, Manuel (Eds.) *Sinais de Pedra*. Actas do 1o Colóquio Internacional sobre Megalitismo e Arte Rupestre na Europa Atlântica [Évora, 24 a 26 de Janeiro de 2003]. Fundação Eugénio da Almeida [CD-ROM].

COLLADO GIRALDO, Hipólito (2006) *Arte rupestre en la Cuenca del Guadiana: El conjunto de grabados del Molino Manzániz (Alconchel-Cheles, Badajoz)*. 534p.

COLLADO GIRALDO, Hipólito & GARCÍA ARRANZ, José Julio (Eds.) (2007) *Corpus de Arte Rupestre en Extremadura. Volume II: Arte Rupestre en la Zepa de la Serena: Puebla de Alcocer, Esparragosa de Lares y Campanario*. 431p.

COLLADO GIRALDO, Hipólito & GARCÍA ARRANZ, José Julio (2009) 10.000 años de arte rupestre. El ciclo preesquemático de la Península Ibérica y su reflejo en Extremadura (España). IN GUIDON, Niède; BUCO, Cris & ABREU, Mila Simões, *Global Rock Art - Anais do Congresso Internacional de Arte Rupestre IFRAO. Fundamentos IX*, 3: 483-508. São Raimundo Nonato: Fundação Museu do Homem Americano.

COLLADO GIRALDO, Hipólito & GARCÍA ARRANZ, José Julio (2012) La revalorización del arte rupestre de los grupos depredadores postpaleolíticos en la Península Ibérica: el arte rupestre preesquemático. IN: GARCÍA ARRANZ, José Julio, COLLADO GIRALDO, Hipólito & NASH, George (Eds.) *The Levantine Question. Post-Paleolithic rock art in the Iberian Peninsula*, pp. 227-261.

COLLADO GIRALDO, Hipólito & GARCÍA ARRANZ, José Julio (2013) Reflexiones sobre la fase inicial del arte rupestre esquemático en Extremadura a raíz de las recientes investigaciones. IN: MARTÍNEZ GARCÍA, Julián & HERNÁNDEZ PÉREZ, Mauro (Coord.) *Actas del II Congreso de Arte Rupestre Esquemático en la Península Ibérica*. Comarca de Los Vélez, 5-8 de Mayo 2010. Ayuntamiento de Vélez-Blanco, pp. 287-299.

COLLADO GIRALDO, Hipólito; GARCÍA ARRANZ, José Julio; DOMÍNGUEZ GARCÍA, Isabel María; RIVERA RUBIO, Esther; NOBRE, Luís (2008) Novedades en el arte pospaleolítico de Extremadura. IN: LÓPEZ MIRA, José Antonio; MARTINEZ VALLE, Rafael; MATAMOROS DE VILA, Consuelo (Eds.) *El Arte Rupestre del Arco Mediterráneo de la Península Ibérica. 10 años en la lista del Patrimonio Mundial de la UNESCO*, Actas IV Congreso [Valencia, 3, 4 y 5 de Diciembre de 2008] pp. 124-131.

COLLADO GIRALDO, Hipólito; GARCÍA ARRANZ, José Julio; AGUILAR GÓMEZ (Eds.) (2015) *Corpus de Arte Rupestre en Extremadura. Volume III: Arte Rupestre en el Parque Nacional de Monfragüe: El Sector Central (Término Municipal Torrejón el Rubio)* 209p.

CONRAD, Larissa; CLUTTON-BROCK; Tim; GUINNESS, Fiona (2000) Sex differences in weather sensitivity can cause habitat segregation: red deer as an example. *Animal Behaviour*, 59: 1049-1060.

CORCHÓN, Maria Soledad; VALLADAS, Hélène; BÉCARES, Julián; ARNOLD, Maurice; TISNERAT, Nadine; CACHIER, Hélène (1996) Datación de las pinturas y revisión del arte paleolítico de Cueva Palomera (Ojo Guareña, Burgos, España). *Zephyrus*, 49: 37-60.

CORREIA, A.A. Mendes (1927) As pinturas do dólmen do Padrão (Vandoma). *O Archeologo Português*, XXXVII: 128-136. Lisboa, Imprensa Nacional.

CORREIA, Vergílio (1916) Pinturas Rupestres da Sr^a da Esperança (Arronches). *Terra Portuguesa*, 1(5): 158.

CORREIA, Virgílio (1922) Aditamento (a Arte Rupestre em Portugal - A Pala Pinta de Horácio Mesquita). *Terra Portuguesa*, 4: 145-147.

CORREIA, Virgílio Nuno Hipólito & Maria Adelaide RECAREY (1988) Insculturas rupestres da Serra da Gávea: Senhora da Encarnação. *Actas do colóquio em Homenagem a Manuel Boaventura*: 93-111. Esposende: Câmara Municipal de Esposende.

COSTA, António de Carvalho da. (1706) *Corografia portugueza e descripçam topografica do famoso reyno de Portugal*. Tomo I, 534p. [436]. Lisboa: Off. de Valentim da Costa Deslandes.

COSTAS GOBERNA, Fernando Javier & NOVOA ÁLVAREZ (1993) Los Grabados Rupestres de Galicia. *Monografías*, 6. Museu Arqueológico e Histórico de A Coruña. 291p.

COSTEIRA, Catarina; MATALOTO, Rui (2013) Uma primeira abordagem à cerâmica decorada do 4º/3º milénio A.N.E. dos povoados de S. Pedro (Redondo). IN: ARNAUD, José; MARTINS, Andrea; NEVES, César (Coord.) *Arqueologia em Portugal - 150 anos*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 397-406.

CRIADO BOADO, Felipe (1993) Límites e posibilidades de la Arqueología del Paisaje. *SPAL, Revista de Prehistoria y Arqueologia*, 2: 9-55.

CRUZ, Ana Rosa (1997) Vale do Nabão do Neolítico à Idade do Bronze. IN: CRUZ, Ana Rosa, OOSTERBEEK, Luiz, REIS, Rui Pena dos (Coord.) *Arkeos: perspectivas em diálogo*, 3. Tomar: CEIPHAR - Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo.

CRUZ, Ana Rosa (2011) A Pré-História Recente do Vale do Baixo Zêzere. *Arkeos*, 30.

Tomar: CEIPHAR - Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo. 274p.

CRUZ, Ana Rosa; OOSTERBEEK, Luiz (1998) A Pré-História Recente do Alto Ribatejo: ponto da situação em Janeiro de 1998. IN: CRUZ, Ana Rosa; OOSTERBEEK, Luiz; REIS, Rui Pena (Coord.), Quaternário e Pré-História do Alto Ribatejo (Portugal). *Arkeos: perspectivas em diálogo*. 4:11-20. Tomar: CEIPHAR - Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo.

CRUZ BERROCAL, Maria (2004) *Paisaje y arte rupestre: ensayo de contextualización arqueológica y geográfica de la pintura levantina*. [Tese de Doutoramento]. Universidad Complutense de Madrid. 465p.

CRUZ, Domingos (1993) A Orca dos Juncas (Queiroga, Vila Nova de Paiva, Viseu) *Estudos Pré-Históricos*, 1:67-81.

CRUZ, Domingos (2000) *Roteiro Arqueológico de Vila Nova de Paiva*. Câmara Municipal de Paiva. 49p.

CRUZ, Domingos & VILAÇA, Raquel (1989) A Anta da Cunha Baixa (Mangualde) - escavação, restauro e conservação de um monumento megalítico. *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, pp. 51-60. Edição do Governo Civil do Distrito de Viseu.

CRUZ, Domingos & VILAÇA, Raquel (1990) Trabalhos de escavação restauro no dólmen 1 do Carapito. (Aguiar da Beira, Distrito da Guarda). Resultados preliminares. *Trabalhos do Instituto de Antropologia Dr. Mendes Corrêa*, nº45. 32p.

CRUZ, Domingos; SANTOS, André Tomás (2011) Casa da Orca de Cortiço (freguesia de Cortiço, concelho de Fornos de Algodres, distrito da Guarda): trabalhos arqueológicos, restauro e valorização”. Póster. *II Mesa-Redonda. Artes Rupestres da Pré-história e da Proto-história. Estudo, Conservação e Musealização de Maciços Rochosos e Monumentos Funerários*. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto (10-12 de Novembro de 2011).

CUNHA, Ana Leite (1991) *Arte Rupestre de Molelinhos. Notícia preliminar*. Câmara Municipal de Tondela. 16p.

CUNHA, Ana Leite (1993) Pinturas rupestres na Anta da Arquinha da Moura (concelho de Tondela, Viseu): Notícia Preliminar. *Estudos Pré-Históricos*, 1: 83-95.

- CUNHA, Ana Leite (1995) Anta da Arquinha da Moura (Tondela). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* 35(3): 133–152.
- CUNHA, Ana M.L.; SILVA, Eduardo J.L. (1980) Gravuras rupestres do Concelho de Valença. Montes dos Fortes (Taião), Tapada do Ozão, Monte da Laje. *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, 2: 121-31. Guimarães.
- CUNHA, Pedro Proença; MARTINS, Antunes, A.; DAVEAU, S.; FRIEND, P.F. (2015) Tectonic control of the Tejo river fluvial incision during the late Cenozoic, in Ródão - central Portugal (Atlantic Iberian border). *Geomorphology*, 64: 271-298.
- CUNHA, Pedro Proença; CANILHO, Sara; PEREIRA, Diamantino; GOUVEIA, Jorge; MARTINS, António (2009) O Monumento Natural das Portas do Ródão. *Geonovas*, 22: 3-12. Associação Portuguesa de Geólogos.
- DAVIS, Simon (2002) The mammals and birds from the Gruta do Caldeirão, Portugal. *Revista de Arqueologia*, 5(2): 29-98.
- DAVIS, Simon & MACKINNON, Michael (2009) Did the Romans bring fallow deer to Portugal? *Environmental Archaeology*, 14(1): 15-26.
- DAVIS, Simon & DETRY, Cleia (2013) Crise no Mesolítico: evidências zooarqueológicas. IN: ARNAUD, José; MARTINS, Andrea; NEVES, César (Coord.) *Arqueologia em Portugal - 150 anos*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 297-309.
- DELFINO, Davide; CRUZ, Ana; GRAÇA, Ana; GASPARG, Filomena; BATISTA, Álvaro (2014) A problemática das continuidades e descontinuidades na Idade do Bronze do Médio Tejo Português. IN: *A Idade do Bronze em Portugal: os dados e os problemas*. *Antrope* 1: 147-202.
- D'ENCARNAÇÃO, José (2009) Inscrição Rupestre sobre o Tejo. *Açafa* on-line, 2. Associação de Estudos do Alto Tejo. 6p.
- DETRY, Cleia (2007) *Paleontologia e Paleoeconomia do Baixo Tejo no Mesolítico Fina: O contributo do estudo dos mamíferos dos concheiras de Muge*. [Tese de Doutoramento]. Facultar de Geografia e Historia; Departamento de Prehistoria, Historia Antigua y Arqueologia. Universidade de Salamanca. 471p.
- DIAS, M. I., PRUDÊNCIO, M. I., FRANCO, D., CURA, S., GRIMALDI, S., OOSTERBEEK, L., ROSINA, P. (2009) Luminescence dating of a fluvial deposit sequence:

Ribeira da Ponte da Pedra – Middle Tagus Valley, Portugal, in Dias, M. I., Prudêncio, M. I. (Eds.), *Archaeometry – Proceedings of the XV UISPP Congress*. British Archaeological Reports, Oxford, International Series, pp.: 103-113.

DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, Marta (2010) *Las Estelas decoradas en la Prehistoria de la Península Ibérica*. [Tese de Doutoramento]. Universidade Complutense de Madrid. 920p.

DINIZ, Mariana (2005) Acerca do processo de neolitização no actual território português: modelos em debate. *Promontoria*, 3(3): 229-249.

DINIZ, Mariana (2007) O Sítio da Valada do Mato (Évora): aspectos da neolitização no Interior/Sul de Portugal. *Trabalhos de Arqueologia* 48. Lisboa. 324p.

DOMÉNECH GALBIS, Margarita (2006) Intervención de conservación en los grabados rupestres prehistóricos del yacimiento de Freiximeno (Cinctorres, Castellón de la Plana). IN: MARTÍNEZ GARCÍA, Julián & HERNÁNDEZ PÉREZ, Mauro (Coord.) *Actas del Congreso de Arte Rupestre Esquemático en la Península Ibérica*. Comarca de Los Vélez, 5-7 de Mayo 2004. Ayuntamiento de Vélez-Blanco, pp. 503-509.

DOMINGO SANZ, Inés; VILLAYERDE BONILLA, Valentín; LÓPEZ MONTALVO, Esther; LERMA, José Luís; CABRELLES, Miriam (2013) Reflexiones sobre las técnicas de documentación digital del arte rupestre: la restitución bidimensional (2D) versus la tridimensional (3D). *Cuadernos de Arte Rupestre*, 6: 21-72.

DORRELL, Peter (1994) *Photography in Archaeology and Conservation*. Second Edition. Institute of Archaeology, University College London. Cambridge University Press. 282p.

ELLIADÉ, Mircea (1999) *O Sagrado e o Profano. A Essência das Religiões*. Edição Livros do Brasil. 240p.

ENRIQUEZ NAVASCUÉS, Juan Javier (2000) Nuevos ídolos antropomorfos calcolíticos de la Cuenca Media del Guadiana. *SPAL*, 9:351-368.

FÁBREGAS VALCARCE, Ramón (1993) Las representaciones de Bulto Redondo en el megalitismo del Noroeste. *Trabajos de Prehistoria*, 50: 87-101.

FARINHA, Luís (2005) Uma janela sobre o Ródão. *História* 80, pp. 56-59.

FEIN, Sylvia (1993) *First drawings: genesis of visual thinking*. 132p. [25; 43; 53;68; 71;78;107; 112]. Pleasant Hill: Exelroad Press.

FERNANDES, António Pedro (2012) *Natural Processes in the degradation on open-air rock-*
274

art sites: an urgency intervention scale to inform conservation. [Tese de Doutoramento]. Bournemouth University. 609p.

FERREIRA, O.V., 1973, Acerca das chamadas “gravuras rupestres” de Fratel (Portas de Ródão). *Dólmén* 1: 15-16. Lisboa.

FERREIRA, Ana (2009) *Contributo para o estudo das indústrias macrolíticas holocénicas do Vale do Tejo: A estação arqueológica do Monte Pedregoso, Vila Nova da Barquinha, Portugal* [Dissertação de Mestrado]. Instituto Politécnico de Tomar; Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. 149folhas.

FERREIRA, Cristiana (2010) *Contribuição para o Estudo das Transformações Ambientais na Transição para o Agro-Pastoralismo no Alto Ribatejo* [Dissertação de Mestrado]. Instituto Politécnico de Tomar; Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. 149 folhas.

FIGUEIREDO, Alexandra (2010) Rituals and death cults in recent prehistory in Central Portugal (Alto Ribatejo). *Documenta Praehistorica*, 37: 85-94.

FIGUEIREDO, Sofia (coord.) (2011) *Arqueologia Baixo Sabor n. 1*, Baixo Sabor ACE, Odebrecht e Lena Construções. EDP.

FIGUEIREDO, Sofia (coord.) (2012) *Arqueologia Baixo Sabor n. 2*, Baixo Sabor ACE, Odebrecht e Lena Construções, EDP.

FIGUEIREDO, Sofia Catarina Soares de (2013) *A Arte Esquemática do Nordeste Transmontano: contextos e linguagens*. [Tese de Doutoramento]. Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho. 2vols. 357p.

FIGUEIREDO, S.; BAPTISTA, A (2009) As pinturas esquemático-simbólicas do Forno da Velha (Lagoa, Macedo de Cavaleiros): um diálogo entre a arqueologia e a geologia. IN: BETTENCOURT, Ana M. S.; ALVES, Lara Bacelar (Eds.) *Dos Montes, das pedras e das águas*. Formas de interacção com o espaço natural da pré-história à actualidade, pp. 11-24.

FIGUEIREDO, Sofia & BAPTISTA, António (2013) A Arte Esquemática Pintada em Portugal. IN: MARTÍNEZ GARCÍA, Julián & HERNÁNDEZ PÉREZ, Mauro (Coord.) *Actas del II Congreso de Arte Rupestre Esquemático en la Península Ibérica*. Comarca de Los Vélez, 5-8 de Mayo 2010. Ayuntamiento de Vélez-Blanco, pp. 301-315.

FIGUEIREDO, Sofia; GASPAR, Rita & XAVIER, Pedro (2011) Cruzando ocupações pré-históricas e arte rupestre no vale da Ribeira do Mosteiro: Dados da primeira campanha. *V*

Congresso de Arqueologia Interior Norte e Centro de Portugal. pp. 125-160. Direcção Regional de Cultura do Norte.

FIGUEIREDO, Sofia; NOBRE, Luís; GASPAR, Rita; CARRONDO, Joana; CRISTO ROPERO, Araceli; SILVA, M.J.D.; MOLINA, F.J. (2014) Foz do Medal Terrace - An open air settlement with Paleolithic portable art. *INORA – International Newsletter on Rock Art*, 68: 12-20.

FIGUEIREDO, Sofia; XAVIER, Pedro & NOBRE, Luís (2015) Placas móveis com grafismos rupestres paleolíticos do Terraço do Medal (Nordeste, Portugal): uma primeira análise a temas e estilos. IN: COLLADO GIRALDO, Hipólito & ARRANZ GARCÍA, José Julio (Coord.) *Arkeos: XIX International Rock Art Conference (IFRAO 2015)* 37: 1573-1588. Tomar: CEIPHAR - Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo.

FLETCHER, John (2014) *Deer*. Animal Series. 210p.

FREITAS, Adérito; SANTOS, Manuel Farinha dos; ROLÃO, José (1994) Notícia preliminar sobre “Fraga das Passadas”. (Valpaços, Portugal). *Zephyrus*, 47: 353-363.

FREITAS, André (2007) *Quinta do Paço, Ocupação Proto-Histórica e Ritual. Análise de um Complexo da Pré-História Recente do Alto Ribatejo*. [Dissertação de Mestrado]. Instituto Politécnico de Tomar; Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. 135 folhas.

FUYING, Peng (2007) *Contribution to ceramics studies of the Alto Ribatejo (Gruta do Cadaval and Anta 1 de Val da Laje, Tomar, Portugal)*. [Dissertação de Mestrado]. Instituto Politécnico de Tomar; Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

GALÁN DOMINGO, Eduardo (1993) Estelas, Paisajes y territorio en el Bronce Final del Suroeste de la Península Ibérica. *Complutum Extra* 3:77-88. Universidad Complutense de Madrid. Madrid.

GARCÊS, Sara (2009) *Cervídeos na Arte Rupestre do Vale do Tejo: contributo para o estudo da Pré-História Recente*. [Dissertação de Mestrado]. Instituto Politécnico de Tomar; Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. 194p.

GARCÊS, Sara (2012a) O Complexo de Arte Rupestre do Vale do Tejo – novas abordagens na construção de um corpus das gravuras rupestres. IN: CASCALHEIRA, João & GONÇALVES, Célia (Eds.) *Actas das IV Jornadas de Jovens em Investigação Arqueológica - JIA 2011*[11 a 13 de Maio, Campus de Gambelas, Universidade do Algarve], Volume I,

Promotora Monográfica, 16: 197-202. Faro.

GARCÊS, Sara (2012b) The Deer Figure in Tagus Rock Art. IN: ANATI, Emmanuel; OOSTERBEEK, Luiz; MAILLAND, Federico (Eds.) *The Intellectual and Spiritual Expression of Non-Literate Societies*. XV Congress UISPP - Proceedings of session 17 – BAR International Series 2360: 71-84.

GARCÊS, Sara (2013) Trabalhos de Arte Rupestre no vale do Tejo. Cervídeos: análises e resultados. IN: ARNAUD, José; MARTINS, Andrea; NEVES, César (Coord.) *Arqueologia em Portugal - 150 anos*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 527-535.

GARCÊS, Sara & OOSTERBEEK, Luiz (2009) Cervídeos na Arte Rupestre do Vale do Tejo. Contributo para o estudo da Pré-História Recente. *Zahara*, 14: 90-94.

GARCÊS, Sara; JOAQUIM, Flávio; OOSTERBEEK, Luiz; VENTURA, António [in press] Património Efêmero: os moldes de arte rupestre do Vale do Tejo e a Fotografia Aplicada a materiais arqueológicos. *Actas do XVII Congresso Mundial do UISPP (Union Internationale des Sciences Préhistoriques et Protohistoriques)*.

GARCÊS, Sara & OOSTERBEEK, Luiz (2014) The Tagus Valley Rock Art Complex: Research, methodology and results. IN: MEDINA-ALCAIDE, Maria Ángeles; ROMERO ALONSO, Antonio J.; RUIZ-MÁRQUEZ, Rosa; SANCHIDRIÁN TORTI, José L. (Coords.) *Sobre rocas y huesos: las sociedades prehistóricas y sus manifestaciones plásticas*, 363-377. ISBN 978-84-617-2993-7.

GARCÍA ATIÉNZAR, Gabriel (2006) Ojos que nos miran. Los ídolos ocupados entre las cuenca de los ríos Júcar y Segura. IN: MARTÍNEZ GARCÍA, Julián & HERNÁNDEZ PÉREZ, Mauro (Coord.) *Actas del Congreso de Arte Rupestre Esquemático en la Península Ibérica. Comarca de Los Vélez, 5-7 de Mayo 2004*. Ayuntamiento de Vélez-Blanco, pp. 223-234.

GARCÍA ARRANZ, José Julio & COLLADO GIRALDO, Hipólito (2013) Reflections on the Presence/Absence of Hands in the Anthropomorphic Figures of the Schematic Rock Art Style of the Iberian Peninsula. IN: WHITEHEAD, Peggy (Eds.) *IFRAO 2013 Proceedings, American Indian Rock Art*, Volume 40: 441-476. American Rock Art Research Association.

GARCÍA ARRANZ, José Julio; COLLADO GIRALDO, Hipólito; NOBRE, Luís; DOMÍNGUEZ GARCÍA, Isabel; RIVERA RUBIO, Esther; ROSINA, Pierluigi; GOMES, Hugo; CAPILLA NICOLÁS, José Enrique (2015) La Estación rupestre de la Cornisa de La

Calderita (La Zarza, Badajoz): últimas intervenciones y recientes aportaciones sobre sus conjuntos de pinturas esquemáticas. IN: MEDINA-ALCAIDE, Maria Ángeles; ROMERO ALONSO, Antonio J.; RUIZ-MÁRQUEZ, Rosa; SANCHIDRIÁN TORTI, José L. (Coords.) *Sobre rocas y huesos: las sociedades prehistóricas y sus manifestaciones plásticas*, pp. 229-257. ISBN 978-84-617-2993-7.

GARCÍA BARRIOS, Ángel (2005) Dos singulares testimonios de cerámica simbólica en el Valle Medio del Duero: los rostros calcolíticos de “Los Cercados” (Mucientes, Valladolid). *Zephyrus*, 58: 245-259.

GARCÍA DIEZ, Marcos & AUBRY, Thierry (2002) Grafismo mueble en el Valle de Côa (Vila Nova de Foz Côa, Portugal): La Estación Arqueológica de Fariseu. *Zephyrus*, 55: 157-182.

GARCÍA DÍEZ, Marcos; MARTINS, Andrea; MAURÍCIO, João; RODRIGUES, Ana; SOUTO, Pedro (2003) Prospeção Arqueológica no Alto Côa: novas descobertas de Arte Rupestre, *Al-Madan*, IIª série, nº 12, Centro de Arqueologia de Almada, pp. 180-181.

GIRÃO, Aristides de Amorim. (1921) *Antiguidades Pré-Históricas de Lafões, Memórias e Notícias* 2, 68p. + 1, fig. [Chap II: 17:32]. Coimbra: Publicação do Museu Mineralógico e Geológico da Universidade de Coimbra. Imprensa Universitária.

GIRÃO, Aristides de Amorim. (1921-22) Monumentos Pré-Históricos do concelho de Viseu. *O Arqueólogo Português*, 1ª Série, 25: 183-189.

GIRÃO, Aristides de Amorim. (1925) Arte rupestre em Portugal (Beira Alta). *Biblos*, 1(3): 81-95.

GLORY, André; VALTIER, Maxime; SANTOS, Manuel Farinha dos (1965) La Grotte Ornée d'Escoural. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 62(1): 110-117.

GOMES, Hugo; ROSINA, Pierluigi; COLLADO GIRALDO, Hipólito; GARCÍA ARRANZ, José Julio; NOBRE, Luis; DOMÍNGUEZ GARCÍA, Isabel; RIVERA RUBIO, Esther; RODRÍGUEZ DORADO, Lázaro; TORRADO CÁRDENO, José Manuel; VILLALBA DE ALVARADO, Mónica; NACARINO DE LOS SANTOS, Magdalena (2014) Archaeometric Characterization analyses on Rock Art Pigments and Natural Concretions at Friso del Terror - Monfrague National Park, Cáceres, Spain. IN: MEDINA-ALCAIDE, Maria Ángeles; ROMERO ALONSO, Antonio J.; RUIZ-MÁRQUEZ, Rosa; SANCHIDRIÁN TORTI, José L. (Coords.) *Sobre rocas y huesos: las sociedades prehistóricas y sus manifestaciones* 278

plásticas, pp. 411-423. ISBN 978-84-617-2993-7.

GOMES, Hugo (2015) *Arqueometria de Pigmentos da Arte Rupestre. Caracterização mineralógica e técnicas de produção na arte esquemática da Península Ibérica ocidental*. [Tese de Doutoramento em Quaternário, Materiais e Culturas]. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Vila Real. 322p.

GOMES, Hugo; COLLADO GIRALDO, Hipólito; MARTINS, Andrea; NASH, George; ROSINA, Pierluigi; VACCARO, Carmela, VOLPE, Lisa (2015) Pigments in Western Iberian Schematic Rock Art: An Analytical Approach. *Mediterranean Archaeology and Archaeometric*, 15(1): 163-175.

GOMES, Mário Varela (1980) Arte do Tejo. *Enciclopédia Verbo de Cultura*, 20: 1300-1304. Lisboa: Editorial Verbo.

GOMES, Mário Varela (1987) Arte Rupestre do Vale do Tejo. *Arqueologia no Vale do Tejo*: 26-43. Lisboa: IPPC-Instituto Português do Património Cultural.

GOMES, Mário Varela (1989) Arte rupestre e contexto arqueológico. *Almansor: Revista de Cultura* (1ªSérie), 7: 225 – 269.

GOMES, Mário Varela (1990a) A rocha 49¹ de Fratel e os períodos estilizado-estático e estilizado-dinâmico na arte rupestre do Vale do Tejo. IN: RODRIGUES, M. Conceição (Coord.) *Homenagem Professor Santos Júnior*, I: 151-177. Lisboa. Instituto Português de Investigação Científica.

GOMES, Mário Varela (1990b) A importância dos elementos naturais e do ambiente na arte rupestre. *Jornadas sobre Parques con Arte Rupestre*, pp. 123-148. Zaragoza.

GOMES, Mário Varela (1992) L'art rupestre au Portugal. *La Naissance de l'Art en Europe*. 56-59. Paris: Union Latina.

GOMES, Mário Varela (1993) *O Marco de Anta ou Estela-Menir de Carrapatosa (Tondela, Viseu)*. Câmara Municipal de Tondela. 22p. + III ests.

GOMES, Mário Varela (1994) Menires e cromeleques no complexo cultural megalítico português - trabalhos recentes e estado da questão. *Separata das Actas do Seminário "O Megalitismo no Centro de Portugal" Mangualde, Novembro de 1992, Viseu*, pp. 317-342.

GOMES, Mário Varela (1995) Cavalo, de cor vermelha, da gruta do Escoural (Montemor-o-Novo, Évora). *Homenagem a Artur Nobre de Gusmão*: 295-305, Editorial Vega, Lisboa.

GOMES, Mário Varela (1997) Estela-menir da Herdade do Barrocal (Reguengos de Monsaraz, Évora): resultados dos trabalhos de 1995. *Revista de Arqueologia*, 10(1): 43-71.

GOMES, Mário Varela (2000) A rocha 175 de Fratel - Iconografia e interpretação. *Estudos Pré-Históricos*, 8: 81-112.

GOMES, Mário Varela (2001) Arte rupestre do Vale do Tejo (Portugal) - Antropomorfos (estilos, comportamentos, cronologia e interpretações), *Série Arqueológica - Semiótica del Arte Rupestre*: 53-88. Academia de Cultura Valenciana, Sección de Prehistoria y Arqueología. Valência: Diputación Provincial de Valencia.

GOMES, Mário Varela (2002) Arte rupestre em Portugal - perspectiva sobre o último século. in José Morais Arnaud (Coord.) *Arqueologia 2000 Balanço de um Século de Investigação Arqueológica em Portugal. Arqueologia e História* - Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses. 54: 139-196.

GOMES, Mário Varela (2004) A rocha 11 de Gardete (Vila Velha de Ródão) e os períodos terminais da arte rupestre do Vale do Tejo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 7 (1): 61-128.

GOMES, Mário Varela (2007) Os períodos iniciais da arte do Vale do Tejo (Paleolítico e Epipaleolítico). *Cuadernos de Arte Rupestre*, 4: 81-116.

GOMES, Mário Varela (2010) *Arte Rupestre do Vale do Tejo. Um Ciclo Artístico-Cultural Pré e Proto-Histórico*. [Tese de Doutoramento]. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa. 2 vols. 1643p.

GOMES, Mário Varela & MONTEIRO, Jorge Pinho (1974-1977) As rochas decoradas da Alagoa, Tondela, Viseu. *O Arqueólogo Português*, 3ª Série, 7/9: 145-164.

GOMES, Mário Varela & MONTEIRO, Jorge Pinho (1974-1977) A estela-menir decorada da Carrapatosa, Beira Alta, Nota de descoberta. *O Arqueólogo Português*, série III, vols. VII-IX, pp. 89-93.

GOMES, Mário Varela & MONTEIRO, Jorge Pinho (1980) Arte Rupestre do vale do Tejo - *A evolução estilística cronológica e cultural. IV Congresso Nacional de Arqueologia Faro*, Maio 1980 - Resumos. Sala 2 Secções 4/5: 4.19-4-23. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa.

GOMES, Mário Varela; SILVA, Carlos Tavares (1987) *Levantamento Arqueológico do Algarve*. Concelho de Vila do Bispo: 17-20. Faro: Secretaria de Estado da Cultura.

GOMES, Mário Varela & CARDOSO, João Luís (1989) A mais antiga representação de Equus do Vale do Tejo. Actas do Colóquio Internacional "Arte Pré-histórica: nos 25 anos da descoberta da gruta do Escoural". *Almansor*, 7: 167-209. Montemor-o-Novo.

GOMES, Mário Varela; GOMES, Rosa Varela; SANTOS, Manuel Farinha (1994) O Santuário Exterior do Escoural - Sector SE (Montemor-o-Novo, Évora). *Actas das V Jornadas Arqueológicas*, pp. 93-108. Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses.

GOMES, Mário Varela & BAPTISTA, António Martinho (1996) Arte rupestre do Vale do Côa: espaço, iconografia, estudo e conservação. *Quaderni della Scuola Italiana di Madrid*, 4: 63-70.

GOMES, Mário & NETO, Nuno (2013) As pinturas rupestres do Ribeiro das Casas (Malhada Sorda, Almeida) *Cuadernos de Arte Rupestre*, 5, [2008-2010]: 29-42.

GONÇALVES, Victor (1999) *Reguengos de Monsaraz, territórios megalíticos*. Lisboa, 153p.

GONÇALVES, Victor (2002) Duas áreas de inesperado avanço sobre a vida e a morte das antigas sociedades camponesas do Guadiana Médio. A Mega Operação Alqueva. Um balanço dos blocos 3 e 6 em fins de 2002. *Al-Madan*, IIª série, nº 11, Centro de Arqueologia de Almada, pp: 99-108.

GONZÁLEZ CORDERO, Antonio (1999) Datos para la contextualización del arte rupestre esquemático en la Alta Extremadura. *Zephyrus*, 52: 191-220.

GONZÁLEZ CORDERO, Antonio & CERRILLO CUENCA, Enrique (2015) Un grabado con una posible escena de pesca en la roca nº68 de São Simão (Nisa, Portugal). *Açaфа* on-line, 10: 87-99. Vila Velha de Ródão.

GRAÇA, Ana (2007) *Catálogo de Artefactos Líticos dos Canteirões (Tomar, Portugal) – Uma Abordagem à sua Divulgação*. [Dissertação de Mestrado] Instituto Politécnico de Tomar; Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. 183p.

GRIMALDI, Stefano; ROSINA, Pierluigi; FERNANDEZ, Isabel (1998) Interpretazione Geo-Archeologica Di Alcune Industrie Litiche “Languedocensi” del Medio Bacino del Tejo. IN: CRUZ, Ana Rosa; OOSTERBEEK, Luiz; REIS, Rui Pena (Coord.) *Arkeos: perspectivas em diálogo. Quaternário e Pré-História do Alto Ribatejo (Portugal)* 4: 145-226. Tomar: CEIPHAR - Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo.

GUY, Emmanuel (1993) Enquête stylistique sur l’expression figurative épipaléolithique en

France: de la forme au concept. *Paléo*, 5: 333-373.

HENRIQUES, Francisco José Ribeiro & CANINAS, João Carlos Pires (1980) Contribuição para a Carta Arqueológica dos concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa (I). *Preservação*, 3. 67p. Vila Velha de Ródão.

HENRIQUES, Francisco José Ribeiro; CANINAS, João Carlos; HENRIQUES, António (1982) Levantamento de algumas gravações antigas sobre rocha do Sul da Beira Interior. *Beira Alta*, 41 (3):703-716.

HENRIQUES, Francisco José Ribeiro; CANINAS, João Carlos; & CHAMBINO, Mário (1993) Carta Arqueológica do Tejo Internacional. Volume 3. *Preservação*, 14-16, Associação de Estudos do Alto Tejo. Núcleo Regional de Investigação Arqueológica.

HENRIQUES, Francisco José Ribeiro; CANINAS, João Carlos; & CHAMBINO, Mário (1995a) Carta Arqueológica do Tejo Internacional. Volume 2. *Preservação*, 14-16, Associação de Estudos do Alto Tejo. Núcleo Regional de Investigação Arqueológica.

HENRIQUES, Francisco José Ribeiro; CANINAS, João Carlos; & CHAMBINO, Mário (1995b) Rochas com covinhas na região do Alto Tejo Português. IN: JORGE, Vítor Oliveira (Coord.). Actas 1ª Congresso de Arqueologia Peninsular (Porto, 12-18 de Outubro de 1993). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35(4): 191-202. IV ests.

HENRIQUES, Francisco José Ribeiro; CANINAS, João Carlos; & CHAMBINO, Mário (2007) Carta Arqueológica de Vila Velha de Ródão – uma leitura actualizada dos dados da Pré-História Recente. *1ª Reunión de Estudios sobre la Prehistoria Reciente en el Tajo Internacional. Marcadores Gráficos y Constructores de Megalitos en el Tajo Internacional* [Santiago de Alcántara, Cáceres, 1, 2 y 3 de Marzo de 2007], pp. 1-19.

HENRIQUES, Francisco; CANINAS, João Carlos; CHAMBINO, Mário (2008) Cartografia arqueológica nos rios Erges, Aravil e Tejo (Idanha-a-Nova e Castelo Branco). Primeira notícia. *Açafa* on-line 1. Associação de Estudo do Alto Tejo, 10p.

HENRIQUES, Francisco; CHAMBINO, Mário; CANINAS, João Carlos; CARVALHO, Emanuel (2011) Pinturas rupestres pré-histórias na Serra das Talhadas. Primeira notícia. *Açafa* on-line, 4. Vila Velha de Ródão, 25p.

HENRIQUES, Francisco; CANINAS, João Carlos; CHAMBINO, Mário; PEREIRA, André; CARVALHO, Emanuel (2012) Abrigos ciclónicos com grafismos rupestres nas margens dos

rios Erges e Ocreza. IN: Iª Mesa Redonda. Artes Rupestres da Pré-História e da Proto-História: paradigmas e metodologias de registo. *Trabalhos de Arqueologia*, 54: 293-312.

HENRIQUES, Francisco; CANINAS, João Carlos; CHAMBINO, Mário; ROBLES, HENRIQUES, F.; ANTÓNIO, T.; SANTOS, C.; CANHA, A. (2013) Grafismos rupestres em afluentes do rio Tejo no distrito de Castelo Branco. *Açafa* 6: 67-112.

HERNÁNDEZ-PACHECO, Eduardo (1916) *Pinturas Prehistóricas y dólmenes de la región de Albuquerque (Extremadura) según datos y dibujos de Aurélio Cabrera*. Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistoricas, nota 8. 12p. 10figs. II ests. Madrid.

HERNÁNDEZ PÉREZ, Mauro (1982) Consideraciones sobre un nuevo tipo de arte rupestre prehistorico. IN: RIPOLL-PERELLÓ, Eduardo (Dir.) Anuario Internacional de Arte Prehistorico *Ars Praehistorica*, Tomo I: 179-187. Editorial AUSA.

HERNÁNDEZ PÉREZ, Mauro (2013) Artes Esquemáticos en la Península Ibérica: el paradigma de la pintura esquemática. IN: MARTÍNEZ GARCÍA, Julián & HERNÁNDEZ PÉREZ, Mauro (Coord.) *Actas del II Congreso de Arte Rupestre Esquemático en la Península Ibérica*. Comarca de Los Vélez, 5-8 de Mayo 2010. Ayuntamiento de Vélez-Blanco, pp. 13-32.

HERNANZ, Antonio; GAVIRA-VALLEJO, José M.; RUIZ-LÓPEZ, Juan; EDWARDS, Howell (2008) A comprehensive micro-Raman spectroscopic study of prehistoric rock paintings from the Sierra de las Cuerdas, Cuenca, Spain. *Journal of Raman Spectroscopy*, 39: 972-984.

HERNANZ, Antonio, RUIZ-LÓPEZ, Juan; GAVIRA-VALLEJO, José M.; MARTIN, Santiago; GAVRILENKO, Egor (2010a) Raman microscopy of prehistoric rock paintings from the Hoz de Vicente, Minglanilla, Cuenca, Spain. *Journal of Raman Spectroscopy*, 41:1104-1109.

HERNANZ, Antonio, RUIZ-LÓPEZ, Juan; GAVIRA-VALLEJO, José M.; GAVRILENKO, Egor; MARTIN FERNÁNDEZ, Santiago; (2010b) Raman, IR, Optical and SEM/EDX Microscopy of Prehistoric Rock Paintings. IN: MACIAS, B.; GUAJARDO, F. (Eds.) *Rock Chemistry*, pp. 81-102.

HERNANZ GISMERO; Antonio; RUIZ-LÓPEZ, Juan; GAVIRA VALLEJO, José María (2010) Pigmentos, aglutinantes y pátinas: Caracterización fisicoquímica de la tecnología de las pinturas rupestres levantinas. IN: GARCÍA ARRANZ, José Julio, COLLADO GIRALDO,

Hipólito & NASH, George (Eds.) *The Levantine Question*. Post-Paleolithic rock art in the Iberian Peninsula, pp. 345-365.

HOKETT, Bryan & HAWS, Jonathan (2002) Taphonomic and Methodological Perspectives of Leporid Hunting During the Upper Paleolithic of the Western Mediterranean Basin. *Journal of Archaeological Method and Theory*, 9(3): 269-302.

HURTADO PÉREZ, Victor (2010) Representaciones simbólicas, sitios, contextos e identidades territoriales en el Suroeste peninsular IN: MAICAS, R.; CACHO, C.; GALÁN, E. y MARTOS, J.A. (Coord.) *Los Ojos que Nunca se Cierran: Ídolos en las Primeras Sociedades Campesinas*. Ministerio de Cultura. Museo Arqueológico Nacional, 137-198.

IGNÁCIO, Elaine (2009) *A representação de cervídeos no complexo rupestre do Parque Nacional da Serra da Capivara: morfologias, sintaxe e contextos arqueológicos*. [Dissertação de Mestrado]. Instituto Politécnico de Tomar/Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. 170p.

IRIARTE, Mercedes; HERNAN, Antonio, RUIZ-LÓPEZ, Juan; MARTIN, Santiago; (2013) μ -Raman spectroscopy of prehistoric paintings from the Abrigo Remacha rock shelter (Villaseca, Segovia, Spain). *Journal of Raman Spectroscopy*, 44:1557-1562.

JALHAY, Eugénio (1947) Uma notável gravura rupestre da Citânia de Sanfins. *Brotéria*, 39(5): 554-563.

JOAQUIM, Flávio Nuno (2014) *Relatório Final de Estágio*. Mestrado em Fotografia Aplicada (Fotografia Aplicada à Arqueologia). Instituto Politécnico de Tomar. 173p.

JORGE, Susana Oliveira (1986) *Povoados da Pré-História Recente da Região de Chaves - Vila Pouca de Aguiar (Trás-os-Montes Ocidental): Bases para o conhecimento do IIIº e Princípios do IIº Milénios a.C. no Norte de Portugal*. [Tese de Doutoramento]. Faculdade de Letras, Universidade do Porto. 1146p.

JORGE, Susana Oliveira; JORGE, Vítor Oliveira; ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira; SANCHES, Maria de Jesus; SOEIRO, Maria Teresa (1981) Gravuras Rupestres de Mazouco, Freixo-de-Espada-à-Cinta. *Arqueologia*, 3:3-12. 6

JORGE, Susana Oliveira; JORGE, Vítor Oliveira; ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira; SANCHES, Maria de Jesus; SOEIRO, Maria Teresa (1982) Gravuras Rupestres de Mazouco, Freixo-de-Espada-à-Cinta. *Zephyrus*, 34-35:65-70.

JORGE, Vítor Oliveira (1980) A Arte Rupestre. *História*, 18: 28-35.

JORGE, Vítor Oliveira (1983a) Gravuras portuguesas. *Zephyrus* 36(0): 53-61.

JORGE, Vítor Oliveira (1983b) Evolução das teorias explicativas do Megalitismo Europeu. *Humanidades*, 3: 18-33. Edição da Associação de Estudantes da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

JORGE, Vítor Oliveira (1986) Arte Rupestre em Portugal[13]. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 26: 27-50.

JORGE, Vítor Oliveira (1987) Gravuras Portuguesa. IN: *Projectar o Passado. Ensaios sobre Arqueologia e Pré-história*. 277p. (: 263-277). Lisboa: Presença.

JORGE, Vítor Oliveira (1997) Em torno da Arte Megalítica: revisitando uma visão de 1981. *Portvgalia*, Nova Série, vol. 17-18, Porto, DCTP-FLUP, 1997-1998, pp. 51-76.

JORGE, Vítor Oliveira (1998) Interpreting the “Megalithic Art” of Western Iberia: Some Preliminary Remarks. *Journal of Iberian Archaeology*, (0): 69-81.

JORGE, Vítor Oliveira (1999) A propósito da arte megalítica do NW Peninsular. *Arkeos: perspectivas em diálogo*. 1ª Curso Intensivo de Arte Pré-Histórica Europeia, 6 (Tomo I): 109-131.

JORGE, Vítor Oliveira & JORGE, Susana Oliveira (1991) Figurations humaines préhistoriques du Portugal: Dolmens ornés, Abris Peints, Rochers gravés, Statues-Menhirs. *Colloque de Mont Bego. Une Montagne Sacrée de l'Âge du Bronze*, (pré-actas), 1: 391-433. Tende.

JORGE, Vítor Oliveira & JORGE, Susana Oliveira (1994) Rock art in Portugal: from the paleolithic to the Iron Age. *International Rock Art Congress* (May-June, Flagstaff, U.S.A.).

JORGE, Vítor Oliveira & JORGE, Susana Oliveira (1995) Portuguese Rock Art: a general view. *Dossier Côa*, pp. 19-43, I est.

JORGE, Vítor Oliveira; BAPTISTA, António Martinho & SANCHES, Maria de Jesus (1988) A Fraga D'Aia (Paredes da Beira - S. João da Pesqueira) - Arte Rupestre e Ocupação Pré-Histórica. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 28: 201-232.

JORGE, Vítor Oliveira; BAPTISTA, António Martinho; JORGE, Susana Oliveira; SANCHES, Maria de Jesus; SILVA, Eduardo Jorge; SILVA, Margarida Santos; CUNHA, Ana Leite (1988) O abrigo com pinturas rupestres da Fraga D'Aia (Paredes da Beira - S. João

da Pesqueira) - Notícia preliminar. *Arqueologia*, 18: 109-30.

KULLBERG, J.C.; ROCHA, R.B.; SOARES, A.F.; REY, J.; TERRINHA, P.; AZERÊDO, A.C.; CALLAPEZ, P.; DUARTE, L.V.; KULLBERG, M.C.; MARTINS, L.; MIRANDA, R.; ALVES, C.; MATA, J.; MADEIRA, J.; MATEUS, O.; MOREIRA, M.; NOGUEIRA, C.R. (2013) A Bacia Lusitaniana: Estratigrafia, Paleogeografia e Tectónica. IN: DIAS, R.; ARAÚJO, A.; TERRINHA, P.; KULLBERG, J.C. (Coord.) *Geologia de Portugal*, Volume II: 195-350.

LERMA, José Luis; CABRELLES, Miriam; NAVARRO, Santiago; SEGUÍ, Ana Elena (2013) Modelado fotorrealístico 3D a partir de procesos fotogramétricos: láser escáner versus imagen digital. *Cuadernos de Arte Rupestre*, 6: 85-90.

LOPES, Sílvia (2006) Paleobiologia da Gruta-necrópole do Cadaval (Tomar) Contribuição para o estudo da Neolitização no Alto Ribatejo. [Dissertação de Mestrado]. Instituto Politécnico de Tomar; Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. 108 folhas + 6 ests.

LÓPEZ-MONTALVO, Esther & DOMINGO SANZ, Inés (2008) Nuevas técnicas aplicadas a la documentación gráfica del Arte Levantino: valoración crítica del método tras una década de experimentación. IN: LÓPEZ MIRA, José Antonio; MARTINEZ VALLE, Rafael; MATAMOROS DE VILA, Consuelo (Eds.) *El Arte Rupestre del Arco Mediterráneo de la Península Ibérica. 10 años en la lista del Patrimonio Mundial de la UNESCO*, Actas IV Congreso [Valencia, 3, 4 y 5 de Diciembre de 2008] pp. 295-302.

LOPO, Albino dos Santos Pereira (1900) O Castro do Lombeiro de Maquieiros em Gondesende (Bragança). *O Arqueólogo Português*, 1ª Série, 5(1):14-16 + il.

LOPO, Albino dos Santos Pereira. (1902) Notas e considerações sobre Bragança. *O Arqueólogo Português*, 1ª Série, 7 (1): 14-16 + il.

LOPO, Albino dos Santos Pereira. (1903) Archeologia do districto de Bragança. *O Arqueólogo Português*, 1ª Série, 8 (10-12): 250-254.

LOPO, Albino dos Santos Pereira. (1910) Notícias archeologicas e lendarias das margens do Sabor. *O Arqueólogo Português*, 1ª Série, 15(1-12) Jan-Dez: 317-321.

LUÍS, Luís (2008) *A Arte e os Artistas do Vale do Côa [Guia para Visitantes]*. Parque Arqueológico Vale do Côa. 150p.

SOBRINO LORENZO-RUZA, Ramón (1951) Petróglicos e labirintos. *Revista de Guimarães*,

61(3-4): 378-393.

SOBRINO LORENZO-RUZA, Ramón (1953) Los Motivos de Labirintos y su influencia en los Petroglifos Gallego-Atlánticos. *Revista de Guimarães*, 63(1-2): 56-82.

MARTÍ OLIVER, Bernat & HERNÁNDEZ PÉREZ, Mauro (1988) *El Neolític Valencià. Arte Rupestre i cultura material*. Serie d'Investigació Prehistòrica de la Diputació de València. 116p.

MARTÍNEZ COLLADO, Francisco Javier; MEDINA RUIZ, Antonio Javier; SAN NICOLÁS DEL TORO, Miguel (2013) Aplicación del plugin DStretch para el programa ImageJ al estudio de las manifestaciones pictóricas del abrigo Riquelme (Murcia) *Cuadernos de Arte Rupestre*, 6: 53-67.

MARTÍNEZ GARCÍA, Julián (2005) Pintura Rupestre postpaleolítica en Andalucía. Estado actual y perspectivas de futuro. IN: HERNÁNDEZ PÉREZ, Mauro & SOLER DÍAZ, Jorge (Eds.) *Actas Congreso Arte Rupestre en la España Mediterránea*, Alicante, 25-28 de octubre 2004, pp. 251-275.

MARTÍNEZ GARCÍA, Julián & HERNÁNDEZ PÉREZ, Mauro (Eds.) (2006) *Actas del Congreso Arte Rupestre Esquemático en la Península Ibérica*. Comarca de los Vélez, 5-7 de Mayo 2004. 588p.

MARTÍNEZ GARCÍA, Julián & HERNÁNDEZ PÉREZ, Mauro (Eds.) (2013) *Actas del II Congreso Arte Rupestre Esquemático en la Península Ibérica*. Comarca de los Vélez, 5-8 de Mayo 2010. 328p.

MARTINS, Andrea (2005) *Arqueologia Cognitiva em Leiria: a Arte Rupestre. Habitantes e Habitats – Pré e Proto-história na Bacia do Lis*. Câmara Municipal de Leiria, pp. 104-117.

MARTINS, Andrea (2007) Arte Rupestre no concelho de Torres Novas: a Lapa dos Coelhos, Nova Augusta - Revista de Cultura , nº 19, Ed. Município de Torres Novas, pp. 377-388.

MARTINS, Andrea (2011a) Arte esquemática em Portugal: um projecto em construção, IN: OrJIA (Coord.) *Actas de las II Jornadas de Jóvenes en Investigación Arqueológica (Madrid, 6, 7 y 8 de Mayo de 2009)*, JIA 2009, Tomo II, pp. 815-818.

MARTINS, Andrea (2011b) Shelter with schematic painted art in Portugal: territories and symbologies. IN: LÓPEZ-MONTALVO, Esther & SEBASTIAN LÓPEZ, María (Coord.) *El legado artístico de las sociedades prehistóricas. Nuevos paradigmas de análisis y*

documentación, pp. 111-113.

MARTINS, Andrea (2012) Antropização de um território: Arte Esquemática e povoamento no Arrife da Serra de Aire e Candeeiros – dados preliminares, *Actas das IV Jornadas de Jovens em Investigação Arqueológica - JIA 2011*, Vol. I, Universidade do Algarve, Promontoria Monográfica, 16: 147-153.

MARTINS, Andrea (2013) A Pintura Rupestre Esquemática em Portugal: muitos sítios, mesmas pessoas? IN: ARNAUD, José; MARTINS, Andrea; NEVES, César (Coord.) *Arqueologia em Portugal - 150 anos*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 495-505.

MARTINS, Andrea (2014) *A Pintura Rupestre do Centro de Portugal. Antropização simbólica da paisagem pelas primeiras sociedades agro-pastoris*. [Tese de Doutoramento]. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade do Algarve. 2vols. 552p.

MARTINS, Andrea & NOBRE, Luís (2013) Um novo abrigo com pintura rupestre esquemática: o abrigo de Segura, ou como, só se encontra aquilo que se procura. IN: ARNAUD, José; MARTINS, Andrea; NEVES, César (Coord.) *Arqueologia em Portugal - 150 anos*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 515-521.

MARTINS, Andrea; Ana Filipa RODRIGUES & Marcos GARCÍA DIEZ (2004) Arte esquemática do maciço calcário Estremenho: Abrigo do Lapedo I e Lapa dos Coelhos. IN: CRUZ, Ana Rosa & OOSTERBEEK, Luiz (Coord.) *Arkeos: perspectivas em diálogo. Arte Rupestre, Pré-História, Património*, 15: 15-28. Tomar: CEIPHAR - Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo.

MAS CORNELLÀ, Martí; MAURA MIJARES, Rafael; SOLÍS DELGADO, Mónica; PÉREZ GONZÁLEZ, Javier (2013) Reproducción digital, microfotografía estereoscópica y fotografía esférica aplicadas a la interpretación del arte rupestre prehistórico. *Cuadernos de Arte Rupestre*, 6: 77-83.

MAS, Martí; JORGE, Alberto; GAVILAN, Beatriz; SOLÍS, Mónica; PARRA, Enrique; PÉREZ, Pedro-Pablo (2013) Minateda rock shelters (Albacete) and post-palaeolithic art of the Mediterranean Basin in Spain: pigments, surfaces and patinas. *Journal of Archaeological Science*, 40: 4635-4647.

MATEO-SAURA, Miguel Ángel (2002) La llamada “fase per-levantina” y la cronología del arte del arte rupestre levantino. Una revisión crítica. *Trabajos de Prehistoria* 59: 49-64.

MATTOZO, Luiz Montez. (1740) *Ano Noticioso e Histórico*. [Traz os Montes - Torre de Moncorvo, 8 de Janeiro de 1740]. I: 17-18. Lisboa: na Oficina da Laboriosa Curiosidade.

MENÉNDEZ, FERNÁNDEZ Mario; MAS, Martí & MINGO, Alberto (2012) *El Arte en la Prehistoria*. Editorial UNED. 590p. ISBN: 978-84-362-5902-5.

MENÉNDEZ FERNÁNDEZ, Mario & QUESADA LÓPEZ, José Manuel (2008) Artistas y Cazadores de Ciervos. El papel del ciervo en el arte y la caza del Paleolítico Superior Cantábrico. *Espacio, Tiempo y Forma*. Serie I, Nueva época. Prehistoria y Arqueología. 1: 155-166.

MENEZES, Mário. (1925) Notícias arqueológicas do Concelho de Ribeira de Pena. *O Arqueólogo Português*, 1ª Série, 27: 29-48.

MESQUITA, Horácio. (1922) Arte Rupestre em Portugal. A Pala Pinta. *Terra Portuguesa*, 4: 145.

MESTRE, Frederico (2003) *Estudo da densidade e selecção de habitat pelo Veado (Cervus elaphus L.) no Perímetro Florestal da Contenda*. [Trabalho de final de curso]. Universidade de Évora. 78p.

MOLEIRO, Vera (2015) *Antropização da paisagem e gestão das matérias-primas: estudo arqueopetrográfico de monumentos megalíticos do Alto Ribatejo, Portugal*. [Dissertação de Mestrado]. Instituto Politécnico de Tomar/Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. 205p.

MONTEIRO, Jorge Pinho & Mário Varela Gomes (1977) Rocha com covinhas na ribeira da Pracana. *O Arqueólogo Português* s. III 7/9: 95-99.

MONTEIRO-RODRIGUES, Sérgio (2011) Pensar o Neolítico Antigo. *Estudos Pré-Históricos*, 16. 397p. Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta.

MOURE ROMANILLO, Alfonso (2009) Arqueología del arte prehistórico en la Península Ibérica. *Arqueología Prehistórica*. 207p.

NEVES, Jaime Quintas (1981) “Os pratinhos de Nossa Senhora”. *1º Colóquio Galaico-Minhoto*. 2. Ponte de Lima: Associação Cultural Galaico-Minhota, pp. 178-179.

NEVES, Dário & FGUEIREDO, Sofia (2015) Quinhentas placas gravadas da Idade do Ferro do sítio fortificado do Castelhinho (Nordeste Portugal): temas figurados e padrões de distribuição. IN: COLLADO GIRALDO, Hipólito & ARRANZ GARCÍA, José Julio (Coord.)

Arkeos: XIX International Rock Art Conference (IFRAO 2015) 37: 1589-1605. Tomar: CEIPHAR - Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo.

NEVES, Dário; DIAS, Rodrigo; COELHO, Sílvia; XAVIER, Pedro; MORAIS, Renata; CARVALHO, Luís; FIGUEIREDO, Sofia (2012) A rocha 1 da Quinta do Feiticeiro (Cardanha, Torre de Moncorvo): contribuições para o estudo do imaginário guerreiro e cinegético da Idade do Ferro. IN: CASCALHEIRA, João & GONÇALVES, Célia (Eds.) Actas das IV Jornadas de Jovens em Investigação Arqueológica - JIA 2011[11 a 13 de Maio, Campus de Gambelas, Universidade do Algarve], Volume I, *Promotoria Monográfica*, 16: 169-175. Faro.

NOBRE, Luís (2006) *Arte Rupestre Pré-Histórica da Margem Esquerda do rio Erges. Dissertação de Mestrado em Arqueologia Pré-Histórica e Arte Rupestre* [Dissertação de Mestrado]. IPT-UTAD. Instituto Politécnico de Tomar; Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. 111p.

NUEVO, M.J.; MARTÍN SÁNCHEZ, A.; OLIVEIRA, C., OLIVEIRA, J. (2011) In situ energy dispersive X-ray fluorescence analysis of rock art pigments from the ‘Abrigo dos Gaivões’ and ‘Igreja dos Mouros’ caves (Portugal). *X-Ray Spectrometry*, 41(1): 1-5.

OBERMAIER, Hugo (1923) Impressiones de un viaje prehistórico por Galiza. *Boletín de la Comisión Provincial de Monumentos Historicos y Artisticos de Orense*, 7: 148-149.

OLIVEIRA, Jorge de & OLIVEIRA, Clara (2013) Abrigo Igreja dos Mouros - Esperança - Arronches, no contexto da arte esquemática da Serra de S. Mamede. IN: ARNAUD, José; MARTINS, Andrea; NEVES, César (Coord.) *Arqueologia em Portugal - 150 anos*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 507-514.

OLIVEIRA, Jorge & OLIVEIRA, Clara (2015) A arte rupestre esquemática pintada no contexto megalítico da Serra de São Mamede. IN: GONÇALVES, Victor; DINIZ, Mariana & SOUSA, Ana Catarina (Eds.) *Estudos e Memórias*, 8: 547-556. Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

OOSTERBEEK, Luiz (1992) Habitât et territoires de la préhistoire récente dans le Haut Ribatejo (Portugal). *Mediterrâneo, Revista de Estudos Pluridisciplinares sobre as Sociedades Mediterrânicas*, 1: 111-125.

OOSTERBEEK, L. (1994). *Echoes from the East: the western network. An insight to unequal and combined development, 7000–2000 BC*. [Tese de Doutoramento]. Londres: University of

London. 2vols. 732 folhas.

OOSTERBEEK, Luiz (1997) Echoes from the East: late Prehistory of the North Ribatejo. *Arkeos: perspectivas em diálogo*, 2. Tomar: CEIPHAR - Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo, 304p.

OOSTERBEEK, Luiz (2001) Stones, carvings, foragers and farmers in the Southwest of Europe. A view from the inland. *Prehistoria 2000*: 150-168.

OOSTERBEEK, Luiz (2002) Le Culte de L'Eau das le Alto Ribatejo, Portugal. IN: CRUZ, Ana Rosa & OOSTERBEEK, Luiz (Coord.) *Arkeos: Territórios, mobilidade e povoamento no Alto-Ribatejo. III: Arte Pré-Histórica e o seu contexto. Arkeos: perspectivas em diálogo*. 12: 227-256. Tomar: CEIPHAR - Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo.

OOSTERBEEK, Luiz (Coord) (2003) Vale do Ocreza – Campanha 2001. *Techne* 8: 41-70. Tomar.

OOSTERBEEK, Luiz (2008) Problems and perspectives of rock art in Portugal: a view from the Tagus Valley. *Man in India*, 88(2-3): 331-351. Serials Publications.

OOSTERBEEK, Luiz (2009) El Arte del Tajo en el marco de los estudios de arte rupestre en Portugal. IN: SANABRIA MARCOS, Primitivo Javier (Editor): Actas del Congreso El Mensaje de Maltravieso 50 años después (1956-2006) *Memorias* 8: 177-188. Junta de Extremadura, Consejería de Turismo e Cultura, Museo de Cáceres.

OOSTERBEEK, Luiz; CURA, Sara; PEREIRA, Anabela (2004) Cobrança, Relatório de Emergência. *Techne* 9: 55-64.

OOSTERBEEK, Luiz; CURA, Sara; GILSON, Simon; ANTUNES, Luís Filipe; BAKARA, Martha; ZORKO, Mónica; TOMARIA, Tânia; FUYING, Pen (2006) Os sítios arqueológicos da Ribeira das Boas Eira e Olival das Eiras (Mação). Indústrias Macrolíticas, Megalitismo e Arte Rupestre. *Zahara*, 8: 70-80.

OOSTERBEEK, Luiz; CURA, Sara; CARRONDO, Joana; GARCÊS, Sara; GOMES, Hugo; TOMÉ, Tiago (2010) Pré-História do Alto Ribatejo - breve panorâmica. *Zahara* 15: 77-88.

OOSTERBEEK, Luiz; CURA, Sara; CARRONDO, Joana; GARCÊS, Sara; GOMES, Hugo; TOMÉ, Tiago (2012a) Arqueologia Pré-Histórica do Alto Ribatejo - evidências, problemáticas, estudo, gestão e divulgação arqueológica. *Al-Madan*, II(17): 85-95.

OOSTERBEEK, L.; COLLADO-GIRALDO, H.; GARCÊS, S.; COIMBRA, F.; DELFINO, D.; CURA, P. (2012b) Arqueologia Rupestre da Bacia do Tejo: RUPTEJO. IN: OOSTERBEEK Luiz; CEREZER, Jedson; CAMPOS, Juliano; ZOCCHÉ, Jairo (Coord.) Arqueologia Ibero-Americana e Arte Rupestre. *Arkeos* 32: 133-172. Tomar: CEIPHAR - Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo.

PAÇO, Afonso do (1942) Gravuras rupestres de Outeiro e Carreço (Viana do Castelo). *O Instituto*, 100: 271-274.

PEÑA SANTOS, António de la & VÁZQUEZ VARELA, J.M. (1979) Los Petroglifos gallegos. Grabados rupestres prehistóricos al aire libre en Galicia. *Cuadernos del Seminario e estudios cerámicos de sargadelos*, 30. A Coruña.

PARDO, Pilar (2006) *Cuenca Calcolítica de los Millares (Almería)*. Museo Arqueológico Nacional. 14p.

PEREIRA, Félix Alves (1898) Insculpturas em rocha em castros de Valde-Vez, ou vários penedos com pias O Arqueólogo Português, 1ª Série, 4(10-12): 289-303.

PEREIRA, Paulo (2014) *Arte Portuguesa*. História Essencial. Temas e Debates. Círculo de Leitores. 872p.

PEREIRA, Telmo & CARVALHO, António Faustino (2015) Abrupt technological change at the 8.2 ky cal BP climatic event in Central Portugal. The Epipalaeolithic of Pena d'Água Rock-shelter. *Competes Rendus Palevol*, 14(5).

PESTANA, Manuel Inácio (1984) *Arte Rupestre do Conjunto Pictórico dos Louções ao da Serra do Cavaleiro – agora descoberto*. 8p. Arronches: Câmara Municipal de Arronches - Pelouro da Cultura.

PINTO, Rui de Serpa. (1929) Petroglifos de Sabroso e a arte rupestre em Portugal. Seminario de Estudos Galegos - Sesión Aqueoloxia, 11(62): 19-26. A Cruña: “Nós” Publicaciones Galegas e Imprensa.

QUEROL, Maria de los Angeles Fernández; BAPTISTA, António Martinho; MONTEIRO, Jorge Pinho; LEMOS, Francisco Sande (1975a) Moldes de Goma Líquida (Latex prevulcanizado) aplicados al estudo de los grabados rupestres. *Actas de las I Jornadas de Metodología Aplicada de las Ciencias Historicas*, 1: 121-124.

QUEROL, Maria de los Angeles Fernández; MONTEIRO, Jorge Pinho; LEMOS, Francisco

Sande; GOMES, Mário Varela (1975b) El Complejo de Arte Rupestre del Tajo (Portugal). *Crónica del XIII Congreso Arqueológico Nacional*: 237-244. Zaragoza: Universidad de Zaragoza, Seminario de Arqueología.

REBANDA, Nelson (1995) Os trabalhos arqueológicos e o complexo de arte rupestre do Côa, (Maio), 17p. (separata) do Jornal IPPAR. Lisboa: IPPAR.

REIS, Mário (2011) Prospeção da Arte Rupestre do Côa: Ponto de situação em Maio de 2009. IN: RODRIGUES, M.A.; LIMA, A.C. & SANTOS, A.T. (Coord). *Actas do V Congresso de Arqueologia - Interior Norte e Centro de Portugal. (Figueira de Castelo Rodrigo, Meda, Pinhel e Vila Nova de Foz Côa, 13 a 16 de Maio de 2009)*. Porto, Caleidoscópio/Direcção Regional de Cultura do Norte, pp. 11-123.

REIS, Mário (2012) Mil rochas e tal...!: Inventário dos sítios da arte rupestre do Vale do Côa. *Portvgalia*, Nova Série, vol. 35, Porto, DCTP-FLUP, 2012, pp. 5-72.

REIS, Mário (2013) Mil rochas e tal...!: Inventário dos sítios da arte rupestre do Vale do Côa (2ª parte). *Portvgalia*, Nova Série, vol. 34, Porto, DCTP-FLUP, pp. 5-68.

REIS, Mário (2014) Mil rochas e tal...!: Inventário dos sítios da arte rupestre do Vale do Côa (Conclusão) *Portvgalia*, Nova Série, vol. 35, Porto, DCTP-FLUP, pp. 17-59.

RESANO, Martin; GARCÍA-RUIZ, Esperanza; ALLOZA, Ramiro; MARZO, Maria P.; VANDENABEELE, Peter; VANHAECKE, Frank (2007) Laser Ablation-Inductively Coupled Plasma Mass Spectrometry for the Characterization of Pigments in Prehistoric *Rock Art*. *Analytical Chemistry*, 79: 8947-8955.

RIBEIRO, Orlando; TEIXEIRA, Carlos; CARVALHO, H. de; PERES, A.; FERNANDES, P. (1965) *Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50 000*. Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos. Serviços Geológicos de Portugal. 29p.

RIBEIRO, Carmina (2007) *Contributo para a Compreensão do Significado do Povoado do Castelo Velho da Zimbreira (Envendos, Mação)*. [Dissertação de Mestrado]. Instituto Politécnico de Tomar; Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. 102 folhas + 10 ests.

RIBEIRO, Nuno Miguel da Conceição (2014) *Manifestações de Arte Rupestre nas bacias hidrográficas dos rios Ceira, Alva e áreas de fronteira com as bacias hidrográficas dos rios Zêzere e rio Unhais*. [Tese de Doutoramento]. Facultad de Geografía y Historia, Universidad de Salamanca. XIII Tomos.

RIBEIRO, Nuno; PEREIRA, António & JOAQUINITO, Anabela (2009) Zoomorphic art in the open air rock art complex of the Ceira and Alva rivers basins and adjacent Unhais River Basin - Portugal.). IN GUIDON, Niède; BUCO, Cris & ABREU, Mila Simões, *Global Rock Art - Anais do Congresso Internacional de Arte Rupestre IFRAO. Fundamentos IX*, 3: 803-816. São Raimundo Nonato: Fundação Museu do Homem Americano.

RIDEL, Carol (2009) Les cercles et les spirales graves du complexe d'art rupestre de la vallée du Tage (Portugal): catalogue, étude et approche expérimentale. [Dissertação de Mestrado]. Instituto Politécnico de Tomar; Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. 109p.

ROCHE, Abbé Jean (1974) État Actuel de nos Connaissances sur le Solutréen Portugais. *Zephyrus*, 25(0): 81-94. Disponível em: <http://revistas.usal.es/index.php/0514-7336/article/view/1916>

RODRIGUES, Filipa (2013) Ídolomania: figuras antropomórficas e “ídolos de cornos” do recinto de fossos de neolítico final da Ponte da Azambuja 2 (Portel, Évora). IN: ARNAUD, José; MARTINS, Andrea; NEVES, César (Coord.) *Arqueologia em Portugal - 150 anos*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 435-446.

ROGERIO-CANDELER, Miguel Ángel (2013) Experiencias en la documentación de pintura rupestre utilizando técnicas de análisis de imagen: avances hacia el establecimiento de protocolos de documentación no invasivos. *Cuadernos de Arte Rupestre*, 6: 53-67.

ROGERIO-CANDELER, Miguel Ángel; FIGUEIREDO, Sofia; GUIMARÃES, Pedro; BAPTISTA, António Martinho (2014) Análisis de Imagen de Pintura Rupestres del Yacimiento de Faia (Parque Arqueológico de Vila Nova de Foz Côa, Guarda, Portugal). IN: CARRASCO, Raúl López Romero; DÍAZ-TENDERO, M^a Ascensión; CALVO GARCÍA, Juan Carlos (Coord.). *VIII Congreso Ibérico de Arqueometría*, pp: 419- 428.

ROSINA, Pierluigi (2013) I Depositi Quaternari nella Media Valle del Tago (Alto Ribatejo - Portogallo Centrale) e le industrie liriche associate. *Antrope Monográfica* 1. Centro de Pré-História, Instituto Politécnico de Tomar, 161p.

ROSINA, Pierluigi; CURA, Sara; OOSTERBEEK, Luiz; GRIMALDI, Stefano; CRUZ, Ana; GOMES, José (2010) Crono-estratigrafia das ocupações humanas quaternárias do Alto Ribatejo e a problemática dos complexos macrolíticos. IN: OOSTERBEEK, Luiz (Eds.) Congresso Internacional de Arqueologia “Cem anos de investigação arqueológica no Interior

Centro” (Museu de Francisco Tavares Proença Júnior, Castelo Branco, 17 a 19 de Abril 2008). *Materiais para o Estudo das Antiguidades Portuguesas*, número especial, 107-148.

ROSINA, Pierluigi; GOMES, Hugo; MARTINS, Andrea; OOSTERBEEK, Luiz (2013) Caracterização de pigmentos em Arte Rupestre. IN: CRUZ, Ana Rosa; GRAÇA, Ana & OOSTERBEEK, Luiz (Coord.) *Arkeos: Iº Congresso de Arqueologia do Alto Ribatejo. Homenagem a José da Silva Gomes*, 34: 257-264.

ROWLEY-CONWY, Peter (1992) The Early Neolithic animal bones from Gruta do Caldeirão. IN: ZILHÃO, João (Eds.) Gruta do Caldeirão. *Trabalhos de Arqueologia* 6: 231-256. Lisboa: Instituto Português de Património Arquitectónico e Arqueológico.

ROWLEY-CONWY, Peter (2011) Westward ho! The Spread of Agriculture from Central Europe to the Atlantic. *Current Anthropology*, 52(4): 5431-5439.

ROYO LASARTE, José; ANDRÉS MORENO, José Antonio; ROYO GUILLÉN, José Ignacio; ALLOZA IZQUIERDO, Ramiro (2013) Trabajos de estabilización de urgencia en el soporte rocoso y estudio de patologías en el abrigo de “La Cañada de Marco” en Alcaine, Parque Cultural del Río Martín (Teruel). *Cuadernos de Arte Rupestre*, 6: 147-159.

RUIZ, Juan; MAS, Martí; HERNANZ, Antonio; ROWE, Marvin; STEELMAN, Karen; GAVIRA, José María (2006) First radiocarbon dating of oxalate crusts over Spanish prehistoric rock art. *INORA - International Newsletter on Rock Art*, 46: 1-5.

RUIZ-LÓPEZ, Juan; ROWE, Marvin; HERNANZ GISMERO, Antonio; GAVIRA-VALLEJO, José M.; VIÑAS VALVERDE, Ramón; RUBIO i MORA, Albert (2009) Cronologia del arte rupestre Postpaleolítico y datación absoluta de pátinas de oxalato clásico. Primeras experiencias en Castilla-La-Mancha (2004-2007). IN: LÓPEZ MIRA, José Antonio; MARTINEZ VALLE, Rafael; MATAMOROS DE VILA, Consuelo (Eds.) *El Arte Rupestre del Arco Mediterráneo de la Península Ibérica. 10 años en la lista del Patrimonio Mundial de la UNESCO*, Actas IV Congreso [Valencia, 3, 4 y 5 de Diciembre de 2008] pp. 303-316.

SANCHES, Maria de Jesus (1988) Descoberta de novos abrigos com pintura rupestre esquemática do Norte de Portugal. *Arqueologia*, 18: 205.

SANCHES, Maria de Jesus (1990) Os abrigos com pinturas esquemáticas da Serra dos Passos-Mirandela, no conjunto da arte rupestre desta região. Algumas reflexões. *Revista da Faculdade de Letras - História*, (2ª série), 7: 335-367.

SANCHES, Maria de Jesus (1997) *Pré-História recente de Trás-os-Montes e Alto Douro. O abrigo do Buraco da Pala (Mirandela) no contexto regional*. I, 289p + LXVI.II, 291p. + XIV (:I-214; 223-225, Est. LXIII, LXIII & II-259, 263-271, 282). Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.

SANCHES, Maria de Jesus (2000) As gerações, a memória e a territorialização em Trás-os-Montes (Vº - IIº Milénio a.C.). Uma primeira aproximação ao problema. Separata das actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular. Volume IV, *Pré-História recente da Península Ibérica*, pp. 124-145. Porto, ADECAP.

SANCHES, Maria de Jesus (2006) Passage-Graves of Northwestern Iberia: setting and movements. An approach to the relationship between architecture and iconography. IN: JORGE, Oliveira Vítor, CARDOSO, João Muralha; VALE, Ana Margarida; VELHO, Gonçalo Leite, PEREIRA, Leonor Sousa (Eds.) *Approaching "Prehistoric and Protohistoric architectures" of Europe from a "Dwelling Perspective"*. Proceedings of the TAG session, Sheffield 2005, pp. 127-158.

SANCHES, Maria de Jesus (2009) Arte dos Dólmenes do Noroeste da Península Ibérica: uma revisão analítica. *Portvgália*, Nova Série, 29/30: 5-42.

SANCHES, Maria de Jesus (2012) Reflectindo sobre a arte dos dólmenes a propósito da evocação do contributo que o arqueólogo Vítor Oliveira Jorge deu para os estudos do megalitismo e suas iconografia. Discursos em Arqueologia. Textos oferecidos ao Professor Vítor Oliveira Jorge. Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto, pp. 43-66.

SANCHES, Maria de Jesus & SANTOS, Branca do Carmo (1987) Levantamento arqueológico do Concelho de Mirandela. *Portvgalia* Nova Série, vol. 8, Porto, DCTP-FLUP, 1987, pp. 17-58.

SANCHIDRIÁN, José Luis (2005) *Manual de Arte Prehistórico*. Ariel Prehistoria. 548p.

SANTOS, Ana Filipa Castanheira (2014) *A Laje da Churra (Paçô, Carreço, Viana do Castelo). Estudo monográfico de um lugar gravado*. [Dissertação de Mestrado]. Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho. 126p.

SANTOS, André Tomás (2008), Uma abordagem hermenêutica - fenomenológica à arte rupestre da Beira Alta: o caso do Fial (Tondela, Viseu). *Estudos Pré-históricos*, 13. Viseu: CEPBA. 176p.

SANTOS, André; CHENEY, António; AVELEIRA, Augusto Jorge (2006) A arte rupestre no concelho de Tondela: uma perspectiva diacrónica. IN: II Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior, *Côavisão* 8: 138-155.

SANTOS, Filipe João Carvalho; PERPÉTUO, João Miguel; SANTOS, André Tomás; GOMES, Luís Filipe (2011) O Dólmen 2 de Chão Redondo (Sever do Vouga, Aveiro): um monumento com iconografias. Resultados dos trabalhos de escavação e restauro. *Portvgalia*, Nova Série, vol. 31-32, Porto, DCTP-FLUP, 2010-2011, pp. 5-41

SANTOS, Filipe João Carvalho (2001) O monumento 2 de Chão Redondo (Talhadas, Sever do Vouga, Aveiro). *Estudos Pré-Históricos*, 9: 147-148. Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta.

SANTOS, Filipe; SASTRE, José; FIGUEIREDO, Sofia; ROCHA, Fábio; PINHEIRO, Eulália; DIAS, Rodrigo (2012) El sitio fortificado del Castelinho (Felgar, Torre de Moncorvo, Portugal). Estudio preliminar de su diacronía y las plaquetas de piedra con grabados de la Edad del Hierro. *Complutum*, 23(1): 165-179.

SANTOS DA ROSA, Neemias (2012) Contribuição para o estudo do Complexo Rupestre do Vale do Tejo (Portugal): o sítio do Cachão do Algarve. [Dissertação de Mestrado]. IPT-UTAD. Instituto Politécnico de Tomar; Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. 2 vols. 1821p.

SANTOS DA ROSA, Neemias; CURA, Sara; GARCÊS, Sara; CURA, Pedro (2014) Between tools and engravings: technology and experimental archaeology to the study of Cachão do Algarve rock art. IN: CURA, Sara; CEREZER, Jedson; GUROVA, Maria; SANTANDER, Boris; OOSTERBEEK, Luiz; CRISTÓVÃO, Jorge. *Technology and Experimentation in Archaeology*. Proceedings of the XVI World Congress (Florianópolis, 4-10 September 2011), BAR International Series 2657: 87-96.

SANTOS JÚNIOR, Joaquim Rodrigues dos. (1933) O Abrigo Pré-Histórico de Pala Pinta. *Trabalhos Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, 6 (1): 31-43.

SANTOS JÚNIOR, Joaquim Rodrigues dos (1942) Arte Rupestre. *Congresso do Mundo Português Pré e Proto-História de Portugal*, 1:327-376. XVIII ests. Lisboa.

SANTOS, Manuel Farinha dos (1964) Vestígios de pinturas rupestres na Gruta do Escoural. *O Arqueólogo Português*, 3ª série, 5: 5-47 & XIV ests.

SANTOS, Manuel Farinha dos. (1967) Novas gravuras rupestres descobertas na Gruta da Escoural. *Revista de Guimarães*, 77(1-2): 18-34. Lisboa.

SANTOS, Manuel Farinha dos. (1972) *Pré-História de Portugal*. Biblioteca das Civilizações Primitivas. 1ª ed. 174p. [: 112-130]. Lisboa: Editorial Verbo.

SANTOS ESTÉVEZ, Manuel (2004) *Arte Rupestre: Estilo y Construcción Social del Espacio en el Noroeste de la Península Ibérica*. [Tese de Doutoramento]. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela. 394p.

SARMENTO, Francisco Martins (1878) Signaes gravados em rochas. *A Renascença*: 118p: [25]. Porto.

SARMENTO, Francisco Martins (1879a) *Observações à Citânia do Snr. Emilio Hübner*. 50p: [37]. Porto. Tipografia de António José da Silva Teixeira.

SARMENTO, Francisco Martins. (1879b) Arte pré-romana. *O Occidente* 2:157. Lisboa.

SARMENTO, Francisco Martins (1882) Se antes da invasão romana havia uma arte entre nós. *A Arte Portuguesa*, 1(1): 1-3; 1(2): 1 & 19-21; 1(3):26-27.

SARMENTO, Francisco Martins (1883-84) A propósito dos castros. *O Panorama Contemporâneo*, 1ºano, 9, 17 & 25. Coimbra.

SARMENTO, Francisco Martins (1884) Materiais para a Arqueologia do concelho de Guimarães, *Revista de Guimarães*, 1(4):161-189.

SARMENTO, Francisco Martins (1885a) Materiais para a Arqueologia do concelho de Guimarães, *Revista de Guimarães*, 2(4): 189-202.

SARMENTO, Francisco Martins (1885b) A civilização da pedra polida no Minho. *Revista Científica, Sociedade Ateneu do Porto*, 3:77-86.

SARMENTO, Francisco Martins. (1888a) A propósito dos “Roteiros dos Tesouros”. *Revista de Guimarães*, 5(1):5-11.

SARMENTO, Francisco Martins (1888b) Antigualhas. *Revista de Guimarães*, 5(4): 157-163.

SARMENTO, Francisco Martins (1902a) Materiais para a Arqueologia do concelho de Guimarães. *Revista de Guimarães*, 19(1): 19-33.

SARMENTO, Francisco Martins (1902b) Materiais para a Arqueologia do concelho de Guimarães. *Revista de Guimarães*, 19(3): 109-119.

SARMENTO, Francisco Martins (1904a) Materiais para a Arqueologia do concelho de Guimarães. Citânia. *Revista de Guimarães*, 21(2): 49-63.

SARMENTO, Francisco Martins (1904b) Materiais para a Arqueologia do concelho de Guimarães. *Revista de Guimarães*, 21(3-4): 97-120.

SARMENTO, Francisco Martins (1905a) Materiais para a Arqueologia do concelho de Guimarães. *Revista de Guimarães*, 22(1-2): 5-32.

SARMENTO, Francisco Martins (1905b) Materiais para a Arqueologia do concelho de Guimarães. *Revista de Guimarães*, 22(3-4): 97-123.

SARMENTO, Francisco Martins (1906) Materiais para a Arqueologia do concelho de Guimarães. Citânia. *Revista de Guimarães*, 23(2): 41-51.

SARMENTO, Francisco Martins (1909a) Materiais para a Arqueologia do concelho de Guimarães. *Revista de Guimarães*, 26(1-2):5-19.

SARMENTO, Francisco Martins (1909b) Materiais para a Arqueologia do concelho de Guimarães. *Revista de Guimarães*, 26(4):129-139.

SASTRE BLANCO, Jose Carlos & RODRÍGUEZ MONTECUBIO, Óscar (2013) Estado de conservación del arte esquemático en la provincia de Zamora: situación actual y medidas de protección para su conservación. IN: MARTÍNEZ GARCÍA, Julián & HERNÁNDEZ PÉREZ, Mauro (Coord.) *Actas del Congreso de Arte Rupestre Esquemático en la Península Ibérica. Comarca de Los Vélez, 5-8 de Mayo 2010*. Ayuntamiento de Vélez-Blanco, pp. 271-278.

SERRÃO, Eduardo da Cunha (1974) L'Art Rupestre de la Vallée du Tage. *Les Dossiers de l'Archéologie*. Mai-Jun, 4: 46-51. Dijon.

SERRÃO, Eduardo da Cunha (1978) *A Arte Rupestre do Vale do Tejo. A Arte Rupestre do Vale do Tejo. Primeiras contribuições para uma periodização do Neolítico e do Calcolítico da Estremadura Portuguesa. A Lapa do Fumo*, pp.: 5-14. Porto.

SERRÃO, Eduardo da Cunha (1981) As Estações de Arte Rupestre do Vale do Tejo. *Arqueologia*, 3:121-123.

SERRÃO, Eduardo da Cunha; LEMOS, Francisco Sandes; MONTEIRO, Jorge Pinho; QUEROL, Maria dos los Angeles; JORGE, Susana Oliveira & JORGE, Vítor Oliveira (1972^a)

O Complexo de Arte Rupestre do Tejo (Vila Nova de Rodão - Nisa). Notícia preliminar. *Arqueologia e História* 9: 349-397.

SERRÃO, Eduardo da Cunha; LEMOS, Francisco Sande; MONTEIRO, Jorge Pinho; QUEROL, Maria dos los Angeles; JORGE, Susana Oliveira & JORGE, Vítor Oliveira (1972b) O Complexo de Arte Rupestre do Vale do Tejo. Primeiras Hipóteses de programa de trabalhos. *O Arqueólogo Português*, III 6: 63-77.

SERRÃO, Eduardo da Cunha; LEMOS, Francisco Sandes; MONTEIRO, Jorge Pinho, & QUEROL, Maria dos los Angeles (1973) Notícia de novas descobertas no complexo de arte rupestre do Vale do Tejo. *Actas das II Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* I: 159-179. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.

SERRÃO, Eduardo da Cunha Serrão; LEMOS, Francisco Sande; MONTEIRO, Jorge Pinho; QUEROL, Maria de los Angeles; LOPES, Susana Rodrigues; JORGE, Vítor Oliveira (1978) *Primeiro Relatório dos trabalhos realizados sobre a arte rupestre do Tejo, com o subsídio de investigação concedido pela Fundação Calouste Gulbenkian referente ao período de 1 de Março a 31 de Maio de 1978 (1ª trimestre)* [inédito]. 23p.

SEVERO, Ricardo & CARDOSO, Artur (1886) Notícia arqueológica sobre o monte da Cividade. *Revista de Guimarães*, 3(3) Jul. - Set: 137-141.

SHEE, TWOHIG, Elizabeth (1981) *Megalithic Art of Western Europe*. Oxford University Press. 272p.

SILVA, António Carlos (2011) *Uma Gruta Pré-Histórica no Alentejo – Escoural*. 143p. Ministério da Cultura. Direcção Regional de Cultura do Alentejo.

SILVA, Jonathan (2011) Gravuras Rupestres do Alagadouro, Vale do Tejo. Contributo para o estudo e conservação de um património invisível. [Dissertação de Mestrado]. Instituto Politécnico de Tomar; Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. 745p.

SILVA, E. J. Lopes; CUNHA, A.M. Leite (1986) As gravuras rupestres do Monte da Laje (Valença). *Arqueologia*. 13:143-158. Porto.

SILVA, António Manuel S. P. & ALVES, Lara Bacelar (2005) Roteiro de Arte Rupestre do Noroeste de Portugal. IN: HIDALGO CUÑARRO, José Manuel (Coord.) *Arte Rupestre prehistórica do Eixo Atlântico*, pp. 189-219.

SIMÕES, Augusto Filipe (1878) *Introdução à Arqueologia da Península Ibérica*. 177p. Lisboa: Livraria Ferreira.

SIMPSON, Alice; CLOGG, Phil; DÍAZ-ANDREU, Margarita; LARKMAN, Brian (2004) Towards three-dimensional non-invasive recording of incised rock art. *Antiquity*, 78(301): 692-698.

SOARES, Joaquina & SILVA, Carlos Tavares (2003) A transição para o Neolítico na costa sudoeste portuguesa. IN: GONÇALVES, Victor dos Santos (Eds.) *Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo*. Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo. *Trabalhos de Arqueologia*, 25: 45-56. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

SOROMENHO, Paulo Caratão; SERRÃO, Eduardo da Cunha; LEMOS, Francisco Sande (1972) Arte Rupestre Tagana. *Olisipo*, vol. 135, pp. 3-19.

SORIA LERMA, Miguel & LÓPEZ PAYER, Manuel (1999) Los abrigos con arte levantino de las cuencas altas del Segura y del Guadalquivir. *Bolskan*, 16: 151-175.

SÓLIS DELGADO, Mónica (2009) Métodos digitais para la restauración-reconstrucción virtual aplicado al estudio del arte rupestre. IN: LÓPEZ MIRA, José Antonio; MARTINEZ VALLE, Rafael; MATAMOROS DE VILA, Consuelo (Eds.) *El Arte Rupestre del Arco Mediterráneo de la Península Ibérica. 10 años en la lista del Patrimonio Mundial de la UNESCO*, Actas IV Congreso [Valencia, 3, 4 y 5 de Diciembre de 2008] pp. 343-350.

SOUTO, Alberto (1938) Arqueologia pré-histórica do Distrito de Aveiro. Arte Rupestre. As insculpturas do Arestal e os problemas das combinações circulares e espiralóide do noroeste peninsular. *Arquivo do Distrito de Aveiro*, 4: 5-19.

SOUSA, Orlando (1989) O Abrigo de Arte Rupestre da Pala Pinta (Alijó). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 29: 191-198. Porto.

STRAUSS, Lawrence (1981) On the habitat and diet of Cervus Elaphus. *Munibe*, 33(3-4): 175-182.

TOMÉ, Tiago (2006) *Reflexos da Vida na Morte. Paleobiologia das populações do Neolítico Final/Calcolítico do Vale do Nabão – Gruta dos Ossos*. [Dissertação de Mestrado]. Instituto Politécnico de Tomar; Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. 94p.

TOMÉ, Tiago & SILVA, Ana Maria (2013) Práticas Funerárias na Pré-História Recente do

Alto Ribatejo: ponto de situação. IN: CRUZ, Ana Rosa; GRAÇA, Ana & OOSTERBEEK, Luiz (Coord.) *Arkeos*: Iº Congresso de Arqueologia do Alto Ribatejo. Homenagem a José da Silva Gomes, 34: 95-108.

TORREGROSA GIMÉNEZ, Palmira & GALIANA BOTELLA, María-Francia (2001) El Arte Esquemático del Levante Peninsular: una aproximación a su dimensión temporal. *Millars*, 24: 153-198.

URBANO, Carlota Miranda (2014) O biógrafo António Franco S. J., autor da Imagem da Virtude. *Humanitas*, 66: 297-308.

UTRILLA, Pilar & BALDELLOU, Vicente (2001-2002) Cantos Pintados Neolíticos de la Cueva de Chaves (Bastarás, Huesca). *Saldvie*, II: 45-126.

UTRILLA Pilar & VILLAYERDE Valentín (2004) *Los grabados levantinos del Barranco Hondo, Castellote (Teruel)*. Bilbao: Gobierno de Aragón, Departamento de Educación, Cultura y Deporte. 158 p.

UTRILLA, Pilar & MARTÍNEZ-BEA, Manuel (2006) La captura del ciervo vivo en el arte prehistórico. *Munibe (Antropología-Arqueología)* 57(3): 161-178.

VALERA, António; LAGO, Miguel; DUARTE, Cidália; EVANGELISTA, Lucy Shaw (2000) Ambientes Funerários no Complexo Arqueológico dos Perdighões. Uma análise preliminar no contexto das práticas funerárias calcolíticas no Alentejo. *ERA Arqueologia*, 2, Lisboa, ERA/Colibri, pp. 84-105.

VALLADAS, Hélène; MERCIER, Norbert; FROGET, Laurence; JORON, Jean Louis; REYSS, Jean Louis; AUBRY, Thierry (2001) TL dating of Upper Paleolithic sites in the Côa Valley (Portugal). *Quaternary Science Reviews*, 20: 939-943.

VALDEZ, Joana (2010) *A Gravura na Arte Esquemática do Noroeste Peninsular. O caso do Monte de Góios (Lanhelas, Caminha)*. [Dissertação de Mestrado]. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 218p.

VALDEZ-TULLETT, Joana (2013) O Abrigo Rupestre de Foz Tua. A Ampla Diaconia de um Espaço Significante. IN: SASTRE BLANCO, José Carlos; CATALÁN RAMOS, Raúl & FUENTES MELGAR, Patricia (Coord.) *Arqueologia en el Valle del Duero, Del Neolítico a la Antigüedad Tardía: Nuevas Perspectivas*, Actas de las primeras jornadas de jóvenes investigadores en el valle del Duero, 2013. La Ergastula Ediciones. ISBN 978-84-940515-3-1.

- VALENTE, Maria João (2008) *As últimas sociedades de caçadores-recolectores no Centro e Sul de Portugal (10.000 - 6.000 anos BP): aproveitamento dos recursos animais*. [Tese de Doutoramento]. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade do Algarve. 698p.
- VALERA, António Carlos Neves (2006) *Calcolítico e Transição para a Idade do Bronze na Bacia do Alto Mondego: Estruturação e Dinâmica de uma rede local de povoamento*. [Tese de Doutoramento]. Porto. 2vols. 670p.
- VALERA, António Carlos & EVANGELISTA, Lucy Shaw (2014) Anthropomorphic Figurines at Perdigões Enclosure: Naturalism, Body Proportion and Canonical Posture as Forms of Ideological Language. *European Journal of Archaeology*, 17(2): 286-300.
- VASCONCELOS, José de Leite de (1897) Religiões da Lusitânia, Quarto centenário do descobrimento da Índia. *Contribuições da Sociedade de Geographia de Lisboa*. 1, 440p. 112 figs. [:360-390]. Lisboa: Imprensa Nacional.
- VASCONCELOS, José de Leite de. (1901a) *Cartas de Francisco Martins Sarmento. Publicadas e Annotadas*. 29p. Lisboa: Imprensa Nacional.
- VASCONCELOS, José de Leite de. (1901b) Cartas de Francisco Martins Sarmento. Publicadas e Annotadas. *O Arqueólogo Português*, 1ª Série, 6 (8-12): 172-196.
- VASCONCELOS, José de Leite de. (1902) Antigualhas de Monção. Castelo dos Milagres e Cova da Moura. *O Arqueólogo Português*, 1ª Série, 7:285-286.
- VASCONCELOS, José de Leite de (1903) A freguezia de S. Christovam de Nogueira (Concelho de Sinfães). *O Arqueólogo Português*, 1ª Série, 8(2-3): 58-72 [70].
- VASCONCELOS, José de Leite de. (1910) Esculpturas prehistoricas do Museu Ethnologico Português. *O Arqueólogo Português*, 1ª Série, 15(1-12): 31-39.
- VÁZQUEZ VARELA, José Manuel (1983) Los Petroglifos Gallegos. *Zephyrus*, 36(0): 43-51.
- VÁSQUEZ MARCOS, Carlos (2011) Grafias postpaleolíticas en el yacimiento de Siega Verde (Salamanca). IN: CASCALHEIRA, João & GONÇALVES, Célia (Eds.) Actas das IV Jornadas de Jovens em Investigação Arqueológica - JIA 2011[11 a 13 de Maio, Campus de Gambelas, Universidade do Algarve], Volume I, *Promotoria Monográfica*, 16: 127-132. Faro.
- VIANA, Tomás Simões (1930) O petróglifo de S. Mamede. *Arqueologia e História*, 8: 131-133.

VIANA, Abel (1960) Insculpturas Rupestres do Alto Minho (Lanhelas e Carreço - Viana do Castelo, Portugal). *Separata do Boletim de la Comisión Provincial de Monumentos Históricos y Artísticos de Orense*. Tomo XX. Volume de homenagem à memória de D. Florentino Lopez Cuevillas, pp. 209-231.

VILAÇA, Raquel (1986) Arte megalítica. *História da Arte em Portugal*, volume 1, pp. 23-29. Lisboa; Publicações Alfa.

VILLA-MAIOR, Julio Maximo de Oliveira Pimentel [Visconde de Vila Maior] (1876) *O Douro Ilustrado - Álbum do Rio Douro e Paiz Vinhateiro*, 226p. [:105-106]. Lisboa: Imprensa.

VIÑAS VALVERDE, Ramón & SÁNCHEZ DE TAGLE, Eduardo (2000) Los cérvidos en el arte rupestre postpaleolítico. *Quaderns de prehistòria i arqueologia de Castelló*, 21: 53-68.

VIÑAS Ramón, RUBIO Albert & RUIZ Juan (2012) La técnica paleolítica del trazo fino y estriado entre los orígenes del estilo levantino de la Península Ibérica. Evidencias para una reflexión. In: CLOTTES J. (dir.), *L'art pléistocène dans le monde / Pleistocene art of the world / Arte pleistoceno en el mundo*, Actes du Congrès IFRAO, Tarascon-sur-Ariège, septembre 2010, Symposium « Art pléistocène en Europe ». N° spécial de Préhistoire, Art et Sociétés, Bulletin de la Société Préhistorique Ariège-Pyrénées, LXV-LXVI, 2010-2011, CD: pp. 165-178.

VITORINO, Pedro. (1924) Insculpturas do Monte Eiró. *O Arqueólogo Português*, 1ª Série, 26: 20-24.

ZAPATA, Lydia; PEÑA-CHOCARRO, Leonor; PÉREZ-JORDÁ, GUILLE; STIKA, Hans-Peter (2004) Early Neolithic Agriculture in the Iberian Peninsula. *Journal of World Prehistory*, 18(4): 283-325.

ZILHÃO, João (1988) Plaquette grave du Solutréen supérieur de la Gruta do Caldeirão (Tomar, Portugal). IN: *Bulletin de la Société préhistorique française*. Tome 85(4): 105-109.

ZILHÃO, João (Eds.) (1992) Gruta do Caldeirão. *Trabalhos de Arqueologia* 6. Lisboa: Instituto Português de Património Arquitectónico e Arqueológico.

ZILHÃO, João (1997) *O Paleolítico Superior da Extremadura Portuguesa*. Edições Colibri, 2vols. 1160p.